

A man with dark hair, wearing a black tuxedo jacket, a white dress shirt, and a black bow tie, stands against a plain white background. He has a neutral expression and is looking directly at the camera.

intimorata:

A SAGA DO JORNAL O ESTADO,
DE JOSÉ MARTINS RODRIGUES
A VENELOUIS XAVIER PEREIRA

LUÍS - SÉRGIO SANTOS

R E A L I Z A Ç Ã O



INVEXPE
INSTITUTO VENELOUIS XAVIER PEREIRA

O ESTADO 80
ANOS

A P O I O



intimorata:

a saga do jornal *O Estado*, de José Martins

Rodrigues a Venelouis Xavier Pereira

LUÍS-SÉRGIO SANTOS

Professor do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará.

Prêmio Esso de Jornalismo

2016 © Copyright Luís-SÉRGIO SANTOS

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO Luís-Sérgio Santos

CAPA Luís-Sérgio Santos com foto restaurada por Vladimir Pezzolli

ASSISTENTE DE PESQUISA Thaíla Cavalcante

DECUPAGEM Thaíla Cavalcante, Lorena Fonsêca Marcello, Beatriz

Lima de Carvalho, Maggie Paiva

REVISÃO Cibele Marinho, Osvaldo Euclides Araújo

TRATAMENTO DE IMAGEM Vladimir Pezzolli

IMPRESSÃO Premium Editora

S633s Santos, Luís-Sérgio

Intimorata: a saga do jornal O Estado de José Martins
Rodrigues a Venelouis Xavier Pereira / Luís-Sérgio Santos.—
Fortaleza: Omni Editora, 2016.

704 p.

ISBN 978-85-88661-52-3

1. Memórias. 2. Biografia. I. Título

CDU 929

O ESTADO

Rua Barão de Aracati, 1320 ■ Aldeota, Fortaleza—CE ■ 60.115-081

(85) 3033.7500 www.oestadoce.com.br

www.facebook.com/OmniEditora/

✉ luis.santos@ufc.br

 Luis Sergio Santos

Le dirò con due parole chi son, e che faccio,
come vivo. Vuole? Chi son? Sono un poeta.
Che cosa faccio? Scrivo. E come vivo? Vivo!

La Bohème, GIACOMO PUCCINI

Você jamais será livre sem uma imprensa livre.

VENELOUIS XAVIER PEREIRA

Venér ou era odiado, ou era amado, não tinha
meio termo.

FRANZÉ MORAIS

Ele, na verdade, não era dono de jornal. Ele
era um jornalista como eu, que por questões
inimagináveis, acabei como dono de jornal.

HELIO FERNANDES

Intimorata era o apelido que dávamos à nos-
sa máquina de escrever. Na frente dela não
tínhamos medo de nada.

FROTA NETO

SUMÁRIO

Agradecimentos, 9

INTRODUÇÃO, 13

PRIMEIRA PARTE

1936-1965

1. OS JORNAIS NO CEARÁ, 26

A imprensa nasce e prospera sob a tutela do Estado

2. NASCE O JORNAL, 45

Alinhado a Menezes Pimentel, de olho no (e)leitor

3. JOSÉ MARTINS RODRIGUES, 82

Intrépido, aos 23 anos; uma referência moral para sempre

4. ALFEU ABOIM, 119

Uma fase eclética e de esmero gráfico

5. WALTER DE SÁ CAVALCANTE, 130

O jornal em novas mãos, mas o alinhamento continua

6. OS IRMÃOS MARTINS, 167

Uma fase onde a cultura e a literatura foram as estrelas

7. O PODEROSO THEMÍSTOCLES, 212

Sob sua batuta, *O Estado* foi uma tribuna implacável

8. O JORNAL FAZ 25 ANOS, 279

No editorial, a premonição dos tempos sombrios

9. 1964, UM ANO MUITO ESTRANHO, 284

O jornal cobra ação social do governo Castelo

10. O “GUERRILHEIRO” RANGEL CAVALCANTE, 295

As aventuras dos repórteres cearenses em Cuba

SEGUNDA PARTE

1996-2016

11. UM HOMEM DO CARIRI, 310

Filho de dona Veneranda e de Luis, Venelouis

12. A BELA E O FERA, 313

A história de amor de um baixinho e uma deusa

13. ENTRE TODAS AS MULHERES, 332

As incríveis histórias do homem que amava casar

14. O DELEGADO DE FERRO, 367

Duro e incorruptível, Venelouis pagou um preço alto

15. VENELOUIS NO COMANDO, 374

Começa um novo ciclo na história do jornal *O Estado*

16. ESCOLA DE MUITAS GERAÇÕES, 423

Os seus vários ciclos, *O Estado* foi um centro de formação

17. OS MILAGRES DA IMPRESSÃO, 489

O jornal se reinventando a cada dia

18. HÉLDER, DE THEMÍSTOCLES A VENELOUIS, 499

O olhar de quem viveu duas fases do jornal *O Estado*

19. UMA RELAÇÃO ENTRE TAPAS E BEIJOS, 517

Sócios e amigos, Venelouis e Sérgio brigaram feio

20. FRAN ERLE E O ESTADO DO CARIRI, 535

A utopia regional de Venelouis, volta às origens

21. SEQUESTRO, BARBÁRIE E COVARDIA, 543

Venelouis, sequestrado, espancado e largado nu

22. A CURTIÇÃO DO GUTO, 564

As aventuras de uma geração criativa e irreverente

23. ADÍSIA NO COMANDO, 577

A colunista e secretária do jornal assume a redação

24. VENELOUIS, MORTE E REPERCUSSÃO, 599

Termina o ciclo das grandes polêmicas e embates

25. WANDA E RICARDO, SUCESSORES, 614

Com a morte de Venelouis, o jornal inicia novo ciclo

26. LAÇOS DE AFETO, 640

O jornal *O Estado* faz parte do imaginário do cearense

Referências bibliográficas, 653

Notas, 661

Índice remissivo, 697

AGRADECIMENTOS

NÃO SERIA POSSÍVEL contar esta história sem a colaboração das pessoas e sem o apoio do jornal *O Estado*, através do seu superintendente Ricardo Palhano Xavier, sempre preocupado com os rumos e o futuro do jornal. Foi ele quem provocou a ideia do livro e dele recebi o convite com muita alegria. Ou seja, sem Ricardo este livro simplesmente não existiria. Portanto, ele é o curador espiritual desta pesquisa.

Devo agradecimento a todas as pessoas que gentilmente aquiesceram em conversar comigo, a maioria com gravação em vídeo, o que, por si só, gerou um outro consistente acervo: Roberto Martins Rodrigues foi meu ponto de partida, em várias encontros gravados em vídeo. Conversei demoradamente com Guto Benevides, Adísia Sá, Lúcio Brasileiro, Newton Pedrosa, Fernando Maia, Wanda Palhano, Solange Palhano, Soraya Palhano, Rebeca Férrer, Franzé Moraes, José Maria Philomeno, Inácio de Almeida, Gilmar de Carvalho, José Rangel, Rangel Cavalcante, Flávio Torres, Fátima Estela Pita Pereira, Pedro Gomes de Matos Neto, José Oto Santana, Stela Crisóstomo, Valderi (impressor), Iranildo Pereira, Francisco Auto Filho, Peixoto de Alencar, Gervásio de Paula, Sônia Pinheiro, Marcondes Viana, José Augusto Lopes, bibliófilo José Augusto Bezerra, Helio Fernandes.

Outras fontes relevantes foram Sebastião Nery, Carlos Chagas, Antonio Frota Neto, Carlos Alberto Alencar, Ivan Martins, Sheila Raquel, Socorro Ribeiro, Gutenberg Figueiredo, Ian Gomes, Rubens

Frota, Thaíla Cavalcante, José Nilton da Silva Júnior — o Júnior Grandão, José Ribamar de Paula, Luís Carlos Moreira, que documentou em *full HD* todas as entrevistas.

Foi de extrema valia nossa recepção no acervo do Núcleo de Documentação — NUDOC, do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará — coordenado pela professora Cláudia Freitas de Oliveira com o suporte administrativo da zelosa Fátima Andrade — , em especial junto ao Programa de História Oral, dentro do Projeto História e Memória do Jornalismo Cearense.

Agradeço ao Acervo do Escritor Cearense, na pessoa da professora Maria Neuma Barreto Cavalcante e na pessoa da professora Lídia Barroso, curadora do arquivo de renomado pesquisador Francisco Gilmar de Carvalho. Também à hemeroteca do NUDOC, do Curso de História da Universidade Federal do Ceará, com seu valioso acervo, e a hemeroteca da Associação Cearense de Imprensa.

O jornalista Flávio Torres me cedeu muitas fotografias do seu acervo pessoal. Pedro Eymar, diretor do Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará me abriu o acervo de Jean-Pierre Chabloz.

Foi de extrema valia a colaboração de Miguel Ângelo de Azevedo Nirez, que nos abriu todo o seu acervo, deu entrevista, tirou dúvidas históricas e nos forneceu importantes fotografias.

Ao seu Jorge e ao seu Oliveira, que cuidam do acervo do jornal *O Estado*. A coleção do jornal, encadernada em livros, foi a minha fonte primária e um guia preciso, desde a primeira edição, de 1936.

Ao Jorge Oliveira, filho do saudoso amigo jornalista J. Ciro Saraiva.

Ao Galba Gomes, um dos meus interlocutores sobre o governo Parsifal Barroso, de quem foi aluno.

Ao senador Lúcio Alcântara.

Ao historiador e jornalista Nilton Melo Almeida.

À professora Adelaide Gonçalves, do Curso de História da Universidade Federal do Ceará e do Plebeu Gabinete de Leitura.

A Josênio Parente e Osvaldo Araújo pelos diálogos sobre política no Ceará, patrimonialismo, modernidade, religião e poder.

A Ronaldo Salgado, Lira Neto, Dimas Macedo, Oscar d’Alva, Cândido Feitosa, Nayana Melo (fotógrafa do jornal *O Estado*), Cléa Petrelli, Pedro Venceslau, Fátima Bandeira.

Aos acervos do Instituto do Ceará e da Academia Cearense de Letras. Ao acervo da University of Florida George A. Smathers Libraries (EUA), sobre Juazeiro do Padre Cícero.

Ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil — CPDOC, da Fundação Getúlio Vargas (RJ).

À hemeroteca da Biblioteca Nacional, RJ, a partir da qual cruzei várias informações, dados, datas e grafias originais.

À Editora Abril, pelo acesso integral ao acervo da revista *Veja*.

À Cibele Marinho que a foi a primeira leitora deste livro e com quem dialoguei bastante, mais das vezes remotamente, no exíguo período de revisão. Trata-se de uma profissional da mais irretocável qualidade e uma grande interlocutora que, no processo, assumiu o status de alter ego.

Oswaldo Euclides Araújo fez a segunda leitura. E refinou, com seu olhar de lince, detalhes sutis de forma e conteúdo.

A Janys Lynn, Oto de Sá Cavalcante, Evandro Colares, Beth Dreher, Vladimir Pezzolli, Lorena Fonsêca Marcello, Beatriz Lima de Carvalho, Maggie Paiva.

A incrível memória de Lúcio Brasileiro foi uma luz sobre muitas interrogações, uma delas era saber quem estava por trás do pseudônimo Byron, que assinava coluna social no *O Estado*. Foi uma antológica entrevista.

Às minhas filhas Joana e Juliana — “esse livro tá demorando muito, papai”.

À energia cósmica gravitacional que me acompanhou nesta viagem ao túnel do tempo.

INTRODUÇÃO

Nasce uma nova e destemida trincheira

A história do jornal *O Estado* é a história da formação de muitas gerações de jornalistas do Ceará e do Brasil. É parte importante da história da imprensa cearense e da transição desta imprensa da sua fase “palanque”, onde os jornais eram tribunas impressas, porta-vozes de partidos políticos, do Estado e da Igreja, para fase empresarial, na qual, no Ceará, sobreviveram apenas *O Estado*, de José Martins Rodrigues, e *O Povo*, de Demócrito Rocha e Paulo Sarasate. De 1936 até nossos dias, o jornal abrigou profissionais de imprensa de todos os calibres, que influenciaram não somente o cenário da comunicação, mas também os próprios destinos do Ceará. Muitos migraram para a política, percorrendo carreiras que hoje ocupam páginas nos livros de história.

Os fundadores formavam um grupo de líderes, uma tropa de elite, obstinados na defesa corporativa, mas também altruístas movidos pela construção de uma sociedade melhor, defendendo suas doutrinas, seus credos e, ao longo da vida de muitos deles, se reposicionando política e ideologicamente em uma adaptação aos novos cenários. Muitos deles, dentro de uma coerência ética e moral soberbas. Um exemplo é José Martins Rodrigues, um cearense muito à frente do seu

tempo, advogado e professor, jornalista e escritor, discreto e cheio de carisma, fez-se respeitar ao longo de sua vida, devido às suas posições firmes e, eventualmente, dialetizadas pela força de cenários sombrios que escureciam parte da história do Brasil, notadamente a partir de março de 1964, quando o que era para ser provisório e transicional se converteu em força bruta e acirramento, movida pela arrogância, mas também pelo medo e pela tibieza de muitos dos seus líderes.

O jornal foi grande centro de formação cidadã. Das oficinas e das várias redações do jornal *O Estado* saíram profissionais como Dorian Sampaio, Ari Cunha, João Ciro Saraiva, Chico Alves Maia, Edmundo “Dedé” de Castro, J. C. Alencar Araripe, Durval Aires, Odalves Lima, Dário Macedo, Rangel Cavalcante, Adísia Sá, Egídio Serpa, Marcondes Viana, Antonio Frota Neto, Fernando César Mesquita — este, sobrinho de Odalves Lima. Além desses tantos, outros foram galvanizados no cotidiano do jornal *O Estado* a exemplo de Gervásio de Paula, Flávio Ponte, Guto Benevides, Nazareno Albuquerque, Marciano Lopes, Sônia Pinheiro, José Augusto Lopes, Ribamar Mesquita, Landry Pedrosa. O jornal abrigou colunas vívidas assinadas por Eusélio Oliveira, o intrépido cineasta e intelectual, Tertuliano Siqueira, focado na incipiente e emergente mídia local, as colunas políticas de Newton Pedrosa, Pedro Gomes de Matos Neto, Fernando Maia, Ossian Lima, Hélder Cordeiro, Macário Batista, Julieta Bron-tée, Elizabeth Rebouças e, bem antes, Fernando Aires e do próprio Durval Aires. A coluna semanal de Jean-Pierre Chabloy trazia ensaios maravilhosos sobre Fortaleza e sua estética urbana e nas artes. Revelou colunistas sociais como Sônia Pinheiro, Regina Marshall, Cléa Petrelli, Marciano Lopes, Teresa Borges e mais uma rica lista.

O jornal *O Estado* viveu várias fases e se manteve inteiro desde sua fundação, em 1936, atravessando todas as conjunturas com as quais soube conviver, driblar, combater e enfrentar. Superou as adversidades que colocaram em risco sua longevidade; não se furtou aos em-

bates mais arraigados e virulentos, remoeu as tripas do poder, viveu momentos de glória e amargou reveses mas, ao largo, construiu um capítulo consistente na história do jornalismo.

A fase inicial, liderada por José Martins Rodrigues, foi sucedida por Alfeu Faria de Aboim (Alfeu Aboim) e Walter de Sá Cavalcante (também grafado como Walter Sá Cavalcante) em 1º de novembro de 1942, que o transferiram para Antônio da Frota Gentil (Antônio Gentil) em 24 de abril de 1945, ficando a direção com Walter de Sá Cavalcante. Aqui vimos grandes enfrentamentos entre PSD e UDN na campanha que elegeu o deputado Raul Barbosa, governador do Ceará. À frente do jornal, Walter de Sá Cavalcante comandou a campanha de Raul, dia a dia, nas páginas d'*O Estado*. Foi dirigido ainda por Cláudio Martins e Francisco Martins (Fran Martins) quando as artes, a cultura e literatura tiveram ampla divulgação e ampla repercussão, principalmente nas edições de domingo com o caderno cultural. Some-se a isso as crônicas diárias de Fran Martins, cheias de estilo, densidade de informação e opinião e fluidez textual. Os irmãos Martins transferem o jornal para um grupo apoiador do governador Parsifal Barroso, e Themístocles de Castro e Silva desembainha seu sabre de prata em forma de caneta e esgrima, protagonizando embates memoráveis. Passou depois para o grupo Nelson Otoch e Sérgio Philomeno, ainda sob a batuta de Odalves Lima — que vinha do período de Themístocles — como diretor de redação e colunas memoráveis de Dário Macedo e Rangel Cavalcante, José Rangel, Nazareno Albuquerque. Sua redação e oficinas originais, na época da fundação, ficavam na Rua Senador Pompeu, 832. A partir de 1966 assumiu o controle acionário do jornal o jornalista Venelouis Xavier Pereira, que também encetou grandes embates, polêmicas e guerrilhas. Um dos seus feitos tecnológicos no jornal foi implantar, em 1970, o sistema *offset* de impressão. Em 1996, com a morte abrupta de Venelouis, seus herdeiros assumem o comando, reposicionando o jornal e iniciando um novo ciclo. O jornalismo panfletário é totalmente aposentado e a escola americana da objetividade, que já faz parte das rotinas das redações e dos cursos de

jornalismo, passa a ser o novo norte do jornal.

O jornal viveu dois grandes ciclos: o primeiro, iniciado por José Martins Rodrigues, em 1936, como vimos. Aqui se inclui a continuidade representada por Alfeu Aboim e Walter de Sá Cavalcante e vai até o final de 1965, quando Venelouis Xavier Pereira, através do banqueiro José Oto Santana, adquire o jornal. O segundo ciclo foi iniciado exatamente aí. O negócio é fechado no apagar das luzes do ano de 1965, e Venelouis toma posse do jornal em 1966, inaugurando o ciclo que continua até hoje, com seus sucessores. Trata-se de um dos períodos mais tensos e tem como momento de grande estresse a morte de Venelouis na redação do próprio jornal, em 1996. Teria sido em decorrência de um enfarto fulminante, com sangramento pelo nariz, embora o exame cadavérico — autópsia — não tenha sido feito.

O ciclo atual marca a consolidação do jornal como veículo independente, apartidário e focado na publicação de notícias, análises, comentários e opiniões que primam pelo pluralismo e pelo apartidarismo, priorizando o interesse do leitor — algo totalmente oposto ao histórico alinhamento com o PSD, onde o leitor era, ele também, principalmente partidário. O jornal também migra para múltiplas plataformas digitais, em consonância com uma tendência global irreversível, a partir do advento da Internet como canal de distribuição de conteúdos em uma escala global que, sem dúvida, desorganizou os tradicionais fluxos de informação de mão única, colocando em xeque o monopolismo. Um fenômeno recente, a partir de meados dos anos 1990.

Está claro que uma das justas ambições de Venelouis era ser reconhecido no plano político e social. Mas seu gosto pelo jornalismo e pelo processo de manufatura de jornal eram surpreendentes. Em não sendo um político, filiado a partidos políticos, ele primava por formato híbrido: pluralista, mas panfletário. Sua gestão foi, de certo modo, de transição para a fase atual. Na vida privada quebrou paradigmas.

Sempre se fez acompanhar de belas mulheres, a exemplo de Wanda Palhano, advogada e jornalista, sua primeira esposa e sucessora no jornal, Marluce Férrer, que sucedeu Wanda como esposa, loiras “importadas” do sul do país, como Francis Maravilha, a platinada irmã de Elke, e até da Argentina. Ele, um homem de estatura física mediana, sempre acompanhado de mulheres deslumbrantes e acima da sua medida física, não se incomodava com olhares atravessados e comentários maldosos. Era um *bon vivant*. Esse era seu mundo, o jornal como primeiro afeto e mulheres para exhibir e para procriar. Com Wanda Palhano, teve quatro filhos sucessivos, um atrás do outro: Ricardo Augusto, Soraya, Stevenson e Solange.

No plano político, o jornal era a tribuna perfeita. Seu espírito libertário transformou *O Estado* em uma plataforma em defesa de grandes bandeiras e de contestação. Tanto que era ali que Iranildo Pereira, Maria Luiza Fontenele, Rosa da Fonseca, Paes de Andrade, Mauro Benevides, ocupavam grandes espaços editoriais no auge da repressão militar. Abrigou nomes listados no *index* da repressão, como o do militante jornalista Francisco Auto Filho. Fez do jornal uma artilharia para executar, à queima-roupa, desafetos seus e desafetos terceirizados, os desafetos dos amigos.

Assim, comprou brigas homéricas e, no acirramento da última delas, morreu, certamente entorpecido por tão grave e pernicioso embate. Foi um autoenvenenamento físico e espiritual.

Nesse resgate da história do jornal *O Estado* e seus fundadores quem fala o tempo todo é o jornal — ele é a personagem central. Assim, nos apropriamos o tempo todo das suas próprias narrativas para dar forma cronológica ao seu *leitmotiv*. E, a despeito do viés político partidário, *O Estado* era um jornal de informação, de formação e de cuidados para com a cidade de Fortaleza. Em 1951, por exemplo, reclamava em editoriais da violência da polícia, da cidade largada, principalmente o Centro com suas calçadas esburacadas e lixo a torto e a direito. Nada melhor que a transcrição literal para traduzir, com preci-

são, o sentimento de um jornal umbilicalmente ligado à cidade. Nesse sentido, o jornal é o seu próprio narrador, e aqueles editoriais cheios de olhar crítico soam aos olhos atuais como um retrato antropológico e sociológico da cidade daquele tempo, com a indignação que uma fotografia não consegue capturar. O jornal é o melhor amigo da história — daí a importância dos acervos e das hemerotecas — e isso nos faz lembrar Walter Benjamin, que sempre considerou as variáveis tempo e distanciamento como condições essenciais para restaurar a “aura” da obra de arte. Nesse caso, o tempo dá ao jornal a condição de senhor da razão, uma notícia banal àquele tempo é hoje um documento preciso que se soma a outros, restaurando o contexto e se elevando à condição do que chamamos de história.

De 1936 até hoje, é possível contar a história de Fortaleza somente a partir das páginas do jornal *O Estado*. Uma longevidade local compartilhada somente com o jornal *O Povo*, muitas vezes afeto, muitas vezes desafeto — no plano político, UDN x PSD —, principalmente na era Sarasate, um cidadão inebriado pela política e nela se entranhou de modo visceral.

A história do jornal *O Estado* é marcada por grandes embates. O governador Faustino de Albuquerque, que fez um governo raquítico, foi massacrado pelo jornal, com justa razão e não somente por ser udenista, mas também por isso. O jornal foi o grande palanque, aplaudiu efusivamente, defendeu, atacou e atuou como cão de guarda, sendo decisivo para a vitória de Raul Barbosa, do PSD, sucessor de Faustino.

A ideia de que a censura à imprensa no Ceará, a partir de 1964, foi branda está equivocada. Na verdade, os jornais fizeram o trabalho do censor, nas redações, em exemplar controle interno chamado de autocensura. *O Estado* foi um dos poucos jornais no Brasil que se colocou contra a censura. Venelouis Xavier Pereira não aceitava as ordens por telefone e, por isso, como acontecia também no jornal *O Estado de S. Paulo* e na *Tribuna da Imprensa*, de Helio Fernandes — Helio grafado sem acento, como queria Helio Fernandes —, o censor se obrigava a

ir para dentro da redação e nessa relação direta havia uma tensão inerente. Além disso, o jornal abrigava textos refutados por outros jornais e deu emprego formal a alguns jornalistas de esquerda que estavam no *index* da repressão. O próprio dono do jornal foi sequestrado, espancado e jogado ao relento sem nenhuma veste na circunvizinhança de Fortaleza. Uma ação estimulada pela conjuntura onde prevalecia o Estado de exceção.

Venelouis assume a proa do jornal logo em 1966, quando a linha dura militar dá o golpe dentro do golpe e, a partir daí, o regime fica cada vez mais cerceador das liberdades civis, com o acirramento da censura que limita a liberdade de imprensa. Ciclos de traumas e feridas, de perdas e danos.

Esta biografia divide, como já disse, a história do jornal *O Estado* em dois grandes ciclos: o primeiro ciclo é iniciado e liderado por José Martins Rodrigues, a partir de 1936; o segundo, aquele iniciado por Venelouis Xavier Pereira, em 1966, e continuado hoje por seus sucessores. É justo dizermos que, com a morte de Venelouis, o jornal encerrou qualquer evidência de panfletarismo e passou a ser um veículo de informação e opinião, totalmente pluralista e solidamente apartidário, cultivando a escola americana da doutrina da objetividade e preservando seu nicho editorial com foco em política e economia.

Certamente, a fase atual é a de maior profissionalização do jornal, administrado empresarialmente sem viés político partidário. Mas os tempos são outros. À época dos nossos fundadores, toda a imprensa era alinhada a ideias, ideologias, partidos políticos, grupos de interesse, sindicatos e, portanto, defendia bandeiras corporativas. E isso, ao contrário do que muitos historiadores veem hoje, era fator essencial para suas sobrevivências e, mesmo, credibilidade quando assumiam, seja com uma retórica panfletária, ou em artigos de formação e doutrinação, ou em reportagens originais ou, principalmente, em editoriais bem argumentados, seus credos e sua fé.

José Martins Rodrigues era a ponta de lança de um grupo de políti-

cos, intelectuais, professores e gestores que lideravam o Ceará naquela conjuntura e influenciaram a vida política do país, não somente até o fim de suas vidas, mas até hoje, a partir do exemplo e das obras que deixaram. Eles eram idealistas mas, também, e muito, estrategistas, e viam na política — e na religião — o grande meio para influenciar a sociedade e, também, conquistar corações e mentes.

Assim, *O Estado*, em suas várias vidas, várias fases, várias histórias preservou seu fio condutor: sempre esteve no meio de grandes polêmicas e nunca se furtou ao embate. Foi um polemista e uma trincheira e, como tal, defendeu e atacou. Viu afetos virarem desafetos e desafetos virarem afetos. Talvez tenha atacado mais do que defendido. Na primeira fase, defendeu a si e ao Governo das denúncias de corrupção na construção do Porto do Mucuripe. Com Walter de Sá Cavalcante, atacou sem temor as hostes da UDN e partiu para o enfrentamento de sua principal trincheira opositora na imprensa, o jornal *O Povo*, de Sarasate, com quem travou embates — esta é a palavra mais adequada — memoráveis. O vigor de Walter de Sá Cavalcante, no lançamento e na campanha de Raul Barbosa para o governo do Ceará, transformou o jornal *O Estado*, sob o comando daquele, no mais belicoso cabo eleitoral da campanha, atacando na defesa e se defendendo no ataque.

Algo curioso em tudo isso é que, sai dono, entra dono, *O Estado* tem um espírito vivo: José Martins Rodrigues navega no tempo como um ícone intocável, talvez menos por ser fundador do jornal — como líder intelectual de um grupo —, mas por sua postura transparente, ousada e prudente como político, nos erros e nos acertos.

Até o início dos anos 1960 não era incomum que os próprios jornalistas polemizassem entre si, mas depois... depois iam para uma mesa de bar. Os bares eram as extensões naturais das redações.

A história do jornal *O Estado* jamais poderia ser a história de um homem só. O jornal comemora neste 2016, 80 anos. São várias gerações — são centenas de espíritos. Os recentes controladores, por

exemplo, já estão em segunda geração. A primeira geração, da fase iniciada em 1966, tinha à frente Venelouis Xavier Pereira, que trouxe para perto de si, rápido, o primogênito Ricardo Palhano, hoje, o mais longevo diretor de *O Estado*, em pleno exercício de função executiva, como superintendente.

Mas Venelouis não era um lobo solitário. Gente ao seu redor era a energia que o movia. Por isso patrocinou tantas gerações no jornalismo, abrindo a redação do jornal *O Estado* para jovens ávidos em iniciação na profissão.

Em um dado momento ele, Venelouis, se rebela, em uma espécie de exorcismo, contra a história do jornal, acusando-o de ter sido capacho de partidos políticos, no caso, principalmente, do PSD e de seus coligados eventuais.

O jornalista Francisco Auto Filho, que no auge das caçadas da polícia política foi acolhido por Venelouis, tem uma descrição daquela personalidade:

— Ele era uma figura complexa, paradoxal, porque ele era temperamental. Então você tem momentos de muita raiva e de fina doçura, mas normalmente ele era irônico e era alegre.

Enquanto instrumento partidário toda coerência e miota obstinação orientaram *O Estado* ao longo de sua história. O destino original era o da grande tribuna política, sendo o PSD sua melhor tradução. E que indignidade há nisso? Não há nenhuma indignidade em uma conjuntura em que os jornais mostravam a sua cara ideológica, e a imprensa se funda assim, mostrando-se claramente alinhada a partidos, doutrinas, ideias e grandes movimentos reformadores. Dignidade há quando o contendor mostra-se no seu todo. Eram dignos cavalheiros de disputas infundas que se moviam pelo credo, pela convicção e pela integridade moral. *O Estado* era PSD, *O Povo* era UDN. Dignas tribunas, defensáveis em todos os excessos que cometeram em nome da sua verdade. O que prevalece é a moral de homens que se expunham até às entranhas em defesa dos seus fundamentos. E a imprensa escrita

se funda assim: trincheiras belicosas e filosóficas, reativas e proativas, intemorata como o apelido que se dava, nas redações, às máquinas de datilografar. Pouco ou nada temiam. Os editoriais eram petardos, as ideias não se reprimiam.

Quanta beleza há nessa fase da imprensa, trincheira que recebia voluntários de todos os lugares, advogados, poetas, políticos, francos atiradores, profissionais liberais de todas as aptidões e orientações.

Essa é a história do jornal *O Estado*, um jornal que abrigou tantos futuros governadores e que fermentou, dentre eles, talvez o mais brilhante, que chegou à presidência do Banco do Nordeste por dois mandatos, Raul Barbosa. Raul era redator do jornal desde o ano da fundação. Depois, substituiu o editor e político, Plácido Castelo.

A história do jornal *O Estado* é uma narrativa que exige fôlego e foi impressa, gravada em chumbo, onde o líquido pastoso que irrigava a face dos tipos móveis era a metáfora do sangue que se fez tinta e, como tinta, tingiu o papel da história. O que está lá, não pode ser deletado.

Essa história é contada por várias vozes, registros e fontes. Não se trata de trabalho de um autor. Uma biografia jamais será o trabalho de um autor, como querem alguns. Uma biografia é um trabalho de vários espíritos onde o que prevalece, prioritariamente, são os registros tangíveis, as marcas físicas, os sinais, as emoções impressas, os registros de toda ordem e o testemunho de contemporâneos, de descendentes e de acervos audiovisuais e bibliográficos, para que confirmemos hipóteses e consagremos teses da maneira mais crível e argumentada.

O jornal é o melhor espírito do seu tempo. É sujeito e objeto. É matéria e espírito. São pedaços do tempo cotidiano que, juntados, formam o que chamamos de história.

Este texto foi construído, principalmente, a partir de fontes primárias, como é da minha preferência como pesquisador. O acervo do jornal *O Estado*, desde 1936, foi norteador dos nossos rumos. Tive o privilégio de conversar com muitos contemporâneos de Venelouis

como José Oto Santana, um octogenário em pleno vigor físico e intelectual. Certamente não cobriremos toda a rica história do jornal *O Estado*. O que temos aqui são episódios norteadores de uma narrativa que, somados, podem ser considerados um “ponto de vista”, ou, como preferem os sociólogos, um “viés”.

Devo reconhecer que a narrativa é uma soma de centenas de vozes que fizeram e fazem o jornal *O Estado*. É a imprensa. Nesse sentido, é muito importante a pesquisa bibliográfica na qual nos apoiamos, embora muitos episódios, nomes, datas e fatos tenham sido aqui reescritos e corrigidos a partir da “acareação” de fontes. O episódio da prisão de Themístocles de Castro e Silva é um exemplo disso quando apresentamos aqui a versão real e precisa dos fatos e, também, dos antecedentes. Naquela Fortaleza provinciana, antecedentes de relacionamento envolvendo as mesmas personagens são fundamentais para entender porque o comandante acidental, num interregno de comando da 10ª Região Militar, cometera ato tão estabonado.

Como defendeu com sólidos argumentos Ortega y Gasset: “O homem é o homem e a sua circunstância”. Para ele, analisar o homem fora do seu contexto social é uma deformação. Aqui temos um filósofo bem ao gosto da jornalista, professora e filósofa Adísia Sá, que tem no jornal *O Estado* uma sólida tribuna para sua crítica social e para relatos críticos do cotidiano da cidade de Fortaleza.

Nessa perspectiva, o episódio do sequestro de Venelouis Xavier Pereira não pode ser visto fora do seu contexto histórico. Por mais prosaica que tenha sido a motivação daqueles militares, uma pendenga de trânsito, o acirramento e a culminância só podem ser explicados no contexto de um regime de exceção em que se encerrava o Brasil. A violência da quadrilha de militares só pode ser entendida nesse contexto. Havia um guarda-chuva institucional que estimulava o comportamento de exceção. A historiografia do Ceará ainda não considerou esse episódio como um fenômeno patrocinado pelo Estado draconiano, talvez incorporando um preconceito relativo à personalidade heterodoxa de Venelouis, um *bon vivant*, um mulherengo, um burguês.

Nada disso justificaria a ruptura da legalidade, mas o desafio que se coloca agora é quem e qual trabalho acadêmico analisará este episódio à luz da conjuntura.

É possível que nunca tenhamos isto. A repercussão do sequestro de Venelouis foi avassaladoramente maior na imprensa do Sudeste, que certamente avaliou a dimensão do ato como uma extensão da cultura de tortura disseminada nos quartéis. O destaque local foi o jornal *Tribuna do Ceará*, que estampou editorial em primeira página e isso deve-se muito à amizade fraternal entre José Afonso Sancho e Venelouis Xavier Pereira.

Venelouis chocava a sociedade conservadora local por suas posições autênticas e por suas beligerantes manchetes e artigos.

É curioso observar que a maioria dos trabalhos acadêmicos, pesquisas “científicas” em tese distanciadas do objeto, criminalizam a imprensa engajada à Igreja do início do Século XX. Mas não criminalizam a imprensa operária ou a imprensa sindical. Ora, o viés é o mesmo. Eram panfletários entrincheirados em polos opostos. O engajamento é inerente à origem da imprensa como reforçam aqui Helio Fernandes e Francisco Auto Filho. Os jornais eram panfletos e isso era um valor conjuntural. Só o olhar acadêmico alienado da conjuntura que circundava aquele momento pode trair a máxima de Ortega y Gasset.

PRIMEIRA PARTE

1936-1965

1. OS JORNAIS NO CEARÁ

A imprensa nasce e prospera sob a tutela do Estado

No Ceará, os jornais foram o primeiro grande campo de batalha civilizado no embate das ideias e na esgrima ideológica. O pioneiro historiador da imprensa no Ceará, o Barão de Studart¹, catalogou centenas de jornais, de todo tipo de orientação, trabalho que publicou regularmente na revista do Instituto do Ceará. O *Diário do Governo do Ceará*, que teve sua primeira edição lançada no dia 1 de abril de 1824 por Gonçalo Inácio de Loiola Albuquerque e Melo, o Padre Mororó, é certamente o primeiro jornal impresso com a tecnologia de Gutenberg. Era um jornal pequeno, com 20cm x 14cm.

Até então, os ditos jornais eram manuscritos e, mesmo assim, sem o charme dos copistas. Como observa Oswaldo Araújo, era um “original diário bissemanal, porquanto circulava apenas às quartas-feiras e aos sábados”.²

Com o Padre Mororó, o Ceará antecipou-se até mesmo a São Paulo e ao Rio Grande do Sul, que passaram a ter jornais regulares a partir de 1827.³ A política era o combustível dos jornais da época, que se revelavam trincheiras extremadas; a retórica deslavada estava a poucos passos da injúria, calúnia, difamação. A tipografia completa veio de Recife para Fortaleza, em 1824, e ganhou o nome de Typographia

Nacional do Ceará, sob a autorização, como era a lei, do Império.

“No Ceará, por exemplo, sob o domínio da oligarquia Accioly, o jornal do governo, *A República*, agredia os elementos da oposição, enquanto no *Unitário* de João Brígido, que combatia o governo local, tudo se marcava pelo espírito mordaz. [...] na oposição, o *Jornal do Ceará* não tinha medida nas suas incandescentes apóstrofes.

O *Unitário* noticia assim um banquete oferecido a um deputado governista: “À sobremesa, em nome dos presentes, saudou-o o sr. Beltrano. Em seguida, fulano ergueu-se nas patas traseiras, murchou as orelhas e pronunciou um discurso, curto mas ruim”. O mesmo *Unitário* noticia assim um falecimento: “Faleceu ontem, o venerado desembargador C., filho legítimo do honrado vigário de São Mateus.”⁴

“Foi a política que gerou o jornalismo cearense”, elabora Demócrito Rocha na perspectiva do que Antônio Sales já atestara: “as gazetas do Ceará eram meros instrumentos do ferrenho partidarismo reinante”.

O próprio Antônio Sales produziu uma espetacular obra de crítica, ironia e humor, denunciando a política nefasta de Accioly, cujo apelido, *O Babaquara*, virou título da obra, editada em 1912, no Rio de Janeiro, cujo subtítulo é *Subsídios para a história da Oligarquia no Ceará*. Trata-se de uma original peça contra aquele que comandou a política do Ceará por longos 16 anos, com intolerância e truculência.

A título de epígrafe em *O Babaquara*, Antônio Sales reproduzia esses versos, de sua autoria, publicados previamente no jornal do Rio de Janeiro *Correio da Manhã*:

*Este de falas tão comedidas,
Trazendo aos ombros imensa prole,
De ideias curtas, de unhas compridas...
É o Accioly.*

A maioria dos jornais arrolados por historiadores cearenses teve vida demasiado efêmera.

— Alguns não foram além do primeiro número, lembra José Caminha Alencar Araripe, um dos mais profícuos jornalistas do Ceará.⁵

“Os jornais, não obstante a limitação do número de páginas, inclusive de formato, e, conseqüentemente, de espaço, eram no Ceará como alhures, autênticas 'universidades populares', ademais porque seu caráter político os faziam lidos nos recantos extremos da Província, onde quer que houvesse um liberal ou um conservador, conforme o caso” relata Geraldo da Silva Nobre.⁶ Tiveram maior importância, dentre os jornais que circularam no Ceará e desapareceram no século XX, a *Folha do Povo*, de Hermenegildo de Brito Firmeza (H. Firmeza), *A Tribuna* de Manuel do Nascimento Fernandes Távora, *O Ceará*, de Júlio de Matos Ibiapina e, mais recentemente, o *Diário do Povo* de Jáder de Carvalho. Matos Ibiapina é geralmente considerado o maior jornalista cearense desta fase. Havia passado longa temporada na Europa do pós-Guerra — a literatura de George Bernard Shaw era uma referência de vanguarda — e, no retorno, estava cheio de novas ideias. No entanto, antes de fundar *O Ceará* atuou como redator-chefe do jornal *Diário do Estado*. Merece ser lembrado, igualmente, *O Jornal*, que, embora tivesse circulado por pouco tempo, salientou-se pela excelente feição gráfica, rivalizando com os órgãos principais da imprensa do Rio de Janeiro e de São Paulo.⁷

A Tribuna, de Fernandes Távora, se anunciava como órgão do Partido Republicano Cearense. O primeiro número, de 1º de janeiro de 1921, ostentava o editorial “o que somos e a que viemos”. Teve na sua chefia de redação, entre outros, Raimundo Gomes de Matos.

A 2 de abril de 1914, saiu a primeira edição do *Diário do Estado*, de propriedade de Álvaro da Cunha Mendes e direção de Soriano Aderaldo que, por motivo de doença, logo foi substituído por José Sombra. Em seu editorial de apresentação, via-se que “um jornal tem necessidade de ser a expressão vívida [da sociedade] — deixando de lado as paixões sectaristas, os ideais dos partidos — para tornar-se completo e corresponder às necessidades da nossa civilização. [...] Não

apregoa fórmulas e nem se subordina a interesses políticos.”

Desapareceu a 21 de novembro de 1914, depois do assassinato do seu diretor, João Demétrio de Menezes, que assumira a direção do jornal no último agosto, dia 21.

Em sua segunda fase, iniciada a 13 de dezembro, sob novos proprietários — agora alinhado ao Partido Republicano Conservador — o jornal é dirigido por Aurélio de Lavor (diretor-político) e Júlio de Mattos Ibiapina (redator-chefe). O *Diário do Estado* foi o primeiro jornal cearense a introduzir, no dia 8 de dezembro de 1918, o sistema de composição a quente, Linotype — logo aporuguesado para *linotipo* —, um grande salto tecnológico na imprensa do Ceará. Isso representava um enorme ganho de produtividade já que em uma máquina composição Linotype — “a line of type”, compunha linhas de texto em barras a partir do chumbo em ponto líquido — um único gráfico fazia o trabalho de oito gráficos da época do componedor, a maquineta onde se organizava cada um dos tipos móveis. Na tipografia tradicional o texto era composto à mão, e os gráficos chamados “compositores” juntavam tipos móveis um a um, em um trabalho artesanal de extrema paciência e domínio das chamadas “caixas” tipográficas, onde tipos estavam distribuídos. Agora, o processo começa a ficar mecanizado. Os gráficos do Ceará não perceberam que, a partir dali, eles estavam perdendo força política nas mesas de negociação salarial. Mas por trás desse avanço, uma enorme letalidade, os gráficos inalavam pó de chumbo fundido e faziam um contrato de morte lenta que nem as doses obrigatórias de leite e o adicional salarial de insalubridade compensariam.

O lançamento do *Correio do Ceará*, a 2 de março de 1915, fundado por Álvaro da Cunha Mendes, é considerado um divisor de águas na história da imprensa do Ceará. Geraldo Nobre defende que, “firmou-se pela primeira vez um órgão noticioso e publicitário e o jornalismo insinuou-se como profissão, que tardaria ainda um pouco a ser, por não permitirem as dificuldades financeiras a retribuição razoável do trabalho nas redações”.⁸

À época do seu lançamento, o *Correio do Ceará* era dirigido por Alberto Montezuma, Padre Sylvano de Souza (redator católico), A. Fiúza Pequeno (redator comercial) e A. C. Mendes (proprietário). Um mês depois Alberto Montezuma deixa a direção, sendo substituído pelo Padre Climério Chaves ao lado de Manoel Rodrigues Monteiro, que veio do jornal *Unitário*. Depois, Padre Climério foi substituído por Andrade Furtado, que logo depois ganhou a assistência de Leonardo Motta.⁹ Leonardo Motta, depois, foi dirigir a *Gazeta Oficial*, publicada em Fortaleza a 4 janeiro de 1917. Em 1924, à época da publicação do livro de Barão de Studart, o redator-chefe do *Correio do Ceará* era Gregoriano Cruz, o redator-secretário era Gilberto Câmara, e os redatores auxiliares eram César Magalhães e Picanço Filho. Tanto César Magalhães quanto Gilberto Câmara foram presidentes da Associação Cearense de Imprensa, uma evidência de prestígio.

O *Correio do Ceará*, assim como *O Nordeste* e *O Estado*, eram ligados à Igreja Católica, a então Diocese de Fortaleza, sob a liderança do midiático e onipresente Dom Manoel, uma personalidade muito influente. *O Nordeste* foi lançado em 1922. Geraldo Nobre, em sua original pesquisa sobre imprensa cearense faz uma referência *en passant* ao jornal *O Estado*, “órgão político de caráter oficioso, cuja circulação data de 1936”.¹⁰ De fato, o alinhamento do *O Estado* ao governo e à Igreja é deliberado, estratégico como se pode claramente deduzir a partir das informações da primeira página do jornal, onde logo no cabeçalho, abaixo do logotipo, avisa-se que este é um “órgão do Partido Republicano Progressista”. Além disso, José Martins Rodrigues é influente secretário do governo Menezes Pimentel. No entanto, aquele *O Estado* de 1936 já era extremamente noticioso, informativo e inovador publicando seções como *Jornal dos Jornais*, onde resenhava as notícias mais importantes das primeiras páginas dos jornais cearenses; o *Jornal dos nossos filhos*, página dominical dedicada ao público infantil, só para citar dois exemplos. Na mesma linha informativa estava o jornal *Gazeta de Notícias* que “apareceu como diário, tendo

sua primeira edição circulado no dia 10 de julho de 1927, fundado por Antônio Luís de Drumond Miranda e tendo na equipe Clóvis de Alencar Matos (Clóvis Matos), Milton Firmeza, Théo Cabral, Gastão Gonçalves da Justa (Gastão Justa) e, mais tarde, Olavo Araújo que, em 1955, seria o diretor e acionista majoritário do matutino. Funcionava na rua Senador Pompeu, no quarteirão entre as ruas São Paulo e Guilherme Rocha, Centro de Fortaleza. Naquele quarteirão estavam o jornal *Correio do Ceará*, amaziado com o jornal *Unitário*.

Na mesma rua Senador Pompeu, entre Liberato Barroso e Pedro Pereira — antiga Travessa São Bernardo — funcionava o jornal *O Povo*, a poucos metros da casa onde nasceu o maestro e compositor Alberto Nepomuceno, hoje uma loja de móveis, mesmo destino da antiga sede do jornal de Rocha e Sarasate.

Demócrito Rocha — que já fundara, com um grupo de esperantistas, o jornal *Novo Mundo*, a 30 de julho de 1923 — e Paulo Sarasate lançam o jornal *O Povo*, a 7 de janeiro de 1928. “Sua organização como empresa assegurou-lhe, a partir de 1950 [...] um lugar importante na renovação técnica, sobretudo de equipamentos, do jornalismo praticado no norte do Brasil.”¹¹ O jornal *Tribuna do Ceará* é lançado em 1955, pelo empresário José Afonso Sancho. Somente em 1981, no dia 19 de dezembro, o empresário Edson Queiroz, que fora sócio de Sancho no jornal *Tribuna do Ceará*, lança o seu jornal *Diário do Nordeste* que representou um enorme impacto no mercado editorial de jornais no Ceará ao acirrar a competição e aumentar os salários dos profissionais na disputa pelos melhores quadros.

ANTÔNIO DRUMOND, ASSASSINATO NA REDAÇÃO

O jornal *Gazeta de Notícias* teve um início conturbado — fazia oposição ao governo Matos Peixoto e, em decorrência disso, foi empastelado várias vezes, logo nos primeiros meses de circulação. Criticava, sem temor, os desmandos do governo do Estado e pagou, dentre outras represálias, com o empastelamento do material tipográfico de

suas oficinas.¹²

No dia 16 de outubro de 1927 a *Gazeta de Notícias* sofreu outro atentado, viveu seu segundo empastelamento ao mesmo tempo em que um incêndio destruiu grande quantidade de papel jornal armazenado nas oficinas. O impressor Manuel Antônio da Silva foi baleado. Só a 15 de novembro a *Gazeta* reapareceu, tamanho o dano causado.¹³

Naquele mesmo ano de 1927, no dia 1º de junho, “em consequência de um incidente havido na véspera, vários oficiais da Força Pública agredem e prendem o jornalista Demócrito Rocha, redator de *O Ceará*”. A Associação Cearense de Imprensa faz protesto público e, em resposta, o Regimento Militar do Estado “alega que o jornalista Demócrito Rocha fez referências ofensivas à honra e dignidade dos Oficiais da Força Pública”. Os oficiais agressores foram presos, mas soltos no dia 11, informa o *Correio do Ceará* do dia seguinte.

No dia 7 daquele mesmo mês o “velho jornalista” A. C. Mendes, diretor do *Correio do Ceará*, é “atacado a canos de ferro por dois desconhecidos, cerca das 20 e meia horas, na Praça da Lagoinha”.

Às primeiras horas da noite de 11 de junho de 1930, Antônio Drumond é assassinado, em sua mesa de trabalho, aos 48 anos incompletos. Pernambucano de Recife, nasceu no dia 30 de novembro de 1872 mas foi morar em Fortaleza (CE) onde atuou como político, advogado — era bacharel em Direito — e jornalista. O autor do assassinato do jornalista foi o juiz municipal Virgílio Gomes de Oliveira — faleceu na prisão em dezembro de 1932. O crime, que causou imensa comoção popular, teve origem na campanha movida por Drumond contra o governo José Carlos de Matos Peixoto,¹⁴ que governou o Ceará de 12 de julho de 1928 a 8 de outubro de 1930, até ser deposto pelo governo provisório de Getúlio Vargas. Após sua queda, humilhado por representantes do novo regime, Matos Peixoto foi morar no Rio de Janeiro, onde se dedicou à advocacia e ao magistério e nunca mais voltou ao Ceará.

Em setembro de 1930, o homicida Virgílio Gomes de Oliveira foi

julgado, tendo na acusação o advogado promotor público Hélio Caracas, 1º Promotor de Justiça, os advogados Kerginaldo Cavalcante e Alonso Memória. Na defesa, os advogados Olavo Oliveira e Gomes de Mattos. O Conselho de Sentença foi formado por José Castellar Píneiro, Francisco Leonel Chaves, Clóvis Nogueira Ramos, Constantino Nery Camello, Emygdio Moreira da Luz, João Gaspar Filho e Edmundo Falcão. O advogado da acusação Kerginaldo Cavalcante de Albuquerque fez um arrazoado que durou 2 horas e exatos 5 minutos.¹⁵

Kerginaldo Cavalcante de Albuquerque “teve atuação destacada no julgamento dos responsáveis pela morte de Antônio Drumond, da qual se atribuía uma parcela de responsabilidade ao próprio Governo do Estado, passando a desfrutar de prestígio considerável na situação decorrente da Revolução de Outubro de 1930”.¹⁶

— A *Gazeta de Notícias* teve grande aceitação popular, principalmente devido à sua tradição de combatividade que data de sua própria fundação pelo jornalista Antônio Drumond, assassinado quando escrevia um de seus vibrantes editoriais — testemunha Geraldo da Silva Nobre.¹⁷

Esse crime acendeu uma luz amarela no jornalismo cearense, principalmente porque atentava diretamente contra a vida e contra a liberdade de imprensa. Outros suspeitos de acumpliciamento também foram julgados.

Anos antes, no dia 21 de novembro de 1914 foi assassinado a facadas na Pensão Familiar, João Demétrio de Menezes, redator do *Diário do Estado*, de A. C. Mendes. O homicida, José Arnaud Brígido, foi preso. A imprensa nunca teve uma relação pacífica com os poderosos de plantão. Em outubro de 1954, o deputado Péricles Moreira da Rocha agrediu o comentarista político do jornal *O Estado*, Carlos Costa, fato que mereceu nota de repúdio da Associação Cearense de Imprensa.¹⁸

O assassinato de João Demétrio de Menezes encerrou a primeira fase de atividades do *Diário do Estado*. Retomado por outro proprietário, o jornal foi relançado um mês depois e, em seu editorial, prestou homenagem ao jornalista assassinado:

O *Diário*, que desapareceu da circulação em consequência do bárbaro, frio e covarde assassinato do seu diretor, Dr. João Demétrio, ressurge, transformado em órgão de propaganda dos princípios políticos que fizeram, fazem e farão para sempre a força invencível do [Partido Republicano Conservador] PRC Cearense e sob a direção do grande republicano João Cavalcanti.¹⁹

Com a morte de Drumond, Kerginaldo Cavalcante de Albuquerque assumiu a direção da *Gazeta de Notícias*. Em 1958, o controle acionário passou para o Grupo J. Macêdo, que indicou para o comando do jornal Darcy Costa (gestão) e Durval Aires (redação).

João Brígido via no jornalismo panfletário “o meio de descarregar as paixões, evitando-se as lutas à mão armada”. Uma catarse belicosa assentada na palavra impressa.²⁰

— A linguagem era, no entanto, a mais desbragada, semelhante à dos pasquins manuscritos de antanho, colocados furtivamente por baixo das portas —, emenda G. S. Nobre, o minucioso historiador da imprensa cearense.

Na prática, sempre houve os excessos que descambaram em violência física. Os gorilas da polícia política do governo Accioly, por exemplo, escoraçaram Américo Facó em plena Praça do Ferreira. Facó escrevia no *Jornal do Ceará*, de Waldemiro Cavalcanti, lançado no dia 16 de março de 1904, ferrenho opositor da oligarquia que dominou a política do Ceará por anos, transformando-a em um negócio de família. No seu editorial da edição inaugural, em primeira página, o novo jornal avisava:

O *Jornal do Ceará* procurará, antes que tudo mais, interessar a Nação nos negócios públicos, mostrando afinal que um povo que se agacha à ação da tirania é um povo que se degrada moralmente.

E o *Jornal do Ceará* não se agachava. No editorial *À vala*, publica-

do na primeira página da edição da quinta-feira, 14 de abril de 1904, assinado por Waldemiro Cavalcanti, tínhamos uma pequena amostra da prática cotidiana em relação ao comendador e sua base:

O sr. Accioly, que vive monologando pelas ruas, cercado de jani-zaros, já não é um homem, mas um fantasma, um espectro ambulante, traçando o caminho da vala em que há de sepultar-se para sempre.

Jornais foram empastelados, jornalistas foram assassinados. E, mais adiante, no endurecimento do regime militar iniciado em 1964, os jornais que se submetiam à censura pelo telefone passaram a ser mal vistos. No caso do jornal *O Estado*, Venelouis Xavier Pereira, como vimos, recusava ordens por telefone obrigando o censor a armar sua banca na redação.

Nobre cita o assassinato dos jornalistas João Demétrio e Antônio Drumond, a censura ostensiva praticada durante o Estado Novo (1937-1945) e o exílio forçado de jornalistas perseguidos pela oligarquia Accioly como alguns exemplos mais visíveis de violência contra a liberdade de expressão.

No dia 27 de maio de 1961, o repórter policial do jornal *O Estado* Geraldo de Castro foi assassinado friamente pelo policial Eudes Piniheiro, que havia sido denunciado em uma notícia publicada no jornal. A palavra usada foi “ladrão” e isso desagradou o policial que atraiu a vítima para um bar, onde realizou a execução a golpes de porrete.

— Matei este cachorro. Se vocês souberem quem é ele, avisem à polícia —, debochou o policial assassino.²¹

No ano seguinte, no dia 19 de setembro, o Eudes encontra seu al-goz: é assassinado por outro detento na Cadeia Pública, no Centro de Fortaleza, onde estava recolhido. A morte veio a facadas, 142 dias após o assassinato do repórter Geraldo.

Na edição de aniversário de 21 anos do jornal *O Estado*, em

1957, agora sob a direção dos irmãos Fran Martins e Cláudio Martins, Geraldo de Castro escreveu:

Mirados nos exemplos e nas virtudes de homens corretos, de homens dignos e lutadores, transformamos *O Estado* numa trincheira de civismo, sempre batalhando pelas causas justas, ora tecendo encômios aos heróis, ora ensinando o caminho do bem aos desajustados e ora condenando aqueles que por excesso de poder chegaram ao máximo em violências contra o povo e contra o regime.

[...] Não cansamos, todavia, de perلustrar uma estrada acidentada, onde os espinhos da profissão chegaram quase sempre a cravar-nos os pés.

As noites de vigílias passadas ao redor das máquinas e dos prelos, tentando apresentar um jornal mais do povo do que propriamente nosso, nos servem de estímulo para o porvir que se descortina mais promissor, mais cheio de luzes aos olhos de quantos trabalham na redação e oficina de *O Estado*.

Tudo isso, toda essa vida palmilhada de avanços sem recuos, demonstra que *O Estado* já é hoje uma veia por onde corre o sangue da imprensa nacional.²²

Dário Macedo dedicou a abertura de sua coluna *Passarela*, ao colega de muitos anos, Geraldo de Castro:²³

O bárbaro assassinato verificado neste trágico sábado que passou, quando perdemos de nosso convívio companheiro de que quase há vinte anos vinha lutando ao nosso lado, revelou ao Ceará e ao Brasil um dos tipos mais cínicos e tarados que é um grande canalha que assina por Eudes Pinheiro. Crime que nos faz lembrar os horrores da ditadura; que nos faz recordar o triste fim de Nestor Holanda, repórter policial como era Geraldo; que supera a qualquer ideia de barbárie, de sadismo, ficará ele marcado nas páginas negras da história policial do Ceará como um acontecimento sim-

plesmente vergonhoso.²⁴

A imprensa esteve sempre na mira de poderosos de plantão e de facínoras denunciados por corrupção. No dia 27 de julho de 1926, Álvaro da Cunha Mendes foi preso pelas forças federais do governo Artur Bernardes, por ter publicado no *Correio do Ceará* um artigo denunciando corrupção na Inspeção Federal de Obras contra as Secas — IFOCS, precursora do DNOCS. À época o ministro Francisco Sá era o titular do serviço de Viação e Obras Públicas, a quem a IFOCS estava ligada.

CRATO, A ORIGEM DO JORNALISTA JOÃO BRÍGIDO

Não somente Fortaleza foi um polo fomentador de uma imprensa no Ceará. De 1855 a 1949 existiram, rotativamente, 123 títulos de publicações que circularam na cidade do Crato, na região do Cariri, ao sul do estado, segundo elenca Irineu Pinheiro, citado por G. S. Nobre.²⁵ O Crato sempre foi a meca lítero cultural do Cariri — posição que disputou amigavelmente com Juazeiro do Norte, este, um polo de cultura popular na melhor herança do sincretismo entre cangaço e religião.

João Brígido dos Santos, nascido em São João da Barra, um município do Norte Fluminense, Rio de Janeiro, cresceu nos sertões do Ceará. Seu pai, Ignácio Brígido dos Santos,²⁶ era funcionário na Promotoria Pública de Baturité. João, aos 20 anos de idade, é aprovado em concurso para professor no município de Jardim, no sul do Ceará, incluído hoje na Região Metropolitana do Cariri. É ali, na vizinha cidade do Crato, que João Brígido estreia no jornalismo quando lança o semanário *O Araripe*,²⁷ no sábado, 7 de julho de 1855, o primeiro jornal da cidade. Era uma peça de quatro páginas composta por tipos móveis, provavelmente ainda confeccionados em madeira devido às estrias de impressão no texto, visíveis a olho nu. O formato em torno de 29 de largura por 42 de altura, organizado em duas colunas separadas por uma linha meio tosca. Compondo o cabeçalho, na primeira

página, o jornal que circulou até 1864 avisava: “*O Araripe* é destinado a sustentar ideias livres, proteger a causa da justiça, e propugnar pela fiel observância da Lei e interesses locais. A redação só é responsável pelos seus artigos; todos os mais, para serem publicados, deverão vir legislados”. A primeira versão do logotipo ostentava um índio com o ar meio atônito. Na versão do logotipo na fase final do jornal, o índio sumiu e *O Araripe* aparece composto em uma bela tipografia Bodoni, com um ponto final, em uma composição visual de muito bom gosto. A novidade é o slogan: “Jornal político e noticioso”. *O Araripe* é alinhado às ideias e à doutrina de desenvolvimento e civilização do Partido Liberal. João Brígido produzia um texto fluente e claro — expressão da sua formação humanística orientada por um notável professor de latim.²⁸ Já naquela época demonstrava preocupação com a documentação histórica quando publicava no jornal cratense “documentos e apontamentos sobre fatos do passado”.²⁹

— Suas características principais foram a combatividade — influenciado pelo jornalismo da época — e a versatilidade —, como nos lembra Geraldo Nobre.³⁰ No Crato, ele também era professor, “tarefa mortificante de lecionar meninos, duas vezes por dia, para manter-me imune da humilhação de fazer-me doutor à mercê de subscrições, ou subsídios dos cofres provinciais, como muito dos meus colegas de Liceu.”³¹ Em 1861, João Brígido é aprovado em concurso para professor do Liceu do Ceará, o centro de excelência educacional, inaugurado em outubro de 1845, que formou muitas gerações.

O Liceu do Ceará foi o grande propulsor na formação de jovens cearenses, centro de efervescência política e cultural.

João Brígido fundou o jornal *Unitário* em 1903, que, ao lado do *Jornal do Ceará*, fazia cerrada oposição à oligarquia Accioly. O criticismo de Brígido indicava um homem bem à frente do seu tempo.

— Nas evoluções da sociedade brasileira, o Ceará tem sido a vítima expiatória dos preconceitos, que no seu voo levam sempre da terra pedaços palpantes da verdade e da justiça; para cada esperança, aqui, houve sempre o malogro, para cada luta, a ignomínia da dispersão ou

da morte — , escreveu Brígido, em 1889.³²

Brígido tem textos memoráveis sobre o Ceará, a maioria publicados na Revista do Instituto do Ceará. Seu estilo é claro, objetivo e direto não obstante mesclado de pontuais opiniões. “Não era lícito ao Ceará ter comércio direto com Lisboa, enquanto demorasse na dependência da capitania geral de Pernambuco, à cuja jurisdição estava ligado”, escreveu na primeira frase do primeiro parágrafo de um extenso ensaio publicado na revista do Instituto do Ceará, em 1910. Uma objetividade cortante, algo pouco usual naquela conjuntura.

“O Ceará foi um dos estados onde o governo oligárquico se configurou com maior agressividade, até 1912, quando a reação popular se fez sentir. Para tanto, foi da maior importância o comportamento dos jornais, que desde 1890 se opuseram corajosamente à oligarquia e contenderam com a imprensa por esta montada a seu serviço.”³³

BARÃO DE STUDART, UM MINUCIOSO REPÓRTER

Em seu valioso *Para a História do Jornalismo Cearense — 1824-1924*,³⁴ Barão de Studart faz um inventário sobre cada um dos jornais surgidos naquele período demarcado. Fornecia informações como data e local de fundação, fundador, equipe e cargos ocupados, tipo de informação que publicava, formato — o tamanho físico de uma página do jornal — e, eventualmente, a quantidade de páginas. Em alguns casos informava o tempo de duração da publicação e historicizava fusões e a sucessão — um jornal morria, mas um outro ou mais surgia, seja pela dissidência do grupo anterior, seja pela necessidade de inovação.

O cuidado que o Barão teve em anotar, pesquisar e publicar foi fundamental sementeira na historiografia da imprensa no Ceará. Fez grandes achados nos acervos da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro e, como era hábito na época, publicava regularmente e em capítulos, como é o caso da cronologia enfeixada no seu livro de 1924 que, em grande parte já havia sido publicada anualmente na revista do

Instituto do Ceará — um ícone editorial publicado anualmente, sem interrupção desde 1887, o mesmo ano da fundação do Instituto. Desse modo, o pioneiro historiador e minucioso repórter produziu valiosa jazida explorada por seus sucessores na pesquisa histórica, dentre os quais se destaca, certamente, o não menos metódico e minucioso Geraldo da Silva Nobre.

O método de anotação adotado pelo Barão, aqui, é cronológico e se inicia em 1824, com o *Diário do Governo do Ceará*. “Foi Manoel de Carvalho Paes de Andrade [Um dos ideólogos da Confederação do Equador que, ao final, na iminência do massacre pelas tropas de Dom Pedro I, acabou fugindo] quem de Pernambuco remeteu o material tipográfico necessário à publicação. Isso mesmo diz o *Officio circular* estampado no primeiro número. O navio portador da tipografia foi a escuna de guerra Maria Zeferina. A remessa foi comunicada à Junta Provisória do Ceará por Paes de Andrade em ofício de 9 de março.

Já aqui, um dos operadores do transporte da nova tecnologia, o impressor Francisco José de Salles, revolucionário de 1824, fora recolhido à prisão e submetido a “sacrifícios e atribulações” devido às suas ideias separatistas alinhadas à chamada Confederação do Equador.

A equipe original de produção do pioneiro jornal era composta pelo próprio padre Mororó, o impressor Francisco José de Salles [cedido pelo governo de Pernambuco], os gráficos, compositores de tipos móveis Felipe José Fernandes Lana e Urbano Paz do Espírito Santo — mais tarde Urbano Paz Jerepemonga. Havia mais dois serventes. E estava feito o jornal.³⁵ Em suas quatro páginas, cada uma com 14 centímetros de largura e 20 centímetros de altura, impresso na Typografia Nacional do Ceará, nome que se dava às oficinas do jornal.

Barão de Studart com seu trabalho publicado em 1924 certamente foi a fonte primária de Nelson Werneck Sodré. O trabalho do incansável pesquisador cearense, à página 13, lê-se:

Ao *Diário do Governo do Ceará* precederam *A Gazeta do Rio de Janeiro* (1808), a *Idade d'Ouro do Brasil*, da Bahia (1811), *Aurora*

Pernambucana (1821), *Conciliador do Maranhão* (1821), *O Paraense* (1822), e a *Abelha de Itaculumy* (14 de janeiro de 1824).

Só três anos e meio (1º de outubro de 1827) depois de publicado o *Diário do Governo do Ceará* foi que no Rio de Janeiro surgiu o *Jornal do Comércio*, o mais importante representante da imprensa na América do Sul.

O *Farol Paulistano*, o primeiro jornal de São Paulo, é de 7 de fevereiro de 1827. Do mesmo ano é o *Diário de Porto Alegre*, o primeiro do Rio Grande do Sul.

O vetusto *O Estado de S. Paulo* somente seria lançado a 4 de janeiro de 1875 com o nome *A Província de São Paulo*. Os fundadores eram pro-República, liderados por Manoel Ferraz de Campos Salles e Américo Brasiliense. Viram na criação de um jornal diário de notícias um meio para combater a monarquia e a escravidão. O lema do novo jornal era: “fazer da sua independência o apanágio de sua força”.

Antes da chegada do primeiro jornal, os poucos leitores da cidade apelavam para remetentes de outros estados no sentido de lhe enviarem “folhas”. É isso que se lê na carta enviada por Manoel do Nascimento, de Fortaleza, para José Martiniano de Alencar, então no Rio de Janeiro:

“Aqui não correm folhas e bem vê a necessidade delas para um homem ajuizar o estado das coisas e, portanto, aquelas folhas que vir são úteis. Remeta-me para eu as ler e dar a ler aos amigos.”³⁶

O segundo jornal anotado pelo Barão de Studart é *O Cearense* (1825), seguido pelo *Diário Cearense*, *Gazeta Cearense*, *Diário do Conselho Geral da Província do Ceará*, os três de 1829. Em 1830, circula o *Semanário Constitucional* e o *Sentinella Constitucional*. A 25 de maio de 1831 circula *O Cearense Jacaúna*, dirigido por José Ferreira Lima Sucupira que, segundo João Brígido — citado pelo Barão de Studart — “escrevia mal e discernia pior”.³⁷ Também em 1831, a 10 de dezembro, a cidade de Aracati, a leste de Fortaleza, ganha seu primeiro jornal, *O Clarim da Liberdade*, com linguagem bastante “acre” e

uma original epígrafe no cabeçalho de primeira página:

*Constante denodado
No meu clarim cantarei
Ou pátria federada
Ou vida perderei.*

Pouco mais de três anos depois, quando o jornal deixava de circular, seus desafetos fizeram chacota, em verso:

*O clarim da liberdade
De cantar enrouqueceu;
Nem a pátria federou
Nem a vida se perdeu.*

Ao final do seu trabalho, com 228 páginas, Barão de Studart tem catalogados até 1924 nada menos que 1.435 publicações entre jornais e revistas, sendo a maioria jornais.

Ali, vê-se que José Martins Rodrigues já estreara na imprensa através do jornal *O Nordeste*, “de orientação genuinamente católica”.³⁸ Os principais redatores são Andrade Furtado — então secretário Estadual do Interior e da Justiça no governo do interventor Federal no Ceará, Menezes Pimentel, e editor do jornal — e José Martins Rodrigues. Uma bandeira recorrente do jornal *O Nordeste* era alertar o operariado para os riscos do comunismo, mostrado como uma ameaça à família e à sociedade. O jornal era administrado por A. Ildefonso de Araújo e foi lançado no dia 29 de junho de 1922, tendo redação e oficinas à rua Coronel Bezerril, 181, Centro de Fortaleza.

É possível também que o inspirador do título *O Estado* tenha sido o jornal *O Estado do Ceará*, lançado na segunda-feira, 21 de julho de 1890, de orientação acciolista. A 9 de abril de 1892 mudou de nome para *República* após fusão com o *Libertador*. A oligarquia do comen-

dador Antonio Pinto Nogueira Accioly teve no jornal *República* sucedâneo do jornal *O Estado do Ceará* — de José Acioly —, o seu fiel escudeiro “em seus vinte anos de existência (1892-1912), período que coincide com o domínio da política do estado pela oligarquia Accioly.”³⁹

O historiador Raimundo Girão lembra que,

Norteando a política republicana sem qualquer oposição, pois estavam os monarquistas relegados ao ostracismo, cindiu-se, todavia o Centro Republicano [uma frente única republicana no Ceará] organizando os divergentes à União Republicana — 19 de julho de 1890 — explicando as suas razões no *Manifesto ao Povo Cearense*, subscrito por Antonio Pinto Nogueira Accioly, Barão de Aquiraz, Manoel Ambrósio da Silveira Torres Portugal, Joaquim Bento de Souza Andrade, Virgílio Augusto de Moraes, Helvécio Monte, Joaquim Felício de Almeida e Castro e João Severiano Ribeiro. Em consequência, surgiu como jornal da União Republicana o *Estado do Ceará* aproveitando a tipografia da *Gazeta do Norte*. Administravam-no o farmacêutico João Francisco Fernando Sampaio e o doutor Francisco Fernandes Vieira.⁴⁰

Em seu antológico ensaio *O Jornalismo Político Cearense na República*,⁴¹ publicado originalmente no jornal *O Estado*, Raimundo Girão lembra que “a proclamação da República determinou, logicamente, a morte das velhas instituições e, com estas, a dos partidos de âmbito nacional — Liberal e o Conservador. E a descentralização político-administrativa, característica do nascente regime, ensejou o aparecimento de partidos regionais.”

A nova conjuntura é totalmente favorável à criação de novos jornais, verdadeiras tribunas partidárias e eleitorais.

O Ciclo iniciado em 1920 foi muito rico no surgimento de novos jornais no Ceará. Os jornais impressos em Fortaleza vivenciaram

grande renovação. Tanto é que “dos jornais que circulavam antes de 1920, somente o *Correio do Ceará* continuou a existir.”⁴²

A cidade de Jardim, no Cariri, onde João Brígido dos Santos foi professor o seu saber, seria berço, mais tarde, do nascimento de Venelouis Xavier Pereira, certamente o último dos moicanos — o último intrépido jornalista cearense de sua geração que via no jornal uma trincheira ortodoxa na defesa intransigente de sua fé, em uma visão única, inflamável e inflamada, eventualmente irascível. Todos os seus inspiradores na imprensa eram assim. Nunca os traiu. Nunca traiu Lacerda, nem Chatô, nem Wainer, nem Helio, e, muito menos João Brígido, ou mesmo Themístocles, ou Adísia. Cultuou a memória de José Martins Rodrigues, o homem maduro, sensato e conciliador mas admirava sobretudo o jovem polemista e o tribuno que, de punho cerrado sobre o peito, enfrentou o arbítrio.

Essa é a sua saga, contaminada pela força metafísica da imprensa escrita, tendo como veículo o jornal *O Estado*. O delegado de ferro era um homem movido pelo cheiro da tinta no papel-jornal sob o barulho cerrado das rotativas — a sua sinfonia cotidiana.

Sobre Venelouis, lembro a metáfora do filme de 1976 roteirizado pelo seu amigo Ezaclir Aragão e dirigido por Carlos Coimbra.

— Um homem de papel.

2. NASCE O JORNAL

Alinhado a Menezes Pimentel, de olho no (e)leitor

A primeira edição do jornal *O Estado* circulou em Fortaleza na tarde de uma quinta-feira, 24 de setembro de 1936. Era um calhamaço com seis cadernos, totalizando 48 páginas em formato *broadsheet*, muito maior que o formato *standard* de hoje. Estava acima do tamanho e da quantidade de páginas dos jornais locais da época. A tiragem de dois mil exemplares também era enorme. Em 1936, Fortaleza tinha uma população de 146.852 habitantes, de acordo com estimativa da época. Bem impresso em uma barulhenta máquina plana Alauzet-Express, usando nos títulos uma tipografia não serifa-da, limpa e condensada, chegava aos poucos pontos de venda em uma Fortaleza que orbitava em torno da Praça do Ferreira, o marco zero. O jornal estava sediado a poucos metros da Praça, na rua São Paulo.

— Que tenha vida longa —, murmura José Martins, folheando o primeiro exemplar recém-saído das oficinas, tinta ainda fresca. O barulho das folhas sendo manuseadas com um misto de avidez e delicadeza de um pai que contempla mais um filho infante. Estava em suas mãos algo que havia sido pensado e decidido por um pequeno núcleo duro assentado no pleno poder.

O Estado vinha alinhado politicamente ao governo do Ceará de

Menezes Pimentel que, com a eclosão da ditadura do Estado Novo (em novembro de 1937) continuou no comando do governo, agora como interventor. Os jornais todos partidarizados e claramente alinhados com grupos políticos, governos, sindicatos, defendiam às claras suas bandeiras, ideias, preconceitos — tudo na mais explícita transparência. José Martins Rodrigues, um eminente advogado, político e jornalista era um dos homens mais influentes junto ao governador. Amigos desde os bancos universitários da Faculdade de Direito do Ceará. O jornal vinha reforçar a influência da Liga Eleitoral Católica — LEC e fazia não somente política, propagava os valores cristãos da Igreja, a consolidação da família tradicional, respeito às leis e à propriedade, respeito a Deus e à Igreja e repúdio à “ameaça” conjuntural emanada do exterior e que se espraiava como rastilho de pólvora pelo Brasil, o comunismo.

Nas reuniões de planejamento, houve a decisão por série de seções e colunas que ampliariam o leque de interesse do jornal. Decidiu-se por seções voltadas para a família, para a mulher e para a criança. Aqui introduziu-se o “como fazer”, dando dicas, passo a passo, para dona de casa. Receitas de gastronomia também eram publicadas, com dosagens, medidas e tempo de cozimento. O ponto alto era a seção semanal em uma página, às vezes duas, o *Jornal dos nossos filhos*, cheio de informações e joguinhos para as crianças, algo totalmente inédito na imprensa do Ceará.

O rádio, meio eletrônico imperioso naquele cenário, conexão direta com o mundo, ganhou uma densa coluna diária. O setor agropecuário ganhou uma seção semanal de página inteira, o *Jornal do Campo*, uma inovação à época. Assessoria jurídica também apareceu no jornal, e não poderia ser diferente, dada a reputação de Martins Rodrigues como advogado. O menu do jornal era extenso, embora o foco central fossem as coisas da Igreja e do Governo.

Júlio Rodrigues, principal financiador do jornal, comentava entre crédulo e preocupado:

— Isso é uma aventura. Existem enormes riscos inerentes à funda-

ção de um jornal independente como *O Estado*.

No entanto, assumiu a direção comercial do jornal e com seu tino de homem de negócios assegurou a sustentabilidade. Mesmo alinhado ao Governo, o jornal se propunha independente na exposição das justas ideias de seus colaboradores e redatores.

Júlio tinha suas reservas financeiras, era diretor de importante cooperativa que depois virou o Banco de Crédito Comercial S.A., em 1943. O Ceará não tinha grandes empresários, existiam apenas algumas fortunas que não se interessavam pela área da Comunicação. Famílias tradicionais, como Philomeno Gomes, Gentil não tinham interesse. Se bem que o banqueiro Antônio Gentil foi um dos fundadores do PSD e mais à frente teve uma pequena e rápida participação acionária no jornal. Elegeu-se deputado federal, um bom deputado, caladão, não tinha grandes projetos, mas era muito sério em suas posições.

Roberto Martins Rodrigues,¹ filho de José Martins Rodrigues, que ao lado do irmão, Júlio Rodrigues, se lançou no novo empreendimento, observa que rapidamente o jornal ganhou uma dimensão que mesmo hoje em dia, ainda seria extraordinária.

— *O Estado* circulava com mais de quarenta páginas aos domingos, três suplementos. Vinha com um suplemento de política internacional que tratava da área econômica e mais dois suplementos: *Jornal do Lar*, escrito pelas professoras da Cidade da Criança, que era uma escola de alfabetização infantil revolucionária em 1938 e o *Jornal dos Nossos Filhos*, suplemento dedicado à criança.

José Martins Rodrigues, a rigor, sempre foi jornalista. Desde jovem atuou como revisor, trabalhou em oficina de jornal na fase inicial do *Correio do Ceará*, bem anterior aos Diários Associados. Resolveu fundar o jornal após a sua inserção nas campanhas da Liga Eleitoral Católica (LEC) ao lado de Edgar Cavalcante de Arruda. Em 1950, estariam em campos opostos. Edgar na UDN, disputaria o governo do Ceará tendo como oponente Raul Barbosa, PSD — coligado com o Partido Social Progressista e o Partido Republicano. Em 1935, a LEC elegeu

o ex-presidente do Círculo Católico de Fortaleza, Menezes Pimentel, governador do Ceará em eleição indireta, na Assembleia Legislativa, com vantagem de um voto. Edgar de Arruda e Waldemar Falcão foram escolhidos para o senado federal.

O jornal *O Estado* nasceu da necessidade de dar o suporte à Liga Eleitoral Católica e defender as suas bandeiras.² No plano nacional tinha como importante aliado doutrinário Dom Hélder Câmara.

De um modo geral, os jornais tinham alinhamentos políticos explícitos e defendiam bandeiras claras, enveredavam pelo discurso partidário e não se furtavam em exercitar o panfletarismo com a carga emocional necessária ao calor do momento, em muitos casos rasgando as regras do convívio social.

— Órgão do Partido Republicano Progressista.

Era assim, naturalmente, como era comum naqueles anos e bem antes, que *O Estado* se anunciava, no cabeçalho de primeira página, logo abaixo do vistoso logotipo, em tipografia Bauhaus, e com sutil inspiração na estética do filme *Metrópolis*, de 1927, dirigido pelo austríaco Fritz Lang, um expoente do expressionismo alemão. Do mesmo modo, outros jornais foram criados para defender suas bandeiras ou fazer campanhas eleitorais para candidatos a cargos no Executivo e no Legislativo.

Essa tradição de alinhamento às claras dos jornais perdurou até 1964, quando a imprensa, em massa, apoiou o movimento que implantou a ditadura militar no Brasil. No dia seguinte, com a mudança das regras pactuadas rumo às eleições de 1966 e o acirramento da repressão e da supressão dos direitos civis, alguns jornais começaram a fazer oposição ao regime. No ciclo da oligarquia Accioly, o governo tinha os seus jornais para enfrentar a oposição medonha do *Unitário* e do *Jornal do Ceará*.

Só para termos uma ideia do partidarismo como motor de muitos jornais naquele período, um recorrente contraponto ao jornal *O Estado*, principalmente nos anos 1950, o jornal *O Povo*, por exemplo, “nas-

ceu para apoiar a Revolução de 1930”.³ E continua: “Depois, o jornal se engajou politicamente ao PSD, que era o antigo Partido Social Democrata, contra a Liga Eleitoral Católica, que era presidida pelo Andrade Furtado [...] do jornal *O Nordeste*”, lembra Joracos, pseudônimo de José Raymundo Costa, que dedicou toda sua vida como gestor do jornal *O Povo*, numa delegação direta de Paulo Sarasate.

Político em tempo integral, Sarasate foi assediado por gregos e troianos para voltar ao Governo do Ceará. Era junho de 1962 quando o “deputado Paulo Sarasate recusou, peremptoriamente, sucessivos convites para ser candidato a governador do Ceará”.⁴ Os apelos vieram do PSD, da ala comandada por José Martins Rodrigues, do PTB, da ala de Carlos Jereissati, e da UDN. A última cartada foi tentada pelo ministro Virgílio Távora, durante um almoço no Rio de Janeiro. Não teve jeito. Sarasate recusou lançar-se candidato.⁵

O mais influente meio impresso da época, a revista *O Cruzeiro*, tinha na cobertura política um dos seus carros chefes e abrigou grandes reportagens e entrevistas com políticos cearenses. A escritora cearense Rachel de Queiroz era a latifundiária da palavra em suas saborosas crônicas da *Última Página* — a seção que encerrava a revista, literalmente, na última página. E os políticos cearenses, influentes no plano nacional, frequentavam as colunas políticas da revista. Em suas apreciadas e disputadas seções com pequenas notas políticas, revelava os bastidores da política nacional como esta que dava uma alfinetada em Armando Falcão, ao revelar uma informação que só poderia ter como fonte alguém ligado a Sarasate, ou o próprio Sarasate:

O Sr. Paulo Sarasate quando se candidatou ao governo do Ceará recusou-se a aceitar também sua candidatura a deputado. O Sr. Armando Falcão saiu candidato também à Câmara por não querer, em hipótese da derrota, cortar sua carreira política. Compreendendo a situação, o Sr. Sarasate assegurou ao seu concorrente que, no decorrer da campanha, não exploraria a circunstância em

desfavor do seu competidor.⁶

Sarasate, candidato da UDN ao governo do Ceará, “concorre como favorito em virtude de sua enorme popularidade em Fortaleza”, celebra a revista *O Cruzeiro* — “no Ceará é a capital que decide a eleição”. A reportagem *Sarasate favorito no Ceará* dava o perfil do moço:

Ele conta 44 anos de idade, é magro, de estatura mediana, de voz aguda, irritadiço nos debates, cordial no resto, usa óculos e impôs-se na Câmara como um dos Deputados mais eficientes que já passaram pelo Palácio.

[...] O nome Sarasate não é nome de família, mas lhe foi dado pelo pai em homenagem ao compositor italiano. O pai do futuro governador cearense chamava-se Henrique Jorge e era maestro, diretor da Escola de Música Alberto Nepomuceno. Chamava-se por completo Paulo Sarasate Ferreira Lopes e apesar das leis da hereditariedade e do signo invocado pelo pai, não deu para a música. Ingressou, em compensação, no jornalismo e formou-se em Direito. Como jornalista, em *O Povo* desde a fundação, foi um dos principais colaboradores de Demócrito Rocha, de quem se tornaria genro e continuador.⁷

“Paulo Sarasate, escritor que a política tenta absorver mais em batalha perdida: jornalista e homem de letras está nele sempre a esperar por cima do ombro”, comenta Rachel de Queiroz, sobre o sucessor de Demócrito Rocha no jornal *O Povo*. Sarasate conciliou política e jornalismo. Ele iniciou o ciclo de transição do jornal *O Povo* para a fase empresarial atual. “São sempre benéficos ao regime os empreendimentos jornalísticos que visam trazer a opinião pública em colaboração mais estreita com os políticos, nas soluções dos problemas nacionais”, defendia.⁸

— Inteligentíssimo, ruidoso, trabalhador, quase menino ainda fa-

zendo jornalismo como profissão, da qual só se dividiu mais tarde com a política. Paulo era no jornal o alter-ego de Demócrito: e eles dois, mais Adalgisa Cordeiro na gerência e Seu Louro nas oficinas, compunham todo o *staff* do valente vespertino.⁹

Paulo Sarasate, então ex-governador do Ceará, foi o deputado federal com a maior votação na região Nordeste. Obteve mais de 43 mil votos, em 1962.

Até o final dos anos 1950, os jornais *O Povo* e *O Estado* assumiam, em suas linhas editoriais, posições claramente adversas, como lembra J. Ciro Saraiva.¹⁰ O que era muito natural. Os jornais eram tribunas doutrinárias e funcionavam como trincheiras avançadas dos partidos. O partido sem jornal estava em solene desvantagem no embate das ideias. O udenista *O Povo* era dirigido pelos irmãos Ferreira Lopes — Sarasate e João Jacques. O pessedista *O Estado* era dirigido, em uma de suas mais efervescentes fases, por Walter de Sá Cavalcante e Hermenegildo Sá Cavalcante. “Nas campanhas eleitorais e até mesmo durante os períodos de governos, essa situação ganhava contornos mais precisos”.¹¹ Durante décadas PSD e UDN se revezaram no Governo do Ceará e chegaram mesmo a compartilhar fases do poder, como na União pelo Ceará. Em dezembro de 1961, Martins Rodrigues já conversava com o então ministro Virgílio Távora, visando a uma composição no Ceará, agora facilitada pelo apoio das correntes cearenses à presença de VT no governo parlamentarista de João Goulart, onde fora nomeado ministro da Viação e Obras Públicas, por indicação da UDN.

O PSD do Ceará tinha um bom conjunto de líderes nacionais, atuantes e fortes, prontos para uma disputa eleitoral em 1962. “PSD no Ceará pode apresentar os nomes Menezes Pimentel, Armando Falcão e Martins Rodrigues para uma luta de igual para igual com a oposição fortemente chefiada por Virgílio Távora”.¹²

Ministro da Justiça e Negócios Interiores no governo provisório, de “transição” de Ranieri Mazzilli, de 27 de agosto a 8 de setembro de

1961, Martins Rodrigues, se viu no olho de uma crise decorrente da renúncia de Jânio Quadros e a posse do vice João Goulart. Quando Jânio renunciou, movido pelas suas “forças ocultas”, ainda hoje ocultas, na tarde de 25 de agosto de 1961, o vice-presidente João Goulart estava em visita oficial à China. Instalou-se uma crise de legalidade, considerando que muitos militares — general Odílio Denys (Exército), brigadeiro Gabriel Grün Moss (Aeronáutica) e almirante Sílvio Heck (Marinha) — não queriam a posse do potencial “comunista” Jango como presidente.

— O presidente da República não se sente no momento em condições de manter as garantias que havia assegurado para a chegada do sr. João Goulart ao aeroporto de Brasília —, foi o que o ministro da Justiça, Martins Rodrigues, informou ao Congresso — que estava em sessão permanente ante o impasse —, às 2h30min desta madrugada.¹³

O Estado fez oposição cerrada ao governo Faustino de Albuquerque — que exerceu mandato de 1º de março de 1947 a 31 de janeiro de 1951. “Até o último dia de seu governo, Faustino teve que enfrentar a má vontade do jornal pessedista *O Estado* para com seu governo. Diariamente era publicado pelo matutino um pequeno quadro, na primeira página, onde se liam as palavras bíblicas que Belsazar não conseguira traduzir: “*Mane, Thecel, Phares*” (Daniel 5:24-28) — “Contado, pesado e dividido” — seguindo-se a inscrição: “Faltam tantos dias para terminar o governo Faustino que infelicita o Ceará”.¹⁴

Quando Faustino deixou o Governo, sucedido pelo pessedista Raul Barbosa, foi a vez do jornal *O Povo* assumir publicamente sua postura de oposição, em editorial de primeira página, publicado no dia da posse do novo governador, 31 de janeiro de 1951. Raul Barbosa estava marcado:

“*O Povo* será, a partir de hoje, um órgão oposicionista, pois a oposição é necessária e indispensável. Mas pretendemos cingir nosso oposicionismo a uma linha de comportamento que, longe de pre-

judicar o Governo, possa contribuir, ao contrário, para ajudá-lo em sua obra administrativa.”¹⁵

O Estado, O Nordeste e o Correio do Ceará eram os três jornais que formaram o tripé de mídia impressa imaginado pelo poderoso Dom Manoel da Silva Gomes — o primeiro arcebispo de Fortaleza, onde reinou de 10 de novembro de 1915 a 24 de maio de 1941 — o mesmo Dom Manoel que fora o terceiro Bispo do Ceará, a partir de 1912. A Igreja queria “formar, informar” e criar bloqueios contra o iminente avanço do comunismo, implementando uma massiva política de comunicação que se espraiava na periferia a partir dos Círculos Operários e, ainda, para uma rede de cinemas nos bairros. “O cinema é um livro que fala”, disse certa vez Dom Manoel, driblando nessa estratégia, o agravado problema do analfabetismo.

A Igreja, o Estado e os Partidos Políticos criaram seus próprios jornais como estratégia de comunicação mas, principalmente, de propaganda de suas ideias, de ampliação do raio de influência, e também como estabilizadores de prestígio, como canais de politização e, em muitos casos, de autodefesa — os jornais também blindavam e defendiam. Qualquer análise que demonize essa relação, criando dicotomias entre o “bem” e o “mal” incorrerá no erro do maniqueísmo e do preconceito; perda total da perspectiva histórica, considerando que a natureza dos jornais era deliberadamente alinhada ao seu grupo controlador. Os jornais só tinham razão de ser se fossem canais de comunicação dessas esferas de poder e isso era feito com denodo e, eventualmente, com ira.

Com o fim do Estado Novo, em 1945, — e a fundação de partidos nacionais e não mais regionais, como antes — a redemocratização criou no Ceará uma dicotomia bem interessante, oposta no plano político partidário, mas nunca dissidente no plano social. Paulo Sarasate conduziu a União Democrática Nacional, a UDN, e José Martins Rodrigues foi um dos líderes do Partido Social Democrata, o PSD, que

subsistiram como partidos até a dissolução, em 1964, em decorrência do Golpe que implantou a ditadura. Sarasate tinha a sua trincheira, o jornal *O Povo* e os pessedistas sucessores de José Martins Rodrigues e Menezes Pimentel, faziam do jornal *O Estado* o seu porto seguro na defesa das ideias e no ataque aos seus detratores.

No dia 7 de abril de 1945 é fundada no Brasil a União Democrática Nacional, UDN, que alinhava políticos de oposição à ditadura Vargas. E o Partido Social Democrático, PSD, nacional, é fundado no dia 17 de julho de 1945, liderado por ex-interventores estaduais ligados a Getúlio Vargas, defendendo um Estado forte na economia e as leis trabalhistas.

Os jornais eram uma extensão do palanque político e não se pode falar aqui de uma “grande imprensa”, considerando que a maioria deles eram deficitários e não eram geridos como empresa. Os jornais eram porta-vozes e defendiam bandeiras claras. A profissionalização só começa a ganhar forma com o surgimento dos Diários Associados, de Assis Chateaubriand. “O jornal só deixou de ser um jornal político quando o Sarasate morreu [...] Todo dia tinha uma notícia do Paulo Sarasate. Ele era muito vaidoso”.¹⁶ Do mesmo modo, o jornal *O Estado* somente assimila e implanta a doutrina da objetividade bem mais adiante, a partir de 1996, com a morte de Venelouis Xavier Pereira.

Com o PSD há uma dialetização do grupo de José Martins Rodrigues na política nacional. O partido assume posturas mais progressistas — e, mesmo no espectro conservador — fica à esquerda da UDN até desaguar, por vias tortas e traumáticas, no MDB da dicotomia criada pela ditadura militar com a arrefecimento da tese de eleições em 1966.

A partir de 1933 foram criadas as condições objetivas para a fundação, em 1936, do Instituto Nacional de Estatística — INE, iniciando a moderna fase censitária no Brasil sob a influência do demógrafo italiano Giorgio Mortara. O Ministro da Agricultura, Juarez Távora, em

1933, reclamava da ausência de estatísticas e sem essas era impossível realizar um planejamento com o mínimo de consistência. Seu engajamento na defesa da necessidade de implantação de centro de estatísticas foi essencial para dirimir oposição à ideia dentro do governo provisório. Somente a partir de 1936, o Brasil passa a ter dados estatísticos minimamente confiáveis e, em 1937 é realizado o primeiro censo sob a gestão daquele que viria a ser, em 1938, já sob a ditadura do Estado Novo, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — IBGE — a partir do INE.¹⁷

Em 1937, o contingente estudantil do Ceará, então com 77 municípios, totalizava 66.931 alunos regularmente matriculados no então chamado “ensino fundamental comum” que incluía alunos com “menos de 8 anos” até os alunos com “mais de 11 anos”.¹⁸

Na economia, o Brasil em “1937 foi caracterizado por deterioração do saldo da balança comercial, resultado do expressivo crescimento das importações — mais de 42% em relação a 1936 — enquanto as exportações cresciam em torno de 8%. A crise nos EUA [...] gerou uma queda de 15% do valor das exportações e interrompeu a recuperação espetacular que vinha ocorrendo desde 1932 e, em especial o boom de 1936, quando a economia cresceu mais de 12%. Em 1937 e 1938 o crescimento do PIB caiu para a casa dos 4% e a partir de 1939 começou um período difícil até 1942, com a economia crescendo em média 0,9% ao ano.”¹⁹

No Ceará, a atividade econômica tinha forte sustentação na indústria têxtil, que acaba sendo prejudicada por uma estratégia de desenvolvimento implementada a partir dos anos 1930, que acaba privilegiando o Sul e o Sudeste. “De 12 fábricas existentes em 1930, somente quatro atravessaram o decênio de forma invicta.”²⁰ O país estava em transe com muita contrainformação e uma imprensa essencialmente panfletária, isto é, militante e alinhada à sua missão de combate retórico e de catequese doutrinária.

Outras atividades econômicas relevantes no Ceará, no item indústrias extrativas, anotadas pelo Anuário Estatístico, eram a produção

de cera de carnaúba (2.504.550 quilos, em 1935), semente de oiticica, óleo de oiticica, madeiras, fibras, e, bem menos, óleo de caroço de algodão e óleo de babaçu. Na produção agrícola, o item mais competitivo era o algodão com 357.000 hectares cultivados contra 67.000 da Bahia e 200.000 hectares de Pernambuco.²¹ O estado do Ceará, com suas 85.989 cabeças de gado, tentava ganhar competitividade na pecuária. Tinha um rebanho bovino três vezes maior que o de Goiás, por exemplo, e a metade do rebanho de Minas Gerais. A malha ferroviária, implementada pela Rede de Viação Cearense, ligava Fortaleza a Crato, no sul do Ceará, em uma extensão de 599 quilômetros. A estrada de ferro de Sobral tinha 394 quilômetros. Ao todo eram 1.240 quilômetros de ferrovias no Ceará, a maioria interligada. Isso fazia dos profissionais ferroviários uma categoria de enorme peso trabalhista e sindical, com capacidade de parar a atividade econômica. Existiam, à época, cinco portos em plena atividade, o de Camocim, o de Aracati e o de Fortaleza, o de Acaraú e o de Chaval. A navegação de longo curso e cabotagem era controlada principalmente pela Companhia de Navegação Lloyd Brasileiro e pela Companhia Comércio e Navegação. Eles ajudavam no ir e vir em longas viagens de norte a sul do Brasil, pela costa nacional.

O Brasil vivia nos Anos de Incerteza (1930-1937) que culminaria com o auto-golpe de Getúlio Vargas, o Estado Novo (1937-1945), e muitas ameaças internas e externas quando setores da sociedade civil se engalinhavam em acirradas correlações de forças, impasses, conflitos, rupturas, segregações e embates de classe que cristalizavam a dicotomia burguesia e proletariado.

A ameaça dos comunistas aliados a dissidentes do governo Vargas, sucessivos levantes e insurreições criaram um cenário para “a prisão de diversas lideranças comunistas”.²² A gota d’água foi “a apreensão de documentos em seu poder que forneceram a justificativa para a decretação, em março de 1936, do estado de guerra, que vigoraria até meados de 1937”²³ e que dava ao “governo poderes de repressão quase ilimitados.”²⁴ A medida, aprovada pelo “Congresso, diferentemente do estado de sítio, tornava vulneráveis

até mesmo os parlamentares.”²⁵

Bonavides, em sua percuciente análise daquela conjuntura, lembra que “as forças políticas situacionistas [...] elegeram presidente da República, por via indireta, o ex-ditador e chefe revolucionário do movimento de outubro de 30, um homem cujo apetite pelo poder o levou [...] a desferir o golpe de Estado de 10 de novembro de 1937.”²⁶ Bonavides nos mostra que,

O novo interregno republicano de normalidade constitucional ocorreu tão somente na aparência, sobretudo a partir de novembro de 1935, quando rebentaram as quarteladas comunistas do Rio de Janeiro, Natal e Recife, cuja eclosão sobressaltou o país e intimidou as camadas sociais do coronelismo rural e da burguesia urbana ascendente.

A repressão feita, cifrada na Lei de Segurança, no estado de guerra e no Tribunal de Segurança Nacional e nas pressões sobre as duas Casas do Congresso, processando deputados e senadores e expurgando das fileiras militares e civis da sociedade personalidades suspeitas ao regime, vaticinava já o desfecho trágico do golpe de 1937. Este se consumou às vésperas da eleição presidencial direta em que concorriam ao poder as candidaturas de José Américo de Almeida e Armando Sales de Oliveira, o primeiro candidato do Governo, o segundo da Oposição, ambos porém vítimas do braço golpista que inaugurou no país a ditadura do Estado Novo.

À frente desta, Vargas governou o Brasil sem dar sequer execução à própria Carta que outorgou a célebre “polaca” de autoria do jurista mineiro Francisco Campos.²⁷

No plano externo, eclode a Segunda Guerra Mundial, em 1939, com inevitável participação do Brasil e a polêmica relação de Getúlio Vargas com os nazistas que tem, entre outros fatos marcantes, a entrega de Olga Benário, em 1936, à polícia nazista de Hitler. Essa convergência de Vargas fez com que Washington agisse rapidamente

te, com uma política de investimentos para o Brasil, a fim de conter a ascendente influência alemã nesta parte dos trópicos. A edição de 12 agosto de 1940 da revista semanal *Time* estampou em sua capa a foto de Getúlio Vargas, tendo como gancho reunião de cúpula para tratar de interesses estratégicos do continente americano, tais como segurança e desenvolvimento. A referência a Getúlio é sempre como “ditador-presidente”, mas a matéria é positiva ao getulismo no sentido de enfatizar o interesse do Brasil em ser o “melhor amigo” dos Estados Unidos. “Getúlio gosta de pensar em si mesmo como uma versão sul-americana de Franklin D. Roosevelt. Uma espécie de coroamento da consolidação das relações bilaterais.”²⁸

A República em estado de acomodação, na busca de um norte, vivia sob o Código dos Interventores, como era chamado o Decreto nº 20.348, de agosto de 1931, “por meio do qual o presidente Getúlio Vargas regulamentou o controle a ser por ele exercido sobre as interventorias federais nos estados”.²⁹

A nomeação de interventores foi foco de muito conflitos, principalmente porque os “preteridos, os membros das tradicionais forças políticas locais logo entravam em conflito com as novas autoridades, e desse modo se criavam focos permanentes de crise política” de um lado e, de outro, “surgiam denúncias de abuso de poder por parte dos interventores, cuja ação com frequência extrapolava o âmbito estadual e influenciava os rumos da própria política nacional.”³⁰

O Código dos Interventores [...] procurava exatamente evitar uma concentração excessiva de poderes nas mãos de alguns governantes estaduais. Entre outras coisas, proibia os estados de contrair empréstimos sem a prévia autorização do governo federal e restringia os recursos que cada estado poderia destinar às suas forças policiais, impedindo-as de rivalizar com o Exército Nacional. Tratava-se, em suma, de um instrumento de centralização do poder.³¹

A imprensa cumpria um papel relevante na divulgação primeira

de suas ideias — toda ela era partidária, corporativa e, sempre que necessário, e a necessidade era cotidiana, panfletária — na defesa de teses, doutrinas e, no varejo, as bandeiras que moviam o cotidiano.

E o jornal *O Estado* foi recebido em festa, principalmente porque a massuda e informativa primeira edição mostrava um respaldo comercial consistente, com sucessivas páginas de anúncios e a forte presença de informações “oficiais” das ações do Governo Menezes Pimentel.

Uma das seções mais alentadas já nesta primeira edição era o *Jornal do Campo* com reportagens como “Porque e como deve ser cultivado o algodoeiro”. Seções como *Rádio Jornal* comentavam reportagens e temas trazidos à tona pelo rádio, o veículo de internacionalização da época. “Até há pouco tempo, no ocaso do Século XIX, vivíamos quase alheios ao que se passava pelo mundo afora. É que as notícias mais importantes, mais interessantes, algo retardadas, nos chegavam apenas através das informações telegráficas dos jornais e, assim mesmo, falhas, lacônicas, obscuras”. A seção inaugural saudava o advento do rádio de modo copioso, aplaudindo sua radical intervenção na vida das pessoas de modo a tirá-las da aldeia e inseri-las no mundo “basta, para isso, que qualquer pessoa, movimentando o dial do seu aparelho, sintonize-o convenientemente.”

Na seção *Vida Religiosa*, capa do Caderno 5, um alinhamento explícito, impresso no jornal, informava que aquela seção estava em acordo com os itens 31 e 32 do programa do Partido Republicano Progressista, a saber: “Contribuir para a ampla aplicação dos princípios referentes às reivindicações religiosas, insertos na Constituição Federal em vigor. Não permitir a inclusão, em lei ordinária ou reforma constitucional da União ou do Estado, de qualquer dispositivo que contrarie os princípios a que se refere o item anterior, mantendo, assim, as mesmas bases do Pacto Federal, no que se referem à ordem social, pedagógica e familiar.”

Compondo a seção, um detalhado texto explicava a “Ação Católica Brasileira” e sua organização no Ceará. Vejamos:

Nos moldes preconizados pelo atual Pontífice Pio XI, acha-se definitivamente organizada a Ação Católica Brasileira para a qual o santo Padre, como Chefe Supremo da Hierarquia, é representado pelo Conselho Episcopal Nacional, a que preside Sua Eminência o cardeal Dom Sebastião Leme, arcebispo do Rio de Janeiro. O chefe nacional do laicato católico, no Brasil, é o dr. Alceu de Amoroso Lima.

Como parte dessa organização, foi instalada, em Fortaleza, a Junta Diocesana da Ação Católica Brasileira, que tem como assistente eclesiástico monsenhor João Alfredo Furtado, vigário geral do Arcebispado, sendo a sua diretoria constituída de um presidente, o dr. M. A. de Andrade Furtado; um secretário, o sr. Ananias Frota Vasconcelos; e um tesoureiro, o sr. Luís Sucupira.

Como iniciativa preparatória, de acordo, aliás, com a orientação da carta que a esse respeito enviou Pio XI ao cardeal Dom Leme, instituíram-se, nesta capital, cursos da Ação Católica, para ambos os sexos, a cargo do jornalista Luís Sucupira. Não podia ser mais feliz a escolha para esse alto magistério: homem de fé e homem de imprensa; modesto e culto; orientado por uma vida interior fecunda e esclarecida, Luís Sucupira tem granjeado para a Ação Católica, no Ceará, a simpatia de quantos o ouvem e nele verificam, além do *dicendi peritus*, o *vir probus* que vive o que prega.

Uma inovadora seção *Vida Administrativa* tratava da carreira funcional do servidor público, de atos administrativos, direitos e deveres, ocupava a página 42 daquela edição. Na seção, atos administrativos do governador Menezes Pimentel, como este que cassa um contrato para a construção do Porto de Fortaleza, com base no edital de licitação:

O doutor Francisco de Menezes Pimentel, governador do Estado do Ceará, no uso de suas atribuições legais, e

Considerando que, por despacho de 28 de março de 1936, o Governo do Estado, julgando a concorrência aberta para a construção do Porto de Fortaleza, e tendo em vista o parecer da maioria da Comissão Julgadora, aceitou a proposta apresentada pela firma Christiani & Nielsen, do Rio de Janeiro, para fazer a mesma construção no prazo de trinta meses e pela importância global de dezesseis mil oitocentos setenta e nove contos e quatrocentos mil réis (16.879:400\$000):

Considerando, porém, que, notificada a comparecer no prazo de cinco dias para assinar o contrato de execução das obras, a concorrente vencedora se recusou a fazê-lo, conforme documentos de 3 e 29 de julho de 1936, pleiteando a majoração daquele preço, sob o fundamento de diferenças, resultantes das alterações cambiais, entre o preço da época da proposta e os que poderiam ser agora, importados os materiais de origem estrangeira, a serem empregados na construção;

Considerando que, assim agindo, a firma Christiani & Nielsen incidiu na sanção prevista no § 1º da cláusula V do edital de concorrência, publicado no «Diário Oficial» n. 168, de 8 de maio de 1934, onde se prescreve que perderá a caução a que se refere o item a da cláusula I, o proponente classificado em primeiro lugar que se recusar a assinar o contrato no prazo para isso estipulado.

RESOLVE, por esses fundamentos, aplicar à firma Christiani & Nielsen a pena de perda da caução de cento e cinquenta contos de réis, que depositou na Caixa Econômica do Distrito Federal, nos termos da alínea a da cláusula I do edital de concorrência, mandando, como manda, que se incorpore à receita do Estado, como renda eventual, a importância da mencionada caução.

O Sr. Secretário dos Negócios da Fazenda tome as providências necessárias à execução do presente despacho.

Palácio do Governo do Estado, em 17 de setembro de 1936.

DR. F. DE MENEZES PIMENTEL

JOSÉ MARTINS RODRIGUES

José Martins Rodrigues ocupava à época, 1936, a Secretaria de Negócios da Fazenda e chegou a assumir a chefia do Executivo cearense incontáveis vezes.³²

O Estado estampava em sua edição inaugural alentada matéria de mais de uma página, sob o título “As realizações do atual Governo do Estado, por intermédio da Diretoria de Viação e Obras Públicas” onde se elencava uma série de obras, principalmente estradas de rodagem — como Fortaleza-Cascavel e Fortaleza-Guaiúba, Barbalha-Brejinho, Santos Dumont-Mulungu — e pequenos açudes.

Outra robusta seção era *A Tribuna do Povo* tratando de problemas urgentes da cidade. “Ninguém, sr. Redator, poderá por em dúvida o magnífico surto de progresso que experimenta, atualmente, nossa capital”, exalava um carta enviada à redação por anônimo “amigo da cidade”. E continua ele: “Igualmente, não há quem possa encobrir as falhas, as deficiências nalguns dos nossos costumes que contrastam, gritantemente, com o desenvolvimento de nossas urbes”. Na sequência, o missivista elencava uma série de problemas urgentes: “Fortaleza com cerca de 200 mil habitantes não possui um só serviço sanitário destinado à população”. Não se tratava de saneamento, coisa que entraria em pauta em um futuro distante. Referia-se aos mictórios públicos, e assertava: “O único mictório público que existe na cidade, destinado a homens, é de propriedade particular. É o do bar «Majestic». Que é que acontece com isso? Um aparelho sanitário que apenas deveria ser utilizado pela freguesia do bar é visitado por toda a população que transita na Praça do Ferreira, ficando, deste modo, sacrificados os interesses do proprietário daquela e as exigências da higiene”. E arrematava: “Solicite, pois, o vosso jornal à Prefeitura não mais retardar esse inadiável serviço público”.

E seguia elencando um corolário de chagas urbanas como, por exemplo, a ausência total das “mais elementares exigências de higiene” nos restaurantes da Praça do Ferreira, o centro de referência de civilidade.

Outra questão de “civilidade” é atestada pelo atento missivista e

mais um apelo faz, agora, à Polícia. No dia de estreia de mais um filme de série no Cine Teatro «Majestic». “Sabe a polícia o que é que acontece? Os salões de todas as localidades literalmente ocupados. Todas as famílias acorrem nesse dia ao popular cinema e verificam naturalmente um espetáculo desolador. A falta de educação da gente das torrinhãs não tem limites. Algazarra infernal, pateadas intempestivas, despropositadas, ditos imorais e, o que é pior, cusparadas nos que se localizam.”

Desolado, emenda: “Isso é uma ligeira ideia do que se passa no «Majestic».

A seção *O Direito e o Foro* informava sobre a jurisprudência da legítima defesa. “O agredido pode praticar todo mal que for indispensável para fazer cessar a agressão; só desaparecendo a proporção quando praticar mal maior do que era necessário”, ensina a seção.

Outra seção importante nesta fase inaugural do jornal *O Estado* era o *Jornal do Lar* que publicava receitas culinárias, dava regras de “bom tom” e falava sobre moda. “É mister lembrar sempre que a extensão da mesa deve ser proporcionada no número de convidados, de maneira que cada pessoa possa dispor pelo menos de 70 centímetros de espaço”, ensinava a seção, numa regra que deve ser universal ainda hoje.

Ainda neste item temos recomendações como “muito conveniente é não ser a toalha colocada sobre a mesa, mas ser intercalada por um forro de lã ou encerado, que terá a dupla vantagem de amortecer o ruído da louça e evitar que se estrague o verniz do móvel.”

Bem à frente do seu tempo, a seção *Jornal do Lar* de *O Estado* tinha como público-alvo a mulher daquela segunda metade dos anos 1930. E olha o que vemos aqui, na sub-seção *Moda*:

A mulher, hoje em dia, procura, em tudo, competir com o homem.

Assim é que, em nosso país, já conseguiu ela o direito do voto e pode aspirar às mais elevadas posições.

Em tudo está dominando: na sociedade, nas letras, nas artes...

É, porém, escrava da moda; esta senhora curva, reverente, a sua cabeça, satisfazendo-lhe todos os caprichos.

Como mulher que é, a moda governa, democraticamente, sempre a auscultar a opinião dos seus súditos.

A Arquidiocese de Fortaleza era um dos polos de poder mais influentes e exerceu sua influência estimulando e fundando jornais alinhados com sua doutrina. A doutrina do Vaticano em defesa da família e contra o comunismo. Em 2 de março de 1915 sai a primeira edição do *Correio do Ceará* fundado por Álvaro da Cunha Mendes sob a influência de Dom Manoel da Silva Gomes; em 1922, é lançado o jornal *O Nordeste* “ambos jornais de orientação católica, cujo surgimento está diretamente ligado ao empenho de Dom Manoel para promover periódicos confessionais no Estado.”³³

Dom Manoel era o formulador, na perspectiva doutrinária da Santa Madre Igreja e, também ele, seu porta-voz na Arquidiocese de Fortaleza. Seu sucessor, Dom Antônio de Almeida Lustosa, continuava o projeto político e pastoral da Igreja. Um bom exemplo, nessa perspectiva, é a Circular número 64, de 8 de dezembro de 1946.

A Circular — distribuída pela Arquidiocese de Fortaleza a todas as paróquias e publicada, repetidamente, no jornal *O Nordeste* —, dava as recomendações ao eleitor católico. Datada de 8 de dezembro de 1946, vinha assinada por Dom Antônio de Almeida Lustosa, Arcebispo de Fortaleza de 1941 a 1963.

Trechos:

Aproximando-se o tempo das eleições, cumpre-nos lembrar aos eleitores católicos o dever que todos temos a cumprir em relação ao voto.

Já não é tempo de recordar aos nossos católicos a obrigação de se aparelharem para poderem defender os interesses da Igreja, conseguindo título de eleitor. Este dever já deveria estar cumprido.

[...] Para governador do Estado, dois homens eminentes dese-

jam o nosso voto. O militar e o magistrado se dizem amigos da Igreja. Mas o eleitor católico tem o direito de esperar que nenhum dos dois receba votação de comunista.

Os Comunistas sempre foram e serão inimigos da Igreja. Nunca poderíamos aconselhar aos eleitores católicos que sufraguem um candidato amparado pelos comunistas.

Quanto às candidaturas a deputados estaduais, nosso dever será:

1. Recusar nosso voto aos candidatos do Partido Comunista.
2. Recusá-lo igualmente aos candidatos indignos dos outros partidos, por exemplo, os maçons, os comunistas, os protestantes, os espíritas.

[...] Não concorramos com o nosso voto para eleição dos que não podem merecer a confiança da Santa Igreja.

A parceria entre a Arquidiocese de Fortaleza e o jornalista Álvaro da Cunha Mendes deu a Fortaleza um jornal extremamente informativo. Álvaro da Cunha Mendes era dono do Estabelecimento Gráfico A.C. Mendes. Uma tipografia que executava serviços gráficos variados, situada na Rua Conde D’Eu, nº 541, Centro. “Passaram por sua redação importantes intelectuais católicos da cidade, como Andrade Furtado e Leonardo Mota, além do escritor Antônio Sales”.³⁴

Naquele cenário, o *Correio do Ceará* se incumbia de disseminar uma linha mais política, como bem demonstra a primeira página da edição de sábado, 6 de janeiro de 1934, quando o jornal abre em terceira manhetete o seguinte título: “O perigo mundial do comunismo — Foi afastado definitivamente pela revolução nacionalista alemã” ilustrada por foto de Adolph Hitler, em uma coluna vertical.

Anos mais tarde, em 16 de maio de 1937, o *Correio do Ceará* foi comprado pelo ascendente conglomerado Diários Associados, capitaneado por Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo. No mesmo ano, no dia 2 de outubro, o fundador Álvaro da Cunha Mendes (A. C. Mendes) morre, aos 65 anos.

Em 1936, quando é lançado o jornal *O Estado*, um eminente onipresente D. Manoel faz valer sua égide com o apoio civil de José Martins Rodrigues e Júlio Martins Rodrigues — o primeiro era o político, jurista e já renomado intelectual; o segundo, seu irmão, era o financista e bancou, de fato, a instalação do jornal. “No entanto, o arcebispado delegou ao jornal *O Nordeste* o papel de divulgador e organizador das ações arquidiocesanas”³⁵. O visionário Dom Manoel almejava a formação de uma elite intelectual “para o embate ideológico contra as correntes secularizantes.”³⁶

O Estado cumpria seu papel de jornal político e doutrinário voltado para a família e para a defesa de grandes bandeiras nacionais. De certo modo, ele se superpõe ao papel estratégico do *Correio do Ceará* que viria a ser adquirido por Chateaubriand no ano seguinte.

Andrade Furtado, professor da Faculdade de Direito, exercia ao mesmo tempo a função de redator-chefe do jornal *O Nordeste*, e fez valer a missão do jornal como um dos esteios da imprensa alinhada à Igreja Católica no Ceará. “*O Nordeste* foi inserido em um contexto em que a hierarquia católica adotou uma estratégia mais acentuadamente militante para atuar junto ao Estado”.³⁷ Martins Pinto lembra que “a imprensa fazia parte da estratégia da Igreja, tanto no sentido de pressionar o poder civil quanto de mobilizar a opinião pública. Nas palavras do Papa Pio X, “um bom jornalista vale mais do que meia dúzia de pregadores”, cita Martins Pinto, referindo-se a uma edição de *O Nordeste*, de 1925.

Martins Pinto afirma ainda que *O Estado* foi “fundado por José Martins Rodrigues, Secretário Estadual da Fazenda, com o objetivo de defender o governo de Menezes Pimentel”. E continua: “O jornal *O Estado* seguia as diretrizes da Arquidiocese de Fortaleza. O seu fundador fora presidente do Círculo Católico de Fortaleza e dirigente da Liga Eleitoral Católica — LEC.”³⁸ Na verdade, *O Estado*, a despeito dos seus alinhamentos estratégicos, como era praxe na imprensa,

foi inovador ao trilhar por um menu de assuntos plural, tornando-se um jornal extremamente informativo que galgou rapidamente uma enorme aceitação, principalmente por sua diversificada pauta editorial. O alinhamento, legítimo, não pode ser criminalizado como se fora uma grande “teoria conspiratória”, mas sim, primeiramente, a construção de um polo de poder e de um canal de comunicação necessário para a construção de uma pretensa e utópica hegemonia, se considerarmos a emergente e acirrada correlação de forças no mesmo espectro ideológico. O jornal era um braço editorial da Liga Eleitoral Católica.

Além disso, o jovem José Martins Rodrigues, então com 35 anos, já abocanhara respeitável notoriedade para além fronteiras com sua notável tese *Elementos Geradores do Vínculo Obrigacional e Efeitos Jurídicos do Silêncio*, de 1934, que ganhou fama não somente no recinto da Faculdade de Direito do Ceará. Inédito até 2012, quando finalmente veio a lume, “a tese sobre os efeitos jurídicos do silêncio é de uma atualidade impressionante. Tudo se passa como se em 1934 o autor estivesse comentando o artigo 111 do Código Civil de 2002. Expõe a doutrina sobre o silêncio como manifestação de vontade, quando está cercado de um certo conjunto de circunstâncias que o qualificam. Tudo que foi objeto da reflexão do autor, em seu notável trabalho, veio a ser consignado no nosso Código Civil vigente, no seu art. 111. É um trabalho que não pode escapar a nenhum operador ou estudioso do Direito.”³⁹

A propósito da edição, Napoleão Nunes Maia Filho observa que “percebe-se que o Professor José Martins Rodrigues [...] colocava o silêncio na classe ou na categoria dos fatos jurídicos, como que compelindo a lei a reconhecer-lhe a aptidão para gerar vínculos obrigacionais, abandonando, com notável antecipação histórica e científica, aquela resistente concepção de que a lei nasce da inspiração do legislador, para valer num mundo de abstrações e regularidades harmônicas; pois, por incrível que pareça, esse meritoso trabalho do professor José Martins Rodrigues ficou inédito por quase 80 anos — isso

mesmo, quase 80 anos! — somente vindo a lume agora, em cuidada edição, com preciosa apresentação e breve resumo biográfico do autor, elaborados pelo insigne mestre Paulo Bonavides.”⁴⁰

Continua Napoleão Nunes Maia, já na condição de imortal da Academia Cearense de Letras e de ministro do Superior Tribunal de Justiça — STJ:

Se os juristas da atual geração se derem a oportunidade de ler e refletir sobre o pensamento do professor José Martins Rodrigues, inclusive o exposto nessa sua tese, verão que o grande mestre civilista não nos deixou apenas o Professor Roberto Martins Rodrigues, seu filho, jurista completo, e o professor Cabeto Martins Rodrigues, seu neto, cardiologista exímio e exponencial profissional e humanista na sua área, mas também uma contribuição clara, precisa e atual, no sentido mais perfeito dessas expressões, sobre a compreensão e a expansão do pensamento jurídico mais refinado. A disciplina Direito Civil, na Faculdade de Direito do Ceará, deveria chamar-se Professor José Martins Rodrigues.

A crise do modelo clientelístico e paternalista decorrente da Revolução de 1930 potencializou a sociedade como agente político e a Igreja Católica exerceu enorme protagonismo através de organizações como a Ação Católica — AC, e a Liga Eleitoral Católica que atraiu para si um exacerbado nacionalismo. Ao mesmo tempo, o crescimento inercial do Partido Comunista Brasileiro, fundado em 1922, de certo modo legitimava a reação conservadora nacionalista. Na imprensa alinhada à Igreja, principalmente no jornal *O Nordeste*, os comunistas foram associados rapidamente à figura do “diabo”.

Para a Igreja, tornava-se urgente e necessária a criação de uma rede de jornais alinhados ao seu ideário e ao ideário nacionalista para se opor inclusive a uma imprensa que “caluniava a religião”. Dom Manoel da Silva Gomes, que assumiu a função de Bispo da Diocese do Ceará em 1912, tinha plena consciência disso e foi um dos motores

dessa ação. Um dos alvos “caluniadores” era *O Malho*, tido como “revista ímpia que calunia e malsina a cada passo os ministros da Religião, e ensinam que um católico não deve nem ler e nem assinar esta e outras semelhantes publicações”, pregava editorial do *Correio Ecclesiástico* (1913), órgão interno de orientação eclesiástica e política.

A estratégia de D. Manoel deu certo. Foi coroada com enorme sucesso eleitoral a ponto de ter, entre os eleitos, o governador Menezes Pimentel. Aroldo Mota nos lembra que “a hegemonia católica iniciou-se com as sucessivas vitórias da Liga Eleitoral Católica — LEC”.⁴¹ E mostra os números:

Na votação de 1933, para a Constituinte Federal, de um total de 10 deputados, a Liga Eleitoral Católica, no Ceará, elegeu a maior bancada: 6 deputados contra 4 do Partido Social Democrata (PSD); em 1934, para a Câmara Federal de um total de 11 deputados, a LEC ganhou, elegeu 7 e o PSD elegeu 4; e para a Constituinte Estadual de um total de 30 deputados elegeu a maioria: 17 contra 12 do PSD e 1 deputado avulso. Em 1935, na Assembleia Legislativa, ocorreram mais dois triunfos da LEC, a eleição de Menezes Pimentel, ex-presidente do Círculo Católico de Fortaleza, ao governo do Ceará e a escolha de Edgar de Arruda e Waldemar Falcão para o senado federal. Em 1936, a LEC assumiu a direção do recém-fundado Partido Republicano Progressista (PRP) e elegeu o prefeito de Fortaleza, Raimundo Alencar Araripe, ex-diretor da União dos Moços Católicos. Em função da aliança entre a Arquidiocese de Fortaleza e o governo Vargas, Pimentel e Araripe continuaram em seus cargos durante o Estado Novo e, em 1938, o senador Waldemar Falcão assumiu o Ministério do Trabalho. Em 1941, Falcão deixa o cargo para ser empossado ministro do Supremo Tribunal Federal.⁴²

Um dos eleitos em 1934 foi Waldemar Cromwell do Rego Falcão, ungido a deputado federal constituinte pelo Ceará na legenda da Liga

Eleitoral Católica — LEC. Naquela conjuntura, onde os partidos não eram necessariamente nacionais — os partidos locais eram extremamente influentes — a LEC era oposição pontual ao governo constituído, e os arranjos eleitorais não raras vezes tinham um alinhamento ortodoxo, como de resto é a tradição político partidária eleitoral até nossos dias, com as coligações que se assemelham a monstregos de muitas cabeças.

Em 1935, a Assembleia Constituinte Estadual do Ceará elegeu-o para representar o estado no Senado Federal. Ferrenho anti-comunista “no Senado, realizou pronunciamentos nos quais elogiava os emergentes regimes fascistas e criticava severamente o comunismo”.⁴³

Waldemar Falcão foi nomeado ministro do Trabalho, Indústria e Comércio logo que implantada a ditadura do Estado Novo, em novembro de 1937. Ali, “intensificou o controle das organizações sindicais pelo governo, introduziu o imposto sindical, regulamentou o salário mínimo, criou o Instituto de Previdência e Assistência aos Servidores do Estado (IPASE) e regulamentou a Justiça do Trabalho. Em 1938, presidiu a XXIV Conferência Internacional do Trabalho, promovida em Genebra pela Organização Internacional do Trabalho (OIT). Em agosto de 1940, criou o Serviço de Alimentação da Previdência Social — SAPS”.⁴⁴

A SOLENIDADE DE INAUGURAÇÃO DO JORNAL

A cobertura do lançamento do jornal saiu na edição do dia 26, na página 3, sob o título *Inauguração da redação e oficinas do 'O Estado'* e texto secundário “a bênção dos maquinismos” com subtítulo “O dr. Martins Rodrigues, diretor interino, reafirma os propósitos do jornal”. Segue o texto, com a grafia original da época:

Conforme estava anunciado, realizou-se anteontem a inauguração das instalações do matutino «*O Estado*», que circulou em alentada edição de 48 páginas.

À cerimônia da inauguração, que se verificou às 15 horas, compareceu o que a cidade possui de mais seleta e destacado: representantes das autoridades federais, estaduais e eclesiásticas, do comércio, da imprensa e grande número de amigos e admiradores desta folha.

Precisamente àquela hora, quando o edifício onde funciona «*O Estado*», estava literalmente ocupado pelos dignos visitantes que o honraram com a sua comparência [comparecimento], deu-se início à cerimônia da bênção das nossas oficinas. Foi oficiante o estimadíssimo sacerdote monsenhor João Alfredo Furtado, representando S. Exa. Reva. Dom Manoel da Silva Gomes, Arcebispo de Fortaleza.

A seguir, numa das salas da redação, o dr. José Martins Rodrigues, que orienta interinamente «*O Estado*», na ausência do senador Edgar de Arruda, diretor efetivo do jornal, fez uso da palavra.

No seu discurso, o conhecido e acatado homem público disse das diretrizes que animavam, possuídos de propósitos claros e definidos, quantos trabalhavam no «*O Estado*». Órgão de um Partido político, cujo ideário não era desconhecido pelas correntes de opinião do meio cearense, seria o intérprete fiel, o veículo eficiente do pensamento do Partido Republicano Progressista. Jornal eminentemente político, claro que defenderá intransigentemente os postulados programáticos da pujante organização a que serve e que é, por assim dizer, o principal objetivo de sua existência. Nem por isso, acrescentou o diretor do «*O Estado*», deixaremos de receber, e acolher com simpatia, a visita intelectual de todo o cearense que pelas páginas da nova folha queiram conosco colaborar na prosperidade e grandeza do Ceará. Não restringimos, continuou, o campo das nossas atividades na imprensa: onde quer que reponte um interesse de nossa terra, estamos sempre prestos e resolutos para cooperar com lealdade e desprendimento nessa tarefa de alto patriotismo.

Desenvolvendo outras considerações sobre as intenções do Es-

tado, salientou o dr. J. Martins Rodrigues que o jornal ocuparia lugar definido na imprensa, na defesa dos princípios democráticos do regime, que deviam ser defendidos através de um real sentimento de brasilidade. Nacionalistas eram quantos se abrigavam sob a bandeira do novo órgão; nacionalistas, porém, que aprofundavam as matrizes do seu sentir no seio profundo das nossas tradições de liberdade.

Reafirmou, mais uma vez, de público, as ideias consubstanciadas no número de estréia desta folha, e que se resume no seguinte:

«Somos nacionalistas; mas não caricaturamos o nosso nacionalismo, que tem as raízes nas tradições mais puras e nos anseios mais legítimos da Pátria, com a cópia ou “pastiche” de sistemas, regimes e processos, possivelmente muito razoáveis e muito necessários sob outros climas e entre outros povos mas não postulados pelo pensamento sadio da Nação.»

Concluindo a sua substanciosa oração, o diretor do «O Estado», em nome dos redatores do jornal, agradeceu o comparecimento dos presentes.

Fez, logo após, uso da palavra o sr. Fidelis Silva, que em nome de S. Exa. o dr. Menezes Pimentel, Governador do Estado, trouxe os votos de prosperidade que formulava à vida do novo órgão, na certeza de que o mesmo estava fadado a rasgar rumos promissores na história do jornalismo cearense.

Dos nossos prezados e distintos conterrâneos srs. T. S. Ferreira & Cia., Benjamim Torres & Cia. e Pinto & Cia. Ltd., recebemos cativantes provas de sua gentileza.

Assim é que, comemorando o aparecimento do «O Estado», recebemos diversos engradados de cervejas das conhecidas e afamadas marcas «Hanseatica», «Antartica» e «Brahma», produtos que são representados nesta praça pelas conceituadas firmas acima mencionadas.

A todos, pois, os nossos melhores agradecimentos.

O governador Francisco de Menezes Pimentel assume o governo do Ceará no dia 5 de maio de 1935 e cumpre mandato até o dia 10 de novembro de 1937, quando continua no poder como interventor federal em um ciclo que somente se encerra em 28 de outubro de 1945. Só aqui assume um outro interventor, Benedito Augusto Carvalho dos Santos — Beni Carvalho — que cumpre curto período até 10 de janeiro de 1946.

Nascido em Santa Quitéria, 12 de setembro de 1887, Menezes Pimentel colou o grau de Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais — turma de 1914 — na Faculdade de Direito do Ceará, um dos centros de formação de líderes à época. Mais tarde, em 1917, foi aprovado em concurso para professor das cadeiras de *Direito Romano* e *Filosofia do Direito* daquela Faculdade. No concurso defendeu as teses *Fontes do Direito Romano* e *A Liberdade Humana e as Teorias Modernas*. Em 1921 assumiu a direção da mesma Faculdade e cumpriu mandato até o ano de 1935.

Fez carreira na política e, em menor escala, no jornalismo. Foi Deputado Estadual, Governador e Interventor Federal no Estado, Deputado Federal, Ministro da Justiça e Negócios Interiores no governo Nereu Ramos, de 11 de novembro de 1955 a 31 de janeiro de 1956. Exerceu dois mandatos de Senador da República: o primeiro mandato de 1º de fevereiro de 1959 a 31 de janeiro de 1967; o segundo mandato de 1º de fevereiro de 1967 a 31 de janeiro de 1971.

Escreveu nos jornais *O Nordeste* e *O Estado*, jornais com os quais estava alinhado em uma grande zona de convergência. No caso do segundo jornal, ele mesmo era um dos inspiradores e entusiastas da sua fundação, canal essencial para a comunicação do seu Governo.

Ao longo de sua história, o jornal *O Estado* vivencia várias fases e foi a escola de muitas gerações de jornalistas. Forjou várias daquelas gerações ao calor das ideias e ao calor, também, das oficinas tipográficas.

ficas que cumpriram, em sua linha do tempo, de 1936 aos nossos dias, todas as etapas, desde os tipos móveis de Gutenberg, passando pela linotipo da composição à quente, até chegar às oficinas a "revolucionária" tecnologia das máquinas "composer" da IBM, com esferas contendo a "galáxia de Gutenberg". Depois dessa fase temos a fotocomposição e, finalmente, a fase atual, de produção totalmente digital.

O jornal fez oposição com argumentos na maioria das vezes razoáveis. Como neste editorial da sexta-feira, 11 de novembro de 1955, sob o título *O Prefeito e Assistência Municipal*, de onde colhemos alguns parágrafos:

Não acreditamos que tenha havido Governo, na história administrativa do nosso município, que haja merecido mais consideração e apoio da imprensa do que o sr. Acrísio Moreira da Rocha, nesta sua segunda gestão. E o fato, por sinal, se justificava plenamente. Mesmo aqueles que não concordavam e não concordam em que todos os males que assoberbam a administração "não passam de uma herança do Governo passado", mesmo aqueles não puderam deixar de reconhecer a difícil conjuntura em que se encontra a edilidade, atravessando uma das fases mais difíceis de sua existência. Desse fato resulta, sem dúvida, o clima de tolerância da imprensa para com o edil fortalezense.

De nossa parte, desde os primeiros instantes do Governo Acrísio, temos-lhe oferecido o nosso mais sincero e desinteressado apoio. Fomos um dos poucos jornais de Fortaleza que reconheceu a necessidade do corte em massa levada à prática na Prefeitura e que resultou na dispensa de mais de 400 funcionários. Realmente, que adiantava a manutenção dispendiosa desse pessoal, se a Prefeitura não podia pagar os seus vencimentos, atrasados já em vários meses? Logicamente, do ponto de vista estritamente administrativo, o justo seria a redução dos funcionários, como realmente ocor-

reu, para que os demais pudessem receber os seus salários em dia.

O passar dos dias, todavia, está demonstrando a inutilidade daquela medida. Na verdade, de que serviu a degola? Porventura os servidores que escaparam do corte receberam os seus vencimentos em dia? Evidentemente, não. Ao contrário disso, o que temos visto é a situação da Prefeitura se tornar cada dia mais grave. Dois fatos, para não se alongar demais, seriam suficientes para demonstrar a justeza dessa nossa afirmação: o atraso no pagamento dos servidores, que não foi reduzido, mas tende a aumentar e a situação de franco descalabro, de *debacle*, diríamos melhor, em que se encontra a Assistência Municipal, absolutamente impossibilitada de funcionar a bom tento.

Um dos mais eminentes e longevos editores de jornais no Ceará, o jornalista José Caminha Alencar Araripe — editor do jornal *O Povo* por trinta anos — teve, no começo da carreira, experiência de mais de um ano na redação do jornal *O Estado*. “No princípio da minha vida jornalística tive também uma experiência muito interessante, para mim foi inesquecível mesmo: foi no jornal *O Estado*, que na época, era dirigido por Alfeu Faria de Aboim. Ele me conheceu no *O Povo* [onde Araripe era chefe do setor de Revisão], aí me levou para lá. Era uma vida afanosa porque, de manhã e parte da tarde, no [jornal] *O Povo*, o resto da tarde e à noite até dez horas, mais ou menos, no jornal *O Estado*, onde eu era repórter.”⁴⁵

Na entrevista biográfica concedida ao historiador Sebastião Rogério Ponte — por sinal irmão de dois jornalistas, Alan Neto e Flávio Ponte, este também iniciou como repórter e redator no jornal *O Estado* —, publicada em 2004, J. C. Alencar Araripe conta que no jornal *O Estado* “tive uma experiência interessante: escrevia semanalmente sobre esportes. Sempre gostei muito de esportes, que eram assim como uma espécie de terreno livre em que a gente podia expressar os

pensamentos com maior liberdade, ao passo que, em outras áreas, sobretudo a política, o jornal tinha a sua linha, tanto *O Estado*, como *O Povo*. Sobretudo *O Povo*, e a ele eu tinha que me submeter.” Os depoimentos foram publicados em livro e fazem parte do acervo do Núcleo de Documentação do Curso de História da Universidade Federal do Ceará, em Fortaleza.

No entusiasmado depoimento, J. C. Alencar Araripe revela que no jornal *O Estado* “conheci o linotipista Sebastião Pinho [...] um linotipista de alta qualidade, batia [digitava] muito bem e escrevia diretamente na linotipo; era o cronista esportivo do [jornal] *O Estado*. Ele escrevia as suas crônicas, as suas reportagens, diretamente [na linotipo], o que era raro encontrar entre os linotipistas da época”.

ARI CUNHA, D'O ESTADO AO CORREIO BRAZILIENSE

Muitos estudantes do Liceu do Ceará tinham na seção de revisão dos jornais a porta de entrada para o jornalismo — era a prova de fogo da admissão. Na revisão, o neófito teria que se superar em duas frentes. Indicar eventuais incongruências de informação no texto do redator original e, também, localizar erros de composição — seja decorrente da manipulação dos tipos móveis seja devido à pressão do entrelaçar dos dedos no teclado da linotipo. Era uma prova cotidiana de precisão e de velocidade já que o tempo era sempre algo exíguo. O jornal precisava circular no horário anunciado.

Ari Cunha foi um desses. Sua trajetória iniciada nas oficinas do jornal *O Estado* culmina com a função de executivo de primeiro escalão do influente jornal *Correio Braziliense*, ponta de lança dos Diários Associados, em Brasília.

— Minha turma no Liceu tinha Odalves Lima, o Blanchard Girão, Lúcio Lima e outros. Éramos da mesma turma, — lembra Ari Cunha.⁴⁶

Um dia, Ari Cunha acordou com uma ideia fixa:

— Vou trabalhar em jornal.

E foi até a *Gazeta [de Notícias]*. Entrou no andar térreo do jornal, na rua Senador Pompeu e estufou o peito:

— Quem é o diretor do jornal? — pergunta ao senhor de cabelos ligeiramente grisalhos, na mesinha da recepção.

— O diretor é seu Quinô, mas qual é o assunto?

— O assunto é que eu queria trabalhar aqui.

— Você já trabalhou onde? — indaga o gerente Pascoal Barbosa, para quem Ari Cunha já havia sido imediatamente encaminhado.

— Eu estou querendo aprender! — responde, rápido, Ari.

Pequeno interregno. Pascoal aponta alguma coisa em uma folha de papel almaço — rabiscos hieróglifos que só ele entendia. E disse, em um semi grito, inclinando a cabeça para o andar superior:

— Barreto, vai o revisor aí que você está precisando.

Ali estavam Jorge de Sousa, Eufrazio Brito, Yoyô — “uma das melhores figuras humanas” — José Barreto, o redator-chefe.

Nos dias seguintes, observando a demanda do jornal por qualidade, Ari Cunha levou para as oficinas — onde funcionava a revisão; daí a proximidade de revisores com gráficos — os colegas Blanchard Girão e Nertan Macedo. Embora da turma, Odalves Lima foi para o jornal *Democrata*, o Lúcio Lima foi para o Direito e José de Arimatéia Santos, foi trabalhar com o arrojado empresário cearense Edson Queiroz, transformando-se em um dos seus principais executivos — homens de confiança.

No dia 19 de abril de 1944, Ari Cunha saiu da *Gazeta de Notícias* — um ano e três meses depois — e foi para *O Estado*, onde ficou até março de 1948, quando migrou para o Rio de Janeiro.

No *O Estado*, Ari Cunha viveu todas as fases da produção de um jornal. Da redação ao barulho acalorado e insalubre da impressora plana; a fuligem constante nas oficinas.

— No *O Estado*, eu já não era mais revisor. Redigia o noticiário, reportagem e, também, uma coisa de muita valia na minha vida, comecei a criar intimidades com a parte técnica. Nessa época, aprendi linotipia, a paginar, conhecia os tipos da caixa francesa; seria capaz

não de uma composição, mas de fazer um título em corpo maior. Alguns conhecimentos eu tivera na *Gazeta* com o linotipista Carneirinho e os tipógrafos Campos, Pilcomar, Lima e Lauro, passando pelo Feijão, chefe da impressão.⁴⁷

Perspicaz e ávido repórter, porém iniciante em busca de reconhecimento, Ari Cunha garimpava temas originais para, também, se diferenciar naquela fase inicial de sua carreira.

— No pós-guerra, morava em Fortaleza um inglês, engenheiro da Brasil Oiticica, Mr. James Henry Roussel. Nos o chamávamos ‘Mr. Ross’ — uma corruptela cearense, como tantas outras, para identificar o inglês.

Ari Cunha apurou que ‘Mr. Ross’ era formado com distinção, na University of Oxford (Inglaterra), um engenheiro de boa bagagem profissional. Soube também que o filho de ‘Mr. Ross’ era condecorado como herói da guerra, e poderia exibir no peito a “Distinguished Flying Cross”, comenda de batalha na Royal Air Force — RAF.

Escreveu e publicou nas páginas de *O Estado* esta história interessantíssima que obteve enorme repercussão colocando ‘Mr. Ross’ na condição de celebridade acima do que já o era, por ser inglês.

Outra reportagem marcante para o repórter iniciante foi a reconstrução da saga de uma família humilde que deixava São Paulo em busca da Itália, levando na bagagem o filho, garoto prodígio.

— O menino pianista ia se especializar em Milão. Anos depois, recebi uma carta de seu avô, detalhando o progresso que experimentava o garoto, e pedindo o recorte da reportagem. Mandeí tudo e passei a fazer parte do seu álbum de notícias.

— Quais as diferenças entre *O Estado* e a *Gazeta de Notícias* nesses anos 1940? ⁴⁸

— *O Estado* era um jornal oficial. Na época, não se ocultava a corrupção. O jornal era dirigido por Alfeu Aboim, também diretor da Imprensa Oficial. Então, o jornal de domingo tinha maior número de páginas, de seções. Os empregados passavam a noite inteira com aquelas galés — galé era aquela fita de madeira onde se colocavam as linhas

de linotipo — passando do *O Estado* para as oficinas da Imprensa Oficial, como se fosse uma coisa absolutamente normal usar a Imprensa Oficial para imprimir jornal comercial. A *Gazeta* vivia dificuldades, e o seu comportamento editorial era mais livre, com discussões abertas a todos os assuntos. Na redação havia o Hildebrando Espínola, articulista violento, formidável. Geraldo da Silva Nobre, com excelente bagagem cultural, era jovem e dos mais brilhantes editorialistas. René de Paiva Dreifuss era outro também agitado, democrata, era contra o comportamento do governo Menezes Pimentel. A *Gazeta* era mais profissional, *O Estado* era mais político.⁴⁹

DORIAN SAMPAIO, VICIADO EM JORNAL

Dorian Sampaio Xavier nasceu no Rio de Janeiro, em 12 de março de 1927, mas logo veio para o Ceará, onde foi criado sob a guarda da tia Olívia Xavier, diretora, à época, da Escola Normal. Se introduziu na imprensa do Ceará a partir de experiência como revisor voluntário e redator de notas frugais, como notícias de aniversário, no jornal *O Estado*. O ano era 1943, o jornal estava sob a guarda de Walter de Sá Cavalcante e Alfeu Aboim. Dorian era o que ele se intitulava, já adulto, de piolho de redação. Em 1950, graduou-se como cirurgião dentista pela faculdade de Farmácia e Odontologia da Universidade do Ceará.

Pessedista convicto, participou ativamente da campanha de Raul Barbosa ao governo do Ceará. Foi uma retribuição. A tia Olívia, sua mãe de criação, era muita grata a Raul Barbosa porque ele havia facilitado um empréstimo para ela construir uma casa na rua 13 de maio. A tia chegou para Dorian, já fluente na retórica, e diz:

— Vá lá se apresentar. É hora de você demonstrar nossa gratidão.

— Vou juntar a fome com a vontade de comer —, pensou ele.

Dorian já era PSD desde antes e Walter de Sá Cavalcante que o acolhera como “rato de redação” já o conhecia.

Raul Barbosa interpelou o jovem Dorian:

- O que você pode fazer em uma campanha eleitoral?
- Eu picho parede, tomo conta de claque e sou orador.⁵⁰
- Pois sim —, ironizou.

Mas o fato é que Dorian foi reconhecido. Em frente ao voluntário, Walter de Sá disse:

— Olha, esse rapaz fala e eu quero que ele fale no comício do Aracati, que lá tem três ginásios.

Dorian era orador de reconhecidos méritos, capaz de eletrizar uma plateia por mais de uma hora, sob o sol, sem dispersão.⁵¹

E Dorian discursou, eletrizou, Raul Barbosa ganhou a eleição com a ajuda da estrondosa campanha nas páginas do jornal *O Estado*, além da enorme disposição e carisma do candidato. Raul eleito pela coligação PSD-PSP-PR, Dorian Sampaio foi chamado pelo novo governador.

— Dorian, meu secretário da Educação e Saúde é médico, homem muito bom, mas ele desconhece o ambiente político, principalmente o ambiente estudantil, e quero que você vá trabalhar com ele, para você ser o elemento de ligação entre o governo e a classe estudantil.⁵²

Dorian apresentou-se ao secretário da Educação. Foi então que conheceu o jovem Waldemar Alcântara, de quem tornou-se grande amigo:

— Meu prezado Dorian, já tenho suas ótimas referências e gostaria de tê-lo como meu chefe de gabinete.

Em depoimento, Dorian lembra:

— E fiquei como chefe de gabinete do homem. Em quatro anos, criamos, nessa época, a bolsa de estudo. Criamos nome perante os estudantes, e me deram chances para ser eleito vereador pela primeira vez.⁵³

Sobre o jornal *O Estado*, como ele se mantém há tanto tempo, sendo um jornal pequeno?⁵⁴

Dorian Sampaio responde:

O Estado foi do meu querido primo e amigo, Venelouis Xavier Pereira. O Venelouis era meio inconsequente. Meio não, era abso-

lutamente inconsequente. Exagerava-se muito. Fez um jornalismo, que, para a época vivida, seria a única saída dele. Os inimigos falam que ele exigia dinheiro por isso, aquilo, aquilo outro. Desconheço este aspecto. Sei que tudo ele fazia para manter o jornal. Acredito que, com aquela linguagem, alguém podia pensar que ele estava querendo fazer chantagem e tudo. Não era disso, não. Ele era de: “Rapaz, você deu anúncio para *O Povo*, tem que dar para mim e tudo...” Aquela maneira desabrida, não sei se era marca da intimidade dele — era um sujeito gozadíssimo. O Venelouis, quando se metia em uma roda social, dominava a palestra. Porque era engraçado, esportivo, mexia com todo mundo, era da natureza dele. Tem um episódio na vida do Venelouis em que, uma vez, eu estou no jornal, e o telefone bate, era o Venelouis que estava na UTI, um ano mais ou menos antes dele morrer. Corri evidentemente, cheguei lá, estava ele na UTI. Eu não podia entrar [riso], ele gritou: “Deixa ele entrar”. [risos] Quando entrei, me chamou: “Rapaz, me tire daqui.” Eu digo: “O que foi?” “Rapaz, o doutor que está me tratando aqui é aquele fulano que eu esculhambei com ele.” [risos] Não houve meio, tive que tirá-lo. Até que, coitado, morreu de infarto, sentado em uma poltrona, de madrugada. De manhã, quando a esposa acordou, ele estava morto.

Mas, em meio àqueles extremismos dele, aquela maneira desmesurada de atacar, mas, de qualquer maneira, acho que alguma coisa de ruim deixou de ser feita por medo do Venelouis. Porque dos outros jornais ninguém tem medo, não há jornal aqui de combate rígido.⁴⁹

Dorian foi um dos tantos jornalistas que se aventurou na política. Exerceu quatro mandatos sucessivos. Dois como vereador de Fortaleza, entre 1958 e 1962, e dois como deputado estadual, 1962 e 1966. Foi cassado com a edição do AI-5. Dorian morreu no dia 28 de maio de 2000, aos 73 anos de idade, vítima de enfarte agudo do miocárdio.

3. JOSÉ MARTINS RODRIGUES

Intrépido, aos 23 anos; uma referência moral para sempre

Fiel, coerente e solidário. Alinhado à sua fé e à sua doutrina. Uma rocha moral, um monumento solidificado por valores os quais nunca traiu. É possível dizer que a utopia era a principal variável da sua práxis política e para a vida. “Não existe uma ética específica do jornalista: sua ética é a mesma do cidadão”, ensinaria, muito depois, Cláudio Abramo.¹ José Martins Rodrigues sabia disso desde priscas eras. Fez sua “residência” — seu batismo de fogo — no calor da tribuna do parlamento estadual do Ceará, ainda muito jovem.

O adolescente chegado de Quixadá, a terra dos monólitos, no sertão central do Ceará, ingressou aos 17 anos, em 1918, na Faculdade de Direito de Fortaleza pela qual bacharelou-se em 1922, aos 21 anos de idade.

Aos 23 anos tornou-se catedrático da Faculdade de Direito da Universidade do Ceará com a tese *Elementos Geradores do Vínculo Obrigacional e Efeitos Jurídicos do Silêncio*, logo publicada em agosto de 1934 e reeditada, em 2012, pela Editora Malheiros (São Paulo) — a primeira obra monográfica no Brasil sobre os efeitos jurídicos do silêncio.²

Em 1925, aos 24 anos, elegeu-se deputado estadual e “assumiu a

liderança, na Assembleia Legislativa, do Governo de José Carlos Matos Peixoto”.³ Foi seu batismo de fogo. Foi sua primeira grande polémica pública e logo enfrentando no plano retórico “os seguidores do padre Cícero Romão Batista, que haviam estabelecido um núcleo político-religioso na cidade de Juazeiro”.⁴

A publicação, coleção de separatas em forma de livro, com 66 páginas, apresenta “quatro brilhantes orações proferidas pelo deputado Godofredo de Castro, da tribuna da Assembleia Legislativa do Ceará, em defesa da terra malsinada do Joazeiro [grafia original]”, assinalava a introdução do livro, assinada por R. Gomes de Mattos, naquela Fortaleza de 6 de outubro de 1925. O escritor R. Gomes de Mattos atira, aqui, contra “o grupelho adversário” que, a seu ver “se acastelara, indevidamente, por detrás das coisas sagradas, profanando-as”.⁵

A Assembleia era presidida por Francisco de Paula Rodrigues. José Martins Rodrigues compunha a mesa diretora na condição de suplente da secretaria. Seu desafeto, Godofredo de Castro Barbosa, fora segundo secretário da mesa diretora na gestão anterior.

— É uma verdade insofismável que só se pode extinguir o banditismo matando bandido! —, brada Godofredo de Castro Barbosa.

— Só se pode sanear o ambiente social desses miasmas deletérios e pestilências, extinguindo-se os charcos humanos de onde eles emanam! —, continua.⁶

— Nesse caso o Floro deve suicidar-se —, atalha à queima-roupa o jovem deputado Martins Rodrigues. Referia-se a Floro Bartolomeu da Costa, considerado o orientador político e homem da inteira confiança de padre Cícero Romão Batista.

Godofredo de Castro continua argumentando:

— Sr. presidente, como viu V. Exa. e a casa, são pueris e injustas as acusações levemente feitas ao dr. Floro Bartholomeu [grafia original] por um ilustre sacerdote que, levado pelo primeiro impulso de seu temperamento irrequieto, se deixou conduzir pelos pescadores de águas turvas e se emaranhou nesse intrincado cipocal de onde jamais

poderá sair incólume.

Godofredo se esmera nos argumentos:

— Os predestinados de todos os tempos, a quem uma missão histórica fê-los condutores de homens e remodeladores de religiões e de sectarismos, não são hoje uns deificados pela ortodoxia religiosa, e outros classificados pela indefectível justiça histórica como os maiores filósofos da antiguidade? Jesus, o sublime e incomparável filósofo da Galileia, não foi acoimado pelos seus contemporâneos de embusteiro e fanatizador, e isto porque, desprezando os ricos e potentados, procurava de preferência os humildes e pequeninos, e, assim, fez de simples pescadores os seus discípulos prediletos, os continuadores de sua grande obra?⁷

— V. Exa. quer dizer que o padre Cícero é igual a Jesus?!... —, retruca, interrompendo, o deputado Martins Rodrigues.

— Pelo menos não desvirtuou sua verdadeira doutrina — treplica Godofredo.

O embate continua no dia 19 de setembro de 1925. Aqui, o deputado Godofredo de Castro mostra-se incomodado com o que qualifica de “atitude veemente e nervosa do deputado Martins Rodrigues, que, além de impertinentemente apartear-me, se inscreveu incontinentemente para falar na sessão de anteontem. [...] Apesar de, por índole, por temperamento e por educação, não costumar temer o adversário, senti, entretanto, receio de que o ilustre colega pudesse sofismar a defesa que eu vinha fazendo dos patriotas que transformaram a cidade de Joazeiro num núcleo de homens civilizados e numa cidade que obedece à técnica mais rigorosa das edificações modernas.

Receei porque, conhecedor do talento que ordena o espírito do ilustre representante do povo cearense...”

— Muito obrigado! —, interrompe ironicamente Martins Rodrigues, surperpondo-se a Godofredo.

— ... julgava-o em condições superiores, para arranjar sofismas hábeis, arranjar documentos — embora fictícios, mas fantasiados pela cerebração potente do habilidoso jornalista — que pudessem

deixar pairar no espírito público a dúvida sobre as afirmativas que tive de fazer nesta casa.

Também aqui, Martins Rodrigues contestou dezenas de pontos do orador, agilmente superpondo-o na fala. Foi uma esgrima retórica dinâmica, mordaz, irônica e de muita velocidade.

— V. Exa. acha que se deve matar os bandidos?, provoca um *enfant terrible* Martins Rodrigues, obtendo de Godofredo o que queria ouvir.⁸

— Como do organismo humano se amputa o membro gangrenado, da sociedade deve ser eliminado o elemento pernicioso que perturba, violentamente, a sua harmonia, desorganizando o trabalho, profanando lares e roubando vidas preciosas — reitera Godofredo.

Martins Rodrigues já houvera lançado outra suspeição para acirrar ainda mais o debate.

— Sr. Presidente, referindo-se às importâncias que os romeiros levam para Joazeiro e depositam nas mãos do seu Patriarca, o sr. Martins Rodrigues disse...

— Eu disse havia uma comandita de exploração.

— Perfeitamente, foi isso mesmo que disse V. Exa., entretanto, o padre Cícero não acumulou fortuna para si, para gozá-la; mora em uma modesta casa, com conforto relativo, e não passeia nos Estados Unidos nem na Europa.

— V. Exa. devia precisar as alusões.

— Não estou fazendo alusões, falo em tese. Estou dizendo que o padre Cícero não desfruta dos haveres que lhe dão com sua pessoa...

— V. Exa. é tão cheio de má fé, que supus houvesse feito alguma alusão — atalha Martins Rodrigues.

Godofredo de Castro afia-se:

— Como todo pecador, não posso ter a boa fé que tem a angelical pessoa de V. Exa. [risos]

— O padre Cícero, sr. Presidente, pretende deixar os seus haveres aos Salesianos, com a condição de fundarem um colégio no Joazeiro e, para isso, já está construindo um grande prédio.⁹

Essas esgrimas do jovem Martins Rodrigues assinalavam o espírito

público arrojado do cidadão que, com o passar dos anos, esmerou-se não somente como tribuno mas também como articulador visionário sempre orientado por uma enfática fidelidade à sua moral.

Com a vitória da Revolução de 1930, à qual se opôs, ele ficou em um certo ostracismo. Com a vitória de Getúlio, Martins Rodrigues assumiu, no governo de Menezes Pimentel, a pasta de Interior e Justiça que comandava Educação, Saúde e Justiça propriamente dita.¹⁰

Em 1933, era um dos arautos do grupo fundador da Ordem dos Advogados. Na reunião do dia 7 de janeiro daquele ano foram realizados os primeiros encaminhamentos. Edgar de Arruda foi eleito presidente, Clodoaldo Pinto, secretário, ambos em caráter provisório. Em seguida, baixaram editais convocando os advogados cearenses para virem compor os quadros do que seria a OAB-CE. Inicialmente foram 92 advogados associados, 21 provisionados e um solicitador, versão de estagiário da época.

No dia 30 de março de 1933 foi realizada a primeira assembleia para compor a diretoria da OAB-CE, que ficou formada da seguinte maneira: Edgar de Arruda na presidência; Dolor Uchoa Barreira na vice-presidência; Francisco Sabóia na primeira-secretaria; Clodoaldo Pinto na segunda-secretaria; e José Martins Rodrigues, na tesouraria. Esta é a data considerada como a de efetiva instalação da Ordem dos Advogados do Brasil no Ceará. José Martins era compadre do Edgar de Arruda — era padrinho do filho de Edgar —, e o Edgar por sua vez era padrinho do filho de José Martins, Carlos Maurício, que chegou a ser presidente da OAB do Rio de Janeiro.

O próximo desafio foi marcar uma nova reunião para a formação do Conselho da OAB-CE. No dia 20 de abril do mesmo ano, foi eleito o primeiro Conselho, formado por 10 advogados: além dos cinco da diretoria somaram-se os advogados Francisco de Menezes Pimentel, Clóvis Fontenelle, Gustavo da Frota Braga, Olinto Oliveira e Gilberto Studart Gurgel.

O grupo fundador da OAB era, assim, quase em sua totalidade, o mesmo que viria a fundar o jornal *O Estado*, três anos mais tarde.

Em 1947, José Martins Rodrigues saiu do jornal e decidiu ir morar no Rio de Janeiro, onde, no mesmo ano, foi nomeado membro do Conselho Nacional de Educação — CNE. Iria deixar a política, pois já não concordava com algumas diretrizes em andamento; no entanto, foi episódica intenção. No Rio de Janeiro atuou como consultor jurídico do Conselho Nacional de Águas e Energia Elétrica, já que era um estudioso desse tema — concessões de serviço público de energia. Assumiu a convite do presidente Eurico Dutra, seu correligionário.

José Martins Rodrigues foi um defensor intransigente das liberdades civis, da legalidade e da democracia, embora em alguns momentos tenha taticamente transigido em nome de uma solução pacífica e eficaz. Nem sempre acertou. Sua carreira política ganha expressão nacional no Rio de Janeiro e depois, em Brasília. Habilidoso negociador, conduziu momentos críticos da história nacional onde o vírus do golpismo e dos casuísmos ameaçava a normalidade institucional.

Sobre a posição do Partido Social Democrático — PSD nas articulações para afastar João Goulart, Martins Rodrigues destacou seu ponto de vista na entrevista a D'Alembert Jaccoud.¹¹

— O PSD só no final mergulhou na conspiração? —, pergunta o jornalista, lembrando que, aqui, o PSD se alinhava à UDN, buscando como desfecho para a crise a solução militar. Já o contraponto seria uma guerra civil, na visão do partido.

— Não digo que tenha mergulhado na conspiração. Eu não entendo assim a posição do partido. O PSD compreendeu, na sua direção, na sua parte mais conservadora, digamos assim, que a crise estava em vias de solução. E a solução era ou pela guerra civil ou por um movimento militar que se opusesse àquela série de atos que estavam sendo realizados pelo Governo e que, no nosso modo de ver, comprometiam o regime democrático.

Martins Rodrigues viu na posição do PSD uma “solução política”.

— O que eu recuso é essa história de dizer que o PSD se engajou na conspiração, — retrucou ao jornalista. Porque, na realidade — con-

tinua — o PSD não participou dela. Pode ter tido conhecimento do que estava se passando, no final, nos últimos dias. Mas, de fato, não participou do movimento.

O argumento de José Martins Rodrigues é pela saída que afaste a hipótese de uma guerra civil:

— A atitude dele [PSD] de resistir àquelas tentativas do Governo no sentido de criar uma agitação política, uma agitação social, e ao mesmo tempo criar — vendo a situação que se definia ou que se encaminhava para uma guerra civil ou um movimento militar — uma situação nova, ou uma perspectiva política, para a qual se derivasse a luta. A luta passava do terreno da violência ou da crise para uma solução normal dentro do sistema político então adotado, que era o lançamento da candidatura, a campanha presidencial, com as suas consequências...

Derrubado Jango, “nós tivemos a impressão de que Castelo Branco, entre os militares, era o mais político, tinha realmente sensibilidade política e certa tendência para a política. O Castelo Branco como candidato asseguraria a solução democrática que nós pretendíamos. Houve mesmo, como é do conhecimento público, a iniciativa que, se não me engano, partiu do então deputado Paulo Sarasate, de levar o general Castelo Branco a ter um entendimento com a direção do Partido Social Democrático. Isso naqueles dias em que se cogitava da sua candidatura. Eu não sei se a sua candidatura já estaria lançada. Não me recordo bem da data. Nessa reunião, o deputado Paulo Sarasate falou pela primeira vez a respeito dela comigo. Nós éramos, como é sabido, representantes do mesmo estado e bastante amigos. E ele sugeriu que eu encaminhasse a possibilidade de realizar-se esse entendimento.

— Conversei com o ministro Amaral Peixoto e ele tomou, então, a iniciativa da reunião, que se realizou na casa do deputado Joaquim Ramos. Participei... Houve duas reuniões.

Um parêntesis necessário aqui é que Martins Rodrigues, como outros possedistas, também achava que o presidente do PSD — Ernâni do Amaral Peixoto, ministro de Estado, Ministério Extraordinário

para Assuntos de Reforma Administrativa, 1963 — não deveria permanecer no ministério de um presidente do PTB.

— A convivência do PSD com o governo do senhor João Goulart torna-se extremamente difícil.¹²

Continua Martins Rodrigues:

— Participei da primeira reunião, a que não esteve presente, se não me engano, o presidente Juscelino. Éramos o Amaral, o Joaquim Ramos, o Alkmin e eu. Mas, tendo necessidade de regressar a Brasília — pois a reunião se deu no Rio — já não participei da segunda, à qual esteve presente também o presidente Juscelino, em companhia, se não me engano, do embaixador Negrão de Lima. A conversa foi sempre no sentido da composição das forças políticas em torno de uma solução democrática.

Para Martins Rodrigues, esse foi grande equívoco como a história demonstrou no desenrolar dos fatos.

— Mas o clima, a intenção, a ideia era realmente essa. Era de manter a solução política normal. Foi o nosso equívoco, realmente, não é? Mas também estou convencido de que não havia outra solução no momento senão a candidatura Castelo Branco.

O PSD acabou entrando com o vice de Castelo, José Maria Alkmin — o Zé da Vêia —, que, como secretário do governador Magalhães Pinto, de Minas Gerais, participou da “conspiração”. Martins Rodrigues acredita que a “cooptação” de Alkmin por Magalhães Pinto não teve o aval do PSD nacional, — foi uma coisa intramuros no campo mineiro.

— A certa altura, quando o governo Magalhães Pinto engajou-se na conspiração, ele entendeu de fazer um Governo de composição política no Estado. Preparou o Estado, então, para uma solução de frente única. Acho que foi nessa ocasião que o José Maria Alkmin passou a compor o Governo como membro do seu secretariado. Já naturalmente como representante do PSD. Mas não do PSD nacional. O PSD nacional não foi, ao que eu saiba, consultado a esse respeito. Foi em torno da situação de Minas. O governador Magalhães Pinto queria

que Minas aparecesse com a frente única das suas forças políticas. Como ele estava engajado no movimento, era tido mesmo como chefe civil do movimento... É uma ilusão. Ser chefe civil de um movimento militar é sempre ilusório. Ele quis fazer uma aliança política, compondo o Governo com todas as forças de certa representação no Estado, de modo que em Minas aparecesse um líder.

Nenhum outro pessedista, além do vice Alkmin participou do governo. Castelo Branco montou um ministério com udenistas civis e militares e técnicos convergentes ao partido.

Não durou muito o PSD começou a se afastar do Governo Castelo, principalmente depois da cassação de Juscelino Kubitschek. “Em face da cassação, fez-se uma reunião da Executiva do partido e, com muita dificuldade, chegou-se a essa solução, determinando que a bancada se afastasse da maioria [na Câmara] para manter uma posição de independência. Isso porque estava acontecendo justamente o que eu previra — a tendência para não sair mais da posição de apoio ao governo, que é mais cômoda, sempre, do que a de oposição, ou mesmo de alheamento ou independência em face do poder”. Martins Rodrigues ponderara antes, argumentando contra a entrada do PSD na base aliada de Castelo. “Uma vez lá, era mais difícil sair e, numa hipótese ou noutra, haverá enorme desgaste.”¹³

— Por que o seu partido, o PSD, não apoia fortemente, decididamente, o governo do marechal Castelo Branco, doutor Martins? —, pergunta o marechal Costa e Silva, em encontro acidental no Palácio do Planalto.

— Marechal, é porque ele é mais udenista do que o brigadeiro Eduardo Gomes, respondeu o sempre direto Martins Rodrigues. Como observou mais tarde, “de fato, a tendência do espírito de Castelo só enxergava os homens da UDN. Ele chegou a dizer mesmo, uma vez, que os grandes homens do Brasil estavam na UDN. De forma que era difícil, realmente”.

Como se vê, nos momentos mais decisivos da história do Brasil, Martins Rodrigues estava dentro das entranhas mais entranhadas do

poder, sempre preservando aquela utopia dos que acreditam na democracia e nos homens e numa linha de “redução de danos”, como foi o caso da sucessão de Jango. Na autocrítica, a rebarba do erro estratégico. Mas quem de fato, em sã consciência, optaria por uma guerra civil, ainda mais considerando a geopolítica do Brasil no hemisfério sul?

O ovo da serpente fecundou. O mandato do Castelo foi prorrogado a partir de uma emenda apresentada ao Congresso, de iniciativa do senador João Agripino.

Na verdade, por motivos técnicos, foram duas emendas de prorrogação, conta Luís Viana Filho, ministro Extraordinário para os Assuntos do Gabinete Civil, no Governo Castelo Branco. Nas palavras de Viana, os senadores João Agripino e Daniel Krieger aventaram a ideia da prorrogação, que ganhou força em uma visita a Afonso Arinos. “Acilmente [sic] afastado de Lacerda, Arinos não via com bons olhos a possibilidade de uma vitória deste; João Agripino trazia recordações dos episódios que antecederam a renúncia de Jânio Quadros; e Krieger acreditava que [o candidato à presidência, Carlos] Lacerda, [se eleito a] presidente, se tornaria ditador. Nisso, aliás, todos pareciam de acordo. Por que não protelar por um ano o mandato do presidente, dando-lhe mais tempo às reformas, além de se adiar a eleição presidencial?”¹⁴

Arredio ao arraigado espontaneísmo da visão do ministro Luís Viana, Martins Rodrigues vê a emenda prorrogatória de modo diferente. “A minha impressão pessoal é a de que o Castelo no íntimo desejava a prorrogação”. E, de fato, parece que o Castelo tomou gosto.

Em 1965, com o Governo Castelo Branco perdendo apoio parlamentar, “o espírito naturalmente inquieto”¹⁵ de Paulo Sarasate costurava cada vez mais ações para quebrar, naquele momento, o gelo político entre Castelo e Martins Rodrigues. Afinal, eles já estiveram juntos na União pelo Ceará.

Viajaram juntos para o Ceará, numa carona estratégica. No mesmo avião, Castelo, Sarasate e Martins Rodrigues, além de familiares. “Ele

[Castelo] me chamou para a mesa. Eu ia com minha senhora. Talvez por isso, ele, muito gentil, me convidou para almoçar com ele. Na conversa, eu falei sobre a sucessão nos estados. Não sei se ele pediu minha impressão ou se eu tomei a iniciativa. Mas eu disse a ele com franqueza que eu achava que a solução devia ser a eleição popular, apesar de oferecer dificuldades, ainda que ele corresse algum risco de perder aqui ou acolá. E dei a ele um argumento. Disse: para o Governo é preferível. Ele disse: Por quê? — Porque se o senhor não fizer a eleição de governador pelo voto popular, o senhor vai ter um problema militar em cada estado. Cada chefe de guarnição, comandante de região ou comandante de força aí é candidato.

E o senhor vai ter um grande problema de safar-se dessas candidaturas.

O Paulo Sarasate, que estava em pé assistindo a conversa, não gostou das minhas observações. Ele [Castelo] desconversou, cortou a conversa e passou para outro assunto.

— Você fez muito mal em dizer aquilo... Mas você não devia ter dito aquilo ao Presidente —, Paulo Sarasate dirigindo-se, depois, a Martins Rodrigues.

— Por que?

— Porque o Presidente é muito cioso do domínio que ele tem, da força que ele tem perante os militares.

Mais tarde, Martins Rodrigues murmurou com seus botões:

— Eu não tenho nada com isso. Eu acho que ele ia ter dificuldades. Ele não deve ter gostado mesmo. Mas, afinal de contas, ele deve ter sentido essas dificuldades.

O que prometia caminhar para uma solução eleitoralmente democrática, endureceu. E, depois, endureceu novamente.

— Desde o primeiro momento eu entendi, como líder do PSD, que ele [o partido] não devia participar da frente parlamentar do Governo, da composição parlamentar do Governo. O presidente Castelo Branco teve a gentileza de conversar comigo a respeito da Liderança da Câmara, da Liderança das Forças do Governo na Câmara, para as quais

ele indicou o então deputado Pedro Aleixo, dizendo que todo mundo considerava uma excelente indicação. Eu disse a ele que também assim achava e que nós apoiaríamos essa indicação, apoiaríamos o Governo e daríamos, inclusive, a cooperação parlamentar que se fizesse necessária, mas não queríamos unir nossas forças no sistema de comando único e ficar subordinados ao comando da liderança oficial.¹⁶

Essa posição foi reiterada na tribuna da Câmara dos Deputados. Martins Rodrigues asseverou que o PSD não negaria sua colaboração às propostas governistas que estivessem de acordo com o pensamento do partido e que o partido julgar sejam elas de acordo com o interesse nacional. No entanto, afirmou à época: “desprezará aquelas outras nas quais não identificar a observância desses altos interesses”.¹⁷

Martins Rodrigues, naquele 1965, considerava a aproximação de nuvens sombrias como uma hipótese consistente. Ele as pressentia. Já antevia a cassação de políticos, inclusive a de Juscelino que veio a passos rápidos. Receava que o Governo poderia praticar atos que não seriam aceitos por ele, nem pelo PSD. “Não nos parecia bem, inclusive do ponto de vista ético, participarmos da composição governamental.”

Só que a posição do Martins Rodrigues foi vencida dentro do partido, a favor da tese do deputado Pedro Aleixo — um dos fundadores da UDN-União Democrática Nacional —, que “fazia questão da entrada do PSD na bancada do Governo”. Nos polêmicos embates internos, Martins Rodrigues desenhava a perspectiva sombria, alertando para o fato que ninguém sabia ao certo o que estava sendo gestado nos “laboratórios da revolução”.¹⁸

— Já se falava na cassação de Juscelino.

No entanto, o governo de Castelo obteve e construiu uma ampla base parlamentar para aprovar suas pretendidas reformas. Nada menos que dez partidos ficaram sob as asas do Governo — UDN, PSD, PSP, PDC, MTR, PL, PTN, PST, PRP e PRT — sob a liderança de Pedro Aleixo, na Câmara dos Deputados. No Senado, o líder Filinto Müller, do PSD, dava longas e confortáveis braçadas na defesa dos interesses do Governo Castelo. Finalmente, uma grande frente nacional envol-

veu todos os partidos, com a exceção do PTB, apesar da adesão de alguns petebistas dissidentes, logo apelidados de “bigorrilhos”.

“A verdade, porém, é que ele relutou longamente antes de se conformar com a decisão do Congresso” de aprovar a extensão do seu mandato.¹⁹ Viana atribui a Sarasate uma enorme habilidade em aparar certas resistências de Castelo. “Paulo Sarasate, que tinha fácil acesso a Castelo, não perdia oportunidade para conceber, reformar e adaptar emendas aceitáveis pelo Presidente”. Atribui-se a Sarasate parte do sucesso na prorrogação do mandato de Castelo após renitentes insistências deste àquele, como depreende-se de uma anotação no “Diário” de Sarasate, de 5 de julho de 1964, revelada no livro de Luís Viana: “9hs. Embarque do Presidente. Insiste em não admitir prorrogação e diz que falará à tarde com Pedro Aleixo e Krieger.”

Do diálogo de Pedro Aleixo com Castelo, o renhido defensor da ideia da prorrogação do mandato do marechal, movido por aquelas variáveis conjunturais que apontavam para uma tibieza da “revolução” então ameaçada, não economizou no argumento:

— O senhor é insubstituível, Marechal.

—Doutor Aleixo, os cemitérios estão cheios de insubstituíveis, re-truca Castelo.

Em 22 de julho de 1964, o Congresso Nacional prorrogou o mandato de Castelo Branco para até 15 de março de 1967; as eleições presidenciais seriam em outubro de 1966.

Seriam.

O pacote de emendas e sub-emendas tinha vários penduricalhos. Além da prorrogação dos mandatos do presidente e do vice-presidente da República, instituíram a maioria absoluta para os futuros pleitos presidenciais, autorizavam a elegibilidade para os militares e suprimiram o privilégio da isenção do pagamento de imposto de renda que era dado a jornalistas, magistrados, professores e autores. Também foi rejeitada a proposta que ampliava o direito do voto aos analfabetos — eles continuam podendo votar somente nas eleições municipais.

Na sessão do dia 23, o senador Daniel Krieger leu carta que lhe foi

encaminhada há dias pelo marechal Castelo Branco pronunciando-se contra a prorrogação do seu mandato e preocupado com uma possível repercussão negativa, entre outras coisas.

Martins Rodrigues foi vítima do arbítrio da violência dos atos institucionais, em especial do AI-5, que cassou seus direitos políticos e instalou a noite mais sombria da história recente da República brasileira. Mais que isso, Martins Rodrigues ficou proibido pelos militares de sair de Brasília. Entre seus colegas no quartel do Batalhão de Polícia do Exército (PE), em Brasília, estavam Carlos Castello Branco, Otacílio Lopes, do jornal *Última Hora*, Heráclito Sobral Pinto que, aos 76 anos de idade, estrebuchava nas mãos de alguns militares, segundo nos relata Castelinho.²⁰ “Depois de Sobral, a frequência foi aumentando: chegaram presos os então deputados Mário Covas, Martins Rodrigues e José Carlos Guerra.”²¹ Uma onda de prisões tomou conta do país em um eclipse provocado pela enorme nuvem negra chamada AI-5 a encobrir ainda mais o sol das liberdades civis.

Martins Rodrigues esteve no olho do furacão às vésperas da decretação do famigerado AI-5. Na sua histórica e biográfica entrevista ao jornalista D’Alembert Jaccoud,²² concedida dois dias antes de sua morte, José Martins Rodrigues revela, do seu ponto de vista, suas participações em momentos cruciais na história do Brasil.

Martins Rodrigues foi quem comandou a defesa do deputado Márcio Moreira Alves (MDB da Guanabara) na Comissão de Constituição e Justiça da Câmara dos Deputados. Moreira Alves fez um discurso conclamando o povo a não prestigiar o desfile militar de 7 de setembro. “[...] o Governo, através do ministro Luís Antônio da Gama e Silva, da Justiça, pediu seu enquadramento no artigo 151 da Constituição, que prevê casos de abuso no exercício do mandato parlamentar. Acolhida a representação do Procurador-Geral da República, a licença para dar seguimento ao processo contra o parlamentar estava na dependência da autorização da Câmara dos Deputados.”²³

Conduzindo de modo intransigente a defesa de Márcio Moreira Alves, Martins Rodrigues bradou no plenário da Comissão, destemi-

do, mas, ao mesmo tempo, cutucando onça com vara curta:

“O Governo vem confirmando seu completo desapareço pela opinião pública do país e, de outro lado, o seu desconhecimento não só dos fundamentos da doutrina democrática, como também do próprio texto da Constituição em vigor e da tradição do Congresso Nacional”.

Nesse episódio, Martins Rodrigues infligiu enorme derrota ao Governo que, irado, pareceu ter aqui a gota d’água esperada para a edição do AI-5.

“Depois da prisão e da cassação, o Governo aplicou mais uma penalidade contra Martins Rodrigues: o confinamento”, relembra Paes de Andrade. “Foi fixada para ele residência obrigatória em Brasília, com a proibição de ausentar-se da capital. Era uma espécie de prisão com *'ménage'*”.

Anos antes, em 1964, um dos correligionários no PSD, senador Amaral Peixoto, juntamente com seu colega de casa Paulo Sarasate (UDN), articularam um encontro de Martins Rodrigues com o então marechal Castelo Branco, “para buscar nosso apoio àquele seu conterrâneo, julgando que poderia ser o ponto de união entre a Revolução e o mundo político”.²⁴

Paes de Andrade — que tinha em Martins Rodrigues o seu “padrão de homem público do Ceará e do Brasil, [ele é] meu mestre, meu líder, meu amigo”²⁵ — lembra, “foi à ressonância da excepcional autoridade de sua voz que, no dia 12 de dezembro, o relator da matéria, o deputado Djalma Marinho, da Arena do Rio Grande do Norte e, pois, do partido do Governo, proferiu seu voto contra a licença requerida pelo Executivo, em defesa das imunidades parlamentares. Debaixo de grande emoção, a maioria do plenário da Comissão acompanhou seu voto. Nessa reunião histórica, Martins Rodrigues, que ali infligia uma derrota sem precedentes ao Governo autoritário, teve também sua última intervenção parlamentar.”²⁶

— De pé, para aplaudir um homem! —, conclamou em alta voz Martins Rodrigues, levantando-se de sua cadeira, dirigindo-se aos demais membros da Comissão e apontando para o Deputado Djalma Marinho.²⁷

Horas depois dessa reunião o governo militar editou o AI-5.

Às vésperas do AI-5, na iminência de ser cassado e insulado em Brasília, José Martins Rodrigues recebeu a homenagem marcante, altaneira e desafiadora dos bacharelados da faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará, de onde fora aluno e depois professor: foi escolhido paraninfo da turma. Já então impedido de sair de Brasília, em dezembro de 1968 envia um texto aos bacharelados que, proibido de ser divulgado pela censura militar, foi transformado em panfleto e distribuído à larga. Ali fazia uma extensa análise de conjuntura, apontando as mazelas estruturais da Nação, tudo que o regime militar não queria ver nem ouvir.

“Há, dentro do Brasil, regiões onde dominam a pobreza e a miséria em contraste com zonas mais desenvolvidas e em franco progresso, onde as condições da existência não são inumanas e brutais como naquelas.

[...] Nem sempre o pobre, o espoliado, o abandonado, aquele a quem se nega a justiça elementar do salário que lhe permita uma vida humana e digna, para si e para a família, se obstinará em esperar sem que a esperança se converta em desespero, como aquele Pedro pedreiro, da filosófica canção de Chico Buarque de Holanda:

Esperando, esperando, esperando
Esperando o sol,
esperando o trem
Esperando aumento para o mês que vem...
Esperando um filho pra esperar também!
Esperando a festa,
esperando a sorte,
Esperando a morte,

esperando o Norte
Esperando o dia de esperar ninguém
Esperando enfim, nada mais além
que a esperança aflita, bendita, infinita
do apito de um trem...

O ponto mais delicado da fala de Martins Rodrigues aos concludentes referia-se ao apoio ao Golpe Militar de 1964:

“Houve um movimento revolucionário no Brasil, em 31 de março de 1964, declaradamente para corrigir os erros e males da política então dominante e retificar, presumivelmente, as injustiças existentes.

Mas, na realidade, que é que ocorreu?

Agravaram-se as injustiças no campo social, no econômico, no cultural e no político. No plano social suprimiu-se a liberdade sindical e impôs-se ao operariado, obrigado a calar-se diante do clima de intimidação dominante, o arrocho salarial, através de uma política econômica cruel, desumana e contrária ao interesse nacional.

No campo político, puniram-se sem discriminação os adversários da véspera, impuseram-se-lhes penas de banimento e proscrição política sem julgamento e sem defesa. Sujeitaram-se presos políticos a torturas e violências degradantes, desrespeitando-se inclusive os preceitos universais do respeito à dignidade humana. No terreno da política ainda, tirou-se ao povo o direito de escolher, pelo voto direto e livre, os seus governantes, e suprimiram-se as lideranças autênticas, reduzindo-se a vida partidária, artificialmente, ao jogo sem equilíbrio possível de duas entidades, artificialmente formadas e impostas ao país. Reduziram-se ao mínimo as atribuições do Congresso, limitando-se-lhe a atividade à chancela das iniciativas do Poder Executivo. Substituiu-se, no julgamento dos crimes contra o Estado, a justiça normal pelo judiciário militar, de caráter excepcional.

Combateu-se a cultura, submetendo-se professores e homens de

inteligência à violência de inquéritos policiais-militares, forçando-os a emigrar para países, onde estão enriquecendo o patrimônio cultural de outros povos. E, pela perseguição a sacerdotes e religiosos, envolvidos num clima de insegurança e suspeição, cometeu-se a estultícia de lançar-se o gérmen da política do Segundo Império contra Dom Vital e Dom Macêdo Costa.

Finalmente, abriu-se, desde o início, luta inglória contra a juventude e os estudantes, repelindo-se a participação destes na vida pública, em uma Nação como a nossa, onde mais de cinquenta por cento da população é menor de 21 anos de idade.

[...] onde não reina a justiça, não há lugar também para a liberdade nem para a estabilidade política e a paz social. E, consequentemente, não há lugar para o desenvolvimento e o progresso.

[...] De nenhum modo se justificaria, conhecendo a extensão das injustiças de que vos falei, que vos arreceásseis de enfrentá-los como cidadãos do mundo e da pátria.”²⁸

José Martins Rodrigues viveu a política intensamente, mas nunca usou a política como um meio para acumular dinheiro ou traficar influência. Foi um homem público que radicalizou nesta expressão. Sua vida franciscana se traduziu em um único apartamento em Brasília. A dignidade teve em José Martins Rodrigues uma das suas mais radicais traduções.

Em 1956, estava na lista dos deputados mais assíduos no parlamento federal. Com o título “Estes são os que trabalham” lá estava José Martins Rodrigues, ao lado de, entre outros: Armando Falcão (Ceará), Horácio Lafer (São Paulo), João Agripino (Paraíba), Colombo de Souza (Ceará), Afonso Arinos (Minas Gerais), Saturnino Braga (Rio de Janeiro). Do Ceará, como vimos, somente três parlamentares compunham a lista. “Os inoperantes” eram compostos por Aziz Maron (Bahia), Arino de Matos (Rio de Janeiro) e Lutero Vargas (Distrito Federal, RJ) — o Lutero em pauta é o filho mais velho do ex-presidente Getúlio Vargas e de Darcy Vargas.²⁹

Na sexta-feira, 22 de setembro de 1961, a menos de um ano do que viria a ser a frente de partidos conhecida como União pelo Ceará, o deputado federal José Martins Rodrigues era potencial candidato ao governo do Ceará. Embora advogasse, já àquela época, uma composição política geral, assegurava que não renunciaria à sua candidatura. *O Estado* rasgou manchete em primeira página, enfatizando a posição do líder do PSD na Câmara dos Deputados.

Em seguida, lia-se o subtítulo, destacando vários pontos abordados na entrevista:

IMPORTANTES DECLARAÇÕES DO LÍDER PESSEDISTA
— REVOLTADO COM A PRISÃO DE THEMÍSTOCLES —
NOVO REGIME FOI IMPOSTO PELO CONGRESSO AOS
MILITARES, NÃO O CONTRÁRIO — OS PERIGOS DA
"OPERAÇÃO" RETORNO

O candidato do PSD ao Governo do Estado e ex-ministro da Justiça chegou a Fortaleza no dia anterior, procedente de São Paulo, e conversou com o repórter do jornal *O Estado* na tarde do dia seguinte, quando “abordou os mais variados aspectos do panorama político nacional, fazendo verdadeiro pronunciamento sobre a crise político-militar que abalou o país”. Martins Rodrigues explicou porque aceitou ser ministro da Justiça no governo provisório de Ranieri Mazzilli, formado em decorrência da renúncia de Jânio Quadros e do impasse institucional que precedeu a posse do vice-presidente João Goulart.

— Certas atitudes não podem ser compreendidas de imediato. Não assumi a posição sem conhecimento dos riscos que corria. Aceitei como um dever para servir à minha Pátria no momento tão crítico.

Toda a ação do ministro da Justiça Martins Rodrigues foi em defesa da legalidade. Na sua análise, o novo regime, parlamentarista, foi uma imposição do Congresso Nacional aos ministros militares e nunca uma pressão das Forças Armadas sobre o Congresso.

— Os ministros militares não tinham a intenção de aceitar a fór-

mula parlamentarista. Todos os militares são, por natureza, presidencialistas, partidários de um governo mais forte. A emenda parlamentarista foi uma solução para crise e um meio de se evitar uma guerra civil.

Martins Rodrigues entende que se ministros não tivessem aceitado a fórmula parlamentarista, teriam empurrado o país para a deflagração de uma revolução.³⁰

Sobre a prisão de Themístocles de Castro e Silva, em represália a um artigo seu publicado na primeira página do jornal *O Estado*, defendendo a posse de Jango “pura e simplesmente”, disparou:

— Recebi a notícia da prisão de Themístocles com muita revolta. Não digo que foi um ato contra um secretário de Estado no exercício de suas funções, mas sobretudo um ato de força contra um jornalista que se manifestara no gozo das franquias constitucionais.

Em 1962, lá estava ele, líder do PSD, defendendo que as apurações das eleições fossem feitas pelas próprias mesas receptoras do voto.

— Seria esta a maneira prática de acabar novo tipo de fraude que se vai generalizando por todo o país: a fraude dos mapas de resultados.³¹

O jornal continuava dando toda a guarida editorial ao seu fundador. Não poucas vezes optava pela grafia “Zémartins”, principalmente nos títulos como neste “Zémartins falará hoje na faculdade”. Soava bastante coloquial, intimista, e bem mais popular.

A apreciada *Coluna do Castello*, assinada pelo jornalista Carlos Castello Branco, e publicada originalmente no *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro e republicada simultaneamente em dezenas de jornais em todo o Brasil, dedicou sua edição do dia 26 de junho de 1976 a José Martins Rodrigues, falecido dois dias antes, no dia 24, em sua residência, em Brasília, aos 74 anos, “vítima de um ataque cardíaco”.³²

O piauiense Castello, o primo do general presidente Humberto de Alencar Castelo Branco, jogou na trincheira da liberdade, ao contrário do seu parente guindado à Presidência. Ambos conheciam bem Martins Rodrigues, em especial o jornalista Castello a quem, certo dia, Martins Rodrigues confidenciou: “Sei que melhorei. Hoje sou melhor

homem do que era antes. Os filhos sempre melhoram a gente”. Ambos foram presos juntos, em Brasília, sob a égide do AI-5.

Em sua coluna, sob o título *Trajetória de Martins Rodrigues*,³³ escrita sob o pesar da morte do político cearense, o analista político do JB assinala:

Sendo um homem só, inteiriço, José Martins Rodrigues terá sido possivelmente dois políticos. Inicialmente, ele foi o José Martins que as injunções e as lealdades locais destinaram ao exercício da chefia de Polícia e da Secretaria de Segurança dos interventores do Estado Novo no Ceará. Dizem que ele se desincumbiu das funções com energia, o que condizia com seu temperamento. Suas origens partidárias regionais fizeram dele um homem do PSD, partido que passou a representar na Câmara Federal já na segunda legislatura do regime de 1946. Suas qualidades políticas e sua fidelidade à linha do Partido lhe deram destaque, sendo incumbido de missões difíceis que importavam para ele, naquela época em que a UDN dava o tom da opinião pública do Rio de Janeiro, a impopularidade e o despreço das consciências bem formadas. Coube-lhe, por exemplo, a ingrata tarefa de pleitear da Câmara, como relator da Comissão Especial, a cassação do mandato do ex-deputado Carlos Lacerda, por ter revelado documento tido como sigiloso. A batalha foi perdida, mas ele a travou até o fim.

Tal fato é lembrado aqui para fixar no seu temperamento a tônica da fidelidade. Formado no PSD, aceitava as missões e a elas se entregava. Por isso mesmo, ascendeu rapidamente à vice-liderança e posteriormente à liderança, passando a ser, pelos méritos do hábil articulador e formulador imaginoso da política do seu partido, um dos chefes pessedistas.

Castello assinala que “o momento mais difícil” para José Martins Rodrigues, como líder do partido, aconteceu depois da posse do presidente João Goulart.

Escreve Carlos Castello Branco:

“Passara ele alguns dias no Ministério da Justiça, nomeado por Ranieri Mazzilli, e voltara à liderança para, ao lado do hoje senador Amaral Peixoto, então presidente do PSD, travar a longa e penosa batalha de contenção do Presidente que queria furar o pacto em função do qual lhe fora assegurada a posse no Planalto. As negociações eram difíceis e penosas, pois o Presidente da República tinha suas cunhas plantadas no coração do PSD, sem embargo de estar a maioria desse partido mobilizada para impugnar as reformas de base, sobretudo a reforma agrária, nos termos radicais da sua proposição.

Martins Rodrigues iria se convencer que seus esforços eram inúteis e toda a campanha reformista era apenas disfarce para objetivos revolucionários. Nessa linha, entre as contradições do seu partido, terminaria por romper com o Governo e por admitir uma intervenção saneadora que ocorreria pouco depois. Escolhido para a Presidência, o marechal Castelo Branco deu-lhe colaboração, servindo de ponte entre a velha cúpula partidária e seu conterrâneo, alçado à Chefia do Governo pelas contingências da política nacional. Mais cedo do que esperava, iria lutar contra o Presidente e contra o Movimento que já então pretendia ser uma Revolução, e de cujo primeiro Ato Institucional tivera vista antecipada. Opôs-se à prorrogação do mandato. Em 1965 comandou com firmeza a resistência às pressões que visavam obter do Congresso a votação de medidas capazes de apaziguar os militares e assegurar a continuidade do regime. No último momento, pediram-lhe apenas nove votos do PSD. Ele não deu nenhum. Sua capacidade de transigir chegara ao limite. Pagou para ver, e veio o Ato 2, e acabaram-se os partidos.

Na nova formação não hesitou em formar no MDB, do qual foi secretário-geral. O marechal Castelo Branco lhe conhecia os serviços e a têmpera e o respeitou até o final. No Governo Costa e Silva,

aceitou as negociações para formação da chamada Frente Ampla, liderada por Carlos Lacerda, com a participação de políticos proscritos, inclusive dois antigos presidentes. Entendia, porém, que o MDB não deveria dissolver-se na frente, mas nela ingressar, ou não, como um todo. Respeitava no fundo os escrúpulos do senador Amaral Peixoto, para quem seria impossível aliar-se a Lacerda, e entendia que o partido era o instrumento legal de ação política existente naquele momento. A ideia de ilegalidade jamais lhe passaria, então ou depois, pela cabeça. Lutava, todavia, e participava de passeatas estudantis.

Em 1968, enquanto a Arena, dilacerada, sepultava o comando político do marechal Costa e Silva, ele participou com destemor da batalha em defesa do mandato de um jovem deputado que reclamava seguidamente da sua moderação. Baixado o Ato n.º 5, no dia seguinte encontramos-nos no presídio da Polícia do Exército, em Brasília. A idade e os dissabores por atos que atingiram pessoas de sua família não lhe afetavam o ânimo. Um dia, disse-me: “Sei que melhorei. Hoje sou melhor homem do que era antes. Os filhos sempre melhoram a gente”. De então para cá, cassado, restando-lhe de patrimônio um pequeno apartamento em Brasília, lá instalou-se e nas proximidades dos 70 anos retomou a advocacia, que lhe deu até a hora da morte o pão de cada dia.

E, assim, conclui Carlos Castello Branco seu belo artigo de adeus ao amigo, fonte de informação, e ex-companheiro de cela José Martins Rodrigues:

Pobre e íntegro, com o dom de aperfeiçoar-se no sofrimento e na adversidade, cumpriu um destino digno de ser cultuado pelos que insistem em dedicar-se ao serviço público.³⁴

“Hoje, no Ceará, existe um mito — o deputado José Martins Rodri-

gues”. Osíris Pontes, deputado estadual (MDB). “Quem duvidar, que espere as eleições de 11 de novembro, se chegarmos até lá”, completa o colunista do *Correio da Manhã*.³⁵

José Martins Rodrigues recebe sucessivas reverências a cada aniversário do jornal *O Estado*, como esta na capa da edição de 24 de setembro de 1961, domingo.³⁶ À época, o diretor de redação era o jornalista Odalves Lima, o único nome a aparecer no expediente do jornal. O jornalista Themístocles de Castro e Silva servia ao governo de Parsifal Barroso, a quem o jornal estava vinculado. Certamente por razões políticas, mas somente em períodos eleitorais, Themístocles se omitia de aparecer no expediente do jornal, embora continuasse orientando a linha editorial.

“Deputado Martins Rodrigues, fundador e primeiro diretor de *O Estado*. Foi sob sua inspiração que veio a lume, há 25 anos, o querido matutino que hoje vê transcorrer mais um ano de sua fundação. Espírito empreendedor, homem culto de larga visão política, o então Secretário do Interior e Justiça do Governo Menezes Pimentel soube compreender em toda a sua extensão, o alto significado da organização de um jornal como veículo das aspirações de liberdade, justiça e democracia. À frente do jornal, mantendo uma coluna que se tornou famosa no jornalismo cearense — *Crônica Hebdomadária*, de Rodrigo de Almeida [pseudônimo de Martins Rodrigues], deu nova orientação ao periodismo local. Neste ligeiro registro, queremos prestar nossa homenagem ao nosso primeiro comandante.”³⁷

Sempre sóbrio e sisudo, José Martins Rodrigues não protagoniza causos no folclore político, mas este episódio onde atua como coadjuvante é bem original. O senador Benedito Valadares conversava com o deputado Martins Rodrigues quando se aproximou um deputado, cumprimentou-o amavelmente e seguiu caminho.

O senador perguntou a Martins Rodrigues:

— Esse homem foi reeleito?

Martins Rodrigues ensaiava responder, mas Valadares emendou:

— Tenho horror de deputado que não se reelegeu.³⁸

Em uma das várias tentativas de Jango para trazer o PSD para seu Governo — e foram idas e vindas — o presidente pediu a Amaral Peixoto e a José Martins Rodrigues que convidassem o deputado Ulysses Guimarães para integrar a delegação brasileira à 18ª Assembleia-Geral das Nações Unidas, em Nova York. A saia justa para quem convidou Ulysses viria logo em seguida. Dias depois, Jango Goulart, precisando quebrar o ímpeto oposicionista do deputado Aluísio de Castro, também pessedista, convidou-o de supetão para o mesmo lugar, em seguida num jantar no Alvorada. O primeiro-ministro de Jango, Tancredo Neves, foi então incumbido de desconvidar Ulysses Guimarães.³⁹

Essa notinha, publicada na apreciadíssima seção de fofocas políticas em *O Cruzeiro*, divertiu Martins Rodrigues, já que o alvo era o incorrigível governista empedernido Magalhães Pinto.

O sogro do presidente Castelo Branco, comendador Arthur Viana, confessou ao genro, na última vez que o viu, em Belo Horizonte, numa rápida visita, que ainda não tinha vencido um constrangimento de ser um homem governista, depois de tantos anos de oposição. O presidente deu uma solução para o sogro:

— O senhor não precisa abandonar a oposição, totalmente. Continue a fazer oposição ao governador Magalhães Pinto, aqui em Minas.⁴⁰

Passionalmente ligado ao Ceará, Martins Rodrigues demonstrava esse afeto com tiradas memoráveis:

— Rio de Janeiro para mim é estação de transbordo —, retrucava quando, já em Brasília, era insistentemente convocado para uma reunião.

— Somente irei aí quando sair de Brasília para o Ceará.⁴¹

Nesse período, no recesso do meio do ano de 1966, o deputado José Martins Rodrigues, depois de uma volta pelo sertão do Ceará, reforçou ainda mais sua impressão de que “o povo está profundamente sensibilizado pelo problema político nacional, evidenciando, acima

de tudo, sua frustração por lhe terem arrancado das mãos o direito de escolher os governantes”. A partir daí, ele passou a defender que a campanha oposicionista deve orientar-se pelas seguintes bandeiras: eleições diretas, custo de vida, entreguismo.⁴²

Martins Rodrigues era uma das fontes de informação mais cobiçadas pela imprensa, onde cultivou grandes amigos como Carlos Castello Branco, D’Alembert Jaccoud, Carlos Chagas. Esta relevância dava-se por um fato simples: era consenso que três homens controlavam na Câmara dos Deputados o partido de oposição MDB: Martins Rodrigues, secretário-geral da nova agremiação, Vieira de Melo, líder (ex-PSD da Bahia) e Oliveira Brito (também remanescente do extinto PSD da Bahia), principal conselheiro político do novo partido.⁴³

Esse triunvirato, que comandou a obstrução permanente da Câmara em fevereiro de 1966, divulgou um manifesto para esclarecer a decisão. Dizia, entre outras coisas, que “a bancada governista, que encarna na Câmara dos Deputados a vontade totalitária oriunda do Poder Executivo, rompeu compromisso assumido com a oposição, violentando princípios constitucionais e normas parlamentares, ao negar-lhe condições para participação e fiscalização dos trabalhos da casa”.

Em julho de 1966, Martins Rodrigues foi à Austrália, onde participou da Conferência Preliminar da União Interparlamentar, em Canberra. De todos os lugares por onde passou, mandou cartões postais com o mesmo recado para jornalistas:

— Não aguento viver sem as fofocas de vocês.⁴⁴

Essa foi apenas uma das várias missões oficiais do parlamentar no exterior. Em 1960, foi a Portugal e Itália como representante da Câmara dos Deputados nos Jogos Olímpicos. Em 1964, viajou aos Estados Unidos a convite do Departamento de Estado.

MDB quer reformar a favor da democracia, destaca título de reportagem especial de política na revista *O Cruzeiro*, pontuando como subtítulo os temas em pauta: 1. Desvirtuamento da revolução; 2. Con-

denação do bipartidarismo; 3. Programa das reformas do MDB; 4. Os residuais do militarismo.

Naquele julho de 1967, o secretário-geral do MDB, ex-líder da oposição, “vanguarda das resistências ao Governo, o deputado Martins Rodrigues acha que os políticos e a política vivem momentos de frustrações”.

— A frustração é sentimento que caracteriza o momento.⁴⁵

Martins Rodrigues traduz o sentimento de frustração quando enfatiza o distanciamento do Governo Militar do apoio que recebeu da sociedade civil.

— A chamada Revolução de Março de 1964, que ao dominar o país, encarnava, sem dúvida, as aspirações de grande parte da opinião pública no sentido de preservar as instituições democráticas que a agitação crescente ameaçava de soçobro, frustrou desde o princípio a expectativa simpática com que fora recebida e, no curso do seu processo de desenvolvimento, cada vez mais se distanciou dos objetivos que, nesse particular, pareceram inspirá-la.

E fala do retrocesso:

— Sob o pretexto de purificar a democracia, defendendo-a contra a subversão que se proclamava iminente, e de extirpar do seu organismo os viciosos processos de governo que a corrompiam, o poder revolucionário retrogradou, no campo da atuação política, até às formas oligárquicas de governo que já haviam sido proscritas, e obstinou-se na prática de atos punitivos ou de vindita, que, em vez de contribuir para melhorar o processo da evolução do regime democrático, o que fizeram foi debilitá-lo, senão substituí-lo pelo império da prepotência e da força.

Sua análise daquela conjuntura reforça, a cada sentença, a frustração decorrente da subtração dos direitos civis.

— As liberdades públicas individuais foram desprezadas; a classe política, reduzida à submissão e à obediência, pelo temor das punições e represálias; o Congresso, desmoralizado pelas cassações de mandatos efetuadas sem qualquer critério, pelo mero arbítrio dos

dominadores; as aspirações de liberdade dos trabalhadores, universitários, cientistas, escritores, sacerdotes e homens de inteligência e cultura, reprimidas pela violência policial, pela sujeição a inquéritos policiais-militares, pelo uso de vexames e torturas físicas e psíquicas, pela deportação ou pelo exílio.

Na alentada entrevista a *O Cruzeiro*, José Martins Rodrigues faz um retrospecto sombrio dos três anos do governo Castelo Branco:

— Durante os três anos que durou, ostensivamente, a ditadura, não foi possível, a rigor, qualquer atividade política espontânea e livre, senão a que consentiu, ou pelos seus processos de violência direta ou através da legislação adequada a colher os frutos do seu desejo, até que ela própria entendeu de suprimir, por ato institucional, os antigos partidos políticos e de substituí-los por outros, formados segundo as determinações legais que estabeleceu. E agiu por tal forma que não seria possível, a quem pretendesse continuar no exercício das atividades públicas, deixar de ingressar nos quadros de uma das duas organizações que a ditadura arbitrariamente instituiu na base das cúpulas daqueles partidos. Daí o artificialismo da existência dessas duas organizações, dentro das quais todos sentem que não podem caber, sem abstrair da nossa formação, das nossas tendências e das nossas tradições todas as correntes em que se pode dividir opinião nacional.

Para ele é fundamental o fim do bipartidarismo e a restauração da pluralidade de partidos, uma vez restituída a Nação aos caminhos normais da sua trajetória democrática.⁴⁶

— O que começou mal tem necessariamente que acabar mal. E não será por muito tempo que se hão de sacrificar as liberdades públicas e a tradição democrática de nosso país.⁴⁷

Martins Rodrigues avaliava que “o sistema político dominante caminha para o fim, ainda que arrastando, na sua derrocada, a tranqüilidade pública, a paz social, a ordem e a estabilidade indispensáveis ao desenvolvimento”.

As nuvens começavam a ficar carregadas. Em junho de 1967, uma

reunião de deputados do MDB — Márcio Moreira Alves, Mário Covas, Josaphat Marinho, José Martins Rodrigues, entre outros — se encerrou com observação unânime: ainda não se pode ter diálogo com o governo Costa e Silva — na presidência desde 15 de março — ou com os líderes da Arena.⁴⁸

Dias antes de Costa e Silva ser empossado presidente, Martins Rodrigues exercia o direito de acreditar nos homens. Era 4 de março:

— Imagino que ele poderá fazer um governo democrático, sobretudo se não olhar para trás.

E repetiu, enfático:

— Sobretudo se não olhar para trás.

Agosto de 1968. O ano avançava rápido e o estado das coisas fica cada vez mais nebuloso. A oposição fundada pelo bipartidarismo do Governo Militar tentava se impor com o mínimo de dignidade. Nuvens sombrias estavam em formação para transbordarem naquele próximo dezembro.

Martins Rodrigues respondia às indagações do jornalista Benedito Coutinho, da editoria de Política da revista *O Cruzeiro*, abrindo a reportagem principal daquela edição — *Como a oposição dialogará com o Governo*.⁴⁹

— Como a oposição admitiria um diálogo com o Governo? Esse diálogo é possível ou impossível?

— A indagação pressupõe, evidentemente, assistência da oposição convencional, ou seja, do Movimento Democrático Brasileiro, e não da oposição real, aquela que, independentemente de qualquer organização partidária, está na rua, mobilizando o povo para a contestação do governo.

E continua Martins Rodrigues:

— A verdade é que a inapetência do governo pela abertura do processo democrático, que se obstina em recusar, e pela realização das reformas estruturais exigidas pelo desenvolvimento econômico e pela justiça social, já hoje identifica em grande parte as duas espécies de

oposição. [...] A filosofia dos grupos que ocuparam o poder a partir de 1964, depois de dar o golpe militar, justificando-o com a reação popular indiscutível contra a ameaça de caos que pendia sobre o país, é incompatível com as aspirações democráticas do povo. Eles entendem como subversiva, inspirada pela ideologia comunista, qualquer tendência popular no sentido das reformas das estruturas políticas, sociais, culturais e econômicas.

Estava clara a desilusão do parlamentar com a perda total de foco daquela ação militar de 1964 que apoiou. O autoritarismo havia se instalado de forma que viria a ser ainda mais perversa a Ditadura Militar.

— Os grupos dominantes levaram o chamado Governo Revolucionário a institucionalizar, na Constituição de 1967, a filosofia autoritária que lhes convém imprimir às diretrizes do poder, e repelem qualquer iniciativa que possa importar, sem modificar o sistema político e social que ela encarna. E já não lhes basta essa posição antidemocrática, reacionária e retrógrada, cuja pior consequência é impedir o desenvolvimento do país, estagnando-o e imobilizando-o.

Para ele, naquela análise, “a crise brasileira, só na aparência, é uma crise política, no sentido estrito da expressão. [...] A verdade é que o sistema imposto ao país pela revolução conduz ao predomínio das oligarquias nas máquinas partidárias.”

— Não descansaremos na nossa luta pela restauração das práticas democráticas em nosso país, enquanto não alcançarmos esses e outros objetivos através da reforma da Constituição de 1967: eleição direta dos prefeitos das capitais; restauração das prerrogativas do Congresso quanto à iniciativa concorrente para os projetos sobre matéria financeira; a supressão do dispositivo da Constituição que autoriza o Presidente da República editar decreto com força de lei; a restrição do foro militar para julgamento dos civis nos crimes contra a segurança externa da Nação; a restauração da competência do Congresso, em estando aberto, para decretação do estado de sítio.⁵⁰

— Neste regime, banidos os líderes políticos que tiveram seus direitos cassados ou foram marginalizados da vida pública, não é em-

presa fácil a atividade dinâmica dos partidos e restauração do poder civil, em toda a sua plenitude. Há sempre, após as ditaduras, o resíduo de poder militar subjacente não conformado em abdicar da força de que dispôs e apto a ressurgir a qualquer instante, sempre que as circunstâncias lhe pareçam favoráveis.

Cálculo errado do experimentado político. O regime iria endurecer cada vez mais com prisão, repressão, censura e tortura..

No protesto dos estudantes, naquela quinta-feira, 25 de agosto de 1968, em Brasília, lá estava o pequeno e enérgico Martins Rodrigues, paletó e gravata, se expunha dirigindo-se à tropa armada, tentando arrefecê-los, dissuadí-los de partir para a violência. Em vão. Ele, Dom Aloísio Lorscheider, secretário-geral da CNBB, Mário Covas, líder da Oposição, e a deputada Júlia Stainbruch (RJ) foram atingidos por golpes de cassetetes e jatos d'água. Principalmente cacetetes foram usados fartamente durante toda noite de violência em Brasília. Os estudantes mais exaltados atacaram a Casa Thomas Jefferson aos gritos de "quebra casa dos ianques". Destruíram painéis comemorativos à Revolução de 1964.

“Esposa de Martins Rodrigues, ilustre e pioneira, Zilda Martins Rodrigues, fundou dentro do velho Parque da Liberdade, complexo-modelo de escolas maternas e de jardins de infância, que se chamou Cidade da Criança”, lembra Rachel de Queiroz em uma de suas crônicas, onde chorava a perda da amiga Alba Frota. “Alba foi uma das colaboradoras mais preciosas de Dona Zilda; e mais tarde, quando a fundadora se afastou, Alba assumiu a direção daquele grupo de escolas tão simpático, tão novo — pode-se dizer, quase revolucionário, para o lugar e a época.”⁵¹

Roberto Martins Rodrigues⁵² lembra:

— A Cidade da Criança nasceu da cabeça da minha mãe, Zilda Martins Rodrigues, que tinha trabalhado como assessora do profes-

sor Lourenço Filho, o educador que fez a primeira reforma no ensino primário no Ceará, na década de 1930.

As professoras da Cidade da Criança eram as responsáveis pela produção do conteúdo do suplemento dominical do jornal *O Estado*, o *Jornal dos nossos filhos*. Elas cuidavam não somente da parte de pedagogia, mas desenvolviam diagramas de brinquedos para serem montados pelos pequenos leitores.

A Carta ao prefeito de Fortaleza, de Rachel de Queiroz, é endereçada ao “meu caro Doutor José Walter”.

— Quando deixei o Ceará em agosto passado, [1967] andava você viajando por Alemanha e outras terras além e por isso não lhe falei pessoalmente.

Ali, Rachel de Queiroz apela ao prefeito para que seja dado o nome de Alba Frota a uma das escolas da cidade da Criança, como de fato aconteceu...

Lembra ela:

— Naquele desgraçado desastre aéreo morreram o presidente Castelo Branco, o irmão dele e meu primo Candinho, o piloto Celso e o seu amigo Major Assis — morreu também Alba Frota. Toda a gente no Ceará admirava e queria bem a Alba — a Albinha. Eu, coitada de mim, sou suspeita para falar nela; perdi naquela hora a amiga, a irmã mais chegada e mais fiel que jamais tive. [...] Ela era o anjo bom dos intelectuais, a protetora das Artes e dos Artistas.⁵³

Alba Frota se dedicou ao magistério recrutada pela ação inovadora de Zilda Martins Rodrigues na Cidade da Criança. Até hoje falta o reconhecimento público dessa ação pioneira de Zilda.

Roberto Martins Rodrigues, filho de dona Zilda, era um entusiasmado com o projeto pedagógico:

— A Cidade da Criança — estrategicamente localizada no Centro da cidade — teve uma enorme importância na área da pedagogia em Fortaleza.

Pela manhã aconteciam aulas de alfabetização infantil. À tarde,

eram as brincadeiras, sessão de leitura na biblioteca e passeio de barco no lago. Mas só participava das brincadeiras — que era para toda a criançada, não apenas para os alunos matriculados — apresentando o ticket da biblioteca que confirmava que a criança passou por lá, leu, debateu com a professora encarregada daquele setor. Tinha também a hora infantil que foi articulada pelo José Limaverde — o famoso radialista e pai dos também radialistas Narcélio e Paulo Limaverde — e pelo Cabral de Araújo, irmão do Paulo Cabral, que foi prefeito de Fortaleza. Àquela época, considerada áurea, o presidente Getúlio Vargas veio duas vezes a Fortaleza e visitou nas duas vezes a Cidade da Criança, tal o seu reconhecimento pela iniciativa inovadora.

O lugar ficou conhecido como Parque da Liberdade, mas infelizmente a escola acabou quando José Martins Rodrigues e dona Zilda foram morar no Rio de Janeiro. Admirada por muitos, dona Zilda é uma das perfiladas no livro *Quem são elas* (1992) da escritora e ex-primeira dama do Ceará, dona Olga Monte Barroso, mulher do governador Parsifal Barroso. No livro também ganham destaque a destemida Barbara de Alencar e a escritora Ana Facó, entre outras.

José Martins Rodrigues confidenciou ao filho, Roberto Martins Rodrigues, que o maior pecado dele foi apoiar a ditadura Vargas. Disse ele a Roberto: ⁵⁴

— Ditadura, por melhor que fosse, era péssima, meu filho, e daquilo me penitencio.

Martins Rodrigues rompeu doutrinariamente com Getúlio. O próprio Getúlio mudou, até mais para a esquerda. Isso entre a década de 1940 e 1950, mas Martins Rodrigues se manteve fiel ao PSD e apoiou Eurico Gaspar Dutra para presidente, o candidato do partido, contra aquela bandeira aparentemente renovadora do brigadeiro Eduardo Gomes, pela UDN.

Mas era uma época em que os políticos se respeitavam. Um dos principais nomes da UDN era o Edgar de Arruda, sócio do escritório de advocacia de Martins Rodrigues, compadres. Lembra

Roberto Martins Rodrigues:

— Papai era padrinho de um filho dele e ele era padrinho de um irmão meu.⁵⁵

José Martins Rodrigues foi uma espécie de interventor interino na doença de Menezes Pimentel, já que não havia a figura do vice-governador. Como secretário do Interior e Justiça, era o substituto imediato do governador — interventor. O Brasil na época da ditadura Vargas só preservou um governador, Benedito Valadares, de Minas Gerais. O resto todo era interventor, mesmo Menezes Pimentel, que até o golpe de Getúlio era o governador do Ceará e continuou no poder como interventor.

José Martins era uma personalidade ímpar. Cassado em janeiro de 1969, acabou se tornando grande amigo do coronel que o interrogou por 23 horas e meia, seguidamente. Somente se levantou uma vez para ir ao banheiro. Sua refeição foi um copo de leite. Mas ele dizia que os militares eram inocentes úteis: eles estavam certos e convencidos de que estavam salvando a Pátria do comunismo.

— Papai passou por uma evolução ideológica muito forte. Ele sempre foi um homem de centro, não era de direita; ele tinha horror ao integralismo, apesar de ter se tornado amigo do Plínio Salgado, que cansou de almoçar em nossa casa, no Rio de Janeiro. Era um homem muito inteligente e brilhante. Agora, inpedentemente de ser do centro, da esquerda ou da direita a gente tem é que prestar as homenagens.⁵⁶

José Martins Rodrigues faleceu a 24 de junho de 1976, aos 74 anos, em sua residência, em Brasília, vítima de um ataque cardíaco. O líder do antigo PSD no período dos ex-presidentes Juscelino Kubitschek, Jânio Quadros, João Goulart e Castelo Branco, ocupou ainda o ministério da Justiça no Governo Ranieri Mazzilli. Foi secretário-geral do MDB.

O ex-parlamentar — cassado pelo AI-5 em 1968 — havia acordado

e foi deitar-se numa rede, como de costume, para ler os jornais da manhã. Seu corpo foi velado na capela do cemitério de Brasília, e foi sepultado no dia 25, às 16:00 horas.⁵⁷

O jornalista Lúcio Brasileiro — consagrado pseudônimo de Francisco Newton Quezado Cavalcante — conviveu profissionalmente com José Martins Rodrigues e sobre ele faz um juízo que é um consenso:

— O Zé Martins era secretário da Justiça e era amigo pessoal do governador. Foi deputado quatro vezes, era um homem que depois terminou na Frente Ampla do Carlos Lacerda. A cassação dele pelos militares não poderia ser a pretexto de que ele era corrupto, porque era o homem mais honesto possível. Não podia dizer que ele era subversivo, porque ele era anticomunista. Então, foi cassado pelo mesmo item que pegou o Lacerda — contestação ao regime. Ele jamais teria sido cassado pelo Castelo. Mas depois que ele apoiou os estudantes na Universidade de Brasília, ficou clara a ‘contestação do regime’. O Dr. Zé Martins era para ter sido governador do Ceará, mas a turma do PDS nunca quis ele governador, porque eles sabiam que ali não podiam meter a mão. Aí espalhavam que ele não tinha voto. Mas o homem foi eleito quatro vezes deputado, um dos mais votados nas quatro eleições.⁵⁸

O jornalista J. Ciro Saraiva, que iniciou sua carreira de repórter no jornal *O Estado*, assinando uma página noticiosa sobre os municípios cearenses, em 1953, dá seu depoimento como testemunha ocular da história sobre José Martins Rodrigues.⁵⁹

Escreve J. Ciro Saraiva:

Há episódios magníficos na vida do grande cearense que foi José Martins Rodrigues. Sua coragem pessoal, seu destemor ante o arbítrio e, mais ainda, sua fidelidade aos amigos, fizeram-no quase uma lenda.

Esse homem, pequeno, mas forte, moreno, mas de alma clara e inteligência lúcida, carregou até o sacrifício pessoal a tarefa de conduzir a bancada do PSD nos dias mais difíceis do golpe militar.

Impressiona qualquer um quando se sabe que, convidado pelo presidente Castelo Branco para ser ministro (e até governador), recusou o convite para se transformar no líder das oposições. No Ceará, não foi menor: deputado federal por várias legislaturas, foi secretário de Justiça, secretário da Fazenda e secretário da Agricultura no governo Menezes Pimentel e nessas condições assumiu a chefia do Executivo cearense incontáveis vezes.

No episódio da eleição indireta de Pimentel, em 1935, foi o condutor da bancada lecionista — da Liga Eleitoral Católica —, obrigada a buscar nos quartéis a preservação de sua integridade física. Quando se fecha o acordo entre pessedistas e udenistas na União Pelo Ceará, em junho de 1962, em torno de Virgílio, José Martins deixou brilhar uma de suas maiores características: a lealdade.

Na casa do governador Parsifal Barroso, numa noite em que já se comemorava o pacto entre pessedistas e udenistas, o governador lhe diz — a José Martins e Armando Falcão — que seria preciso substituir o nome de Figueiredo Correia para vice de Virgílio, porque “o governo lhe fazia restrições”. Áspero como um mandacaru e firme como um jequitibá, o líder pessedista deu a Parsifal a resposta pronta e necessária:

— Governador, se o nome de Figueiredo é vetado por V. Exa., digo-lhe que não haverá “União”. O PSD não tem outro nome.

Altivo e firme, recusou as exigências do ministro da Justiça, Juraci Magalhães, acusando ambas as pretensões como incompatíveis com o princípio federativo. Sem medo de nada, negou-se. Não podia transigir com esse tipo de concessões, pois isso seria abrir a porta a novas exigências do árbitro. Quando da votação da mensagem em que o governo pedia licença para processar o deputado Márcio Moreira Alves, o bravo parlamentar denunciou seus objetivos inconstitucionais e lutou pela sua desaprovação. O PSD todo mobilizou-se em torno daquele homem de aparência frágil, mas de uma estatura moral ilimitada.

Como diz um livro biográfico publicado pela Câmara Federal, Martins Rodrigues comandou a defesa, na Comissão de Constituição e Justiça, do deputado que era seu liderado. O próprio relator da matéria, o deputado Djalma Marinho, da Arena do Rio Grande do Norte, proferiu, em nome do partido do governo, seu voto contrário àquela concessão. Viu-se, naquele momento, brilhar uma vez mais o poder verbal e o valor jurídico de José Martins. Levantou-se de sua cadeira e apontando para Djalma Marinho, exclamou:

— De pé para aplaudir um homem!

4. ALFEU ABOIM

Uma fase eclética e de esmero gráfico

Em 1º de novembro de 1942, o jornal estava sob a direção de Alfeu Faria de Aboim, tendo com redator-chefe Walter de Sá Cavalcante. Alfeu era um habilidoso político classista, tinha conhecimentos gráficos acentuados, foi diretor da Imprensa Oficial do Ceará e, à frente do jornal *O Estado*, mesmo que por curto tempo, imprimiu um desenho bem organizado e verticalizado, sem o caos visual que era a marca da imprensa naquela época. Foi também presidente da Associação Cearense de Imprensa, importante ente político da época. O secretário do jornal era Hugo Victor de Guimarães e Silva, celebrado intelectual.

J. C. Alencar Araripe lembra que Alfeu Aboim chegou a acumular a direção do jornal e a direção da Imprensa Oficial.¹ “Ele desenvolvia muita atividade e fumava constantemente. Hugo Vitor não era a pessoa que atraísse simpatias. Fisionomia fechada, charuto indefectível, não insinuava conversa. Ao contrário de Walter de Sá Cavalcante, acolhedor riso franco, palavra fácil. Teria sido o governador do Estado se a morte não o surpreendesse em meio ao mandato de deputado federal.”² Hugo Victor “era homem afeito a jornal, não alimentava predileções por essa ou aquela tarefa. Fazia um artigo, uma reportagem ou

entrevista da mesma maneira que uma nota policial.”³

Aboim era parte da equipe original do jornal e fez uma transição até passar o jornal para o controle de Walter de Sá Cavalcante, nos meses seguintes. Quando, no dia 11 de outubro de 1933, é criada a Imprensa Oficial do Ceará, Alfeu Faria de Aboim foi seu primeiro diretor. A criação veio através do Decreto-Lei 1.112, assinado pelo interventor capitão Roberto Carlos Vasco Carneiro de Mendonça e a oficina onde funcionara a Tipografia Gadelha, de Meton Gadelha & Cia, na rua Senador Alencar nº 115, foi sua primeira sede. A 3 de agosto do ano seguinte mudou-se para a Rua Senador Pompeu, 24 (atual 512).

Em 1945, no dia 2 de agosto, Alfeu é afastado da direção da Imprensa Oficial do Estado, e em seu lugar assume o escritor Mozart Soriano Aderaldo.⁴ Aderaldo se exonera da função em setembro de 1945, sendo substituído por Fran Martins.

Entra diretor, sai diretor, o alinhamento do jornal *O Estado* ao grupo fundador original permanece. Na edição de 2 de setembro de 1944, o jornal saudava o aniversário de um dos seus fundadores, com o seguinte texto:

É com prazer que assinalamos a decorrência, hoje, do aniversário natalício do Excelentíssimo Senhor Doutor F. de Menezes Pimentel digníssimo Interventor Federal no Ceará.

A data, portanto, é das mais caras para nossa terra onde o Chefe do Estado desfruta do mais alto conceito e de gerais simpatias. Educador e Jurista, o interventor Menezes Pimentel sempre se viu cercado, em nosso meio, da admiração dos seus conterrâneos já como cidadão de bem, já como diretor do Ginásio São Luis, já como catedrático e diretor da Faculdade de Direito do Ceará.

Alfeu Aboim foi um dos primeiros presidentes da Associação Cearense de Imprensa, em um conjuntura adversa, considerando a instauração do Estado Novo. Assume a função em agosto de 1940. Ele é o primeiro jornalista com formação de gráfico a assumir a função da

presidência na entidade em uma época em que a sede era provisória, ainda nas instalações do Hotel Excelsior, sala 314.

A diretoria da ACI de 1938 lançou a pedra fundamental da casa do jornalista, mas o presidente Perboyre e Silva não cumpriu integralmente o mandato por vários motivos. Um desses foi a repercussão negativa de um artigo que ele publicou no jornal *O Estado* e que não agradou a um membro do clero, o padre Lauro Fernandes, colaborador do jornal *O Nordeste*. O espírito corporativo liderado pelo arcebispo de Fortaleza Dom Manoel da Silva Gomes não tolerava a quem afrontava publicamente as opiniões de um sacerdote, mesmo em assuntos não religiosos como era o caso. Além disso, Perboyre iria assumir, em caráter interino, em agosto daquele ano, a cadeira de direito privado internacional na escola jurídica do estado. E o vice-presidente Paulo Sarasate manifestou-se também desinteressado de estar na direção da entidade jornalística. É nesse cenário que Alfeu Aboim assume a presidência da ACI, em março de 1939, sendo eleito, depois, em 1940 para outro mandato.⁵

Aboim preside a ACI sucessivamente até 1944, cumprindo quatro mandatos.

Alfeu Aboim dirigiu o jornal no período anterior e durante a Segunda Grande Guerra. O pesquisador Miguel Ângelo de Azevedo Nirez⁶ lembra que naquela época em Fortaleza, os gazeteiros exibiam os jornais um ao lado do outro, em uma estrutura de metal colocada nas praças chamada placar.

O placar permitia que as pessoas lessem as primeiras páginas dos jornais do dia, matutinos e vespertinos, um ao lado do outro em uma época em que os jornais eram influentes meios de comunicação que rivalizavam com o rádio. Esse tipo de exibição acaba popularizando os jornais ainda mais. Mesmo quem não tinha dinheiro para comprar o exemplar tinha acesso à leitura das primeiras páginas e, às vezes, das últimas páginas, que também eram expostas no placar.

Sobre a Fortaleza daquela época, Nirez relata que,

Na décadas de 1930 as pessoas começaram a frequentar a praia e na de 1940 começaram a tomar banho. Logo mais começaram a povoar as praias, iniciando pela Praia de Iracema, onde vivia a população mais abastada da capital cearense. No mesmo bairro estava o mais famoso restaurante da cidade, o Restaurante Beira-Mar, de Ramon e Barbosa, mas que era conhecido por Restaurante do Ramon. Depois surgiram outros como o Lido, do francês Charles d’Alva.⁷

Rubens de Azevedo era um dos colaboradores do jornal, escrevendo sobre Astronomia, mas também, e principalmente, desenhando. Astrônomo inovador, deixou contribuições como o primeiro mapa lunar brasileiro, desenhado por ele em 1948. É um dos filhos do artista plástico e escritor Otacílio de Azevedo e da poetisa Teresa Almeida de Azevedo, e irmão de Nirez, do qual foi um dos grandes influenciadores e de Sânzio de Azevedo.

Rubens de Azevedo foi levado para o jornal *O Estado* por seu grande amigo Alfeu Aboim, este, também grande amigo de Otacílio de Azevedo, dono de farta obra poética e pictórica. Otacílio deu ao Ceará uma prole enraizada na cultura de onde se elevam seus filhos Nirez, Sânzio e Rubens. Em 1969, o patriarca Otacílio tomou assento na Academia Cearense de Letras.

N’*O Estado*, Rubens de Azevedo escreveu artigos sobre mitologia grega e também fez histórias em quadrinhos, uma série sob o título “Uma viagem a Saturno”, que era publicada em capítulos semanais. Uma inovação na imprensa local. *O Estado* era o primeiro jornal a publicar histórias em quadrinhos, em série, produzidas com exclusividade. Fex enorme sucesso. Tanto que após a conclusão da série no jornal, Rubens de Azevedo conseguiu os clichês, levou-os para uma tipografia e mandou imprimir um livreto.

Nirez lembra que o livreto vendeu bastante, mas houve um revés. Para financiar as despesas com a gráfica, Rubens recorreu ao comércio e conseguiu vários reclames — anúncios — que intercalou entre os

capítulos. Isso foi suficiente para que o livreto tivesse sua edição apreendida, porque a autoridade de plantão sustentava que o autor não tinha autorização para inserir anúncios.

— Parte da tiragem foi apreendida e não sei para onde foram. Mas ele conseguiu vender muitos exemplares antes da apreensão.⁸

Outra inovação de Rubens no jornal *O Estado* foi mostrada na edição do 7 de setembro de 1944. Ele sugeriu ao Aboim uma edição colorida para o dia 7 de setembro que se aproximava. E o jornal saiu com a bandeira do Brasil em quatro cores na capa. Para isso, Rubens fez cada uma das quatro matrizes simulando o padrão de cor CMYK — as quatro cores do *offset*, uma tecnologia que só chegaria ao Ceará nos anos 1970. Foi a primeira edição colorida, em quatro cores, de um jornal em Fortaleza.

Rubens desenhou cada uma das quatro matrizes — amarelo, ciano, magenta e preto — e depois foi feito o clichê. Foi uma policromia artesanal que o jornal preferiu chamar de “tricromia”. Imagino a maestria do impressor para conseguir um resultado final, de encaixe, tão perfeito como o que vimos na edição impressa daquele dia.

Jean-Pierre Chabloy era outro colaborador famoso do jornal na safra de Alfeu Aboim que, a rigor, esteve no jornal embora secundariamente, na fase de Walter de Sá, com quem conviveu na redação do jornal mesmo em seu período de diretor, quando Walter era somente redator.

Na edição de 24 de setembro de 1945, Chabloy ilustrou a capa do jornal com um desenho colorido, sugerindo um alvorecer e superpondo uma multidão ao logotipo do jornal. Um texto interno destacava esta e outra inovação para marcar os oito anos do jornal.

Na primeira página trazemos hoje magnífica tricromia alusiva à data que festejamos da autoria do professor Jean-Pierre Chabloy, espírito culto e brilhante que se tem imposto ao nosso conceito e admiração.

Na terceira página publicamos também outra tricromia com o

motivo da *Morte de Iracema*, ideia do nosso jovem e talentoso colaborador Rubens de Azevedo.

A edição daquele domingo vinha com alentadas 52 páginas. O editorial comemorativo, sob o título *Oito anos de luta*, destacava a trajetória do jornal e enfatizava o compromisso com o pluralismo, considerando que, agora, com a extinção dos partidos políticos imposta pelo Estado Novo, novos cenários editoriais se desenhavam:

A 24 de setembro de 1936 circulava nesta capital o primeiro número desta folha, então órgão de publicidade das aspirações de uma facção política. Com a instituição do Brasil do Estado Nacional, extintos como foram os grupos partidários, este matutino passou, sem cores políticas, a dedicar-se, exclusiva e inteiramente aos interesses gerais da coletividade. E, visando esse objetivo salutar, vem, a cada dia, conseguindo impor-se no conceito e admiração do público, dada a linha de conduta vertical que nele temos imprimido, num esforço sistemático e constante para fazer, em nossa terra, obra de divulgação serena e superior.

O jornal noticiava a programação social comemorativa aos oito anos: um atraente convescote animado de uma suculenta panelada no Hotel Bitú, uma cortesia do “cavalheiro sr. João Rodrigues, atual propulsor dos negócios do tradicional e aprazível Hotel Bitú, grande amigo desta folha.

À noite de hoje no Restaurant Ramon festejando a decorrência da efeméride reunir-se-ão em jantar íntimo e cordial os corpos direcional, redacional e gráfico desta folha”.

"Na tarde de ontem fomos brindados com uma cativante oferta da conceituada firma Pinto & Cia Ltd. que nos enviou, em homenagem ao aniversário d'*O Estado*, uma caixa da preferida Cerveja Antártica. A esta distinta gentileza de Pinto & Cia Ltd., agentes nesta praça do afamado produto, os nossos agradecimentos”.

Movido a café e a cigarro, Aboim tinha o hábito de vestir ternos de linho branco, e Walter de Sá conseguia falar sobre dez assuntos diferentes ao mesmo tempo que escrevia um artigo ou notinha para a edição do dia seguinte.

Outro fato curioso sobre Aboim é que, em 1928, sua esposa Carmelita Barcelos Aboim é incluída no alistamento eleitoral, tornando-se a primeira mulher eleitora do Ceará.⁹

No dia 24 de abril de 1945, Alfeu Faria de Aboim deixa a direção d'*O Estado*, que passa a ser dirigido por Walter de Sá Cavalcante.

No dia 14 de junho de 1953, Aboim, então diretor da Caixa Econômica Federal no Ceará, faleceu, em Fortaleza.

O COLUNISTA JEAN-PIERRE CHABLOZ

Curioso é que Jean-Pierre Chabloz fora colunista do jornal *O Estado*, em 1944, assinando a coluna semanal *Arte & Cultura*, que ocupava toda uma página do jornalão dominical. À época, o jornal era dirigido por Alfeu Aboim.

Os textos de Chabloz eram ensaísticos e plenos de informação, análise e opinião, generosas construções de teoria estética versando principalmente sobre a cultura do Ceará. Isso se torna mais valioso ainda porque mostra a visão de um estrangeiro, um olhar de fora do objeto. Escreve Chabloz:

Apesar de aparências monótonas o Ceará e sua capital revelam-se uma terra cheia de surpresas e de contrastes paradoxais ... arranha-céus arrojados (Será que um dia os brasileiros conseguirão compreender o monstruoso contra-senso, seja prático, seja estético constituído pela presença ridícula de arranha-céus nos trópicos?) pretendem fazer da cidade uma Metrópole moderníssima, na qual, entretanto, bondes e ônibus morrem a cada esquina... O transporte urbano enfraquece de maneira pavorosa, já iniciando

a sua fase trágica e no entanto, na ocasião de alguma partida de futebol, surgem por milagre não se sabe de onde, dezenas de ônibus vigorosos e ligeiros para conduzir em menos de 1 hora toda a elite da capital ao lugar do sensacional acontecimento.¹⁰

O autor exerce recorrentemente sua ironia em relação aos costumes e imitações da capital tropical dos anos 1940 e se surpreende com a venda de duas obras no Salão Cearense de Pintura.

No Terceiro Salão Cearense de Pintura podem-se admirar quatro obras esquisitas de Francisco Silva, um caboclo perfeitamente analfabeto, obras tratadas no mais puro estilo primitivista, embora a maioria dos visitantes teimem em considerar esses quadros como realizações “futuristas”. No mesmo Salão, o excelente retratista João Siqueira apresenta ótimos retratos a “carvão”: os do advogado Murilo Mota e do pintor Mário Barata convencem os mais céticos pela perfeita semelhança e pelas qualidades plásticas e gráficas da execução. No entanto, o valente retratista não encontra “freguesia” e, com grande heroísmo, deve resignar-se a passar os seus dias retocando esses abomináveis “Retratos S. Paulo” com fundo azul-prússia, que deturpam as paredes de inúmeras residências na cidade e no interior. Enfim, ainda no Terceiro Salão Cearense de Pintura, acontece um fenômeno curiosíssimo: verifica-se a venda de dois quadros!!¹¹

Os relatos de Chabloz reconstróem o cotidiano daquela Fortaleza que ele viveu intensamente. A narrativa do episódio de um violino que encontrou acidentalmente em uma de suas visitas à Aba-Film é primoroso e revela o detalhismo de seu estilo. Chabloz brindava os leitores do jornal *O Estado* com textos primorosos e ricos em detalhes, cheios de nuances narrativas, quase um pequeno roteiro de um filme.

Foi no decurso do ano passado que Fortaleza me proporcionou

a mais estupenda e mais agradável das suas surpresas. Numa das minhas frequentes visitas à Aba-Film, cuja operoso e cortês “che-fe”, Antonio, tornou-se meu amigo, descobri, casualmente, numa prateleira, uma caixa de violino. Intrigado, perguntei ao Antonio qual era o instrumento e qual o seu dono: “este violino não é grande coisa, mas louro dos Albuquerque; foi feito pelo meu irmão, o Pedro... pode ver, se quiser...”

Com emoção, abri a caixa e tirei o “bichinho”: um amor de bichinho, alvinho como tudo que nasce e vive no ambiente da Aba-Film... faltavam as cordas. Pedi licença ao meu próprio violino para retirar-lhe as suas, e armar o bichinho do Pedro: depois de ter admirado o seu delicadíssimo semblante, ia conhecer os segredos de sua voz e de sua alma. Logo desde as primeiras arcadas, fiquei encantado: o bichinho do Pedro cantava admiravelmente, obedecendo docilmente às mínimas inflexões do arco: *pianíssimi* suaves, confidenciais; *fortíssimi* viris e brilhantes, em todos os registros. Submetido à prova cabal da famosa *Ária* de Johann Sebastian Bach, sobre a quarta corda, o violino do Pedro comportou-se magnificamente: era de fato um verdadeiro “cavalo de raça”... Entusiasmado, pedi ao Antônio para comprar o “bichinho”.

— Sinto muito, Chabloz, mas é impossível: este é o primeiro violino feito pelo Pedro, e o papai, que o comprou, faz questão de nunca se separar dele. (Compreendi perfeitamente o sentimento do papai de Albuquerque).

— Antônio, porque é que o Pedro não construiria um “irmãozinho” para mim?

— Só falando com Pedro —, respondeu o Antônio.

E fui falar com o Pedro. Não disse sim, nem não... prometeu vagamente, sem se comprometer muito. Foi preciso voltar ao ataque várias vezes, insistindo sobre a necessidade de atender à minha encomenda, enquanto a minha situação financeira me permitisse ainda aquele luxo... Finalmente, alguns meses mais tarde, encontrei

o Pedro que me comunicou ter ele “iniciado as obras”.

Discretamente, tendo acompanhado o paciente inteligente trabalho de Pedro, maravilhado pela sua competência, pela sua admirável habilidade manual, pela sua engenhosidade: ele mesmo tem feito os ferros e demais instrumentos necessários à construção de seus violinos.

Jeitossíssimo, animado por uma verdadeira paixão para a nobre arte dos Stradivarius, dos Roggerius, dos Amati, o Pedro, que se iniciou nela sob segura orientação de um velho mestre italiano, durante sua permanência na Bahia, o Pedro concebe, ele, também, a construção de um violino como um “problema científico” e como uma “realização artística”. Num “carnet de notes” ele tem registrado todas as suas observações decorrentes de suas pacientes experiências: fórmulas de física, de acústica, combinações de vernizes, desenhos esquemáticos, “perfis” e “cortes”, proporções, nomes de madeiras aproveitáveis, esquemas de construção de ferros novos, permitindo sérios melhoramentos na fabricação; tudo foi condensado neste *Livro de Bordo* que atesta a seriedade e a coragem com as quais ele tem cruzado esse mundo, tão esquecido hoje que é antiga e gloriosa *Lutherie*...

Assim, depois de alguns meses de trabalho, para o Pedro, e de paciência para mim, “ganhei” como esplêndido presente de Natal, um autêntico violino cearense: um instrumento lindo, requintado, nobre, tanto pelos seus predicados físicos quanto pelas qualidades de “coração” e que nem de longe lembra as humildes e elementares “rabecas” do sertão... Mais uma surpresa e um paradoxo: o violino do Pedro, embora legítimo cearense, é alvinho, “puro ariano”, como já o disse; enquanto meu violino veneziano, um delicado “testore” de 1768, que me acompanhou até aqui ostenta uma “cutis” marrom-escuro, digna do mais “carregado” caboclo nordestino!

Admirador reconhecido de Pedro Albuquerque, desses Albu-

querques cuja honesta operosidade e grande competência tanto honram a Terra da Luz, pretendo, durante o ano, apresentar em recitais públicos, o seu lindo “filhinho”, o qual, em várias reuniões íntimas, já tem conquistado os mais calorosos e merecidos aplausos.¹²

Chabloz encerra o comentário com um pós-escrito. Na verdade, um convite para evento na próxima terça-feira, na Casa Juvenal Galeno, quando mostrará as qualidades invulgares do violino de Pedro com o concurso de Mozart e de Bach. Abrindo e fechando o sarau cultural da noite, uma palestra sobre Vicente Leite e Gerson Faria proferida por Jonas de Miranda.

5. WALTER DE SÁ CAVALCANTE

O jornal em novas mãos mas o alinhamento continua

Quando o jornal *O Estado* completou nove anos, em 24 de setembro de 1945, já estava sob a direção de Walter de Sá Cavalcante, tendo como gerente Miriam Brasil de Matos. A sede continuava na rua Senador Pompeu, 832. Alfeu Aboim deixara o jornal e Walter de Sá Cavalcante¹ era o novo proprietário do empreendimento. Como presente de casamento, Walter ganhou o jornal do seu sogro que fizera fortuna — ganhara um milhão de dólares com exportação de algodão produzido em Crateús.

— Walter Sá Cavalcante ganhou o jornal como presente de casamento do seu Francisco de Assis Machado, pai de Iramir Machado que se casou com Walter. À época ele era deputado estadual. Fazia o jornal na pedra, tudo sozinho, mas morreu jovem, com 38 anos.²

Walter fez uma carreira brilhante na política. Em 1951 era líder do PSD na Assembleia Legislativa Estadual, acumulando com a função de diretor do jornal *O Estado*, cujo gerente era José de Sá Cavalcante. O ano político começava com a posse do novo governador Raul Barbosa que tinha um mandato a cumprir até 1955, sucedendo a Faustino de Albuquerque — no entanto, renunciou antes do fim do mandato, para tentar vaga de senador. Raul Barbosa recebeu o diploma de chefe do executivo

estadual em solenidade na segunda-feira, 15 de janeiro, no Tribunal de Justiça do Estado do Ceará, então presidido por José Pires de Carvalho. Foram diplomados todos os eleitos em 1954: governador, deputados federais e estaduais e prefeito. A posse aconteceu no dia 31 de janeiro de 1955 incluindo-se aqui o novo governador, Paulo Sarasate Ferreira Lopes.

No dia 31 de janeiro de 1951 aconteceu a solenidade de posse de Raul Barbosa, governador, e de Paulo Cabral de Araújo, prefeito, este sucedendo a Acrísio Moreira da Rocha. Uma das primeiras medidas do novo prefeito, em março, foi a instituição das Feiras Livres em Fortaleza, dando a elas amparo legal.

No plano estadual, tratava-se de um mesmo grupo de poder, Walter de Sá, Raul Barbosa, o jornal *O Estado* e disso não se fazia segredo, como de resto toda a imprensa era alinhada a políticos, partidos políticos, sindicatos e outros grupos de interesse. Mas o jornal continuava eclético, publicando tradicionais seções como o *Jornal do Lar*, *Vida Cristã*, assinada aos domingos por dom Jerônimo de Sá Cavalcante, *Shorts da Cidade*, de Armando Vasconcelos, *Café da Manhã*, de Dinah Silveira de Queiroz, *Jornal dos Esportes*, artigos sobre literatura e cultura assinados por Gilberto Freire, por Antonio Girão Barroso, por Fran Martins, por Aderbal Freire, por Antonio Bezerra.

Em setembro de 1950, a coluna *O Estado Social* já era uma tribuna em defesa da candidatura de Raul Barbosa. É importante lembrarmos que esta seção, inaugurada nos anos 1940, chegou até a publicar poemas inéditos de Antonio Sales, como este belíssimo *O Luar no Arrabalde*, na edição de domingo, de 12 de agosto de 1945, do qual reproduziremos somente as duas primeiras estrofes de um total de cinco:

Nos bons tempos de outrora,
Com este luar de prata,
Se ouvia nesta rua
Saudosa serenata,
Que passava lá fora,
Cantando um treno à lua.

Uma flauta romântica gemia
Tão plangente e tão doce,
Como se a queixa fosse
De um coração amante que sofria.

Na campanha de Raul Barbosa, a seção *O Estado Social*, sempre no alto da página 2, ao lado do expediente do jornal, virou um grande parlance popular. O jornal, dirigido por Walter de Sá Cavalcante, tendo seu irmão José de Sá Cavalcante como gerente, e Hermenegildo de Sá Cavalcante como redator, ampliava diariamente as clareiras para solidificar a candidatura de Raul ao governo do Ceará, como nos versos *Conversa de Matutos*:³

Meu compadre tenha fé,
e Nossa Senhora lhe ajuda:
a livrar o nosso Estado
das mãos de Edgar de Arruda —

Nossa Senhora de Fátima
essa santa milagrosa —
há de iluminar o povo
pra votar em Raul Barbosa.

Compadre tem muita gente
que não gosta desse moço —
são aqueles que dão tudo
para não largar o osso...

Mas compadre, os cearenses,
da zona norte ou do sul
por dever de consciência
devem votar com Raul.

Compadre, eu já expliquei
aos amigos no sertão —
que o governo do Raul,
não é continuação —

Reportagens, artigos, apupos, aplausos. Diariamente o jornal estampava loas à ascensão de Raul Barbosa no gosto popular ao mesmo tempo em que reforçava críticas à UDN. A 16 de setembro, sai o editorial “Desesperados estão Faustino, Edgar e a UDN”. Uma série de artigos sob o título *O povo não quer Faustino* mostra a recepção positiva de Raul Barbosa no interior do Ceará. O Tribunal Regional Eleitoral requisita forças federais para garantir as eleições em vários municípios do interior do Ceará. O jornal anuncia em chamada destacada na primeira página que um prócer político de Morada Nova — sr. João Fagundes Filho — “deixou a UDN para apoiar a candidatura Raul Barbosa”. O editorial *Raul e o funcionalismo*⁴ é bem um exemplo disso:

A UDN local não tem medido esforços para impingir a Raul Barbosa a pecha de inimigo do funcionalismo estadual. É de lamentar tão desarrazoada mentira!

Pelo contrário, é o candidato do PSD à governança do Estado, sem favor, um dos mais decididos e leais amigos do funcionalismo público de nossa terra.

É que Raul Barbosa foi também funcionário público e em consequência não apenas simpatiza com a classe de que fez parte, como já tem tido oportunidades inúmeras de afirmar, mas, sobretudo, melhor que ninguém, conhece-lhe os problemas de ontem, de hoje e do amanhã.

[...]

E a UDN? Por acaso lhe será deferido tocar em tal assunto, principalmente para acusar alguém estranho à sua grei?

Certo que não, pois foram os desatinos e a incapacidade admi-

nistrativa do seu governo no Ceará, o único e exclusivo motivo do atraso daqueles que servem honestamente ao Estado [do Ceará]. O udeno-faustinismo é, incontestavelmente, a causa da penúria financeira do funcionalismo estadual. E o pior de tudo é que o candidato udenista se propõe a continuar as misérias do governo do sr. Faustino de Albuquerque.

Será que o funcionalismo não sabe como revidar tão acintosa ameaça?

Rigorosamente a um mês das eleições de 3 de outubro de 1950, a seção tribuna da campanha de Raul, *O Estado Social*, amplia seu espectro de cabo eleitoral nos versos *Eleitor amigo*, onde a grafia do nome Walter aparece com “V”:⁵

Queres votar consciente?
Sufraga esses quatro nomes:
Raul Barbosa e Onofre
Valter Sá e Stênio Gomes.

Votar em Raul Barbosa
além de ser acertado —
é demonstrar o desejo
de melhorar nosso Estado

Votar no nome de Onofre
é um gesto elogiável
é mandar para o Senado
um lutador incansável.

Valter de Sá Cavalcante
quem sufragar o seu nome
elege um advogado
daqueles que passam fome.

Votar com Stênio Gomes
é ter um gesto sensato —
porque é um cidadão
à altura do mandato.

Às vésperas das eleições, um imbróglio vira editorial reativo no jornal *O Estado*, defendendo Raul de denúncia feita pelo jornal udenista, *O Povo*.

No editorial *Que é do Edgar?*⁶ — ou seja, que fim levou Edgar? — publicado no dia 23 de setembro, *O Estado* se assume nominalmente parte da oposição ao governo e defende Raul de qualquer culpa no fiasco que foi a tentativa de empréstimo que aquele negociou com o governo federal, conseguindo a palavra positiva do presidente Dutra. Mas o dinheiro não veio “por culpa da UDN”, que trabalhou contra, assegura *O Estado*. O dinheiro era para pagar o funcionalismo estadual em atraso na gestão do udenista Faustino. Pense numa confusão grande. A UDN teria trabalhado contra si mesma só para não dar o mérito da articulação ao pessedista Raul Barbosa.

Trechos do editorial:

Os inocentes e *O Povo* batendo na mesma tecla do empréstimo. Querem culpar Raul Barbosa da fome porque passam as famílias dos funcionários estaduais. Coisa divertida! Faustino de Albuquerque e a UDN estão com o governo. Receberam dos antecessores saldo na importância de Cr\$ 26.000.000,00. Jogam o dinheiro no mato, como se diz na gíria. Nomeiam funcionários demais. Permitem desfalques como do sr. Adolfo Pinheiro do Santo Antonio do Pitaguari. E dão um prêmio ao autor do desfalque nomeando-o professor da Faculdade de Ciências Econômicas.

Faustino e a UDN, pois, agindo dessa maneira, só poderiam secar os cofres públicos. A oposição sugere medidas prontas e

enérgicas para debelar a crise. Faustino e a UDN dão ouvidos de mercador às nossas críticas. Nunca o partido do fracassado brigadeiro teve uma palavra a respeito da situação gravíssima que atravessa o nosso Estado. Quem sempre agiu assim não tem auto-riedade moral para falar dos outros.

Ademais, Raul Barbosa foi sempre um amigo do funcionalismo. Prometeu uma solução adequada. Conseguiu a palavra do presidente Dutra pela qual o empréstimo virá, pois toda a parte burocrática já se encontra devidamente encaminhada. Se não veio, contudo, o dinheiro, a culpa cabe, decerto, à UDN. Foi esse partido que, provavelmente por portas escusas, agiu junto ao Cate para evitar uma solução rápida do empréstimo.

Quem andou alardeando haver Raul Barbosa cumprido apenas o seu dever na consecução do empréstimo?

Os corifeus da UDN. Como é que, hoje, querem explorar a questão, julgando que Raul Barbosa é o culpado do atraso do funcionalismo?

Não há dúvida alguma. O raciocínio da gente de *O Povo* é puramente afetivo. A derrota está iminente para Edgar de Arruda. E os maestros governistas começam a ficar vesgos.⁷

Não poucas vezes *O Estado* se debateu com o jornal *O Povo* na defesa do PSD e contra a UDN. O editorial *O despeito da UDN* trata do acesso que Raul Barbosa, deputado federal, tinha ao presidente da República, Eurico Dutra, do PSD. Este é um entre tantos enfrentamentos públicos, algo tão comum naquele período histórico. O editorial⁸ que se refere aos tímidos e senis trombeteadores das falsas promessas é o que se segue:

O jornal *O Povo*, fez-se, ontem, o porta-voz do incontido despeito do udeno-faustinismo local.

Escondidos na sua própria vergonha de haverem malbaratado os dinheiros públicos, os pregoeiros da pérfida “eterna vigilância” foram incapazes de lutar, com ardor e decisivo entusiasmo, pela

concessão do empréstimo que redimiria o funcionalismo estadual da situação de penúria em que se encontra. Por isso nada conseguiram. Por isso não enfrentaram o problema com a bravura e destemor peculiar ao dinamismo operoso do deputado Raul Barbosa.

E, agora, ante o desespero que lhes assalta, querem empanar o brilho e fulgor extraordinários dessa vitória do candidato pesedista à governança do nosso Estado, com descabidas insinuações ao público, que já tem conhecimento e consciência plena na inépcia, incapacidade de trabalho e boa vontade dos bonecos brigadeiristas do Ceará em prol desta terra sofredora.

O processo escuso, porém, não encontrou, como não encontrará, eco no coração agradecido da laboriosa classe dos servidores estaduais.

Pelo contrário, Raul Barbosa, sem os estardalhaços da propaganda meramente de promessas que caracteriza a gente inescrupulosa da UDN cearense, mais uma vez mostra ao povo alencarino o valor da sua têmpera de sincero amigo dos interesses do Ceará, de perscrutador incansável de suas necessidades, de homem objetivo e realizador.

Perdem o seu tempo os desmoralizadores iconoclastas de tudo que de bom possui a nossa terra; perdem o seu tempo os tímidos e senis trombeteadores de falsas promessas. O povo da terra que sofre por quatro anos as misérias do udeno-faustinismo, jamais se deixará enganar, agora, pelas suas falsas profecias.⁹

Em outro editorial, *O Estado* reclamava: “por mais que peçamos serenidade, os maestros de *O Povo* não dominam”.¹⁰

Em janeiro do ano seguinte é hora de agradecer. O jornal *O Estado* estampa, em sua seção *O Estado Social*, na página 2, o poema *O povo confia em Raul*.¹¹ Os versos que reproduzimos aqui, a seguir, seguem a mesma disposição diagonal da publicação original no jornal, bem como a grafia da palavra RAUL toda em letras maiúsculas, realçando o nome do homenageado:

Com a vitória de RAUL
nosso povo percebeu
que o Estado recupera
o conceito que perdeu.

— RAUL o povo confia,
e você não se negará —
a melhorar a polícia
que envergonha o Ceará.

Porque a nossa polícia
— ilustre Governador —
já espalhou na cidade
uma onda de terror!

Onde a polícia é chamada
a nossa população —
assiste as cenas selvagens
do gripo do Lampião.

Será um grande serviço
do seu Governo ao Estado
se só deixar na polícia
pessoal bem educado.

Na mesma edição, o jornal desanca “desastrosa” gestão de Faustino, no editorial *Ontem e hoje*:

Faustino de Albuquerque — todos se recordam — ao ser diplomado governador do Estado, quatro anos atrás, entoou o seu hino de vingança, fomentando a discórdia no seio da família cearense.

Raul Barbosa ao contrário, ao ser diplomado, ontem, governa-

dor do Estado, pregou a concórdia entre os cearenses, conclamando a todos — a todos os de boa vontade, aos que desejam o progresso de nossa terra, aos que almejam melhores dias para nossa gente infeliz e sofredora, aos que querem que o Ceará retorne ao seu lugar de destaque no cenário nacional — para a grande batalha de Redenção do Ceará.

Esses dois pronunciamentos definem bem os dois governadores. Faustino de Albuquerque — o vingativo — promoveu, com a sua política de campanário, a desgraça desta unidade federativa. Porejando ódio aos seus adversários políticos, Faustino de Albuquerque não permitiu que, nem sequer na solenidade de diplomação dos eleitos a 19 de janeiro de 1947, houvesse um cumprimento entre os governistas e os da oposição. E o resultado da política de discórdia de Faustino aí está. O Estado [do Ceará] ficou escangalhado, com o Tesouro em bancarrota, com o funcionalismo público em atraso, com a máquina administrativa emperrada: numerosas famílias na mais completa miséria, o povo revoltado com os homens públicos e descrentes do regime.

Raul Barbosa — jovem, dinâmico, bem intencionado — pregou a concórdia, permitindo e colaborando pessoalmente para que o ato de diplomação dos eleitos a 3 de outubro se revestisse daquela cordialidade que encantou a todos. Parecia até que quantos ali estavam a receber diploma faziam parte da mesma filosofia política. Raul Barbosa, efusivamente, abraçava e cumprimentava a todos, indistintamente, e apelava para o patriotismo de cada um para que pudesse haver amanhã uma conjugação de todas as forças vivas de que dispomos, a fim de que o Ceará seja arrancado do abismo em que se acha e experimente uma nova fase de progresso.

Bela lição de democracia e de compreensão cívica a da tarde de ontem no Tribunal de Justiça.

Felizmente, Faustino como sempre, brilhou pela sua ausência. Em verdade, a sua presença, dispensável à imponente cerimônia de ontem, teria sido a nota dissonante.

Dois editoriais seguidos falavam sobre “o esfacelamento da UDN” e sobre “o desmoronamento fatal da UDN”. No editorial *A redenção do Ceará*, de 9 de janeiro de 1951, o jornal mais uma vez saudava o fato marcante:

Raul Barbosa vai assumir, a 31 deste, as rédeas do governo estadual, prestigiado pela confiança dessa grande e esmagadora maioria que decretou, impiedosamente, a estrondosa derrota do udenismo em decomposição, não só no Ceará, mas em todo o Brasil. [...] Raul Barbosa vai encontrar toda a máquina estadual emperrada, enferrujada, escangalhada.¹²

O Estado, sob Walter de Sá Cavalcante, reforça a cada dia, a cada manchete, a cada editorial, o alinhamento a Raul Barbosa somando-se à estratégia política como uma trincheira consistente e consolidando o nome Walter como um soldado aguerrido e potencial sucessor do governador agora eleito. O editorial *A pirronice de Faustino* se soma ao réquiem do governo sainte:

Jornais insuspeitos da nossa imprensa já divulgaram que vai ser inamistosa a transmissão do governo estadual, apontando-se como responsável por isso a falta de habilidade do governador Faustino de Albuquerque. O que se observa, efetivamente, após a espetacular vitória do deputado Raul Barbosa, ou seja, da coligação oposicionista, é o atual chefe do Executivo empenhar-se para aprofundar as divergências entre o PSD e a UDN, numa obra anti-patriótica que está a merecer a condenação geral. Estão em jogo os interesses do Ceará e necessário se faz uma colaboração honesta e honrosa entre todos os partidos em torno do Governador, para que numa conjugação de todas as forças vivas de que dispomos, possam ser enfrentados com sucesso, os problemas — múltiplos, aliás — com que se debatem a nossa gente e a nossa terra. Contudo, Faustino

prega a divergência, esquecido que os superiores interesses do Estado falam mais alto do que a política partidária e que esses interesses reclamam a colaboração de todos, indistintamente.

[...] Fatalmente, somente por poucos dias, Faustino continuará fazendo mal ao Ceará.¹³

O jornal também denuncia em manchete de primeira página tentativa do bloco governista de aprovar projetos nos estertores do governo Faustino. Mas a coligação PSD-PSP-PR fez sucessivas obstruções evitando as realizações das seções. Deixaram de comparecer também o presidente Amadeu Furtado e o deputado Ademar Távora a “poucos dias para o triste fim do reinado de misérias do situacionismo moribundo”. Sob o título *Farsa na Assembleia*, em letras garrafais, o jornal destacava, em sua última página — a última página rivalizava com a primeira página em termos de destaques gritantes — a tentativa de Faustino de plantar, no seio do novo governo, uma herança maldita:

O situacionismo moribundo quer aproveitar os últimos dias do reinado de misérias e desmandos do sr. Faustino de Albuquerque para perpetrar, na Assembleia Legislativa Estadual, mais uma ignominiosa e grosseira farsa, fazendo passar, com o emprego de expedientes escusos, o gordo inventário do ex-magistrado de Pacatuba consubstanciado em vergonhosos favores que importam em ônus despropositados para os cofres públicos, traduzidos na condensação de polpudas sinecuras para os afillhados que foram convenientemente justificados pelo povo no pleito de 3 de outubro último.

Para esse seu intento os governistas não estão escolhendo meios nem medindo consequências, pisando a lei e desrespeitando todos os princípios, lutando de garras descobertas contra a vigilância da destemida coligação PSD-PSP-PR, que continua firme e coesa no seu propósito elevado de impedir, pelos meios legais, a consumação de tão gritante indignidade.

Outra crítica ao governo findante referia-se à situação de descalabro da Imprensa Oficial, desmantelada — na análise do jornal *O Estado* — pelo governo “suicida udeno-faustinista”.

Entre as ruínas da atual administração pública que o governo suicida udeno-faustinista passará às mãos do novo chefe do Executivo, figura, em primeiro plano, a pobre Imprensa Oficial, cujos operários e máquinas estão cansados e desgastadas de fazerem decretos a torto e a direito sem nunca receberem em um só que viesse beneficiar aquele parque, pelo menos com algum reforço de peças e acessórios para a sua maquinária.

Estamos seguramente informados de que prelos da Imprensa Oficial, desde o automático aos de mão, se encontram em situação deplorável, com as cremalheiras gemendo todo santo dia, como que a implorar socorro e este nunca aparece, pois a direção daquele órgão técnico insiste em querer fazer ‘milagres’, ou melhor, ‘das tripas coração’.

A resposta da Imprensa Oficial veio em “Nota Oficial” divulgada pelo jornal *Gazeta de Notícias*, na edição de sábado, 20 de janeiro de 1951, classificando de injuriosos os comentários do jornal *O Estado*. Ao que este refuta no dia seguinte: “A coisa mais lógica do mundo principalmente para quantos se dedicam à tarefa do jornalismo que é esmiuçar os acontecimentos e apresentá-los ao conhecimento do público leitor, formulando, o homem da Imprensa, se for o caso, as medidas tendentes a solucionar ou remediar as questões aventadas.”

Na manhã seguinte à posse, o governador Raul Barbosa fez uma visita de cortesia à redação do jornal *O Estado*, onde foi recebido pelo redator Hermenegildo de Sá Cavalcante, irmão de Walter de Sá. Na verdade, Raul estava em casa. Ele compunha os quadros redatoriais do jornal *O Estado* desde a primeira edição, em 1936, quando a sede ainda era na rua São Paulo, 360. Raul era um dos integrantes da equipe de redatores ao lado de Paes de Castro, Stênio Gomes, José de Carvalho

Lima e Joaquim Barbosa. Do ponto de vista histórico, e de fato, Raul é um dos fundadores do jornal. O fato é que, agora, o jornal estava mais uma vez no centro do poder e Walter de Sá Cavalcante com o prestígio de quem se doou totalmente à campanha do amigo e correligionário Raul, passando no teste de aguerrido estrategista eleitoral, imbatível ao empunhar uma sibilante pena. Neste primeiro ciclo, o jornal só viria a repetir aguerridamente seu gosto pela polêmica, pelo confronto e pelo embate, anos mais tarde, sob Themístocles de Castro e Silva.

Na quarta-feira, 17, *O Estado* dedicou o editorial *O discurso de Raul Barbosa* para destacar a fala agregadora do novo governador que se propõe a restaurar no Ceará o clima de “compreensão, de paz e de concórdia”.¹⁴ [...] Numa palavra, a palpitante oração do governador diplomado foi toda ela um hino de concórdia, uma conclamação aos cearenses de boa vontade. Nela, não há respingos de ódio ou de vingança.

O jornal abre a manchete de primeira página, em letras que gritam, tudo em negrito e em maiúsculas garrafais: **ABANDONOU A UDN o deputado Vilebaldo Aguiar. O situacionismo está cada vez mais destruído.**

Em um subtítulo destacado:

Da tribuna da Assembleia o ilustre representante do povo fez formal declaração de haver deixado a derrotada grei udeno-faustinista. Governo e UDN dispõem, agora, apenas de vinte deputados de um total de quarenta e três. Triste fim de uma administração inepta e inteiramente contrária aos interesses do povo.¹⁵

Na seção *O Estado Social*, no alto da página 2, ao lado do expediente do jornal, novos versos saudam, a cada edição, o governador Raul Barbosa, a exemplo desses sob o título *Raul vem aí*:¹⁶

O Ceará se prepara
De maneira carinhosa
Para receber com festas

O Doutor RAUL BARBOSA

Ele fez a campanha

Mais bela da nossa história —
há-de fazer um governo
padrão de civismo e glória.

Sabemos que sua tarefa

É por demais espinhosa —
Mas o povo está disposto
E ajudar RAUL BARBOSA.

Se o povo o quer ajudar, —

Confia no seu civismo —
E sabe que seu governo
Não será de afilhadismo

Esse povo que deseja

Paz, trabalho e garantias —
Tendo RAUL no governo
Gozará melhores dias. ¹⁷

Na edição de domingo, 28, às vésperas da posse, mais versos para Raul, na mesma seção da página 2, *Saudação a Raul Barbosa*. Preservamos a grafia original para as palavras em maiúsculas:

Raul Raul — todo Ceará
te rende veneração,
fostes o herói que lutando,
da capital ao Sertão —
conquistastes a vitória
e para nós foi uma glória,
para o estado a salvação!

teu nome foi a bandeira
que nosso povo escolheu
para sua Redenção,
lutou com fé e venceu —
elevando a pena à mão
faço minha saudação —
depois direi quem sou eu

Salve braço lutador,
batalhador incansável —
vencedor de uma peleja
democrática e memorável —
teu nome nossa história
surgirá como a Glória
por este feito Notável!

A eleição de Raul Barbosa foi muito comemorada também pelo fato de ser a primeira vitória do PSD frente à UDN após o Estado Novo. A campanha acirrada colocou em palanques opostos dois fundadores do jornal *O Estado* sendo que, um deles, Edgar de Arruda largou o grupo original e ingressou dos quadros da UDN. Em 1936, entretanto, estavam juntos na redação do jornal. O então senador Edgar Cavalcante de Arruda era o diretor político do novo jornal — função que equivaleria hoje a editor de política — e Raul Barbosa, um dos redatores. Agora, antagonistas, disputavam o governo do Ceará.

Devido à relevância da vitória, mas não somente por isso, *O Estado* destaca em primeira página o telegrama enviado pelo deputado Edgar Cavalcante de Arruda, candidato derrotado da União Democrática Nacional ao governo do Ceará:

Governador Raul Barbosa
Rua México, 31 — Rio DF

Regressando de Fortaleza antecipadamente, felicito pela sua vitória na eleição de 3 de outubro. Hoje, quando a justiça competente já reconheceu e proclamou essa vitória com a expedição de seu diploma, conforme então lhe declarei, venho reiterar as mesmas sinceras expressões daquelas felicitações, fazendo votos para que tenha sempre presentes os altos interesses do bom e generoso povo que o elegeu.

Raul foi eleito com 249.132 votos (54,80%) e Edgar de Arruda obteve 205.453 votos (45,20%), dados do Tribunal Regional Eleitoral do Ceará.¹⁸ Walter de Sá Cavalcante também foi eleito, deputado federal, e formava a nova bancada do Ceará, do PSD, juntamente com Antonio Horácio Pereira, Armando Falcão, Francisco “Chico” Monte, Francisco de Menezes Pimentel, José Parsifal Barroso, João Otávio Lobo e Adolfo Gentil. Pela UDN, a bancada federal eleita era composta por Virgílio Távora, Paulo Sarasate, Gentil Barreira, Alfredo Barreira, Antonio de Alencar Araripe, Leão Sampaio, Adahil Barreto e Humberto Moura.

Coincidentemente, a semente de implantação do Banco do Nordeste do Brasil, do qual Raul Barbosa¹⁹ seria presidente mais tarde em dois mandatos intercalados, fora plantada nessa época, por conta de um infórtunio climático recorrente, a seca. Pedro Sisnando Leite²⁰ em ensaio sobre a ação de Raul Barbosa e o Banco do Nordeste nos lembra que,

Getúlio Vargas fora eleito para presidente em 1950. Logo depois, em 1951, abateu-se sobre o Nordeste uma seca de grandes repercussões econômicas e sociais, chamando a atenção da Nação para a necessidade da modificação da política para a Região.

Após visitar o Nordeste por essa ocasião, o ministro da Fazenda de Vargas, Horácio Lafer, propôs a criação do Banco do Nordeste do Brasil. Inicialmente o BNB tinha por finalidade o financiamento da agricultura, obras de irrigação, aquisição de máquinas agrícolas, construção de silos e exploração de cultivos econômicos adaptados ao semiárido.

Na edição de aniversário de 24 de setembro de 1955, o jornal *O Estado* publicava minucioso histórico sobre o processo de fundação do Banco do Nordeste:

Sediado à rua Senador Pompeu, 590, o Banco do Nordeste do Brasil S.A. foi criado pela Lei nº. 1.649, de 19 de julho de 1952, resultante da mensagem presidencial de 23 de outubro de 1951. É uma sociedade por ações, possuindo o Tesouro Nacional 70% do capital de 100 milhões. Ao presidente da República, em razão disso, ficou reservado o poder de aprovar os seus estatutos e de nomear o seu presidente.

A matriz do Banco do Nordeste situa-se em Fortaleza. Ainda por imperativo legal, tem uma filial em cada um dos estados compreendidos no Polígono das Secas, e, à proporção que permitirem as circunstâncias, instalará um mínimo de duas agências por estado e uma agência por cada 400.000 habitantes da respectiva área seca.²¹

No acirrado ano eleitoral de 1950, o jornal comemorava, na edição de domingo, 24 de setembro, com 40 páginas, seus 14 anos de fundação e de circulação. Obviamente, não recebeu mensagem de felicitação de Faustino de Albuquerque, a quem combatia ferozmente. Mas o vice-governador Menezes Pimentel, ele próprio parte viva na história da fundação do jornal e um dos espíritos do jornal, declarou:

— A data de hoje é motivo de justificado júbilo para o jornalismo cearense porque assinala o 14º aniversário de fundação d'*O Estado* — órgão dos mais prestigiados e conceituados da nossa imprensa. Mercê do seu ilustrado corpo redatorial e selecionados colaboradores, apresentando uma moderna feição gráfica, e inteiramente voltado para as causas do povo, esse matutino conquistou uma posição de destaque no periodismo local.

No alto da primeira página, a mensagem de Eurico Gaspar Dutra, o presidente da República, pessedista, correligionário do grupo hege-

mônico do jornal *O Estado*. Ao lado do título seguia-se o clichê de um sorridente presidente Dutra e a mensagem:

**Presidente Dutra dirige
expressiva saudação a *O Estado***

No ensejo da decorrência de mais um aniversário de fundação de *O Estado*, por intermédio desse valoroso e ativo órgão da imprensa alencarina, saúdo o nobre povo cearense de cujo vigoroso civismo, encontramos, na história pátria, os melhores exemplos e cujo dinamismo e capacidade para a luta muito tem contribuído, em todos os setores da vida do país, para o desenvolvimento da economia nacional e para a construção da civilização brasileira. Ao mesmo tempo formulo votos para que O Estado, autêntico paladino das causas democráticas, prossiga sem esmorecimento na trilha que se traçou de orientar a opinião pública do Ceará. E que nesse mister O Estado sirva, cívica e patrioticamente, à coletividade, pugnando pelo fortalecimento das nossas instituições democráticas.

EURICO DUTRA ²²

Membro do grupo fundador do jornal *O Estado*, o deputado federal Raul Barbosa, em plena campanha para o Governo do Ceará, tem sua mensagem de felicitação a mais um aniversário do jornal publicada em primeira página, ao lado de sorridente clichê fotográfico:

É mais um ano de lutas em defesa da democracia e da coletividade cearense. Ainda estão bem vivos, na minha memória, os primeiros dias desse valoroso matutino que jamais esqueceu os sagrados interesses do heroico povo cearense.

Envio, pois, ao diretor, deputado Walter de Sá Cavalcante, aos redatores, aos revisores, aos linotipistas, aos gráficos e ao pessoal da gerência, enfim, minhas sinceras felicitações por mais este ano de trabalho em prol de uma querida Terra da Luz. ²³

O desembargador Daniel Lopes, presidente do Tribunal Regional Eleitoral, enfatizou a importância do jornal na prestação de serviços à família, à sociedade e à República.

Dom Antônio Lustosa, arcebispo de Fortaleza, desejava vê-lo “sempre em defesa da boa causa, distante dos erros que facilmente contaminam a imprensa dos nossos dias e empenhado em semear boas ideias”.

O general Cyro Cardoso, comandante da 10ª Região Militar, felicitava o jornal “e a quantos nele mourejam com o nobre propósito de sadia e patrioticamente informarem e orientarem a opinião pública em nosso estado”.

Não haveria de faltar a mensagem do presidente da Associação Cearense de Imprensa, João Perboyre e Silva com seus sinceros votos de vida longa e brilhante ao jornal. Mas ele destaca também, com relevo, “a preciosa colaboração que a folha aniversariante há prestado a todos os movimentos realizados pela entidade representativa da Imprensa, inclusive, e notadamente, ao movimento que objetiva edificar no coração de Fortaleza, a Casa do Jornalista Cearense.”

Do senador Olavo Oliveira chega o telegrama saudando, de “oração, o brilhante matutino, que há tanto há pugnado pelas verdadeiras causas do povo cearense, militando de modo especial no setor da sã política, pela tão almejada redenção de nossa terra”.

No editorial *Quatorze anos a serviço do povo*, Walter de Sá Cavalcante destaca que se *O Estado* brinda nesse dia, seus 14 anos de vida “é porque conseguiu impor-se no conceito público”. E comemora:

— São 14 anos de atuação diuturna no jornalismo conterrâneo, com a tarefa ingente e afanosa de defender as causas populares.

Emocionado com o aniversário do jornal, e no olho do furacão pela corrida eleitoral de Raul Barbosa, o diretor d’*O Estado* e deputado reafirma, 14 anos depois, o alinhamento do jornal com seus princípios fundadores, publicados em 1936:

Sem discrepar jamais de sua orientação inaugural e sempre porfiando em prol dos superiores interesses da coletividade, este jornal, pelo seu passado e pelo seu presente, constitui uma autêntica fortaleza em defesa dos princípios da liberdade, do Direito e da Justiça, merecendo, por tudo o que tem feito, o respeito do povo e a sua estima cada vez mais crescente.

Ontem, como hoje e como amanhã, a nossa posição há sido e será uma só: *O Estado* jamais se desviará do roteiro que se traçou e será, nas horas certas e incertas, um amigo do povo, um advogado dos que sofrem, uma trincheira da verdade e do bem contra o erro, a prepotência e a injustiça, uma sentinela indormida a serviço das mais sentidas reivindicações populares.

WALTER DE SÁ CAVALCANTE²⁴

Na mesma edição de aniversário não falta a política do dia a dia, considerando o clima fervendo do período eleitoral. E *O Estado* publica um suelto, *Processaremos os caluniadores*, repudiando “calúnias e infâmias” disseminadas em cartas apócrifas que atribuem à candidatura da UDN cearense. Informa que já identificaram, “em um esforço hercúleo”, os tipos de letras das máquinas de datilografar usadas para compor as cartas e partirão para ação judicial. Vejamos alguns trechos:

De duas coisas os udenistas estão mais do que certos: das vitórias das candidaturas de Raul Barbosa e Walter de Sá Cavalcante. Querem, portanto, fazer o possível para prejudicar essa vitória que é mais do povo que dos dois candidatos. Que estão fazendo? Andam divulgando cartas anônimas com as maiores infâmias e calúnias a esses dois filhos do povo cearense. [...] Alegam, por exemplo, que Raul Barbosa tem um apartamento no Rio. Sabem que esse apartamento foi comprado a prazo, do mesmo modo que o sr. Plínio Pompeu, diretor do *Diário do Ceará*, comprou um.

[...] O mais lamentável, contudo, é que o sr. Edgar de Arru-

da permita essa imundície a favor de sua propaganda, que aliás é contraproducente. Para nós, que não temos compromissos com passados, não é surpresa. Ainda estudantes, acompanhávamos a atividade do sr. Edgar de Arruda. Rompeu com Getúlio, mas vivia no Palácio da Luz conseguindo empregos para parentes próximos e remotos e era sempre atendido. Vem a redemocratização do país. Edgar abandona aquele de quem recebeu favores vários e ingressa na UDN. Quem age dessa forma, advogando tão habilmente quanto Barros dos Santos, já tem sua ficha feita. Donde não nos admirarmos da pasquinada do *Diário do Intimo* e até de *O Povo*, que, vez por outra, descamba para o terreno pessoal.

Estamos, contudo, de atalaia. E reagiremos contra as torpes calúnias e infâmias. Venham de onde vierem.²⁵

Na quarta-feira, 27 de setembro, *O Estado* estampa editorial sob o título *Gratos pela propaganda*. Trata-se de uma ironia à informação publicada no jornal *O Povo* de que a campanha de Raul Barbosa preparava uma grande festa de encerramento onde haveria, dentre outras coisas, “água que passarinho não bebe”. Eis alguns trechos da resposta, em editorial:

Os maestros de *O Povo* continuam o seu choro. Irritaram-se com a grande festa popular que vamos oferecer ao povo no próximo dia 30. Que mal há nisso? Faustino e a UDN aniquilaram o Estado. Esvaziaram os cofres. Fizeram a pior das administrações já surgidas nos últimos tempos. Deixaram que a fome aumentasse nos lares. Não só os funcionários públicos, como o povo em geral, atravessam dias difíceis. De quem é a culpa? Da UDN e do Faustino.

[...] Afirmam, ainda, os jornalistas palacianos que haverá na grande festa do dia 30, água que passarinho não bebe. Não temos conhecimento desse fato. Ao reverso, a nossa preocupação é evitar água dessa natureza. Asseguramos desde já que dela não haverá. De certo, os confrades de *O Povo* querem referir-se às festas do

Palácio da Luz e rememorar o seu passado de orgias. Ficamos, por último, muito gratos ao jornal governista pela propaganda gratuita que estão fazendo da concentração popular do dia 30 — cúpula da vitoriosa campanha de Raul Barbosa.²⁶

Estes foram apenas algumas das dezenas de embates entre *O Estado*, PSD e *O Povo*, UDN. A gestão de Walter de Sá Cavalcante à frente do jornal não se furtava ao embate, pelo contrário. Walter era um cidadão que exercitava com vigor o embate tanto na oralidade da tribuna quanto no enebriante barulho do teclado da máquina de escrever. Já em março de 1946, um editorial de primeira página, *A carta é falsa*, criticava a publicação de um documento apócrifo “apresentado como autêntico pelas escritas udenistas”.²⁷

“*O Estado é quem deve olhar para a sua cauda*”, revida o jornal *O Povo*, do udenista Paulo Sarasate. No dia seguinte, *O Estado* abre manchete no alto da última página: *Reverberos a O Povo*. No subtítulo lia-se: “Os prefeitos da administração Menezes Pimentel desmentem de público e categoricamente as capciosas insinuações do órgão tavorista”. No corpo da notícia, uma acusação e o desmentido. Acusação de má fé do jornal replicante e a negativa dos acusados:

O jornal *O Povo* publicou no dia de 25 de abril ‘a infame acusação contra os prefeitos da administração Menezes Pimentel afirmando que os mesmos receberam dinheiros públicos para fins eleitorais’.²⁸

Walter de Sá Cavalcante, político em tempo integral e contundente analista político, sempre alinhado ao seu partido, saúda o que considera *Confissão de esfacelamento*²⁹ da UDN no Ceará em artigo publicado no rodapé da página 3, de 24 de março, domingo. Escreve Walter:

Em nota oficial publicada ontem, no vespertino *Correio do Ceará*, a seção cearense da União Democrática Nacional divulgou a filiação do dr. Agapito dos Santos Sátiro ao Partido Social Democrático e,

consequentemente, a sua retirada das hostes udenistas.

Sem nos determos na circunstância, sobretudo significativa, de *O Povo* deixar de inserir em sua edição a referida nota, não é possível silenciar ante aquela confissão pública do esfacelamento da grei udentista em terras do Ceará.

[...] Candidato a deputado federal pela UDN, o dr. Agapito dos Santos contava com os colégios eleitorais que, ligados por tradição à sua família, haveriam de, naturalmente, sufragar-lhe o nome a dois de dezembro. Os maiorais da UDN no Estado, absorventes e egoístas, desviaram, contudo, a sua votação, prejudicando a candidatura de quem, dispendo de grande número de eleitores próprios, inscritos às suas expensas, não trabalhou pela fracassada causa brigadista [o major brigadeiro Eduardo Gomes].

[...] A maioria esmagadora com que saiu triunfante, da pugna eleitoral anterior, o presidente Eurico Dutra foi um dos fatores primordiais que determinaram a debandada que, não só no Ceará como também em todos os demais estados, se registra entre os elementos da UDN. Homens sérios, os políticos sertanejos não se conformam com o engodo da fantasiosa propaganda udenista que, falseando dados e mistificando a valer, sem a consciência de suas responsabilidades, não se pejava de orientar, com a notícia inverídica, o eleitorado udenista, embriagando-o com o sensacionalismo de gordas manchetes.³⁰

Ao final do artigo, Walter de Sá vaticinava que certamente o PSD faria o próximo governador do Ceará, como de fato o fez.

O jornal publica, em primeira página, uma réplica ao jornal *O Povo*, ainda dentro dos grandes embates PSDxUDN, relativo à campanha presidencial de 1945, o brigadeiro contra Dutra. Trata-se de um acirramento entre Paulo Sarasate e o padre José Bruno Teixeira, que teria dito ao sermão religioso que o brigadeiro Eduardo Gomes era comunista, quando na verdade o Partido Comunista do Brasil tinha seu próprio candidato, Yedo Fiúza — Prestes não topou a parada —,

mesmo que fosse somente para o PCB marcar posição.

Título da réplica: *Pior a emenda que o soneto — com vistas ao Senhor Paulo Sarasate*. Esse “com vistas” equivaleria hoje a uma #hashtag, uma marcação de palavra-chave para alguém que deveria tomar conhecimento, ler aquele texto. Estávamos em agosto de 1945 e *O Estado* de Walter de Sá vai para o *front*:

A resposta que *O Povo* de ontem publica em sua primeira página, numa vã tentativa de provar as suas afirmações cheias de má fé, reflete antes e acima de tudo, a preocupação mórbida do diretor daquele vespertino em deturpar e torcer a verdade, criando situações dubitativas, a fim de favorecer às interpretações forjadas ao sabor do seu extremado partidarismo político.

Quando o reverendo padre José Bruno Teixeira, desafrentando os seus brios em represália às injúrias de baixo calão assacadas contra ele, pediu ao dr. Paulo Sarasate apontasse “testemunhas auriculares fidedignas” que afirmassem ter ele declarado ser o Brigadeiro Eduardo Gomes comunista, esperava citação de nomes que merecessem fé, de homens de bem, enfim. Mas, ao contrário disso, o vespertino da oposição publica um telegrama de Cascavel firmado por cinco indivíduos desclassificados, conhecidos em todo o município pela sua falta de dignidade e de idoneidade moral.

[...] O que o padre Bruno declarou em Cascavel, e declarará em qualquer parte sem medo de contestação, é que ao lado da candidatura do sr. Eduardo Gomes acham-se muitos comunistas, não obstante o seu reconhecido espírito católico.

Toda a esquerda dissidente está com o candidato udenista. E a esquerda dissidente evoca para si a prerrogativa de ser fiel e legítima depositária da doutrina lenine-marxista.

Por essa razão, o repto continua de pé, pois pelas testemunhas apresentadas, muito melhor seria ficar com a leviana acusação do sr. Paulo Sarasate.³¹

No dia 25, o tema volta à pauta d'*O Estado* que se refere à tréplica de Sarasate como “cada um dá o que tem”.

Quanto a fazer cerrada oposição ao governo Faustino de Albuquerque, isso ficou mais claro a partir de 1946, sob a batuta de Walter de Sá Cavalcante para quem aquela administração se caracterizou pela “ausência absoluta de realizações”.³²

De sua pena saíram artigos memoráveis escorraçando a UDN. Em março de 1946, no ensaio *A demagogia udenista*, Walter de Sá Cavalcante afirma que uma ampla e incessante propaganda demagógica contra o governo Getúlio e seus líderes regionais ganhou forma depois da redemocratização, “em um partido de âmbito nacional que se chamou União Democrática Nacional”. Ali “as oposições se coligaram com o objetivo exclusivo de retirar das mãos do sr. Getúlio Vargas o poder de governar”.

Escreve ele:

Os udenistas não conseguiram, felizmente, com a técnica de sua demagogia exaltada, impressionar a opinião pública nacional.

[...] É tempo, pois, de os udenistas se conformarem com o seu fracasso, iniciando, de fato, o seu trabalho de colaboração com o governo, anunciado pelos seus líderes, para o soerguimento moral e econômico do país e para complementação da obra de pacificação da família brasileira.³³

O jornal *O Estado* olhava para a política, primordialmente, como ente político por excelência. Mas também se debruçava sobre o estilo de vida da capital cearense. A provinciana Fortaleza de 1951 dormia às nove horas da noite. A cidade não tinha vida noturna e a política era, naturalmente, um ponto de animação e movimento. Daí certos exacerbamentos, principalmente junto às bases eleitorais e nos caçadores de votos, os chamados cabos eleitorais. Raul Barbosa pregava um alto nível de relacionamento, bem mais possível no primeiro esca-

lão da política mas, mesmo assim, e sempre, com os embates pessoais que destruíam reputações e amizades.

A vida noturna da cidade se resumia ao cinema e as casas que lançam filmes novos são apenas duas, reclamava artigo no jornal *O Estado*, o cine Diogo e o cine Jangada. "Raríssimas vezes uma companhia de teatro deixa o Rio e, em excursão ao Norte, ocupa o Teatro José de Alencar. Quanto a circo se verifica a mesma coisa. Quando um aparece, como acontece agora com o 'Hispano-Americano', são cobrados ingressos elevadíssimos, quase proibitivos.

Não temos casas de chá ou cafés elegantes ou bonitas confeitarias. Somente nas capitais do sul vemos cafés 'chics' com orquestras e as confeitarias formosas a atrair as pessoas e a emprestar um encanto todo especial à vida elegante de uma metrópole. Casa de chá, temos o El Dourado, de vez que o Jangadeiro fechou anos atrás.

Os clubes elegantes da cidade nem sempre realizam festas, sequer uma vez por semana, aos sábados.

Será que a ausência de vida noturna em nossa cidade significa involução de Fortaleza?"³⁴

Outra preocupação expressa por Walter de Sá Cavalcante nas páginas do jornal referia-se à qualidade do policiamento da cidade e os problemas do trânsito, insuportáveis já em 1951, como mostra o editorial *Policiamento e trânsito*:

A nossa outrora bela e decantada Fortaleza de Nossa Senhora d'Assunção se torna cada vez pior em matéria de policiamento. Temos, agora, a rádio-patrolha, que o povo, com muita propriedade, está chamando de Rádio-Pancada. Todavia, quem vai à Polícia Central, onde funcionam as delegacias de nossa Capital, fica de queixo caído ante o número de queixas ali formuladas por pessoas que foram roubadas ou tiveram as suas residências assaltadas. É intenso o movimento na Delegacia de Investigações e Capturas.

[...] motoristas que abusam da velocidade, que transformam

Fortaleza em pista de corrida, que atropelam e matam e que, dentro da lei, no dia seguinte estão soltos, porque pagam fiança...

[...] Quem desprezita as leis do Trânsito fica impune.³⁵

Outra notícia — dentre centenas, infindas — na perspectiva das preocupações com o cotidiano da cidade, “Trigo no Brasil não falta. Mas, mesmo assim hoje não tempos pão em Fortaleza”.

O jornal estava profundamente voltado para o cotidiano da cidade, como demonstra o editorial “Fortaleza, cidade que se enfeia” e, certamente, através de suas centenas de análises críticas, atingia o prefeito Acrísio Moreira da Rocha que deixaria a prefeitura em poucos dias, passando o bastão para o homem de comunicação Paulo Cabral de Araújo. Acrísio — para quem “governar é abrir estradas” — foi o prefeito que doou o terreno para a construção da sede da Associação Cearense de Imprensa, a 31 de agosto de 1949, na rua Floriano Peixoto, 735. Dizia o editorial:

Cento e sessenta e quatro turistas deverão estar em Fortaleza dentro de dois dias. Destacadas personalidades do comércio e da indústria dos grandes estados do Sul que integram o Novo Cruzeiro turístico ao Norte do país, promovido pelo Touring Club. Demorar-se-ão em nossa capital por algumas horas, travando contato com o nosso povo, observando os nossos costumes, conhecendo a cidade que já foi chamada de bela, de loira desposada do sol, etc.

Todavia os tempos agora são outros. E a Fortaleza de hoje é bem diferente daquela cuja beleza era decantada pelos poetas em suas estrofes magistrais e pelas penas brilhantes de jornalistas e escritores que por aqui passavam e se surpreendiam com o progresso e com os foros de cidade moderna e civilizada de que gozava a nossa metrópole. Agora já não podemos receber com o mesmo orgulho íntimo os turistas que logo mais desembarcarão no Mucuripe. Pra começo, há o problema do desembarque difícil e penoso ficando o navio ancorado a grande distância do cais. Depois vem a péssima

estrada que liga Mucuripe ao centro da cidade. Até aí os nossos ilustres visitantes não terão encontrado motivo para deixar escapar de seus lábios qualquer elogio a nossa capital.

E, ao chegar ao centro da nossa cidade, ao coração de Fortaleza, à Praça do Ferreira, o que vão divisar os turistas?

Ruas sujas e calçamento e calçadas esburacadas, o mostrador da Coluna da Hora com seus números apagados, o São Luís ainda inacabado, com a sua construção parada, como a refletir, na nudez de suas paredes sem reboque, o desprezo dos habitantes pela sorte da cidade.

Numa palavra, pelo que já foi dito e também pelas fachadas mal conservadas de seus prédios, com as suas paredes, portas e muros ainda borrados com as inscrições da campanha eleitoral, Fortaleza bem aparenta uma cidade em decadência, esquecida dos poderes públicos e abandonada ao léu da sorte.

Não pode ser outra impressão que turistas de amanhã colherão de nossa outrora bela e decantada capital.

Amanhã, como hoje, os animais estarão pastando mansamente no jardins públicos e os touros bravios estarão pondo em perigo a vida dos transeuntes. Amanhã, como hoje, o lixo estará amontoado nas coxias das ruas — das ruas dos bairros e das ruas centrais. É esse o panorama de Fortaleza nos dias presentes; o retrato de nossa capital para os turistas que aqui vão chegar, apenas impressionados com a absoluta falta da água em nossa cidade...

Pobre Fortaleza de Nossa Senhora d'Assunção — vives hoje apenas da fama de ontem; da fama de cidade bela, de cidade limpa, de cidade progressista, de cidade civilizada...³⁶

No dia seguinte, em uma sequência do editorial anterior, o jornal estampava em sua página 2, *Fortaleza — cidade africana...*³⁷

Hoje Fortaleza aparenta uma cidade em decadência e Paraíso dos malfeitores. Os criminosos andam à solta pondo em risco a vida

de cidadãos pacatos e os ladrões entrançam pelas ruas da cidade e agem a qualquer hora do dia e da noite.

[...] o turista se decepciona e, se é médico, proclama alto e em bom som que as condições de saúde e assistência médica em nossa terra são simplesmente péssimas. Esse é o caso do dr. Salomão Chaib, ilustre médico bandeirante, que compara às das cidades africanas as condições de higiene de nossa outrora progressista Fortaleza. Essa distinta personalidade da medicina nacional disse sentir-se acabrunhada ao fazer tais declarações, mas as provas aí estão, exuberantes, irrefutáveis. Temos 280.000 habitantes e possuímos apenas 12 leitos de cirurgia para mulheres. Os caminhões da Prefeitura despejam o lixo coletado nas artérias da cidade em plena zona residencial da Praia Formosa. “Os doentes da Santa Casa estão literalmente abandonados no leito, sem médicos, sem diagnóstico, sem tratamento de qualquer espécie. Não há medicamentos básicos.” São palavras textuais do dr. Salomão Chaib pondo a nu problemas dolorosos de Fortaleza e do Ceará.

Pobre e infeliz Fortaleza que os visitantes, se são médicos, pelas suas condições de higiene, chegam a compará-la às inóspitas cidades da África.³⁸

Era muito comum até o início dos anos 1960, noticiar-se a chegada ou partida de líderes políticos na cidade. O embarque ou desembarque eram sempre motivos de manifestações de apreço e de apoio. Não podia faltar na nota a informação do nome da aeronave que conduziria o político em pauta.

O PSD, mais que prestigiadíssimo de Walter de Sá Cavalcante, à frente do jornal *O Estado* — o partido se confundia com o jornal e vice-versa. Tinha, portanto, a preferência para este tipo de notícia, como neste clássico modelo sobre a chegada do deputado federal Chico Monte a Fortaleza, com o tradicional clichê da fotografia.

[Título] **Chegará hoje a Fortaleza o deputado Francisco Monte**

A bordo de um avião de carreira da Panair procedente da metrópole do país, chegará à tarde de hoje a Fortaleza o deputado Francisco de Almeida Monte, representante do povo cearense com assento na Câmara Federal e prestigioso chefe político da zona norte do Estado.

O ilustre parlamentar conterrâneo, estava no Rio em atividades na Câmara baixa do país, vem a nossa capital a fim de resolver negócios de seu interesse particular.

Ao desembarque do deputado Francisco Monte comparecerão inúmeros amigos, correligionários e admiradores seus que irão apresentar-lhe votos de boas vindas aos quais nos associamos.

[...] Falando à reportagem, o deputado Francisco Monte confirmou as notícias veiculadas na imprensa de que havia se desligado das hostes pessedistas a fim de passar a integrar as fileiras petebistas. Quanto a sua posição frente ao futuro governo estadual, esclareceu que a mesma estaria em função da orientação do partido a que agora se acha filiado.

Outro exemplo dessa tradição é a notícia, com direito a foto-clichê, sobre a chegada do deputado José Martins Rodrigues a Fortaleza. É curioso observarmos que a repetição das fotos em sucessivas edições em um dado período histórico. A reutilização é uma medida de economia do jornal, considerando que as matrizes eram clichês feitos a partir de um original fotográfico a um relativo custo.

Na notícia sobre a chegada de José Martins, a informação do nome da aeronave era fato relevante. Nessa época, os embarques e desembarques eram sempre festivos:

[Título] **Em Fortaleza o deputado Martins Rodrigues**

Pelo Constellation da Panair chegou ontem a Fortaleza, o nosso eminente conterrâneo deputado Martins Rodrigues, secretário na-

cional do Partido Social Democrático e vulto de destacado relevo no cenário político nacional.

O deputado Martins Rodrigues, que é membro da comissão de Justiça da Câmara Federal, tem revelado naquele órgão as suas qualidades de jurista emérito, com pareceres emitidos que vêm alcançando grande repercussão nos meios jurídicos do país.

Ao desembarque do ilustre parlamentar compareceu acrescido número de amigos e correligionários que foram ao aeroporto Pinto Martins apresentar-lhe os melhores votos de boas-vindas, aos quais nos associamos.³⁹

O prestígio de José Martins Rodrigues continuou inabalável em *O Estado* ao longo dos anos, merecendo registros de qualquer movimento de sua vida parlamentar ou pessoal. Na transcrição a seguir, preservei a grafia original do título, em três linhas, como aparece no jornal, sendo que a frase do meio é a que funciona como título:

A fim de assistir a

Posse do Governador Raul Barbosa

Chegou, anteontem, a Fortaleza, o dr. José Martins Rodrigues

Como integrante da comitiva do Governador Raul Barbosa, chegou, domingo último a Fortaleza, o dr. José Martins Rodrigues, membro do Conselho Nacional da Educação, procurador do Conselho de Águas e vulto de real projeção dos círculos jurídicos e sociais do Rio de Janeiro.

O dr. José Martins Rodrigues que já foi secretário de Estado é pessoa bastante estimada em nosso meio. Veio a nossa capital a fim de assistir à posse do deputado Raul Barbosa nas elevadas funções de governador do Ceará.

Com o presente registro, os que fazem *O Estado* experimentam a máxima satisfação em apresentar ao dr. José Martins Rodrigues efusivos e sinceros votos de boas vindas.⁴⁰

Nem só em artigos, editoriais e sueltos Walter de Sá Cavalcante exercitava sua verve literária, como mostra nesta resenha, *Méritos de uma obra*, a propósito do lançamento do livro *O Ceará*, em 1945:

Circulou, nesta semana, em segunda edição, *O Ceará*, obra notável que espelha em todos os seus aspectos a vida desta gleba nordestina. Trabalho que se deve ao espírito perquiridor e a inteligência e cultura dos drs. Raimundo Girão e Antônio Martins Filho. Nele se retratam todas as peculiaridades características desta unidade da federação brasileira.

Autêntico repositório de toda ordem de informações, não se limita apenas a condensar dados sobre o 'facies' social, político e geográfico desta histórica província, mas resume e evidencia também os valores culturais da Terra da Luz, numa distribuição racional de matéria literária e elucidativa, agradável à leitura dos intelectuais e útil aqueles que, de senso prático, desejam e necessitam conhecer com segurança os traços marcantes de nossa existência.⁴¹

É uma unanimidade que o pensamento de Walter de Sá Cavalcante estava na linha de sucessão do governador Raul Barbosa. Sua brilhante carreira política, no entanto, foi encerrada precocemente no dia 10 de junho de 1954, no Rio de Janeiro, em pleno exercício de seu mandato de deputado federal. Foi sepultado em Fortaleza.

— Walter de Sá Cavalcante, acolhedor, riso franco, palavra fácil —, rememora o ex-repórter d'*O Estado*, José Caminha Alencar Araripe, que com ele conviveu na redação do jornal. Para Alencar Araripe, Walter teria sido governador do estado se a morte não o surpreendesse em meio ao mandato de deputado federal.⁴²

Fran Martins vislumbrava para Walter de Sá Cavalcante, trompetista da banda de música no Ginásio onde estudavam, uma carreira política brilhante.

Escreveu Fran Martins, em sua crônica diária na página 3:

— Digo que a trompa era um instrumento que dava sorte, e vou explicar por quê. Meu irmão Antonio [Martins Filho], que hoje é reitor da Universidade [Federal do Ceará], foi armador de trompa, quando pequeno. Ao que penso, chegou a tocar este instrumento. Mas, fora esse exemplo familiar, há outros que posso citar. O antigo diretor deste jornal, Walter de Sá Cavalcante, que foi deputado estadual e federal e tinha a sua frente uma carreira política brilhante, foi trompista na nossa banda de música do Ginásio. E o atual governador eleito de Alagoas, Sebastião Muniz Falcão, meu colega de turma do ginásio, era também trompetista na nossa banda de música.⁴³

Já sob a gestão dos irmãos Cláudio Martins e Fran Martins, o editorial da edição comemorativa aos 21 anos de fundação e circulação do jornal *O Estado* saúda a memória daquele jornalista e político:

Walter de Sá Cavalcante, o nosso último diretor, projetou-se na política estadual mas jamais, até os seus últimos instantes, deixou de dedicar as maiores atenções a este jornal, cuja vida acompanhou desde os primeiros momentos. Moço, idealista, ardoroso, amigo de todos. Walter de Sá Cavalcante estava destinado a ocupar os mais importantes cargos na administração cearense. A morte, inexorável, roubou-o cedo do convívio dos seus amigos, mas seu nome continua lembrado por todos quantos dele se aproximaram e principalmente por todos os que, neste jornal, com ele conviveram durante anos.⁴⁴

Walter de Sá Cavalcante (Walter Sá Cavalcante) morreu no Rio de Janeiro, no dia 10 de junho de 1954, às 2h da madrugada, aos 39 anos incompletos, em decorrência de um tumor no cérebro. Seu corpo foi trasladado para Fortaleza e foi recebido no aeroporto pelo governador Raul Barbosa, pelo vice-governador Stênio Gomes, pelo prefeito Paulo Cabral e, dentre outros, pelos deputados Paulo Sarasate e Virgílio Távora. Foi velado na redação do jornal *O Estado* e depois sepultado no Cemitério de São João Batista. Aos 27 anos, a viúva Iramir

Machado de Sá Cavalcante mudou-se do Rio de Janeiro para Fortaleza juntamente com os três filhos, passando a morar na casa do seu pai, Assis Machado. Mulher forte, determinada, nunca mais se envolveu com outro homem, dedicando-se totalmente à criação dos filhos.

Walter morreu dois anos depois da morte do seu pai, João de Sá Cavalcante, desaparecido no dia 6 de dezembro de 1952, em Fortaleza, vítima de ataque cardíaco, no Palácio da Luz, deixando viúva Raimunda Rabelo de Sá Cavalcante com quem teve os filhos Walter Sá Cavalcante, Hermenegildo de Sá Cavalcante, Ari de Sá Cavalcante.

Fez movimento estudantil e, em 1937, participou do I Congresso Nacional de Estudantes, realizado no Rio de Janeiro, Distrito Federal, quando foi eleito primeiro vice-presidente e relator dos estatutos da União Nacional dos Estudantes — UNE. Bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais, em dezembro de 1937, e no ano seguinte entrou para o magistério superior como professor de Economia Rural na Escola de Agronomia do Ceará.

No jornal *O Estado* ingressou como redator em 1937, onde ficou ininterruptamente até 1942. Depois assumiu outras funções no jornal até chegar à condição de redator-chefe e sócio coproprietário em 26 de abril de 1945.

Advogado, em 1939 seu escritório de advocacia funcionava no recém-inaugurado Edifício Lopes, com frentes para a rua Barão do Rio Branco e para a rua Major Facundo.

O partido de sua filiação não poderia ser outro que não o PSD de José Martins Rodrigues, Raul Barbosa, Menezes Pimentel — todos ligados ao jornal *O Estado*. Assim, Walter de Sá Cavalcante filiou-se ao PSD na campanha presidencial para as eleições de 2 de dezembro de 1945. Candidato a deputado federal, foi eleito naquele ano com 4.277 votos, o segundo mais votado do PSD, assumindo o mandato a 19 de janeiro do ano seguinte.

Seu irmão, Ari de Sá Cavalcante, também atuou como jornalista no jornal *O Estado*, notadamente no período em que Walter exercia seu mandato de deputado federal no Rio de Janeiro. Neste período,

Ari de Sá Cavalcante também foi diretor do jornal *O Estado*. Ari de Sá também disputou cargo eletivo à Prefeitura de Fortaleza. À época, a cidade tinha cerca de 110 mil eleitores, tendo como oponentes Cordeiro Neto e Flávio Portela Marcílio. Manuel Cordeiro Neto ganha a disputa nas eleições de 3 de outubro de 1958, sucedendo a Acrísio Moreira da Rocha. Exerceu o mandato até de 1959 a 1963 sendo, então, sucedido por Murilo Borges. Foi Ari de Sá quem acompanhou, no hospital da Beneficência Portuguesa, no Rio de Janeiro, a segunda cirurgia a que foi submetido Walter de Sá Cavalcante para remover um tumor no cérebro pela equipe médica do professor Ribas Portugal. Com o insucesso da intervenção cirúrgica, Walter faleceu. À época, Ari de Sá seguiu para o Rio de Janeiro acompanhado da esposa Maria Hildete Brasil de Sá Cavalcante e do filho Oto de Sá Cavalcante, então com oito anos.

Walter de Sá Cavalcante casou com Irami Machado de Sá Cavalcante, no dia 8 de maio de 1949, em Fortaleza, e tiveram os filhos Walter de Sá Cavalcante Júnior, Leila Machado de Sá Cavalcante e Karla Machado de Sá Cavalcante. Irami Machado — filha de Francisco de Assis Machado com Maria de Melo Machado — vinha de uma prole de 11 irmãos: Expedito Machado da Ponte, Jaime Machado da Ponte, Iracema Machado da Ponte, Walter Machado da Ponte, Osmani Machado da Ponte, Francisco de Assis Machado Filho, Maria Machado da Ponte, Isolda Machado da Ponte, Edmar Machado da Ponte, Cláudio Machado da Ponte e Roberto Ney Melo Machado.

Expedito Machado da Ponte foi quem apresentou a irmã Iramir a Walter de Sá. Daí surgiu o namoro e ela acabou casando com Walter. Expedito Machado é, de certo modo, o herdeiro dos colégios eleitorais de Walter de Sá Cavalcante. Elegeu-se deputado estadual para a legislatura de 1955, pelo PSD. Depois foi deputado federal, em 1959 e em 1963, também pelo PSD. Foi ministro da Viação e Obras Públicas de 1963 a 1964, durante o governo de João Goulart.

Festejando o 18.º aniversário de sua fundação, a 24 de setembro

de 1954, o matutino *O Estado*, de Fortaleza, inaugurou em sua sede o retrato de Walter de Sá Cavalcante, falecido em 10 de junho de 1954, ao mesmo tempo em que empossou sua nova diretoria, à frente da qual figura o Dr. Cláudio Martins.⁴⁵

Os novos controladores do jornal *O Estado*, Fran Martins e Cláudio Martins, referendam o estatuto de fé:

— A disposição de todos que fazem este jornal se resume em um só objetivo, diretriz que é o próprio lema d'O Estado: o povo acima de tudo. No interesse da coletividade é que giramos a vida deste matutino. E de nada temos que nos arrepender, pois a Retribuição que recebemos da população nos conforta e nos encoraja a prosseguir com os mesmos rumos.

6. OS IRMÃOS MARTINS

Uma fase onde a cultura e a literatura foram as estrelas

Os irmãos Cláudio Martins e Fran Martins, coadjuvados bem ao largo por Antonio Martins Filho, comandaram o jornal *O Estado* de 1954 até 1957. Foi uma fase especialmente pródiga para o noticiário voltado para a educação e para cultura, com ênfase no caderno literário semanal, em formato tablóide, no melhor estilo dos mais festejados suplementos culturais nacionais e internacionais. Em 1954, quando retorna ao Ceará depois de uma temporada de quase um ano em Paris, Fran Martins assume o jornal *O Estado*.¹

Os irmãos Martins controlaram acionariamente o jornal *O Estado* por mais de três anos. Neste período — e também depois dele — as crônicas de Fran Martins, diárias, eram um ponto de leitura sempre no alto da página 3. Fran já era um intelectual reconhecido no Ceará e no Brasil. No pouco tempo que ficaram à frente do jornal, os irmãos Martins imprimiram uma marca indelével de qualidade. Tinham no comando do dia a dia da redação, a pena certa e consistente de Durval Aires de Menezes, jornalista filiado ao Partido Comunista, figura ilibada que terminou seus dias de profissão como editorialista do jornal *Diário do Nordeste*, de Edson Queiroz. O caderno de Cultura era a menina dos olhos de Durval Aires que assina-

va também a coluna política, publicada na primeira página. E Fran Martins brindava os leitores com suas crônicas cheias de apreensões das coisas mais simples do cotidiano que, pela sua pena, ganhavam uma dimensão universal.

Durval Aires de Menezes foi uma figura importante nesta fase do jornal *O Estado*. Ele tocava a redação, homem de confiança que era dos seus conterrâneos do Cariri, os irmãos Martins. Nascido em Juazeiro do Norte, em 13 de fevereiro de 1922, filho de Otávio Aires de Menezes e Marieta Franco de Menezes, Durval fez sua estreia na imprensa em 1946, como redator-chefe do jornal *O Estado*. Foi também neste que se filiou ao Partido Comunista Brasileiro — PCB. Em 1958, quando o Grupo J. Macêdo assumiu o controle acionário do jornal *Gazeta de Notícias*, Durval Aires estava no comando da redação, ao lado de Darcy Costa.

Na redação esportiva do jornal *O Estado*, F. Alves Maia — Chico Alves Maia — fazia principalmente a cobertura esportiva e assinava a coluna diária *Ronda Esportiva*, onde assuntos do futebol eram recorrentes, incluindo a ação dos chamados cartolas:

As cifras estão tentando os diretores dos nossos principais clubes. Não sabem eles resistir ao som metálico dos cruzeiros e agora, a despeito de fracassos anteriores, desejam empreender novas e precipitadas excursões que são verdadeiros suicídios, cujos reflexos adoecem nossas possibilidades e conceito esportivo, extra-muros.²

Em outra coluna, publicada no dia 9 de setembro de 1955, Chico Alves Maia anota, com alegria, uma mudança na composição da plateia no estádio Presidente Vargas:

Um fato interessante, e que não deixa de ser motivo de júbilo para quantos batalham pelo progresso esportivo de nossa terra, tem sido a presença de senhorinhas de nossa sociedade nos jogos do

certame alencarino de futebol. Ainda domingo passado, por ocasião do cotejo entre as representações do Ceará e do Gentilândia, estava nas arquibancadas numeradas, ali acomodada atendendo um gentil e oportuno convite do dr. Agamenon Frota Leitão, uma torcida organizada alvinegra.

Agamenon Frota Leitão também assinava, n’*O Estado*, comentário diário sobre futebol, como titular da seção *Comentando*. Agamenon, advogado também — pela política elegeu-se vereador, era filiado e fazia parte do diretório municipal de Fortaleza do Partido Social Progressista — PSP, sob presidência de Raimundo Ivan Barroso Oliveira. É do vereador Agamenon a proposta de 1959, denominando Dias Macedo o antigo Parque Olinda, chamado antes de Mata Galinha.

O jornal desfrutava de muitos anunciantes a exemplo do Kaki Floriano e Brim Triunfador: 20 anos de conceito firmado. O anúncio, ilustrado com um bico de pena do marechal Floriano Peixoro, trazia um desafio arrojado:

[...] devolve-se o valor do Kaki Floriano ou do Brim Triunfador, se desbotar, manchar ou rasgar nas costuras. Não se deixe enganar! Os legítimos tem na ourela, de 3 em 3 metros, as palavras Floriano ou Triunfador. À venda nas principais firmas atacadistas. Único distribuidor: José Silva Tecidos S.A.

Outro anunciante diário era o maior comprador de cera de carnaúba à época, a Companhia Johnson, situada à rua Dragão do Mar, 441, cuja mensagem central era:

Srs. Comerciantes e Produtores
Vendam a sua Cera de Carnaúba a CIA. JOHNSON
que compra pelos melhores preços do mercado
PAGAMENTO IMEDIATO

A propósito de carnaúba, no Rio, a capital da República, o deputado federal Crisanto Moreira da Rocha se jaculava, pedindo a completa elucidação dos escândalos relacionados com os exportadores de cera do Ceará. Informava *O Estado*, em primeira página, no dia 3 de setembro de 1955: Crisanto “não está satisfeito com as informações prestadas pelo ministro da Fazenda”.

O médico Walter Cantídio anunciava em formato tipo classificados, em 4 centímetros quadrados, suas especialidades: Doenças de pele — Sífilis, Câncer — Radioterapia — Ed. Granito, sala 2 — 2º Andar — Horário: De 15 às 18hs. Aos sábados em horas marcadas.

Banco União S. A. “Juros compensadores”; Óleo Pajeú, “não há outro igual”, da Cia. Siqueira Gurgel; Grande Hotel Presidente, “Viajando para o Rio... hospede-se no Hotel Presidente”; Banco dos Proprietários, depósitos desde CR 20,00; Loucuras de setembro de *A Cruzeiro*, “você compra mais pagando menos”, Rua Barão do Rio Branco, 1030.

O Moinho Fortaleza, de J. Macêdo S.A. comunicava aos panificadores da capital e do interior do estado que já dispunha de farinha de trigo de sua fabricação, para entrega imediata. “Entretanto, necessário se faz que os mesmos se dirijam à COAP [Companhia de Abastecimento de Preços], para o competente registro de suas firmas, o que os habilitará ao recebimento da cota de farinha de trigo que lhes for atribuída”, alertava o reclame.

Eram dezenas de anúncios em formatos pequenos e médios, raramente em meia página ou em uma página.

Francisco das Chagas Martins, o Fran Martins, publicou dezenas de livros, fez carreira brilhante como advogado, escritor e professor da Faculdade de Direito da UFC, da qual seu irmão, Antonio Martins Filho, foi o fundador. Fran nasceu na cidade do Crato, no vale do Cariri, no dia 13 de junho de 1913. Era o mais novo entre os ir-

mãos famosos. Cláudio Martins e Antonio Martins Filho nasceram antes, em 1910 e em 1904, respectivamente.

Nesta época, a redação e as oficinas do jornal funcionavam na rua Senador Pompeu, 832, Centro de Fortaleza. No expediente, lia-se:

O ESTADO — Matutino Diário. Fundado em 24 de Setembro de 1936. *Superintendente*: Cláudio Martins; *Diretor-Responsável*: Fran Martins; *Secretário*: Hermenegildo Sá Cavalcante.

Na alentada edição comemorativa aos 20 anos do jornal, com 54 páginas, um texto em primeira página, ilustrado com os retratos de Fran e Cláudio, reforçava as presenças dos novos diretores do jornal *O Estado* que, afinal, já estavam há muitos meses na gestão, e anunciava novos investimentos em tecnologia, como uma clichéria própria e a compra de uma nova máquina linotipo — as gigantescas máquinas de composição a quente que representaram grande salto na produção gráfica dos jornais.

Sob o título *Nossos diretores*, lia-se:

Estes são os drs. Cláudio e Fran Martins, diretores superintendente e responsável, respectivamente, deste matutino. Seguindo sua justa e oportuna orientação, *O Estado* é hoje um órgão que goza de grande conceito em nosso meio. Em futuro próximo, com a instalação de uma moderna *clicherie*, em vias de chegar do Rio de Janeiro e com uma nova linotipo já em funcionamento, o nosso jornal ocupará o lugar que bem merece na imprensa citadina.

Confiando no espírito realizador dos drs. Fran e Cláudio Martins, temos a certeza plena de que em breve seremos um jornal à altura de suas gloriosas tradições.

Entregamos assim aos nossos leitores, amigos e anunciantes, na data em que completamos 20 anos de existência, uma alentada edição de 54 páginas. Todo o nosso esforço voltou-se no sentido

de apresentá-la da melhor forma possível. Se não o conseguimos, pedimos nossas antecipadas desculpas valendo, porém, a nossa intenção de bem servir.³

O editorial da edição dos 20 Anos, da terça-feira, 24 de setembro de 1956, página 3, sob o antetítulo NOSSA OPINIÃO e com o título *Homenagem aos companheiros*, fazia uma retrospectiva que valorizava as pessoas que se doaram ao jornal:

Completa hoje, *O Estado*, vinte e um anos de existência e esse fato, para os que estão integrados na vida deste órgão, tem muita significação. Na realidade, são vinte e um anos de lutas a favor do bem estar da coletividade, luta muitas vezes árdua e ingrata, arrostando com a incompreensão daqueles que se encontram em posições chaves e a indiferença dos que pouco prezam os interesses alheios. São vinte e um anos de bons serviços prestados ao povo — com a finalidade precípua de lutar para que sua voz seja ouvida, as suas aspirações atendidas, os seus direitos defendidos, a sua existência reconhecida.

Nesse afã de bem servir, muitas foram as pessoas que passaram por esta casa, cada uma procurando contribuir na medida de suas possibilidades para que o jornal preenchesse devidamente as suas altas finalidades. Alguns desses antigos companheiros galgaram altas posições na vida político-administrativa do Estado, jamais, contudo, esquecendo o órgão em que empregaram as suas atividades e a que deram muito de si, na luta diária deste matutino. Outros foram levados pela morte, deixando no seio dos que fazem este jornal a saudade que os irmãos sentem pela ausência dos seus entes queridos.

Dentre os que se foram para o além, não podemos deixar de recordar as figuras de Hugo Victor Guimarães e Silva, Alfeu Faria de Aboim e Walter de Sá Cavalcante. O primeiro, jornalista primoroso, estudioso e conhecedor profundo de nossa história, era

um dos maiores nomes da intelectualidade cearense, tendo produzido obras que ainda hoje são procuradas pelo seu alto valor histórico. Durante muitos anos Hugo Victor esteve ao nosso lado, trabalhando afanosamente para manter o seu jornal na posição que ele sempre ocupou entre os demais órgãos da imprensa cearense. Ao falecer, Hugo Victor deixou, neste jornal, um grande vácuo, sendo a sua memória reverenciada por todos quantos com ele trabalharam no órgão que viu nascer e a que esteve ligado durante toda a sua existência.

Alfeu Faria de Aboim, por vários anos nosso diretor, também foi um dos jornalistas mais vigorosos do Ceará. Velho batalhador pela causa do povo, aqui esteve durante muitos anos, devotando toda a sua energia ao nosso jornal. Voltado aos interesses da classe a que pertencia, foi, durante muito tempo, presidente da Associação Cearense de Imprensa, marcando sua passagem por essa organização com obras de grande relevo para os jornalistas cearenses.

Walter de Sá Cavalcante, o nosso último diretor, projetou-se na política estadual. Mas jamais, até os seus últimos instantes, deixou de dedicar as maiores atenções a este jornal, cuja vida acompanhou desde os primeiros momentos. Moço, idealista, ardoroso, amigo de todos. Walter de Sá Cavalcante estava destinado a ocupar os mais importantes cargos na administração cearense. A morte, inexorável, roubou-o cedo do convívio dos seus amigos, mas seu nome continua lembrado por todos quantos dele se aproximaram e principalmente por todos os que, neste jornal, com ele conviveram durante anos.

No dia de hoje, em que completamos mais um ano de existência, os que fazem este jornal — diretores, redatores e funcionários — não poderiam deixar de prestar uma sincera homenagem aos companheiros desaparecidos. Aqui continuamos a obra por eles iniciada, certos de que não desmereceremos o passado glorioso deste jornal. Dentre os júbilos que se apossam de nosso espírito

neste dia festivo, não queremos deixar de guardar um minuto de silêncio em homenagem à memória daqueles que sempre estiveram conosco, lutando pelos mesmos ideais pelos quais ardentemente nos batemos.⁴

Na edição de 13 de junho 1956, um registro de primeira página marcava a data de aniversário de Fran Martins. Era muito comum, encarado de modo natural e como demonstração de prestígio e influência social, o registro dos aniversários em jornal, prática que se estende até os anos 1960. A primeira página era reservada para personalidades de irrefutável prestígio, em especial políticos, empresários, membros do Judiciário.

O registro do aniversário de Fran Martins é exemplar desse comportamento natural. Sob o título *Aniversaria, hoje, o jornalista Fran Martins, Diretor deste matutino* temos o seguinte texto, do qual mantemos a ortografia original, inclusive com a grafia do nome O ESTADO em maiúsculas:

O dia de hoje é de justificado júbilo para quantos trabalham nesta folha, pois assinala a decorrência do aniversário natalício do nosso estimado Diretor Dr. Fran Martins. Jornalista brilhante, escritor de renome nacional, já tendo publicado várias obras consagradas pela crítica literária do país. O aniversariante é professor das Faculdades de Direito e de Ciências Econômicas, além de membro da Academia Cearense de Letras, do Instituto Histórico do Ceará, da Associação Brasileira de Escritores, do Rotary Clube de Fortaleza e membro do Conselho Superior da Associação Cearense de Imprensa. Ao assumir a Direção do O ESTADO, o dr. Fran Martins de logo grangeou as simpatias gerais e a amizade de todos os que militam nesta trincheira — desde o contínuo ao mais categorizado funcionário. É que para o nosso estimado Diretor não existem as tradicionais barreiras que separam os mais humildes daqueles que exercem funções mais elevadas, razão

porque, neste jornal, respira-se um clima da mais absoluta liberdade e respeito aos direitos de cada um que aqui trabalha.

Trazendo para este jornal uma nova orientação, fazendo um jornalismo de princípio, preocupando-se seriamente em apresentar aos leitores uma folha moderna e atraente que sintetize as aspirações das diversas camadas da população, o nataliciante colocou O ESTADO numa posição de merecido destaque no cenário jornalístico de nossa terra, de conceito inabalável e inatingível.

Com sua larga experiência, pois que trabalhou por muito tempo em diversos jornais citadinos, o dr. Fran Martins transformou este matutino, estando, presentemente, empenhado em dotá-lo de meios que possam melhorá-lo continuamente.

Os que fazem este jornal, participando do júbilo de todos os seus amigos com o presente registro, enviam ao dr. Fran Martins, sinceros votos de felicitações, augurando-lhe que essa data se reproduza por muitos anos, para satisfação nossa e de todos que lhe são caros.

O hábito dos registros de natalícios era recorrente e fazia parte da rotina dos jornais, como vimos, e se estendia a personagens importantes no contexto social local, como vemos nessa anotação do aniversário do presidente do Tribunal de Contas do Estado, ministro Antonio Coelho de Albuquerque — pessedista em 1945, na primeira executiva —, sob o título *Aniversaria, hoje, o ministro Antonio Coelho de Albuquerque*⁵, em primeira página, com foto, seguindo-se o texto:

Transcorre hoje o aniversário do Dr. Antônio Coelho de Albuquerque, Ministro do Egrégio Tribunal de Contas do Estado, cuja Presidência exerce há 23 anos, com exemplar espírito público, eficiência, zelo e operosidade.

No empenho de suas elevadas funções, S. Exa. tem imprimido ao órgão que dirige um cunho de moralidade e respeito pelas cousas da administração, transformando-se, por isso, em credor

da admiração de quantos ali mourejam e privam da sua amizade.

Na decorrência de tão grata efeméride, os seus colaboradores e amigos prepararam-lhe justa manifestação de apreço.⁶

Um ano antes, em 1955, Fran Martins subscreve o editorial de primeira página comemorando mais um aniversário do jornal. *Dezenove Anos*, assinala o título:

Completa hoje, este jornal, dezenove anos de existência, e os que militam na imprensa sabem bem o que isso representa. São dezenove anos de lutas, de vida agitada, de participação direta no seio da sociedade, a ventilar problemas de interesse geral. Milhares de dias numa renovada vigilância, com a preocupação única de bem orientar aqueles que, diariamente, leem o jornal. Milhares de horas vividas com intensidade, olhos abertos para as grandes misérias e as pequenas grandezas que se alternam e se confundem em um mundo cada vez mais conturbado.

E tudo isso com o fito apenas de servir. De servir à coletividade, mostrando os erros dos que erram e as virtudes dos que ainda teimam em ser virtuosos. Dando não apenas informações mas, igualmente, orientação, porque em um jornal as duas cousas devem forçosamente existir.

Dentre os órgãos da imprensa cearense, *O Estado* sempre procurou seguir um caminho reto no cumprimento do seu dever. Por mais cruentos que tenham sido os momentos que o país atravessou nesse período de sua existência, sempre soube este jornal se manter dentro de uma linha de conduta que não o desmereceu no conceito dos seus leitores. E isso é um conforto para os que, vindos depois daqueles que o fundaram, hoje aqui se encontram, desejosos de continuar a fazer deste jornal um órgão digno da confiança do povo a que sempre procurou servir.

Ao atingir os dezenove anos de existência, não podemos deixar de recordar os companheiros mortos. Carvalho Lima,

Hugo Victor, Alfeu Aboim, Walter de Sá Cavalcante, todos eles no dia de hoje estão presentes no nosso espírito e no nosso coração. Muitas lutas, muitos sacrifícios tiveram esses amigos que desapareceram, para manter bem alto o nome deste jornal. E porque sabemos como foram bem vividas essas lutas, a eles queremos aqui prestar a nossa homenagem.

Em ocasiões como esta é costume a direção agradecer a cooperação daqueles que, no momento, participam da vida do jornal. No nosso caso, vamos fugir a essa tradição porque, na verdade, não vemos razão para isso. Pois o certo é que todos os que aqui trabalham, desde o redator categorizado hierarquicamente até o mais modesto ajudante ou distribuidor — todos nós somos o jornal. Todos nós nos sentimos irmanados, presos inteiramente ao órgão para que trabalhamos. Todos nós vivemos a mesma luta, partilhamos das mesmas alegrias, sentimos as mesmas dificuldades, confundimos o suor e a cansaça para um fim comum.

E apenas desejamos uma coisa: continuar sempre a trabalhar para não desonrar o nosso passado. Procurar sempre defender a liberdade e o direito, no intuito de bem servir à coletividade. Se assim continuarmos, nos consideraremos compensados dos esforços dispendidos. Porque uma vida digna e independente é e será sempre, se Deus nos ajudar, o caminho que desejamos trilhar.

FRAN MARTINS ⁷

Em outra de suas dezenas de crônicas, Fran Martins comenta os comportamentos locais, seus hábitos, costumes, estilos. Faz um mergulho no imaginário, às vezes colocando o leitor em dúvida se está falando sério ou ironizando, como na crônica *Jacinto* onde saúda a vinda do jornalista Jacinto de Thormes⁸ ao Ceará, em novembro de 1955.

— Sim, ele virá. Ele virá, com o seu cachimbo e, possivelmente, o seu cachorro, para assistir à escolha da “glamour girl” de 1955, que isso também, por mais que se ignore, existe aqui — celebra Fran, em sua crônica diária.

Jacinto de Thormes é o pioneiro do colunismo social no Brasil e, nos anos 1950, era um semideus, cortejado no Sudeste, mas também reconhecido Brasil afora. “Numa festa em um clube da cidade, os seus colegas da terra, os rapazes que usam da sua mesma linguagem, dos seus mesmos tiques, de suas mesmas palavras, da mesma intimidade com moças e senhoras da sociedade — os colegas do Jacinto irmão, ao que sei, homenageá-lo, pois o homem é o patrono de todos os cronistas sociais do Brasil”, continuava.

É provável que haja aqui um tom de ambiguidade entre sutil ironia e o reconhecimento ao talento do homem que se fez notório a partir do jornalismo de cobertura de eventos da alta sociedade carioca.

Continua Fran:

Ja Sinto, o grande, o imortal, acompanhado do seu lulu, certamente concederá autógrafos, assinará no livro do Náutico, dirá as últimas piadas de sua famosa coleção e bocejará, quando estiver na hora de retirar-se. E não apenas os cronistas mas toda a multidão que o estará cercando — os brotos, as meninas das diversas orquestras, as inúmeras misses e rainhas que existem na cidade e sobretudo as e os fans — toda essa gente terá esse dia marcado no seu destino como sendo o dia em que viram, conversaram e admiraram, em carne e osso, o mais importante cidadão que vive neste país.

Até eu, que não sou muito dado a essas cousas, já estou pensando em conseguir um convite com algum cronista social amigo para ver o homem também. E se esse dia não coincidir com o de outra revolução, confesso que serei dos primeiros a chegar ao local, com um álbum de autógrafos debaixo do braço, roendo as unhas, nervoso, como soube ser costume da gente de bem, à espera do grande momento em que Jacinto e seu lulu abrilhantarão a grande festa que se projeta. E que vai ser um amor de festa.⁹

As crônicas de Fran Martins, sempre na página 3, narrativas so-

bre o cotidiano da cidade, também avançam para as impressões de viagens, saudações aos amigos, as coisas relativas ao *Grupo Clã* — integrado por intelectuais — e muita preocupação com a cultura, as artes e as letras através de regulares ensaios de crítica literária. Eventualmente, situações da política também entram em pauta.

— Depois de um mês de viagem através de mais de uma dezena de cidades, desde o sul da França à Suíça e à Itália, escolhêramos Madri para descansar — relata Fran Martins.¹⁰ Que continua:

Queríamos anteriormente visitar várias cidades da Espanha, mas, à última hora reconhecemos a impossibilidade desse plano em face da falta de tempo: demoramos demasiado na Itália, visitando Milão, Veneza, Florença, Pisa e Roma e, agora, não nos sobrava tempo para a Espanha. Assim, resolvemos visitar apenas Madri e Toledo, reservando para uma problemática futura viagem as outras cidades que desejávamos conhecer, notadamente Barcelona e Sevilha.¹¹

A impressão inicial de Fran sobre a capital Madri é expressa na série de crônicas *A Aventura da Espanha*:¹²

— Quem vai pela primeira vez a Madri, só estranha o horário da vida da grande capital espanhola nos primeiros dias; facilmente, depois admite-se que é muito melhor almoçar depois das duas da tarde ou jantar às nove da noite porque assim se aproveitará melhor o dia.

Na série de artigos sobre esta travessia europeia relata casos curiosos, como o episódio em que um amigo brasileiro reage a favor do touro em uma grande tourada dominical, em Madri, estádio transbordando de gente.

Na crônica *O Amigo do Touro*, da série *A Aventura da Espanha*, Fran relata:

Pois assistindo a uma grande tourada, Claudio Ganns [que Fran

conhecera em um evento em Washington, D.C.] começou a sentir pena do touro. Viu que não era apenas uma pessoa — o toureiro — mas milhares que estavam contra o pobre bicho, todos se babando de gozo quando o toureiro o atingia. O pobre do animal sangrava e ninguém sentia pena, enquanto que todos vibravam a qualquer gesto do homem. Aquilo doía no coração de meu amigo.

Mas acontece que, em determinado momento, quando o toureiro estava distraído, o touro teve a sua chance de vingar-se. E aproveitando a oportunidade enfiou os chifres nas costas do homem, atirando-o longe. Nesse instante, sem poder se conter, entusiasmado com aquela imprevista desforra do animal, Claudio Ganns se ergueu e, a plenos pulmões, no silêncio da Praça, lançou o brado usual de saudação, mas desta vez dirigido ao touro: “Olé!” e a Praça dos Touros quase vem abaixo, indignada com aquele indivíduo que ficava ao lado do touro, quando o toureiro, ensanguentado, jazia no chão. Foi preciso que, prudentemente, alguns brasileiros retirassem meu amigo das arquibancadas, sob pena de talvez se gerar um conflito internacional apenas porque ele se revelara um amigo do touro...¹³

Em outro artigo, a pretexto de uma visita de Gustavo Barroso a Fortaleza, faz uma crítica à condição precária dos museus no Ceará que “amontoam” documentos e peças “sem classificação, sem ordenação, sem um elo a ligá-los de modo a sugerir conclusões originais a quem os estuda”:

Encontra-se, em Fortaleza, há vários dias o escritor Gustavo Barroso, membro da Academia Brasileira de Letras e um dos intelectuais de maior projeção no Brasil pela importância de sua obra, uma das mais vastas e mais variadas de quantas já foram produzidas por nossos homens de letras. Historiador, romancista, contista, ensaísta, folclorista e muitas outras coisas mais, Gustavo Barroso se constituiu um dos patrimônios de nosso mundo cultural.

Homem de vários instrumentos, toca-os todos com inteligência e profundidade. Dos grandes filhos do Ceará, ele está muito bem situado ao lado de José de Alencar e Domingos Olímpio, sem dúvida os dois outros homens de letras que maiores glórias trouxeram, em todos os tempos, para a literatura cearense.

Em declarações feitas à imprensa, Gustavo Barroso disse que um dos objetivos de sua vinda ao Ceará é colher material para o Museu Histórico Nacional, cuja direção vem ocupando, com brilho, há vários anos. E ao ler essas declarações, lembrei-me que Gustavo Barroso muito poderia fazer pelos museus de nosso Estado, na realidade muito pobre, nesse setor cultural. Temos de fato, afora o Museu Histórico do Estado, hoje confiado à supervisão do Instituto do Ceará, uns poucos outros particulares, como o de D. José, em Sobral, que apesar de possuírem rico material, certamente não estão com uma organização capaz de preencher as finalidades precípuas dos museus, que são as de organismos vivos e não amontoados de peças díspares, valiosas, sem dúvida, se encaradas separadamente, mas de pouca importância útil para os estudos. Na realidade, aqui ainda temos museus apenas para serem vistos, não para servirem de centros de estudos auxiliares de pesquisadores. São museus pitorescos, em que o visitante apenas tem a sua atenção despertada pela curiosidade dos objetos. Se, porém, se quiser fazer um estudo mais sério de uma época, de um fato, de costumes, de quase nada valerão aqueles elementos que se amontoam em salas, sem classificação, sem ordenação, sem um elo a ligá-los de modo a sugerir conclusões originais a quem os estuda.¹⁴

O *Grupo Clã* é objeto desta crônica publicada no domingo, 31 de julho de 1955 na capa do caderno *Literatura e Arte*. Aqui, intimista, ele fala ao leitor sobre um dilema, algo que certamente o incomoda e expõe ideias diversas sobre a sua quase angústia. Fran Martins destaca uma das utopias do *Grupo Clã*.

— Temos o intuito de libertar o Ceará do centralismo metropolitano, para nós tão prejudicial —, dizia.

Reflete Fran, em sua pensata sobre o grupo literário:

Muitas vezes me têm perguntado se o *Grupo Clã* desapareceu, em virtude de não estar circulando, há mais de um ano, a revista de igual nome. Ainda há pouco, por exemplo, quando aqui passou a Sra. Vera Pacheco Jordão, tivemos oportunidade de trocar ideias a respeito desse grupo e a pergunta novamente me foi feita.

Não sou, naturalmente, a pessoa indicada para responder tal pergunta. O fato de ser diretor da revista *Clã*, que era como que o órgão oficial do grupo, talvez seja a razão porque ela me é feita. Acredito porém que os outros integrantes do grupo, Stênio Lopes, Braga Montenegro, João Clímaco, Artur Eduardo Benevides, Eduardo Campos, Girão Barroso, Moreira Campos, Mozart Soriano Aderaldo, acredito que a todos eles terão feito essa mesma indagação... Porque todos eles são o *Grupo Clã*, todos eles têm a mesma responsabilidade que o supra assinado tem nesta história complicada.

Não sei porém qual terá sido a resposta que eles deram à pergunta. Talvez alguns, como Eduardo Campos, achem que o grupo morreu, que a época do mesmo passou e que agora, devemos trabalhar isoladamente.

Eu não sou, infelizmente, dessa opinião. Primeiro, acho que ainda hoje, o grupo não morreu, estando apenas desinteressado em trabalhar em conjunto, cada um preferindo fazer o que entende sem se importar com o que os outros fazem. Mas acredito, em qualquer momento esse grupo pode se reunir, seja em um congresso, seja por meio da revista, seja até mesmo em sessões da ABDE [Associação Brasileira dos Escritores] local. Havendo um interesse, todos, inclusive o Eduardo Campos, se reunirão novamente. E aí teremos o *Grupo Clã* em atividade conjunta.

Mas não é apenas essa reunião dos elementos que o compõem

que caracteriza o *Grupo Clã*. E é por isso que eu acho que, mesmo disperso, o grupo ainda hoje existe. Porque, no que todos fazem, perdura o mesmo espírito dos idos de 45, quando aqui realizamos um congresso de escritores. Todos trabalham, isolados ou conjuntamente, com seriedade, com a preocupação de sempre produzir melhor, com o intuito de libertar o Ceará do centralismo metropolitano, para nós tão prejudicial. Esse é o espírito do *Grupo Clã* e é por isso que, quando me perguntam se esse grupo ainda existe, eu digo que sim, apesar de estar a revista parada e nunca mais nos termos reunido em um congresso, em uma conferência, em um debate ou até mesmo em casa de um amigo, para um bate-papo longo e, naturalmente, exaltado.¹⁵

O caderno dominical *Literatura e Arte* era um desfile de reconhecidos escritores como Oto Maria Carpeaux, Carlos Drummond de Andrade, Sérgio Milliet, no plano local Pedro Paulo Montenegro, Fernando Leite, Carlos d'Alge, Antonio Girão Barroso, João Nogueira, Raimundo Girão, Artur Eduardo Benevides, José Alcides Pinto, Mozart Soriano Aderaldo, Caio Porfírio Carneiro etc.

Em seu estilo tranquilo e ponderado, Fran adentra pela análise política como neste *A Posição dos Candidatos* quando lança seu olhar sobre a conjuntura nacional e as eleições presidenciais de 1955.¹⁶

— Estamos na derradeira semana para as eleições e os observadores dos acontecimentos políticos hão de ter notado como nos últimos dias a situação dos candidatos sofreu profunda alteração, introduz o tema.

E continua Fran Martins, tendo como objeto as eleições no plano nacional:

De início houve certa parada nas atividades eleitorais, parada justificável em face do perigo de golpe que durante muitos dias pesou sobre nós. Em certos momentos chegou até a se registrar inteiro desinteresse dos candidatos, que mais preocupados esta-

vam em esclarecer a situação geral. Se houvesse golpe, o trabalho dos partidos seria perdido — trabalho e, principalmente, dinheiro. Necessário era, assim, encontrar a solução principal que era a da realização ou não das eleições.

Nessa ocasião — um mês atrás, mais ou menos — força é confessar que o Sr. Juscelino Kubitschek se manteve em uma atitude firme louvável. Repetidamente o candidato pessedista se manifestou a favor das eleições e em todas as ocasiões manteve a sua candidatura. O Gen. Juarez Távora, igualmente, sempre se declarou favorável ao pleito. Mas inegável é que os partidos, principalmente a UDN, não tomaram atitude decisiva a esse respeito; o que muito arrefeceu o entusiasmo entre os seus filiados.

Mas num esforço sobre-humano e grandemente louvável, a crise foi vencida. Os golpistas, a contragosto, foram derrotados. E o regime sobreviveu, com a garantia das forças armadas de que as eleições serão realizadas e os candidatos empossados.

Para isso, muito concorreu a entrevista do Presidente da República, concedida à revista *O Cruzeiro*. Foi o Sr. Café Filho enérgico e decidido. Esse seu gesto muito vem acrescer às suas qualidades de homem público. Já não se pode dizer que o governo do Sr. Café Filho não soube corresponder à confiança dos brasileiros como supremo chefe da Nação.

E os que acompanham o movimento político das eleições hão de ter notado que, de princípio, a situação do Sr. Juscelino Kubitschek era, indiscutivelmente, privilegiada. De acordo com as estatísticas, o candidato mineiro contava com as maiores possibilidades de ser eleito, tendo em vista os contingentes eleitorais dos partidos que o apoiavam. Os técnicos em eleições chegaram até a publicar demonstrações pelas quais a metade dos votos deveria caber a Juscelino e Jango, enquanto que a outra metade seria repartida entre Juarez, Ademar e Plínio Salgado. Os números apresentados não deixavam dúvidas sobre isso.

Mas o indiscutível é que, com a aproximação do pleito, mu-

dou bastante a situação do Sr. Juarez Távora. Lançando-se à luta a princípio por um pequeno partido, depois aceito pela UDN com a colaboração de partidos menores, o general Távora baseou sua candidatura não em interesses partidários e sim nos interesses do país. A frase que escolheu para lema — *A Revolução pelo Voto* — significa bem o sentido que o General Távora quis dar à sua campanha. Não se trata, assim, de uma candidatura presa a grupos econômicos ou partidários mas de uma candidatura desejosa, sobretudo, de salvar o Brasil do caos; inclusive o político.

Muita gente olhou com ceticismo essa atitude do General Távora e o exemplo de Jânio Quadros não impressionou. Mas agora que estamos às portas do pleito, todos verificam como ganha terreno a candidatura do ilustre cearense. O páreo, segundo todos asseveram, é entre Juarez e Juscelino, já sendo postos fora de combate os senhores Ademar e Plínio Salgado. E em todos os quadrantes, a atitude de Juarez de querer manter-se acima dos interesses políticos tem-lhe granjeado fortes simpatias, que prova que o povo brasileiro na realidade quer uma nova orientação na administração do país. Quer, em última análise, que haja uma revolução renovadora, resolução que se faça não pelas armas, que essas já não inspiram confiança; mas democrática e livremente pelo voto consciente e honesto.

FRAN MARTINS

O autor se refere à histórica entrevista que o presidente Café Filho concedeu ao jornalista Carlos Castello Branco, na influente revista *O Cruzeiro* — à época com 630 mil exemplares semanais — quando posou para o fotógrafo José Medeiros. Sob o título *Com café não se dá golpe* o presidente foi enfático:

— Desde que o mandatário se convença de que sua permanência não é útil ao país, ou encontre dificuldades insuperáveis para o uso legítimo do poder, deve renunciar.¹⁷

Carlos Castello Branco reforça:

— O Presidente da República, Sr. Café Filho, afirmou, numa entrevista exclusiva a *O Cruzeiro* que não será chefe de Estado ditatorial, nem ajudará a implantação de uma ditadura no país.

Na mesma edição da *O Cruzeiro*, a seção *Pif-Paf*, de Vão Gogo, aliás, Millôr Fernandes, escrachava: “Todos concordam em que o erro fundamental do Governo Café Filho é que, desde o início, ele governou pisando em ovos. A discussão é apenas se os ovos eram duros ou mexidos”.

Nesta fase do jornal *O Estado*, dominado preponderantemente por jornalistas intelectuais como Fran Martins, Cláudio Martins, Durval Aires, Carlyle Martins, o jornal ganha uma peça exemplar sobre a sua rotina. Num período onde os meios de comunicação de grande alcance eram principalmente o rádio e secundariamente o jornal e algumas poucas revistas, o papel do jornal tinha uma relevância e um prestígio avassaladores no imaginário do público leitor.

E Durval Aires brinda os leitores d’*O Estado* com uma peça antológica sobre a rotina do jornal, o mister de fazer jornal, com um título direto e objetivo como era do estilo deste mago do texto, totalmente sem excessos, arredio ao uso de qualquer palavra desnecessária.

Sob o título *O jornal e o secretário*, no ensejo dos 19 anos do jornal *O Estado*, Durval Aires escreve um texto antológico sobre as agruras do profissional que segurava a chamada “cozinha” da redação:

Você, amigo leitor, evidentemente já teve oportunidade de visitar várias vezes a redação de um jornal, para tratar de assuntos os mais diversos: pedir a publicação de uma nota, saber se quem vai ganhar o pleito é mesmo o General Juarez (ou Juscelino?), se Martha Rocha se candidatará, novamente, ao título de Miss Brasil, defeitos na impressão e até mesmo um título que saiu errado ou a distribuição que não funcionou com precisão e o assinante se viu obrigado a ir para o trabalho sem tomar conhecimento do que ocorre no mundo.

E garanto que, todas as vezes ouviu a frase clássica:

— Fale aqui com o nosso secretário.

Realmente, num jornal o secretário é o homem dos instrumentos. Sua atividade se confunde de tal modo com a vida do jornal que não se pode particularizar uma desassociada da outra. Não é sem razão o que na gíria de quem faz [jornal] o secretário é conhecido como o cozinheiro, o homem que faz o prato e entrega-o ao público sempre ávido de notícias, isto é, de pão espiritual.

Digamos, por assim dizer, que as duas grandes responsabilidades de um secretário é dirigir e orientar. Essa afirmação pode parecer exagerada, pois ao leitor comum há de parecer que quem orienta e dirige o jornal é o diretor. E realmente o é. Mas apenas de um certo modo. As páginas opinativas (matérias editoriais) realmente ou são escritas ou supervisionadas pelo diretor. Isso significa dizer que o comportamento do jornal, a maneira como ele analisa e se porta diante dos acontecimentos sociais e políticos — o roteiro de sua jornada — é traçado pelo diretor. Todavia, o grosso da matéria, a estrutura do jornal — desde as manchetes aos inofensivos comentários da crônica social — obedece ao controle, à orientação sistemática do secretário.

Não seria nenhum exagero se dizer que quando o secretário senta-se em sua mesa de trabalho, pela manhã ou à noite, já traz o jornal do dia seguinte “embrulhado na memória”, como disse o poeta Carlos Drummond de Andrade, a propósito não sei bem de quê.

E é aí que começa a sua atividade do dia. Com uma visão, diríamos melhor, com uma perspectiva, o secretário inicia a distribuição das tarefas. Os assuntos mais importantes do dia e como devem ser abordados, como também o tamanho das matérias.

— Duas laudas para essa reportagem da Santa Casa, sem comentário, que o editorial já se reporta ao assunto.

Ou então...

— Na cabeça da matéria não esqueça de ressaltar que o deputado fulano apresentou tais projetos de grande interesse para o nosso Estado.

E tem também o reverso da medalha:

— Não abre o bico. Reeleito já em três legislaturas limita-se apenas a receber os vencimentos. Carregue as tintas nesse moço.

Os redatores e repórteres vão, aos poucos, realizando as suas tarefas, as matérias acumulam-se na mesa. Agora o que o secretário tem a fazer é limpá-las e dar título. Limpando a matéria ele sabe se realmente o que disse foi transportado para o papel. Se não:

— Companheiro, o problema não é bem esse. Mas deixa que eu faço. Estou mais em dia com o assunto.

A feitura dos títulos, um bom título, jornalisticamente falando, não é necessário apenas para que a ideia, o tema da matéria seja exposto com clareza e oportunidade. Também da maior importância é a utilização do material. É por isso que um bom secretário deve ter no pensamento um mostruário de letras, com todas as suas dimensões e características. Comumente vemos jornais que se apresentam, vez por outra, como nós chamamos: cego, isto é, sem manchete. É talvez a falha mais lamentável no trabalho de um secretário, pois está fora de dúvida que a manchete focaliza o assunto mais importante do dia. Essa falha demonstra o que dispõe para feitura de título. Não contou as letras, não especificou o título que deveria ser usado. E o jornal fica feio, mal apresentado, sem movimentação, sem qualquer atrativo.

Mas, vamos dizer que toda matéria foi feita, titulada, o jornal fechado. O pessoal vai saindo aos poucos. A redação fica deserta. Todavia o secretário permanece e já agora em outro posto: nas oficinas. Sem paletó e gravata e trabalhando ombro a ombro ao

titulista, orientando-o na disposição dos títulos, para em seguida, cuidar da paginação.

Na mesa de paginação procede-se a um rápido exame do espelho. O espelho é uma espécie de planta — um desenho de como o jornal deve ser paginado. Esse é também um trabalho do secretário que, por necessidade do ofício, se vê assim transformado em desenhista. É por esse roteiro que o paginador se guia. Quase sempre o original é respeitado sem que nele seja introduzida a mínima modificação. A organização do espelho é de significação imensa para que o secretário possa estruturar um bom jornal. Somente mediante essa medida se torna possível a distribuição das matérias para as linotipos, em colunas diferentes e sua composição em corpos variados.

Sem espelho, nenhum secretário se aventura a mandar compor, arbitrariamente, matéria em uma, uma e meia, duas colunas ou mais. Também não terá possibilidade de que essa matéria seja composta variadamente, isto é, em caractere [tipo de letra] branco, preto, versal, grifo, etc.

Não temo em afirmar que é por falta de espelho que alguns jornais apresentam as suas páginas externas totalmente feitas em uma coluna, matéria corrida, sem qualquer variação estilística, o que sem dúvida concorre para torná-los pesados, cansativos e, em geral, parecidos uns com os outros, sem grandes diferenças entre o de ontem e o de hoje. Somente as legendas que, por sua própria natureza, são obrigadas a acompanhar os clichês, quebram as linhas verticais, liquidando, um pouco, com a permanente falta de movimentação desses órgãos.

Mas estávamos falando de paginação. Num jornal todas as atividades se interrelacionam. É por isso que um bom diário não pode ser obra de um homem, mas o resultado de um trabalho de equipe. Nessa equipe, o paginador tem um grande papel a desempenhar. Seu trabalho, embora não sendo intelectual, não se pode dizer, muito menos, que seja autômato. É onde mais necessário se

torna a vigilância e já agora sobre o trabalho do secretário.

O amigo leitor certamente já deve ter estranhado alguns títulos estaparfúrdios que às vezes saem em nossos jornais. E o que nós chamamos “encosto”. Vamos exemplificar. Digamos que tivéssemos publicado uma manchete gritando: CHEGA HOJE O MINISTRO TAL e logo em seguida, a um lado, o subtítulo da matéria. Do outro, por inadvertência (ou até propositadamente) fizemos um título complementando o espaço, em que se lê: O MAIOR LADRÃO QUE O BRASIL CONHECE acompanhado, sem dúvida, de um subtítulo em que se diz ter sido preso um conhecido vigarista com entrada na polícia de quase todos os estados da Federação. Ocorre ainda que, por cúmulo do azar (se for o caso) o olho do título da manchete é o mesmo do título sobre o famoso vigarista. De modo que quem lê apenas pelos títulos, compreende que CHEGA HOJE O MINISTRO TAL, O MAIOR LADRÃO QUE O BRASIL CONHECE.

Você já pensou, amigo, na situação de um secretário diante de um problema desse? Haverá justificação possível para uma tão lamentável ocorrência? Daí porque o secretário não pode prescindir da ajuda do paginador. Torna-se evidente que, em grau maior ainda, o paginador não pode dispensar o concurso do secretário pois, afinal ele, depois do diretor, é quem vem investido de poderes para modificar o jornal, mesmo que a paginação já esteja concluída.

Nessas alturas, no leito, certamente terá respirado aliviado, pensando que, afinal de contas, já deve ser hora do secretário ir pra casa. Mas não é, caro e paciente leitor. O secretário ainda tem obrigação de esperar, pelo menos, pela página de prova, que antecede a impressão. Se não há erro, se os clichês estão bem calçados, então o jornal roda. Mas se há erro, Deus nos acuda! É assunto para uma reunião com os revisores, porque os revisores

geralmente “descalçam a bota”, dizem que os responsáveis são os linotipistas, os ajudantes e até mesmo os redatores ou secretários que deixaram passar o “carregamento”.

Naturalmente que falei nas atividades de um secretário de jornal de província, num secretário de um dos nossos diários. Nos grandes órgãos, além do secretário propriamente dito, temos vários sub-secretários e os redatores-chefes, cada um, distribuídos de acordo com a sua importância.

De agora em diante, amigo leitor, você já sabe como trabalha um pobre secretário. De sorte que se alguma vez tiver necessidade de falar com um secretário e não obtiver dele o tempo necessário a um gostoso bate-papo, ou mesmo para ouvir em todos os seus detalhes o que foi a maravilhosa concentração de Juscelino, não se aborreça. Eu, por exemplo, bem gostaria de conversar sobre poesia com todos os poetas que aportam à redação. Mas como, se o mais importante, reclamam os agentes de publicidade, é por o jornal cedo na rua?

Na mesma linha do ensaio *O jornal e o secretário*, o editorial *Vida de jornal* comemora os 19 anos de circulação, publicado na página 3 do dia 24 de setembro de 1955. Este aniversário é largamente festejado em vários textos e notas na mesma edição. É possível que o editorial tenha sido escrito por Durval Aires, principalmente pelo caráter didático da narrativa, a seguir:

Como se faz um jornal? A pergunta muitas vezes é ouvida por parte daqueles que trabalham na imprensa. E as respostas muitas vezes nem dizem o que realmente acontece num espaço de vinte e quatro horas, na redação de um órgão citadino. Porque a feitura

de um jornal não é uma repetição automática de atos que possam ser descritos em poucas palavras. Dia a dia, há uma verdadeira revolução na vida de um órgão de imprensa, e é justamente isso o que dá a característica principal dos jornais, que é a renovação. Claro que, materialmente, a feitura de um jornal pode ser esquematizada: os redatores escrevem suas secções, os repórteres preparam as suas notícias, os comentaristas dão opiniões sobre os assuntos de sua especialidade, os noticiaristas descobrem acontecimentos e os registram, o secretário lê tudo, e tudo distribui, os linotipistas compõem, os revisores reveem, o paginador coloca na página, o impressor imprime, o distribuidor faz o jornal chegar ao conhecimento do grande público...

Se esses atos diariamente se repetem para que possa ser preparado materialmente o jornal, há, acima deles, um princípio maior que não pode deixar de nortear os que estão a trabalhar. Esse princípio é o da informação segura, o da notícia justa e verdadeira, o da focalização do assunto em todos os seus aspectos, para que o público possa se inteirar do que realmente está a acontecer na cidade, no país e no mundo no curto espaço de vinte e quatro horas.

E essa é que é realmente a parte mais importante na feitura de um jornal. Essa é que é a parte que faz com que o público a que ele se destina possa dar crédito àquilo que ali está escrito. Porque se não houvesse esse crédito do público, certamente não existiria imprensa. O jornal deixaria de ser um órgão informativo e opinativo para ser obra de ficção, o que desnaturaria completamente o caráter da imprensa.

Mal sabem os leitores quanto trabalho dá, muitas vezes, ao repórter ou noticiarista uma simples nota escondida num canto do jornal. Em primeiro lugar, teve ele necessidade de entrar em contato com a vida da cidade para saber onde, quando e como o fato se verificou. Depois terá que pensar se esse fato se verificou. Depois terá que pensar esse fato, examinar se merece ou não ser levado ao conhecimento do público. Se essa verificação der em

resultado a necessidade de ser o fato divulgado, o jornalista terá não apenas que obter dados detalhados sobre a ocorrência, mas basear as suas informações, para que o público fique garantido quanto à certeza das mesmas. E só depois disso, que muitas vezes demanda horas seguidas de canseiras, de entrevistas, de informações, é o acontecimento transportado para o papel, a fim de correr aqueles caminhos que vão terminar na sua inclusão na página que será lida por alguns milhares de pessoas.

E o leitor, que recebe em sua casa, manhã cedo, o jornal de sua preferência, ou o que, na rua, não pode se aperceber, absolutamente, que para ler aquelas notícias, para se pôr em contato com o que está ocorrendo em sua cidade ou no mundo, uma verdadeira legião de pessoas foi mobilizada, desde o local onde as agências telegráficas enviam as notícias até quando o pequeno gazeteiro sai à rua sobraçando um maço de jornais, a apregoá-los ruidosamente. Legião que não pode parar, porque o leitor necessita estar a par das oscilações da bolsa ou das guerras na China. Legião que faz trabalho de formiga em benefício de um público que muitas vezes não dá crédito às suas notícias.

É fácil fazer um jornal? Aparentemente a resposta é positiva. Mas fazer um jornal com consciência, com informações seguras, com uma linha de conduta retilínea, dando ao leitor a certeza de que tudo que ali está escrito, linha por linha, foi pesado, meditado, estudado, isso, na realidade, é tarefa espinhosa. Mas por ser espinhosa é igualmente dignificante, pois é isso o que coloca a imprensa em posição de relevo perante a coletividade. Não há um órgão sequer, digno de usar o nome de jornal que não tenha em mira, sempre e sempre, bem informar e orientar com segurança os seus leitores, tendo por base de tudo um critério rígido de honestidade profissional.

Coluna *Cousas que acontecem* do dia 24 de setembro de 1955, destaca a presença dos expressivos intelectuais do Grupo Clã nas pá-

ginas do jornal *O Estado*. Na lista, grandes escritores como Moreira Campos, Braga Montenegro, Stênio Lopes, Antônio Girão Barroso, Mozart Soriano Aderaldo, João Clímaco Bezerra e Lúcia Martins que, ao lado de outros, como José Alcides Pinto, assinaram crônicas e poemas semanais no jornal. Some-se a esses, uma extensa lista que amplia a plêiade dos ilustres colaboradores, como anota, mais à frente, Fran Martins. No ciclo dos irmãos Martins, Fran e Cláudio, o jornal *O Estado* foi uma grande vitrine para os intelectuais da cidade.

No texto a seguir, sob o título *Os nossos colaboradores*, Fran Martins homenageia a todos eles, ainda no aniversário de 1955:

Quem se der ao trabalho de fazer um confronto entre o que hoje somos e o que éramos há um ano atrás, verificará, sem dúvida, que grandes foram as transformações porque vimos passando. Realmente, apesar de lutarmos com dificuldades imensas, próprias de um jornal desaparelhado, temos conseguido introduzir modificações essenciais na estrutura do nosso querido órgão. Evidentemente procuramos, como era natural, introduzir modificações neste jornal, em face da mudança da direção. Aumentando o tamanho do nosso órgão, essa nova primeira preocupação foi seguida de algumas iniciativas que, se não foram ainda completamente realizadas, possibilitam, todavia, a que pudéssemos melhorar consideravelmente a nossa apresentação técnica. Neste particular, sem nenhum exagero, podemos dizer que estamos procurando fazer um jornal bem movimentado, atrativo e, o que é mais importante, bastante noticioso.

Também introduzimos melhorias consideráveis no tocante à feitura e do conteúdo das matérias. Decisiva nesse particular, e aqui vão os nossos agradecimentos, tem sido a colaboração dos nossos amigos, de todos aqueles que reconhecem os nossos esforços e nos estimulam com a sua ajuda eficiente e desinteressada. Chegamos mesmo, e isso só nos é motivo de orgulho, a ser considerados o jornal dos intelectuais. Realmente, em nossas páginas

perlustraram e ainda perlustram alguns dos vultos mais expressivos da intelectualidade de nossa terra. O *Grupo Clã* ofereceu a sua parcela de trabalho: Moreira Campos, Braga Montenegro, Stênio Lopes, Antônio Girão Barroso, Mozart Soriano Aderaldo, João Clímaco Bezerra, Lúcia Martins e outros assinaram crônicas semanais em nosso jornal. Por outro lado, intelectuais do porte de Francisco Alves Andrade, Newton Gonçalves, Carlos d'Alge, Carlos Studart Filho, Zacarias Amaral Vieira, Agamenon Frota Leitão, José Bonifácio de Sousa, Pedro Paulo Montenegro, Magdaleno Girão Barroso, Raimundo Lucena, Valmir Pontes, Álvaro Melo, Osmundo Pontes e muitos outros assinaram e continuaram assinando trabalhos para o nosso diário.

A contribuição desses intelectuais tem sido inestimável para o crescimento do nível do nosso jornal, razão por que a vitória que vimos alcançando é também uma vitória deles, dos nossos redatores e repórteres, uma vitória, finalmente, do próprio jornalismo cearense.

Cláudio Martins assina nota na primeira página, reforçando o compromisso do jornal com a defesa das liberdades humanas a todo custo. Com o título *O Ideal que nos anima*, lemos o compromisso do diretor Cláudio Martins, então, já influente homem de letras:

No momento em que o jornal *O Estado* atinge o seu décimo nono ano de existência, queremos externar os nossos agradecimentos a todos quantos nos distinguiram com a sua amizade — autoridades, leitores, anunciantes e colaboradores. O estímulo dessa amizade fez com que jamais tivéssemos momentos de desfalecimentos, apesar das naturais dificuldades que um órgão de imprensa diariamente atravessa. Compreendendo a atuação decisiva que tem um jornal no seio do povo, um ideal que nos anima a prosseguir na luta: o de defender, intransigentemente, as liberdades humanas, o que, em última análise, significa defender, a todo custo,

os sagrados interesses da coletividade.

Esta crônica, de Carlos Costa, com trechos a seguir, *Debut e bota-fora*, também do dia 24 de setembro de 1955, mostra muito bem o espírito que contaminava as relações fraternas na redação do jornal *O Estado*, grafado pelo autor, sempre em maiúsculas:

Às alegrias de quantos fazem O ESTADO venho juntar, prazerosamente, a minha alma em festas. Festas que traduzem o quanto quero a este jornal, do qual somente a custo me animei a largá-lo. Sim, porque esta crônica, se assinala o meu “debut” neste espaço que o jornal reserva aos meus cronistas, no seio dos quais não tenho a veleidade de me inscrever, pois de resto sempre fui, sou, e me orgulho de ter sido, um simples redator de notícias e um apagado comentador de fatos cotidianos, sem jamais me aventurar a percorrer os caminhos insondáveis da ficção, por outro lado é, também, o meu “bota-fora”. Se eu não plagiasse outrem, diria, aqui, que esta crônica é aparição meteórica de um cronista algo que se assemelhe assim, com o cometa de Halley, que só aparece de quase século em século. No entanto, tinha que arranjar uma forma de me despedir do jornal e de seus leitores. Matutei que seria espetacular se eu fizesse uma reportagem retrospectiva dos fatos que eu havia assinalado na minha carreira de repórter. Mas, depressa abandonei a ideia. É que, se focalizei muita coisa boa, também registrei muitos fatos deploráveis, coisas que não caberiam, evidentemente, num dia de festas como o de hoje. E antes de ser crônica, é na verdade uma amistosa conversa que travo com os que me deram a honra de lançar seus olhos sobre estes caracteres.

Que dizer de O ESTADO se a sua história é um pouco da própria história dos homens que hoje, na sua maior parte, exercem funções destacadas na vida do Ceará? Edgar de Arruda, Júlio de Matos Ibiapina, Plácido Castelo, Stênio Gomes, José Martins

Rodrigues, Júlio Rodrigues, Fran Martins, Valmir Pontes, Raul Barbosa, Cláudio Martins, José do Nascimento, José Cardoso de Alencar, Ari de Sá Cavalcante, Joaquim Figueiredo, Abelardo Costa Lima e tantos outros cujos nomes me escapam, assim no correr da máquina, tiveram no O ESTADO a sua tarimba e daqui se alçaram para os voos da existência, contra, uns, a favor, outros, do destino e da sorte. E dos que faleceram em plena trincheira? Alfeu Faria de Aboim, óculos cambados sobre o nariz, fala enrouquecida pelo pigarro, num verdadeiro “moto contínuo” das oficinas para a redação e vice-versa. E Walter de Sá Cavalcante, sorriso sempre escancarado nos lábios, coração grande demais para ficar na terra, tragado tão moço, quando a estrela lhe parecia tão sorridente. E o velho Latife? Sujeito que só não fazia a máquina falar porque linotipo somente compõe? Tudo isso é O ESTADO que se pega na gente como ostra em casco de navio do Loide. Que ao deixá-lo tem-se que fazer uma força enorme, esmagando, com fingida indiferença, uma gotinha que aparece teimosa no canto dos olhos...

Foi por isso que escolhi um dia de festas para abraçar a todos na despedida. É, sem dúvida, mais fácil deixar a casa quando todos riem, quando em toda parte há alegria e nenhum vislumbre de tristeza se admite. Contagiado certamente, terei forças para quebrar o vínculo que me estreita ao jornal. Vínculo que não é a carteira do Ministério do Trabalho. Que não é a relação de emprego, nem são os descontos do Instituto, mas, pura e simplesmente, o somente estar, em todos os dias, no contato com os colegas, diretores, redatores e operários, servindo aos leitores pelo bom prazer de servir.¹⁸

Francisco Alves Maia, responsável pela seção de esportes e colunista setorial, também celebra o aniversário do jornal. Mais tarde, Chico Alves seria editor do jornal *Tribuna do Ceará*, sendo um dos jornalistas mais influentes na cidade de Fortaleza e no Estado do Ce-

ará. Escreve Chico Alves Maia em sua crônica *O Estado e o Esporte*, da qual publicamos trecho:

O dia de hoje, para quantos se entrincheiram nas hostes deste órgão, é de incomum satisfação, pois significa uma luta conjunta, esforços contínuos dispendidos por toda uma gente que cedo se transformou numa grande família, aprendendo a amar este jornal, que já é parte de nossa própria vida.

E ele tem nos dado grandes alegrias. Bastaria o trabalho empregado em seu favor no ambiente de pura cordialidade em que vivemos para se constituir um bom soldo. E ao bater do teclado das máquinas, ao tinir das matrizes, ao barulho das linotipos, ao gemer das impressoras, já nos acostumamos e estas vozes têm eco constante em nossos ouvidos.

As conversas da redação, as palestras das oficinas, enfim, o contato ininterrupto com o que compõe este jornal jamais poderá ser apagado de nossas recordações. Cada dia que passa é mais um elo forte que nos anima a batalhar sem cansaço em seu favor, a dedicar-lhe mais carinho, mais abnegação.

E cada um, no setor que lhe está confiado, tem procurado se desempenhar com acerto, dando o melhor dos seus esforços para o completo sucesso da tarefa. A página esportiva deste jornal tem a minha direção. Nela, dedico maior parte ou quase toda, das minhas atividades profissionais, procurando sempre mantê-la à altura do seu valor e nisto, tenho certeza, não fui infeliz.

No microfone da Rádio Iracema, Flávio Ponte lê, às 20 horas da sexta-feira, 23, crônica de sua autoria sob o título *O velho «O Estado»*, quando relata ter sido ali onde deu os primeiros passos no jornalismo. Jornalista talentoso, professor do Curso de Comunicação da Universidade Federal do Ceará, Flávio Manoel Barros da Ponte (Flávio Ponte), nos deixou muito cedo, aos 48 anos, vítima de um infarto fulminante, a 14 de agosto de 1980. Em sua crônica, na pas-

sagem dos 19 anos d'*O Estado*, presta homenagem à casa onde se iniciou no jornalismo:

Não queria deixar de prestar minha homenagem modesta a um jornal no qual ensaiei os meus primeiros passos nesta vida jornalística, cheia de altos e baixos, mas uma profissão que apaixona, que vicia a gente.

Hoje me recordo com saudades. Levado pela mão de um amigo, cheguei no velho jornal *O Estado*, acanhado, mas querendo vencer. Entrei. E sem nada receber, fui queimando pestanas nas noites quase intermináveis sobre as provas das matérias compostas pelos linotipistas. E, diariamente, madrugada afora, retornava para casa cansado, com os olhos pesados, mas satisfeito, feliz, com o coração alegre e a sensação de um futuro cheio de lutas pelas nobres causas, essas que engrandecem.

Fui subindo. Pouco a pouco ia conseguindo uma posição melhor. Depois de alguns anos, por circunstâncias outras, abandonei o querido matutino.

É amanhã que o tradicional órgão completa mais um ano de existência pontilhada de letras, mas também de lutas pelo povo. Eu não poderia deixar passar assim esta data.

Agora eu me recordo daqueles bons tempos. Ali se desconheciam os chefes porque eles se identificavam com a gente. Era todo mundo vivendo e lutando por um só ideal. As contrariedades eram sofridas por todos e se tornavam, deste modo, mais brandas. As alegrias, as vitórias não ficavam só para um — eram repartidas também com todos. Era uma irmandade comungando do mesmo sentimento. Era uma caminhada onde ninguém se separava nem tomava atalhos. E vivendo assim, abraçados pelo mesmo ideal, íamos lutando. [...]

Foi ali que amadureci para a luta árdua, infundável. A luta pelos pequenos e pelos que sofrem. Foi ali que sorvi os melhores ensinamentos, os preciosos preceitos para a vida.

O jornal anuncia, em primeira página da edição dos 19 anos, a contratação de Tancredo de Castro Bezerra Filho, “competente engenheiro agrônomo e alto funcionário do Departamento de Assistência ao Cooperativismo, pessoa vastamente conhecida nos meios sociais e comerciais de Fortaleza”. A partir daquela data, Tancredo assume as funções de gerente do jornal *O Estado*.

Por força das relações e, certamente, devido à relevância, notícias da Universidade do Ceará ganham enorme guarida nas páginas do jornal *O Estado*, como esta manchete da sexta-feira, 2 de setembro de 1955. Com antetítulo, título e subtítulo mais fotos do presidente Café Filho e do reitor Antonio Martins Filho, a notícia foi editada com muita ênfase, onde a frase em negrito, a manchete, aparece em letras garrafais:

Café Filho assinou o Decreto

Afinal: Faculdade de Engenharia

NOTÍCIA AUSPICIOSA PARA O CEARÁ Vitória que é o resultado de uma vigorosa campanha da classe estudantil, e da atuação incansável do governador [Paulo] Sarasate e do reitor Martins Filho

Na sequência, temos o primeiro parágrafo da notícia — que reproduzimos conforme o original —, bem ao estilo jornalístico da época:

Oficialmente o Ceará possui, desde ontem, mais uma Faculdade. Segundo telegrama enviado pelo governador Paulo Sarasate Ferreira Lopes ao vice-governador em exercício dr. Flávio Portela Marcílio, o sr. Presidente da República acaba de assinar importante decreto, criando a Faculdade de Engenharia do Ceará, velha aspiração do nosso povo.

O sr. Café Filho, ainda há pouco, assinara uma lei do Congresso Nacional nesse sentido.

O reitor Martins Filho, um dínamo realizador, é personagem recorrente no noticiário do jornal, como vemos na notícia da viagem do “dr. Antonio Martins Filho, magnífico reitor da Universidade do Ceará [denominação da época] a São Luiz do Maranhão, atendendo a um convite da Faculdade de Direito do Maranhão para tomar parte em banca examinadora. [...] Ao seu embarque esteve presente um crescido número de professores, universitários, parentes e amigos que lhe foram apresentar votos de boa viagem”.¹⁹

A nomeação do reitor dos reitores, Antonio Martins Filho, para comandar a Universidade do Ceará em sua fundação, em 1955, ganhou jantar de adesão. A notícia do jantar e também a conclamação para adesões foi publicada na primeira página do jornal *O Estado*:

HOJE, O BANQUETE EM HOMENAGEM AO REITOR MARTINS FILHO

Terá lugar às 20 horas de hoje, no Restaurante Lido, o jantar em homenagem ao Magnífico Reitor Martins Filho por motivo de sua investidura nas elevadas funções de Reitor da Universidade do Ceará.

A homenagem em apreço se constitui a expressão da admiração dos amigos e colegas do ilustre Mestre, intimamente rejubilados e satisfeitos com a escolha do seu nome para dirigir os destinos da entidade máxima dos estudantes superiores do Ceará, por cuja concretização sempre foi um dos mais esforçados paladinos. As listas de adesões podem ser encontradas com o dr. Wilson Silva, no 1º andar do Edifício Parente, na Faculdade de Direito, na Faculdade de Farmácia e Odontologia, na Faculdade de Medicina, na Faculdade de Agronomia, no Cartório Martins e na redação deste jornal.²⁰

Neste período dos irmãos Martins, o jornal *O Estado* republicou em capítulos, iniciados na edição da terça-feira, 15 de janeiro de 1957, o célebre romance de Antonio Sales, *Aves de Arribação*.

Repetia, assim, a iniciativa do jornal *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, que publicou pela primeira vez em forma de folhetim e na seção do mesmo nome, o romance do escritor cearense, em 1903. Somente em 1914, a Typographia «A Editora Limitada», de Lisboa, fez a primeira edição, transformando o folhetim em livro.²¹ O *Correio da Manhã*, jornal dirigido por Edmundo Bittencourt, publicou o primeiro episódio de *Aves de Arribação — ROMANCE INÉDITO —*, na quinta-feira, 15 de janeiro de 1903, ocupando todo o rodapé da página 3, com direito a uma discreta chamada na primeira página, sendo o sobrenome do autor grafado com dois elles: Antonio Salles.²²

Tanto o jornal *O Estado* quanto a editora de Portugal suprimiram a epígrafe da versão original do folhetim:

*Non v'è discordo
tra la mia arte
e la mia vita.*

D'ANNUNZIO²³

A coluna social *Carnet*, assinada por Byron — pseudônimo de Roberto Antunes —, publicada em três colunas sempre ao alto da página 2, era uma das atrações do jornal por veicular, principalmente, pequenas notas sociais, agenda de eventos sociais e comentários: “Despertou interesse a notícia divulgada ontem, segundo a qual nos propomos a selecionar as senhorinhas mais elegantes de nossa capital.”

O colunista informa, dias depois, a condição essencial para figurar na lista: ser elegante.

Em outra coluna, dizia Byron, aliás, Lord Byron:

Lord Byron lamenta profundamente não ter podido comparecer ao desfile de modelos *on the United States of Sobral*. Uma oportunidade para gastar o seu inglês. Mas o que vale é a amizade das minhas queridíssimas amigas do país vizinho.

Em compensação, Lord Byron ficará em Fortaleza. Será um dos dez menos elegantes. Uma honra, até.

Notas ao estilo “Emília Correia Lima, Miss Brasil 1955, desfilará hoje, em Sobral, por ocasião de uma grande festa dançante no Palace Club” estimulavam a curiosidade dos leitores.

No noticiário político, há uma cobertura regular do governo Sarate e o PSD aparece em desvantagem a despeito das reverências pontuais aos fundadores Martins Rodrigues, Walter de Sá e outros. No dia 4 de setembro de 1955, manchetes garrafais em maiúsculas, parecem celebrar uma perda relevante nas fileiras pessedistas:

MAIS UM DEPUTADO ABANDONA O PSD

Osires Pontes justifica as razões de sua atitude

Apoiado em sua resolução pelos diretórios de Massapê, Itapajé e Alcântara. «Sou, de agora por diante, um franco-atirador», diz o conhecido parlamentar, defendendo-se da pecha de traidor.

O deputado Osires havia sido “acrementemente” criticado pelo seu colega de bancada Esio Pinheiro devido a uma questão parlamentar, informa *O Estado*. Ficou mais irritado porque, sendo acusado de traidor, não foi defendido pelo partido e, então, saiu.

A coluna *Sete dias na Política*, de Fernando Aires, fazia uma resenha da semana, em estilo discretamente irônico, crítico. Um exemplo é o trecho a seguir, de uma edição de setembro de 1955:

Não há dúvida que as coisas do Brasil andam atrapalhadas. Não é sem razão que todo mundo se apresenta como o reformador. Agora mesmo, na Assembleia, ficou demonstrado, o que aliás é bastante louvável, que todos pretendem endireitar o Brasil, sem esquecer, felizmente, o nosso estado.

É possível que “Fernando Aires” seja pseudônimo para Durval Aires, pela ironia, refinamento do humor e, principalmente, pelo estilo. No plano local, é possível dizer que o estilo é original e inovador. Não tenho evidências de que um seja o outro. No domingo seguinte, dia 11 de setembro, Fernando Aires brinca, na abertura de sua coluna semanal:

Um cronista em apuros — Pois essa que é a verdade. Ponho o papel na máquina, as mãos na cabeça, o cigarro na boca, limpo os vidros dos óculos. E nada. Meu pensamento parece um passarinho maluco: voa, voa mas não pousa em parte alguma. E de repente penso que toda essa angústia, incapacidade de dizer o que sinto, embora as palavras estejam soltas na boca, resulta unicamente da falta da minha dentadura.

A alentada resenha política semanal da página 3, em duas colunas verticais de alto a baixo da página, era, certamente, uma deliciosa leitura, como podemos atestar ainda hoje:

Assisti à transmissão do cargo de Governador, ontem, no Palácio da Luz. Os primeiros a chegar foram Generais [Alberto Ribeiro] Salaberry e Aurélio Alves de Souza Ferreira. Todo o mundo oficial presente. Com tantos deputados, vereadores, jornalistas, pessoas gradas [de alta posição social] e funcionários da casa, não me foi difícil permanecer mais ou menos incógnito.

E foi a minha salvação. Imagine só se o compadre dr. Marcílio me visse e, como era natural, quisesse que também eu fosse levar o meu abraço ao governador Sarasate e — por que não? — dizer-lhe algumas palavras de boas-vindas? Não seria um desastre? Foi uma situação deveras vexatória a que passei e em razão da qual tomei uma resolução: de amanhã não passa; vou mandar botar a minha dentadura. Mas, como eu ia dizendo, a transmissão do cargo foi uma bonita cerimônia. Bonito também foi o discurso

do governador Sarasate dizendo de suas atividades em favor do nosso Estado e da nossa gente.

Todos alegres, notadamente o deputado Virgílio Távora, que não tem qualquer dúvida quanto à vitória do General Juarez. Pois acontece que eu também estou com o velho cabo de guerra. E tenho mesmo um segredo para contar: a UDN vai se lançar numa campanha enérgica em defesa de sua candidatura presidencial. Prefeito Acrísio vai ficar satisfeito, eu e o Julião também. É necessário esclarecer, contudo, que esse movimento nada tem a ver com a campanha do Tesouro Nacional do Movimento Popular pró Juarez, que se encontra de passagem por Fortaleza. E por hoje... Ponto final.²⁴

Na edição de domingo, *O Estado*, 11 de setembro de 1955, noticiava com destaque o retorno de Paulo Sarasate ao Ceará, tendo no dia anterior reassumido o governo, que estava sendo exercido pelo vice-governador Flávio Marcílio.

O deputado federal Virgílio Távora que veio a Fortaleza em companhia do governador Paulo Sarasate e da esposa deste, dona Albaniza Sarasate — a bordo do Convair da Real, que pousou às 21 horas no aeroporto Pinto Martins — afirmava que o nome de Juarez Távora “sairá vitorioso nas urnas”. Enfatiza *O Estado*: “Otimista, o deputado Virgílio Távora espera em 15 dias galvanizar o eleitorado udenista em torno do General”. Segundo o jornal, Virgílio “manifestou sua firme convicção de que Juarez e Milton Campos serão os vencedores na corrida presidencial de 3 de outubro”. Faltou combinar com os russos.

A dez dias das eleições, *O Estado* abriu a manchete em letras pesadas, escuras, “Juarez vencerá o pleito com 3 milhões de votos”.

Também, na mesma edição do dia 11 de setembro, o jornal destaca em notícia de primeira página o retorno ao Ceará do deputado federal Carlos Jereissati — “Confiante o presidente do PTB, na elei-

ção dos candidatos do seu partido”.

No bloco de texto lia-se o seguinte:

Retornou ontem a Fortaleza, depois de passar alguns dias no Rio e em São Paulo, o deputado federal Carlos Jereissati, presidente do diretório regional do Partido Trabalhista Brasileiro e vulto de evidência nos círculos sócio-comerciais do nosso Estado.

O deputado Carlos Jereissati foi carinhosamente recepcionado no aeroporto por amigos e correligionários e, falando, embora ligeiramente, à reportagem de O ESTADO, quando se encontrava no Palácio da Luz com o fim de assistir a posse do governador Sarasate na chefia do Governo, declarou que iria permanecer no Ceará até as eleições, afirmando mais uma vez a convicção de que os candidatos que o seu partido apoiou à sucessão presidencial serão vencedores. Ao deputado Carlos Jereissati os nossos votos de boas vindas.²⁵

Um problema recorrente na história político-administrativa no Brasil, a corrupção, é tema do editorial *O povo e as eleições*, publicado às vésperas do pleito de 1955. Mais do que se ater a programas, é preciso conhecer a folha corrida do candidato. O editorial estranhava a leniência do eleitor, tão complacente com os políticos corruptos a ponto de reelegê-los, como vemos a seguir:

O aspecto mais desolador da atualidade brasileira é, por certo, a tremenda irresponsabilidade reinante nos meios administrativos, da qual decorre uma série de fraudes, desfalques, peculatos, manobras as mais variadas, visando o enriquecimento fácil à custa do dinheiro do contribuinte. E o mais curioso é que a vítima — o contribuinte brasileiro — assume uma atitude senão de simpatia, pelo menos de tolerância para aqueles que o roubam. Com frequência se ouve referências a ‘golpes’ praticados contra o erário, não em termos de censura ou de condenação, mas de absoluta

tolerância, como se a apropriação dos dinheiros pertencentes à coletividade não constituísse crime, mas simples demonstração de esperteza e habilidade.

O povo brasileiro, cuja capacidade de adaptação é realmente admirável, o que demonstra muito bem a sua inteligência, ainda não conseguiu compreender que não há furto de dinheiro do Tesouro, não há roubo de materiais do Governo, não há ‘golpes’ contra o erário. O que existe — essa verdade precisa ser repetida constantemente, é o furto dos dinheiros do próprio contribuinte.

[..] O brasileiro trabalha 97 dias por ano para satisfazer suas obrigações fiscais.²⁶

Como vimos, em outros momentos históricos, a vida cotidiana, o dia a dia da cidade e de seus habitantes, passa pelas páginas do jornal. O repórter João Ciro Saraiva, que assina a cobertura dos municípios do Ceará, é também um cronista do modo de vida das pessoas naquela Fortaleza da segunda metade dos anos 1950. E brinda os leitores com reportagens carregadas de humanismo, como a história do menino vendedor de pastéis de apenas 10 anos que se posta defronte ao Cine Majestic. O pai já faleceu, a mãe, de 50 anos, vive doente. Ele é a única fonte de renda da família. Ciro leva o leitor, em uma narrativa minuciosa, a se embrenhar naquela história que, diz o repórter, se replica em muitas, muitas outras crianças contemporâneas de Francisco de Assis Almeida.

Na sequência, somente um aperitivo da reportagem-crônica:

A maior alegria de Francisco

«Ver Mack Brown dar um murro no bandido!»

O irrequieto menino ambulante tem apenas um sonho na vida: vender 100 pastéis todos os dias — Alguns instantes no pequeno mundo que não é de Dom Camilo.

RELATO DE JOÃO CIRO SARAIVA

— É mil réis o pastel. É mil réis. É mil réis o pastel. É mil réis.

E o transeunte se perde entre os populares, ainda ouvindo a voz do garoto que à troca de muito grito procura ganhar o pão de cada dia, ou mais do que isso, ganhar vida. Porque são poucos os que para ele olham e quando alguém o observa é para dizer:

— Isso é um roubo! Um pastel, mil réis.

Ninguém pensa no trabalho do garoto, ninguém sabe quanto lhe custa a vida que Deus lhe deu. O que importa é dizer que o coitado já nasceu «marreteiro» e isto e aquilo.

Para Francisco, a coisa mais linda do mundo não é a Miss Brasil, é um murro de Johnny Mack Brown²⁷ na “queixada” do bandido. E o texto segue nos proporcionando harmoniosa leitura embora de conteúdo denso, permeado pelo imaginário lúdico da personagem.

Títulos e manchetes olhavam para a cidade: *Empregados do Cine Diogo furtavam ingressos para revender, Promove a Prefeitura a limpeza da cidade, Reassumiu a LBA dona Albaniza Sarasate, Ameaça parar a última ambulância do Pronto Socorro, Juarez encerrará aqui sua campanha eleitoral, Firme a dissidência do PSD ao lado de Juarez.*

De fato, Juarez Távora fez um grande comício no Ceará, na reta final da campanha: “Pelo Ceará não farei o impossível, mas aquilo que outro jamais fez”, declarou, arrebatando o delírio da multidão que ocupou a Praça da Sé, em Fortaleza, naquele sábado, 24 de setembro de 1955. A frase foi destacada no título da notícia publicada na primeira página do jornal O ESTADO, na edição do dia seguinte, domingo, 25, que se inicia com o subtítulo:

*Juarez arrebatou a multidão no comício de ontem da Praça da Sé
— Oradores — Milton Campos também discursou, sendo vivamente aplaudido*

O comício a favor da candidatura Juarez Távora e Milton Campos decorreu sob um verdadeiro delírio popular. O povo que se

locomoveu até a Praça da Sé, onde estava armado o palanque, não se cansou de ovacionar o “general da vitória”, que em seu discurso assegurou fazer pelo Ceará, não o impossível, mas aquilo que nenhum outro jamais fez ao assumir o posto máximo da Nação.

Usaram da palavra os seguintes oradores no comício realizado ontem na Praça da Sé: Prefeito Acrísio Moreira da Rocha, drs. Aderbal Freire, Waldery Uchoa, professor Marques da Costa, do PSB carioca, Milton Campos, candidato à vice-presidência da República, governador Paulo Sarasate, Cunha Bueno, secretário de Estado no governo paulista e, finalmente, o deputado Tenório Cavalcanti.

O editorial *A cidade* lamentava a situação de descalabro a que fomos levados naquele 1955:

Indiscutivelmente a cidade está a merecer melhor sorte. Poucas não foram as vezes em que não apenas nós, como todos os quantos militam na imprensa, tiveram a oportunidade de mostrar a triste situação a que chegou a nossa capital. É com o espírito confragido que somos forçados a reconhecer esse estado lastimável. Afinal de contas, significa isso, mais que tudo, o grande amor que todos nós devotamos a Fortaleza.

[..] O que caracteriza principalmente a cidade, nos dias atuais, é a sujeira. Em qualquer bairro há montões de lixo que os particulares deixam acumulado, à falta de coleta.

O jornal anuncia, com regozijo, a viagem do colaborador, jornalista Osmundo Pontes, que passará a enviar seus textos a partir de São Paulo, para onde viajou pelo Constellation da Panair.

Seguirá amanhã rumo ao sul do país, o nosso prezado amigo doutor Osmundo Pontes, Juiz do Trabalho e diretor da revista *Contemporânea*. O jovem homem de imprensa será um dos re-

presentantes da Associação Cearense de Imprensa ao VI Congresso Nacional de Jornalistas, conclave que terá lugar em Belo Horizonte, de 7 a 12 do corrente [setembro de 1955]. Em seguida, o jornalista Osmundo Pontes seguirá para São Paulo de onde ele enviará para este matutino colaborações diárias, abordando os acontecimentos mais importantes desenrolados na Pauliceia. Aliás, em outras datas Osmundo Pontes já teve oportunidade de nos enviar seus apreciados flagrantes de São Paulo.

No Cine Diogo está em cartaz *O Amor Resolve Tudo* — It Happens Every Thursday —, com Loretta Young e John Forsythe. É possível que o garoto Francisco agora esteja vendo a fita de Johnny Mack Brown, *Pistoleiros Vingadores*, na sala do Cine Moderno.

E na última página do caderno *Literatura e Arte*, Durval Aires brinda os leitores com uma pequena obra prima, inédita, estampada no centro de uma página inteira, margeada por espaços brancos em todos os lados — um layout minimalista que eleva o poema à altitude de um Himalaia, onde o futuro imortal da Academia Cearense de Letras exercita sua irretocável verve literária:

POEMA DA QUASE ANALOGIA ²⁸

Juazeiro — cidade minha
Timbaúba, Malvas,
Salgadinho, Boca das Cobras,
Infância de sonhos nunca possuídos
O que eu não fui, caudalosos rios,
Menina salva, balsa encalhada nos mofumbos

E porque sem asas não sou pássaro
Inevitavelmente Boa Vista chegou.
Tinha o rio, o trem, as casinhas de telhados vermelhos
e a fazenda lá longe.

O mar é a lembrança de um brinquedo
e o Morro do Pecém u'a mulher de branco
esperando o jangadeiro morto.

E porque sem asas não sou pássaro
Boa Vista também voltou na tarde ausente
Só eu fiquei
— Um menino triste espantando graúnas...

DURVAL AIRES

7. O PODEROSO THEMÍSTOCLES

Sob sua batuta, *O Estado* foi uma tribuna implacável

Sob o comando de Themístocles de Castro e Silva, o jornal *O Estado* respirou política de uma maneira absolutamente contagiante. O jornal era uma tribuna do governo Parsifal Barroso, órgão claro de promoção dos atos do governo e dos movimentos do governador e dos seus aliados políticos, bem como da primeira dama, dona Olga Monte Barroso, que exercia forte influência sobre as decisões do marido e sobre os rumos do governo. Themístocles era uma espécie de primeiro ministro, com plenos poderes, acumulando várias funções no Executivo onde era gestor, ideólogo, estrategista e, ainda, operador. Somando-se a isso, exercia a atividade de editor-geral do jornal *O Estado*, coadjuvado por Carlos d'Alge e por Odalves Lima, dois jornalistas de formação intelectual robusta e com o domínio técnico do processo de produção do jornal. Eleito Parsifal governador, Themístocles fez-lhe entender a importância de um jornal como veículo para promover e também, de certo modo, criar um manto de proteção ao Governo. Além disso, o mais influente líder da UDN no Ceará, Paulo Sarasate, dono do jornal *O Povo*, era a prova cabal de que um jornal, se não ajudasse, jamais atrapalharia o governador de plantão. Foi então que Francisco de Almeida Monte — Chico Monte — , sogro de Parsifal, principal líder

político da zona norte do Ceará a partir de Sobral, homem de muitas posses, assumiu o controle do jornal. Themístocles de um lado e dona Olga de outro eram capazes de influenciar o governador a torto e a direito. “Dona Olga costumava tomar as dores do marido e até falar em seu nome. Isso lhe valeu a acusação de mandar em Parsifal”.¹

Sebastião Nery foi a Fortaleza entrevistar o governador.

— Desci em Fortaleza, peguei um táxi —, conta ele. Segue, então, um diálogo:

— Por favor, para o Palácio.²

— O senhor vai ver o governador Parsifal Barroso? —, quer saber o motorista.

— Tenho uma entrevista marcada com ele. Sou jornalista.

— Moço, o doutor Parsifal é um homem muito bom, muito sério, muito honrado, muito culto, fala muitas línguas, toca piano, mas, se o senhor permite um palpite, eu acho que o senhor deve falar também com a esposa dele. Quem manda no Ceará é a mulher de Parsifal, dona Olga.

— A manchete da matéria já ficou roendo minha cabeça, conta Nery. A manchete:

“Quem manda no Ceará é a mulher de Parsifal”.

— Precisava conferir, embora eu já soubesse que o melhor repórter de uma cidade é o motorista de aeroporto e rodoviária, ensina Sebastião Nery.

O jornalista Nery continua sua narrativa:

Fui, conversei longamente com o governador. A cada pergunta, ele dava uma resposta de cinco minutos. Ela falava vinte, trinta. Depois, passei três dias na cidade, hospedado no velho Hotel San Pedro, no Centro, ouvindo políticos e jornalistas, e concluí que o motorista tinha razão.

Baixinho, calvo, de bigode, Parsifal começou a vida como jornalista, redator do jornal *O Estado*, de Fortaleza. No segundo ano de

Direito, fez concurso para professor de Química no Liceu, tirou o primeiro lugar com a tese *As Teorias de Geber*, mas não tomou posse por não ter 21 anos. No ano seguinte, foi nomeado catedrático de alemão no mesmo colégio. Já completara 21.

Foi professor de Filosofia e Economia da Faculdade de Filosofia e Ciências Econômicas do Ceará. Em 1947, constituinte estadual; em 1950, deputado federal; e em 1954, senador, sempre pelo PSD. De 1956 a 1958, ministro do Trabalho de Juscelino, indicado pela Igreja. Em 1958, governador.

Quando deixou o governo do Estado, foi deputado federal de 1971 a 77 e ministro Conselheiro do Tribunal de Contas do Distrito Federal. Morreu em abril de 1986.

E prossegue o minucioso narrador Sebastião Nery:

Parsifal era um padrão de simpatia, elegância e honradez, mas na hora de decidir, a palavra final era sempre a opinião da primeira-dama, dona Olga, inteligente e competente, filha do poderoso coronel Chico Monte.

Voltei a Salvador, *A Tarde* publicou a matéria assinada na primeira página (era a primeira vez, nos seus quase 70 anos, que *A Tarde* publicava reportagem assinada na primeira página):

“Quem manda no Ceará é a mulher de Parsifal”.

Dois dias depois, o jornal *O Povo*, da UDN de Paulo Sarasate, que comandava a oposição no Ceará, transcreveu minha reportagem na íntegra, dando-lhe a manchete da primeira página em letras garrafais:

“Jornalista baiano comprova:

quem manda no Ceará é a mulher de Parsifal”.

Mais um dia, entrei no jornal, havia um telegrama para mim:

“Jornalista Sebastião Nery, jornal *A Tarde*, Salvador:

Governador e eu indignados. Venha morrer no Ceará”.

a) Themístocles de Castro e Silva, assessor de imprensa do governo do Estado do Ceará.

Desci ao telégrafo, que ficava ao lado do jornal, e respondi:

“Jornalista Themístocles de Castro e Silva, assessor de imprensa do governo do Ceará: não vou”.

a) Sebastião Nery.

E não fui.

Não fui, continuei vivo e nunca mais vi o Themístocles. Em janeiro de 1975, estava eu na democrática Assembleia Legislativa do Estado do Ceará (eu era um deputado cassado, sem direitos políticos, e os cassados não podiam participar de nenhuma atividade política), lançando meu livro *As 16 derrotas que abalaram o Brasil*, sobre as eleições de 15 de novembro de 1974, em que a oposição, o MDB, tinha acabado de derrotar o governo militar, a Arena, elegendo 16 senadores contra 6 da Arena, quando vejo Themístocles de Castro e Silva, alto, elegante, garboso, cabeleira cheia, entrando no plenário.

Pensei no pior. Ele podia, quinze anos depois, querer dar o troco da entrevista de 1960. Continuei autografando os livros para a fila enorme, mas de olho nele. Foi chegando, abriu os braços, com um sorriso enorme:

— Que bom, Nery, que você não veio morrer no Ceará.

E me deu um forte abraço. Mais: pegou o microfone e fez um belo discurso, sobretudo sobre meu livro anterior, *Socialismo com Liberdade*.³

No fim de semana, estava eu em Jaguaquara, interior da Bahia, quando meu sempre amigo Paes de Andrade me telefonou de Fortaleza: o Themístocles tinha acabado de morrer.

Esta coluna [publicada no dia 25 de novembro de 2011, dez dias depois da morte de Themístocles] é uma saudade e uma dívida paga.

Dona Olga pouco se importava com os comentários. Na verdade,

ela própria ajudou a publicizar sua avassaladora influência sobre o governador, coisa que não escondia de ninguém e chegou mesmo a usar isso em palanque, durante campanha do marido para governador. “Homem que se deixa mandar pela mulher é vitorioso mais rápido”, defendia, até para desfazer a mística do “barriga branca” que existia no Ceará e era visto como algo pejorativo.⁴

Em um depoimento à jornalista Núbia Brasileiro, publicado no livro *Por trás de um nome*, em 1984, Parsifal tece loas à dona Olga:

— Minha mulher conquistou por mérito pessoal o direito de ter estado lado a lado comigo em todos os acontecimentos; para isso contou não só com o meu assentimento como com o meu incentivo. Além de ser uma esposa maravilhosa, sempre exerceu uma atividade pública independente, além da ajuda que me emprestava.

Parsifal, *low profile* e tranquilo no trato pessoal, sempre se beneficiou do estilo direto e às vezes ríspido de sua mulher — tão intrépido quanto o jeito de Themístocles conduzir as coisas. De qualquer modo, Parsifal construiu uma carreira política invejável, embora, ao final, tenha se lamentado de ter poucos ou quase nenhum amigo.

Parsifal exerceu o governo do Ceará de 25 de março de 1959 a 25 de março de 1963. As eleições foram em outubro de 1958, em uma frente chamada Oposições Coligadas, formada pelo PSD, o PTB e o Partido de Representação Popular — PRP.

— Quando eu inventei a candidatura de Parsifal Barroso, o sogro dele, o Chico Monte, não queria nem ouvir falar —, disse Themístocles, em uma de suas últimas entrevistas, em 2008.⁵

— Eu inventei a candidatura do Parsifal, lancei, deu certo.

Na estratégia de construção da candidatura, Themístocles estimulou a briga da UDN com PSD e da UDN com o PTB. A vitória de Virgílio Távora, oponente de Parsifal, era tida como certa.

Quem derrotou o Virgílio foi o slogan, engendrado accidentalmen-

te pelo próprio Themístocles, com base em uma carta que recebeu de morador do sertão central do Ceará. Relatava o missivista que o pai de Virgílio, Manuel do Nascimento Fernandes Távora, quando foi interventor no Ceará em 1930, extinguiu vários municípios. E concluía, enfático: “É por isso que meu avô já dizia que havendo outro, em Távora não votaria”. Estávamos em 1958 e Themístocles morava no Rio de Janeiro, trabalhando na Agência Meridional, engenhosa invenção de Assis Chateaubriand que distribuía notícias para a rede dos seus jornais, os Diários Associados. Os artigos de Themístocles eram reproduzidos no Ceará pelos dois jornais dos Associados, *Correio do Ceará* e *Unitário*.

Em um desses artigos, Themístocles conta⁶ que fez referência supostamente despreziosa à carta, relatando a ojeriza do avô do missivista aos Távoras.

— Quando saiu a coluna, a *Gazeta de Notícias* no dia seguinte sentou o cacete em mim, me chamando de puxa saco, o diabo a quatro.

Foi então que Themístocles, baseado na reação tão sem medida e afobada, viu que aquele era um calcanhar de Aquiles emocional do candidato Virgílio.

— Aí pensei com meus botões: puxa vida, esse negócio serviu.

À época, a *Gazeta de Notícias* era dirigida por José Pessoa de Araújo, ligado umbilicalmente a Virgílio Távora.

Themístocles comentou:

— Se eles tivessem ficado calados eu teria ficado calado também, não teria havido nenhuma repercussão. Mas a reação do jornal foi o grande sinal de que os virgilistas estavam incomodados com a história.

Estava dado de bandeja o mote para derrotar Virgílio Távora que, até o final da vida, nunca perdoou. VT considerou aquilo tudo um excesso do jornalista e estrategista de Parsifal, que carregou nas tintas aumentando a história. Nem mesmo quando do arranjo heterodoxo que colocou todos no mesmo balaio chamado União pelo Ceará, que fez de Virgílio sucessor de Parsifal, eleito em 7 outubro de 1962, o ranço diminuiu.

Virgílio não digeriu o slogan criado por Themístocles, ainda mais

porque na versão final do refrão, o jornalista aumentou a versão: “meu bisavô já dizia” entrou no lugar de “meu avô já dizia”. Themístocles acrescentou uma geração e contratou a voz gutural e contundente do radialista e ator João Ramos para dar vida ao texto.⁷ João Ramos era uma das estrelas da nossa Hollywood tupiniquim à época, tanto nos palcos do radioteatro quanto, depois, na teledramaturgia ao vivo da TV Ceará. E Ramos deu o melhor de si ao entoar: “Meu bisavô já dizia: havendo outro, não vote em Távora”. O clima contra Távora ficou tão negativo, mas tão negativo, que a população repetia mecanicamente o slogan. Contaminado por esta onda de favoritismo, Themístocles não deixou por menos. Em artigo publicado na primeira página do *Correio do Ceará*, fez um ácido desafio:

— Se o Parsifal não ganhar a eleição com mais de 30 mil votos, darei um pulo de cabeça para baixo do alto da Coluna da Hora —, bradou.

Referia-se ao totem que indica o marco zero da cidade de Fortaleza, ao centro da Praça do Ferreira, no topo do qual está um relógio com suas badaladas ao meio-dia, qual Big Ben.

— Tá aqui que eu dava o pulo —, disse, risonhamente, depois. Um pulo de cabeça, naquele solo armado a cimento, implicaria morte certa.⁸ O desafio era um misto de ironia e de gozação. Por trás daquela carranca sisuda, estava o ácido gozador Themístocles, às vezes, com fina ironia. Às vezes, nem tanto; rústico.

Em 1958, a estratégia de Virgílio era construir uma grande frente ampla coligando todos os partidos em torno do seu nome. Prometera a Parsifal que ele seria o seu sucessor. “O Virgílio queria era ser nomeado”, constata Themístocles.⁹ “Ora, o Parsifal era ministro de Estado, não seria nunca [o candidato a governador] da outra vez; teria que aproveitar o cavalo selado agora”. Quando Juscelino Kubitschek assumiu a presidência da República, em 31 de janeiro de 1956, Parsifal foi nomeado ministro do Trabalho, Indústria e Comércio, e por isso licenciou-se do Senado por dois anos e meio para assumir a pasta.

Anos antes, como vimos, o então deputado Parsifal deixou o PSD para ingressar nas fileiras do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), por

onde elegeu-se senador pelo Ceará em 1954. Concluiu o mandato de deputado federal em 1955, e assumiu a cadeira no Senado. Com JK na presidência da República, vai para o mais estratégico ministério, Trabalho, Indústria e Comércio.

Themístocles viu naquela conjuntura, com o prestígio nacional de Parsifal, uma excelente oportunidade para disputar competitivamente o governo do Ceará. Com Parsifal, é ele quem faz, sozinho, toda estratégia de campanha, implementando ações e liderando articulações. Os meios de comunicação de massa estavam restritos a rádio e jornal. Para as demais ações restavam os muros, panfletos, “santinhos” e a cooptação do maior número de cabos eleitorais.

O pragmático Themístocles de Castro e Silva defende sua tese com decidida insistência:

— Se Parsifal não tivesse entrado ali, ele nunca teria sido governador do Ceará. Primeiro porque era um péssimo político, embora fosse um grande professor, um grande cidadão. O político nessa história era o sogro dele, o Chico Monte, que mandou e desmandou na zona Norte do Ceará por 200 anos. Esse sim era político, mas Chico Monte estava atrelado ao Virgílio.

Foi então que Themístocles viu que teria que provocar o rompimento do udenista Chico Monte — sogro de Parsifal — com o udenista Virgílio Távora. Para tanto, se inspirou nas redes de intrigas de um dos seus grandes influenciadores, Carlos Lacerda, com quem conviveu no Rio de Janeiro. Foi o jornalismo que colocou Lacerda no Governo, raciocinava Themístocles, vendo-se em um espelho. “Você usa as armas que tem no momento.”¹⁰ Não demorou muito e conseguiu separá-los — Parsifal e VT — com o apoio irrestrito de dona Olga Barroso.

Ao criar argumentos para a campanha de Parsifal, sozinho, Themístocles obviamente amealhou enorme prestígio junto à família.

Como Lacerda, que tinha na *Tribuna da Imprensa* a sua tribuna cotidiana — a eclética e virulenta metralhadora giratória impressa em

papel —, um projeto político consistente precisava de um jornal, ainda mais porque os jornais em circulação estavam todos carimbados.

O jornal *O Estado*, que estava no controle acionário dos irmãos Cláudio e Fran Martins, era uma boa oportunidade, já que ultimamente somente Fran vinha se dedicando ao periódico e agora cada vez mais assoberbado com afazeres da faculdade de Direito e com o aumento da demanda por sua produção acadêmica voltada para a área tributária, via seu tempo esvaír-se e o jornal ia ficando em segundo plano, tocado no dia a dia por Durval Aires. Cláudio estava focado no Cartório Martins e Antonio Martins Filho, o reitor-fundador da Universidade Federal do Ceará, totalmente dedicado na construção do que viria a ser a maior instituição de ensino superior do Ceará.

Feito o acordo, o jornal passa ao controle de novas mãos, embora Fran Martins continuasse compondo os quadros como regular e importante colaborador semanal.

Odalves Lima, comunista de carteirinha, continuou atuando como redator-chefe. Themístocles, convicto anticomunista, via em Odalves o profissional correto e, tecnicamente alinhado à política do jornal. “Odalves sabia a minha linha e não ia avançar o sinal”.¹¹ Carlos D’Alge era o chefe da redação. Estávamos no início do governo Parsifal e o jornal iria enfatizar ainda mais seu caráter político. Foi neste período que é admitido como revisor o jovem Hélder Cordeiro que mais tarde, na segunda fase do jornal, já nas mãos de Venelouis Xavier Pereira, iria desempenhar importante papel.

Em outubro de 1958, José Parsifal Barroso elegeu-se governador do Ceará na legenda das Oposições Coligadas, formada pelo PSD, o PTB e o Partido de Representação Popular —PRP. Assumiu o governo do Ceará em 25 de março de 1959, somente após encerrar seu mandato no Senado. Foi governador do Ceará até o dia 25 de março de 1963, quando passou o governo para Virgílio Távora.

Themístocles foi o terceiro mais votado para deputado estadual em 1958. Parsifal o recruta para a secretaria de Governo, cargo que acu-

mulou com a secretaria da Agricultura e aí permaneceu até voltar à Assembleia no prazo legal para pleitear a reeleição.

Themístocles de Castro e Silva foi um dos mais influentes jornalistas da sua geração e exerceu, simultaneamente, o jornalismo e a política partidária, administrativa e legislativa. Em 1961, no imbróglio golpista que queria impedir a posse do vice João Goulart, depois da renúncia do tresloucado Jânio Quadros, escreveu um artigo de primeira página defendendo o que lhe parecia óbvio, a legalidade: na renúncia do titular, o vice assume. Este episódio mostra bem o caráter de Themístocles e seu respeito às cartas legais em rigor, das quais, ao longo da vida, nunca se desviou.

Na edição do domingo, 3 de setembro de 1961, o jornal *O Estado* estampa em primeira página o artigo assinado por Themístocles de Castro e Silva sob o título: “Posse, pura e simples, e estamos conversados!”. Em seu artigo, depois de argumentar com base na Constituição Federal, Themístocles proclama: “Posse, pura e simples, e nada mais!”

O antológico ensaio de Themístocles é uma peça que reforça a tradição libertária do jornal *O Estado*. Vejamos, na íntegra, seus argumentos impressos no canto inferior direito da primeira página:

É triste, é lamentável, ou, simplesmente, vergonhoso, o quadro atual da vida brasileira. Tudo está parado há mais de uma semana, numa expectativa inquietante e revoltante, enquanto, perante os olhos do mundo, passamos por simples republiqueta, onde o povo nada vale, não pensa, nem decide.

Ora, senhores, se o sr. João Goulart não pode tomar posse do cargo de Presidente da República, para que eleições? Para que Congresso? Por que, finalmente, mentir ao povo, com esse bonito anúncio luminoso, dizendo-lhe que vivemos em regime democrático?

Por que o sr. João Goulart não pode tomar posse? Por que permitiram o registro do seu nome no Tribunal Eleitoral, ao lado — vejam bem — do então Chefe do Exército? Por que deixaram o povo elegê-lo? Por que lhe deram posse na vice-presidência? Por

que lhe permitiram, também, ser Presidente da República, na ausência do sr. Juscelino Kubitschek?

Por que não experimentá-lo? Ninguém pode julgar os outros à base de caprichos pessoais ou de frustrações políticas.

O sr. João Goulart deve tomar posse da Presidência sem quaisquer restrições, partam de onde partirem. O que está em jogo não é a vaidade de pessoas ou de grupos, mas a Constituição da República, votada pelo povo, através de seus legítimos representantes.

Ou se respeita essa vontade ou se acaba logo com essa fantasia de regime democrático!

Um regime é uma mentalidade. E a mentalidade de um povo não pode, nem deve ser transformada da noite para o dia, só porque fulano ou sicrano não vai com a cara do Presidente da República que o povo escolheu livremente nas urnas. Assim, esse negócio de parlamentarismo também deve cair. É uma farsa.

Enquanto, sob ameaça de baionetas, tenta-se violar a vontade do povo, o grande responsável por tudo isso passeia, lampeiro, pela Europa, deixando-se fotografar sorridente e feliz, zombando daqueles que nele confiaram.

Está provado que o sr. Jânio Quadros nunca teve gabarito para ser Presidente da República. O Presidente de um País deve ser, acima de tudo, um homem ponderado, sensato e não um neurótico, um explosivo, um temperamental, tipo Jânio. Juscelino enfrentou Aragças e Jacareacanga depois de empossado. Para tomar posse foi um Deus nos acuda! E governou cinco anos, tudo indicando que pretende repetir a dose. O outro, não. Ao primeiro sinal de luta, fugiu, deixando o país mergulhado na maior crise política de sua história e de cujas consequências ninguém sabe quando poderá refazer-se.

O manifesto dos três ministros militares, pagos pelo povo para garantir-lhe a tranquilidade, mais parece um artigo do jornal do sr. Carlos Lacerda, esse outro louco que pensa que o Brasil é dele.

Então, Senhores, que mal faz ao Brasil sr. João Goulart a ponto de os três ministros militares não lhe permitirem nem o regresso à Pátria?

Talvez em nenhum país do mundo se tenha formado tão rapidamente uma consciência nacional tão sólida como esta a que assistimos, reclamando, não a posse de A ou de B, mas o simples respeito à Constituição. De todos os pontos do País, de norte a sul, de leste a oeste, do centro, do litoral, o Brasil só tem uma voz, que é a da legalidade. E os três ministros militares, que não são mais do que uma parcela do povo, não podem insistir no desrespeito à vontade de talvez 99% da população brasileira. A caserna nunca lhes ensinou isso!

Que venha o sr. João Goulart, com todos os seus defeitos e virtudes. Na Constituição há também remédio para o Presidente que não honra o exercício do cargo. E o povo, que o chama agora, também saberá repeli-lo, se ele o trair.

O que não é possível, seja qual for o pretexto, é deixar-se o Brasil como está, às tontas, com uma Constituição que nada vale e com um povo que vale muito menos ainda.

O papel das Forças Armadas é o de velar pelo regime e não o de desfigurá-lo ao sabor das conveniências pessoais ou de grupos.

O sr. João Goulart é Presidente da República sem coações, sem parlamentarismo, sem nada. Como tal, não pode e nem deve submeter-se a fórmulas redigidas em cima da perna, sob pena de também contribuir para o desrespeito à vontade do povo.

Posse, pura e simples, e nada mais!

— THEMÍSTOCLES DE CASTRO E SILVA

As consequências da publicação do incisivo texto, com lógicas ponderações e incontestáveis argumentos em defesa da legalidade valeram ao autor graves admoestações. O jornal *O Estado* vinha dando ampla cobertura à tese da posse de Jango, seja no noticiário, seja em artigos e notas opinativas.

No sábado, dia 2 de setembro de 1961, o jornal rasgava manchete em primeira página: “Posse segunda-feira!” informando “que o senador Auro de Moura Andrade, presidente do Senado, dirigiu ofício à Câmara dos Deputados e ao Supremo Tribunal Federal convidando-os para a solenidade de compromisso do sr. João Goulart, como presidente da República, perante o Congresso Nacional. A solenidade está marcada para as 15 horas”.

No mesmo dia em que o artigo de Themístocles é publicado, a manchete de primeira página anuncia a chegada de Jango ao Brasil: “Jango: Nem ódio nem prevenções” destacava *O Estado*, baseado na primeira entrevista de João Goulart ao pisar em solo brasileiro, em Porto Alegre.

Mas para que João Goulart, vice de Jânio, tomasse posse como previa a Constituição, a saída foi o parlamentarismo, um ciclo de 16 meses iniciado em 7 de setembro de 1961, tempo suficiente para o trânsito de três primeiros-ministros: Tancredo de Almeida Neves, Francisco de Paula Brochado da Rocha e Hermes Lima.

Na terça-feira, 5 de setembro de 1961, o jornal escancara o que a cidade toda já comentava: Themístocles fora conduzido coercitivamente, altas horas da noite, para a 10^a. Região Militar, onde permaneceu preso até a madrugada. Não era apenas o jornalista que estava sendo conduzido, mas também o secretário de Governo e Administração — que acumulava com a secretaria de Agricultura e Obras Públicas — do governo Parsifal Barroso.

A manchete em letras escuras, no alto da primeira página, aberta em duas linhas, ocupava as seis colunas do jornal:

**Provoca indignação geral
o atentado a Themístocles**

O subtítulo reforça a indignação:

*Onda de protestos ergue-se na cidade e no interior
— Tentativa de intimidação e desmoralização de toda*

*a classe jornalística — Inconcebível demonstração de
força — Violação da Autonomia estadual — Relato
estorrecedor*

“A indignação está crepitando em campo muito mais vasto, atinge homens e mulheres de todas as categorias sociais, de todos os partidos políticos”, alertava o texto principal, mostrando a postura ativa do jornal no episódio.

Segue-se a narrativa sobre a tentativa torpe de intimidar o jornalista. Comentou-se que os oficiais inquisidores queriam que o jornalista engolisse, literalmente, a página do jornal onde o artigo fora publicado, hipótese jamais admitida por Themístocles.

Para o jornal, a indignação não era para menos:

A prisão e a tentativa de agressão a Themístocles envolveram aspectos profundamente chocantes. Foi, em primeiro lugar, uma clara tentativa de intimidação e desmoralização de um jornalista, com o objetivo de intimidar e desmoralizar toda uma classe que luta na primeira linha da batalha da legalidade. Pretendia-se obter de Themístocles uma retratação e na esperança de que ela ocorresse, colocou-se o jornalista diante de um círculo de ferro e fogo, de baionetas e revólveres, de fuzis e metralhadoras... e de um gravador!

As circunstâncias em que o atentado foi cometido não chocam menos. Aparato bélico contra homem desarmado; insultos de toda sorte; ameaça clara e insofismável de liquidação física, só não consumada, talvez, pela intervenção de oficiais mais bem pensados e de melhor mentalidade como os coronéis Murilo Borges e Jerônimo Montenegro, pois pela vontade do tenente-coronel Tito Canto tudo se reduziria ao esfrangalhamento de um homem que ousara emitir pensamentos independentes.

Por último, cumpre assinalar que ao investir contra um secretário do Governo, cometeu-se, com impressionante insensibilidade, uma violação da autonomia estadual. E com isso rompeu-se a

saudável cooperação que vinha sendo mantida entre o governador Parsifal Barroso e a 10ª. Região Militar.

Homem de hábitos rígidos, Themístocles voltou para casa naquele domingo, 3 de setembro, às 22 horas, carregando um calhamaço de jornais do dia, inclusive de São Paulo e Rio, de onde o noticiário político fervilhava. Refestelado no sofá, livrou-se dos sapatos, acomodou os pés na banquetta estofada e pôs-se a ler os jornais do dia. Jango era o tema de todas as primeiras páginas. De repente, o estridente “triiim” do aparelho telefônico preto da Standard Electric — também conhecido como “chifrudinho”, referência ao formato da plataforma de apoio do monofone —, interrompeu a leitura.

Era o coronel Murilo, pois pretendia falar-lhe pessoalmente. Pouco depois chegava o coronel que informava a necessidade da presença de Themístocles na 10ª Região Militar.

— Tudo bem, vamos lá —, já sabia do que se tratava.

Três minutos depois, quando já se encontrava no automóvel do coronel Murilo que o levaria à presença do comandante da 10ª Região, chegam em alta velocidade quatro jipes do Exército com numerosos soldados sob o comando de dois oficiais de alta patente, dentre os quais Themístocles identificou o tenente-coronel José Tito Canto. Lembrou que, por duas vezes, na condição de secretário do Governo, havia sido visitado pelo militar em circunstâncias bem diferentes. Nada mais natural que saudá-lo. Só que, em resposta, um excitado Tito Canto reagiu com pesados insultos, seguindo-se uma tentativa de agressão física logo ali. Não fora a intervenção precisa do coronel Murilo Borges Moreira, a agressão teria se consumado.

— Estou responsável pela segurança do detido e não posso permitir algo assim —, retrucou Murilo.

Havia uma espécie de vacância na 10ª Região Militar. O general Luís Augusto da Silveira assumiu o comando no dia 6 de setembro, substituindo o general Milton Barbosa Guimarães, que havia deixado o posto no dia dois daquele mês. O coronel Emídio Nogueira

era quem vinha respondendo provisoriamente pelo comando da 10ª Região Militar. É possível que este interregno tenha estimulado Tito Canto a praticar seu desvairado ato.

A cena de exaltação e de tentativa de violência do tenente-coronel Tito Canto repetiu-se pouco mais tarde na presença do próprio comandante da 10ª Região, sendo outra vez contida. Themístocles foi recebido de modo intimidador por uma fila de oficiais e soldados armados em formação marcial. Isolado num dos gabinetes, continuou sob o cerrado clima de ameaças, insultos e assédios morais. Conduzido para uma enorme sala, foi abordado por um grupo compacto de oficiais das três armas que exigiam explicações sobre a motivação do artigo divulgado pela manhã, na primeira página do jornal *O Estado*. Queriam uma retratação.

Uma situação desmedidamente pesada.

Um gravador foi ligado à espera das palavras de retratação do jornalista, que nunca foram pronunciadas.

Na terça-feira, dia 5, Themístocles foi à Associação Cearense de Imprensa relatar o fato:

— A pretendida retratação era, na verdade, uma tentativa de desmoralizar um homem e com ele, a democracia. Eles não conseguiram o que queriam.

Para Themístocles, “diante de tais fatos, todos os protestos são justos e necessários em nome da liberdade, da decência e da dignidade humana”.

Na cobertura jornalística do encontro na prestigiosa instituição de imprensa, *O Estado* informava que “salvo de um massacre, o jornalista Themístocles de Castro e Silva compareceu ontem à tarde à sede da Associação Cearense de Imprensa para fazer um relato do que lhe ocorrera”.

Foi uma enxurrada de apoios ao jornalista e de protestos em relação ao ataque moral. A Associação Cearense de Imprensa foi enfática ao externar sua indignação. Em nota oficial, lia-se:

A Associação Cearense de Imprensa torna público seu enérgico e

indignado protesto contra o ato de insólita prepotência de que foi vítima ontem o jornalista Themístocles de Castro e Silva, arrancado de seu próprio lar, altas horas da noite, para a sede da 10ª Região Militar, onde permaneceu preso até a madrugada.

Protesto de modo especial contra a insolência com que se portou o tenente-coronel José Tito Canto, que à frente de outros elementos e no próprio quartel, em gesto que é a deplorável negação da bravura militar, procurou agredir o colega ilegalmente detido.

A imprensa conterrânea sempre teve — e continua a ter — elevado apreço e sincero respeito às Forças Armadas, como sustentáculo da Pátria e das instituições. Mas repudia aqueles que, entre seus membros, abusam da própria força e praticam violências como a de ontem, que deslustram e envergonham.

Protestando contra a opressão que, no Ceará, além de atingir briosos estudantes, começa a ferir a classe jornalística, a ACI leva sua plena solidariedade a Themístocles de Castro e Silva, membro de seu Conselho Superior e conclama todos os homens de imprensa e rádio a ficarem de pé e vigilantes para defesa da liberdade ameaçada.

Fortaleza 4 de setembro de 1961

Um abaixo-assinado de antigos colegas dos Diários Associados encabeçado por Felizardo Mont'Alverne, Antônio Girão Barroso, Juarez Furtado Temóteo e José Colombo Sá assinalava irrestrita solidariedade ao jornalista, ao mesmo tempo em que protestava contra os “métodos ditatoriais que afrontam hoje os princípios de liberdade assegurados pela Constituição”.¹²

A Associação dos Servidores do Estado e dos Municípios também lançou nota de protesto, publicada nos jornais. Outra nota de solidariedade veio do Colégio Estadual do Ceará, assinada, entre outros, por Caio Lóssio Botelho, Odilon Gonzaga Braveza, Osmírio Barreto, Aderbal Sales, Edgar Linhares Lima, João Nogueira, José Olair Cavalcante Rocha e Guilherme Muller.

Na Assembleia Legislativa, “deputados condenaram o atentado a

Themístocles”, estampa *O Estado* em primeira página. Um dos oradores foi o deputado Péricles Moreira da Rocha que, “fiel aos princípios democráticos do povo brasileiro” verberou a prisão do jornalista Themístocles de Castro e Silva. O deputado Péricles Moreira da Rocha lembrou que Tito Canto já fora seu alvo. Em 1951, denunciou o envolvimento do então major Tito Canto com o jogo do bicho.

Tito Canto, então filiado ao PTB, assumiu a Secretaria de Polícia no Governo Raul Barbosa, em substituição ao deputado Francisco Ponte (PSD) que saiu em uma rearrumação política do governo. O major Tito acabou sendo substituído pelo coronel Cordeiro Neto (PSD).

Péricles aproveita o caso para estimular a memória da plateia:

— Não precisaria falar muito sobre ele [Tito Canto] porque toda a Fortaleza acompanhou a luta que travei contra aquele militar, quando o mesmo exercia a função de Secretário de Polícia no governo do sr. Raul Barbosa. À época, provei que o referido coronel usou de meios processuais escusos à frente da Secretaria no que diz respeito às verbas do jogo do bicho.

O deputado afirmou que “o Coronel atrabiliário recebia dinheiro dos bicheiros”.¹³

O fato é que a rixa do major Tito Canto com Parsifal, Chico Monte e, por tabela, com Themístocles de Castro e Silva, vinha de longe. Em outubro de 1951 estavam avançadas ações de Tito Canto juntamente com Oto Sobral, para expulsar do PTB sogro, genro e, de brinde, Carlos Jereissati. A notícia ganhou destaque no alto da página 3 da edição de domingo, 7 de outubro de 1951, do jornal *Diário Carioca* (RJ). Mas o tiro saiu pela culatra. Na convenção do PTB Oton Sobral e Tito Canto foram expulsos do PTB, por 51 votos contra três, uma vitória esmagadora de Jereissati, Parsifal e Chico Monte. A corrente de Tito Canto estava alinhada ao governador Raul Barbosa de quem Tito era secretário de Polícia. O mesmo *Diário Carioca* destaca em sua página 3 de abril de 1952, “*PTB do Ceará alija a corrente adesista*”. Além disso, Parsifal rompeu com Raul Barbosa logo no início do governo deste. Raul não cumpriu acordos pré-eleitoriais com o grupo de Parsifal.

O deputado Vicente Augusto, líder do PSD, afirmou que o ato violento fere a própria autonomia do Estado. Em aparte, o sr. Aquiles Peres Mota disse que a prisão de Themístocles havia representado um ato de violência e de arbitrariedade. O deputado Pontes Neto também aparteu, apresentando sua solidariedade ao cidadão Themístocles de Castro e Silva.

A Divisão de Rádio Jornalismo e Departamento Esportivo da Rádio Uirapuru de Fortaleza também publicou nota em jornal, lida repetidamente nos noticiários da emissora, protestando contra a “ilegal prisão de que foi vítima o companheiro Themístocles de Castro e Silva”, assinada por toda a sua equipe de profissionais encabeçada por José de Borba Júnior.¹⁴

“Os atos de barbárie jamais fizeram calar as vozes dos destemidos e honestos; pelo contrário”, lia-se na nota distribuída e amplamente divulgada pelo departamento de Rádio Jornalismo da Dragão do Mar. “Diante do ‘arrufo’, iremos sempre à frente na luta pela preservação do direito e da Justiça”, afirmava a nota assinada pelos profissionais do setor, dentre eles Tarcísio Holanda e Nazareno Albuquerque.¹⁵

Saíram publicadas no jornal notas oficiais do Sindicato dos Jornalistas, do Sindicato dos Trabalhadores Gráficos do Ceará, do Sindicato dos Enfermeiros, Empregados de Hospitais e Casas de Saúde de Fortaleza, do Centro Acadêmico Clóvis Beviláqua da Faculdade de Direito, da então Universidade do Ceará —, onde Themístocles estudava Direito e recebeu “a irrestrita solidariedade ao colega ofendido”.

Nota de um grupo de jornalistas, em consonância com o teor das notas da solidariedade já divulgadas pela Associação Cearense de Imprensa e pelo Sindicato dos Jornalistas, condenou a arbitrária prisão de que foi vítima Themístocles em pleno exercício da profissão. Endereçada ao diretor Odalves Lima, a nota era assinada por expoentes do jornalismo e do rádio: Pedro Mallmann, Durval Aires, Francisco Alves Maia, Tarcísio Holanda, Jader Carvalho Nogueira, Wilson Fernandes, Hirano Meireles Perdigão, Fernando César Mesquita, Inácio de Almeida, José Dutra de Oliveira e José Maria Rodrigues.

Todos os funcionários do jornal *O Estado* assinaram um manifesto em solidariedade a Themístocles.

“A Themístocles, nosso apoio e aplausos”, destacava o título em primeira página, na mesma edição em que se anunciava que o alago Tito Canto e o coronel Emídio Nogueira — que vinha respondendo pelo comando da 10^a. Região Militar — foram chamados a Recife, na apuração que o Exército fez sobre o episódio.

“Companheiro e amigo, os que fazem *O Estado* manifestam, neste momento, sua calorosa solidariedade”, dizia a nota publicada em forma de notícia. “Os que aqui trabalham foram os primeiros a ler o artigo que deflagrou a cólera de um pequeno grupo de oficiais exaltados. Foram também os primeiros a aplaudirem, como expressão do pensamento independente que de modo tão magnífico se afirmou em todo o Brasil, ante a clara e insofismável tentativa de golpear as instituições democráticas.”

— Seu pensamento altaneiro que nada tem a ver com insulto —, destacou Odalves Lima.¹⁶

— Themístocles, prezado amigo e confrade. Foi com indignação e revolta que tomei conhecimento da inominada violência praticada contra a tua pessoa — telegrafou o advogado, livreiro e prócer da esquerda Aníbal Fernandes Bonavides, naquele 4 de setembro. “A investida covarde se deu em consequência da sua corajosa e patriótica atitude na defesa da sagrada causa da liberdade e da Constituição”.

No dia 5 de setembro, o jornalista Nazareno Albuquerque também telegrafou, solidário:

— Caro amigo Themístocles de Castro e Silva, diretor do vibrante matutino *O Estado*. Lamentei profundamente e indignado a prisão de que foi vítima você, domingo último, por forças do Exército e por ordens não se sabe de quem. O seu artigo, mais do que patriótico, e que representa o pensamento da grande maioria do nosso povo, da nação brasileira, jamais deveria ter como consequência a sua prisão, acima de tudo, envergonhante para seus autores que diziam representarem o glorioso Exército nacional.

O leitor Américo Barreira¹⁷ enviou, também, telegrama expressando sua “absoluta solidariedade contra arbitrária e ilegal coação a que tentaram submetê-lo. Seu artigo teve ampla repercussão nos mais diversos setores da opinião pública por corresponder ao pensamento esmagador da maioria do povo brasileiro.”

“A conduta do confrade Themístocles de Castro e Silva, traduzindo em artigo seu pensamento de cidadão acobertado pelas franquias constitucionais, foi das mais dignas que já assumiu em toda a sua agitada vida de homem de imprensa, de político militante”, escreveu Othelino Nova Alves, combativo jornalista maranhense, ele próprio assassinado a 30 de setembro de 1967, no auge de suas críticas ao regime militar.

“Não feriu ninguém, nem cometeu nenhuma leviandade ao comentar o crítico momento nacional e propugnar pela posse do sr. João Goulart na presidência da República. Falou a linguagem da sinceridade, interpretando o pensamento quase unânime da coletividade”, argumentou Othelino.

Os vereadores Agamenon Frota Leitão e José Edmar Barros de Oliveira apresentaram um requerimento em nome da Câmara Municipal de Fortaleza, em protesto contra “a prisão arbitrária do jornalista Themístocles de Castro e Silva”.

Após a aprovação do requerimento, falaram os vereadores Agamenon Frota Leitão, Dorian Sampaio e Mozart Gomes de Lima. Da tribuna do legislativo municipal, todos eles condenaram a atitude autoritária. Outro orador, o vereador Gutemberg Braun, em nome do PTB, apresentou sua total solidariedade ao jornalista.

A onda de apoio irrestrito a Themístocles foi intensa.

Dário Macedo relata que todo o Ceará democrático levantou-se ao lado de Themístocles, “vítima de insólita, arbitrária e covarde prisão”.

— Ele recebeu manifestações confortadoras, partidas de todos os setores da vida cearense. Mais uma vez a consciência do bravo povo cearense manifestou-se, dizendo que não concorda com os métodos fascistas, com as frustrações de homens inadapáveis ao regime de-

mocrático —, comemorou Dário Macedo. — Os protestos contra a prisão daquele combativo jornalista significam tão somente o repúdio do povo aos que ainda julgam que vivem num país sem dono.¹⁸

O governador Parsifal Barroso enviou às autoridades federais de Brasília — presidente da República, presidente da Câmara, aos Deputados, presidente do Senado e ao ministro da Justiça — telegrama relatando o fato, protestando e pedindo enérgicas medidas contra os agressores:

O Governo do Ceará, na defesa de sua autoridade e por justa revolta, comunica a vossas excelências o covarde e revoltante atentado sob a responsabilidade de alguns oficiais da 10^a. Região Militar, sob a chefia do tenente-coronel Tito Canto, de que foi vítima ontem, às 11 horas da noite, o secretário de Governo e Administração Themístocles de Castro e Silva, por haver publicado artigo no jornal *O Estado*, julgado pelos mesmos como ofensivo às Forças Armadas. Inadmissível essa arbitrariedade, injustificável interpretação, porque referida publicação apenas contém conceitos expressos por líderes do Partido Trabalhista Brasileiro aqui anteriormente manifestados, e outros defensores da legalidade democrática. A agressão física ao jornalista não foi consumada graças à intervenção do coronel Murilo Borges Moreira e do tenente-coronel Jerônimo Montenegro. Secretário Themístocles foi levado até o quartel-general da 10^a. Região Militar para dar satisfações que jamais poderiam ser exigidas de um secretário de Estado, pela ofensiva forma adotada. Convém esclarecer que o tenente-coronel Tito Canto também abusou da sua autoridade, requisitando, sem ordem do comandante da 10^a. Região, tropa para dar cobertura ao seu ato, desobedecendo ordem dos seus superiores. Como o Governo do Estado não obteve junto à 10^a. Região Militar a punição dos oficiais implicados em tão arbitrário e covarde atentado e considerando que o agravo o atinge tão profundamente, solicito de vossa excelência a adoção de imediatas providências para a apuração das responsabilidades e punição dos oficiais culpados. [...] É impossível admitir a permanência no Ceará dos oficiais implicados. [...]

Confio que vossas excelências providenciarão urgentes medidas ora reclamadas para o desagravo do Governo do Ceará e restabelecimento do conceito que sempre gozou o Exército no Ceará.”¹⁹

No dia 25 de setembro, o tenente-coronel Tito Canto foi exonerado do comando do 10º GAC — Grupo de Artilharia de Campanha — função que assumira no dia 2 de fevereiro daquele mesmo ano. No dia 30, aconteceu a passagem do comando ao sub-comandante Jairo Bessa de Carvalho. Houve um almoço de confraternização com a presença de oficiais, alguns dos quais haviam sido punidos porque se solidarizaram com Tito Canto, em virtude de sua transferência.

É provável que, no episódio envolvendo Themístocles, o artigo tenha sido um alibi perfeito para o destrambelhado militar ir em cima do jornalista. O jornal *O Estado* vinha publicando ostensivamente conteúdos defendendo a posse de Jango, como este comentário de Dário Macedo publicado na abertura de sua coluna *Passarela*, de sábado, 2 de setembro de 1961, sob o título *Jango, meu presidente!*:²⁰

O velho e legendário Rio Grande do Sul mais uma vez dá uma nota de bravura que ficará incorporada à própria história da terra brasileira. Os pampas levantam-se e vêm pregar ao povo mais uma revolução, a mais bela, talvez, de todas quantas já fez realizar, ou seja, aquela que visa a manter invioláveis os sagrados direitos de nossa gente e de nosso povo. [...] O velho Rio Grande, terror dos golpistas e dos traidores da Pátria, emociona nesta hora a própria alma nacional.

[...] Jango, meu presidente! Nós te esperamos como nós esperamos, em 1822, a nossa Independência. Nós te esperamos como nós esperamos ansiosos a volta de Getúlio ao poder.

O Estado saiu com o extenso editorial *Um governante de bem*,²¹ destacando a atuação do governador Parsifal Barroso no episódio e seu estilo *low profile*, discreto e tranquilo:

Antidemagogo, como tal proclamado no momento de sua escolha para pasta do Trabalho, prudente, sereno e tranquilo, o governador Parsifal Barroso situou magnificamente o problema criado com a prisão e agressão de que fora vítima o seu secretário de Governo e dedicado amigo Themístocles de Castro e Silva. Fê-lo em linguagem de alto gabarito, mas com a energia que se impunha diante da violência, do desacato da atitude daqueles que, afastando-se da ética e desprezando os salutares ensinamentos recebidos nas escolas de preparação de oficiais, preferiram o uso da força armada contra a força do direito de dizer e pensar.

[...] Não sabemos de muitos governantes que tivessem a coragem que teve o governador Parsifal Barroso, ao endereçar o seu protesto às autoridades brasileiras, diante do atentado que considerou ao seu próprio governo, dadas as funções exercidas por Themístocles de Castro e Silva. Mas, por que assim agiu o chefe do Executivo do Ceará? Que razões tinha ele para tamanho desassombro? Procedeu com tal e impressionante resolução o líder trabalhista cearense porque tem moral de sobra para assim se conduzir. Sim, moral de sobra. Seja pela sua vida e suas virtudes cívicas, seja pela maneira como tem respondido aos que lhe atacam e lhe ofendem, sem jamais ter usado da violência e do arbítrio, ou mandado praticá-la ou ainda silenciado contra os violadores da lei ou apoiado desatinos de quem quer que seja, mesmo de auxiliares de sua confiança imediata. Eis aí, sem embargo de outras credenciais, a força moral do governador Parsifal Barroso para colocar os pontos nos 'ii', no caso em foco. E tanto é assim que seu gesto repercutiu além-fronteiras, merecendo os aplausos de todos os homens de pensamento desta infelicitada nação.

Não são vozes dispersas as que trazem ao Governador o testemunho da sua solidariedade pela altivez e aprumo do seu dignificante protesto, a manifestação do seu desagravo ao ato de arbítrio daqueles que, pensando em humilhar Themístocles de Castro e Silva, desonraram a própria farda que envergam.

O Ceará orgulha-se, pois, do governador que tem. O Brasil precisa de dirigentes, de líderes, com a formação cívica, a serenidade, a prudência e a coragem que são o apanágio do governador Parsifal Barroso.

Os homens de bem ficam na história, ornamentando-lhe as páginas. Os demagogos, os agitadores, os imprudentes, destes passam com a voragem do tempo, ficando à margem dos pósteros porque não há lugar para eles no Panthéon.²²

Dário Macedo se encarregava de escancarar, naquele momento, o viés golpista de Carlos Lacerda, a quem dedicou, em sua sempre disputada coluna, tópico *Lacerda, um louco varrido*²³. E esse era apenas um entre as dezenas de abordagens, mostrando um celerado Lacerda pregando contra aquele Jango Goulart de 1961:

O sr. Carlos Lacerda, que no Brasil lidera com maestria o grupo dos golpistas, vem de conceder entrevista à imprensa da Guanabara, fazendo suas restrições à posse do sr. João Goulart na presidência da República. A atitude do desorientado dirigente do sofredor e heróico povo da Guanabara alcançou a mais péssima repercussão em todos os setores da vida brasileira. O sr. Carlos Lacerda, pelo que se observa, é um homem irrecuperável. Quando o Brasil lutava para que se fizesse respeitar a Constituição, para que se fizesse valer o voto popular, lá estava ele ainda tramando. Irrecuperável e insensível moral.²⁴

O desembargador José Maria de Queiroz, presidente do Tribunal de Justiça do Ceará, destacou a ação enérgica e decidida e a bravura com que o governador Parsifal protestou contra a violência sofrida pelo secretário de Estado.

— Sua postura merece aplauso e apoio de todos quantos respeitam a Constituição, a Lei e as liberdades individuais assegurados no regime democrático adotado pela nação brasileira, — destacou o correto e ilibado desembargador José Maria, em comunicado emitido no dia

5 de setembro de 1961.

Em meio à ameaça constitucional da não posse de Jango, o jornal não perde sua verve crítica e irônica ao espezinhar oponentes políticos, neste caso, o padre José Palhano de Saboia, desafeto de Chico Monte e, por tabela, de Parsifal Barroso e de dona Olga Barroso, ou seja, do núcleo duro daquela hora política onde se incluía, claro, o homem de todos os instrumentos, Themístocles de Castro e Silva.

— Palhano quer de volta o jumento —, informava sarcástica, apimentada notícia, cozinhada na redação sob a batuta da dobradinha Odalves-Themístocles.

A notícia espezinhava e ridicularizava o alvo:

O senhor José Palhano de Saboia, manifestando o seu ridículo puxa-saquismo, o que aliás o tem caracterizado em todo o Ceará, enviara, quando Jânio era presidente, vários presentes a JQ e à primeira-dama da nação, dona Eloá Quadros.

Um desses presentes — um jumento, aliás, comprado pelo padre (que se diz pobre...) por um preço dos mais elevados, simbolizando, talvez, a própria figura do ofertante.

Agora que Jânio caiu, somos sabedores de que o sr. Palhano enviou ao Rio o seu irmão Xico Palhano, que de lá deverá deslocar-se até São Paulo para reconquistar o presente. Afirma-se também que Jânio deixou o jerico no Alvorada.

E quem diz o contrário!

O fato é que Xico Palhano quer encontrar o jumento — no Alvorada ou em São Paulo.²⁵

Instituições como a Ordem dos Advogados do Brasil — Seção do Ceará, já haviam se posicionado contra a tentativa de golpe à Constituição bem antes da prisão de Themístocles. Em agosto de 1961, a Ordem publicara nota nos jornais criticando a ameaça constitucional. No jornal *O Estado*, a nota saiu em primeira página, em duas colunas, no rodapé:

ORDEM DOS ADVOGADOS DO BRASIL — SECÇÃO DO CEARÁ

Nota oficial

O Conselho Seccional da Ordem dos Advogados do Brasil, no Estado do Ceará, reunido extraordinariamente, em data de hoje, resolveu, por unanimidade, manifestar o seu repúdio à violentação que estão sofrendo as normas constitucionais nesta grave emergência da vida do país. E, sem consideração a pessoas ou grupos políticos, protestar contra a indébita intervenção de chefes militares que desejam processar a sucessão do Presidente renunciante por meios que não os prescritos na Constituição vigente. Na oportunidade, apela para a consciência cívica e jurídica dos cultores do direito, dos advogados, em particular, e do povo do Ceará, cuja história é repleta de exemplos de amor à liberdade, no sentido de conjugarem seus esforços para a preservação da Constituição brasileira. Deliberou, ainda, o Conselho, manter-se em sessão permanente e acorrer na defesa de todos os que sofrerem ou estejam ameaçados de sofrer coação por motivo da livre manifestação de pensamento.

Fortaleza, 31 de agosto de 1961

— CARLOS ROBERTO MARTINS RODRIGUES — *vice-presidente, em exercício* — Jefferson Quesado -1º secretário

Para quem imaginou desmoralizar Themístocles e o jornal *O Estado*, a resposta veio em doses cavalares. No dia 7 de setembro de 1961, saiu em primeira página, na mesma localização do artigo de Themístocles, o editorial *Os covardes dão as caras*, onde criticava pronunciamento do também polêmico deputado João Frederico Ferreira Gomes, que investiu contra Themístocles. Trata-se de um texto duro e incisivo como, afinal, era a postura dos jornais na defesa dos seus credos, um exemplo claro do jornal como a trincheira:

Findo o duro combate, aparecem os covardes para a infame ten-

tativa de desmoralizar os que se bateram em defesa da legalidade. É o papel que cabe aos crápulas de toda sorte, aos desfibrados que silenciaram quando viram uma baioneta nua.

Quem viu, por exemplo, o sr. João Frederico erguer sua voz na Assembleia em defesa da Constituição e das liberdades democráticas, no momento em que a nação inteira, desde os mais humildes aos mais ilustres homens enfrentavam a ameaça do golpe contra as instituições? Quem viu? Nem o álcool que nas veias lhe substitui o sangue deu-lhe ânimo para clamar pela democracia. No entanto, vimos bêbados que davam viva à Constituição ultrajada! É que há bêbados e bêbados. Diziam os romanos e um velho amigo nosso repete agora, a cada pifão, “in vino Veritas”. O vinho nos homens dignos faz-lhes as vezes de estimulante espiritual. Nos crápulas, faz as vezes de estimulante dos baixos instintos.

Com carga etílica considerável, o sr. João Frederico Ferreira Gomes compareceu ontem para falar na Assembleia. Era a “*reentré*” dos covardes, depois que Péricles Moreira da Rocha, Pontes Neto, Wilson Roriz haviam dado seu show de abnegada coragem. Qual o objetivo? Um só: desmoralizar, em nome dos prepotentes, em nome dos que haviam erguido armas contra homens desarmados, aqueles que haviam tido a coragem de falar, de abrir a boca, de denunciar o ataque aos princípios. Frederico, moço de recados, foi para a Assembleia tentar desmoralizar Themístocles de Castro e Silva e com ele toda a imprensa do Ceará. Leu o depoimento de um preso, digamos melhor, de um quase condenado à morte, prestado perante um semicírculo de revólveres e metralhadoras. Quis complementar a ação odiosa de um grupo de oficiais exaltado que prendeu Themístocles e pretendeu arrancar uma retratação que serviria de arma contra todos os que arriscaram suas vidas e sua liberdade, por amor da democracia. Ainda que Themístocles houvesse, como se diz na gíria, ‘aberto o bico’, era o caso até de compreender a situação, tendo em vista a violência, aquilo que a lei chama de coação irresistível. Mas nem isso houve: o depoimento de Themístocles não quebra sua

dignidade de jornalista e de homem. É o depoimento de um quase condenado à morte mas nem por isso de um acovardado.

Perguntamos: o que seria desse Frederico “cara de tigre”, que de tigre só tem cara, pois o resto tem a consistência e a vitalidade de uma minhoca, se se encontrasse na situação de Themístocles, que teve sob os olhos e a pesar-lhe sobre o coração a noite negra de uma ditadura que abortou? Nada disso foi preciso para que Frederico fosse enxovalhar a Assembleia, cuja existência esteve ameaçada pelas mesmas forças a quem ele, ontem, serviu de intérprete.

Perguntarmos ao sr. Frederico o que é feito do seu chefe amado, daquele que recebeu um mandato do povo e o sacrificou antes mesmo que as baionetas se desnudassem. O seu chefe, o sr. Jânio, renunciou ao primeiro rumor da cavalgada militar. Themístocles de Castro e Silva e os jornalistas do Ceará não renunciaram; lutaram até o fim em defesa da democracia e da paz. Todos eles saem com honra de uma crise que abalou os alicerces da Nação; o sr. Frederico entra desonrado nesta paz conquistada a custo dos maiores sacrifícios.²⁶

O parlamentar udenista ganhou outra chamada destacada na primeira página, *João Frederico, portavoz dos inimigos da imprensa livre*, sendo apontado como o representante da “UDN golpista do Ceará”. Foi retrucado pelo vetusto deputado Pádua Campos. “Defendo antes, e acima de tudo, os princípios da liberdade”, disse Pádua Campos. A sessão foi intensa e tumultuada; o objetivo do parlamentar João Frederico era demonstrar que Themístocles teria se acovardado e se retratado ante os militares comandados pelo interino Tito Canto.

As relações de Parsifal com a UDN de Paulo Sarasate estavam deterioradas ao ponto de Dário Macedo dedicar um comentário destacado na cabeça de sua coluna sob o título *A UDN é totalmente golpista*. Dário expressa a visão do jornal. “Passada a crise, derrotados os que quiseram a todo custo implantar no Brasil uma ditadura militar, com o funcionamento em toda a sua plenitude de um dispositivo montado há tempos em nossa pátria, chega-se à conclusão seríssima, aliás, que encaminhando

as soluções extralegais esteve a União Democrática Nacional. Através do sr. Carlos Lacerda tudo foi bem armado e tudo foi bem planejado, tudo porém fracassado espetacularmente graças à heroica resistência oferecida a tais setores reacionários pelo próprio povo brasileiro.”²⁷

— Aqui no Ceará, o que se viu foi aquela posição que a agremiação dos lenços brancos adotou —, avaliava Dário Macedo. E continua, em sua crítica: “Por duas ou três sessões fugiu da Assembleia. Mais tarde, um dos seus mais ‘eminentes’ líderes, no caso o sr. João Frederico, explicava que a posição era muito justa. Não iria a UDN apoiar homens que só falavam em defesa da Constituição para conseguir votos”, e, mais adiante argumenta que a UDN cearense perdera a autoridade moral para sair às ruas em nome de uma democracia que não soube defender em sua hora mais grave. Como poderá pleitear o voto popular que ela relegou a um plano secundário? No entanto, Dário fazia justiça a três deputados que “não foram na onda do sr. Barros dos Santos”: Luciano Magalhães, Aquiles Mota e Edval Távora, que “embora com certas reservas, ficaram ao lado da Constituição”.²⁸

Na mesma edição de 7 de setembro, *O Estado* destacava uma foto em três colunas — equivalente a meia página, na largura — onde aparecem sentados no mesmo sofá, no salão de honra do Palácio da Luz, ambos com as mãos escoradas no torso do móvel, o governador Parsifal Barroso e o general Luis Augusto da Silveira, novo comandante da 10^a. Região Militar, que assumira a função no dia anterior, ocupando a vacância deixada pela saída do general Milton Barbosa Guimarães. A foto era emblemática, selava a paz no relacionamento das duas forças, depois da ação desastrosa da prisão de Themístocles. Mostrava dois senhores em animada conversa e absolutamente desarmados no modo risonho com que se portavam.

Curioso é que, acima da foto, em duas linhas, ocupando o alto do jornal de uma ponta a outra, a manchete: *Jango toma posse hoje às 15 horas!* Com ponto de exclamação e tudo. No lado oposto à foto de Parsifal e do general, um clichê quase oficial de Jango, seu retrato, em close, ocupando o espaço de duas colunas.

Sobravam pancadas para os inimigos políticos de dona Olga Barroso e de Parsifal. Um desses desafetos, com presença regular nas páginas d'*O Estado*, era o padre Palhano, prefeito de Sobral, apoiado por dom José Tupinambá da Frota, o poderoso e influente bispo de Sobral. Na edição de 7 de maio de 1961, a manchete de primeira página era *Palhano arranjou uma certidão para receber dinheiro da cota*. No bloco de texto, assinado por Pedro Mendes Carneiro, presidente do Banco de Crédito Popular de Sobral, lê-se, entre outras coisas, o seguinte trecho:

O padre José Palhano de Saboia, prefeito de Sobral, é realmente um homem sem escrúpulos, sem qualquer parcela de dignidade, apesar de sua condição de sacerdote católico. E, assim, entende-se que todos que o cercam e apoiam devem ser do mesmo quilate que o seu.

Não importa lançar ao descrédito e à desonra como tem tentado fazer o prefeito aos seus melhores amigos, aos que mais lhe servem e lhe atendem.

Todos devem seguir as suas pegadas na marcha para a mentira e para o crime.

Agora vem ele confessar, sem qualquer cerimônia, de público, pela imprensa, pelo rádio de Fortaleza, que não empregou, como obriga a Constituição, os 50% da cota do imposto de renda que recebeu em 1959 em benefícios rurais, porque não teve tempo de fazer aquela aplicação, mas que o faria no ano imediato e isto também não fará, estamos certíssimos.

O autor, Pedro Mendes Carneiro, vivenciara a política dentro de casa. Era filho de Antônio Mendes Carneiro, que em 1923 exerceu o cargo de prefeito de Sobral.

Themístocles nasceu na fazenda Pará, em Canindé (114 quilômetros ao sul de Fortaleza), no dia 23 de abril de 1929. Aos dois anos foi

morar em Caucaia porque o pai, Júlio de Castro e Silva, comprou um sítio de Adelino Alcântara, tio de Lúcio Alcântara. O pai foi trabalhar na Ifocs, a Inspetoria Federal de Obras contra a Seca, sucedido pelo Dnocs. Themístocles estudou no Liceu do Ceará — a escola de excelência à época — e foi a partir daí, como tantos outros casos, que fez a transição para o jornalismo, graças à amizade com o colega de Liceu Ebe Firmeza, neto de Hermenegildo Firmeza²⁹, intelectual, jornalista e professor de História da Civilização e colaborador do jornal *Gazeta de Notícias*.

— Eu vinha com o Ebe... O Ebe passava no jornal [*Gazeta de Notícias*] para pegar um [exemplar do] jornal e levar para o avô dele, e eu apenas fazia companhia.³⁰

Em uma dessas idas, havia uma verdadeira rebelião na *Gazeta*. Quatro revisores haviam entrado em greve: Blanchard Girão, Ari Cunha, Odalves Lima e Padilha, um rapaz cujo apelido era “Tarzan”, ironia à extrema magreza, lembra Themístocles.³¹

— E eu passeando com o Ebe lá, pensando em me inscrever para o concurso de sargento do Exército, quando me convidaram... quer ser revisor do jornal?

A resposta, à queima-roupa, foi um seguro “Sim”. E o jornalismo ganhava um dos seus mais recorrentes polemistas. Estávamos em agosto de 1945.³²

Fez carreira na *Gazeta de Notícias*. Começou como ajudante de revisão, aos 16 anos de idade, depois revisor, redator e redator-secretário, em substituição ao múltiplo intelectual Geraldo da Silva Nobre, “um dos grandes jornalistas daqui do Ceará”.³³

Deixou a *Gazeta* para ingressar nos Diários Associados — a poderosa rede de comunicação de Assis Chateaubriand, sonho de consumo dos jornalistas da época — a convite do diretor geral João Calmon. Os Associados pagavam melhor. “De secretário da *Gazeta*, fui ser tradutor de telegrama dos Diários Associados: *Correio do Ceará* e *Unitário*.”³⁴

A fase do jornal *O Estado* sob a direção de Themístocles de Castro e Silva foi tomada por fervilhante noticiário político, críticas ácidas aos

opponentes e detratores do governo Parsifal Barroso, a quem o jornal servia como barreira de proteção e como cão de guarda.

Themístocles era homem forte do governo, um dos responsáveis pela operação do projeto de poder de Parsifal e homem forte do jornal onde ia à noite, depois de um puxado dia de trabalho entre estratégias, ações e conchavos no Palácio da Luz. *O Estado* deu oportunidade a ele de viver seus dias de Samuel Wainer, o talentoso jornalista que largou os Associados — despertando a ira de Assis Chateaubriand — para criar e lançar o inovador *Última Hora*, que chegou às bancas no dia 12 de junho de 1951.³⁵ Alinhado ao governo Vargas, o jornal foi objeto de uma CPI capitaneada pelo deputado federal Armando Falcão que estaria na base, segundo este, da crise que levou Vargas ao suicídio.

1962, ano eleitoral, o nome de Themístocles, cumprindo mandato de deputado estadual, some do expediente que passa a conter somente os nomes de Odalves Lima, como diretor, e Jerônimo Sampaio do Vale, como gerente — o histórico gerente que aniversariava no mesmo dia do jornal e que fazia jus ao nome: era o homem dos “vales”, as antecipações de salário em dinheiro. O expediente também ostentava a informação de que o jornal era um matutino diário e o slogan “Combate. Defende. Constrói”. Entre os colunistas deste período estão os jornalistas José Rangel, que assina a coluna *José Rangel conta* e Egídio Saraiva Serpa, que assinava a coluna *Imagem e Som*, sobre os bastidores da incipiente indústria cultural local.

Themístocles convidou Roberto Martins Rodrigues, filho de José Martins Rodrigues, para assumir uma diretoria no jornal. Roberto aceitou. Ele havia participado também da campanha de Parsifal, muito amigo de José Martins.

— Aí eu fui para o jornal ser diretor junto com Themístocles. O jornal exalava política. Era político exercendo diariamente a política partidária.³⁶

O jornalista Lúcio Brasileiro³⁷ também escreveu no jornal *O Estado* neste período, sob Themístocles, assinando como Newton Cavalcante. Lúcio faz sua própria leitura, muito original, do processo eleitoral

que elegeu Parsifal:

— Quando o dr. Parsifal comprou o jornal *O Estado*, o Themístocles foi dirigir — ele era o secretário particular do governador, tinha sido um dos principais artífices da vitória dele nas urnas. Mas foi o dr. Carlos Jereissati quem elegeu o Parsifal, porque o Parsifal não era político. O Carlos Jereissati conquistou três grandes jornalistas do nosso tempo: o Lustosa da Costa, o Nertam Macedo, que achava ele um grande líder, tinha feito cobertura dele na Câmara Federal, e Felizardo Mont’Alverne, que foi ser secretário do jornal *Correio do Ceará*.

Lúcio lembra que o Carlos D’Alge estava desempregado e o Themístocles o colocou para ser diretor no jornal *O Estado*, também assinando artigos e crônicas.

E Themístocles conseguiu convencer Lúcio a assinar uma coluna social n’*O Estado*:

— No começo eu não queria fazer uma coluna, mas depois passei a fazer, assinava como Newton Cavalcante. Nessa época ainda não havia o jornal *O Povo* na minha vida, eu estava só na *Gazeta*, como Lúcio Brasileiro. Mas foi uma coluna que durou pouco porque o Themístocles não queria pagar. Uma das minhas coberturas nessa época foi um jantar que Venelouis, ainda delegado, ofereceu inclusive à imprensa. Ele foi um grande delegado, respeitadíssimo. Era respeitado até pela linha dura militar quando houve a revolução de 1964.

Lúcio comenta a conjuntura inicial do governo Parsifal na perspectiva de Themístocles:

— A verdade é que Themístocles pensou que ia ser muito poderoso, mas no começo do governo ele não o foi. Esperava ser secretário de Estado, mas só foi secretário particular e dizem que isso começou a afastar ele do Parsifal. Mas depois tudo mudou. Ele foi secretário até da Agricultura e da Administração. O Parsifal o elegeu deputado estadual no final, mas no começo do governo se comentava — e eu até dei uma nota sobre isso — que o homem forte poderia ser o engenheiro Marcelo Sanford, de Sobral, ou o Themístocles. O Marcelo Sanford foi nomeado para o DAER — Departamento Autônomo de Estradas

de Rodagem —, era o único lugar do Estado que tinha o vil metal, era uma repartição fortíssima. Os amigos do Parsifal compraram o jornal *O Estado*, tendo à frente o Marcelo Sanford como articulador.

O deputado Francisco Monte, sogro de Parsifal, integrava o grupo de compradores.

Filiado ao Partido Trabalhista Nacional (PTN), em outubro de 1962, Marcelo Sanford elegeu-se deputado federal no pacote da coligação União do Ceará, que colocou no mesmo palanque o PSD — Partido Social Democrático, e a UDN — União Democrática Nacional.³⁸

A ausência de Themístocles no expediente legitimava ainda mais sua presença nas páginas do jornal, em especial na primeira página, como personagem influente naquela conjuntura e fonte de informação relevante, conquanto convictamente passional, como atestamos nesta notícia abaixo:

**Apelo de Themístocles ao Premier:
derrube o escandaloso testamento**

O deputado Themístocles de Castro e Silva enviou ontem ao Senador Auro de Moura Andrade o seguinte telegrama:

— “Senador Auro de Moura Andrade
Brasília

Conhecendo desde meus tempos repórter parlamentar Congresso linha conduta sua vida pública apelo eminente amigo mesmo tempo o felicito grande vitória sentido por abaixo imoral testamento político gabinete anterior conforme sua peremptória declaração não admitir empreguismo pt Para vergonha nossa coube ministro cearense comandar política entreguista último gabinete vindo depois Instituto Industriários onde mais quatro mil pessoas foram nomeadas conforme denuncia toda imprensa pt Aqui Cearah Correios Telegrafos transformou-se mais forte comitê eleitoral pt Aquela velha tradição Itamaraty que não permitia ninguém ingressar carreira diplomática pela janela foi quebrada pelo aspas na-

cionalista aspas San Tiago Dantas que nomeou cerca trezentos pt Povo brasileiro confia sua atitude enérgica patriótica pondo abaixo escandaloso empreguismo governo anterior pt Cordial abraço Themístocles Castro Silva deputado estadual”.³⁹

Quando não aparecia como fonte, Themístocles cravava um artigo em primeira página. Seu pensamento era, literalmente, o pensamento do jornal. E nos anos em que o expôs, o fez com primorosa competência, mesmo quando dali exalasse o mais refinado — às vezes nem tanto — veneno. Numa situação ou noutra, o veneno faria o mesmo efeito, inocular-se no seu alvo, fragilizando-o ou obrigando-o a se expor, na réplica, na tréplica. A pena de Themístocles era um dardo ácido.

Antes da construção da Aliança pelo Ceará, que colocou a UDN e o PSD no mesmo palanque, Virgílio Távora (UDN) foi alvo regular da fúria do jornal *O Estado*, de Parsifal Barroso. “Deputado da própria UDN ameaça denunciar escândalo de Virgílio”, destaca o jornal em primeira página.⁴⁰ Em outra edição o jornal diz que “Mauro [Benedes] deixou a Secretaria para ficar em condições de ser o candidato do PSD a Governador do Estado”.⁴¹

“Empreguismo derrubou Virgílio”, sobre uma relação de dependência empreguista de Virgílio Távora com João Goulart, a despeito da posição oposicionista da UDN.

Dário Macedo informava em sua apreciada coluna *Passarela*:

— Não pretendo concorrer ao Governo do Ceará. Disputarei a reeleição à Câmara dos Deputados —, informou o sr. Martins Rodrigues (PSD-Ceará) ao embarcar na manhã de ontem, no Rio, de onde prosseguirá com destino a Fortaleza.

Asseverou ainda que prosseguem os entendimentos entre os líderes do PSD e do PTB para uma aliança, tendo em vista o pleito de outubro próximo.

— Não há nada de concreto nesse sentido — finalizou o sr. Martins Rodrigues, quando interpelado sobre os rumores do lançamento da candidatura do sr. Armando Falcão ao governo ce-

rense, pela legenda do PSD. ⁴²

Com o rompimento político entre o governador Parsifal Barroso e o senador Carlos Jereissati, o jornal *O Estado* elegeu este um novo e predileto alvo, com manchetes e chamadas ácidas, principalmente em primeira página. Esses rompimentos políticos se davam devido a interesses contrariados, de ambas as partes. A maioria deles envolvendo traição ou perda de influência política de um junto ao outro, deixando a descoberto, sem cargos públicos e nomeações, cabos eleitorais estratégicos.

PTN tomou o lugar do jereissatismo em Paramoti, manchetava em primeira página. ⁴³

THEMÍSTOCLES E SUA PENA CORTANTE

Themístocles sempre foi um arrojado esgrimista, empedernido defensor de suas ideias desenvolvendo sempre arraigados argumentos. No jornal *O Estado* teve oportunidade de expor seus pontos de vista, críticas e sugestões em sucessivos artigos, normalmente publicados na primeira página, como podemos aferir nesta amostra.

As causas da crise ⁴⁴

POR THEMÍSTOCLES DE CASTRO E SILVA

O País está novamente em crise com a renúncia do Primeiro Ministro, dois dias antes escolhido por maioria esmagadora, pela Câmara dos Deputados. Sabe-se, já a esta altura, que o “pivot” de mais essa desagradável situação nacional foi o próprio Presidente da República, que aceitou o parlamentarismo para poder tomar posse, mas agora insiste em agir como se o regime fosse presidencialista, onde o chefe do Governo manda e desmanda, e fica por isso mesmo. A indicação do petebo-comuna-fidelista San Tiago Dantas não tinha outro objetivo, senão o de, mais cedo ou mais tarde, articular-se a

volta ao presidencialismo, a fim de que o sr. João Goulart ficasse mais poderoso ainda. Bom ou mau, o certo é que estamos no regime parlamentarista. Resta-nos obedecer-lhe e cumpri-lo, e nada mais.

Na tarde anterior à crise atual, ou seja, antes de ontem, em conversa com o deputado Pontes Neto, presidente da Assembleia, cheguei inclusive a marcar o prazo de uma semana para o “estouro” Jango x Auro, dizendo que, conhecendo ao longo de vários anos de contato o senador paulista, sabia que ele não seria um boneco de ventríloquo do sr. João Goulart, nem tampouco um simples moço de recado do presidente da República. E foi o que aconteceu.

O sr. João Goulart — e isto está na cara — queria um Ministério dócil aos seus caprichos e à sua política demagógica. Queria, de resto, um Gabinete à moda do primeiro, que só fez uma coisa neste país: nomear afilhados políticos. Em matéria de empreguismo escandaloso, tenho em mãos elementos que me autorizam a afirmar que o Gabinete do sr. Tancredo Neves bateu todos os recordes dessa República. Bastou o sr. Moura Andrade anunciar que iria combater o empreguismo para que logo surgissem desentendimentos na formação do Gabinete.

A alegação presidencial de que não admite golpistas é infantil. O sr. João Goulart, se pudesse, já teria dado o golpe do presidencialismo. O seu discurso de Volta Redonda foi sintomático. O sr. Auro de Moura Andrade estava começando bem. Agiu como Chefe de Governo de direito e de fato e não como um moço de recados do Presidente. Mas não convém ao sr. Goulart uma política exterior de acordo com as nossas tradições de fidelidade às potências democráticas. O que interessa ao sr. Goulart é a dubiedade e a fraqueza da política exterior a la San Tiago, pois lhe é mais propício para manter o povo brasileiro sob permanente demagogia e emba-

te internacional. Também não interessa ao sr. Goulart combater o empreguismo, interessam-lhe ministros como o sr. Virgílio Távora e Souto Maior, que lhe cumpriram à risca as ordens do empreguismo escandaloso. Só mesmo em um governo chefiado pelo sr. João Goulart qualquer reforma de base. Sua sinceridade, sim, que precisa ser logo reformada. Agora ou logo, o sr. Moura Andrade, para governar de verdade, teria de romper com o sr. João Goulart.

Infelizmente, quem paga por tudo isso é o Brasil, seus filhos, sua tradição. O sr. João Goulart não tem direito de, como Chefe de Estado, levar este país a dias intranquilos. Apesar de seu governo, o povo está trabalhando em prol do engrandecimento de sua Pátria. Não se pode admitir que tenha sido em vão todo aquele clamor popular pela manutenção do regime constitucional, em setembro do ano passado. A Nação espera e confia que o sr. João Goulart, compenetrando-se de seu papel de Chefe de Estado, proporcione aos brasileiros pelo menos paz e tranquilidade, já que não está à altura de oferecer-lhe mais alguma coisa.

A principal reforma ⁴⁵

POR THEMÍSTOCLES DE CASTRO E SILVA

Esta nova crise por que passa o país tem uma só origem: o desejo do presidente da República de ficar senhor absoluto da situação, sem ter que dar satisfações a ninguém. Ora, o partido do senhor João Goulart é o terceiro da Câmara, não lhe bastando, portanto, para as suas manobras políticas, dentro do regime parlamentarista. Precisando, como precisa, principalmente do PSD, o sr. João Goulart terá que dividir o pudim governamental. Quanto à UDN, para calar-lhe a boca, terá também de reservar alguma coisa.

Já no sistema presidencialista a coisa é diferente. O sr. João Goulart casa e batiza sem dar confiança à Câmara. E todo mundo sabe

que o presidente da República, que vem de uma escola de conhecidas tradições de autoritarismo, não se conforma em ver a Câmara barrar-lhe as pretensões do absolutismo. Já disse e repito que o defeito não é do regime, mas dos homens. Sob o falso pretexto de realizar reformas de base, o Sr. João Goulart mobiliza a sua máquina de pelegos para exigir “Um gabinete Nacionalista”. Um Gabinete apenas brasileiro não serve. Tem de ser “nacionalista”, como se a solução dos nossos grandes e graves problemas dependesse ou fosse privilégio dos homens de esquerda.

No último Gabinete, formado a seu modo, o atual Presidente mandou e desmandou. Nada lhe foi negado, principalmente pela UDN, que era, na época, mais “janguista” do que qualquer direção: direita, esquerda, centro, meia-esquerda ou outra qualquer posição. Por que não fez o que agora diz que quer fazer, com o tal do Gabinete Nacionalista? A resposta está evidente: por absoluta incapacidade de administrar.

Numa coisa, porém, o Presidente da República deu provas de habilidade extraordinária: nomear. Faz duas semanas que conto nomeações pelo “Diário Oficial” da União, e até agora não cheguei ainda nem à metade. Só o IAPI, em DOIS DIAS, nomeou mais de TRÊS MIL FUNCIONÁRIOS, cada um ganhando mais de 50 contos. E ainda chama pelo jornal (vide “O Povo” de sexta-feira) aqueles que ainda não se apresentaram, apesar de nomeados há mais de um mês, como quem diz: aproveitem enquanto o Braz é tesoureiro.

O último gabinete caiu pela importância, com empregos, quis assegurar o destino do comum, fidelista San Tiago Dantas, mas a Câmara, vendo a reação da opinião pública, devolveu ao sr. João Goulart seu esforçado agente soviético, graças a Deus.

A principal reforma de que necessita, prioritariamente, o povo brasileiro, é a da sinceridade de seus dirigentes, a começar pelo Presidente da República, que prega a reforma agrária, mas diaria-

mente amplia suas propriedades rurais, multiplicando suas fazendas. Basta de demagogia com o povo que já suportou demais. O presidente da República está no dever de escolher um homem à altura para formar o novo Gabinete, um homem que se não misture com os mentirosos e demagogos, mas que enfrente com honestidade e realismo, os graves problemas nacionais. Acabemos com esse tal de nacionalismo, que não passa de mero pretexto para agitações e intranquilidade da Pátria, e nos juntemos apenas aos brasileiros. Um nacionalismo que nomeia, em menos de dois meses, mais de VINTE MIL afilhados políticos; um nacionalismo que transforma o DCT [Departamento de Correios e Telégrafos] no mais autêntico pandemônio desta República; um nacionalismo que sangra os recursos dos trabalhadores através de toda a sorte de favores imorais na Previdência, um nacionalismo dessa natureza, senhores, mata e envergonha uma Nação.

Qualquer regime serve a um país, desde que se assente nas bases da democracia. O que não serve a um país é qualquer presidente ou qualquer gabinete. Se o sr. João Goulart quisesse, de fato, trabalhar pelo povo, o que menos lhe deveria interessar era a posição política dos indivíduos. Em todos os partidos e fora deles temos homens de valor, honestos e capazes de recuperar este país desmantelado. Todavia, quem tem valor, é honesto e capaz, não se presta ao papel de menino de recado do Chefe de Estado. Daí, as atitudes para o sr. João Goulart, do regime parlamentarista.

Omissão e Covardia ⁴⁶

POR THEMÍSTOCLES DE CASTRO E SILVA

[...] Uma notícia, espalhada ontem para todo o país, confirma, em toda a linha, o que tenho sustentado sobre os propósitos do sr. João Goulart, no que tange à formação do novo Gabinete. Diz a notícia que o presidente convidou o senhor Virgílio Távora (ex-ministro da Nomeação, como está conhecido) para figurar no futuro Con-

selho. Ora, de acordo com o Ato Adicional que implantou o parlamentarismo, quem forma o Gabinete é o Primeiro-Ministro e não o Presidente. Logo, o sr. João Goulart não tem autoridade para convidar ninguém. Trata-se assim, de uma intromissão indébita do Presidente nas atribuições constitucionais do Premier.

Apenas de vista conheço o sr. Francisco Brochado da Rocha. Mas já sei que não se compara com seu irmão, o general José Diogo, que foi líder do PTB de Vargas, da Câmara. Talvez seja por influência da doutrina brizolista... Vê-se de saída, que o Premier foi, de fato, tirado do bolso do colete do sr. João Goulart para concordar com tudo o que deseje o Presidente, inclusive passar por cima de sua autoridade. Vemos, assim, um sistema de governo já nascer deformado, com a inversão de suas pedras fundamentais: a figura decorativa, para efeito de simples honrarias, passa a ser o Primeiro-Ministro. Quer dizer: o sr. Brochado será uma segunda via, em papel carbono, do tímido e omissos sr. Tancredo Neves. É uma pena, para não dizer uma lástima.

O sr. João Goulart está com tudo para fazer o que quiser neste país, inclusive entregá-lo à União Soviética, se as Forças Armadas não se mantiverem em posição de vigilância em torno de nossa política exterior. A oposição, que é a principal característica do regime democrático, desapareceu. Deve ter sido porque o presidente é bom demais e as coisas, no país, vão que é uma maravilha!...”

A UDN, outrora com a bandeira oposicionista, hasteia, hoje, no mastro da política brasileira, uma outra muito diferente: a do empreguismo criminoso e desbragado, resolvendo apenas os problemas pessoais de seus correligionários.

Durante o primeiro Gabinete, o comportamento udenista revestiu-se de uma indignidade revoltante com o sr. Hebert Levy enaltecendo aos quatro ventos o governo do sr. João Goulart. Disse “Amém” a todas as imoralidades da administração federal, sem qualquer autoridade para fazer oposição. Vendeu-se pelo prato de

lentilhas do Ministério da Viação, numa política de convivência com a política peleguista, que a comprometeu, irremediavelmente, perante a opinião pública brasileira. A UDN, hoje, não passa de uma partideco como qualquer outro, que troca sua dignidade e sua tradição de luta por meia dúzia de vantagens para seus dirigentes.

Empossando-se sr. João Goulart, antes para ela um perigoso agitador, a coerência e a dignidade políticas eram o único caminho que restava aos udenistas. Mas o que se viu foi exatamente o contrário: a UDN atrelou-se, de fato, ao carro do peleguismo, sujeitando-se inclusive à humilhação de ficar em compasso de espera, como o faz atualmente, espreitando a oportunidade de voltar a desfrutar de posições. Nesse ponto — o da desmoralização de um partido de oposição — o sr. Goulart deve ter-se regozijado consigo mesmo, feliz e de peito lavado. Num homem como Parsifal, porém, é que ele não põe canga. Pode enganar, como já fez, mas nunca encontrará no Governador do Ceará uma espinha dorsal de gelatina que ele manobra na direção que deseja, como o faz com os partidos e os políticos que o cercam.

Para a votação do sr. Brochado da Rocha, a UDN abriu a questão, não se definindo. Poderá haver maior indignidade política numa hora em que não se admite a omissão, tampouco a covardia? Um partido político que não toma posição numa hora de crise como esta, não passa de um aglomerado de oportunistas e aproveitadores, impatriotas e inconscientes. Um partido de covardes, enfim. É uma pena que a União Democrática Nacional, que nasceu sob o impulso de uma grande causa, é um grupelho de pobres homens que não se definem na hora exata em que ninguém pode deixar de definir-se.

De qualquer maneira, acabando com a UDN, o sr. Goulart prestou um grande serviço ao país...

A oposição da UDN ⁴⁷

POR THEMÍSTOCLES DE CASTRO E SILVA

A UDN escolheu, afinal, o caminho certo: ficou na oposição. O que não se podia admitir era que ficasse dos dois lados, governo e oposição, como vinha desde o início do atual governo; ou como no tempo de Vargas, que se recusou a participar do Ministério, quando perdemos a oportunidade de ter o mestre Edgar de Arruda na Educação, mas permitiu que o sr. Cleofas ocupasse a pasta da Agricultura. Um partido que se dava respeito, não age como vinha agindo a UDN, atrepada ao carro governamental de um dos homens que mais combateu desde sua existência. Também, a UDN não pode, assim da noite para o dia, fazer oposição ao sr. João Goulart, por falta de autoridade. Ela só poderá fazer oposição àquele ato que for pior do que, neste Governo, ela chancelou. Não se viu, nestes onze meses de parlamentarismo, qualquer contribuição da UDN à solução aos graves problemas nacionais. Só se preocupou em conseguir empregos para os seus correligionários. Foi ela que, através do Chanceler das relações do Brasil com a União Soviética — procedimento estranhável e censurável, ou mesmo impatriótico, que permitiu o país chegar à situação atual de inquietação e agitação, na iminência de se transformar numa colônia soviética.

Era só o que faltava, senhores, o sr. [José] Ermírio de Moraes no “Gabinete Nacionalista”, para combater a ação dos grupos econômicos. Não há quem possa entender o sr. João Goulart; ou melhor, todos o entendem. Faz política em todos os sentidos: com a ordem e com a desordem, com os comunistas e com os grupos econômicos, enfim, com tudo o que possa render à sua demagogia, para encobrir a notória incapacidade de dar rumo certo a este país. O presidente joga com todas as cartas, em todas as direções, e o povo que se dane, devorado pela inflação que já anda a jato.

É dos mais sinistros o quadro da vida brasileira. De qualquer maneira, o desespero não será a salvação. Ainda temos em quem confiar, nesta hora crítica, dele esperamos uma reação à altura aos impulsos janguistas: o Congresso, que deve enfrentar a realidade da situação, procurando, enquanto é tempo, solução para os problemas que nos asfixiam.

A Assembleia aprovou, ontem, novas mensagens de Parsifal em favor dos servidores do Estado. Com a desastrosa política econômica do Governo Federal, incapaz de medidas para conter a alta do custo de vida, o Governador se vê na obrigação, funcional e humana, de ir em socorro dos funcionários do Estado. Parsifal passará à história como o mais humano dos governadores. Foi uma das principais promessas de seu Governo a de valorização do trabalho humano através de medidas justas e honestas, sem prevenções ou privilégios. NOTA: E o sr. Virgílio Távora sobrou. Quedam-se desamparados, os últimos das filas de nomeações do DCT...

Graças a Deus!!!

Desde a posse do sr. Jânio Quadros que este país está parado. O ex-presidente limitou-se a mandar abrir inquéritos contra tudo e todos, no que estaria certo, se tivesse esperado para meter os ladrões na cadeia. Renunciou na hora exata em que ninguém de bom senso renunciaria. E ele, que mandou abrir dezenas de inquéritos, alegou como um dos motivos de sua carreira um em que o Congresso estaria pensando enquadrá-lo. Mas tudo isso são águas passadas. O que é certo é que o Brasil parou. Chegando o sr. João Goulart, o peleguismo — que quer dizer malandragem — sentou tenda na República. O primeiro Gabinete caiu sem choro nem vela. Ninguém teve saudades dele, a não ser aqueles que estavam enriquecendo. O povo, no duro, não foi objeto de preocupação do pessoal do sr. Tancredo Neves.

Há mais de vinte dias que a Nação parou de vez. Ficou num vai-não-vai até ontem. A inquietação era geral. Os chefes militares, de vez em quando, eram obrigados a vir a público dizer que garantiriam as instituições. Logo depois, novos boatos surgiam. O noticiário da imprensa já não orientava mais ninguém. A incerteza, a apreensão, a intranquilidade dominava todos os setores. Só andava aquilo que tinha de andar mesmo, com Governo ou sem Governo, com Presidente ou sem Presidente. O problema sucessório – uma das principais peças do sistema democrático — também parou. Os políticos não sabiam em que situação iriam acordar no dia seguinte. Cada deputado, cada chefe partidário andava na base do “vamos ver como a coisa fica”. E assim por diante, numa situação que já se tornava insustentável.

Saiu, afinal, o Gabinete. Graças a Deus! A esta altura dos acontecimentos, meus amigos, o povo, para poder viver em paz e cuidar de sua vida, aceitaria até Fidel Castro, ou aquele outro ditador da Rússia, cujo nome, assim em cima da pena, não sei escrever. E sou até capaz de jurar como foi esse o pensamento da Câmara dos Deputados, cujos membros, lá, naturalmente, estavam vendo a coisa pior do que nós, aqui. [...]

O gabinete é fraco demais e um tanto confuso. Até o sr. Ermírio de Moraes, tubarão financiador de Jânio, é “nacionalista”. Mas, de qualquer maneira, tem razão o sr. Brochado: é um Gabinete de Salvação Nacional. No caso, não é no sentido de promover o progresso do País, mas no de evitar a baderna, que já estava nas ruas, e de salvar o regime, que já estava por um fio, com a ostensiva agitação comunista em todos os setores. Esta é que é a verdade.

Não contou nem com o próprio partido ⁴⁸

— *Carta a Jango: um documento triste*

— *Caiu sem choro nem vela — O grupo do leite, também, sobrou*

POR THEMÍSTOCLES DE CASTRO E SILVA

A carta que o sr. Virgílio Távora fez publicar, dizendo que enviou ao sr. João Goulart, é um documento triste, do ponto de vista pessoal, e comprometedor, se visto sob o aspecto partidário. Temos de saída, o seguinte: em toda a UDN, o sr. Virgílio Távora foi o ÚNICO que o sr. João Goulart achou capaz de indentificar-se com ele. E isto, positivamente, dá na vista, considerando-se a posição que a UDN sempre adotou em relação ao atual presidente. E o pior é que ele, pela posição correta que agora adotou, lamentando, em face disso, não poder servir ao sr. João Goulart.

A carta do sr. Virgílio Távora não tinha razão de ser, absolutamente. O sr. João Goulart fez, segundo o documento, apenas uma SUGESTÃO ao Premier para escolha do sr. Virgílio. Não lhe mandou nenhuma carta para receber resposta. A menos que o Presidente não tenha “sugerido” mais ninguém, o que não é possível, pois todos já sabem que o Parlamentarismo do sr. Goulart é ele próprio.

— “Diante da decisão do meu partido, CUJO MÉRITO NÃO DESEJO APRECIAR NO MOMENTO”, — diz o sr. Virgílio Távora na sua carta. Não se precisa nem ser bom entendedor para se chegar à conclusão de que, dizendo aquilo, o sr. Távora ficou com raiva da decisão da UDN. Ficou fuzilando, como se diz.

A carta é puramente pessoal e cheia de lamúrias. Um documento triste. Na última campanha (recortes em meu poder) o sr. Virgílio Távora, aqui no Ceará, só não chamou o sr. Goulart de santo.

Vejam como a vaidade de uma posição transforma um homem! Ao fim de tão pouco tempo, o que se vê, numa carta espontânea ao sr. João Goulart é o sr. Virgílio acusá-lo de “eminente”, “ilustre”, “presidente amigo”, para terminar com uma “consideração e amizade de SEMPRE” (grifo meu).

Verdadeiro fim de muitos senhores!

Como ministro, o sr. Virgílio Távora foi tão fraco e omissos que nem seus bajuladores e afilhados do DCT se sentiram com coragem de organizar um movimento pela sua permanência.

A pasta da Viação representa metade do Governo da República. Se o sr. Virgílio Távora tivesse correspondido, todo o Ceará se levantaria em prol de sua permanência. Nordeste, também não fez nada pela região, cuja força seria total junto ao Governo, pela sua volta ao Ministério. Enfim, só ele lamentou a sua própria saída. E foi exatamente sua criminosa política empreguista que colocou acima de tudo, NOMEANDO EM DEZ MESES MAIS DO QUE TODOS OS MINISTROS DESDE A FUNDAÇÃO DO MINISTÉRIO — a causa de sua queda, sem choro nem vela. Não contou nem com seu próprio partido. Pelo contrário, sabendo que era ele, Virgílio, “o homem do Jango”, o partido não teve outra saída, a não ser afastar-se do Governo. Se fosse outro candidato a ministro — um Maurício Jopert, por exemplo — a UDN estaria hoje, mais uma vez, na cozinha do Palácio do Planalto.

Só uma pessoa neste país, exaltou, de público, a passagem do sr. Virgílio Távora pelo Ministério da Viação: o sr. Tancredo Neves, que conseguiu a nomeação de MAIS DE MIL afilhados para o DCT de Minas Gerais. E isso diz tudo.

Como cearense sou adversário, embora lamento o que aconteceu com o sr. Virgílio Távora, por culpa dele próprio. Lembro-me como se fosse hoje: Parsifal saiu do Ministério nos braços do povo. Todo o país aplaudiu sua conduta, equilibrada e serena, honesta e dinâmica, a começar pela Igreja através do cardeal D. Jaime de Barros Câmara, cujo telegrama ainda tenho em meu poder. Saiu e o povo cearense o consagrou espetacularmente (como o fará, aqui prá nós, mais uma vez, em 1966), elegendo-se governador do Estado. O sr.

Virgílio Távora, zangado, também quis ser ministro. O candidato eleito com a ajuda de seu Partido, o Jânio, não quis saber dele. Agarrou-se, em setembro do ano passado, à tábua janguista, embora tenha sido contrário à posse do vice. A guinada que deu foi de 180 graus. E aí está o resultado. Se não contar com a comiseração de alguns deputados estaduais, não voltará nem para a Câmara!

Teve tudo nas mãos para ser um bom ministro. Podia ter sido o dono de tudo. O novo cais do Mucuripe não recebeu de sua administração um parafuso sequer. O DNOCS, conforme declarações do coronel Colares, não recebe suas verbas há não sei quantos meses. Não fez nada, enfim. Quase desloca o Ministério para o Palhano, a fim de fazer raiva a Parsifal. Até o “Viscount” presidencial aqui chegou, com uma caravana política para prestigiar o desatinado prefeito sobralense, que hoje chora copiosamente a queda do chefe querido...

Numa coisa apenas ele foi o maior: empreguismo. Entre parênteses, ainda não acabei de contar as nomeações do DO [Diário Oficial]. Estou em abril, já com mais de seis mil só no DCT.

Também já ia me esquecendo de outro fato auspicioso: o “grupo do leite” também entrou no cano. O Dr. Jucá sobrou.

16 anos de preguiça a serviço do Ceará!⁴⁹

Não se conhece nenhuma lei, nada, enfim, de iniciativa do sr. Adahil em favor do Ceará — Como candidato a Governador, seu programa é sair deputado...

POR THEMÍSTOCLES DE CASTRO E SILVA

Era e é meu propósito, nesta fase pré-eleitoral, cuidar apenas da minha candidatura à Assembleia Legislativa, para onde espero voltar com um mandato meu e não por força da licença dos outros. No Rádio e na TV, disse isso várias vezes. Acontece que sinto que estou

sendo provocado a entrar na luta. Aceito-a, se insistirem, e dentro daquele meu conhecido sistema de não fazer nada pela metade. De uma coisa, porém, fiquem certos: nesta, como na campanha passada, não tenho nada a perder. O sr. Adahil Barreto sabe disso.

Repito que estou onde sempre estive: ao lado de Parsifal, na defesa de um princípio. O Ceará poderia esperar tudo de mim, nunca, porém, abandonar um velho e querido amigo, no momento exato em que um grupo de politiquieiros sem escrúpulos e sem votos tentava esmagá-lo através de um acordo espúrio, imoral e indecente, onde se renunciava a todo e qualquer princípio de dignidade. Não, senhores, eu não podia e nem devia deixar Parsifal entregue às piranhas, aos aventureiros, pelo simples fato de ser, como ele, adversário do sr. Virgílio Távora. No esquema que se formou do lado de cá, o nome do candidato para mim é coisa secundária. O escolhido foi o sr. Virgílio Távora, como poderia ter sido qualquer outro. O importante para nós, o fundamental, o que está acima de tudo, é o princípio que a união PSD-UDN-PTN encerra, que é o de livrar o Ceará de uma récuca de aventureiros que pretendeu, um dia, saquear esta terra para entregá-la, depois, a Fidel Castro, seu adversário. É comum uma trégua em toda e qualquer batalha. O destino, porém, incumbiu-se de nos dar essa trégua, colocando-nos sob o mesmo teto e a serviço da mesma causa. Entre defender uma causa impessoal e um princípio e ficar com os que queriam enterrar Parsifal, preferi o primeiro caminho. E estou disposto, se for o caso, a suportar toda e qualquer consequência dessa minha atitude. Não pensei muito para tomar a posição que assumi, exatamente porque o homem que é homem e que, por isso, não pode nem deve omitir-se, principalmente quando está em jogo o destino de sua terra, não tem o direito de pensar sobre se fica ou não com seus amigos.

Projeitei-me na vida pública de minha terra em função de minha amizade e de minha lealdade a Parsifal. A abandoná-lo na hora

difícil, prefiro arrumar as malas, renunciar à vida pública e cuidar de minha modesta banca de repórter. Conduzi-me, em todo o desenrolar dos acontecimentos políticos da última semana, de acordo com minha consciência, que coloco acima de tudo. O Partido e o homem que combati — de frente e também com lealdade — já não pensam o que pensavam de Parsifal. E isto me conforta. Formando com o Governador, que já começa a ser compreendido quanto aos seus propósitos de limpar o Ceará da marretagem política, a UDN deu uma demonstração de dignidade. Idêntica àquela em que decidiu não mais misturar-se com os vagabundos do sr. João Goulart.

DÁRIO MACEDO, ANALISTA POLÍTICO

Um dos jornalistas mais influentes nesta fase do jornal *O Estado* foi Dário Macedo. Em 1961, acumulava a função de colunista e de repórter de política com a de diretor do Departamento de Educação do Centro Estudantil Cearense.

Dário Macedo nasceu no dia 17 de setembro de 1940, em Ubajara, Ceará. Jornalista, foi chefe da Casa Civil do governador Plácido Castelo. Mudou-se para Brasília em 1976, onde continuou atuando na imprensa, tendo sido, também, assessor de Comunicação da Empresa Brasileira de Transporte Urbano. Em 1985, lançou o livro *Do alto da torre* que fala dos bastidores da política, a partir de Brasília. “Se há ficção, corre por conta dos personagens. Nunca pelo autor”, alerta Flamarion Mossi, em texto de apresentação.

No livro, temos casos memoráveis, narrados com estilo direto e muito bom humor:

Um conhecido ministro — cujo forte não é exatamente a sua intimidade com a gramática — chamou sua competente secretária e perguntou:

— Como se escreve hospício? É com “h”? Diante da resposta afirmativa, ordenou:

— Então, escreva aí: sob os hospícios do meu Ministério...

Dário foi um dos pioneiros do colunismo político no Ceará, na sua coluna no jornal *O Estado*, nos anos 1950 e início dos 1960. Foi o sucessor, em termos de coluna política, do jornalista Durval Aires, que assinava a coluna *Preto no Branco*, publicada na primeira página do jornal. Posteriormente, Dário teve em Rangel Cavalcante, contemporâneo e sucessor no colunismo e na reportagem política nas páginas d'*O Estado*, uma amizade que começa em Fortaleza, no Ceará, na redação do jornal e os persegue até Brasília, para onde migram.

Trabalhou em *O Estado de São Paulo*, *Correio Brasiliense* e *Jornal de Brasília*. Além do livro *Do alto da torre*, Dário Macedo publicou *Mocidade e civismo*, 1966, e *Política nem sempre*, 1983.

Morreu em 1º de dezembro de 1991, em Brasília.

Sobre ele, Sebastião Nery tem uma história saborosa:

Castelo Branco, presidente, vai a Fortaleza. No aeroporto, o governador Plácido Castelo e todo o secretariado. O governador vai apresentando um a um, chega a seu chefe da Casa Civil.

— Dário Macedo, chefe da Casa Civil.

Castelo olha Dário devagar:

— Quantos anos você tem?

— 21, presidente.

— Muito jovem para a função. Qual a sua profissão?

— Jornalista.

— Muito jovem, muito jovem.

— E genro, presidente.

Castelo deu uma gargalhada.⁵⁰

Dário era casado com Antonina, filha de Plácido Aderaldo Castelo, governador do Ceará no período de 1966 a 1971. Muitos anos antes, em 1936, Plácido Castelo fora redator-chefe do jornal *O Estado*, em sua primeira fase.

Enquanto o Brasil vivia seu drama decorrente do gesto de Jânio Quadros — e ele só viria a se agravar nos anos seguintes —, da Europa, o repórter Milton Pinheiro enviava o despacho que ganhou primeira página, *Berlim, a cidade murada*, sobre a bizarra decisão da política de separar a cidade ao meio. No subtítulo, algo que se assemelha mais ao que os publicitários chamam de *teaser*, uma sucessão de frases chamativas:

O PUNGENTE DRAMA DA POPULAÇÃO DA CAPITAL
ALEMÃ — FAMÍLIAS DIVIDIDAS CHORAM NA LINHA
FRONTEIRIÇA À SEPARAÇÃO — O FANTASMA DA
GUERRA

Na ACI, a senhorita Regina Lúcia Sampaio Meyer recebeu a última homenagem dos jornalistas. Ela renunciou ao trono de rainha da Imprensa — para se casar — e ganhou como homenagem a aposição de seu retrato no salão de reuniões da Casa do Jornalista.⁵¹ E a rádio Iracema estreia o programa *Esportes no ar — 61*, uma nova atração “de linha independente e imparcial, o noticioso esportivo da emissora do edifício Guarany conseguiu para si uma enorme legião de fãs que não cansam de aplaudi-lo”.

À frente do novo departamento estava o jovem Alan Neto que “apesar de muito moço, contando apenas 20 anos de idade, conseguiu em pouco tempo, graças a seu trabalho dinâmico e esforçado, apresentar o melhor programa de esportes do rádio cearense”.⁵²

A boate Alabama, o grande ponto de encontro e de diversão da cidade, se associou às comemorações do dia da Imprensa, 10 de setembro, e na noite da quinta-feira, 21, seu proprietário Francisco Pompeu Braga ofereceu um jantar à diretoria recém-eleita da Associação Cearense de Imprensa. Em nome da diretoria, agradeceu a homenagem o jornalista João Coelho Cordeiro que destacou a qualidade do cardápio servido — “causou a melhor impressão possível” — bem como o ambiente alegre daquela casa que é, com razão, chamada de o “recanto

agradável dentro da noite”. Naquela mesma noite, Perboyre e Silva, que teve seu nome indicado por Themístocles de Castro e Silva, foi eleito presidente do Conselho Superior da Associação Cearense de Imprensa.

Antonio Frota Neto, em sua seção *O estado das coisas* informava e mostrava o tom apimentado com que um vespertino jornal, em sua seção política, teceu louvores “ao labor cotidiano do jornalista Themístocles de Castro e chega mesmo a dizer que o secretário do Governo terá facilitado o seu ingresso no Legislativo estadual em virtude da elasticidade de seu campo de ação. É bom recordar que Themístocles de Castro negou-se a assumir — pois era suplente —, a cadeira vaga na Assembleia, dando demonstração do espírito cívico que o anima nas soluções, face aos problemas do Ceará”.⁵³

A coluna de Frota Neto continha, invariavelmente, todos os dias, quatro tópicos comentados em sequência: No Mundo; No Brasil; No Ceará; Em Fortaleza.

ANTONIO FROTA NETO

Ele pertence a uma geração de talentosos jornalistas, em uma época em que as várias gerações de jornalistas parecem usar a redação apenas para lapidar uma vocação forjada no útero materno, vinda do berço. Porque a maioria deles já nasce andando. E tantos foram fundidos, como o chumbo da linotipo, nas redações do jornal *O Estado*, *Gazeta de Notícias*, *O Povo*, *Tribuna do Ceará*, *O Jornal*, *Correio do Ceará*, *Unitário*.

Antonio Frota Neto, nascido a 2 de dezembro de 1942, em Ipueiras, sertão do Ceará, começa no jornalismo para valer quando Fernando César Mesquita, que dirigia o Departamento de Jornalismo da Rádio Iracema de Fortaleza — na praça José de Alencar — o levou para aquela emissora que ficava quase vizinha à sede de então do jornal *O Estado*, na rua 24 de maio. Isso foi em 1961.

Da sua geração, Frota Neto deu uma grande contribuição ao publicar minuciosos relatos biográficos no livro *Quase... Proto-história*

de um jornalista — Retratos de uma época, lançado no ano 2000, pela ABC Editora, de Fortaleza.

Frota Neto entrou no jornalismo “nem de um salto, nem de supetão” como conta em entrevista.⁵⁴ Ele foi repórter do jornal *O Estado*, em Fortaleza de 1962 a 1963. Ele fala sobre o seus primeiros dias:

Acho que houve uma sedimentação de “fatores” que ajudaram nesse encaminhamento de começo no jornalismo. Desde o “ginásio” (1957/58) — ao participar de “jornais” durante os movimentos estudantis. “Naquele tempo”, Fortaleza tinha uma estudantada basicamente de até secundaristas. Eram poucos os cursos superiores e muito poucos os estudantes dos cursos superiores. Quando já no “colegial”, no Liceu do Ceará, nós tínhamos um “jornal mimeografado”. Como estudante vindo do interior do Ceará, consegui ser “correspondente” (algumas vezes) dos jornais *O Jornal*, dos irmãos Bonaparte, e do *Diário do Povo*, de Jäder de Carvalho. Tinha um amigo-vizinho na rua Gonçalves Ledo, em Fortaleza, o Marcelo Mota, que era secretário da Associação Cearense de Imprensa — ACI. Vivíamos em Fortaleza uma fase do “clubismo” no meio estudantil secundarista. Foi um movimento incentivado pelo Inspetor da Seccional — representação do Ministério da Educação — Lauro de Oliveira Lima. O Carlos Alenquer — hoje mora em Belo Horizonte — conseguiu com o jornalista Themístocles de Castro e Silva (TCS) que o “Clube dos Escritores de Amanhã — CEA” tivesse uma página semanal no jornal *O Estado*. Foi na página do CEA que publiquei “reportagens/artigos” sobre a Educação em Cuba, quando, numa caravana de brasileiros entre os quais cearenses, e entre os cearenses, jornalistas como Inácio de Almeida, Rangel Cavalcante, Fernando César Mesquita.

[...] Fiz oito matérias no CEA — sempre sobre e exclusivamente o tema de educação e ensino, tal como tinha visto em Cuba. Esquematizei. E elas foram publicadas, de junho de 1961 a fevereiro de 1962, apresentando o que eu achava ser a realidade da vida na Ilha.

— Reforma do ensino para superar carências sócio-econômicas. — O desenvolvimento, o ensino primário. — Preparar o povo para a nação. — O ensino secundário. — As cooperativas escolares. — As brigadas de alfabetização. A cidade-escola Camilo Cienfuegos — ele, o nominativo, o quarto “pilar” da revolução que derrubou Fulgêncio Batista, e um dos heróis que morreu logo após que os vitoriosos na guerrilha se instalaram como governo.

[...] Mas concretamente, em me direcionando para ser um profissional da imprensa, foi no rádio-jornalismo que comecei. Isso aconteceu quando da renúncia do presidente Jânio Quadros. O Fernando César Mesquita me levou para a Rádio Iracema.

A incorporação de Frota Neto à redação do jornal *O Estado* foi uma transição lenta. Quando começou no rádio-jornalismo da Rádio Iracema, já era conhecido n’*O Estado* por escrever no “Clube dos Escritores de Amanhã — CEA”, semanalmente. Antes e depois do seu trabalho — fechava, à noite, a edição da manhã seguinte do jornal falado — na Rádio Iracema, ele se dirigia à vizinha redação de *O Estado*. Fez alguns “plantões” de revisão — principalmente às sextas e sábados. “De repente” estava incorporado à equipe do jornal. Como tantos que se introduziam em jornal naquela época, não tinha carteira de trabalho assinada. Frota não sabe precisar quem o levou para *O Estado*, mas certamente isso passou pelo aprovo de Odalves Lima, primo de Fernando César Mesquita, o diretor da Iracema. A mãe de Odalves era irmã da mãe de Fernando César e também irmã do Perboyre e Silva.⁵⁵ Portanto, os primos Fernando e Odalves são sobrinhos do Perboyre, então presidente da ACI.

Frota Neto diz que sua experiência no jornal foi fascinante:

E olhe que a palavra “fascinante” ainda não traduz tudo sobre o que foi a minha experiência no jornal *O Estado*. O jornalismo encarado como uma atividade intelectual. Como uma ação política. Como participação no mundo. O jornalista tinha acesso às me-

lhores mentes da intelectualidade cearense de então: jornalistas, escritores, professores, artistas, boêmios. Uma fatia instigante da sociedade de uma cidade de uns talvez 300 mil habitantes, sem os estamentos de classe que hoje parecem bem mais definidos, mas de inclusão no todo do mundo. O jornalismo polifórmico, pelo que representando em formação cultural, política, ideológica, e social de cada um, mas que, em sua essência, também uma espécie de sacerdócio, e de acudir reclamos, protestos, reivindicações da sociedade.⁵⁶

Frota Neto é do período — anos 1960 — em que o PSD estava no Governo do Estado do Ceará, em coligação com o PTB, tendo como governador o professor universitário Parsifal Barroso.

— Portanto, *O Estado* era o que hoje a gente poderia chamar de “um jornal do governo”, do mesmo modo que *O Povo*, da família da esposa do dr. Paulo Sarasate (UDN) era um “jornal de oposição”. O jornalista Themístocles de Castro e Silva (TCS), que era membro do governo Parsifal Barroso, e que também era jornalista da equipe dos Diários Associados — *Unitário* e *Correio do Ceará* — fazia a “ponte” entre o Governo do Estado e a redação do jornal *O Estado*. Digamos, era dele que o jornal *O Estado* recebia a orientação a ser seguida nas suas políticas.⁵⁷

Como tantos na época em que não havia especializações nas redações mas, sim, generalistas, Frota Neto, como seus contemporâneos, fazia de um tudo na redação de *O Estado*:

— Queria aprender fazendo. Fiz revisão, fui noticiarista local de cobrir o dia a dia, acudindo-me da “pauta” oral que me era encarregada pelo Assis Tavares, que nós chamávamos de “Professor”, espécie de retribuição não de galardão, que ele nunca cobrou, mas ao como ele costumava chamar cada um de nós da redação de *O Estado* — e os da redação do jornal *O Povo*, onde ele também trabalhava. Mas também “traduzia” os telegramas que se obtinham através do noticiário das emissoras “das rádios do sul”. Aprendia a “pentear” matérias de rele-

ases que chegavam para o jornal, inclusive do USIS.⁵⁸

Frota Neto reconstrói, em sua memória privilegiada e com seu agudo senso de observação e análise, o perfil social de alguns dos seus contemporâneos naquela fase inicial de sua carreira como homem de jornalismo e de letras.

— Os jornalistas do “meu tempo”, de Fortaleza, integram um rico mostruário do meu “imaginário social” da época. Cada um com suas feições e peculiaridades ideológicas, políticas, culturais. Inventemos aqui uma “categorização” para efeito de tentar dimensionar dois universos bem distintos: polêmica intrínseca e polêmica extrínseca.

Na categoria polêmica intrínseca, desenvolvida por Frota Neto, estava indelevemente situado Odalves Lima, protagonista de embates editoriais consigo mesmo, nas edições adversárias:⁵⁹

O Odalves era a “polêmica intrínseca” que se explicitava em seus magistras editoriais versus contra reversus em *O Estado* e em *O Povo* — um seu editorial rebatendo ao outro seu editorial.

O Odalves foi uma legenda que se transformou em lenda, para nós, de sua época, e que com ele convivíamos na redação e no pós-fechamento de cada edição. Pernas cruzadas, engambitando canelas aos pés — não sei como fazia pra essa “pose” —, cigarro aceso pousado ora ao bico, ora depositado no cinzeiro ao lado, numa pequena mesa, a máquina de datilografia Olivetti — a “intimorata”, como se apelidava nas redações —, ele catava as teclas a toda velocidade. Não sei como os dedos conseguiam acompanhar o frasear do pensar dele. Saia tudo direto. Sem emendas. Não era muito loquaz, quando na redação. Ouvia. Ria, cismando no aprovar ou no não aceitar o dito que lhe diziam. Mais de falar no polemizar todas as palhas — qualquer tema que flutuasse na mesa do Íbis, do Café da Imprensa, da Churrascaria do Uchoa. Quando tinha que falar no direto a um dos presentes, vinha lá o chamar de “coleguinha”. Não comentava proeza alguma dos seus embates editoriais consigo mesmo nas edições adversárias, uma da outra, de *O Estado* e de *O*

Povo. Guru sem ritual. Acho que o mais influente e admirado jornalista de nossa época. Contrariando o Nelson Rodrigues contra as “unanimidades”, acho que o Odalves foi uma unanimidade nos nossos círculos jornalísticos.⁶⁰

E Themístocles de Castro e Silva (o TCS), uma pena robusta e cortante, cabe, na didática de Frota Neto, à categoria “polêmica extrínseca”, que se explicitava em seus vibrantes e polêmicos artigos nos jornais *O Estado* e nos jornais dos Diários Associados, e na ação política no Governo do Estado e na Assembleia Legislativa, nos seus mandatos de deputado estadual.

— Mesmo quando no exercício no governo e no legislativo nunca renunciou à toga jornalística da escola de embate e confronto, e destemor. TCS marcou época. E quanto a nós, que nos iniciamos em *O Estado* é destacar e realçar que sem o TCS – que sem sua tolerância e sem sua autorização, não teria havido o Clube dos Escritores de Amanhã — CEA. Tive cada um deles, Odalves e TCS, nos coturnos daqueles “meus tempos”.⁶¹

Curioso é observar que Odalves era comunista de carteirinha e Themístocles bastante conservador, dialogando diariamente na produção do mesmo jornal. Eram dois democratas, rigorosamente.

Odalves militara no jornal *O Democrata*, comprado pelo Partido Comunista do Brasil, no Ceará, em fevereiro de 1946, dos até então diretores Olavo Oliveira e Alfeu Faria de Aboim. Passou a ser dirigido por Stélio Lopes Mendonça, Aníbal Bonavides e Elias Trindade, todos do velho partidão, o PCB. O jornal tem história marcante e por lá passaram, além de tantos outros, Tarcísio Holanda, Durval Aires, Moraes Né, Mário Pontes, Milano Lopes, Luciano Barreira.

— Depois que encerrávamos a edição, noite avançada, a gente ia para onde o Odalves fosse. Da redação de *O Estado*, em alguns passos — o Íbis Bar, Café da Imprensa. Saindo da Praça do Ferreira na última quadra da rua Guilherme Rocha, antes de chegar à Praça José

de Alencar. Ali, quem vinha de *O Povo* fazia base inicial, estação de trânsito para *O Estado*, atendido pelo garçom Raimundo, que depois se tornou o Sammy Davis Jr. no Clube do Advogado. [...] Tinha outros pontos fixos. O bar *Balão Vermelho*. Clientela estilo o bar *Cheers* — “where everybody knows your name” e sabe das preferências e do que se bebe, dos tira-gostos e das pautas, no papear de cada um que ali aporta a cada noite.⁶²

Uma época em que o chefe das oficinas gráficas d’*O Estado*, seu Milton, o tipógrafo Palácio era o chefe, o auxiliar de tipografia Pávio, os revisores Geraldo Costa [irmão de José Raymundo Costa, que foi diretor administrativo do jornal *O Povo*], do Fernando “Barrinha”, do Hélder Cordeiro.

Quando um deles, revisor, tinha “folga informal”, Frota Neto ia fazer bico na revisão. Ele lembra mais:

— Tinha na “gestão” administrativo-financeira o sr. Jerônimo, e como supridor para nossos “vales”, o Daniel Carneiro Job. O Plautus Cunha, filho de Quintino Cunha, colaborava no jornal *O Estado*. Também como colaborador tinha um frade, dos franciscanos que cuidavam da Igreja do Coração de Jesus. Ele escreveu um artigo quando foi lançado o primeiro satélite artificial pelos comunistas [a então União Soviética] — o Sputnik. No artigo, ele dizia que não acreditava no êxito do lançamento porque não tinha visto o Sputnik em órbita (ao que num “exagero de argumentar” na redação, alguém, ao receber o artigo para publicação, o rebateu — sobre o não ter ele também visto Deus).

Em seu livro, *Quase...* certamente um livro de boas memórias, Frota Neto revela sua relação atávica com *O Estado*, ao narrar episódios como esse, onde se detém, em especial, na figura de especial beleza, repórter “foca”, iniciante na profissão:⁶³

O Estado de meu tempo era tanta gente boa que muitos anos depois continuou dando da boa descendência, como a então iniciante — em gíria de jornal, a gente chama “foca” — Sônia Pinheiro, no já então “jornal do Venelouis”, como *O Estado* mais conhecido era

entre os jornalistas. *O Estado* em que esteve Marluce Férrer que deu Rebeca a Venelouis.

Sônia — a vi mocinha ainda, universitária fazendo suas primeiras colunas. 1972.

Ela entrou em *O Estado* quando no primeiro ano do curso de Jornalismo. Assim, em duas fases de surgimento. Inicial com Stela Crisóstomo, com Margarida Giffoni — e com a exceção de Marília Rabelo, que foi para *O Povo* onde já estava a Olga Barros — todas elas outras herdadas para o tablóide que Dário Macedo editava semanalmente na *Tribuna do Ceará*, onde fui encontrar Alencar e Aurileide Veras — ainda que de antes vislumbrada na empresa de recortes do Dário e do Rangel Cavalcante, e que depois com o Evarardo Ramos — o Pirata.

Sônia não seguiu esse mesmo rumo de fluxo. De *O Estado* foi ser base da coordenação de reportagem da coluna de *Walter Gomes*, *O Repórter*, no jornal *Tribuna do Ceará*.

Mas retomando em sua fase inicial em *O Estado* — lembrei uma vez para Sônia dela mesmo, batendo a máquina. Certamente Olivetti — daquelas de testeira verde cana, de escritório. Sentada logo ali numa mesinha pequena, daquelas então típicas de redação, que mal dando para acomodar. Ela datilografando sua participação “no fazer o jornal”.

Quando me via fitando-a demais da conta, mansidão à superfície — e no entanto, zangada, se o querendo a desferir bote — para que eu não reparasse tanto no que a vista fixava e não muito lhe perguntasse do que em nela não sendo da minha conta, ia logo me indagando “Como vai a Ana?...” — Ana, minha irmã bem mais nova que eu, tinha estudado com ela, Sônia, no pré-universitário.

Era assim que ela era.⁶⁴

Sobre sua fase no jornal *O Estado*, Fernando César Mesquita afirma que “aquele matutino, além de uma escola de jornalismo onde aperfeiçoei conhecimentos sobre a profissão, me deu a opor-

tunidade de conviver com profissionais competentes, sérios, amigos e divertidos.”⁶⁵

E complementa:

Homenageio aqui, nesta memória, todos os inúmeros colegas que compunham a redação e a administração, nas figuras saudosas de Odalves Lima e Daniel Carneiro Job, porque foram tantos os profissionais brilhantes que gastaram as teclas das velhas máquinas de escrever no afã de informar bem e respeitar os horários de encerramento da edição diária. O incomparável Odalves, então, foi um dos maiores jornalistas que o Ceará conheceu.⁶⁶

DÁRIO ERA LEITURA OBRIGATÓRIA

A coluna *Passarela*, de Dário Macedo, publicada diariamente de cima a baixo, no lado externo da página 3, era leitura diária obrigatória da cidade, principalmente junto aos polos de poder. Dário é um legítimo sucedâneo do estilo de análise política fundado por Durval Aires na primeira página d’*O Estado*, a coluna *Preto no Branco*, que se iniciava sempre com uma análise da conjuntura local e continuava em notas de primeira mão condimentadas com eventual fina ironia ou, até mesmo, com reticências. Havia, claro, um alinhamento ortodoxo com as bandeiras políticas e partidárias do jornal, como neste texto de Dário Macedo, *Os azares da UDN*.⁶⁷

Ironiza Dário:

A UDN nasceu no Brasil para sofrer. Esta sina, que o destino persegue renitente, tem dado muito o que falar, mas até hoje não se consegue dar uma explicação verdadeira sobre a pouca sorte do partido dos lenços brancos. Possuidora, como é verdade, de um bom time de figuras exponenciais em seus quadros, homens dotados de capacidade, dignos, honrados, enfim, nem por isso o sucesso lhe sorriu ainda duradouramente.

De um poder tremendo de perseverança, não se dobrando aos reveses que há sofrido, a União Democrática Nacional, pelo que nos parece, não liga muito para os seus azares e prefere viver sempre no sofrimento, prefere viver sempre sofrendo dissabores a tomar uma posição que terminaria, uma vez por todas, com essa cruel situação, qual seja a de desaparecer simplesmente do mapa: será a sigla UDN que dá tanto azar? Não queremos afirmar com toda segurança. Alguns de seus membros, entretanto, advogam este ponto de vista e, recentemente, como todos estão lembrados, um deputado federal, desesperado, sugeria à direção nacional do partido mudar o nome da UDN para Partido Republicano Socialista. A ideia não vingou, como se sabe.

A verdade, a dura verdade, é que a UDN, assim nos parece com uma mulher de malandro: só vive na peia. Vejam seus azares, agora, manifestados através da renúncia do sr. Jânio Quadros. A agremiação dos lenços brancos, ao longo de sua vida, nunca conseguiu uma vitória eleitoral. Com o brigadeiro sofrera dois terríveis reveses. Com Juarez, um outro e mais feio ainda. Jânio, o então irrequieto governador de São Paulo, se lhe apresentava como tábua de salvação. Só com ele conseguiria chegar ao poder, só com ele poderia desfrutar do empreguismo e das bonanças que só o poder oferece. Assim foi feito. Rejeitava levar às urnas o nome ilustre de Juracy Magalhães, seu velho e respeitado líder.

Para Carlos Lacerda reservara o pior adjetivo, traidor. Dário Macedo dedica ao polêmico político da Guanabara, um texto ácido, *Lacerda, teu destino é trair*. Ele relata que,

naquele transe doloroso da vida nacional, em 1961, em decorrência da renúncia de Jânio, Lacerda manifestava-se de corpo inteiro, revelando-se, em toda a plenitude, como o pior dos homens públicos — acabava a representação do não patriota, coroando uma vida de traições. Traiu todos aqueles que lhe ajudaram. Esses, sofreram as

mais incríveis demonstrações de deslealdade, de covardia. Samuel Wainer, uma de suas vítimas, foi quem ajudou Lacerda quando este vivia maus momentos. Do mesmo modo os antigos companheiros comunistas de Lacerda foram por ele denunciados e, por sua covardia, foram levados ao cárcere.

A história desse homem é um rosário de traições, verberava a pena indignada de Dário Macedo.

ROBERTO MARTINS RODRIGUES

As grandes bandeiras do jornal *O Estado*, nesta fase, coincidiam, por motivos óbvios, com PTB de Parsifal Barroso, como atesta Roberto Martins Rodrigues.

— Eu tinha simpatia pelo PTB. Na verdade, nunca fui filiado ao PSD, que era o partido do meu pai. Eu não aceitava certas coisas do partido. O papai já tinha deixado a política e me senti mais à vontade para aceitar compor a diretoria do jornal sob Parsifal. Eu tinha uma queda para esse negócio de jornal. Não estou dizendo que eu tenha sido, ou seja, jornalista, na acepção da palavra, mas a gente fez na rua Senador Pompeu um ótimo jornal.⁶⁸

Roberto era fascinado pelas oficinas do jornal, tomadas por caixas de tipos móveis, clichês e uma fundidora da Linotype.

— Tinha umas amizades com o pessoal que trabalhava na “cozinha do jornal”, os trabalhadores gráficos, tanto que as minhas maiores amizades não foram na advocacia. Mas claro que tenho vários amigos advogados, afinal, fui presidente da OAB-Ceará três vezes e professor por muitos anos. Passei por várias gerações.

Em 1944, José Martins ainda morava em Fortaleza. Ele queria que os filhos ficassem longe das influências muito sectárias, partidárias e para isso promoveu a transferência de Roberto Martins Rodrigues para o Rio. Era tanta a urgência que, no Rio de Janeiro, Roberto foi

morar com uma família muito pobre, na casa de um médico que foi diretor — cargo equivalente a secretário — da Saúde Pública do Ceará no governo Menezes Pimentel. O médico sanitarista Virgílio de Uzeda — do Departamento Nacional de Saúde (RJ) cedido ao interventor Menezes Pimentel — que acabou sendo expulso da cidade, ameaçado pelos donos de vacarias que colocavam água no leite. Uzeda⁶⁹ tentou inibir tal procedimento e acabou ameaçado em sua integridade e de sua esposa. Instalado na Rua do Bispo, 184, na modesta residência do médico Uzeda, passou a estudar no Instituto La-Fayette, onde conheceu o grande educador, La-Fayette Côrtes. Era um colégio inovador; às quartas-feiras não havia aula curricular, era um dia de extensão cultural. Roberto lembra que o presidente Getúlio Vargas foi lá várias vezes palestrar com os alunos. Ali ele recebeu instrução pré-militar, que fazia parte do currículo obrigatório, e teve contato com armas do Exército como o Fuzil Blazer. Anos mais tarde reconhecia que o La-Fayette foi o grande colégio responsável por sua formação.

— O professor La-Fayette, todos os dias ele estava lá, ele tinha o departamento masculino, pois era misto só no curso clássico ou colegial. Já o feminino era no Alto da Boa Vista. Um grande colégio, a mensalidade custava quatro cruzeiros. Ele dava umas bolsas também para os alunos que tirassem determinadas notas. Foi uma época muito boa na minha vida, porque o Rio de Janeiro era uma cidade maravilhosa, muito cinema bom, era uma época em que os americanos produziam grandes filmes.

No Rio de Janeiro, de 1948 a 1952, Roberto estudou na Faculdade Nacional de Direito, uma escola pública de grande conceito, na Rua Moncorvo Filho, 08, perto da Central do Brasil. Do outro lado da rua, um boteco era extensão da sala de aula.

— Cansei de sentar ao lado, para tomar cachaça, do San Tiago Dantas, Hahnemann Guimarães (Ministro do Supremo Tribunal), Evaristo de Moraes Filho (professor de Direito do Trabalho), Hermes Lima (também Ministro do Supremo Tribunal), todos professores. Apesar

da importância dos nomes, eram pessoas muito simples, sentavam com a gente, faziam parte das comemorações dos alunos. O *Caco* foi um grande centro acadêmico de esquerda, eu até compus a diretoria da revista dos alunos, que era melhor do que a dos professores.

Outro momento importante na formação de Roberto foi no Colégio Lourenço Filho, dirigido por Paulo Sarasate, onde estudou por três anos antes de ir para o Rio de Janeiro. O professor Filgueiras Lima cuidava da parte mais poética, romântica do Colégio. O nome forte, assegura Roberto, foi mesmo Paulo Sarasate.

— Sarasate foi um grande educador. Ele deu ao Lourenço Filho uma característica diferenciada da escola da época. Ainda hoje seria vanguarda. Na questão da educação, ele não tinha ideologia. Ali tínhamos um colégio muito interessante no ponto de vista de atrações culturais, dos debates, das atividades extracurriculares. A gente sabia a posição dele, era mais de direita, mas ele não transmitia essa posição para os alunos, estimulava tudo, a atividade cultural e política. Nós, alunos, criamos aqui no Lourenço Filho o Centro de Desenvolvimento Cultural que já promovia pequenas peças de teatro, que apresentava programas na Ceará Rádio Clube. Na parte esportiva, a quadra de esportes tinha uma intensa programação.

O programa pedagógico do Lourenço Filho era compatível com o do La-Fayette a ponto de o aluno não sentir diferença. No quarto ginásial o aluno falava duas línguas: francês e inglês. No terceiro ano clássico era espanhol. Estudava até mesmo grego e latim. Um grande ministro da Educação, Gustavo Capanema, e a influência de Anísio Teixeira são responsáveis por um currículo de excelente qualidade nas escolas.

Os Martins Rodrigues eram muito amigos de Sarasate e de sua esposa, dona Albaniza. Roberto confessa, com espontaneidade, referindo-se a situações importantes que incluem Sarasate:

— Sou muito grato ao que ele foi na minha vida...

Apesar de Sarasate ser da UDN, e José Martins Rodrigues ser do

PSD, as duas famílias se frequentavam e viajavam sempre juntas.

— Éramos muito amigos. A dona Albaniza era uma personalidade muito forte e imprimia, com sua presença, uma orientação precisa. É uma mulher muito mais importante do que se pensa. Graças a Deus. Acho que é um pouco também da herança da mãe dela, que era uma mulher também muito forte, a dona Creuza, que foi esposa do João Dummar, sua grande inspiradora, eu acho. A dona Albaniza era muito amiga da minha mãe, Zilda Martins Rodrigues. Eles todos, os dois casais viajavam juntos. Todo mundo se espantava, porque o Sarasate era udenista doente e meu pai era PSD doente. Mas eles se davam muito bem, tanto que eu e meus irmãos todos fomos estudar no colégio do Sarasate.

Em 1955, depois de sua temporada de estudos no Rio de Janeiro, Roberto voltou para o Ceará.

— Eu voltei para o Ceará em 1955. Quando eu fui para o Rio foi com raiva, porque eu tinha uma namorada aqui e não queria deixar — era minha primeira namorada.

A personalidade marcante de Albaniza Sarasate ganhou ainda mais relêvo com a morte do seu marido, Paulo Sarasate.

— Descobri que o que me restava era o jornal, os amigos e a família. Só a morte afasta os meus amigos de mim. [...] Como não tivemos filhos, vivemos sempre um para o outro.⁷⁰

A filha de Demócrito Rocha e de Creusa do Carmo Rocha assumiu com firmeza o comando do jornal *O Povo* tendo dois executivos da confiança de Sarasate à frente, José Raymundo Costa e J. C. Alencar Araraípe. Demócrito Rocha Dummar, filho de sua única irmã, Lúcia Dummar, foi potencializado como gestor emergente nesta nova fase.

— Disse uma meia verdade quando falei que não tive filhos. Considero e amo o Demócrito como meu filho e seus filhos como meus netos.⁷¹

8. O JORNAL FAZ 25 ANOS

No editorial, a premonição dos tempos sombrios

No domingo, 24 de setembro de 1961, o jornal *O Estado* circulou com alentada edição. Comemora-se os 25 anos de fundação do matutino e os motivos para comemorar são muitos, principalmente porque nos últimos anos e, em especial nesse, as coisas não foram fáceis. O Brasil vivia enorme combustão política com impacto negativo na economia regional. O editorial de primeira página celebrava *Cinco lustros de existência*. Mas tinha, pesadamente, o dom da premonição quando apontava, com segurança, para os difíceis anos que estavam por vir.

O Estado completa hoje 25 anos de existência. Este é, portanto, o dia de seu jubileu de prata. Se chegaremos a ouro não é questão que se discuta neste momento, em que tudo no Brasil vacila, em que a instabilidade afeta gravemente os homens e as instituições. Diga-se, porém, que este jornal já venceu tantas tormentas que não é impossível que continue varando os anos, os difíceis anos que estão por vir.

Importa mais, neste momento, balancear o que foi feito para saber se esta longa existência tem sido útil, ou se não faríamos falta à ordem das coisas. Há quem diga que há jornais sobrando neste

País. Dizemos nós que há de menos, exceto se considerarmos a amarga realidade (e nós sabemos o quanto é amarga) de termos de importar papel. Para o homem, na fase superior do estado selvagem, tanto fazia que existissem um milhão de cavernas à sua volta: eles as iam enchendo todas de imagens e de mensagens. E era pouco para a tarefa de intercomunicação desses nossos remotos antepassados. [...] Devemos ir fazendo tantos jornais quantos forem possíveis.

[...] de Martins Rodrigues a Themístocles medeia um quarto de século. Cinco lustros de peripécias mil, de escola, de combate, de alegrias e tristezas. O suficiente, em trabalho realizado, para ilustrar um homem ou um jornal. E a constante desse trabalho tem sido a combatividade, porque este é e foi sempre um jornal de ideias e as ideias tem isto de particular: precisam ser defendidas com unhas e dentes para que não morram. As contraditórias fases da existência de *O Estado* provam exatamente a presença das ideias, o que nos dá vantagem de não ser uma instituição jornalística estática.

[...] Continuaremos a andar para diante, aplaudidos ou mal-sinados, mas sempre para diante, cumprindo a árdua missão de informar e orientar. E só queremos em troca de todo nosso esforço cotidiano o apreço dos homens de bem de nossa terra. Será recompensa bastante.¹

A homenagem, o reconhecimento ao fundador atravessava todas as fases do jornal. Agora, em primeira página, a nota recorrente destacada por título em letras vistosas e foto ao estilo retrato, que os franceses chamam de *portrait*, entoava a ovação:

Deputado Martins Rodrigues, fundador, primeiro diretor de *O Estado*. Foi sob sua inspiração que veio a lume, há 25 anos, o querido matutino que hoje vê transcorrer mais um ano de sua fundação. Espírito empreendedor, homem culto, de larga visão política, o então secretário de Interior e Justiça do governo Menezes Pimentel

soube compreender, em toda sua extensão, o alto significado da organização de um jornal, como veículo das aspirações de liberdade, justiça e democracia. À frente do jornal, mantendo uma coluna que se tornou famosa no jornalismo cearense — *Crônica Hebdomadária*, de Rodrigo de Almeida —, deu nova orientação ao periodismo local. Neste ligeiro registro, queremos prestar nossa homenagem ao nosso primeiro comandante.

Mesmo aqui e ali sendo objeto de alguma refrega do jornal, o prefeito da cidade, general Manoel Cordeiro Neto, não se furta em externar seu regozijo público por mais um aniversário do matutino, invocando principalmente as suas lutas passadas em defesa do que chama “supremos interesses do povo e da coletividade cearense”.

— Sinto-me satisfeito em parabenizar a direção desse matutino pela passagem de tão grata efeméride —, comemora Cordeiro Neto. Ele diz-se estar certo de que *O Estado*, com mais intensidade e destemor, saberá colocar-se em defesa das reivindicações populares em favor da grandeza do nosso estado, justificando plenamente o seu *slogan*: Combate, Defende, Constrói.²

De modo não de todo comum, o jornal estampou em primeira página uma nota de agradecimento ao comércio local pelo suporte publicitário à edição de aniversário, como de resto, à própria sustentação no cotidiano do jornal. Isso, de certo modo, mostrava o crescimento da organização comercial, com investimentos em publicidade e, de outro lado, a profissionalização do jornal. A edição de aniversário não era somente um fato histórico, mas também uma oportunidade legítima de animação comercial nas páginas do jornal, daí, como lembra a nota de agradecimento à massuda edição.

Na primeira página, um aviso:

Para festejar o nosso 25º aniversário de fundação, estamos entregando ao povo, hoje, uma edição alentada, na qual os leitores encontrarão uma grande massa de matérias editoriais, além de grande

número de anúncios do comércio de Fortaleza. A afluência dessa publicidade é motivo para que nos sintamos profundamente agradecidos ao comércio, cuja invariável disposição de ajudar a imprensa sobrepõe-se às suas próprias dificuldades. Ao fazermos este agradecimento pelo apoio dado à nossa edição de aniversário, reafirmamos que é da colaboração do comércio que dependemos para subsistir, da mesma forma que os demais órgãos da imprensa, pois não possuímos qualquer outra fonte de renda senão a publicidade.

A DIREÇÃO

No seu artigo *Um quarto de século*, Carlyle Martins filosofa sobre o papel da imprensa naqueles atribulados tempos, afinal, estávamos em 1961. Escreve ele:

Nos dias que correm, de incertezas e apreensões, em que múltiplos são os problemas que preocupam o espírito do homem, importante e difícil é, sem dúvida, o papel da imprensa, por lhe caber larga parcela de responsabilidade nos destinos sociais.

Em todas as épocas, ainda que as mais sombrias e trepidantes, tem sido ela alavanca impulsionadora do progresso, assim como elemento orientador dos que se debatem no mundo das ideias e no torvelinho das competições.

Outrora, a missão do jornalista nem sempre era compreendida, tanto que alguns deles, como aconteceu no Ceará, foram injustamente sacrificados, verificando-se que redações tivessem as suas oficinas destruídas com empastelamento das caixas tipográficas, quando não havia ainda as linotipos.

É com desusada alegria que se festeja o aniversário de um jornal, tanto mais quando esse aniversário assinala um marco de vitória, como ocorre com *O Estado*, que completa, na data de hoje, cinco lustros de existência.

Fundado a 24 de setembro de 1936, no início da administração governamental do dr. Francisco de Menezes Pimentel, tem ele se

conduzido, através de tão longo interregno, como valente timoneiro da opinião pública e poderoso baluarte das nossas reivindicações políticas e econômicas.

Personalidades ilustres, tais como Stênio Gomes, Raul Barbosa, Walter de Sá Cavalcante, Fran Martins e outros já o orientaram, achando-se ele hoje dirigido por esse corajoso homem de imprensa que é Themístocles de Castro e Silva, e redatoriado pelo espírito arguto inteligente de Odalves Lima, um dos bons periodistas do Ceará.

Festejando, na data de hoje, um quarto de século, *O Estado* acha-se em festa, festa comunicativa e envolvente, a que, como colaborador desde a sua fundação, me associo, jubilosamente. E possuído desse júbilo, que me invade a alma e domina o próprio coração, congratulando-me com todos que fazem tão apreciado e valoroso órgão da Imprensa conterrânea que combate, defende e constrói, desde os seus probidosos e ilustres diretores aos seus mais humildes operários.³

9. 1964, UM ANO MUITO ESTRANHO

O jornal cobra ação social do governo Castelo

Uma oficina de democracia. É assim que Carlyle Martins celebra, em 1964, o 28º aniversário do jornal *O Estado*, em sua apreciada crônica. Escritor de renome, Carlyle Martins, bacharel em Direito, jornalista e membro da Academia Cearense de Letras, é um dos mais regulares e longevos cronistas do jornal, passando por várias gestões e diretorias, vem desde a fundação de 1936.¹

Sob o título *A grande data*, Carlyle destaca o fato de o jornal *O Estado* estar circulando há 28 anos “sem hiatos ou interrupções”, o que, 80 anos depois, em 2016, continua sendo uma realidade histórica, e isto não é pouco.

Escreve Carlyle:

Para os que trabalham nesta casa, que representa acima de tudo uma oficina de democracia, a data de hoje é das mais gratas e significativas porquanto assinala o transcurso do 28º aniversário de nosso jornal.

Fundado a 24 de setembro de 1936, na administração do dr. Menezes Pimentel, vem *O Estado*, desde então, impulsionando o progresso cultural de nossa terra e prestando assinalados serviços

à causa pública.

Nascido ao influxo de injunções políticas e tendo circulado sem hiatos ou interrupções no decurso de vários governos, o importante órgão de publicidade jamais se afastou da rota tracejada no programa inicial, que é servir ao bem coletivo e pairar acima de competições pessoais, sempre a pugnar pelas causas nobres e as ideias salutaras.

Tem ele mudado de proprietários, de diretores, de corpo redatorial e até mesmo de sede, mas nunca inflingiu ou deixou de observar as normas dos princípios que vem norteando sua trajetória no panorama da Imprensa Cearense.

É certo que, através de perto de trinta anos de vida publicitária, tem ele enfrentado sérias dificuldades e não pequenos tropeços. Mas seus dirigentes, de todas as épocas, nas diferentes fases da sua jornada de lutas e vicissitudes, nunca deixaram de manter o ânimo forte e pulso seguro para vencerem os acúleos e escolhos que surgem a cada passo, tornando-se sempre vencedores.

Se momentos indecisos, se horas de expectativa e noites de vigília têm muitas vezes perturbado a suavidade do caminho, não resta dúvida que a palma do triunfo, entre lampejos de sol e alvoradas de esperança, há pairado sobre os seus orientadores como emblema de recompensa e benção de Deus.

Por tudo isso, O ESTADO é um jornal que a todos vem agradando e tem merecido a preferência do público, que conhece o esforço e a tenacidade dos seus dirigentes em servi-lo do melhor modo, sem tibiezas nem tergiversações.

Na data que hoje decorre, é justa a alegria que invade a nossa alma e o entusiasmo que domina o nosso coração.

Como colaborador de O ESTADO desde a sua fundação, compartilho jubilosamente das festividades da grande data que passa, enviando as mais sinceras felicitações a todos os que aqui desempenham quaisquer parcelas de atividades, desde o seu preclaro diretor ao mais modesto operário das oficinas, formulando os me-

lhores votos ao Criador para que o brilhante órgão da imprensa cearense, como campeão de civismo, baluarte de progresso e pregoeiro de ideal nas campanhas e embates que porventura tenha de enfrentar, nunca deixe de colher o galhardão da vitória.²

Para não fugir à regra, o jornal não deixava de registrar em data de aniversário, a coincidência do aniversário de Jerônimo Sampaio do Vale. A nota saudando Jerônimo sai com destaque na primeira página, com direito a fotografia-clichê realçando sua calva cabeleira.

Vamos ao registro:

Numa feliz coincidência, festejamos hoje duas efemérides: o 28º aniversário de fundação de O ESTADO e o natalício do nosso companheiro Jerônimo Sampaio do Vale. Boa parte de sua existência Jerônimo passou aqui e, apesar de nos últimos anos vir desempenhando a função mais difícil do jornal, pois é seu gerente, jamais perdeu a sua peculiar jovialidade e só tem muitos amigos entre os que fazem O ESTADO. Para cumprir bem a sua árdua missão à frente das finanças da empresa, Jerônimo tem dado o melhor de sua inteligência e de seu esforço, vencendo com essas armas dificuldades que às vezes parecem intransponíveis. Está, por isso mesmo, profundamente identificado com a empresa que tem ajudado a viver e a prosperar.

Reconhecendo em Jerônimo Sampaio do Vale as qualidades de um grande companheiro, todos os que trabalham em O ESTADO enviam-lhe nesta data sinceras felicitações.

O OLHAR DO JORNAL SOBRE O ESTADO DAS COISAS

O golpe de 1964 tem amplo apoio da imprensa e da sociedade civil. Havia a promessa de convocação de eleições gerais e a guerrilha retórica em torno da “ameaça comunista” havia atingido proporções insustentáveis. Trata-se de uma correlação de forças totalmente des-

proporcional, já que as armas estavam com os militares. Os comunistas estavam sustentados por uma retórica de jogo de pôquer e um exército “brancaleone”. Jango Goulart jogou todas as fichas e perdeu e, além de tudo, não tinha armas e nem apoio externo do bloco americano liderado pelos Estados Unidos, que certamente não estava ao seu lado. Pelo contrário. Desde a Segunda Guerra Mundial, Humberto de Alencar Castelo Branco construiu relações estreitas com membros importantes da diplomacia americana, e esta relação se consolidou ainda mais com o avanço dos conflitos acirrados a partir da renúncia de Jânio Quadros e a crise de legalidade que decorreu disso, com a rejeição de grupos militares à posse do vice Jango Goulart. Some-se a isso a revolução cubana, com Fidel Castro tomando a ilha e buscando inspirar os países do cone sul.

Em 1964, *O Estado* estava sob o controle acionário do empresário Sérgio Philomeno, como se constata na edição de 3 de março quando *O Estado*, “diário matutino”, tinha, em sua página 2, seguinte expediente: Diretor presidente: Sérgio Philomeno; Diretor Superintendente: Nelson Otoch; Diretor Comercial: Cláudio Philomeno; Diretor de Redação: Themístocles de Castro e Silva; Redator Chefe: Odalves Lima; Gerente: Jerônimo Sampaio do Vale. Em outubro de 1964, o diretor do jornal, para efeito de expediente, era Nelson Otoch; Diretor de Redação: Odalves Lima; Chefe de Reportagem: Rangel Cavalcante; Gerente: Jerônimo Sampaio do Vale. O jornalista Silvio Carlos era o chefe do departamento esportivo do jornal *O Estado*. Silvio viaja a Recife, onde permaneceu por 20 dias para fazer a cobertura do Campeonato Brasileiro de Basquetebol. Em 2016, Silvio Carlos — após longas temporadas nos jornais *O Povo* e *Diário do Nordeste* — retorna ao jornal *O Estado*, onde assina a coluna diária *Esporte Amador*. Abdias Lima assinava a coluna *Homens, Ideias e Paisagens*. E Tristão de Athayde — pseudônimo de Alceu Amoroso Lima — via seus artigos serem reproduzidos na página 3, revezando-se com Barbosa Lima Sobrinho. Na Assembleia Legislativa era instalada a CPI dos Menores, presidida pelo deputado Dorian Sampaio, tendo Themístocles de Cas-

tro e Silva como vice-presidente e Aquiles Peres Mota como relator.³ O deputado Mauro Benevides fora reconduzido à presidência da Assembleia Legislativa no dia 13 de março.

Coluna *Clubes da Cidade*, assinada por Carlos Medeiros, onde informa que “Será realizado dia 7 a 11 de junho, na cidade de Toronto, no Canadá, uma Convenção do Rotary Internacional. A Delegação do Rotary Club Fortaleza, que representará nosso Estado nessa convenção será composta dos seguintes casais: Oliveira Filho, Omar O’Grady, Osmundo Pontes, Walter Cabral, Bertrand Boris, Dante Vieira, Jorge Gentil Barbosa, Romeu Aldigueri e Raimundo Machado”. Medeiros informava também aos seus leitores que “Sob a direção do jornalista Osmundo Pontes, estará circulando na próxima terça em Fortaleza, o boletim oficial da ACI.”⁴

A nossa Hollywood instalada no planalto da Estância mostra a estrela Ayla Maria cantando em cinco idiomas — músicas em inglês, francês, italiano, castelhano e português. Acompanhada de fotografia, líamos a notícia exaltação:

Em seu tradicional programa de hoje na Televisão, Ayla Maria cantará em cinco idiomas diferentes: inglês, francês, italiano, castelhano e português. A aplaudida “estrela” cearense provará, assim, mais uma vez, a sua inegável classe e sua versatilidade.

A audição dos domingos da “cantora orgulho do Ceará” no Canal 2 é, sem favor, uma das melhores atrações da nossa tevê. Um público certo e numeroso prestigia, todos os domingos, às 19:07 hs o programa *Ayla Maria — A estrela* e se embevece com a bela voz da grande cantora cearense de renome nacional.⁵

Dário Macedo, colunista do jornal *O Estado*, é reeleito presidente do comitê de imprensa da Assembleia.⁶ O vice-presidente é Newton Pedrosa (Rádio Uirapuru e *Tribuna do Ceará*), secretário-geral Antonio Frota Neto (*Gazeta de Notícias*), primeiro secretário Wilson Noca (Ceará Rádio Clube), segundo secretário Edilmar Norões (Rá-

dio Verdes Mares) e terceiro secretário Wilson Fernandes (jornal *O Nordeste* e Rádio Assunção).

O conselho superior é presidido pelo jornalista Milano Lopes (jornal *Unitário*) e tem como membros os jornalistas Morais Né (*O Povo*), Edmundo Maia (*Última Hora*), Egídio Serpa (Rádio Dragão do Mar) e Luciano Diógenes (*Correio do Ceará*).

O jornal alertava para a falta de higiene em produtos de consumo humano vendidos no Abrigo Central, na Praça do Ferreira. *Abrigo só oferece «refresco de ameba» e outros venenos*, alertava o título.⁷

Pessoa de confiança ligada à Secretaria Municipal de Saúde revelou à reportagem de *O Estado* que nenhuma casa de merenda do Abrigo Central oferece condições higiênicas para continuar funcionando porquanto é evidente ali a venda incessante de «refresco de ameba» e outras gulodices não menos perniciosas ao organismo humano.⁸

O jornal destacava na edição de 21 de março de 1964 que setores da esquerda também estão preocupados com a ação pessoal de Jango.

A edição de 19 de março informa com destaque, na primeira página, que foram assinados contratos para ligar Fortaleza à linha da CHESF. Em agosto de 1964, o governador Virgílio Távora acionou a chave de ligação da energia de Paulo Afonso, em Carriariçu. No dia 1º de fevereiro de 1965 a energia elétrica chega a Fortaleza, pondo fim à insegurança do fornecimento a partir de geradores do Conefor e do Serviluz.

Na quarta-feira, 18 de março, o governador Virgílio Távora e o prefeito Murilo Borges entregaram 14 novos telefones públicos, instalados em “os bairros pobres de Fortaleza”. Os dois governantes aparecem em foto na primeira página ladeando um telefone público instalado no bairro do Mucuripe.⁹ “Como se sabe, o governo do estado, através do Plano de Metas governamentais — Pla-

meg, firmou um convênio com a Prefeitura Municipal de Fortaleza através do Serviço Telefônico para instalação desses telefones em bairros carentes de comunicação”.

O ovo da serpente estava chocando. Castelo Branco tentava se impor como presidente, administrando crises internas com a linha dura militar, o grupo que pressionava pelo fechamento total. Curioso é que, naquele ano, um dos arautos e operadores do golpe, o general Olympio Mourão Filho, o homem que colocou as tropas na rua para derrubar o governo de Jango, foi homenageado, no dia 17 de setembro, em Fortaleza, recebendo a medalha da Abolição, a maior comenda do Governo do Ceará. O Estado deu a notícia em primeira página, como manchete secundária: Mourão Filho recebeu a Medalha do Abolição.¹⁰

Em editorial, *O Estado* faz alerta sobre o esgarçamento dos “ideais da revolução” e a perda de rumo do Governo. Com o título *Retomada de ritmo* chama a atenção do presidente Castelo Branco para colocar o país no rumo certo:

A iniciativa reformista do Governo acusa perda de ritmo. Sente-se claramente o perigo de que o ritmo revolucionário se reprima, através de um processo interno de hesitações e contradições, até o nível estéril.

Deve o presidente Castelo Branco estar atento para esse risco, que cada dia assume contornos mais nítidos. Os impulsos da revolução, que só se justificam como impulsos marcadamente dirigidos para as reformas políticas e sociais, começam a amarrar-se. Os projetos custam a sair dos laboratórios palacianos e já chegamos a ouvir do líder do Governo na Câmara que o Presidente da República não está interessado em apressá-los.¹¹

Castelo diz que não cederá à UDN na questão da reforma agrária, destaca a manchete de primeira página.¹² *Comércio alarmado com a*

onda de impostos federais é outra manchete que retrata o estado das coisas naquele período.¹³

O jornal, enquanto mídia de massa, continuava extremamente influente. Mas a TV Ceará, canal 2, começava a ampliar a audiência de mídia. A TV entrava no ar às 17h30min e encerrava sua programação às 22h56min. Às 18h55min, entrava no ar o *Noticiário Relâmpago* (1ª. edição) patrocinado pela Casa das Máquinas — “o maior crediário do Ceará”. Eram três edições, sendo que a última ia ao ar às 21h30min. Sem concorrência, a TV dos Diários Associados inaugurava um novo ciclo nas comunicações do Ceará. No Cine Diogo estava em cartaz *Barrabás*, com Anthony Quinn no papel-título, Silvana Mangano, Jack Palance, Arthur Kennedy e Ernest Borgnine.

“Crise na Guanabara: Jango falará em qualquer lugar” estampava a manchete do jornal *O Estado* naquela quarta-feira, 4 de março de 1964. O caldeirão estava fervendo. O governador Carlos Lacerda determinou ao seu secretário de Segurança, coronel Gustavo Borges, que impedisse a realização do comício de 13 de março, uma sexta-feira. O assessor de imprensa da Presidência da República, o jornalista gaúcho Raul Ryff¹⁴ — o fiel companheiro de Jango —, esbravejou:

— O Presidente da República fala onde quiser.

O jornal *O Estado* publica em primeira página a íntegra de nota distribuída por Raul Ryff. “O ministro Abelardo Jurema — ministro da Justiça de Jango — situou devidamente o problema: o presidente da República fala aonde quiser da mesma maneira como ele pode requisitar estações de rádio e televisão para seus pronunciamentos.”

A manchete secundária, da mesma edição, destacava: “Carlos Lacerda diz que jovens decidirão nas eleições de 1965”. O despacho, da cidade de Salvador, assinado pela Asapress, mostra um Carlos Lacerda em trânsito para a Paraíba para participar das homenagens

do “povo daquele estado” ao senador João Agripino “por motivo de seu aniversário natalício”.

— As eleições de 1965 serão decididas pelos jovens que vão escolher entre a liberdade e a escravidão. O Brasil precisa de reformas, mas a primeira a ser feita é a reforma de homens e de métodos. O Brasil precisa de um governo que trabalhe.

Em campanha, Lacerda pede o “voto das mulheres, porque quero organizar o país como elas organizariam suas casas”.

— Se eleito, vou me preocupar principalmente com problemas de escolas, crédito, estradas e com a descentralização administrativa.

No plano local, o Governo do Estado publicava nota negando envolvimento de servidores estaduais com contrabando de café¹⁵. O secretário da Fazenda, Stênio Dantas, através do chefe do Serviço de Relações Públicas, Roberto Antunes, divulgava nota em primeira página de jornais, incluindo *O Estado*, conclamando o delegado do Instituto Brasileiro do Café — IBC no Ceará, a apontar nomes, já que na denúncia publicada no jornal *Unitário* ele fazia acusações genéricas, referindo-se a funcionários da Fazenda como facilitadores do contrabando de café. Sobre o mesmo assunto, o Governo do Estado publicava uma outra nota negando que a polícia estivesse fazendo corpo mole nas investigações.

O Ceará vivia uma crise no abastecimento do café, um cenário perfeito para o contrabando. A produção deixou de compor os estoques do IBC e passou a ser desviada para o contrabando.

Na edição do dia seguinte, o governador Virgílio Távora anunciava que iria demitir os funcionários corruptos, em um outro caso. Referia-se a sete “altos funcionários do Departamento de Proteção ao Menor implicados no chamado Escândalo de Corrupção de Menores”. Concluída a investigação, cinco homens e uma mulher foram implicados no escândalo, sendo todos afastados de suas funções pelo governador. O caso foi mote para a instalação de CPI na Assembleia Legislativa.

Em sua apreciada coluna *José Rangel conta*, o jovem repórter trafegava da política a eventos sociais e culturais, sendo que política era o tom maior em notas bem consistentes. “O deputado Themístocles de Castro e Silva vem se preparando para pronunciar discurso na Assembleia Legislativa sobre irregularidades em alguns setores do governo, tais como funcionários que recebem até em seis folhas de pagamento. O pronunciamento do sr. Themístocles de Castro e Silva poderá ser feito no decorrer da próxima semana.”¹⁶

Como vimos, o conservador Themístocles a esta época continuava como “Diretor de Redação” do jornal e tinha como “Redator-Chefe” seu colega de esquerda Odalves Lima, uma das mais brilhantes penas do jornalismo, segundo atestam seus contemporâneos e seus textos. Fizeram dobradinha por muitos anos, cada um com sua cor ideológica.

“Logo mais, o escritor Antonio Girão [Barroso] tomará posse na cadeira de número 18 da Academia Cearense de Letras. Receberá o novo acadêmico, o escritor João Clímaco Bezerra. O convite vem assinado pelo reitor Martins Filho, também presidente da ACL”.¹⁷

O jornal também publicava relatório parcial da CPI da Petrobras. O relator, deputado Theódulo de Albuquerque (PTB-Bahia) indicava que “as causas determinantes da crise da Petrobras foram a estrutura inadequada da empresa pelo seu crescimento repentino e o choque de influências pessoais no seio da administração. [...] Não existem provas de que o general Albino Silva tenha agido de má-fé ou por interesses escusos”. O relator aponta “várias irregularidades na importação de petróleo “Basrah” da British Petroleum e várias outras.

Enquanto isso, a bem informada coluna de Dário Macedo, na página 3, lembrava sobre a recondução de Mauro Benevides à presidência da Assembleia Legislativa no próximo dia 13. Dário Macedo era, certamente, o mais bem informado jornalista político naquela conjuntura. Escreveu por muitos anos a coluna política de *O Estado* e se casou com a filha do governador Plácido Castelo, este, integrante do grupo fundador do jornal, com o nome aparecendo no cabeçalho da primeira página, bem abaixo do logotipo: “Redator-chefe:

Deputado Plácido Castelo”.

Sobre a recondução de Mauro, comentava: “O chefe do Poder Legislativo, cuja gestão só há merecido os louvores gerais pelo muito que fez pelo bom nome da própria Casa que preside, receberá, deste modo, uma consagração de todas as forças políticas, já que parece não haver problema, acertada que está a formação de uma mesa que levará representantes do Partido Trabalhista Brasileiro”.

O editorial *Oposição no Governo*¹⁸ fazia críticas ao “imobilismo” do novo governo instalado naquele último mês de abril, no golpe que derrubou Jango. Via-se, agora, uma clara correlação de forças dentro do novo grupo político no poder.

O imobilismo a que está sendo induzido o governo Castelo Branco diante do seu próprio programa de reformas não é, evidentemente, uma.... política gratuita. O que acontece, na verdade, é que o Governo sente faltar terreno aos seus pés, quando, por justo amor à normalidade democrática, recorre aos processos tradicionais de atuação política.

O presidente Castelo Branco ressentia-se de base parlamentar; base parlamentar que significa votos majoritários no Congresso, que assegura a aprovação dos projetos do Executivo, que decide o destino do programa econômico-financeiro do Governo e lhe dá sinal verde para alguns programas-chaves urgentes, como os da compra das concessionárias e do contencioso francês. Quer dizer, as questões de curto prazo vão assumindo os primeiros lugares na pauta das essencialidades da Revolução, enquanto as matérias de fundo, as reformas políticas e sociais têm que entrar em compasso de espera, até que haja clima para seu tratamento exequível no Congresso.

À esse quadro segue-se a pergunta: e por que está sem base parlamentar o Governo? A resposta está nos fatos que saltam aos olhos. De um lado não há entrosamento político nas peças que compõem a liderança governamental. Elas atuam sem harmonia de vistas, nem de métodos.¹⁹

10. O “guerrilheiro” Rangel Cavalcante

As aventuras dos repórteres cearenses em Cuba

Era o auge da guerra fria, o mundo dividido ao meio: de um lado o bloco soviético, comunista; do outro, o bloco americano, capitalismo. Ambos querendo conquistar o mundo. Cuba com enorme visibilidade e de olho na América Latina para exportar a sua revolução, tarefa que, supostamente, foi conferida a Che Guevara.

Em 1961, Fidel Castro, o comandante do governo cubano, resolveu fazer um verdadeiro festival, iniciando a programação bem antes dos festejos de 1º de maio, segundo aniversário da Revolução Cubana. Para isso, convidou gente do mundo inteiro. Do Brasil compunham a lista muitos jornalistas, líderes sindicais, militantes comunistas e simpatizantes. Cuba mandou um avião para o Recife, ponto de embarque da gente do Ceará, Pernambuco e Rio Grande do Norte. Os dois arregimentadores das comitivas eram Aníbal Bonavides, líder do Partido Comunista no Ceará, e Francisco Julião, notório socialista de Pernambuco, líder das Ligas Camponesas. Aníbal ficou encarregado de selecionar os jornalistas locais. Rangel Cavalcante, correspondente do *Jornal do Brasil*, foi indicado pela empresa para compor a comitiva, uma verdadeira Arca de Noé. Outros jornalistas cearenses, representando seus veículos, entraram na comitiva. Ele narra:

— O *Jornal do Brasil* me indicou, mas na hora de viajar a maioria dos jornalistas daqui não tinha passaporte. Naquele tempo, para retirar esse documento tinha que ter uma certidão da alfândega, relativa a imposto de renda. Demorava mais de um mês para chegar. Depois era preciso pegar um visto com o DOPS, a polícia, muito complicado. Então a maioria dos jornalistas não pôde ir, porque não tinha passaporte. Só quem tinha passaporte eram eu, o Frota Neto, do jornal *O Estado*, o Fernando César Mesquita, da Rádio Iracema e do jornal *O Estado*, o Inácio de Almeida, do jornal *O Povo*. Aí, fomos nós e os líderes comunistas Francisco Julião e José de Moura Beleza em um avião pequeno e lotado. Quando estávamos em Recife para embarcar para Cuba, aconteceu a invasão da Baía dos Porcos — em 17 de abril de 1961. O presidente Kennedy decretou bloqueio a Cuba e, depois, Fidel Castro fez aquele famoso discurso [em 2 de maio de 1961] declarando Cuba como um país comunista.

Tinha gente do mundo inteiro em Havana, convidados de Fidel Castro. Conheceram a ilha toda: Varadero — os cearenses ficaram hospedados no Hotel Havana Riviera —, Santiago de Cuba — onde encontraram com Raul Castro. Frota Neto, Inácio de Almeida, Rangel Cavalcante, Fernando César Mesquita e Milano Lopes percorreram cada recanto da paradisíaca ilha.

Frota Neto¹ relata:

— A chegada em Havana foi uma apoteose. Banda de música. Centena de centenas de pessoas. O hino que depois virou prefixo identificador da Rádio Havana Livre — “*Avante, cubanos / Que Cuba premiará o nosso heroísmo / Pois somos soldados que vamos a nossa Pátria libertar / Limpando com fogo que arrase com esta praga...*” —, afinal era a delegação do Brasil, em quem Cuba depositava tantas esperanças de solidariedade. Tinha gente brasileira de toda parte. Dos cearenses, além dos jornalistas Inácio de Almeida, Fernando César Mesquita, Rangel Cavalcante, estavam outros como Inês Sílvia Teixeira — que, iniciando namoro nessa viagem, terminou casando com um médico

primo de Arraes. Estava também o promotor de Quixadá José Pepe Maria. Luciano Barreira, José Leandro, da Federação dos Trabalhadores na Agricultura. Antônio Eurico de Queiroz, do Sindicato dos Garçons. João “Caboclinho” Faria, ex-líder ferroviário de Camocim. José de Moura Beleza, presidente do Sindicato dos Bancários e que foi candidato à prefeitura de Fortaleza. E eu, Frota Neto.

Três horas antes da comitiva voltar para o aeroporto José Martí, Che Guevara chega dirigindo um jipe sem capota e para no acostamento do suntuoso prédio onde foi instalado o Hotel Habana Libre, no coração de La Rampa, a poucos metros da praia do Malecón.

Tranquilo, ele explicou que o espaço aéreo de Cuba estava fechado pelos Estados Unidos e que qualquer decolagem implicaria em enorme risco. Ninguém pousava e as aeronaves de que eles dispunham não tinham autonomia para um voo direto ao Norte do Brasil. Disse, esboçando um discreto sorriso e realinhando o cabelo rebelde:

— *Creo que los amigos van a vivir más días con nosotros.*

— Camarada Che — irrompeu Rangel, em perfeito portunhol — precisamos de mais máquinas datilográficas, porque as que estão aqui no hotel não dão conta da demanda.

Rumores risonhos mas, de repente, todos perceberam que seu tempo de permanência na Ilha estava indefinido. O que restava agora era flunar e esta, com certeza, era uma missão deliciosa.

Che explicou que mesmo que algum vôo fizesse escala em algum lugar próximo para abastecer, iria ser confiscado por conta do bloqueio. Disse que o avião grande estava na Tchecoslováquia e só voltava em um mês.

— Assim nós ficamos vinte e nove dias em Cuba, sem fazer porra nenhuma, ficamos hospedados em um hotel de primeiro mundo, com cassino e tudo, ainda estava tudo muito americano. Então o Guevara (ministro da Indústria e do Comércio) e o Armando Hart Dávalos (ministro da Educação e Cultura) foram lá no hotel informar que a gente ia ficar aqueles dias por lá, mas tinha um carro espetacular [o

imenso Cadillac Series 62, Eldorado Biarritz] com motorista pra gente rodar pela Ilha. Passamos esses dias andando por Cuba de ponta a ponta. A gente foi da Primeira Província até o muro de Ubatã, eu ainda tenho uma foto lá com o Raul Castro bem novinho. A gente tinha um cartão [um passe livre] para usar como quisesse, a gente chegava ao hotel e não pagava nada. Agora — quanto voltei para Fortaleza — até eu explicar para o coronel Hugo Ortêncio Aguiar que eu passei esse tempo em Cuba sem estar fazendo curso de guerrilha, mas sim passeando, foi em vão. Aí veio o IPM, me levaram para o 23° BC.

Rangel Cavalcante² ficou preso apenas por algumas horas. Quando chegou no 23° BC, o capitão que o recebeu na entrada havia sido meu colega no Liceu. Ele explicou que havia sido convidado, que não era comunista, então o capitão, um rapaz, sumiu, desapareceu.

— Não falou mais nem comigo.

Quando entrou na sala de interrogatório, um outro coronel, sentado solenemente na cabeceira de uma mesa bem comprida, perguntou a que horas estava marcada a intimação.

— Ainda faltam três minutos, coronel.

Ele pegou o jornal e começou a folhear. Rangel ficou na porta, olhando para ele enquanto aqueles infndos três minutos iniciavam sua lenta contagem regressiva.

— Você sabe que eu estou encarregado de apurar e investigar crimes contra a segurança nacional?

— Não, senhor.

— E você está envolvido nisso. Para mim todo jornalista homem é ladrão, bandido e toda jornalista mulher é puta.

— Hummm....

— Você conhece o Moisés Pimentel?

— Não, senhor.

— Ele é comunista?

— Não, senhor.

— Como você sabe, se acabou de dizer que não o conhece?

— Senhor, a família do Moisés Pimentel é amiga da minha família

desde que eu era criança. Minha mãe foi colega dele no colégio primário. Eu sei que ele é um homem bom e amigo, ajudava as pessoas.

— Mas você é comunista, passou um mês em Cuba fazendo treinamento.

— Não, senhor. Não tínhamos como sair de Cuba. O espaço aéreo cubano estava fechado. Ficamos lá zanzando de um lado para outro, conhecemos a ilha toda.

— E esse comunista Aníbal Bonavides, ele é comunista?

— Sim, senhor.

— Como você sabe?

— Todo mundo sabe, senhor. Ele é o chefe do Partido Comunista aqui, diretor do jornal do Partido, ele nunca negou que fosse comunista. Qualquer pessoa na cidade sabe que ele é comunista, ele nunca negou isso.

— E você, é comunista?

— Não, senhor. Não sou comunista. Sou jornalista.

Aí o interrogador empoderou-se, fez uma cena abrindo solenemente uma pasta cinza e, de lá, retirou uma fotografia. Lentamente, mostrou a foto para Rangel Cavalcante:

— O senhor está nessa foto?

— Sim, senhor. Estou.

— E quem é esse ao seu lado?

— É o comandante Che Guevara, senhor. O senhor não conhece Che Guevara?

O coronel não gostou nada da pergunta. E endureceu ainda mais:

— O senhor estava em Cuba, com esse tal de Che Guevara e não estava fazendo treinamento para guerrilha?

— Não, senhor. Eu estava cortando cana, em Cuba.

— Onde o senhor estava cortando cana?

— Em Cuba.

De fato, Rangel estava cortando cana, mas apenas para compor uma fotografia. Começou a explicar sobre a festa e que tinha ido fazer a cobertura para o *Jornal do Brasil*. Aí em um dos dias que estávamos

lá — eu e um grupo — fomos, brincando com a questão da cana, coisa de jornalista, tirar fotos em um canavial.

Rangel havia sido avisado pelo Themístocles de Castro e Silva de que o coronel tinha uma cópia da famosa foto dele com Che Guevara. Sabendo disso, ele se armou de um forte argumento.

— O sr. acha que sou comunista apenas por causa dessa foto com o Che Guevara?

Então, sacou de um envelope várias fotografias: uma com o arcebispo de Fortaleza, dom Antônio de Almeida Lustosa, outra com o marechal Castelo Branco, outra com Juan Domingos Perón, outra com Juscelino Kubitschek.

— Qual era minha ideologia aqui? — perguntou, bem jeitoso, para não afrontar o interrogador.

O homem ficou desarmado, aí perguntou se Rangel havia morado no Maranhão.

— O sr. tem a minha ficha, sabe mais de mim do que eu mesmo.

— Eu morei lá, cheguei até a compor o hino da Escola Rosa Castro.

Então cantou um trecho do hino, o depoimento acabou em pizza e nunca mais se falou nesse IPM.

A amizade de Rangel com Themístocles vinha desde a campanha de Parsifal Barroso para governador. Depois, ficou mais forte quando foram colegas na Faculdade de Direito, compondo uma turma da qual participavam também Nelson Otoch, Luciano Magalhães, Haroldo Rodrigues.

Rangel Cavalcante tem uma relação atávica com o jornal *O Estado*, uma escola de jornalismo e também um milagre cotidiano que só começava a ser produzido, naqueles dias, a partir do final da tarde:

— Se o jornal *O Estado* não existisse, teria que ser inventado, era um fenômeno. Ele funcionava na Rua 24 de Maio, na Praça José de Alencar, quase vizinho à Rádio Iracema. Tínhamos um ponto de reunião entre o jornal e a rádio, onde estávamos sempre Fernando César Mesquita, Frota Neto, Alan Neto, Dário Macedo. Aí, do outro lado da praça, na esquina com a rua Guilherme Rocha, estava o bar Ame-

ricano do Salomão Benício. E tinha o bar da Imprensa que ficava em frente ao Americano e reunia todos os jornalistas, porque os jornais ficavam todos ali na Rua Senador Pompeu, no quarteirão entre a Rua Guilherme Rocha e a Rua São Paulo. Ali ficava a *Gazeta de Notícias*, *O Estado*, *O Democrata*, o *Correio do Ceará*, *O Unitário*, *O Povo*.

Rangel é um dos maiores repórteres da imprensa brasileira. Fez grandes reportagens para o *Jornal do Brasil* e, durante anos, foi correspondente em Fortaleza.

Desde menino queria ser médico, embora não saiba o motivo. Mas quando começou a ver a televisão e a ler revistas como a famosa *O Cruzeiro*, sua ideia mudou. Nos filmes americanos, lhe fascinavam os repórteres devidamente caracterizados, ternos irretocáveis, aquele chapéu e o indefectível cartão no bolso com a inscrição “press”. Delirava.

— Quero ser um desses.

Dito e feito. Aquele garoto de 13 anos não poderia ter tomado uma decisão tão acertada. Começou no jornalismo em 1952, precoce, já que nascido a 3 de janeiro de 1939, no dia do Luís Carlos Prestes.³

Rangel lembra que *O Estado* foi criado por “uma elite política da melhor qualidade, comandada por José Martins Rodrigues que era um dos homens mais sérios da política do Ceará, do Brasil. Eu tive o prazer de ser amigo dele. O Walter de Sá Cavalcante era um rapaz que morreu novo, um jovem brilhante, que ia ser governador, e teria um futuro brilhante, mas morreu cedo”.

Rangel lembra que “o jornal nasceu sob o ponto de vista do idealismo político do PSD, que foi um partido criado para fazer contraponto à UDN, que eles consideravam reacionários, de extrema direita. E o PSD era aquele conservadorismo tipificado, copiado mais ou menos do PSD mineiro, que foi a maior escola de política que existiu até hoje, nos tempos de Benedito Valadares — o maior líder do PSD em Minas Gerais — e daquele povo todinho.”

Conta divertidamente Rangel Cavalcante:

— O jornal era uma bagunça organizada e funcionava bem, circulava todos os dias, a gente se orgulhava de ver nosso nome no jornal, éramos todos jovens, idealistas.

Rangel foi contemporâneo e amigo de um colunista pioneiro, sucessor de Durval Aires em *O Estado*, e muito famoso na época. Era Dário Macedo, um rapaz de Ubajara “aí se encostou lá pelo jornal, foi protegido do Themístocles... Começou no *O Estado* com uma coluna chamada Passarela” e deslanchou. Foi genro e porta-voz de Plácido Castelo, governador.

Rangel, um grande narrador, fala do cotidiano do jornal:

Então *O Estado* nasceu sob esse ponto de vista, não tinha objetivo comercial, de ganhar dinheiro e assim continuou e virou uma escola de jornalismo que não tinha professor, ninguém sabia nada e todo mundo ensinava todo mundo. O jornal tinha umas figuras que eram impressionantes, como o Daniel Carneiro Job. Era um jornalista de prestígio no Ceará, nunca escreveu uma linha e nunca leu um Almanaque Capivarol.⁴ A única coisa que o Daniel pelejava todo ano para ser escrita por alguém, era uma matéria sobre a viagem que ele fazia no Carnaval para o Rio de Janeiro, isso virou folclore. No Carnaval cearense, integrava a corte do rei Momo, era o profeta da cova — ele ficava ao lado do rei com uma espada e fazia a reportagem com o jornal, todo ano era a mesma coisa. [Essa narrativa foi feita com leveza e alguns risos de Rangel].

O gerente era o Jerônimo Sampaio do Vale. Esse era outra figura, trabalhou a vida toda apenas para *O Estado*, teve uma morte muito ruim, cortaram seus braços, pernas, morreu só o tronco — decorrência de diabetes. Ele emprestava dinheiro para as pessoas do jornal — ele e o Daniel eram quem mandava no jornal, os donos não sabiam nada. Aí quando o Nelson Otoch entrou, colocou o nome dele como diretor, mas não ia lá, não fazia coisa nenhuma e o jornal continuou na mão da gente. Então você convivia com Themístocles de Castro e Silva, extrema direita, estava lá com o

Odalves Lima que era comunista de carteirinha, os dois convivendo, trocando conhecimento e ideias. O Dário Macedo era colunista famoso, tinha o famoso poeta Carlyle Martins, era da Academia Cearense de Letras, escrevia umas poesias... Então o jornal ficava entregue a nós e a gente publicava o que queria.

Então o jornal tinha um lirismo, um romantismo, a gente queria um bem àquele jornal. A gente vivia dentro do jornal, mesmo quando não estávamos fazendo nada, ficava lá batendo papo, ficava até à noite, não tinha hora para sair.

Havia três jornais no Ceará que eram produto do lirismo, da dedicação, do romantismo, daquele jornalismo poético que a gente queria consertar o mundo e não sabia como e nem com o quê. Os comunistas lá d'O *Democrata*, o pessoal do PSD do *O Estado*, e o pessoal do *Diário do Povo*, do Jäder de Carvalho, que era um Dom Quixote também, eram os três jornais criados por idealismo, por beleza, enquanto os outros eram empresas comerciais. Convivia todo mundo: comunista, integralista, “nazista” e todo mundo era irmão. Eu aparecia no expediente como chefe de reportagem, mas era chefe de porra nenhuma, cada um fazia o que queria, os donos não nem iam lá mesmo, até que eles [Nelson Otoch e Sérgio Philomeno] venderam o jornal para o Venelouis. No expediente, Nelson Otoch assinava como diretor, mas nunca ou raramente foi ao jornal.⁵

A amizade de Rangel com Venelouis Xavier Pereira começou quando o “delegado de ferro” era fonte do correspondente do *JB*. Depois, passaram a conversar no jornal mesmo.

— Ele sempre foi uma fonte pra mim, era um cara incrível. Eu tenho alguns episódios com ele. Fui secretário do Virgílio Távora [1979-1982] por quatros anos. Eu controlava toda a verba de publicidade do governo. Qualquer repartição, para ter acesso à verba, tinha que ter a minha autorização. O Venelouis jamais me pediu nada, nunca me pediu um anúncio sequer. Nunca me pediu nada e eu sei que ele

precisava. Eu tratava *O Estado* do mesmo modo como os outros jornais: tudo que era veiculado, ia também para *O Estado*. Uma vez ele me pediu para que eu autorizasse um anúncio direto para seu filho Ricardo. Este, jovem, estava começando e o Venelouis não queria que o Ricardo soubesse que ele havia interferido. Isso, segundo Venér, era para estimulá-lo, mostrar que havia conseguido. Ricardo ainda era menino novinho, mas inteligente. Eu recebi o Ricardo, no Palácio da Abolição, e assinei a autorização na frente dele, e ele levou uma cópia.

Este episódio mostra bem o espírito despojado de Venelouis para com os amigos. No caso, Rangel Cavalcante, que passou a ser seu “inquilino” acidental para resolver um problema de “perseguição” política. Quem narra é Rangel Cavalcante:

Um compadre meu começou a me esculhambar porque eu morava em uma casa paga pelo governo. Foi tão insistente que eu resolvi ir embora. Quando o Virgílio me convidou para ser assessor de imprensa, eu não podia aceitar, porque o salário era pequeno. Eu tinha três filhos na época, tinha que pagar colégio, casa pra morar e eu era funcionário, também, da Câmara dos Deputados, usava licença sem vencimento, naquele tempo era CLT. E o Virgílio Távora resolveu, por inspiração do Moacir Aguiar, criar uma secretaria pra mim, para melhorar o salário e, também, alugou uma casa pra mim. Aí um amigo meu, compadre, desgostoso porque não foi atendido nas pretensões dele, começou a me esculhambar, falando que eu morava na casa paga pelo governo. Então, resolvi ir embora para Brasília. Mas o Virgílio mandou a tropa de choque dele lá em casa: Luís Marques, Luis Gonzaga Mota, o Luiz do BEC (Luiz Gonzaga Furtado) e o Carlos Virgílio. Naquela confusão, o Venelouis chegou lá e disse que eu não ia embora não, me levou para um apartamento dele na avenida Desembargador Moreira, pertinho da televisão. Eu morei três anos lá de graça, nem condomínio eu pagava e o Venelouis nunca me cobrou nada.⁶

Rangel Cavalcante relata sua presença em episódios dramáticos na vida de Venelouis:

Venelouis era que nem irmão pra mim, era uma das pessoas que eu queria bem. Quando ele foi agredido no episódio do sequestro, as primeiras pessoas a chegarem na casa dele foram eu e o Dário Macedo. Mas ele sofreu várias agressões, não foi apenas o sequestro, teve aquele pessoal do Paulo Benevides que invadiu a casa dele para agredi-lo. Teve um general amigo nosso que o agrediu elá no Náutico Atlético Cearense.

Mas o Venelouis era um cara que merece todo o reconhecimento pelo que ele passou. A mim sempre passou a ideia concreta, comprovada de correção, de decência e de profunda amizade. Minhas filhas tratavam ele como tio. A minha filha ia à casa dele pegar Coca-Cola — o Venelouis era, então, ligado ao Sérgio Philomeno, — e na casa dele não faltava Coca-Cola. Aí ele mandava para os meninos caixas de Coca-Cola. No mais, ele era um grande irmão para mim, me fez muita falta a amizade dele.⁷

Rangel Cavalcante, amigo de Venelouis, só pode ser uma pessoa especialíssima. Acabou na sucursal de Brasília do *Jornal do Brasil*, ao lado do monstro sagrado do jornalismo político brasileiro, Carlos Castello Branco, amigo de José Martins Rodrigues. Como se vê, o círculo se fecha e tudo converge para o mesmo ponto. Rangel Cavalcante relata:

— O Zé Martins Rodrigues era uma pessoa sensacional, não cheguei a ser seu aluno na Faculdade de Direito, porque ele foi eleito deputado e se licenciou quando eu entrei. Mas eu convivi com ele em Brasília. Já o Castellinho [Carlos Castello Branco] era o chefe da sucursal do JB em Brasília e eu era o chefe de reportagem. Vivia lá em casa, bebia que era uma beleza, mas no outro dia estava lá no jornal escrevendo, novinho em folha. Eu gostava muito dele. Ele me dedicou

um livro, um ano depois que me conheceu, onde estava escrito assim: para Rangel Cavalcante, o meu mais novo velho amigo.

INÁCIO ALMEIDA, COMUNISTA ACIDENTAL

Sobre Inácio⁸, um comunista acidental, naquela conjuntura, nas cercanias do Mar do Caribe, relata Frota Neto:

Inácio de Almeida, uma vida romanceada, acarreada de precipícios, passagem entre desfiladeiros quase inacessíveis, mas necessária para se chegar ao outro lado, para passar entre montanhas, diria o alpino. Perseguições, nunca se abateu. Esteve sempre andando, caminhando como se a miragem de um poço com água perseguisse e alimentasse sua visão de sedento de transformação social no deserto que, para o da gente em nossa geração, foi o Brasil. Imagine-se que agora tanta.

Jornalista de *O Povo*, Inácio andava com seu caderno de anotações quando nós, outros jornalistas, acostumados a uma, no máximo, folha de papel dobrada em três. Para os não raros desesperos do diretor-editor J. C. Alencar Araripe; os discretos aplausos de Paulo Sarasate, que não era de admirar a turbulência; e o encosto seguro de José Raymundo Costa pelo que o nome mesmo então indicava (imagine-se os idos iniciais dos anos sessenta) - sua coluna chamava-se “Fora de Sigilo”.

Tudo era pecado. Pecado político numa ilha hermética e entrelaçada de suas ramificações familiares e sociais que era Fortaleza. Tudo pecado. E todos eles a dever serem cometidos.

O Gervásio [de Paula] me aponta como o tendo levado ao partidão. Dele, tenho certeza que me conseguindo como chegar, em 1961, ir à Cuba; e, ano seguinte, 1962, ao Festival Mundial da Juventude em Helsinki, Finlândia.⁹

Inácio de Almeida, um rapaz da região serrana de Baturité, nasci-

do a 16 de novembro de 1939. Tinha apenas 21 anos. E, de repente, estava no epicentro da revolução da América Latina. E foi a partir dessa imersão que o jovem adulto, totalmente alienado da política partidária, coloca um pé dentro do PCB, fascinado também por um dos seus companheiros daquela excursão, Luis Maranhão, comunista militante respeitado do Rio Grande do Norte e nacionalmente, principalmente devido a suas relações com a Igreja e com D. Paulo Evaristo Arns.

Retidos na ilha em decorrência do embargo americano, após a frustrada tentativa de invasão da Baía dos Porcos, os jornalistas cearenses, como de resto, todos os visitantes — ficaram flanando na Ilha.

Inácio relata:

— É uma ilha muito pequenininha, então a gente circulava pela ilha a toda hora, e acabávamos encontrando as figuras maiores da república, vamos dizer, cubana, que eram Fidel, o Che, o Raul Castro, todo esse pessoal a gente encontrava quase toda hora... A coisa que me emocionou e que me deu o “estalo de Vieira” [*de súbito, tudo clareou, passou a entender com facilidade*]: quando a estávamos sobrevoando, no aeroporto de Havana havia uma inscrição sobre os hangares: *Cuba Republica Libre de America....* No grupo, além de parlamentares, estavam algumas figuras do partido comunista...

— Eu ainda não tinha nada a ver com o partido... eu era um alienado, entendeu? Aquele totalmente alheio àquela realidade...

Então, acidentalmente, o jovem Inácio ouviu uma conversa no hotel, no Habana Libre: “nós vamos visitar a sede do partido... e teremos um encontro com Blas Rocca... o grande intelectual do partido cubano, secretário geral do partido”.

Ouviu e ficou na espreita do grupo para compor, sem ser convidado, a comitiva. Quando chegou um ônibus e o grupo de comunistas subiu a bordo, Inácio foi junto com eles, *entrou de gaiato no navio...* Só que, ato-contínuo, sentiu se instalar um mal estar junto àquelas pessoas que não o conheciam. E foi abordado:

— Para onde o companheiro acha que nós estamos indo?

— Nós vamos para a sede do partido, para um encontro com o Blas Rocca —, respondeu de pronto. E continuou, quebrando o gelo: — O camarada acha que eu sou um agente da CIA?

E, assim, foi.

SEGUNDA PARTE

1966-2016

11. UM HOMEM DO CARIRI

Filho de dona Veneranda e de Luis, Venelouis

Uma região demarcada por um enorme cinturão rochoso semicircular, a partir do qual se delineia um vale e às margens deste está incrustado um rico sítio arqueológico é, certamente, dotada de enorme energia cósmica. O Cariri cearense é berço de explosões espirituais de toda ordem nas artes, na religião, na literatura, na política, uma força que se irradia e se espraia. Cícero Romão Batista é um desses ícones caririenses que deram forma física a toda essa energia. O Cariri tem sua própria natureza onírica e cósmica.

Foi nas cercanias de Juazeiro do Norte, o ponto de convergência do Cariri, que o casal Veneranda Xavier Pereira e Luiz Pereira de Souza trouxeram a lume, no dia 24 de fevereiro de 1935, mais um rebento para aquela que viria a ser uma numerosa prole. O nome do novo vivente era uma fusão literal de Veneranda e Luis, Venelouis, com um sofisticado acento francês.

Lavrou-se, assim, em Jardim, a cidade berço daquela família distante 49 quilômetros de Juazeiro do Norte, a certidão de nascimento de Venelouis. É a certidão 762, grafada na folha 166 do livro 15, do cartório local. Jardim é um oásis abraçado pela chapada do Araripe e elevado 648 metros acima do nível do mar, bem ao sul do Ceará, sen-

do uma das divisas com Pernambuco. Está distante 542 quilômetros da capital, Fortaleza, e ocupa uma área de 519 km².

Seu Luiz Pereira, natural de Jardim — comerciante, um empresário muito corajoso e empreendedor, que depois migrou e prosperou no Crato —, casou três vezes, em decorrência de viuvez. Na primeira mulher, todos os nomes dos quatro filhos começavam com a letra A, Alde-
mir era o filho mais velho, médico, depois veio Alzira, Alzenir e Almira.

Depois, no segundo casamento, agora com dona Veneranda todos os filhos tinham nomes iniciados com a letra “V”, de Veneranda: o primeiro era Vilmar Xavier Pereira, que tornou-se o chefe da família — e, em 1945, estava filiado ao PSD¹ —, Valner, Venelouis, Veleda, Valdeci, Valvenarne, Vandervelde. O Vilmar era empresário e com a morte do pai assumiu os negócios da família e fez a mudança dos irmãos menores para Fortaleza, onde passaram a morar no Centro e depois, em 1956, se mudaram para o Lord Hotel — o suntuoso edifício em estilo art-deco — em uma movimentada esquina da Praça José de Alencar — um dos polos centrais da cidade, rivalizando com a Praça do Ferreira. O ano da chegada a Fortaleza era 1946. Venelouis, então, um garoto órfão de pai e mãe aos 11 anos de idade.

O Valner formou-se em engenharia civil e mudou-se muito novo para Recife, onde atuou também como professor da Universidade Federal de Pernambuco. Ele também era funcionário da Sudene e passou um tempo sendo representante do Governo do Estado do Ceará, junto àquele órgão, em Recife. O Ceará tinha muitos interesses em andamento e era necessário um acompanhamento intenso e constante. Era o auge do Fundo de Investimentos do Nordeste — FINOR que almejava implantar e consolidar uma base industrial moderna e competitiva na região.

O Valvenarne fez carreira nas Forças Armadas, servindo no Exército brasileiro, onde galgou várias posições como a de major e, depois, tenente-coronel e, finalmente, coronel. A Valdeci era advogada. A Veleda casou com um médico e morava em Londrina e, depois, no Rio de Janeiro. O Venelouis, delegado e jornalista, morou em Brasília,

voltou para o Ceará. E Vandervelde era empresário no Rio de Janeiro, dirigindo uma grande transportadora muito importante lá, que tinha como principal cliente o chamado Projeto Jari, do bilionário estado-unidense Daniel Keith Ludwig.

Seu Luiz Pereira casou-se ainda uma terceira vez, quando dona Veneranda morreu, e com essa terceira esposa teve somente um filho, porque veio a falecer em seguida. O filho desse casamento chama-se Luís, formou-se em Administração e foi embora muito cedo do Cariri para morar em São Paulo, onde hoje é próspero empresário.

Ricardo Palhano sabe pouco sobre o último dos rebentos de seu avô Luiz Pereira:

— Não acompanhei muito a vida dele. Eu era mais ligado à “turma do V” e ao tio Ademir e à tia Almira que moravam aqui, em Fortaleza. Tio Aldemir formou-se em medicina, tia Almira tem todos os filhos formados, um deles é dono do Hospital do Coração, o Arnóbio, meu primo. Então, eu tinha mais contato com o pessoal que morava aqui e com a “turma do V” que sempre retornava, e a gente estava sempre junto. Todos os irmãos do Venelouis já morreram, acho que a “Turma do V” era meio vulnerável, o coração. A “do A” foi mais longe.²

Vandervelde, um jogador compulsivo, chegava a fazer cruzeiros a bordo de navios cassinos ao lado do seu sócio na transportadora, Rômulo Maiorana, dono do jornal *O Liberal*, de Belém, no Pará. Os dois jogavam bastante, eles iam para torneios internacionais a bordo de navios e cruzeiros.

12. A BELA E O FERA

A história de amor de um baixinho e uma deusa

Wanda Palhano e Venelouis Xavier Pereira se conheceram em 1958, um pouco antes de fazerem vestibular para a Faculdade de Direito da então Universidade do Ceará, depois Universidade Federal do Ceará.

— Eu que o passei no vestibular. Ele me disse que eu não ia passar só porque era bonitinha, arrumadinha e quem levou bomba foi ele, eu passei.

Ela conta:

— Como sempre gostei de roupas sem decotes e com mangas compridas, já no primeiro dia de aula ele me abordou dizendo: “É bom mesmo que você venha pra aula com roupas discretas, porque se está pensando que só porque é bonita os professores vão lhe dar nota boa, está muito enganada”. Não sei se fiquei indignada ou impressionada com a audácia dele, que desde este dia não “largou do meu pé”; o certo é que dois meses depois estávamos casados. ¹

Venelouis era charmoso e sedutor. Tinha a fala macia e jeitos sutis quando exercia o jogo da conquista. O namoro com Wanda começou nos bancos da Universidade e logo no primeiro semestre do curso, aos 20 anos, ela engravidou do primeiro filho dos dois, Ricardo.

Venelouis era galanteador, determinado e tentava cercar Wanda por todos os lados:

— Você é a luz da minha vida.

Wanda acabou se deixando levar pelo charme e pela retórica melosa do pretendente — a mesma melodia que exercitou durante toda a vida com as sucessoras de sua primeira paixão e, dizem, a única paixão.

— Ele era muito sabido, tinha uma lábia muito envolvente.

Na faculdade, os colegas ficavam revoltados — e enciumados — porque Wanda era uma das mulheres mais lindas da cidade, porte olímpico e cheio de classe e estilo. Eles não entendiam como um cara baixinho, cabeça chata, tinha conseguido conquistar a mulher mais bonita da faculdade. Mesmo grávida, ela continuou assídua em todas as aulas. Quando subia as escadas correndo, o povo ficava gritando pra ela ter cuidado, porque ia ter um filho. Ela teve os três filhos na universidade, durante o curso de Direito. Foi uma das primeiras mulheres a fazer esse curso. Nessa época, eles eram jovens e moravam na Rua João Cordeiro e lá fabricavam perfume para melhorar o orçamento doméstico.²

— Quando a gente casou, não tinha com o que ganhar a vida. Aí meu pai tinha um negócio de perfume e de caixa para embalar sapato e nos ajudou. Procuramos meios para melhorar de vida. Eu fazia perfume com ele, mesmo grávida, mas foi por pouco tempo isso. As pessoas me alertavam criticamente, dizendo que fazia mal para o bebê. Eu apenas respondia que eu nunca tinha visto gente cheirosa morrer.

Sobre o período da Faculdade de Direito, escreve Solange Palhano, em elogio à mãe, que, certamente, idolatra.³

Chega à Universidade Federal do Ceará, arrasando por sua beleza, simpatia, simplicidade e inteligência. Poucas mulheres naquela época estudavam, havia apenas seis em sua turma. Aproximou daquele mulherão para conquistá-la, Venelouis Xavier Pereira. Muitos alunos ficavam indignados como um baixinho conseguira

namorar uma mulher tão admirada por outros e não alcançada. Confirmação que beleza não é tudo na vida. Inteligência, sabedoria, coragem e um bom papo são capazes de conquistar tudo que se deseja. Ainda na faculdade se casaram e tiveram os meus três irmãos Ricardo, Stevenson e Soraya. Subia as escadarias da UFC correndo com um barrigão e os colegas ficavam apreensivos. Voltava com as pernas inchadas da faculdade e ficava até altas horas da noite com os pés na bacia, estudando para as provas. Neste período também fabricavam perfume e muita vez morria de enjoo do cheiro, por estar grávida. Em sua turma só tinha gente inteligente, a maioria foi ser desembargador, juiz, procurador e grandes advogados. Eles fazem parte da turma Clóvis Beviláqua, que teve uma grande banca de professores.⁴

Um dos seus professores na Faculdade de Direito foi Roberto Martins Rodrigues. Ele lembra de um Venelouis muito brabo na defesa de sua parceira, com quem se sentava em sala de aula.

— São duas pessoas que eu admiro muito. Eu conversava bastante com ele. Era danado, brabo, por isso ele conduziu o jornal, porque teve uma época que muitas pessoas diziam que o jornal não ia sobreviver.³

Outro professor da época — e depois, amigos — era o Fran Martins, que acabou sendo vizinho do casal quando retornaram de Brasília e foram morar na rua Tenente Benévolo, esquina com Silva Paulet. Coincidência ou não, Fran Martins já havia vivido sua fase de editor do jornal *O Estado*.

Dos colegas da Faculdade de Direito, da turma Clóvis Beviláqua, muitos chegaram a desembargador como Edgar Carlos de Amorim, Mauri Moura Rocha, Edmilson Cruz.

Wanda relembra:

— Quarenta anos são passados e podemos afirmar com toda convicção que a nossa turma tem mais a agradecer a Deus do que pedir. Nossos sonhos, na verdade, foram bem menores que a realidade. Deus privilegiou a turma Clóvis Beviláqua. Nos separou e nos preparou

para uma missão bem mais sublime e de suma importância para a humanidade. Fazer justiça. Trabalhar pela justiça. O nosso grupo pode gritar bem alto dizendo: Somos vitoriosos pelas tuas graças, pelo teu amor. Nossos sonhos de crescimento espiritual, de conquistas, de vitórias foram bem menos que a realidade. Temos muito que agradecer.

Wanda, Venelouis e parte relevante da Turma Clóvis Beviláqua celebraram 40 anos de aniversário de formatura na Igreja Cristã Evangélica [na Avenida Dolor Barreira, 1007 no bairro Dunas, na cidade de Fortaleza]. Trata-se de “um lugar privilegiado no alto das Dunas, de onde pode-se deslumbrar a beleza do mar, do imenso céu e de nossa maravilhosa cidade, porque assim Deus quer, assim ele determinou. Porque nenhum grão de areia se move sobre a terra sem o Seu consentimento”.⁵

O desembargador Edgar Carlos de Amorim, em seu artigo semanal na página de Opinião do jornal *O Estado*, mostra-se saudosos daqueles tempos de Faculdade de Direito. Escreveu ele, certa vez:

— O saudosos amigo e colega de turma Venelouis Xavier Pereira, ao passar por este mundo, deixou esta verdade no jornal *O Estado*, qual seja: “você jamais será livre sem uma imprensa livre.”⁶

Logo após concluírem o curso de Direito, foram morar em Brasília, em 1960, onde passaram a atuar em áreas do direito, Wanda como advogada e Venelouis como delegado. Afinal, todos os que buscavam uma perspectiva mais segura para suas vidas viam em Brasília um destino de grande esperança. A “ficção” de JK e de Oscar Niemeyer ganhava forma rapidamente, para o espanto dos cétricos e engasgo da oposição. Na nova capital federal nasceu a loirinha Solange Palhano, continuando a prole que se ampliava a cada ano. A atuação de Venelouis como delegado em Brasília, desvendando casos de corrupção, ganhou repercussão nos jornais de São Paulo.

— Ele era conhecido como delegado de ferro, tratava as pessoas muito bem e não admitia que os policiais batessem nos presos —, lembra Wanda.

Wanda atuou na Novacap — a Companhia Urbanizadora da Nova Capital, estatal criada para construir e cuidar do Distrito Federal. Quando lá chegaram, foram morar na cidade Oriental, depois na W3, onde foram construídos os primeiros blocos residenciais. Mas o Venér estava irredutível. Queria voltar para o Ceará, embora estivessem muito bem em Brasília. Mas ele dizia que Brasília não tinha a política agitada do Ceará — não tinha a mesma agitação e a efervescência da disputa na Fortaleza ainda provinciana. Os finais de semana em Brasília eram compartilhados com amigos como Paes de Andrade, com quem Venelouis estava sempre a jogar baralho. As mulheres iam bater perna.

Em 1964 voltaram para Fortaleza, em uma viagem épica de 2.000 km pela rodovia 020 — foram mais de 26 horas na estrada, com direito a uma parada no Crato e depois em Jardim, terra de Venelouis. Saíram em dois carros. Venelouis dirigindo um e Wanda dirigindo outro, onde estavam os filhos Solange, ainda bebê, juntamente com Soraya e Ricardo. Em disparada, Venelouis acabou tomando a dianteira, ansioso que estava para chegar ao Crato.

Por pouco, um terrível acidente não se concretiza em um trecho ao sul do Piauí. O carro de Wanda sobrou em uma curva e ficou à beira do precipício, no início de um desfiladeiro. A gritaria tomou conta do carro. Por sorte, logo em seguida, um caminhoneiro estacionou o seu barulhento FNM 180, com uma carga de madeira. Espavorido, o motorista desceu do carro a passos largos:

— Morreu, velha?

Wanda ainda estava paralisada ao volante.

Com três meninos pequenos a bordo, em um carro sem ar-condicionado, ela vestia na parte de cima somente um sutiã para reduzir o peso do mormaço. O caminhoneiro completa a frase, após a abordagem inicial:

— Vamos tirar seu carro daí. Vocês nasceram de novo. Foi por muito pouco que ele não despencou estrada abaixo.

Amarrou uma corda de nylon na parte traseira do carro e puxou-o de ré à bordo do caminhão.

Quando Venelouis chegou ao Crato, foi que se deu conta, de fato, de que Wanda havia ficado para trás. Só duas horas depois é que ela chega na cidade, onde descansaram por três dias. Depois seguiram para Fortaleza.

A casa da rua Tenente Benévolo — esquina com Silva Paulet, olhando para a quadra com matagal que mais tarde viria a ser o Palácio da Abolição⁷ — era uma festa. Era uma casa de portas abertas e muro baixo, com um verde jardim onde se destacava um pé de jacarandá e sua linda florada anual.

Wanda e Venelouis tinham uma vida social intensa. Tanto frequentavam, quanto recebiam. Eles viviam, almoçavam e jantavam política, ainda mais porque a vizinhança era toda de políticos históricos. Flávio Marcílio fora o vice-governador do Ceará no governo de Paulo Sarate, em 1954, e por três mandatos foi presidente da Câmara dos Deputados. Outro vizinho, Aduino Bezerra, seria mais tarde governador do Ceará, morava na Rua Pereira Filgueiras. O jornalista Lúcio Brasileiro era outro frequentador habitual desse círculo, que se revezava, ora como convidado, ora como anfitrião. Some-se a isso o entra e sai constante da filharada e, principalmente, dos amigos com um pé na puberdade, já que a casa tinha uma radiola ABC e uma geladeira Frigidaire, sempre com Coca-Cola gelada e “aberta ao público”. A casa, totalmente liberal e à frente dos padrões conservadores dos anos 1960 e 1970, era atração e o local preferido para as festas improvisadas por aquela garotada com os hormônios à flor da pele.

Eram pais participativos e presentes ao cotidiano dos filhos, de modo que a casa estava sempre aberta para toda a meninada amiga da redondeza. Não existia freio, as regras eram mínimas. Mas tinha uma exceção. Todos os dias úteis, ao meio dia, Venelouis dava o grito de recolher. Gentilmente, convidava a criançada a se retirar. Era a hora do noticiário do meio-dia da Rádio Dragão do Mar, na voz retumban-

te de Peixoto de Alencar, “quando fala, o Ceará escuta”. Nos finais de semana, o Iate Clube, no Mucuripe, era o ponto de entretenimento e lazer. Certamente eram pais extremamente avançados, numa época em que a maioria dos pais confundia educação com rispidez e exigia uma distância reverencial dos filhos.

Realmente eles eram um casal bem avançado e até desprovido, aparentemente, de ciúmes, apesar da beleza estonteante de Wanda. Ela fazia questão de se mostrar jovem e sintonizada com o pensamento dos filhos. Até nos excessos, como, por exemplo, “cantar pneu” para o gáudio dos filhos Ricardo e Stevenson.

— Hora de “cantar pneu”.

Nas proximidades do Colégio Juventus, no mesmo conjunto arquitetônico do Seminário da Prainha, os dois filhos queriam exibir a mãe como uma mulher moderna e jovem. Wanda fazia o que eles queriam para se mostrar avançada, o que de fato era. E o pneu gritava devido ao atrito com o asfalto. O truque era fazer com que o pneu rodasse no mesmo lugar. Wanda tinha sua própria técnica.

— Piso com vontade no acelerador, e tiro o pé da embreagem sem medo. Não tem como não “cantar”.

Sob o olhar de espanto dos colegas, eles caíam em gargalhada.

A mimada e geniosa Solange, a filha caçula de Wanda e Venelouis, é também fã número um e fiel escudeira de Wanda.

— Minha mãe sempre foi muito presente. Ela participou muito da infância da gente, ela e o meu pai. Uma vez ela me colocou com Soraya para fazer baliza, no desfile de 7 de setembro. Ela nos ensinou todos os passos, em repetidos ensaios. Fizemos tanto sucesso no Colégio João XXIII, que era do senhor Mororó, do jogo bicho, que o Alvorada convidou a gente, Juventus convidou a gente para desfilar na avenida Beira Mar. Só lembro que nós arrasamos, eu e Soraya. Minha mãe nos ensinou a cair no chão, aí depois a gente cruzava duas bandeiras do Brasil. Tudo ela ensinava para as filhas serem as melhores. Eu sei que fizemos muito sucesso e o prefeito de Pacatuba nos convidou para uma apresentação lá. E, olha, eu tinha somente oito anos de idade.

Foi aos nove anos que Solange, a “Loirinha”, enfrentou o drama da separação dos pais e a perda da convivência regular com os irmãos Ricardo e Stevenson, que foram morar no internato. Formalmente, a guarda dos filhos ficou com Wanda Palhano. Venelouis foi morar em uma casa na Rua Ana Bilhar, com sua nova companheira, Marluce Férrer.

Wanda continuou morando na casa imaginada por Venelouis e projetada pelo disputado arquiteto Arialdo Pinho, construída na Rua Ana Bilhar quase esquina com avenida Estados Unidos — que depois teve seu nome mudado para Avenida Senador Virgílio Távora. Era uma das casas mais bonitas de Fortaleza, em estilo neo colonial, em forma circular, com uma piscina no centro da casa — todos os quartos e sala eram ao redor da piscina. No entorno, somente matagal ralo e casebres. A região iniciava ali sua ascensão como polo residencial valorizado.

— A gente morava ao redor de casebres. E a nova casa continuou como ponto de festinhas e banhos de piscina nos finais de semana. Era a casa mais animada de Fortaleza, tinha tertúlia todo fim de semana regada ao som dos long-plays dos Bee Gees e Tina Charles, os *hits* do momento.

Wanda liberava, mas ficava sempre ali por perto.

Ricardo e Stevenson foram estudar em um internato em Garanhuns, em Pernambuco. Eles não queriam mais morar em Fortaleza, mas não ficaram sozinhos. Uma verdadeira legião de jovens cearenses compunha o grupo, dentre os quais alguns amigos dos dois. E a Soraya foi morar em Natal, a capital do Rio Grande do Norte, onde passou a estudar na Escola Doméstica — uma escola que preparava a mulher para as prendas do lar, no mesmo regime das escolas da Suíça. Foi para Natal mesmo contra a vontade de Venelouis que não queria que ela casasse. Na verdade, Soraya também não queria mais morar em Fortaleza.

Solange Palhano e sua mãe, Wanda, têm uma explicação para essa debandada:

— A gente achava aquela Fortaleza do início dos anos 1970 uma cidade pequena e provinciana. E olha que a Soraya tinha uns doze anos. O Ricardo é mais velho que eu apenas cinco anos. Ele devia ter uns quinze anos e a diferença dele para Stevenson é de contados nove meses.

O fato de todos os irmãos terem ido morar em outros estados marcou muito a infância da caçula “Loirinha”, porque ela ficou como única companhia para a mãe. Na verdade, ela queria mesmo era ter ido embora com os irmãos mais velhos, mas Wanda não permitiu, principalmente devido à pouca idade da filha. E, provavelmente, Solange não teria ido mesmo com autorização da mãe, a quem era totalmente apegada.

Solange foi precoce também no jornalismo:

— Lembro como se fosse hoje! Comecei a escrever no jornal aos nove anos de idade como Lourinha, a repórter. Nesse tempo trabalhava com a gente a Adísia Sá, Soninha Pinheiro, Stela Crisóstomo, Gutinho Benevides, Flávio Tôrres, Vilupe, Dário Macedo e outros que, infelizmente, não estão vindo à minha memória.⁸

Solange Palhano, a caçula de Venelouis e Wanda, sempre foi uma criança precoce. Precoce e espreitada. Nunca gostou de brincar de boneca e seus amigos eram os mesmos amigos dos irmãos mais velhos. Aos 10 anos já se preocupava com a educação das crianças carentes e em sua casa, na Aldeota, improvisou uma escolinha para ensinar as crianças que não conseguiam matrícula nas escolas públicas. Algumas crianças por serem travessas demais e outras porque simplesmente não havia vaga. O curioso é que as mães de crianças mais rebeldes mandavam uma palmatória para que a precoce professora usasse quando lhe fosse conveniente, para a manter a disciplina.

— Sempre fui contra qualquer tipo de violência com crianças, mesmo eu tendo pouca idade, conseguia que eles me obedecessem.

Em 1974, houve grande enchente no Ceará, principalmente na região do Jaguaribe. Solange organizou um desfile beneficente, cobrando entrada, para angariar fundos para os desabrigados. Ficou muito

emocionada, porque a primeira-dama dona Marieta Cals foi prestigiar. Estava gentilmente sentada na plateia. A verba arrecadada, que seria entregue à primeira dama para uso na ação social às vítimas das enchentes, ela doou valor igual para a escolinha de Solange comprar cadeiras, mesas e material de consumo.

Solange assinava página semanal, com seções como *Xuxu Beleza* com fofocas e, no alto, entrevistas com políticos, empresários, gente de expressão pública.

Por conta desse fato inédito, Solange foi premiada na condição de repórter mais nova do Brasil: ganhou uma viagem para São Paulo e Rio de Janeiro, ida e volta, pela Varig, época em que esta companhia vivia seus melhores anos. Conheceu a sede da Varig — na avenida Almirante Silvio de Noronha, 365, Centro, Rio de Janeiro, onde hoje funciona o Prodigy Hotel Santos Dumont Airport —, entrevistou o presidente Helio Smidt — um dos ícones da aviação civil no Brasil da época — e seus funcionários foram seus anfitriões, tanto no Rio quanto em São Paulo.

— *O Estado* completou 79 anos de fundação, dos quais 49 está sob a direção de nossa família. A luta é diária para continuarmos no mercado livres e independentes. Sem a participação de nossos colaboradores, que formam a família *O Estado*, jamais conseguiríamos estar comemorando esta data. Somos uma escola do jornalismo no Ceará. Redações de outros veículos estão cheios de profissionais que iniciaram suas carreiras em nosso jornal. Ultimamente não tenho escrito temas bons, que elevem o astral de nossos leitores, mas é porque não consigo deixar de registrar o que está se passando em nosso País. Tenho a certeza que dias melhores virão e o sonho de meus nove anos de idade, de ver todas as crianças brasileiras alfabetizadas e frequentando boas escolas públicas aconteça. Sonho que um dia divulgaremos que os brasileiros terão educação, saúde, habitação e segurança como nos países europeus.⁹

— Finge que não tá vendo, Ceci.

Seu Joacir Gonçalves Palhano sempre protegia os excessos juvenis e as aventuras esportivas da filha Wanda, principalmente sua cavalgada diária. A bordo de um garboso cavalo, diariamente ele descia a serra de Guaramiranga, numa estrada barrenta, às vezes úmida, principalmente quando chovia. Ele não tolhia Wanda, mas não queria que ela influenciasse a irmã Ceci.

Wanda nasceu em Jataizinho, Paraná — município que hoje integra a Região Metropolitana de Londrina, distante 22 quilômetros desta cidade. E Londrina fica a 306 km da capital, Curitiba, embora a distância via rodovia seja de 388 km.

O pai Joacir Gonçalves Palhano e a mãe Ceci de Holanda Palhano, juntamente com seus seis filhos, se mudaram para o sítio Tibagi, em Guaramiranga, para realizarem o sonho de produzirem café no Ceará. Até hoje, ela faz questão de dizer que em Guaramiranga, foi a pessoa mais feliz do mundo. É a quarta dos seis filhos do casal. A educação recebida pelos seus outros irmãos mais velhos foi muito mais rígida do que a dela. [...] Sempre gostou de brincadeiras de meninos, pois achava mais interessante. Ser livre foi uma conquista desde a infância.¹⁰

Wanda Palhano tem uma consistente presença no jornalismo, na literatura e no direito.

Publicou com regularidade sua produção intelectual, principalmente nas páginas do jornal *O Estado*. Wanda foi celebrada e usufruiu da sua beleza e da sua liberdade. Viveu sua juventude em plenitude, das pradarias do alto da serra de Guaramiranga, como amazona, aos bailes vespertinos no clube Maguari e nos salões do Ideal Clube.

— Quando tinha 18 anos me revoltava quando as pessoas só viam em mim a beleza física, naquela época porém, não era capaz de aqui-latar a força deste bem!

Mas concordava que um bom visual era 50% de um caminho a

percorrer. Em sua crônica *A beleza é um bem divino*, ela fala um pouco de si mesma.

Sou cearense, ou melhor, nasci por acaso no Paraná, e vim para o Ceará com dois anos de idade. Sou nordestina apaixonada pela minha terra, e pelo meu povo. Lá é onde tenho minha plateia, é a minha Tauá, onde vou sempre buscar forças e energia. Tenho 47 anos, sou desquitada, tive quatro filhos. Me formei em Direito e sou jornalista. Sempre amei demais a vida, acredito que a realidade é boa, sonho muito, sei que sou parte de um todo que é a sociedade humana, sou amante da beleza, já vivi mais momentos de felicidade do que de tristeza. Acho que o amor é tudo, é energia criadora, capaz de com a fé remover montanhas.

Bem, já divulguei bastante, vamos agora à razão primeira de tudo isto: talvez por amor à liberdade, por só gostar de fazer as coisas que me davam satisfação íntima, por adorar estudar e viver, não dei a importância devida ao fator dinheiro, agora vivo apenas de salários, o que me impede de assumir certos compromissos.¹¹

Com o avançar dos anos até pensou em fazer uma operação plástica, mas não teve coragem para isso. Só o faria pelas mãos do cirurgião Ivo Pitanguy.

Não tenho rugas, mas meu rosto já está flácido, principalmente nos olhos e na boca, que até diminuiu de tamanho. Não me sinto mais tão segura, nem tão bem como antes. E me toca, muitas vezes encontrar os velhos amigos e eles falarem: Você era linda, era uma coisa! Tenho consciência de que o tempo passou, e esta é a ordem natural das coisas, mas também tenho consciência que nas suas mãos poderei recuperar alguma coisa da beleza perdida, enfrentar a vida com mais vigor!¹²

Solange foi, dos irmãos, a que vivenciou o trauma do sequestro e

dos danos físicos a que seu pai foi submetido pela ação de um grupo de policiais militares, liderado pelo coronel Jarbas Botelho.

— Meu pai colocou uma nota pequena no jornal dizendo que ele precisava usar ferradura de cavalo, sugerindo que o homem era ignorante e burro, sendo que ele era coronel da Polícia Militar. Isso no tempo da ditadura, no tempo do governo Médici. O Flávio Torres sabe de tudo isso, porque ele presenciou, ele já estava no jornal *O Estado* e foi testemunha ocular. O jornal foi totalmente empastelado.

A redação do jornal era composta por Guto Benevides, Flávio Torres, Sônia Pinheiro, Stela Crisóstomo e Fran Erle.

Solange Palhano tem o dom de falar incansavelmente, mas é rica em detalhes. Aqui temos o depoimento de uma menina de nove anos sobre uma situação dramática e traumática — o episódio do sequestro de Venelouis, seu pai, por policiais rebeldes do Batalhão de Trânsito. Seguem-se trechos do seu depoimento, capturado em duas seções de conversas gravadas:

Antes de chegar à sala do meu pai, tinha que passar pela Soninha e pela Stela, na redação. Elas entraram no jornal como datilógrafas. No dia que os homens chegaram lá quebrando tudo, o Flávio se assustou tanto que correu para uma estante que era vazada e, então, ficou preso na estante, entalado no pequeno espaço.

A minha primeira página no jornal *O Estado* como *Loirinha*, *a repórter*, foi nesse dia fatídico. Minha página foi parar no DOPS, eles pegaram o jornal e levaram todinho para o DOPS. Eu tinha nove anos. Eles saíram pelo jornal levando o meu pai a chutes e tapas. Quando ele caía ao chão, mais eles batiam. Meu pai ficou desaparecido por uma boa parte da noite. Ligaram para a Marluce Férrer, ele já era casado com ela e tinha acabado de nascer a Rebeca. Ligaram para a minha mãe e ela correu para o jornal. Quando chegou lá, a polícia estava cercando o local. Naquele momento, não imaginávamos que o problema fosse devido a um militar sublevado, magoado em seu ego. Pensávamos que era alguma ação da

ditadura [o que, de fato, indiretamente o era]. O jornal, naquela época, era submetido ao censor na redação.

Aquele episódio marcou muito a minha infância. Os meus irmãos não estavam morando em Fortaleza. Quando abriram a porta do jornal, eu saí logo correndo para tentar ver o meu pai. Foi quando os homens com umas metralhadoras em mão apontaram para mim e mandaram-me parar. Mas quem cercava o jornal quando chegamos não eram os caras que haviam sequestrado ele, eram alguns militares que estavam ali a título de proteção da área.

Os sequestradores levaram meu pai para o autódromo, no Eusébio. Deixaram meu pai nu. Ele nos contou depois que os homens o torturaram, deixaram-no nu e tinha um carro que ficava com a luz do farol em cima dele. Aí jogaram tinta roxa no corpo dele, quebraram algumas costelas aos chutes com aquelas botinas que os policiais usam. Meu pai usava peruca na época — eu não esqueço a vaidade dele — mas quando ela saía do lugar dava para ver a cabeça dele em carne viva.

Eu sei que o governador colocou a polícia, todo mundo à procura, o major Rinaldo Cisneiros no comando, mas ninguém sabia para onde ele havia sido levado. Eu e minha mãe, todos os amigos dele, o Hélder Cordeiro, todos, fomos à casa da Marluce, na avenida Santos Dumont. Todo mundo na expectativa que ele iria aparecer, mas só veio retornar pela manhã.

Ele explicou que os homens o deixaram lá no local da surra, no chão, todo quebrado. Quando consegui andar (uma das coisas que ele tinha horror era a cachorro) o medo era tão grande e ele queria viver, porque disse que pensava que o haviam matado. Ele saiu andando em um matagal, naquela época era apenas mato por lá e alguns cachorros vira-lata atrás dele. Então ele chegou a um posto de gasolina, contou a história, disse quem era, que tinha sido sequestrado. Um cidadão deu uma bermuda e uma camisa para ele se vestir, um caminhoneiro deu uma carona e foi assim que ele chegou na casa da Marluce.¹³

Do casamento de Venelouis com Wanda nasceram Ricardo Augusto Palhano Xavier, Stevenson Adlay de Palhano Xavier, Soraya Palhano e Solange Palhano. Com o casamento com Marluce nasceu Rebeca Férrer Xavier. E com Carmem, nasceu o filho batizado com o mesmo nome de Venelouis.

SORAYA PALHANO, TEATRO E FINANÇAS

Era forte e meiga a imagem de Venelouis construída no seio familiar. Era atento e presente, uma espécie de super-pai que não asfixiava a liberdade individual de cada um dos seus filhos.

— Eu sou eternamente grata por tudo que ele me deu. Ele era extremamente carinhoso... ele abraçava, beijava, ele conversava muito.¹⁴

Soraya destaca as manifestações de cuidado e afeto. Viciado em trabalho, principalmente nos primeiros anos de sua gestão no jornal, permanecia nas oficinas até o início da impressão. Trabalhou de manhã, de tarde e de noite para reposicionar o jornal *O Estado*. Mas gostava de cumprir certo ritual na volta para casa, como relembra Soraya:

— Ele passava na Top's Lanches [a melhor lanchonete da cidade nos anos 1970, situada na rua Barão do Rio Branco, por trás do Cine São Luiz, para nos presentear com o saboroso e demandado *hot-dog*, cachorro quente. Ele era um estimulador, um animador, um motivador. Ele me estimulava para que eu escrevesse no jornal.

Soraya é a segunda filha do casal Venelouis e Wanda. Nasceu no dia 18 de abril de 1959, em Fortaleza.

Passou a infância na rua, brincando nas cercanias da rua Tenente Benévolo, em frente à enorme área com cajueiros e mangueiras que, mais tarde, viria a abrigar o Palácio da Abolição, sede do Governo do Ceará. Era um time da pesada, os quatros irmãos e mais toda a meninada da vizinhança. Era uma turma enorme se danando em muito terreno baldio. Os pais passavam o dia fora de casa, no trabalho.

— Temos que dar um freio nesses meninos, temo por algum aci-

dente, alguma coisa que machuque —, dizia Wanda, preocupada. Ao que Venelouis retrucava, com saudável ironia:

— Wanda, quem tem que se preocupar com esses endiabrados é o povo da rua. Esses meninos traquinas são mais espertos que nós.

Soraya conta um episódio:

Uma das passagens que eu nunca esqueci: meu pai comprou uma mesinha de televisão que ia dar de presente para alguém. Hoje quando você vai presentear uma autoridade, tem que ter um cuidado muito especial, mas naquela época, as opções eram bem simples.

Era uma demonstração de reconhecimento, de gratidão, de afeto, de carinho. Ele colocou, em um canto da sala, a caixa com a mesinha para ser montada e disse para nós quatro: “ninguém mexe aí”. Para nós, soava como se ele estivesse dizendo: “mexam aí”. Quando ele chegou em casa, à noite, percebeu que a caixa havia sido aberta. É que acompanhava uns ferrinhos para a montagem da mesa e nós tiramos os ferrinhos, para brincar de espada no meio da rua. Acabou o presente. Ele, sério, chamou um a um para conversar. ‘Bom, eu falei para ninguém mexer e vocês violaram a caixa. O que vocês preferem: um castigo ou uma surra?’ Isso, por termos desobedecido, não se tratava do valor da mesa em si. Aí eu disse, eu prefiro uma surra. Raciocinei que a surra seria uma punição rápida enquanto o castigo iria retirar meu tempo das brincadeiras de rua. Ele olhou pra mim, riu e disse: vai brincar, vai... Ele riu porque percebeu a minha lógica: o castigo era uma coisa que cerceava a liberdade, tirava o direito de estar livre, solta... a punição da surra era rápida, e não me prenderia dentro de casa. E ele riu, achou graça... era extremamente carinhoso, extremamente presente, tudo o que eu aprendi na vida, eu aprendi com meu pai. O meu pai era o meu chão, meu pai era a minha base... [chora] Foi uma perda muito grande e é muito difícil falar dele.

Ele me ensinou a jogar sinuca, me ensinou a jogar vôlei e quando não sabia alguma coisa ou algum esporte, ia aprender para nos ensinar. Ele tinha um cuidado muito especial com a gente. A primeira

vez que entrei no mar da Praia do Futuro, mar aberto, foi com meu pai. Sempre foi muito presente na minha vida nos momentos mais difíceis. O amor que eu tenho no meu coração, veio dele.¹⁵

No episódio da mesinha, todos os irmãos foram beneficiados com a estratégia de Soraya. Precoce e cheia de energia, casou-se aos 17 anos, morou no Rio de Janeiro durante 16 anos — para onde foi, em 1976 — e ali formou-se em Arte Dramática, no emblemático Teatro Tablado, de Maria Clara Machado.

— Ele se importava com os detalhes. Quando eu precisava de qualquer coisa em Fortaleza, precisava que o sindicato me reconhecesse como atriz, foi ele quem cuidou disso. Preparou toda documentação, tudo e mandou para o Rio. Ele ensinou a gente a trabalhar. Em momentos difíceis, abriu portas de trabalho para mim no Rio de Janeiro, inclusive para o meu ex-marido. Mesmo assim, ele nunca deixou de mandar dinheiro pra mim, pediu que eu abrisse uma conta no mesmo banco dele.

Em 1992, quando retornou para Fortaleza, foi Venelouis quem intercedeu junto a Guilherme Neto, da TV Educativa, por uma colocação ali onde trabalhou, ao lado de um time de primeira linha, a exemplo de Ary Sherlock, Tertuliano Siqueira.

— Ele tinha um cuidado, era uma pessoa que incentivava, era um admirador das artes, tanto que adquiriu muitas obras de artistas plásticos. Eu considero meu pai uma pessoa generosa. Ele dizia uma frase que eu aprendi com ele e nunca esqueci. Quando eu repito, as pessoas tomam um susto. Ele dizia que o amor passava pelo bolso, o amor passa pelo cuidar. Como é que você ama alguém e deixa que essa pessoa passe dificuldades, se você pode dividir?

Venér dizia:

— O amor é dividir para a gente somar e multiplicar.

Para ele a frase “amigos, amigos... negócios à parte”, não existia.

Foi um diálogo com Soraya que inspirou sua mãe, Wanda, a escrever essa maviosa peça em forma de mini crônica, publicada no começo dos 1960.

Hoje, conversava com Soraya, quando ela com sua vizinha infantil e doce, falou-me:

— Mamãe, eu queria morrer, para ver o que você faria! Maneira inocente e cruel de medir o amor que lhe dedico, tomando por base o sofrimento que poderia causar-me com sua morte.

Quantas e quantas vezes, também não pensamos assim! Fazemos sofrer as pessoas que mais amamos, pelo simples egoísmo de sabermos se somos queridos.

Não há sentimento, por mais puro, que não guarde lá em suas entranhas, um pouquinho de egoísmo.

Otelo, o mouro de Veneza, amava Desdêmona com o mais violento e sincero amor. Seu egoísmo entretanto, tornou-o assassino.

Madame de Staël definia o amor como “um egoísmo entre os dois”.

O pequeno Príncipe, de Antoine de Saint-Exupéry, em diálogo com a Raposa: “Minha Rosa é tão vaidosa, que é muito capaz de tossir, tossir e morrer só para me ver sofrer”.

Soraya Palhano realça o papel do jornal como um potencial educador, formador das novas gerações:

— O jornal é um agente transformador educativo. Ele é a voz de quem não tem voz, é o espaço de defesa de direitos e de mediação. Cada dia é uma vitória para nós que temos que colocar o jornal nas ruas diariamente. A cada dia estreitamos nossos laços com o leitor, que confia no nosso trabalho.¹⁶

Ela entende que os grandes embates e polêmicas de seu pai, Venelouis, através das páginas do jornal, estão totalmente superados e, do seu ponto de vista, chega a pedir desculpas ao governador Jereissati, alvo da última grande campanha do intemorato homem de imprensa.¹⁷

Em 1984, Wanda Palhano foi uma das personagens mostradas no livro *Por trás de um nome*, de autoria da escritora Núbia Brasileiro. Ali, revela-se por inteiro, uma mulher bem à frente do seu tempo.

— Quando alguém comenta que meu casamento [com Venelouis] não deu certo, costumo responder que deu e muito, porque afinal foram dezesseis anos de vida conjugal, com um saldo de quatro filhos que não troco pelo maior tesouro da terra.¹⁸

Ela relembra também que, depois da separação, resolveu voltar aos bancos universitários:

— Resolvi fazer Administração Pública; meus filhos ficaram comigo; criei-os com muito amor e, sobretudo, com muita liberdade. Incentivei-os também a amar e a estar sempre próximos do pai. Hoje, trabalhamos todos juntos, e meu ex-marido é certamente o melhor amigo que tenho.

Depois de Venelouis, viveu um outro grande amor:

— Tempos depois que fiquei só, “acertei na loteria”, pois o que as vezes demora pra uns e nunca chega pra outros, chegou pra mim: um grande amor. [...] Foram cinco anos que vivi e amei com toda intensidade que é possível a um ser humano. E fui correspondida. Esse fogo, esse ardor, só arrefeceu quando decidimos morar juntos. Ele era super organizado e eu antimetódica por excelência. Ainda quatro filhos pra completar o quadro. Após o retorno de uma viagem que fizemos à Europa, ele disse que voltaria a morar em sua própria casa. Pedi-lhe um tempo para me acostumar com a ideia, ele aceitou e no dia seguinte ao que se foi, quando, telefonando, soube que eu dormira tranquilamente a noite inteira, ficou profundamente decepcionado.

Sou assim mesmo; não sei chorar nem gosto de encucar tristezas. Desde o primeiro golpe comecei a desenvolver um sistema de autodefesa, persuadindo-me de que eu era uma mulher forte. E acabei por tornar-me forte mesmo.¹⁹

13. ENTRE TODAS AS MULHERES

As incríveis histórias do homem que amava casar

Marluce Férrer foi o segundo relacionamento consistente de Venelouis Xavier Pereira. Desse consórcio nasceu Rebeca, a quinta filha na linha cronológica. Quando o relacionamento começa, Venelouis ainda estava casado com Wanda Palhano mas o adultério já era público e a separação foi inevitável. Notório rabo de saia, Venelouis caiu em profunda paixão pela jovem Marluce.

— Foi amor à primeira vista.¹

Em 1969, Marluce trabalhava como supervisora educacional no Colégio Brasil, que sempre pertenceu a Amadeu Arraes. Foi ele quem apresentou Venelouis a Marluce em um evento social de final de ano.

No mesmo 1969, já estava no jornal *O Estado*, atuando como secretária direta do Venelouis e no jornal permaneceu até o governo Gonzaga Mota. O jornal ainda estava funcionando na rua 24 de Maio, Praça José de Alencar, vizinho à Rádio Iracema, um polo de efervescência à época, considerando que a Faculdade de Odontologia da Universidade Federal do Ceará funcionava naquele quadrilátero. As movimentações dos estudantes, com passeatas

e protestos se somavam à animação do bar “Buraco de Iracema” onde uma fauna que envolvia estudantes, jornalistas, advogados, radialistas, comerciários e outros profissionais que orbitavam no Centro frequentavam, logo ao cair da tarde.

Foi nessa época que o gerente Jerônimo Sampaio do Vale ajudou a imprimir o jornal *Forceps* dos alunos da Odontologia, que tinha entre os redatores o acadêmico Galba Gomes, líder estudantil.

No mesmo ano, Marluce e Venelouis viajaram para o Rio de Janeiro, em ‘lua de mel’. Na volta, foram morar no Lord Hotel, na esquina da rua 24 de Maio, 642, com Rua Liberato Barroso, na Praça José de Alencar, a pouquíssimos metros do jornal. Ficaram lá três meses até que se mudaram para uma casa na avenida Santos Dumont, no bairro Aldeota.

O casal começou a se programar para ter um filho, desejo expresso de Venelouis, que tinha preferência por um “menino”. No dia 9 de fevereiro de 1973 nasceu um menina, Rebeca, nome escolhido por ele, ainda influenciado pelo sucesso do filme *Rebecca, a mulher inesquecível*, de Alfred Hitchcock. Rebeca é a única filha que Venelouis teve com Marluce. Venelouis era um cinéfilo. Cinéfilo, certa vez escreveu um artigo no jornal *O Estado*, onde especulava “que algumas pessoas saem da sessão de cinema com a ilusão de ter encarnado ou incorporado alguém da telona”.

Venelouis comprou uma casa na avenida Estados Unidos — depois avenida senador Virgílio Távora — esquina com avenida Dom Luís.

— Seria bem melhor para a infância de nossa filha, uma casa mais ampla —, defendia ele.

Marluce descreve-o assim: Venelouis sempre foi um homem muito inteligente e determinado, íntegro, admirado por muitos e tinha um amor e uma dedicação imensa pelo seu jornal *O Estado*. Amava a liberdade de imprensa e por conta disso sofreu muito na época da repressão militar.

Marluce Férrer lembra de um caso acontecido no final de 1972. Neste período do governo Médici vivia-se um dos ciclos mais opressivos, principalmente de 1972 a 1975, quando o governo alimentava a voracidade da linha dura, liberando a tortura e a repressão. Era proibido falar qualquer coisa que colocasse em xeque o regime. O Brasil vivia o período do "ame-o ou deixe-o". A lista do ministro da Justiça Alfredo Buzaid proibia notícias "sensacionalistas" e notícias com fontes anônimas (em *off*) que colocassem em xeque a imagem do Brasil no exterior. Era proibido publicar declarações de pessoas atingidas pelos atos institucionais, pessoas ligadas a entidades estudantis interdidadas pelo Governo. Era terminantemente proibido publicar notícias sobre atos repressivos, tais como cassações de mandatos, suspensão de direitos políticos, prisões, tortura e críticas à infra-estrutura do Estado, bem como noticiar pragas, mazelas e epidemias. Falar sobre o desaparecimento de Rubens Beyrodt Paiva era totalmente vedado. Ele foi levado de sua casa, no Rio de Janeiro, em 20 de janeiro de 1971. Como o dele, todos os outros casos eram proibidos de serem informados ao público.

Marluce atende o telefone e, do outro lado da linha, alguém manda avisar a Venelouis que o jornal não pode publicar nada sobre protestos estudantis em São Paulo.

A ligação era do Rio de Janeiro, mas Marluce, envolvida com o enlevo da sua gestação, esqueceu de falar para Venelouis. No dia seguinte, a notícia foi divulgada com detalhes em primeira página. Exemplares foram recolhidos nas bancas de revista e a Polícia Federal bateu à porta da residência do casal para conduzi-los à sua sede, onde prestariam depoimento. O diretor da Polícia Federal de 1968 a 1972, Laudelino Coelho, foi informado pelo próprio Venelouis que sua esposa estava grávida e que era complicado locomovê-la agora para este tipo de constrangimento. Laudelino os liberou imediatamente, até porque conhecia Venelouis desde sua atividade como delegado da polícia civil.

Venelouis tinha muitos amigos e admiradores. Um dos seus maiores amigos era José Afonso Sancho, líder classista que lançou o jornal *Tribuna do Ceará*, a 14 de dezembro de 1957. Eram tão íntimos que o Sancho, ao saber da gravidez de Marluce, se convidou para ser padrinho da Rebeca — no caso ele e sua esposa, dona Ellen Sancho. Essa conversa aconteceu no domingo à noite no escritório de Sancho, na sede da *Tribuna* na avenida Desembargador Moreira. Todos os domingos à noite Venelouis ia ao encontro de Sancho para colocar a conversa em dia.

Entre as amizades de Venelouis, estavam Edson Queiroz, Chico Alves Maia — o casamento de Chico com Denise aconteceu na residência de Edson Queiroz e dona Yolanda Queiroz.

Ainda no rol de amigos, Moacir Aguiar, a quem alguns domingos pela manhã Venelouis gostava de visitar com a filha Rebeca a tiracolo. Edilmar Norões, Rangel Cavalcante, coronéis Aduino e Humberto Bezerra, Sérgio Philomeno, coronel Virgílio Távora, Clóvis Rolim, Patriolino Ribeiro, Idalmir Feitosa, Sabino Henrique, Newton Pedrosa, Fernando Maia, Teobaldo Landim, Hélder Cordeiro, entre muitos outros.

— Todos os amigos e esposas faziam parte do nosso convívio social —, lembra Marluce.

Nas inúmeras viagens ao Rio de Janeiro, sempre jantava e almoçava com o jornalista Helio Fernandes, de quem se tornou grande amigo. Ao lado de Marluce, Venelouis sempre gostava de acompanhar Helio Fernandes à redação e também às oficinas do jornal *Tribuna da Imprensa*. Ele adorava tecnologia de impressão — era totalmente gutenberguiano.

Venelouis tinha uma verdadeira reverência por Edson Queiroz. Publicou dezenas de reportagens sobre o espírito empreendedor de Edson, saudando cada novo empreendimento como a Esmaltec e a Universidade de Fortaleza.

Outro amigo, Chico Alves Maia, começou como repórter de

Esportes, notadamente futebol, nas páginas do jornal *O Estado*, até chegar no ponto mais alto da carreira em redação de jornal, como editor geral da *Tribuna do Ceará*.

Com Marluce, Venelouis ia sempre almoçar no restaurante do Ideal Clube. Quando não, no restaurante do Iate Clube, embora o preferido fosse o restaurante do Náutico. Aqui, ia com mais frequência até devido a uma deferência muito especial do maître Simbad. Todas as vezes que o casal chegava ao local, ainda na entrada, Simbad avisava em código ao pianista do restaurante e este imediatamente executava ao piano o tema de amor de *Romeu e Julieta* — o filme de 1968, com Olivia Hussey, dirigido por Franco Zeffirelli — que Venelouis dizia ser a “nossa música” — a música do casal.

Era um incorrigível romântico e sedutor.

Até 1975, quando o casamento acabou, Marluce e Venelouis vivenciaram festas carnavalescas resumidas aos, então, dois grandes bailes de pré-carnaval da cidade: o concorrido Carnaval da Saudade, no Náutico, e o Baile do Havaí, no Iate Clube. Só iam a essas duas festas carnavalescas. Uma exceção foi um carnaval no Crato, em companhia também de Augusto César Benevides. Ficaram hospedados na casa de Valdecy (irmã de Venelouis) e seu esposo Nemésio, “pessoas maravilhosas”.

— Foi talvez o melhor Carnaval que passei de minha vida.

O único grande evento social que Venelouis não faltava era a festa anual Sereia de Ouro, inspiração do seu amigo Edson Queiroz, que premia com a estatueta da Sereia, anualmente, quatro personalidades nascidas no Ceará.

Gostava de ir ao teatro, muitas vezes ao cinema, mas a maior frequência de saídas era para as boates de Fortaleza nos efervescentes anos 1970. E aí Venelouis sempre alugava uma farta mesa, fumava, bebia, dançava e se perdia noite adentro. Um dos *points* era a Boate Barbarella, do empresário da noite Américo Picanço,

instalada na rua Osvaldo Cruz.

A bebê Rebeca sempre ficava sob os cuidados de Inezita, uma técnica em enfermagem que havia trabalhado no jornal e que, a pedido de Venelouis, acompanhou os primeiros seis meses da recém-nascida, dando suporte à mãe de primeira viagem. Além dela, a babá Helena era uma segurança para o casal sair à noite.

Venelouis era leve e de bem com a vida. Só se estressava mesmo quando o problema era relacionado ao jornal.

Sentia imenso prazer em mostrar o maquinário a clientes e outros visitantes e dizia que aquela impressora havia sido adquirida na Thomas de la Rue. Tratava-se de uma impressora plana. A composição era na base de tipos móveis e não eram incomuns os erros por letras trocadas o que, decididamente, tirava Venelouis do sério.

— Ele ficava possesso.

Daí até o *offset*, foi um percurso penoso, de muitos aborrecimentos. O *offset* deu um grande alívio, mas trouxe novos desafios.

Em 1969, as dificuldades no jornal eram muitas. No convívio do dia a dia, Venelouis viu em Marluce a pessoa comunicativa, determinada e disposta a lutar junto com ele, com o objetivo de melhorar o jornal.

— Passei a trabalhar e discutir com ele problemas do maquinário até soluções do administrativo. Estávamos atravessando uma fase onde predominava a difícil situação financeira: eram poucos os anúncios — que é o que mantém um jornal. Ele tinha uma linha dura, não admitia certos erros e falcatruas e sempre publicava tudo em seu jornal. Aquilo que via e sabia ser coisas erradas, continuava publicando. Muitos o admiravam por isto, mas os anunciantes se acovardavam. Os outros veículos de comunicação não tinham esta coragem e muitas vezes, alguns desses chegavam a ligar para ele, pedindo que publicasse isso ou aquilo e ele naquela autenticidade que lhe era peculiar, priorizava a liberdade de im-

prensa e publicava.

Venelouis também imprimia notícias rejeitadas em outros jornais devido à censura ou à autocensura. O AI-5 estava em pleno vigor e no dia 16 de outubro de 1969 era homologada a indicação militar do general Emílio Garrastazu Médici — e do vice Augusto Rademaker — para assumir a presidência da República. No plano estadual, o governador era Plácido Castelo. O país vivia momento de aridez e de grandes interrogações. Parecia não haver luz no fim do túnel. Sequer parecia haver túnel.

— Conversávamos muito. Às vezes perdíamos noites de sono por conta do jornal, discutindo as dificuldades financeiras e políticas. Nessa época, não posso deixar de lembrar que o Hélder Cordeiro foi uma pessoa muito amiga e solidária, ao ponto de nos emprestar dinheiro para cumprirmos compromissos com alguns funcionários, enquanto recebíamos o que tínhamos para receber. O José Milton Pinheiro é da mesma época e também foi muito solidário.

Marluce Férrer ajudou Venelouis a superar a crise financeira grave, principalmente atuando na área comercial do jornal, vendendo projetos especiais e publieditoriais:

Os anos se passaram, ganhei muita experiência e chegou o momento decisivo em que eu iria fazer os contatos com os governantes, tanto no âmbito estadual como no municipal, para conseguirmos matérias pagas e “levantar” o que ele dizia ser nosso “jornal” — assumi o cargo de publicitária e Diretora Comercial do jornal. E levantamos! Quem trabalhava comigo durante o ano de 1975, até eu sair do jornal, foi minha irmã Marilde Férrer. A participação dela em nossos contatos de governo foi fundamental. Viajei várias vezes para algumas capitais do Nordeste como, por exemplo: Teresina, Recife e São Luiz, com grande sucesso. Sempre trazia autorização e material para publicarmos — tanto dos governos dos estados como dos prefeitos das capitais.

O dr. Alberto Silva, ex-governador do Piauí por dois mandatos, era muito nosso amigo e sempre publicava “Cadernos Especiais” no nosso *O Estado*, que sempre circulava nas Edições Especiais, em datas como 31 de março, aniversário do Jornal, Dia da Independência, Edição de Ano Novo etc. São as que mais lembro. Não conto as vezes em que nestas edições, nosso maquinário deixava a desejar e por conta disso, eu e ele, ajudávamos o pessoal da impressão em algumas coisas, inclusive até dobrar os exemplares, madrugada adentro.

Sempre fui muito respeitada por todos os funcionários do jornal, desde os publicitários ao pessoal de escritório e os operários das máquinas. Mais respeitada ainda por aqueles que nos prestigiavam, ajudando muito o jornal, como por exemplo, o coronel Aduino e o coronel Humberto Bezerra, Josberto Romero, Lúcio Alcântara, Luiz Sérgio Gadelha Vieira, Mauro Benevides, Paes de Andrade, Idalmir Feitosa, César Cals, Virgílio Távora, Vicente Fialho e tantos outros que não lembro no momento. Foram pessoas fundamentais em nossas vidas e na vida do jornal.

Um fato isolado lembrado agora: estávamos no jornal, imprimindo uma edição de Ano Novo, na época ainda sediado na Rua Liberato Barroso. A máquina de impressão deu um defeito, quebrou uma peça. Se não soldasse, não teríamos a edição do jornal. Venér ficou doido! Eu disse:

— Você fica aqui para os operários não abandonarem o jornal. Era mais ou menos uma hora da manhã e eu fui até a BR-116, numa oficina que não lembro o nome do dono, mas que sempre nos prestava serviço. Tirei ele da comemoração do Ano Novo e consegui levá-lo até o jornal. Ele resolveu o problema e o jornal terminou de ser impresso, circulou no dia 1º de janeiro com sucesso e o Venér sempre lembrava isso com muita gratidão.

Quando nosso casamento se desfez, em 1975, quis me afastar do jornal, mas Venelouis teve tantos argumentos, que me

convenceu a ficar. Além de ser Diretora Comercial por muitos anos, devido a minha capacidade, a grande amizade e a confiança que era recíproca entre nós, ele via em mim a pessoa ideal para continuar a luta junto com ele. Continuei assim, como Diretora até a minha saída definitiva do jornal, à época do governo Gonzaga Mota. No governo de Gonzaga Mota — nosso grande amigo “Totó” —, foi uma das melhores épocas do jornal. Já tínhamos sede própria, maquinário moderno, o jornal com bem maior circulação, os anúncios das secretarias, autarquias, economias mistas, comércio, indústrias, aumentavam consideravelmente e estávamos sempre inclusos na programação de mídia das agências de publicidade. Momento áureo: tudo já estava bem mais fácil!

Portanto, fiquei no jornal em torno de 16 anos. Quando deixei o jornal, foi difícil tanto para mim quanto para ele, que não aceitava minha saída. Conversou muito, argumentou, mas eu estava decidida. Ainda me mandou uma carta propondo grandes vantagens, mas não aceitei. Estava realmente decidida. Deixei o jornal, mas continuei sua amiga até o fim.²

Era uma qualidade ímpar. Todos os relacionamentos findos de Venelouis continuavam em grandes amizades. Foi assim com Wanda Palhano, foi assim com Marluce Férrer.

Flávio Torres, colunista do jornal *O Estado*, onde assinava com o codinome Mr. Torres, sugestão de Venelouis, promovia a festa anual *Manequim Padrão do Ceará*. Findo o evento, muitas garotas eram convidadas para venderem publicidade para o jornal *O Estado*.

— O doutor [Venelouis] só gostava de mulher bonita e chique, elegante, mulheres altas, e uma dessas, Augusta, a “boneca joia” tinha quase dois metros de altura, batizada de Aldine Müller do Ceará pelo irreverente Cláudio Pereira — também este, colunista semanal do jornal.

Ciente de que Venelouis, homem de muitas namoradas, era

louco por mulher, Flávio Torres sempre o escalava, não somente para compor o júri do evento das manequins, “para ele apreciar as mulheres bonitas”, mas também para o júri do Miss Ceará.

— Ele falava sobre a vida dele com as mulheres, sobre o jornal, que ele tinha muita preocupação com a qualidade financeira, principalmente no fim, antes dele falecer, ele se preocupou demais com a situação do jornal.

Em 1976, Flávio Torres trouxe para abrilhantar sua festa anual a modelo Francis Grunupp — Francisca Helena Grunupp —, uma filha de mãe alemã e pai russo que migraram de Leningrado para o Brasil, longilínea de quase dois metros de altura, irmã da atriz e ex-modelo Elke Maravilha. Francis era amiga de Hélio, irmão de Flávio, comissário de bordo da Varig. Ela foi uma das integrantes do júri daquela noite no Clube de Regatas Barra do Ceará, ambientado por Marciano Lopes, “Marc”, para os amigos. Foi naquele cenário, às margens do rio Ceará, que Flávio apresentou Francis a Venelouis:

— Aí ela se apaixonou pelo Venelouis e ele por ela.³

Ele assegura que foi paixão fulminante, “amor à primeira vista”. Francis ficou em Fortaleza, foi morar com Venelouis no hotel Vila Velha, na rua Liberato Barroso, onde funcionava, no térreo, o jornal *O Estado*.

Venelouis abriu uma boutique para a nova namorada. Ela adorava novidades do mundo fashion e queria trazer tendências e lançamentos do Sudeste, que ditava a moda para Fortaleza. A loja foi instalada no térreo do hotel e a inauguração foi badalado evento. O casal anfitrião estava eufórico, principalmente a anfitriã, em esfuziante longo acetinado com discretas transparências em finas camadas de tecido tom sobre tom. A lista de convidados era puxada pelo governador Adauto Bezerra, com a primeira dama, dona Lídia. Elke Maravilha, que estava em exibição nos cinemas nacionais com o filme *Xica da Silva*, de Cacá Diegues — estrelado

pela atriz Zezé Motta — veio para prestigiar a irmã. Muita gente importante compareceu, a alta sociedade de Fortaleza estava lá presente. Além dos lançamentos do Sudeste, outro foco da boutique era artesanato com design. Um dos destinos de compra de Francis era a Paraíba, para renovar o estoque de artesanato da loja e contrastar com outros itens de vestuário vindos do Sudeste.

Em 1977, Venelouis foi vítima de agressões físicas por parte de familiares do deputado arenista Paulo Benevides [Paulo Feijó de Sá e Benevides], que assumira a presidência da Assembleia Legislativa do Ceará no dia 25 de fevereiro daquele ano, para mandato de dois anos. Francis entrou em pânico e de tão assustada deixou tudo para trás e foi embora para o Rio de Janeiro. Flávio Torres acha que Venelouis sofreu mais com a partida de Francis que com os sopapos dos filhos brabos do deputado Benevides:

— Venelouis sofreu muito, ele gostava muito dela. Ela foi a única que não explorou ele, deixou tudo como estava, porque você sabe que as mulheres hoje em dia querem apenas um homem para explorar. A Francis hoje mora em Paris, casou com um paraibano, ela é maravilhosa, uma pessoa que eu quero muito bem.

Venelouis sentiu a perda daquela bela mulher. Longilínea e tão alva quanto a irmã Elke — “moça branca como a neve”, nos versos de Ferreira Gullar. Eram frequentadores da badalada boate Senzala — que depois mudou o nome para *Boeing Boeing*, próxima ao antigo Aeroporto Pinto Martins. Venelouis chegava fechando pelo menos duas mesas onde confraternizava com amigos e bebia à vontade, com os intervalos para as danças. Era um dançarino compulsivo. Francis era uma loira daquelas transparentes “de fechar quarteirão” em uma gíria da época, e tinha o hábito de não vestir calcinha, uma conjugação explosiva com seus vestidos longos e ralos, quase transparentes.

Francis era uma loira fatal, amiga e confidente de Gurgel do Amaral, o cabeleireiro mais famoso da época. O gosto de Vene-

louis por belas e vistosas mulheres que ficavam bem acima da sua altura despertava sempre a indagação: “como ele faz para conquistar um avião desses?” — se indagavam gentis desafetos.

O amor entre o eterno e o efêmero, uma reportagem no jornal *O Povo*, publicada no dia 27 de agosto de 1994, com a foto de Venelouis Xavier Pereira ao lado de sua companheira da época, Viviane, ocupando destaque no alto da página. O subtítulo dava o tom da abordagem: “o casa-separa-casa está cada vez mais comum. Venelouis Xavier é um campeão”.⁴ A foto do casal ganhou a seguinte legenda: “Venelouis Xavier Pereira, em sua 17ª. união, está há dois anos com a mineira Viviane”, ele sóbrio, olhando para a câmera, ela, com um sorriso ligeiramente contido.

É claro que casar sucessivamente não é nenhuma regra geral, afinal existe muito a ser pesado e medido na hora de decidir separar. Mas as exceções estão ganhando corpo. É o caso do diretor-presidente do jornal *O Estado*, Venelouis Xavier, 59, um recordista no assunto, que tem uma bagagem de nada menos que 17 casamentos. Com sete filhos e treze netos, já teve cônjuges italianas, argentinas, cariocas, cearenses e gaúchas. Teve mais, a atual, Viviane com quem vive “muito feliz”, como ele próprio define, há dois anos, é uma mineira de 27 anos.

A receita de mulher ideal, segundo Xavier, é no mínimo rara: “filha de alemão com brasileira porque vai saber cozinhar, falar três ou quatro idiomas e ser inteligente. E não vai viver comprando roupa em boutique, nem pensando na pensão do marido”, define, citando como exemplo a sétima da sua lista, Francis, com quem esteve casado por quatro anos, e é irmã da não menos casamenteira Elke Maravilha.⁵

Em janeiro de 1980, Francis foi capa da revista *Status*, número 66, em um ensaio fotográfico cujo título de capa era *Tiramos a*

roupa da irmã de Elke. A sequência de nus fotográficos, com generosos *topless*, ocupou da página 51 à página 57, assinada pelo fotógrafo Luiz Celso de Oliveira.

— Por que não deu certo?⁶

— Pelo mesmo motivo das outras: elas acabavam não entendendo a total dedicação que eu dou ao *O Estado*, que é o meu verdadeiro amor, e ficavam com ciúmes do jornal.

— Você é totalmente fiel?

— Quando estou com uma pessoa, eu sou o homem mais fiel do mundo. E para mim, é definitivo. Mas no intervalo entre um casamento e outro eu não consigo ficar só e viajo pelo mundo atrás de um novo amor.

A filha Rebeca lembra que acompanhava os pais para algumas festas no Iate Clube, onde Venelouis ancorava seu iate de nome... Rebeca.

— Mesmo sendo uma pessoa muito ocupada, ele era um pai muito presente. Ainda mais nos dias de sábado quando saíamos todos. Papai tinha muito amor ao jornalismo. Muitos podem pensar que o grande amor da vida dele foram as mulheres, porque ele teve muitas, mas não, eu acredito que o grande amor dele foi o jornal. Ele deu tudo pelo jornal e não é à toa que ele morreu dentro do jornal.⁷

Rebeca Férrer vê Venelouis como a cabeça, o tronco e os membros do jornal:

— Muitas pessoas que foram companheiras de trabalho dele, os filhos que o acompanharam no jornal, como a Soraya, a Solange, o Ricardo foram muito presentes. Mas ele era a cabeça. Ele tinha uma conduta, uma forma de pensamento e trabalho que era peculiar dele e acho que foi inevitável entrar em atrito com algumas ideias dos filhos, mais inovadoras. Também — eu ainda me lembro — o terrível enfrentamento dele com o Governo Tasso Jereisati. Ele foi esmagado. Ele ficou muito magoado porque apoiou a

campanha de Tasso. Eu lembro bem da história do Adauto Bezerra que foi na primeira eleição do Tasso Jereissati, a queda dos coronéis. Eu lembro que teve um almoço que a gente foi, o Adauto queria o apoio do papai, mas ele respondeu que apesar de serem amigos achava que o Ceará precisava respirar, precisava de algo novo. Era uma visão que ele tinha de futuro.

Ricardo Palhano narra a conjuntura do afastamento de Venelouis de Adauto e seu consequente apoio ao jovem candidato Tasso Jereissati:

Venelouis era amigo e admirador do Adauto e, mais ainda, do Cariri. Mas para o final do governo Adauto, ele rompeu com o governador. Então, passou a fazer uma oposição muito forte, inclusive com o Adauto no governo ainda. Quando o Tasso teve sua candidatura lançada ao governo, o jornal já era oposição a Adauto Bezerra. Na época, o empresário Antônio Romcy era muito amigo do meu pai e era muito amigo do Adauto. E o Antônio Romcy procurou o meu pai para fazer um encontro entre os dois, e eu participei também, em um jantar na casa do Antônio Romcy. Estavam o Adauto Bezerra e seu irmão, Humberto Bezerra, o meu pai, o Antônio e eu. Para que eles fizessem uma reconciliação, não de apoio ao Adauto, que ia disputar com o Tasso. Mas de trégua. Para que o Venelouis voltasse a amizade e não continuasse aquela oposição ferrenha ao Adauto. Porque toda a imprensa naquela época, inclusive o jornal *O Estado*, já vinha numa exaustão com o negócio dos coronéis. Então, todos queriam mudança. Havia, também, uma pressão nacional. Isso começou dentro do Centro Industrial do Ceará.⁸ Muito cedo nos engajamos com o projeto da turma do Centro Industrial do Ceará — CIC. Quando o Tasso saiu candidato, o candidato do CIC, ele automaticamente teve o apoio não só da imprensa mas de uma quantidade enorme de pessoas socialmente atuantes. Foi feito esse jantar e lá eles voltaram a se falar, se

reconciliaram. Aí o jornal *O Estado* passou a não mais fazer uma oposição sistemática, só a noticiar o que estava acontecendo. Mas o jornal estava com Tasso. Eu e o meu pai fomos a várias reuniões lá no escritório do Tasso, no Centro. A gente foi umas duas ou três vezes lá. E ele queria que a gente fosse mais incisivo, queria denunciar isso, denunciar aquilo. E a gente sempre num jogo de cintura. Estávamos apoiando ele, mas ninguém queria ofender o outro. E conseguimos manter esse equilíbrio com uma ligeira vantagem para o Tasso.⁹

O jornalista Newton Pedrosa era o assessor de imprensa de Aduino Bezerra, de quem tornou-se amigo desde os tempos iniciais da carreira parlamentar do então deputado, em 1958.

— Venelouis era muito amigo de Aduino, mas a amizade se deteriorou no final do Governo. E ficou pior ainda na campanha de Tasso. Venelouis foi para o Tasso. E foi até cáustico com Aduino, uma amizade antiga. Resolveu mudar de posição política e foi para o Tasso. Depois, também rompeu com o Tasso.¹⁰

Rebeca Férrer estava com dois anos de idade quando seu pai se separou de Marluce. Mesmo assim, teve uma infância e uma adolescência muito próximas dele, constantemente presente, buscando como forma de compensação mimar ao seu jeito, inclusive com uma bela festa de aniversário de 15 anos, no Ideal Clube, “debutando na sociedade” com direito à presença do governador Gonzaga Mota.

Venelouis se vestia de modo original, não se importando em nada com a opinião de terceiros, acoplado na cabeça sua indefectível peruca e pilotando suas botas “cavalo de aço”. Era assumidamente assim que ele era e isso lhe consolidava a personalidade ímpar, cheia de certezas.

Rebeca destaca a autenticidade do pai:

Ele vestia roupas bem diferentes do padrão da época. Usava

jaquetas, blusas vermelhas de seda e gostava de cordões e pulseiras. Quando ele foi enterrado, estava usando a jaqueta, não paletó, porque era o estilo autêntico dele.¹¹

Ele tinha a vaidade no estilo, gostava de dirigir sua limusine, mas também tinha uma grande vaidade intelectual.

[...] Teve uma vez que eu fui ao cinema com o meu pai, eu devia ter uns 12 anos, não queriam deixar eu entrar, aí ele mostrou a carteira de delegado e disse que eu entrava sim, aí o homem disse que não, pois ele era do juizado de menores. Foi uma confusão. Ele era assim. Acho que foi no Cine Diogo. Quando ele dizia algo, era assim. Eu acabei entrando.

Na boate Hipopótamus — perto de Messejana, na BR-116 — eu fui com ele várias vezes. A boate tinha um cassino, era uma paixão dele. Eu lembro que uma vez eu estava passando férias em Brasília e encontrei com ele, estava com uma mala, louco para ir aos cassinos, onde tinha aquelas moças bonitas, aí ele apresentava muitas delas para a sociedade como damas, mas eram, em sua maioria, moças de cassino. Eu conheci algumas, como a Viviane, outra que era esotérica.

Eu lembro que a mãe me trazia no jornal para ver o meu pai, às vezes eu encontrava ele com uma mulher diferente, mas eu não gostava muito, acho que é aquela coisa, ele era a minha figura de pai e acredito que toda criança pensa em seus pais juntos e tal.

Divertido, alegre, Venelouis adorava viver intensamente e, não poucas vezes, perigosamente. Nas boates que frequentava, sorvia generosas doses de whisky e não dispensava a pista de dança; era um dançarino compulsivo e, diz-se, dançava bem — um elegante pé de valsa. No dia a dia, ele vivia para o jornal. Embora tendo uma intensa vida noturna, sua primeira dedicação era o jornal. Um dos pontos de encontro com amigos noturnos era a boate

Meia Noite, que funcionava no Imperial Othon Palace, na avenida Beira Mar. No térreo do elegante hotel, inaugurado nos anos 1970, funcionava a concorrida boate, palco de agitos e emoções. Ele também era um *habitué* da boate *Senzala*, próximo ao antigo aeroporto Pinto Martins. O que tinha de divertimento chique e nobre, o Venér gostava. Curtiu e aproveitou muito a vida, amava os filhos — era louco pelos filhos — e demonstrava um enorme carinho pela primeira e ex-mulher Wanda Palhano.

— Eu acho que ele ainda viajou apaixonado pela Wanda, ela é uma mulher muito linda, tanto por dentro quanto por fora, acre-dita o jornalista e colunista social Flávio Torres.¹²

Jovial, se ligava em tendências de vestuários. Venelouis aderiu logo a novidades como ao famoso sapato "cavalo de aço", com três camadas de sola e um salto generoso de cerca de cinco centímetros, massificado por uma personagem da novela homônima, de 1973, da TV Globo. Também não dispensava camisetas, tinha coleção de jaquetas e de calças jeans. Um jovem de alma como de coração, que adorava perfume francês, fumava bastante, sua marca de cigarro favorita era Carlton, e adorava um whisky *White Horse*, com as generosas pedras de gelo que compunham o ritual, propiciavam um sonoro tilintar. Quando se transportava para o ambiente *noir* de alguma boate, o tilintar fazia-o se sentir um Humphrey Bogart à espera de sua Ingrid Bergman.

Em 1976, Venelouis tomou uma decisão drástica. Necessitava, para seu empreendimento, de um companheiro de viagem. E convidou Fernando Maia, secretário de imprensa de Evandro Ayres de Moura, para acompanhá-lo até Buenos Aires, na Argentina.¹³ Ele encontrou Fernando Maia por acaso no Rio de Janeiro e implorou que aquele se passasse por membro da família e pedisse, em nome de Venelouis, a mão de uma argentina em casamento. Fernando estava no Rio acompanhando o prefeito em um evento

e teve que pedir a Evandro Ayres que o liberasse para a viagem.

— Venelouis, eu não tenho dinheiro e nem tempo para isso.

— Fernandim, todas as despesas correm por minha conta. Mas, veja bem, você tem que fazer um trabalho pra mim, faça o pedido de casamento ao pai da moça, que só assim ele deixa ela vir comigo para o Brasil.

— Mas eu não posso largar o dr. Evandro aqui no Rio de Janeiro.

— Deixe comigo. Vamos falar com o nosso prefeito.

Falaram com Evandro que, de pronto, liberou e foi aquela dupla rumo a Buenos Aires.

Só que a moça, Katira, morava em Mendoza, a capital da uva Malbec, já nas bordas da Cordilheira dos Andes. Do Aeroporto Internacional de Ezeiza, em Buenos Aires, pegaram um voo doméstico para Mendoza.

Foram se recompor no hotel local para a solenidade do pedido de casamento, na aconchegante chácara do comodoro Núñez, nos arredores da cidade de Mendoza, a capital da província do mesmo nome. O jantar seria no dia seguinte, conforme acertado por telefone.

No dia seguinte, muito bem vestido, camisa estampada desabotoada, tórax peludo à vista, blazer azul escuro e um enorme cordão dourado, com uma cruz caída sobre o peito. A cabeleira bem arrumada e as indefectíveis botas “cavalo de aço”, para aumentar alguns milímetros na altura.

Ao cair da noite, chegaram na chácara cercada por um muro baixo coberto por trepadeiras. A cem metros do portão estava o casarão de três andares rodeado por farta jardinagem e muitas trepadeiras.

A mesa posta à luz de velas, a família, os amigos, o pai, brigadeiro da Aeronáutica, peronista — naquele tempo o peronismo estava apeado do poder —, cabelos discretamente grisalhos, comodoro Núñez olhou meio atravessado para aquela cruz amparada no peito peludo do Venelouis.

O serviço de vinhos, sorvido e celebrado solenemente pelo co-

modoro, entrou pelo meio da noite. Tintos de duas castas, carnes, legumes, pães e queijos. A temperatura da conversa aumentava e os sons misturaram a língua local com um macarrônico portunhol.

Duas horas depois, Venelouis mostrava-se algo ansioso e sinalizava para Fernando, sugerindo que estava na hora de fazer o pedido. Mas Fernando fazia ouvidos moucos, esperava que o teor de álcool aumentasse, para favorecê-lo.

Cansado de esperar, Venelouis se levantou, bateu com a ponta dos dedos repetidamente sobre a mesa, como a pedir que os olhares se voltassem para ele. E tascou um portunhol horrível:

— Comodoro Núñez, minha senhora Carmosina — dirigindo-se à mulher do comodoro —, meus amigos desta bela cidade de Mendoza, meca da uva Malbec, que há tempos eu pretendia conhecer... — pigarreou, silenciando a voz ligeiramente fanhosa.

Fernando pressentiu que sua tarefa acabara de ser abortada. Venelouis faria, ele próprio, o pedido. Silêncio total, todos os olhares voltados para Venelouis e ele encarando o pai da moça:

— Eu vim do Ceará, lá no norte do Brasil, trouxe comigo um fiel escudeiro — olhando para Fernando Maia — percorri cerca de 9.000 km para chegar até aqui em nome do amor, queria pedir a mão da sua filha, mas por questão de honestidade eu quero lhe dizer que já fui casado seis vezes no Brasil e, que, de certo modo, ainda estou casado porque o processo de divórcio ainda não foi finalizado.

A mulher do comodoro se levantou agoniada, começou o vexame. Fernando Maia intervém, começa a falar com forçada tranquilidade tentando sufocar os cochichos na sala.

— *Mis amigos, soy periodista y trabajo com el doutor Venelouis...*
— Fernando caprichava no portunhol, mas logo voltou ao português — e caberia a mim fazer o encaminhamento da solenidade, onde ele pediria a mão de sua estimada Katira ao seu pai. Mas o Venelouis é esse homem espontâneo e autêntico que estamos vendo aqui, divertido e honesto, não sabe mentir e não se conteve em esperar que eu falasse...

Mas a confusão já estava feita, “você poderia ter diminuído o número de casamentos para três”, disse Fernando Maia depois. O clima ficou hostil, a família era muito conservadora.

— Vamos embora, Venelouis, porque aqui não dá mais pra gente.

Aí ele percebeu o tamanho do desarranjo que havia feito ao quantificar suas pretéritas relações matrimoniais, oficiais e oficiosas.

Fernando Maia depõe sobre Venér:

Ele era essa criatura fantástica. Alguns governantes sempre quiseram colocar o Venelouis como uma espécie de chantagista, porque ele tinha o jornal dele que era pequeno, mas não era programado na mídia, nem do Governo nem da Prefeitura de Fortaleza, muito embora pequeno em tiragem, ele queria que o seu jornal fosse programado, também. Ele sempre foi um cara muito decente e super humano. Têm jornalistas que ainda estão vivos e que ele ajudou muito quando estavam em dificuldade. Tinha um que ele mandava até deixar suprimentos em casa. Quando eu fui convidado pelo Demócrito [Dummar] para ir assinar a coluna *Política* no jornal *O Povo*, eu tive dificuldade em falar para o Venelouis devido à nossa grande amizade. Mas o Venér já estava por dentro do bizu, ele já sabia que eu havia sido chamado para o jornal *O Povo*, aí foi ele quem me ligou, amigavelmente, e disse que eu fosse: “Fernando, não se constranja. Você deve aceitar o convite, você vai para um jornal maior, o que eu podia dar e ajudar você a crescer, já fiz”. Mas mesmo no jornal *O Povo* eu sempre continuei muito amigo dele e conversávamos regularmente.¹⁴

Mas não é que a namorada argentina de Mendoza veio bater em Fortaleza? Um ano depois, Katira brigou com o pai e veio para Fortaleza ao encontro de Venelouis. Parecia uma paixão daquelas loucas. Somente os telefonemas não mais satisfaziam. Era preciso

um desfecho.

Venelouis alugou um apartamento para Katira, na avenida Beira Mar, que também anunciou sua chegada a Fernando Maia. Tudo parecia estar bem, quando certa noite Fernando recebe ligação de uma chorosa Katira, em portunhol sofrível. Implorava pela presença do amigo de Venelouis em seu apartamento. Ao chegar lá, acompanhado por sua mulher, ele escuta uma insólita reclamação: o Venelouis queria dormir lá, com ela, e isso era impossível porque sexo só poderia acontecer entre eles depois do casamento. Ela brigava e chorava. O Venelouis, muito bravo, mandou deportar a moça. E Katira passou incólume pelo prontuário do intrépido casamenteiro.

Mas a história não acaba aí.

A conexão Mendoza-Fortaleza ficou intensa através de cartas e de telefonemas. A coisa ganhou um enorme volume e o desejo virou ação. Trinta dias depois, Katira desembarca novamente em Fortaleza, desta vez na companhia dos pais, o vetusto comodoro à frente.¹⁵ Ele ficou fascinando com a cidade, com o calor dos trópicos e o aconchego das praias, com suas águas mornas e a comida exótica para os seus padrões conservadores. Já era um entusiasta do casamento, queria ganhar assento aqui. Mas Venelouis estava legalmente impedido de casar. Já passara por uma penca de consórcios, mas não havia formalizado o divórcio com a última companheira, de modo que o casamento, como queria a família de Katira, era impossível. Então, ele imaginou uma fórmula. Chamou o Assis — o funcionário faz tudo, chegou até mesmo a fazer exame de sangue em nome de Venelouis — e Assis conseguiu um bispo da Igreja Brasileira, produziu toda a solenidade em uma pequena capela e o ritual, entre o solene e o profano, aconteceu com pompa e circunstância, com direito a trilha de Franz Peter Schubert, *Ave Maria*. O bispo com um chapelão bonito, todo paramentado, satisfazia completamente os pais da noiva. Só depois desta solenidade *fake* aconteceu o acasalamento, porque até então Venelouis não desfrutara da es-

treita intimidade. Foram, então, morar juntos.

Os pais ficaram curtindo as praias de Fortaleza pelo menos durante um mês. Mas um animal atravessou a sinfonia. Katira não se separava de seu cãozinho de estimação, um minúsculo Chihuahua preto que Venelouis detestava. Dizia que aquele cão perturbava o espírito dele, latia demais e desse modo não daria certo continuar com ela. Em quarenta dias o casamento acaba, ela volta para a Argentina com o cachorro e os pais e a chama da paixão exauriu-se.

— Assim eram as coisas do Venelouis —, suspira Fernando Maia.

Mais um relato do jornalista Fernando Maia em suas andanças com Venelouis:

Quando eu o conheci, ele ainda estava casado com a Dra. Wanda. Depois teve a Marluce, muito bonita, trabalhou aqui no jornal, teve até uma filha com ela, a menina faz parte do espólio dele. Depois ele casou de novo, juntou-se com a irmã da Elke Maravilha, uma loira muito bonita, gostava muito dele. Fomos para a Europa juntos, uma viagem com o casal Paes de Andrade, e o casal Ricardo Palhano, filho de Venér. Nessa viagem houve uma coincidência tremenda, uniu situação e oposição no mesmo evento e no mesmo hotel.

Um dia, passeando em Paris, Venelouis escorregou e logo falou para mim que descobrira, finalmente, o motivo pelo qual os franceses falavam tanto “merd”, porque as ruas daquela cidade eram cheias de merda de cachorro.

Roubaram quinhentos dólares dele no metrô, aí disse que lá era terra de vagabundo, que a gente pensava que era terra de primeiro mundo, mas que tinha mais ladrão que aqui. Essa viagem foi em 1978. Quem estava lá era o Ciro Gomes com Patrícia, esposa dele. Paes de Andrade com dona Zilda. [Zilda Paes de Andrade, filha de José Martins Rodrigues]

A gente ia para os cafés. Então, lá na França, o Paes, muito

requintado e cheio de frescura, dizia que queria vinho do Porto, e em Portugal ele queria tomar vinho francês. Então o Venelouis foi perguntar a ele o que diabo era aquilo: o Paes caiu na gargalhada junto com a Zilda, até o Lúcio Alcântara estava lá no café. Essas coincidências da vida são maravilhosas, unem partes de um mesmo firmamento social, mas que não convivem. Nessa época, nós ficamos em um hotel fantástico chamado *Concórdia Live It*, quatro estrelas, muito caro, mas como fomos a uma excursão, barateou bastante. Era na 38 Boulevard Diderot, 7. A viagem, tipo excursão, durou doze dias.

Foi uma vivência muito grande ter o Venelouis como companheiro de viagem. Como figura humana, era um cara extraordinário. As pessoas às vezes falam mal dele e são mesmo injustas, porque ele era de grande caráter e muito humano. Brincalhão, bem humorado, agora quando ele se zangava com alguém... sai de baixo. Sempre falava que nunca procurava briga com gente menor que ele, só fazia com quem fosse maior. As brigas dele foram com governadores, autoridades. Com o governo Tasso ele partiu para o confronto.

O governo Tasso nunca reconheceu *O Estado* como um veículo importante. Ele achava que era um jornal de terceira, segunda categoria e não programava o jornal na mídia oficial do Governo. A mídia deveria contemplar os órgãos de comunicação sem favorecimento para nenhum deles. O jornal *O Estado* passou um período muito difícil, porque naquela época a mídia governamental era muito importante.¹⁶

Albânia Uchoa de Aguiar completa 48 anos de serviços prestados ao jornal *O Estado* em 2016, sempre atuando na área de vendas, corretora de anúncios, vendedora talentosa. Aos 74 anos, aposentada, ainda presta serviços de corretagem ao jornal trabalhando em casa; mantém uma pequena lista de clientes.¹⁷

— O Venelouis gostava muito de brincar comigo. Era mulhengo, mas me respeitava muito. Eu entrei bem novinha no jornal, mas ele nunca me faltou com o respeito. Ele me chamava de “minha filha” ou “minha bichinha”.

Desde 1968, quando chegou no jornal pelas mãos de Dorian Sampaio, primo de Venelouis, Albânia vivenciou momentos marcantes que culminaram com a morte de Venelouis. Mas também acompanhou alguns de seus romances, amores e casamentos. Ela lembra que quando o Venelouis se envolveu com a Marluce, ele já estava praticamente se separando da doutora Wanda, “eles vinham brigando muito”.

— Quando a Marluce entrou no jornal, alta e bonita, do jeito que ele gostava, aí começaram a sair. A doutora Wanda soube e pediu para conversar com ela e as duas se entenderam bem. Quando a mãe da Marluce soube, não aceitava de jeito nenhum. Dizia que ele era casado e mesmo que fosse divorciado, não dava certo. Se ela quisesse viver isso, que saísse de casa. A pedido do Venelouis, Marluce ficou na minha casa até as coisas se acalmarem. Ficamos muito amigas, viramos até comadres.

Albânia conviveu com os filhos de Venelouis desde o primeiro momento. Ricardo já era adolescente, a Loirinha era menina, a Soraya já com seus 9, 10 anos, o Stevenson era uma criança, bem mais novo que o Ricardo.

Ela recorda:

Eu convivi mais com a família quando o jornal estava na rua Liberato Barroso, 708. [...] Ele sempre dizia que os amigos que nunca abandonaram ele: eu, o Pardal — o eletricitista do jornal, trabalhava na máquina impressora... Ele dizia que quando morresse, a gente ia herdar algo dele.

Ele se aborrecia de momento. Era quando as pessoas não faziam as coisas direito, mas não guardava rancor de ninguém. Mas, em 1996, nos seus últimos momentos, andava triste, deprimido,

bebia demais, eu acho que ele pensava que a bebida poderia amenizar algo. Vivia sob grande pressão. O jornal *O Estado* é minha segunda casa, eu amo esse lugar, quem falar do jornal na minha frente ou de alguém da família, eu sou capaz de comprar uma briga. Do Ricardo e da Loirinha eu gosto demais. O Venelouis foi uma pessoa maravilhosa, atencioso, um bom pai, amoroso com os filhos, apesar de mulherengo, era um bom esposo, um homem caridoso, carismático, sedutor.

Quando o Stevenson morreu, os meninos me procuraram para saber onde era a sepultura de Venelouis no Parque da Paz. Desde que Venelouis morreu todos os anos eu vou lá, limpo, coloco flores, cuido. O Ricardo é muito bom pra mim, talvez até melhor do que o pai dele foi.

Rebeca Férrer Xavier foi, em algum momento, seduzida por Carmem, a mulher com quem Venelouis teve um outro filho.

— No começo, eu, por ser criança, tinha dela uma visão diferente da que os meninos tinham, porque eles, adultos, eram bem críticos. Então, só depois fui conhecer quem era mesmo a Carmem. Era uma pessoa que queria destruir o papai, que queria tomar tudo dele. Ainda conseguiu pegar muitas coisas, porque quando ele foi pra Brasília, vendeu o jornal para os filhos e para Wanda e investiu o dinheiro na fazenda. Aí com a separação deles, que teve até processo, ela recebeu parte dos bens. Quando o papai faleceu, ela quis entrar como meeira novamente. Na época, tudo que ele deu pra ela, a maioria foi em dinheiro, ele deu bens, apartamento para ela no Rio de Janeiro, deu dinheiro, carro e depois ela queria tudo de novo. Então provou quem realmente ela era. Ainda entrou juridicamente, houve acordo.

Rebeca diz que sua mãe, Marluce Férrer, foi a única que não se beneficiou:

— A minha mãe foi a única mulher que se relacionou com o

meu pai e saiu sem nada. A única casa que ela tinha, acabou abandonando por conta de uma discussão com o meu pai. Depois, ela comprou uma casa na Rua Tibúrcio Cavalcante, mas foi com seu próprio dinheiro. Mas eu não culpo o meu pai por isso, foi escolha dela.¹⁸ Marluce Férrer casou novamente e teve uma segunda filha, irmã de Rebeca.

Fátima Estela Pita Pereira, era, seguramente, a sobrinha predileta de Venelouis. Ela, adolescente, compunha o grupo de amigos festeiros de Venelouis, acompanhando-o, muitas vezes, a clubes, restaurantes e boates. Por conta disso, ouvia dele muitas confidências e desabafos.

— Foi ele quem, carinhosamente, me apelidou de Fafinha — diminutivo de Fátima. Tive o prazer de conviver com o meu tio e ele gostava muito de mim, porque me confidenciava coisas incríveis da sua vida e eu achava fantásticas as histórias dele.¹⁹

Fafinha, uma fortalezense de 22 de janeiro de 1956, é filha do pediatra Aldemir Pereira de França, irmão mais velho de Venelouis e da empresária Simone Maria Pita Pereira, filha de Antônio Pita, que era um político de Juazeiro do Norte. Aldemir nasceu em Jardim e foi o primeiro médico da pequena e aprazível cidade cariense.

— Ele saiu de lá porque era muito bonito e namorador. Então o padre local chamou-o e disse que ele não podia continuar enganando tantas meninas. Meu pai respondeu que tinha estudado para ser independente e que sabia que também ele, o padre, namorava. O pai dele também era namorador, casou três vezes, mas porque ficou viúvo.

O avô, Antônio Pita, associado a José Bezerra de Menezes, pai de Aduino Bezerra, foram os primeiros a fazer uma cooperativa em Juazeiro do Norte, depois viu que tinha muitos inimigos políticos, vendeu sua parte à família Bezerra, foi morar em Fortaleza

e começou no negócio da construção civil. A Cooperativa era a semente que depois viria a ser o Bicbanco.

Pita, construtor de casas residenciais, era o "fornecedor" do material de construção que Venelouis usava em suas muitas obras. E, até ria, ironizando:

— Vou virar sócio do Venelouis no jornal, porque ele está carregando todo o meu material.

Certa vez, Fafinha ligou para o tio Venelouis e ele disse que estava jogando damas, porque estava com uma nova namorada que gostava do jogo e ele tinha que agradá-la. Uma outra namorada ele chamava de perseguidora interestadual, porque ela foi deixá-lo no aeroporto, ia viajar para o Piauí e quando ele desembarcou, a moça já estava lá, procurando por ele. Uma outra namorada, na primeira vez foi ao apartamento, ela deixou uma calcinha, depois de três dias ela deixou uma saia, aí ele disse que já sabia que ela estava levando guarda-roupa devagarzinho e queria se mudar para lá, por isso acabou a relação.

— Essas histórias dele me fascinavam, porque ele tinha uma forma cômica de resolver as coisas. Depois ele me disse que tinha trocado de namorada novamente, uma adepta do *feng shui*, porque ela não tinha gostado da posição da cama, disse que a cama deveria estar virada para o Norte. Ele doido para namorar e ela preocupada com isso. Aí depois ela cismou com o lençol, ele se irritou e disse que ela ia querer mudar ele também e ficar com o apartamento.

A relação de amizade e de confidências de Venelouis com Fafinha — que, eventualmente, ele também chamava de Fáfis — teve um importante retribuição. Foi Venelouis quem detectou que o primeiro casamento dela não estava bem. E agiu.

Fátima, muito ativa, cheia de energia, tinha muitos amigos, era esportista, gostava de jogar basquete, frescobol. Casou muito jovem, movida pela paixão:

— Eu já estava com 18 anos [era 1975], aí me apaixonei por um

português, ele era piloto. Eu era muito nova, trabalhava no Hospital das Clínicas, larguei tudo e fui embora, morar em Portugal, onde morei cinco anos. O único tio a me visitar foi Venelouis. Eu achei interessante que o Ricardo [Palhano] também foi passar sua lua de mel lá, em Portugal. Ficou no meu apartamento. Mas o tio Venelouis ficou em Lisboa com uma nova namorada dele, Marluce — mas não é a Marluce, mãe da Rebeca não —, uma segunda Marluce... São muitas mulheres. Ele foi acompanhado do ministro Cláudio Santos e este com Audísia. Foram me visitar e eu achei interessante, porque estava vivendo uma terrível depressão, embora não tivesse consciência disso naquele momento. Sempre fui alegre e comunicativa. Mas, em Portugal, descobri que o piloto era alcoólatra, jogador e esquizofrênico. Ele era daqueles que perdia tudo no jogo, chegava em casa e não falava com ninguém.

Fátima acompanhou os dois casais no jantar em um restaurante muito chique e, portanto, caro. Apesar disso, o serviço inicial estava ruim, demorou para serem atendidos e Venelouis, incomodado com aquilo, chama um garçom:

— Maneus!!!!.

— Como você sabe o nome do garçom, meu tio?

— Ora, Fáfis, em Portugal é só gritar Maneus, na Alemanha, Fritz, na Itália, era só gritar José e, em Fortaleza, grite *seu Zé*.

Ficou amigo do garçom e na semana que passou em Portugal, voltou lá mais uma vez.

— As namoradas dele eram sempre muito extravagantes —, lembra Fátima. — Teve uma que na região do Estoril — 32 quilômetros de Lisboa —, um frio danado e ela de minissaia.

Quando retornou a Fortaleza, Venelouis foi ao encontro dos pais de Fátima e disse que ela estava extremamente infeliz e deprimida. E, foi além:

— Você tem que trazê-la já de volta para Fortaleza. O casamento dela é um desastre.

E assim foi feito.

— Eu gostava disso no meu tio, o cuidado. Ele se preocupava com a família. Se você falar com os filhos dele, vai ver que todos são loucos por ele. Quem olhava de fora, achava o tio irresponsável, péssimo pai. Ele não soube comandar com as mulheres dele, mas como pai e empresário, ele era inteligentíssimo e quando ele voltou para Fortaleza, ele contou todo o meu problema ao pai.

A sobrinha e confidente Fátima conheceu pelo menos umas oito namoradas de Venelouis, e lembra que o tempo que ele passava com elas dependia muito, porque se pegassem no pé dele, a relação acabava na hora.

Ela conta:

— Mas teve algumas que ele gostou mais. A mais engraçada foi a Francis, irmã da Elke Maravilha, ela era linda. Um dia, ele foi almoçar na casa do meu pai, tinha uma grande mesa de jogo, papai fumava ainda cigarro de palha. Ele mesmo preparava, colocava na palha de milho e, com habilidade, enrolava. Parecia um cigarro de maconha. Aí terminou o almoço e a Francis enrolou o cigarrinho dela também. Meu pai foi falar para o tio que ela fumava igual a ele, aí o tio disse que aquilo era um cigarro moderno, mas o papai achou estranho, cheiro forte, até que o tio disse para ele que era um cigarro de maconha. Meu pai mandou eles irem embora e que só voltasse ali, na casa dele, com uma mulher de juízo.

Faltando dois dias para Francis chegar a Fortaleza, Venelouis pediu que o faz tudo Assis Gomes, mandasse dedetizar o hotel e deixasse tudo perfumado — a meta era surpreender a nova hóspede. Queria tudo limpo.

Em 1992, quando soube que Fafinha estava namorando um italiano — seu atual marido — não contou até três:

— Traga esse mafioso aqui que eu quero conhecê-lo e dar a nota.

Fafinha levou o italiano Orlando para apresentar ao tio, na sede

do jornal, então na avenida Santos Dumont.

— Quando nós chegamos lá no jornal, o Orlando, meu namorado, já teve aquele impacto.

Venelouis estava com uma morenona lindíssima, bela, alta, uma mulata de short curto e vestia somente uma cueca.

Homem de muitas mulheres, cada mulher, uma sentença. E foi assim até depois de sua morte. Duas ex-mulheres de Venelouis entraram judicialmente, pleiteando, cada uma, 50% do jornal. O que, de resto, nada sobraria para os outros herdeiros. O inventariante Ricardo Palhano, o filho mais velho de Venelouis, conta como administrou o imbróglio:²⁰

Quando o meu pai morreu, ele estava morando com a Viviane, uma mineira que ele conheceu em Brasília, na sequência da separação de sua parceira anterior, Carmem. O divórcio foi encaminhado, mas como ele [Venelouis] era muito desorganizado, não houve a homologação. Mesmo assim, na separação, ele deu um apartamento em Niterói, dinheiro, carro... Mas, formalmente, ele continuava casado e tinha um filho com ela. Quando ele morreu, ela imediatamente abriu uma reclamação para ser incluída no inventário, requerendo uma parte do jornal, mais a parte do filho dela. A parte dela no jornal era uma demanda sem amparo legal, porque o jornal era muito anterior ao relacionamento dela com Venelouis. Mas o filho, era demanda sustentável. E a Viviane, também, pediu a outra metade do jornal. Estava formada a rebelião das ex-mulheres. Meus irmãos não queriam acordo, principalmente com a Carmem, porque eles achavam que ela já havia sido contemplada, que ela estava agindo com má fé. Mas eu dizia que o filho dela tinha direito, porque ele era filho de Venelouis que nem a gente. E o tempo foi passando e até hoje esse inventário rola, não foi concluído

ainda, porque a briga agora é interna.

Um dia, depois de cinco anos, eu disse que ia resolver isso, porque ninguém fazia nada e eu via a hora um juiz doido desses por aí dar um parecer a favor dela e ela entra aqui no jornal e pronto. Descobri o telefone da Carmem e fui ao Rio, conversar.

Desfecho da ópera: meses depois, Carmem e Ricardo chegaram a um acordo: ela pediu um apartamento para o filho, ela já tinha o dela, eu disse “tudo bem”. Continua Ricardo:

Fizemos um financiamento de vinte e quatro meses, compramos o apartamento e eles saíram do inventário. Com a Viviane foi da mesma forma: ela casou, teve uma filha, aqui mesmo, mas parece que andou brigando com o marido e queria ir embora para Minas Gerais e o marido não deixava. Ela me procurou pedindo apoio financeiro. Eu disse que ajudava, mas a gente tinha que fazer um acordo em juízo. Assim fizemos, dei uma quantia a ela para ir embora e se manter por algum tempo e acabou a briga. Ela saiu do inventário.

Um fato curioso. Todas as mulheres que Venelouis teve depois da doutora Wanda Palhano — como ele a chamava —, ele as submetia, de certo modo, ao aprovo da primeira mulher. Levava-as à casa de Wanda, no famoso e tradicional almoço de domingo, na casa do bairro Dunas, em Fortaleza. Os filhos todos já crescidos.

Ricardo Palhano, o primogênito, relembra a cena:

— A gente já grande. A minha mãe reunia os filhos, já casados, dia de domingo. E o meu pai, toda vez que ele tinha uma nova mulher, chegava lá no domingo para apresentar aos filhos e à doutora Wanda. Eu acho que ali ele via se tinha a aprovação dela. Um fato engraçado é que ele conseguia que a convivência das ex-mulheres fosse harmoniosa. A gente aprendeu isso também.²¹

A harmonia era tão pública que, certa vez, em uma das inúmeras festas de aniversário do jornal, que adorava fazer, Venelouis chegou com sua namorada atual, em vestido longo, vermelho. Minutos depois, uma exuberante Wanda Palhano adentra o recinto, de vermelho longo. Não bastasse, Marluce Férrer chega à festa, toda bela, trajando um vistoso longo vermelho.

Eis que Hélder Cordeiro não se conteve:

— Venelouis, eu vou lhe dizer uma coisa. Só você mesmo para conseguir juntar as ex-mulheres. E o mais interessante é que conseguiu fardá-las.

O fato é que ele conseguia essa magia, que todas convivessem.

— A gente gostava da Marluce, que foi o motivo da separação do meu pai... Ele saiu de casa para viver com ela, então muito jovem e de muita beleza.²²

Por conta dessa abertura e dessa transparência, Ricardo assegura que nunca houve trauma na relação:

— A gente foi criado com muito diálogo, muita liberdade, muita conversa. A gente sabia o que acontecia, diferentemente de outros jovens daquela época.

Venelouis era sedutor e cativou grandes amigos, como Franzé Moraes — Francisco Franzé Leite de Moraes —, o enérgico presidente do Ceará Sporting Clube na transição das décadas 70-80. Foi, alternadamente, diretor dois anos, vice dois anos e presidente por seis anos. Franzé já estava com um pé na política, convidado por nada menos que o emblemático governador do Ceará, Virgílio Távora. O deputado Paulino Rocha, campeão de audiência no rádio cearense, havia morrido. Virgílio chamou, através de Aquiles Peres Mota, Franzé Moraes em sua casa e fez o convite para ele disputar uma vaga de deputado estadual: “porque você não sai candidato a deputado?”, disse Virgílio, emendando, em seguida: “o Paulino morreu, inclusive, tem aí um espaço grandioso para você, independentemente da morte dele, lhe cabe uma cadeira

no legislativo”. Paulino Rocha, comentarista de futebol na Rádio Verdes Mares, campeão de audiência, morreu no dia 6 de abril de 1979, com 46 anos, vítima de câncer no pulmão.

No início dos anos 1970, Franzé conheceu Venelouis. Ele assegura que Venér “ou era odiado, ou era amado, não tinha meio termo”:

— Eu me casei com Ana e nós fizemos uma amizade muito grande com ele. Ele gostava muito do meu estilo, esportes e etc. Saíamos juntos quase todos os finais de semana, eu, ele, Dorian Sampaio, com as mulheres. E ele era um homem extremamente interessante, independente, forte, valente, destemido, e extremamente amoroso com quem ele gostava. Era uma figura ímpar, nunca conheci ninguém nem parecido com o Venelouis. Era engraçado, o Venér tinha uma coisa, ou era odiado, ou era amado, não tinha meio termo. Amigo dele não tinha defeito, ele defendia até onde pudesse. Quando alguém tocava o coração dele, tornava-se amigo para o resto da vida. Eu fui amigo do Venér e ele meu amigo até o último dia dele, e até hoje sou amigo dele. Porque ele foi um dos homens mais honrados que eu conheci no Ceará. Jornalista, dono de um jornal, muito perseguido. E principalmente na época do governo Tasso, o jornal *O Estado* não tinha nada. Ainda assim, ele nunca se envergonhou à prepotência e arrogância do Tasso. Era independente total. Pensavam que o Venér fecharia o jornal, mas eu sei que ele vendeu tudo o que pôde para manter o jornal íntegro, bancou o jornal.²³

Franzé vê Venelouis como um homem muito bem humorado, sem pudor na fala, um homem feliz.

— O grande amor da sua vida é Wanda Palhano, o resto é só pra ocupar tempo.

Quando Franzé falava isso, Venelouis apenas ria. Nunca negou, mas Franzé jura que esta é a pura verdade.

— Wanda até hoje é uma mulher bela, feliz com a vida, sorridente, carismática, e o Venér nunca deixou de amá-la. Ele era muito orgulhoso dos filhos, principalmente o Ricardinho, a Loura, mas o amor perfeito e forte nunca deixou de ser a Wanda e todos

nós sabemos, amigos e família.

Mais Franzé:

— O Venér improvisava tudo, ele tinha uma sensibilidade impressionante, eu contava uma história e rapidamente ele vinha com uma outra, parecida — ele inventava na hora. Era um dos melhores papos da cidade, muita gente tinha inveja de mim e do Dorian, porque não tinha a companhia do Venér. Ele tinha poucos amigos, mas grandes amizades. E eu fui um dos felizardos que fez parte desses poucos amigos que ele tinha, com muito amor e muito carinho, e ninguém tocava em mim, nem no Dorian, um dos homens inteligentes que o Ceará tinha, otimista, jornalista de melhor qualidade.

Um dos colaboradores do jornal *O Estado*, tendo exercido a função de editor, admirado por Venelouis, foi o jornalista e militante de esquerda, preso político severamente torturado, Francisco Auto Filho. Em sua época de jornal, ele lembra o estilo festivo de Venelouis:

— O Venelouis era um homem romântico, alegre. Mas, no fundo, ele tinha muita melancolia. Ele era um homem que gostava de dar umas festas bacanas, com umas moças muito bonitas. Mas eu era um cara meio reprimido sexualmente, por causa da época, tinha uma certa dificuldade e tal. Mas depois que entrei, não quis mais sair, o negócio era bom demais. Hoje, analisando, aquilo era para esconder a nostalgia. Mas uma vez ele me disse que a mulher que sempre amou foi a Wanda [Palhano], era a mãe dos filhos dele. Ele era muito melancólico e aquelas atividades, as festas, as moças, as coisas eram uma fuga.

Ele fez boas festas no apartamento dele, no hotel... Eu não ia a todas, mesmo gostando. Sinto saudade da figura dele e dessas coisas, também. Mas isso era só pra bater a melancolia, porque como todo bom romântico, ele era um melancólico. Mas, na convivência social era uma pessoa muito agradável. Acho que ele deixou para os filhos

uma herança muito positiva. O Ricardo Palhano deu uma continuidade e melhorou profundamente a qualidade do jornal. Hoje é o jornal mais bonito do Ceará.²⁴

O bibliófilo José Augusto Bezerra, escritor, presidente da Academia Cearense de Letras e ex-presidente do Instituto do Ceará, foi vizinho de Venelouis com quem confraternizou inúmeras vezes. “Ele foi sempre aquela pessoa entusiasta, cheia de ideias, com uma personalidade inquebrantável.”²⁵

14. O DELEGADO DE FERRO

Duro e incorruptível, Venelouis pagou um preço alto

Venelouis Xavier Pereira era titular na delegacia da avenida Bezerra de Menezes, ao lado da ferrovia. Depois foi transferido para a Secretaria de Segurança Pública, no Centro. Ele era chamado de “delegado de ferro” pelo estilo arrojado. Em uma época em que a cidade era dominada por famílias tradicionais, para ele não interessava a posição financeira da pessoa — prendia qualquer um que fizesse algo fora da lei. Para você ter ideia, o ponto de encontro de parte da sociedade cearense era o seletto Country Club, na avenida Barão de Studart, coração da Aldeota. Pois foi ali que o delegado de ferro fez uma das suas mais ruidosas batidas, causando desconforto aos frequentadores.

Venelouis recebeu a denúncia anônima de que uísque contrabandeado irrigava a torto e a direito as fartas mesas no restaurante do Country Clube. O delegado não contou até três ao saber que o negócio ilegal era feito por funcionário ligado ao clube — um lugar inviolável devido à qualidade da clientela e dos sócios — e que parte da mercadoria estava lá. Quando a batida policial começou, algumas pessoas estavam em mesas de carteados, sempre com uma boa bebida ao lado. A polícia invadiu e fez a interdição do lugar. Foi um escândalo na ci-

dade, pela “ousadia” do delegado.

Muitas pessoas da alta sociedade ficaram revoltadas. Elas especulavam como é que um delegadinho poderia fazer aquilo em um clube de gente de bem. O fato é que muito uísque contrabandeado foi apreendido e o delegado saiu do lugar certo de que havia cumprido sua função.

Na primeira quinzena de fevereiro de 1966, o artista plástico primitivista Francisco Domingos da Silva — o Chico da Silva, no auge do seu sucesso, busca Venelouis Xavier Pereira para denunciar que suas obras estavam sendo falsificadas. O impulso criativo tribal do artista, radicado no populoso e pobre bairro do Pirambu, na zona oeste de Fortaleza, fora consagrado na XXXIII Bienal de Veneza, onde recebeu menção honrosa. Seu descobridor, em 1943, e grande entusiasta foi o crítico de arte e pintor suíço Jean-Pierre Chablotz¹, que morou e morreu em Fortaleza. Animador cultural e influente artista plástico, Chablotz escreveu uma coluna cultural no jornal *O Estado*.

O estilo de Chico da Silva passou a ser replicado e vendido a preços aviltantes. Ele próprio, devido a problemas com alcoolismo, contribuiu para sua decadência, sendo vítima fácil de espertalhões e falsários. O próprio Chablotz ajudou a dar um tiro de misericórdia no artista quando, em 1969, publica um artigo no *Jornal do Brasil*, sob o título *Francisco Silva ou a ingenuidade perdida*, afirmando que sua arte estava morta. “De Chico Silva — ou melhor: de Francisco Silva — quero conservar, apenas, a luminosa lembrança do grande e puro artista que já fora, outrora”.²

Chico leva a denúncia e o delegado Venér vai ao enalço do falsário. Na verdade, ele era apenas um agenciador de peças falsificadas, em uma época em que a demanda por telas de Chico da Silva aumentou tanto que no Pirambu muitos outros artistas começaram a imitá-lo. Assim, o Delegado de Vigilância apreendeu na residência de Henrique Blumm 62 óleos sobre tela que iam ser vendidos como de autoria do pintor primitivista Chico da Silva.³

O delegado Venelouis Xavier Pereira apurou que dos 62 quadros, o

pintor reconheceu 30 como sendo, de fato, de sua autoria. Sobre os outros, o artista faz blague: “foram saídos do ateliê de um homem primitivo e não de um artista primitivista”. Chico estava sendo falsificado por um menor conhecido por Babá, apura o delegado. Babá contou a Venelouis que de fato pintou vários quadros, sendo que, desses, os 32 apreendidos e não reconhecidos por Chico da Silva são de sua autoria — falsificações com detalhes minuciosos que se aproximam da obra original do primitivista. Henrique Blumm vendeu quadros de Chico da Silva até mesmo na Galeria Relevo, no Rio de Janeiro.

Em um outro caso, o delegado de ferro prende um grupo de contrabandistas que tenta suborná-lo com uma mesada mensal de um CR\$ 1 milhão. O valor, exorbitante, sinalizava que o negócio do grupo tinha demanda e volume. Além do valor fixo, o grupo ofereceu uma participação de 10% nos lucros de uma banca de jogo do bicho, que também iria lançar uma série de novidades, incluindo sorteio de carros.

O contrabandista Milton Ponciano, conhecido por Milton Cachorrinho, foi o autor da tentativa de suborno que resultou também na prisão de vários dos seus comparsas.⁴

O correspondente do *JB* em Fortaleza, Rangel Cavalcante, informa que “o delegado de Capturas do Ceará Venelouis Xavier Pereira, falando ao *Jornal do Brasil*, revelou que espera para os próximos dias a apresentação de mais dois indiciados — ambos com prisão preventiva decretada no ano passado [1964] — que estão refugiados no exterior.”

O caso refere-se a contrabando de café para o país vizinho ao norte, a Guiana Francesa, e inclui também contrabando de uísque, sandálias, perfumes e automóveis.⁵

O delegado Venelouis Xavier Pereira, titular naquele distrito, recebeu, há dias, queixa de Danilo Borges, comprador da casa 36, super quadra 39, a funcionário da companhia urbanizadora da Nova Capital — a Novacap, criada em setembro de 1956.⁶

Em sua coluna *Política* na sexta-feira, 1º de outubro de 1964, es-

tampada sempre no alto da página 3 do jornal *O Estado*, Dário Macedo abriu o título *Falta de vergonha!* para expor o seguinte texto:

O delegado de Vigilância e Capturas, dr. Venelouis Xavier Pereira, numa batida que realizou em Fortaleza, apreendeu nada menos que setenta milheiros de cigarros, que se encontravam em mãos de comerciantes gananciosos e inescrupulosos desonestos, para que o produto fosse vendido no câmbio negro. E não satisfeito em apreender a mercadoria, o jovem delegado mandou para a cadeia os sabichões. Ora, é um fato notável este que ocorreu. Notável não só porque se puniu um grupo que agia para roubar o povo, mas porque já se observa que acabou-se aquela história de que só ia preso neste País ladrões de galinha. O problema da falta de cigarros no mercado de Fortaleza já foi por nós abordado. Já mostramos que não existia falta, mas sim manobra com propósito visível de provocar o câmbio negro. Agora, outro problema se defronta. Nada menos e nem nada mais que a escassez de leite em pó em nossa praça. O GEIDEC, cujo trabalho só deve merecer de nós todo o aplauso, deve agir com pulso forte e com todo o vigor. O dr. Venelouis Xavier Pereira, que sem estardalhaços vem cumprindo o seu papel, não deve parar por aí. Deve ir mais adiante, e dar a sua ajuda no sentido de descobrir também as quantidades de leite que, temos plena certeza, certamente estão por aí guardadas, esperando apenas que o governo aumente o preço. O que falta neste país é vergonha por parte dos que ainda não se comprometeram no papel de que devem colaborar com o governo, para moralizar a coisa pública.⁷

Àquela época, Rangel Cavalcante assinava a coluna *De Relance*, também na página 3, no radapé, abaixo da coluna de Dário Macedo.

Na sexta-feira, 20 de maio de 1966, o ferroviário José Nobre Parente, 37 anos, apontado pela comissão permanente de inquérito da Rede de Viação Cearense como “agente da subversão internacional”

foi encontrado morto em uma cela do 2º Distrito Policial, onde estava preso desde o dia 17 de maio de 1966, em regime de total incomunicabilidade. Causa da morte, suicídio, divulga a fonte oficial.

O episódio não ganhou repercussão na imprensa cearense, mas foi a manchete principal da primeira página do jornal *Última Hora*, em despacho enviado pelo correspondente Edmundo Maia: *Preso político suicida-se*, em letras garrafais.⁸ Na página 2, o título *Ceará: preso político enlouquece e se mata nas grades do xadrez*. O texto da notícia informava que “José, que havia enlouquecido, enforcou-se com um cinturão dependurando-se nas grades da prisão”.

No entanto, algo chamava a atenção: “O chefe de Polícia, coronel Clóvis Alexandrino Nogueira, proibiu expressamente que a imprensa tome conhecimento dos detalhes do caso e se aproxime dos outros 'subversivos' presos e incomunicáveis nas celas do DOPS e das delegacias de Costumes e Diversões e de Vigilância e Capturas”. Estávamos no último ano do governo Virgílio Távora, o regime militar dava sinais diários de endurecimento e o ministro da Guerra, Costa e Silva, era o guardião do ovo da serpente.

A conjuntura nacional estimulava arbítrios e caça aos “comunistas”. Vozes como a de Sobral Pinto se levantavam contra. “No dicionário político universal, as instituições postas em prática no Governo de V. Exa. são denominadas ditaduras”, telegrafou ele ao marechal Castelo Branco.⁹

E ironiza:

— Lamento que o Chefe de Estado de uma Nação de 80 milhões de habitantes não saiba o que seja ditadura.

Assim, líderes ferroviários denunciam que a Rede de Viação Cearense — RVC vivia dias de terror “onde a delação foi instalada e oficializada”.

José Nobre Parente era filho de maquinista da rede ferroviária e, ele próprio, fez carreira dentro da empresa, até ser delatado como “subversivo” pelo capitão Assis, chefe do Serviço de Segurança da Rede de Viação Cearense.

O historiador Nilton Melo Almeida, em alentado estudo *Os ferroviários na cartografia de Fortaleza: rebeldes pelos caminhos de ferro*, assegura:

As razões da prisão de Parente são nebulosas. Ele não tinha cargos diretivos no Sindicato e na União e tampouco há registros de filiação a partido político.¹⁰

O médico neurocirurgião Edson Lopes, procurado por Almeida em sua pesquisa, se recusou a falar sobre o caso. Nenhuma palavra. Ele assinou o atestado de óbito de Parente, referendando a causa da morte: suicídio por “asfixia mecânica”. O autor também não encontrou, no Instituto Médico Legal, o laudo cadavérico que teria consolidado o argumento de suicídio e, assim, referendado o atestado assinado pelo médico Edson Lopes. A tese do enforcamento é reproduzida nos jornais locais. No jornal *O Povo*, em primeira página, reproduz-se a informação de que o “elemento” Parente “estaria respondendo a inquérito de suma importância para a segurança nacional.”¹¹

Era preciso uma autoridade policial para assinar o inquérito abruptamente encerrado em 72 horas, da entrada no xadrez até o “suicídio” de José Nobre Parente. O inquérito cai pronto e acabado na mesa do delegado Venelouis Xavier Pereira, que dividia esta atividade com a de editor do recém-adquirido jornal *O Estado*. O argumento do “suicídio” estava lá, grotescamente construído e Venelouis se recusou a assinar o inquérito. Disse que não assinaria, que não ia se sujar naquele caso que sabia que era uma montagem. Nas 72 horas que passou incomunicável com o mundo exterior, o preso foi torturado psicologicamente de forma perversa. Diziam-lhe que sua mulher e sua filha foram assassinadas e que ele jamais iria vê-las novamente. O terror psicológico foi evoluindo com intensidade. Queriam confissões impossíveis de um “militante” imaginário.

O ferroviário foi assassinado. No atestado que um irmão de Parente recebeu do IML, a causa da morte “fratura de crânio” colocava em xe-

que a versão da polícia. Só que ele é preso e o documento é destruído.¹²

Venelouis se recusou a participar da farsa, negando-se a assinar o inquérito que reforçava a tese do “suicídio” como a causa da morte. Caiu em desgraça, foi posto na geladeira, ganhou uma saída compulsória e seu salário foi congelado. Virou *persona non grata* para um grupo que via “subversivo” em todo lugar e elevava a “tortura” ao status de “método científico” de investigação.

Edmundo Maia, o magérrimo e fisicamente frágil correspondente do jornal *Última Hora*, foi espancado, e denunciou que seus algozes foram homens da Rede Viação Cearense.

Sobre a posição de Venelouis em não compactuar com a falsificação da causa da morte do ferroviário, declarou Hélder Cordeiro:

A sua dignidade e seus propósitos de estima aos direitos inerentes ao ser humano falaram mais alto. Venelouis foi punido logo depois por ato que lhe colocou em disponibilidade funcional. Nunca mais voltou à Secretaria de Segurança do Estado. E nunca pediu homenagens. Morreu delegado de polícia em disponibilidade. Exemplo que dignifica os amantes da democracia, da liberdade e dos direitos individuais e coletivos.¹³

15. VENELOUIS NO COMANDO

Começa um novo ciclo na história do jornal *O Estado*

Um homem irascível, uma esfinge indecifrável para muitos, dócil com os amigos, incapaz de guardar rancor dos inimigos, um sentimento que sempre passava ao largo da sua moral. Imprevisível quando se sentia ultrajado, usurpado ou ludibriado, teve no jornal uma extensão de suas emoções mais primitivas. O jornal foi sua tribuna e sua trincheira e nele estampou as mais improváveis manchetes, tudo em defesa do espírito de corpo, de suas ideias e de seus credos.

No pior momento do governo militar, quando a repressão sibilava nas ruas e nas alcovas e a liberdade de expressão era um crime político que se pagava com a vida, o governo lançou a campanha dos extremos, “Brasil, ame-o ou deixe-o”. O que era para ser uma declaração de amor ao país, expressava, na verdade, a intolerância do regime que gradativamente ampliou a repressão às liberdades civis. Era nesse caldeirão que se movia a imprensa e essa cultura extremada poderia ser usada para se referir a um dos mais ortodoxos defensores das liberdades. O jornal *O Estado* foi *bunker* que abrigou políticos e pensadores de esquerda em um momento delicado da história do Brasil. O radicalismo do “ame-o ou deixe-o” é, de certo modo, o que se percebe

da personalidade de Venelouis, ou muito amado ou muito odiado. Aqueles que conseguiam cair na sua benquerença, se transformavam em amigos irretocáveis. E a força da repressão foi prova de fogo em pelo menos três momentos da vida de Venelouis.

A primeira grande prova moral foi quando ele era ainda delegado e participava do núcleo duro da inteligência policial do Ceará. Mais tarde, anos depois, vieram mais dois episódios de violência e sequestro, tudo para fazer calar o indomável defensor da liberdade e, de certo modo, transgressor de uma moral burguesa que mascarava a Fortaleza dos anos 1970.

Quando Venelouis assume a gestão do jornal *O Estado*, em 17 de janeiro de 1966 — em uma trajetória que continua mesmo após sua morte, no domingo de madrugada, em 15 de setembro de 1996 —, implanta inovações acentuadas no conteúdo editorial, movido por mudanças também na base tecnológica e por influência de alguns inspiradores externos. Há claramente uma influência da linha editorial arrojada e crítica adotada pelo jornalista e editor Helio Fernandes no jornal *Tribuna da Imprensa*, do Rio de Janeiro. Venelouis passa a reproduzir no Ceará a bem informada e não poucas vezes viperina coluna diária de Helio Fernandes, *Fatos e Rumores — Em Primeira Mão*, publicada inicialmente na página 3 (1966) e depois na página 7 (por volta e a partir de 1973) da *Tribuna* e, aqui, reproduzida na nobilíssima página 3.

A influência de Helio Fernandes é clara, principalmente a partir do momento em que a *Tribuna da Imprensa* deixa de ser — devido a fatores extra-Lacerda — o jornal lacerdista altamente conspiratório para se transformar, por força da conjuntura e do esgarçamento das ideias iniciais do golpe de 1964 — nos quais Lacerda apostou e conspirou para que elas viessem a ajudar a remover Jango — e do radical endurecimento do núcleo duro da revolução militar que engoliu Castelo — impondo a ele decisões de endurecimento do golpe — e frustrou as anunciadas eleições de 1966. A *Tribuna da Imprensa* sai da posição de apoio ostensivo e intransigente para assumir o lado

oposto, agora de resistência e de oposição, e Helio Fernandes faz esse percurso de um polo a outro.

Sem Venelouis Xavier Pereira, provavelmente a marca *O Estado* não mais existiria. Todos os contemporâneos do jornal *O Estado*, desde os anos 1920 aos anos 1930 foram extintos, exceto o jornal *O Povo*, de 1927. Outros bravos e arrojados jornais como *Unitário*, *Correio do Ceará*, *Gazeta de Notícias* foram extintos. Idem, jornais mais recentes como *O Jornal*, *Diário do Povo* e *Tribuna do Ceará*. Todos deram enorme contribuição à evolução da imprensa regional no Brasil. *Tribuna do Ceará*, por exemplo, foi o primeiro jornal do Ceará a implantar o sistema de impressão *offset* no Ceará, em 20 de abril de 1970, fato que acabou pressionando os concorrentes a adotarem a mesma tecnologia.

O processo de compra do jornal *O Estado* por Venelouis Xavier Pereira se deu de modo indireto. Sérgio Philomeno e Nelson Otoch queriam garantias seguras de que as notas promissórias seriam realmente pagas e isso deixou Venelouis bastante magoado. Mas, decidido, recorreu ao seu amigo José Oto Santana, um conhecido recente, de apenas dois anos, diretor de uma Cooperativa sediada na rua Senador Pompeu, 826, Centro de Fortaleza.

— Um belo dia, no final de 1965, Venelouis me chamou para a gente ir ver a situação do jornal *O Estado*. Ele me disse que os donos da época estavam querendo vender e ele não tinha, sozinho, condições de adquirir.¹

Caminharam até a rua 24 de maio, a medidos 500 metros da Cooperativa e foram recebidos por Nelson Otoch e pelo franzino Oswaldo Rizzato. Eles estavam dispostos a se desfazer do jornal rapidamente.

— Eles, ou tinham algum problema, ou estavam desgostosos com o jornal, ou tinham se convencido que não havia o pendor nem capacidade administrativa para gerir o negócio. O fato é que caiu a sopa no mel. Venelouis com sua ideologia jornalística e com sua capacidade de fazer jornal, facilmente tocou o negócio.

Assim, não foi difícil realizar a aquisição:

— As pessoas da época relutaram em fazer negócio com ele e, num determinado momento disseram que fariam a transação comigo. Eu sei que nesse mesmo dia nos realizamos... Eu fechei o negócio. Eles prepararam as letras, entregaram, e a partir daí eu apareço como diretor-presidente do jornal, uma deferência de Venelouis a mim, porque, na verdade, o jornal era dele.

Foi a partir daí que a amizade entre os dois ficou ainda mais consistente, porque José Oto fez a operação de crédito totalmente em confiança e nunca se arrependeu por isso. Esse fortalezense nascido no dia 19 de abril de 1934, construiu sua carreira na Secretaria da Fazenda do Ceará, onde iniciou como “menino de recados”, boy, aos 10 anos de idade, em uma vaga indicada pelo primo de sua mãe, dona Maria de Lourdes Moreira Santana. O primo era Jáder de Carvalho e o secretário da Fazenda da época era Álvaro Nunes Weyne, que sucedia a José Martins Rodrigues, no governo Menezes Pimentel.

José Oto diz que a compra do jornal, tudo em notas promissórias, foi um elo de união ainda maior entre ele e Venelouis:

— Foi nessa ocasião que eu intensifiquei e amiudei muito mais a amizade, porque ele viu que eu confiava nele. E ele colocou meu nome como presidente, como uma forma de agradecimento e de reconhecimento.

Ele conhecia Venelouis somente há dois anos e o marco disso foi o dia em que o delegado entrou na Cooperativa e se tornou cliente de José Oto Santana:

— Foi uma amizade que alicerçou-se muito rápido. Nós tínhamos afinidade mesmo. Ele na sua maneira de ser, e eu na minha. Respeitávamos as conveniências de cada um. Eu nunca tive a menor despesa nem o menor constrangimento, nem a menor demanda que fosse no que concerne a dinheiro para o jornal *O Estado*. Cedi apenas o meu nome, na época. As notas promissórias foram todas honradas, ele levava o dinheiro pessoalmente para mim e eu mandava pagar.

Assim, temos a escritura de compra lavrada no livro 142, folha 127, no Cartório Martins, tendo como tabelião e oficial de protesto o

bacharel Cláudio Martins — que, ele mesmo, já fora dono do jornal ao lado do irmão Fran — e, como substituto, Cláudio Martins Júnior.

No documento, lê-se:

Escritura de cessão e transferência de direitos, que fazem, como outorgante cedente, a *Companhia Editora O Estado S/A* e como outorgados cessionários, Raimundo Fernandes Santana, e outros, na forma abaixo:

Saibam quantos este público instrumento virem que, aos 20 dias do mês de dezembro do ano de 1965, nesta cidade de Fortaleza, capital do Estado do Ceará, República dos Estados Unidos do Brasil, ao meu cartório, na Rua Major Facundo, número 691, compareceram, por me haver sido distribuída esta escritura, partes entre si justas e contratadas, a saber: de um lado, como outorgante cedente, a Companhia Editora O Estado S/A, com sede nesta capital, neste ato representada por seus diretores-presidente e superintendente, Sérgio Moreira Philomeno Gomes, casado, economista, e Nelson Otoch, solteiro, advogado, e, de outro lado, como outorgados cessionários, Raimundo Fernandes Santana, casado, bancário, Maria Isolda Braga Santana, casada, de prendas domésticas, Francisco José Andrade Silveira, casado, engenheiro, José Oto Santana, casado, banqueiro, Venelouis Xavier Pereira, casado, advogado, Wanda Palhano Xavier, casada, advogada e Jorge Gadelha Sucupira, casado, professor, todos brasileiros, domiciliados e residentes nesta capital, conhecidos das duas testemunhas adiante nomeadas e no fim assinadas, de cuja identidade e capacidade jurídica dou fé. Então, perante as mesmas testemunhas, pelos referidos Nelson Otoch e Sérgio Moreira Philomeno Gomes me foi dito: a) que por escritura pública de constituição de sociedade de dezoito (18) dias do mês de novembro do ano de mil novecentos e sessenta e três (1963), devidamente registrada na M. M. Junta Comercial do Estado, constituíram, juntamen-

te com outros, a Companhia Editora O Estado, já referida, com objetivo de editar o jornal *O Estado*, cujo título é da exclusiva propriedade da outorgante; b) que, por força do artigo 10º, letra c, dos Estatutos contidos na mesma escritura, ficou estabelecido que os Diretores-Presidente e Superintendente poderiam, conjunta ou separadamente, alienar bens móveis, imóveis, ações e direitos da sociedade, fato por que, com base nessa permissão, os referidos diretores Presidente e Superintendente vinham, em nome da Companhia Editora *O Estado S/A*, ceder e transferir aos outorgados, Raimundo Fernandes Santana, Maria Isolda Braga Santana, Francisco José Andrade Silveira, José Oto Santana, Venelouis Xavier Pereira, Wanda Palhano Xavier e Jorge Gadelha Sucupira, o uso e gozo da denominação *O Estado* e direitos a ela inerentes, a fim de que os cessionários, a partir do dia dois (2) de janeiro do ano de 1966 e por tempo indeterminado, deles usem e disponham com exclusividade; c) que esta cessão e transferência é feita pelo preço e quantia certa de quinhentos mil cruzeiros (Cr\$ 500.000), quantia que a cedente recebe neste ato e ocasião dos cessionários, em moeda corrente e legal da República, pelo que lhes dá plena, geral e irreversível quitação, prometendo responder por dúvidas e contestações futuras; d) que até dois (2) de janeiro do ano de mil novecentos e sessenta e seis (1966), a Empresa continuará gerida e administrada pela atual diretoria e sob a exclusiva responsabilidade desta, que entregará o objeto desta cessão e transferência aos cessionários livre de ônus e compromissos de quaisquer natureza até a data da entrega, ou seja dois (2) de janeiro do ano de mil novecentos e sessenta e seis (1966); e) que na aquisição dos direitos de que trata esta escritura, os cessionários entram na seguinte proporção, sendo esta a sua participação na sociedade, para todos os fins e efeitos de direito: 1- o sócio Raimundo Fernandes Santana, um por cento (1%), 2- sócio Maria Isolda Braga Santana, dez por cento (10%), 3- sócio Francisco José Andrade Silveira, dez por cento (10%), 4- sócio José

Oto Santana, trinta e quatro por cento (34%), 5- Venelouis Xavier Pereira, trinta e quatro por cento (34%), 6- sócio Wanda Palhano Xavier, dez por cento (10%), 7- e ao sócio Jorge Gadelha Sucupira, um por cento (1%).

Um minucioso inventário, em 4 páginas, com mais de 200 itens, estava anexado ao contrato de venda. Listava máquinas, acessórios, móveis e utensílios. Na gerência, por exemplo, estavam quatro birôs com respectivas cadeiras, um cofre da marca Bernardini, uma mesa com gaveta, três armários, um quadro do Coração de Jesus, um fichário com duas caixas e uma máquina de escrever da marca Zetta, portátil.

Na secretaria estavam cinco birôs, duas mesas com uma gaveta, uma mesa com duas gavetas, conjunto de três cadeiras da marca IRM, três unidades de poltronas estofadas, cabide com espelho e porta coleções, uma máquina de escrever marca Halda, três máquinas de escrever marca Olivetti, uma cadeira giratória, um vidro para mesa com um metro e 10 por 73 centímetros, duas cadeiras da marca Gerdau, duas cadeiras da marca AA Ducrocq, um ventilador marca Eletromar, um rádio Phillips, um telefone número 1.96.60, uma extensão de telefone número 1.32.89, um quadro do Coração de Jesus, um quadro com o retrato de José Martins Rodrigues, um quadro com o retrato de Raul Barbosa, um quadro com o retrato de Fran Martins, um quadro com o retrato de Menezes Pimentel, um quadro com o retrato de Getúlio Vargas, um quadro com o retrato de Walter de Sá Cavalcante.

No setor de Expedição estavam dois birôs, duas cadeiras de madeira, uma máquina de escrever da marca Halda [portátil, graciosa, fabricada na Suécia], uma máquina de carimbar endereço, uma máquina de estampar, uma mesa de ferro para máquina de estampar.

No almoxarifado estavam uma máquina de clicheria com dois refletores e uma prensa, uma balança, uma instalação completa de clicheria com duas resistências, um rolo, duas banheiras tamanho 24x30 centímetros, uma banheira tamanho 32x42cm, um arco de

serra, uma grelha para esmaltação dos clichês, três papeiros, um copo graduado de vidro, um copo graduado de plástico, um funil pequeno de plástico, uma banheira de gravar grade, um serrote, um martelo, uma lima, um escovão de aço, uma régua, um esquadro, um torneio, um aparelho de fresar, quatro vidros para drogas, uma prancha de ferro para desamassar clichês, uma plaina, 554 coleções de jornal *O Estado*, 140 coleções do *Diário Oficial do Estado*, duas caixas de resistências para gravuras, um armário, uma cadeira giratória, cinco livros de fotogravura, seis pacotes de massa para rolos, uma retícula para gravura, cinco cunhos grandes para paginação, cinco cunhos pequenos para gravura.

Na sala de linotipos, o coração da oficina tipográfica, estavam: uma máquina modelo 14 com dois magazines 12 e 14 e quatro depósitos, uma máquina modelo 8 com dois magazines em um depósito, uma máquina modelo 5 com um magazine, uma máquina modelo 8 com um magazine e dois depósitos, um rolo tira provas com quatro bancas, dois cavaletes para materiais, um jogo de chaves de boca, uma caixa com diversas peças sobressalentes, dois braços usados, um furador, um cavalete para depositar caixa tipográfica, três cavaletes tipo comida para caixa gráfica, uma mesa coberta de zinco, uma mesa com uma gaveta, duas bolandeiras de zinco, tamanho grande, uma bolandeira de zinco sem canto, 45 caixas gráficas de madeira, um componedor de metal, dois componedores de ferro, 48 tipos meio preto e meia fonte completa, 36 tipos finos — meia fonte completa, 28 tipos brancos — uma fonte completa. Seguem-se cerca de 50 conjuntos de caixas de tipos de vários pesos, finos, grossos, itálicos, serifados, sem serifa. No conjunto de tipos, uma raridade, caixas de fontes tipográficas em madeira que nos remetem direto ao período pré-Gutenberg.

Na sala de paginação, encontram-se duas mesas de madeira para paginação, quatro pedras de cimento armado para paginação, dois porta galé [em tipografia, suporte para as páginas já compostas e prontas para irem à impressão] de madeira e ferro, máquina para cor-

tar linha de chumbo, oito ramos de ferro para paginação, uma caixa para depositar linhas, pares de punhos de ferro, 50 quilos de cadarço de ferro, 15 fios de latão para paginação, 41 galés de madeira.

Na sala de clichéria, duas estantes de madeira, um birô com três gavetas, uma cadeira de madeira, 732 clichês de uma coluna em utilização diária, 48 clichês de uma coluna usados raramente, 119 clichês de uma coluna e meia com uso diário, 105 clichês de duas colunas usados dificilmente, 9 clichês de três colunas com uso diário, 46 clichês de três colunas usados dificilmente, 35 clichês de quatro colunas usados dificilmente.

E, na sala de Impressão, um prelo Marinoni, a gigantesca e barulhenta engenhoca de ferro, plana, que imprimia o jornal.²

Venelouis estava eufórico:

— Vamos mostrar como é que se faz jornalismo independente nesta terra. Vamos desatrelar o jornal de qualquer vínculo com partidos e singrar os mares nunca antes vistos por aqui.

Não poucas vezes, denúncias feitas por Venelouis ganharam repercussão nacional. O jornal *Folha de S. Paulo* da quarta-feira, 15 de agosto de 1979, noticia que *Jornal do CE acusa empresa*, referindo-se à acusação publicada em *O Estado* de que “a empresa Terra Companhia de Crédito Imobiliário — sob intervenção do Banco Central — deu um 'estouro' de Cr\$ 1,5 bilhão na praça de Fortaleza”. A denúncia saiu n’*O Estado* do dia anterior. “A Terra é sobrevivente do famigerado Grupo TAA, com a Terra no Ceará, a Tabajara em Pernambuco, e a Tradição, na Bahia”.

A *Folha* transcreve este trecho do texto de Venelouis, onde revela os autores da fraude:

Um carioca insinuante, malandro de festas de mil e uma noites, distribuindo belas recepcionistas. Arnaldo Lemos assumiu o acervo do grupo e juntou-se a outra figura do mesmo porte

em nosso estado, Ignácio Parente, para uma caminhada cujo fim qualquer um poderia prever, menos os tecnocratas do sistema financeiro do país, acostumados à filosofia de não apavorar o mercado para gerar impunidade àqueles que ficam com dinheiro do povo. [Folha de S. Paulo, “Jornal do CE acusa empresa”, quarta-feira, 14 de agosto de 1979, página 17]

Venelouis nunca escondeu sua admiração por Helio Fernandes — a quem chamava de “o maior jornalista do Brasil” —, por Carlos Lacerda, e por Sebastião Nery.

Quando assumiu o comando do jornal *O Estado*, incorporou ao logotipo deste o título do seu jornal anterior. Tínhamos agora *O Estado n’O Front*, uma fusão de marcas que acabou não prosperando. Rapidamente voltou a ser somente *O Estado*. Ou, quem sabe, Venelouis imaginava manter esta composição somente na transição. A ideia de Venelouis de fundir em uma mesma marca sua experiência jornalística anterior, o jornal *O Front*, durou pouco mais de trinta dias. Logo no primeiro dia de comando, uma chamada no lado direito no topo da primeira página, ombreada ao logotipo, anunciava: “Helio Fernandes escreve do Rio para o Ceará”.

O exercício de fusão dos dois logotipos também incorporava alguns novos elementos visuais. A *O Estado n’O Front* estava organizado em um retângulo horizontal com contorno arredondado. A novidade era a impressão do logotipo em vermelho, logo agora, em 1966, quando os militares rasgariam a promessa de eleições presidenciais e dariam um golpe dentro do golpe, endurecendo o comando e iniciando a implantação da linha dura que ficaria ainda mais dura em 1968.

Certamente, com o uso do vermelho no logo, Venelouis queria demarcar seu território, e dizer, através de semiologia explícita, que o jornal iniciava uma fase de muita energia e, como gostava de repetir, de independência e altivez. Pela primeira vez um jornal do Ceará iria reproduzir simultaneamente, uma coluna política editado

no Sul do país, no caso, a coluna do Helio Fernandes, da *Tribuna da Imprensa*. Devido às condições de transmissão da época, o avião de carreira da Cruzeiro ou da Varig, a coluna tinha um “delay” de um dia, às vezes até dois dias. A logística era simples: um emissário de Venelouis comprava um exemplar da *Tribuna da Imprensa* em banca de revistas no Rio de Janeiro e despachava no aeroporto para Fortaleza. Neste primeiro momento, a coluna era publicada à revelia de Helio Fernandes, mas esta história acaba virando uma grande amizade entre Venér — era assim que Venelouis grafava seu apelido, com acento agudo e “r” no final e era assim que gostava de ser chamado pelos amigos e — e Fernandes, como veremos.

Assinando como Wanda Palhano Xavier, a primeira dama do jornal publicava a seção “Rosa, Pimenta & Mourão”, mesclando um texto de abertura ao estilo crônica seguido por notas sociais e comentários. “Hoje volto às minhas atividades jornalísticas, mas aviso aos meus leitores, a volta será o início da despedida”, escreveu, naquele 17 de janeiro de 1966.

Uma chamada de capa alertava para o aumento da violência: “Seis mortos em quinze dias! — Início de 1966 marcado por homicídios e suicídios, ódios e vinganças” seguindo-se um “Leia reportagem na página 8”.

A coluna *Política*, na página 2, continua assinada por Dário Macedo. Ali, vemos, na nota principal:

Muita gente da dita alta está apavorada com a reforma do secretariado estadual. Idem com a reforma do secretariado municipal. É que não atingirá somente os grandes, mas irá aos ‘pequenos’. Vão ser afastados um a um, auxiliares que têm falhado clamorosamente. Por enquanto, o general Murilo Borges faz consultas para abrir dois lugares na secretaria da Administração (professor Ernesto Gurgel) e na Fundação do Serviço Social (vereador José de Carvalho Melo) — Zeba. Na área estadual, nada menos de dois

secretários estão com os dias contados. O governador pergunta sempre — ‘Onde vou encontrar nomes bons como o Zé Lins?’ O atual secretário do Planejamento está preparado para uma vez mais ser solução para os problemas de VT.”³

A extensa e densa coluna de Dário Macedo abria sempre com informações e eventualmente um comentário e se estendia, na vertical, da cabeça da página ao rodapé. Era fonte de informação necessária e o repórter, como se nota pela qualidade das notas, informações e comentários, desfrutava de fontes relevantes.

Além de sair na página 2, a coluna também foi publicada na página 3, o espaço interno mais nobre do jornal. Aqui, o rodapé era sempre ocupado pela coluna *De Relance*, assinada pelo jornalista Rangel Cavalcante.

O Estado, naquele janeiro de 1966, mudava seu expediente e anunciava a nova composição do grupo de investidores e de executivos: Diretor-Presidente: José Oto Santana; Diretor-Vice-Presidente: Francisco Andrade Silveira; Diretor-Responsável: Venelouis Xavier Pereira; Diretor-Secretário: Jorge Gadelha Sucupira; Diretor de Redação: Wanda Palhano Xavier; Secretário: Odalves Lima; Gerente: Jerônimo Sampaio do Vale. O jornal continuava sediado (redação e oficina) à rua 24 de Maio, 586, no Centro de Fortaleza.

Essa nova composição substituíra o expediente anterior, exceto por Odalves Lima e por Jerônimo Sampaio do Vale que continuavam compondo a equipe nesta nova fase. Até então controlado pelo empresário Sérgio Philomeno, o expediente do jornal *O Estado* tinha a seguinte composição, como nos mostra esta edição de terça-feira, 3 de março de 1964: Diretor-Presidente: Sérgio Philomeno; Diretor Superintendente: Nelson Otoch; Diretor Comercial: Cláudio Philomeno; Diretor de Redação: Themístocles de Castro e Silva; Redator Chefe: Odalves Lima; Gerente: Jerônimo Sampaio do Vale.

Em 1º. outubro de 1964, mesmo ainda controlado pelo empresá-

rio Sérgio Philomeno, o expediente do jornal tinha outra formação: Diretor: Nelson Otoch; Diretor de Redação: Odalves Lima; Chefe de Reportagem: Rangel Cavalcante; Gerente: Jerônimo Sampaio do Vale.

É somente a partir do ano de 1966 que *O Estado* fica à vontade para republicar colunas de enorme prestígio publicadas pela *Tribuna da Imprensa*: Hélio Fernandes, Sebastião Nery e Paulo Francis — direto de Nova York, com todo sotaque e estilo ao qual se outorgou com propriedade. As colunas eram republicadas com um atraso de até dois dias, às vezes até quatro dias, pelo processo “tesoura press”: eram recortadas e coladas na paginação, depois fotolitadas e impressas. O jornal também passa a reproduzir notícias publicadas, principalmente, em *O Estado de S. Paulo* e no *Jornal do Brasil*. Tudo isso à revelia das empresas editoras, sediadas no Rio de Janeiro e em São Paulo. As republicações eram um sucesso e significavam prestígio para o jornal: esta prática não era comum nos jornais locais. As colunas nacionais eram cultivadas somente nos Diários Associados da poderosa rede de notícias de Assis Chateaubriand que envolvia rádio, jornais, a Rede Tupi de Televisão e a inovadora agência de notícias Meridional. A famosa *Coluna do Castello* publicada diariamente no *Jornal do Brasil*, entre janeiro de 1963 e abril de 1993, era republicada no Ceará pelo jornal *O Povo*, mas somente a partir dos anos 1970.

Tudo ia bem até que um dia o Sebastião Nery publicou uma nota em sua coluna, surpreso com o fato de que um jornal do Ceará republicava sua coluna sem autorização. Ao ver a nota, Venelouis Xavier Pereira tomou imediatamente um avião e partiu para o Rio de Janeiro, uma das cidades de sua predileção. Um dos taxistas do hotel se encarregou de levá-lo à rua do Lavradio, 98, onde funcionavam a redação, a administração e as oficinas da S.A. Tribuna da Imprensa. Começava ali uma das sólidas amizades de Venelouis. Tanto Sebastião Nery quanto Helio Fernandes não só ficaram seduzidos por aquela personagem — que foi enaltecê-los e a quem disse que re-

produzia as colunas como homenagem ao gênio dos dos — como as afinidades políticas e de estilo de vida afloraram. Aliás, fez parte do pacote afetivo a reprodução pelo jornal *O Estado* também da coluna de Paulo Francis. Resultado, não somente o acordo operacional foi formalizado, informalmente, bem ao jeito e ao gosto da trinca, como Helio Fernandes e Nery passaram a ser assíduos visitantes de Fortaleza, sob os auspícios de Venelouis.

Helio Fernandes veio repetidamente a Fortaleza e Sebastião Nery, idem, ainda mais porque este nutria uma outra amizade local, o político Paes de Andrade, de quem Venelouis era também grande amigo.

Já que obtivera sucesso no Rio, Venelouis resolveu prosseguir a viagem e buscar conversar com o poderoso Júlio de Mesquita Neto, herdeiro do jornal *O Estado de S. Paulo*. Aqui, a questão era mais complicada. O *Estadão* estava movendo uma ação judicial contra *O Estado*, do Ceará. Alegava danos morais e usurpação de direitos autorais. De fato, Venelouis, um homem da lei, reconhecia os excessos. Com seu charme e *fairplay* dirigiu-se à sede do vetusto *Estadão*. Anunciou-se, pediu a audiência e foi logo rechaçado, considerando que não havia nenhum agendamento prévio para tal encontro.

— Infelizmente o doutor Júlio — como todos o tratavam — não poderá atendê-lo, anunciou solenemente um dos rapazes formalmente vestidos no paletó preto que compunham a comissão de frente da recepção na nova sede do jornal, na Marginal Tietê, em São Paulo, para onde se mudou em 1976, saindo da rua Major Quedinho, no Centro de São Paulo. A mudança completou-se no dia 12 de junho daquele ano, passando *O Estado de S. Paulo*, *Jornal da Tarde*, *Agência Estado* e, mais tarde, a “Rádio Eldorado” a funcionarem no prédio cinza claro do bairro do Limão, às margens do rio Tietê, na cidade de São Paulo.⁴ Venelouis tentou, então, agendar a audiência, mas foi informado pela portaria que só seria possível se ele o fizesse diretamente com a secretária do dr. Júlio. E como ele conseguiria falar com a inacessível assessora? Estava no mato sem cachorro.

Só tinha um jeito: voltar lá no dia seguinte, e no dia seguinte e

no dia seguinte a ponto de virar figura carimbada e quebrar o gelo com o pessoal da recepção. Entre uma prosa e outra, presenteou com uns *souvenirs* do Ceará. Na verdade, comprados ali mesmo na feira do populoso bairro “nordestino” de Santo Amaro. A cada ida, sua presença era anunciada para o quarto andar: “Aquele senhor do Ceará, o jornalista, está aqui em baixo. Ele trouxe um presente para o doutor Júlio, um exemplar da primeira edição do livro *O Quinze*, de Rachel de Queiroz”. Em 1988, Rachel inicia a publicação de crônicas semanais no *O Estado de S. Paulo*. Ela estreou como cronista na revista *O Cruzeiro*, dos Diários Associados. Venelouis garimpou nos sebos do Centro de São Paulo e encontrou a cópia antiga de *O Quinze* em ótimo estado de conservação.

Ante tanta insistência, a curiosidade do doutor Júlio aflorou e lá estava Venelouis no sexto andar das novíssimas instalações do *Estadão*. Um prédio construído sob medida para sediar uma empresa jornalística. Projetado inicialmente pelo arquiteto Rino Levy — um dos ícones da arquitetura brasileira, que faleceu antes da obra ser concluída —, o projeto foi continuado e finalizado pelo arquiteto Roberto Cerqueira César. “O fabricante das rotativas ‘Hoe’ encomendadas era instado a enviar as plantas do produto que iria produzir, para que o desenho dos andares industriais fosse adaptado às necessidades específicas das máquinas.”⁵

E ali estava Veneoluis, garçon já servindo água e café enquanto a secretária Hermengarda informava: “doutor Venelouis, o doutor Júlio irá recebê-lo na sala de reunião da diretoria!”. Nada mal.

O Estado mantinha sua tradição histórica de enfatizar sempre a cobertura política. E Venelouis Xavier Pereira assinava algumas das mais importantes análises políticas do jornal, sem nunca se furtar a opinar com ênfase. Pode-se dizer que os artigos, de sua própria lavra, saíam diretamente da Parker Vacumátic, caneta bico de pena recarregável, para o papel — ele não usava máquina de escrever;

escrevia à mão. Como a totalidade dos jornais da época, *O Estado* estava alinhado ao que se chamava de “revolução”. A revisão da palavra “revolução” veio meses mais tarde, quando o governo militar de 1964 tomou rumos de acirramento e as promessas de restauro da ordem democrática começaram a ser adiadas — não havia como não usar a palavra “golpe”, numa autocrítica feita por toda a imprensa nacional que, afinal, virou alvo da sanha golpista.

Na edição da quarta-feira, 29 de setembro de 1966, ele opinava sobre a confusa e obtusa conjuntura política nacional, em artigo que encabeçava a página 7, título aberto em seis colunas, de uma ponta a outra da página: *Lacerda não pode repetir Castelo: sua união com Jango é espúria*.⁶

Escreve Venelouis:

[...] Lacerda, neste momento difícil e sobretudo instável por que atravessa o Brasil, pretende a união de todos contra Castelo, que ele considera o inimigo nacional. Argumenta que o presidente entendeu-se com o rabutalho da corrupção e subversão e que ele se entenderá com o líder Juscelino e com o irresponsável Jango.

Sabemos que Lacerda foi a alma e o líder incontestado da revolução.

Sabemos que ninguém pode contestar que ele resistiu a Jango e proporcionou, com sua luta heróica, as condições indispensáveis para que as forças armadas acabassem a baderna.

Sabemos, e todo o povo ficou estarecido, horrorizado e decepcionado, quando o presidente Castelo trocou Lacerda por Roberto Campos, este vendável de subserviência.⁷

O primeiro enfrentamento público de Venelouis foi com Franklin Chaves, que havia sido governador tampão no Ceará. *Franklin cava tumulto das Finanças do Ceará*, estampou, em manchete interna, em letras garrafais, com texto assinado por ele.⁸

Escreve Venelouis:

Mais um escândalo administrativo rebentou. O seu protagonista, a figura central e personagem, é o senhor Franklin Chaves.

Após o término do mini-governo e ao reassumir a presidência do Poder Legislativo, Franklin, incentivado pela impunidade dos atos de paternalismo, afilhadismo e corrupção eleitoral que praticou à frente do governo, resolveu aumentar sua representação de 200 mil para 600 mil cruzeiros, passando a receber portanto Cr\$ 1.660.000 (um milhão, seiscentos e sessenta mil cruzeiros) por mês.

O FATO E O ABUSO

Quando o sr. Chaves foi eleito, recebia 60 mil cruzeiros de representação. Por ocasião do último aumento da Magistratura, o secretário da Arena e “revolucionário” por conveniência argumentou que o presidente do Poder Legislativo teria de ter representação igual ao do Judiciário.

Assim, sob este fundamento, aumentou sua representação para 200 mil cruzeiros. Mas, como o Franklin não suporta ver qualquer mensagem de aumento sem introduzir suas emendas coveiras, já tão conhecidas dos cearenses, aproveitou agora a do pessoal da Assembleia e introduziu uma emenda em causa própria, pela qual sua representação passaria a 600 mil cruzeiros mensais. [...] Este ato amoral e absurdo é também ilegal. A representação do presidente da Assembleia é sempre fixada para a outra legislatura, portanto, é passível de nulidade, bastando para isso uma ação popular.⁹

Na edição de aniversário de setembro de 1995, o jornal celebrava 59 anos de existência e Venelouis lembrava que *O Estado* fora fundado em um momento em que o mundo estava conturbado e o Brasil vivia sob o domínio tirânico de Getúlio Vargas. Desde então, este matutino vem marcando sua presença no Jornalismo do Cea-

rá, abrigando em suas páginas autênticas as legendas da imprensa nacional.¹⁰

— Eu estou no comando deste jornal desde 1966 e jamais me intimidei com a brutalidade dos celerados que têm interesses pessoais contrariados por minha linha editorial, onde nossa prioridade é a defesa intransigente da democracia e da liberdade.

Naquele domingo, ele dedicava seus 30 anos à frente do jornal aos seus colaboradores de toda ordem. E bradava:

— Essa data não teria sentido sem uma equipe de profissionais competentes e, muito menos, sem ajuda de meus verdadeiros amigos, pessoas que nunca deixaram morrer a chama que me leva a continuar lutando contra a enganação e a exploração ao povo cearense.

Aquele seria o último aniversário do jornal com Venelouis ainda no comando. De certo modo, ele fazia uma prestação de contas dos desafios e vitórias, exortava gratidão, mas também distribuía pontapés e solavancos, às vezes até pegando corda de um ou outro amigo:

Contando com o apoio de verdadeiros amigos comprei um parque gráfico novo, fundei o jornal *O Estado*, no Piauí. Mudei o sistema de impressão para *offset* e, no ano de 1976, fiz nascer *O Estado*, do Cariri. Hoje completamos 30 anos de luta, de percalços, de sofrimentos, quando tivemos nossa redação invadida por um grupo de celerados, que me sequestraram. Mas a covardia não me intimidou, não reduziu meu idealismo. Para os meus amigos, a razão e o mais profundo respeito. Aos inimigos, e eles existem, dedicarei a justiça dos meus artigos e editoriais.

O ódio jamais medrou *O Estado*. Os que odeiam se consomem e se destroem por si mesmos, já nascem vencidos, porque o homem leal, ao viver, constrói sem destruir, vence sem vender a alma, sem alienar opiniões, sem sucumbir aos poderosos e sempre respeitando a dignidade e os direitos da pessoa humana.

Nos últimos 20 anos, enquanto lutamos contra a opressão de governos que estavam a obrigar os brasileiros a conviver sem voz nem

vez, assistimos ao fechamento de muitos jornais, principalmente em Fortaleza. São os casos do *O Democrata*, do Partido Comunista, *O Jornal*, do contrabandista Bonaparte Pinheiro Maia, *Diário do Povo*, do maior jornalista do Ceará, Jäder de Carvalho, que depois passou a colaborar no jornal *Gazeta de Notícias*, do milionário e lobista José Macedo, *O Nordeste*, dos católicos, que recebiam papel e filme da Alemanha, de graça, *Unitário* e *Correio do Ceará*, dos Diários Associados de Assis Chateaubriand, um jornal de Péricles e Acrísio Moreira da Rocha, e o *JD* [Jornal do Dorian] do meu grande amigo e primo Dorian Sampaio, além de semanários como *A Fortaleza*, *O Dia* e outros.

Para conseguir tais êxitos contei com a ajuda de uma grande equipe, constituída de profissionais competentes e amigos, dos quais destaco Marciano Lopes, Gutinho, Mino [Hermínio Castelo Branco], Odalves Lima, Rangel Cavalcante, meu querido inesquecível Dário Macedo, Teobaldo Landim, José Milton Pinheiro, Wanda Palhano, Fran Erle, Marluce Férrer, Ricardo Palhano, Rebeca Férrer Xavier, Ferdinando Tamburini, Stevenson, Soraya e Solange Palhano que começaram a escrever com menos de 10 anos de idade, Osmírio Barreto, Sônia Pinheiro, Estácio Brígido, Adísia Sá, minha editora em momentos dramáticos, Pedro Gomes de Matos, Julieta Brontée, Mayar, Jomar Campos, Helio Fernandes, o maior jornalista do Brasil, Carlos Lacerda, o grande tribuno e político, Newton Pedrosa, Juracy Mendonça, Assis Gomes, Flávio Torres, Cleomar Rebouças, entre tantos.

Os grandes amigos do jornal *O Estado*

Por dever de justiça e gratidão, quero externar, mais uma vez, os nomes de personalidades cearenses que, nestas três décadas, ajudaram a preservar e manter acesa a chama democrática do *O Estado*. São eles: José Afonso Sancho, meu amigo, compadre e senador, Edson Queiroz, que o Ceará jamais esquecerá, Dona Yolanda, a *lady*

de um grande império, Chico Carneiro, José Oto Santana, Xafy Ary, Patriolino Ribeiro, Virgílio Távora, Francisco Aguiar, Irapuan Aguiar, Chico Philomeno, Antônio Sales, grande figura humana, Fernando Gurgel, Juraci Magalhães, César Cals, Adauto Bezerra, Gonzaga Mota, Moacir Aguiar, Eunício Lopes [de Oliveira], Edilson Távora, Edson Ximenes, Jonas Carlos, Antônio Romcy, Walder Ary, Humberto Bezerra, João Carlos Mendonça, Dejanir Figueiredo, Ivens Dias Branco, Edgar Carlos Amorim, Cláudio Santos, desembargadora Águeda Passos.

E mais: Mauro Benevides, Dorian Sampaio, Antônio Câmara, Clóvis Rolim, Edimar Norões, Edmilson Pinheiro, José Maria Couto, Lindival de Freitas, Miguel Dias, Gerardo Bastos, exemplo de trabalho, honestidade e sinceridade, Tamer Sancho, Dona Elen Sancho, Airton e Edson Queiroz Filho, José Ari Cysne, Ernani Barreira, Antônio Cambraia, Hermenegildo de Sá Cavalcante, Paes de Andrade, Edmo Linhares, Átila Bezerra, José Leite Martins, e outros grandes nomes do Brasil como Ulysses Guimarães.¹¹

O presidente da Câmara Municipal de Fortaleza, Luís Átila Bezerra, afirmava que Venelouis “ignorou procelas e outros óbices para manter ativo um jornal que é o símbolo do denodo, da obstinação e da vontade de defender a nossa gente”. E disse mais:

— Temos uma parceria histórica marcada pela lealdade e pela determinação de servir à comunidade fortalezense.

O deputado federal Paes de Andrade classifica o jornal como uma trincheira de luta:

— *O Estado* é reconhecido nacionalmente como um baluarte na defesa dos direitos humanos e da transparência no trato da coisa pública. Num país em que os aspectos morais são relegados a segundo plano, é reconfortante saber que a chama democrática de Venelouis continua acesa, fazendo d’*O Estado* uma trincheira da luta que empreendemos por um futuro melhor para os nossos filhos.

A Associação dos Bancos do Estado do Ceará, presidida por José

Afonso Sancho destacava o “valente e destemido matutino comandado pela competência do jornalista Venelouis Xavier Pereira”.

Da empresa Gerardo Bastos, lê-se:

Já faz um bom tempo que a Gerardo Bastos S.A. acompanha os passos vitoriosos do jornal *O Estado*. Desde quando o jornalista Venelouis Xavier Pereira transformou-se no grande baluarte deste matutino, sempre pautando suas ações pela defesa dos ideais democráticos.

Neste período, Venelouis estava com enfrentamentos em várias frentes, algumas vezes somente por noticiar fatos que os outros jornais não publicavam ou, então, publicavam discretamente. Noutras, por suas opiniões virulentas, no melhor estilo de uma de suas inspirações, Carlos Lacerda, seja em editoriais, seja em artigos.

Manchete de cabeça de página destacava: *João Gentil acusado de ser ‘grileiro’ e querer tomar um município de Fortim*, a partir de denúncia feita pelo deputado Roberto Pessoa.¹²

Em novembro, uma destacada chamada de primeira página, em seis colunas, informa que a coluna do dia, de Sebastião Nery, denuncia que “Briga de Tasso e Ciro promete ficar mais quente”.¹³

Nery começa assim: “O Ceará não é mais aquele. Nos últimos dias, tem sido distribuído entre políticos, jornalistas e gente do poder em Brasília, um estudo (não assinado) de sete laudas bem cheias sobre o Ceará: A Ilha das Ilusões”.

Nery também destaca o que chama de surpreendente, uma manchete no jornal *O Globo*: “Tasso paga as dívidas de Ciro”. E transcreve trecho daquele jornal do Rio de Janeiro: “Tasso enfrenta problemas financeiros herdados do governo Ciro, também do PSDB. A situação financeira do Ceará é tão delicada que o secretário da Fazenda de Tasso defendeu moratória dos seis primeiros meses do governo”.

Em dezembro, a manchete “Embaixador dos EUA deveria ser recebido à bala pelo presidente” indica o estado de espírito de Ve-

nelouis e sua sintonia com Helio Fernandes. O alvo aqui era o embaixador Melvyn Levitsky. Vejamos o que escreve Venelouis na primeira página:

O jornalista Helio Fernandes, realista como sempre, diz que o presidente Fernando Henrique Cardoso, se não fosse omissivo, tímido e medroso, deveria receber a bala o embaixador dos Estados Unidos Melvyn Levitsky, que tentou se meter nos negócios brasileiros no caso Sivam.¹⁴ O embaixador, segundo Helio, deveria ser considerado *persona non grata* ao país, mas isso não vai ocorrer porque FHC sabe que Levitsky somente acatou “ordens ou sugestões” do presidente Clinton.¹⁵

Também naquele dezembro de 1995, Venelouis escreveu seu último editorial de final de ano. Saiu publicado na primeira página. Era uma reafirmação — e também um aviso — de que não arredaria um milímetro de suas convicções e determinações. Tinha fé em que leitores e anunciantes apoiariam a sua linha editorial destemida. E prometia um 1996 de grandes denúncias. Como manchete principal, acima do artigo de Venelouis, lia-se o seguinte: “Vidente garante que Juraci vence no 1º turno e Tasso sofrerá um grave acidente”. No mesmo conjunto de chamadas, uma chamada na linha de auto-ajuda: *Use as simpatias para resolver problemas de sexo e dinheiro.*

De sua pena, naquela última edição do ano de 1995, saiu este manifesto, sua carta de intenções para 1996:¹⁶

O Estado promete continuar lutando contra todos os governos corruptos

O ano de 1995 está chegando ao fim. Foram 365 dias muito difíceis para o povo cearense, com inúmeras empresas requerendo falências e concordatas, em virtude do arrocho econômico implantado pelo Real. Mas, no geral, experimentamos alguns avan-

ços e devemos estar prontos para novas conquistas no ano que se inicia. 1996 é um ano muito especial para o jornal *O Estado* que completará 60 anos de existência, 30 dos quais sobre o meu comando. *O Estado*, nos seus primeiros 30 anos, era apenas um serviçal de governos que defendiam os métodos ditatoriais de Hitler e Mussolini, mas, quando passou a ser dirigido por mim, tornou-se uma das bandeiras mais significativas da luta empreendida por muitos brasileiros em prol da democracia e dos direitos humanos.

Infelizmente, há quase dez anos este matutino vê-se obrigado a fugir da perseguição de governos estaduais, que não o programam em suas propagandas e até prometeram fechá-lo, mas eu conto com o apoio de meus amigos, que são muitos, sinceros e honrados, e comungam com o ideal de homens como Carlos Lacerda e Helio Fernandes, que jamais se vergaram a interesses de grupos econômicos. Por tudo isso, aproveito este espaço para desejar a todos os nossos leitores e amigos um 1996 repleto de paz, amor e alegria, na certeza de continuarmos contando com o apoio dos cearenses que ainda acreditam na liberdade.

Nenhum governo fechará este jornal. Eu prometo que esses corruptos e desonestos, que querem sufocar a liberdade de imprensa, que roubam e furtam a consciência dos cearenses, não me intimidarão. 1996 será um ano de luta. Eu vou apontar todos esses crápulas desonestos e espero contar com o apoio de meus leitores e anunciantes. A existência d'*O Estado* é uma garantia para todos vocês. Não é a minha luta sozinha, é a luta do Ceará e da gente independente de minha terra.

VENELOUIS XAVIER PEREIRA

Logo no dia 19 de janeiro do novo ano, o jornal estampa a manchete "A Yamacom dos chineses é uma fraude, vergonha, enganação". A empresa, atraída para o Ceará como estratégia de interiorização da indústria, deu um calote de cinco milhões de reais no Banco do Nor-

deste do Brasil. O diretor Chai Kwo Cheng, da Yamacom Nordeste S.A., deu um grande golpe na praça, atraído para cá pelo secretário da Indústria Antonio Balhmann Cardoso Nunes Filho. Foi um dos maiores fiascos na história de atração de indústrias potencialmente empregadoras de mão de obra abundante, disponível e barata. Os galpões da Yamacom foram literalmente abandonados.

Em primeira página, legendando a foto de Chai, Venelouis se refere a ele usando a desabonadora palavra “velhaco”. No texto da página interna, cita a nota paga que a Yamacom publicou nos jornais, exceto em *O Estado*, onde afirma que os problemas financeiros que a empresa enfrenta “não são particulares e sim oriundos de uma crise que abrange a todas as empresas do Estado”. Completa Venelouis:

— Mas a verdade é que poucas empresas cearenses, mesmo aquelas que não recebem incentivo algum do Governo, tem tantos títulos protestados quanto a Yamacom.

Até mesmo o sisudo *The New York Times*, em reportagem assinada por James Brooke e publicada no dia 7 de abril de 1994, sobre o boom da produção de vestuário jeans no Ceará, coloca a empresa Yamacom em posição estratégica naquele contexto econômico.¹⁷

O ano de 1996 começava com manchete em primeira página, lembrando o fiasco da implantação da fábrica de automóveis Gurgel, “aquela que anos atrás iniciou a instalação de uma unidade em Aquiraz com incentivos fiscais do governo estadual e nunca fabricou sequer um carrinho de mão, acaba de pedir falência em Rio Claro, interior de São Paulo, com a dívida que chega a 35 milhões de dólares”.¹⁸

Em março de 1996, o confronto de Venelouis com o governador Tasso Jereissati estava elevando a temperatura, em uma escalada insustentável — Venelouis estava irredutível, não ouvia ninguém. Na edição de 15 de março, um artigo de Venelouis publicado na última página do primeiro caderno, é revelador do estado de espírito da situação, com impropérios e referências que remontavam ao senador Carlos Jereissati.¹⁹ Depois, em primeira página, Venelouis publica a

íntegra de uma carta que teria enviado ao governador. A manchete é dramática e inclui palavras como “morfético”, “corrupto”, “sonegador” e outros tantos adjetivos desabonadores e susceptíveis a reações por via judicial como, de fato, aconteceu.²⁰

A carta²¹ é extensa e tem passagens que lembram *A vida como ela é...*, de Nelson Rodrigues. Via-se ali a expressão de um homem ultrajado e decepcionado em sua extrema credulidade e frustrado em suas expectativas. Algumas passagens:

Governador Tasso Jereissati,

eu, Venelouis Xavier Pereira, que um dia fui seu amigo, apoiei sua primeira candidatura ao governo do Ceará. Você me disse, na presença de meu filho Ricardo, em seu escritório, perto do Marina Park, que iria transformar meu jornal no maior do Ceará. Depois, foi tudo prepotência, enganação e ódio. Você me perseguia e mandava seus asseclas e capangas telefonarem para os meus anunciantes, dizendo que quem programava *O Estado*, quem estava colocando anúncios no jornal do Venelouis era inimigo do seu governo.

Tasso, meu ex-amigo, eu perdi quase tudo que herdei e amalhei em 45 anos de trabalho, graças a sua perseguição. Não sei se crescer com ingratidão, esquecendo os que lhe ajudaram para conseguir o poder e o dinheiro, compensa.

A carta prossegue com remissões a situações desabonadoras e envolvem familiares e mostra um Venelouis desesperado. O motivo para atos extremos: um processo civil por danos morais movido pelo governador contra Venelouis, estipulando uma multa de dois milhões de reais.

Sobre a proposta de Tasso de fazer do jornal *O Estado* o maior do Ceará, Venelouis respondeu:

— Eu não tenho essa pretensão, apenas gostaria de ter igualdade na mídia do governo como os demais jornais, obedecendo à tabela de preço de espaços, que era bem menor do que a dos outros.

Mas, segundo Venér, a coisa começou a ficar azeda quando ele rejeitou a publicação de matéria, na campanha, que atingia um sobrinho banqueiro do candidato oponente, o coronel Aduino Bezerra, um dos donos do Banco Comercial e Industrial.

— Eu sou o único jornalista que enfrenta esse ladrão.²²

Ainda bem que o jornal nunca descuidou de equilibrar as *hard news* com as seções e colunas de amenidades, como a coluna de Helder Ponte que, diariamente, publicava fotos de beldades, normalmente modelos ou belas jovens iniciantes no mundo da moda.

Na Assembleia Legislativa, o deputado João Alfredo Telles Melo (PT) subia à tribuna para engrossar as críticas ao Governo e mostrar o que chamava de “as contradições do Projeto das Mudanças implantado pelo governador Tasso Jereissati nos últimos anos no Ceará”.²³ *O Estado* também era a maior tribuna da oposição.

Vociferava o deputado petista, com base em dados oficiais, desenhando um cenário de inferno:

— O Ceará ocupa o terceiro lugar em termos de miséria absoluta. A concentração de renda coloca 400 mil famílias na indigência, no Ceará. São 351 mil desempregados. O déficit habitacional é de 400 mil casas. Mais de 600 mil pessoas moram nas 415 favelas correspondendo a 32% da população da capital.²⁴

No plano nacional, Hélio Fernandes amplifica as críticas de Venelouis e abre espaço para as críticas inamistosas de Sarney Filho — defendendo o pai — contra Tasso.

São dezenas de artigos, manchetes, comentários, bombas, petardos. Fran Erle, o filho Ricardo, sua mulher de então Viviane Maria Ferreira, seu contador Assis Gomes pedem para ele “dar um tempo”, mas Venelouis, ao contrário, amplia cada vez mais o leque das críticas, corrosivas, com referências à vida privada e aos negócios do governador.

A metralhadora giratória de Venelouis contemplou, em primeira página, a crítica do sociólogo francês Alain Touraine ao governo brasileiro. Título: *Governo de FHC é fraco e seu PSDB é pura merda*²⁵,

estampa, em primeira página, na edição de terça-feira, 6 de agosto, numa repercussão ligeiramente tardia, considerando que o jornal *Folha de S. Paulo*²⁶ publicou as declarações do sociólogo Alain Touraine em sua edição de sexta-feira, 2 de agosto. De fato, Touraine disse que o governo brasileiro é “débil”, precisa de mais poderes e que o PSDB “é uma pura merda e não existe como partido”.

Touraine sequer poupou o PT, então intocável, naquele longínquo 1996: “O PT não existe como partido. É uma série de facções e é tão débil quanto o governo”.

Naquela conjuntura, Venelouis dedicou petardos até para um amigo da família, Paes de Andrade, “um verdadeiro dinossauro” com referências também até ao famoso bigode, pintado de “creon”.²⁷ Mas o jornal era tão plural que, ao mesmo tempo em que Venelouis ironiza Paes, o colunista Pedro Gomes de Matos o enaltecia, citando artigo de Gerardo Mello Mourão, publicado no jornal *Folha de S. Paulo*.

Pedro Gomes de Matos nos conta que o artigo do Gerardo Mello Mourão, sobre Paes, de quem é amigo há 40 anos, resgatou a imagem daquele político tão massacrado pela imprensa sulista desde quando, no dia primeiro de outubro daquele 1995, derrotou o candidato do Palácio do Planalto à presidência do PMDB, por uma diferença de um voto.

Sob o título *O presidente do PMDB*, Gerardo Mello Mourão escreve:

É simplesmente imperdoável — para dizer o mínimo — que nomes tidos até como representativos da imprensa brasileira tenham revelado uma total incompreensão diante da dramática, mas inquestionável eleição do Paes de Andrade para presidência do PMDB.

Essa incompreensão parece desaguar em águas turvas, quando leva mesmo cronistas honestos e brilhantes — como o jornalista Josias de Souza, da página 2 da *Folha*, ou a cronista Dora Kramer, do *Jornal do Brasil* — a uma espécie de biografia pelo método

confuso do novo presidente e a uma ignorância lamentável da história do próprio PMDB.

[...] Braço direito do grande líder Martins Rodrigues, secretário-geral do MDB em seus momentos mais difíceis, foi, depois, fundador e secretário-geral do Grupo dos Autênticos, que reuniu, com Marcos Freire, Fernando Lira e outros, uma bancada de mais de 60 deputados, pela qual a oposição funcionou com uma coragem e um brilho que o Congresso nunca conhecera antes.

Ulysses Guimarães, que não fazia parte do grupo, costumava dizer: O partido continua vivo, graças a esses meninos.²⁸

Uma nota atenuante em um cenário de guerrilha. Helio Fernandes elogia Ciro Gomes e diz:

— Sem falsa modéstia, sem arrogância e sem hipocrisia, posso dizer (até como elogio para o ex-ministro) que ele é o único com quem eu gostaria de fazer um debate nacional. Alto e elucidativo.²⁹

No calor do grande embate, Venelouis é entrevistado na sexta-feira pela manhã, 7 de junho, no programa da jornalista Adísia Sá, *Olho no Olho*, na Rádio O Povo. No dia seguinte, a cobertura destacava que “*O Estado* é um jornal que desfaz mitos”.

A entrevista foi relativamente amena e Venér fez até elogios ao que considerou “algumas medidas acertadas” do primeiro governo de Tasso Jereissati.

Naquela entrevista, mesmo estando no olho do furacão, Venér fez revelações curiosas. Diz que sempre sonhou em ser professor e advogado, mas já aos 14 anos começou uma grande admiração pelo jornalismo, e principalmente por Helio Fernandes, que considera o maior jornalista do Brasil. Revela também que foi chefe de gabinete do general Murilo Borges, aos 21 anos, delegado substituto, depois delegado em Brasília apoiando Jânio e a UDN.

— Sempre fiz oposição ao getulismo, porém, quando apoiei a revolução militar e logo percebi a perseguição aos trabalhadores e à li-

berdade de imprensa, fui para a oposição. Instalei o semanário *Front*, onde meu primo Lúcio Brasileiro foi redator-chefe. Só depois é que assumi o jornal *O Estado*. Fui perseguido por grandes poderosos que boicotaram a veiculação de anúncios em meu jornal. Também nunca tive a pretensão de grandeza, mas acima de tudo, lutei para ser independente, para não correr o perigo de ver as notícias comprometidas com interesses de determinados grupos, ou governo.

Num dado momento ele reconheceu as atitudes corretas do governo Tasso, “embora poucas” mas, voltando ao seu normal crítico, “o espírito empresário de Tasso o torna uma pessoa muito fria, que sempre teve atrito com quem mais o ajudou”.

Venér finalizou a entrevista dizendo que “o jornal *O Estado* incomoda os poderosos corruptos porque desfaz mitos e mostra para os eleitores a verdadeira face da realidade, doa a quem doer.”

Quando Venelouis Xavier Pereira foi encontrado morto em seu escritório no andar térreo da sede — redação e oficinas — do jornal *O Estado*, vivia o ápice da crise do jornal e do embate deste com o governador Jereissati. O fato aconteceu na atual sede do jornal, na esquina das ruas Barão de Aracati com Padre Luiz Figueira, no bairro Aldeota, em Fortaleza. Estávamos em setembro, vésperas de mais um aniversário de fundação do jornal. Era também o ápice de seu estridente combate ao governador do Ceará, Tasso Jereissati, objeto de dezenas de textos de primeira página, muitos dos quais assinados pelo próprio Venelouis. Era um setembro extremamente tenso. Havia um clima de terror reverberando entre as quatro paredes do jornal. Os anunciantes debandavam; alguns evitavam receber até mesmo os corretores do jornal.

— Minha impressora está quebrada. Meu desespero é total, porque tenho compromisso com meus leitores e anunciantes,³⁰ desabafava um angustiado Venelouis, que, na fuga de velhos aliados, se refugiava cada vez mais nos braços do “cachorro engarrafado”. O

uísque, seu fiel e regular companheiro nos momentos de euforia e de diversão, era agora, em um cotidiano cada vez mais amiúde, o caminho seguro para desligá-lo da realidade. O jornal era a trincheira do derradeiro e inglório enfrentamento.

— Há cerca de 20 dias que não durmo, e minha equipe, comandada por Valderi, nas máquinas, não dorme há mais de 30 dias, relatava.³¹ De fato, problemas industriais graves impediam que o jornal fosse impresso em quatro cores. O preto e branco passou a alternar sucessivas edições, bem como o formato — o tamanho do jornal.

— A minha luta pela sobrevivência de meu jornal é acima de qualquer esforço humano. Eu já estou completamente esvaído, extenuado e cansado. A minha luta contra Tasso [...] está ameaçando a minha própria sobrevivência. Hoje, agora, estou indo mais uma vez para a U.T.I.³²

Venelouis detestava hospital. Evitava mesmo o mais simples exame de sangue ou de urina dentro da lógica “quem procura, acha” — quem procura doença, acha doença. Certa vez, evitando exames médicos, usou os serviços de um amigo como cobaia, enviando para exames as amostras de sangue, urina e fezes fornecidas pelo amigo, no caso, o faz tudo, seu contador Assis.

Mas agora dava sinais de cansaço e a pressão arterial mandava sinais para os braços e as mãos.

No combate, um exército Brancaleone de um homem só era a sua defesa e catarse. A asfixia era iminente, as reservas financeiras do jornal se exauriam.

— Alguns empresários estão com medo e não me apoiam. Mas eles deveriam ter consciência de que cada indústria asiática que é trazida para o Ceará representa desemprego e a falência deles próprios. Gerardo Bastos, Ivens Dias Branco, Capitão Fujita, Danilo Marques, Domingão, Miguel Dias, Demócrito [Dummar], Sancho, Palácio, Antonio Sales, Djanir Figueiredo ou outras pessoas honestas que fossem fundar uma indústria no Ceará, não teriam direito a nada. Qualquer asiático receberia terreno, anos de isenção fiscal e

empréstimos no BEC e no BNB, com juros privilegiados.

A suspeição estava colocada no parágrafo seguinte:

— Por que? Por que tanto privilégio? Por que tanto incentivo? Está claro, é porque este governo tem interesse e ganha gorjeta.

E, aqui, um momento de angústia:

— Este é o último uivo de quem está muito ferido, o último susurro de um perseguido e o último grito de quem está morrendo por ter tido a coragem, a altivez e o idealismo de combater a desonestidade e a prepotência.³⁴

No dia seguinte, um Venelouis mais aliviado. O piripaque era apenas stress, segundo relata:

— Felizmente foi um rebate falso. Estou apenas com ‘stress’ e voltei porque se não o meu jornal não circularia e eu não poderia continuar denunciando... e aí continua sua ostensiva e obsessiva pregação contra o seu último alvo.

Vinte dias depois, o apenas ‘stress’ culminou com um enfarto fulminante. Mas a temperatura desses últimos dias só aumentava.

Venelouis relata que, quando estava na U.T.I. “muito bem atendido pelas doces e eficientes enfermeiras”, adormeceu e começou a sonhar. No sonho, via as realizações de obras por governadores cearenses, desde Virgílio Távora. Via a fundação do Banco do Estado do Ceará — BEC, a geração de empregos e mais empregos com a imagem de Virgílio.

— O turismo era um sucesso. Milhares de pessoas, em meu sonho, vinham para o Ceará, que passou a ter uma floresta de caju e passou até a plantar café e lá no alto eu via César Cals.

Indo mais à frente, eu vi saneamento e pessoas deixando de morrer de infecções. Lá em cima, via a imagem de Adauto Bezerra, o governador bom caráter, como seus antecessores.

No meu sonho eu ia passando e senti um Ceará moderno, com um governador admirado por todo o Brasil.

Então, olhei e descobri Gonzaga Mota. Continuei sonhando e de repente passei a gritar, a ficar espavorido, completamente atemorizado.

As enfermeiras me acordaram, me acalmaram, mas tudo tinha sido concretizado, eu fora assaltado e roubado em mil reais como taxa de progresso pela quadrilha [...].³⁵

— Não tenho paz, não viajo e moro no próprio jornal. Todos me cobram, todos exigem de mim independência, mas não sabem que não vivo um só momento de paz, porque só penso em pagar meus funcionários, imposto de renda, fundo de garantia, obrigações sociais, telefone, luz, papel, filme e despesa de gás e alimento para tentar sobreviver.

Eu sou uma pessoa comum, com milhares de compromissos.

Me ajudem, eu peço socorro.

Eu digo: vivo de sonhos, minha equipe é composta de pessoas lindas que nada possuem ou pouco me cobram.³⁶

Talvez este artigo totalmente panfletário seja o petardo mais virulento contra o governador.³⁷

Em alguns momentos, Venelouis dirigiu sua metralhadora até mesmo para aliados. Sobre Tasso, se referia com vários impropérios e por isso a “partir de hoje não publicarei sua foto no jornal”. Do mesmo modo, a foto de im amigo político estava vetada “porque ele é cafona”. Ou seja, o homem estava acuado e desesperado usando argumentos além dos limites razão.³⁸

— Vou voltar a escrever hoje depois de breve silêncio, devido a minha viagem ao Japão, a convite do meu amigo e guru Paul Marino.

Venelouis recebera telefonemas que, segundo ele, mostravam desvios graves do chefe do executivo.

— Não sou a palmatória do Brasil, mas tenho que atender a milhares de pessoas que me procuram. Não sou candidato a nada porque os senhores deputados, senadores, governadores e vereadores são mais preparados do que eu. O que sei mesmo é ser jornalista, fazer jornal sempre defendendo a liberdade, os supremos direitos da pessoa humana.³⁹

Aquele setembro de 1996, mês de comemoração dos seus 60 anos de fundação, continuava sendo um setembro negro para a família O

Estado. Venelouis não arrefecia nas críticas e o tom panfletário ficava cada vez mais arraigado. Seu sentimento de ultraje se expressava no texto ferino na fronteira do irracional. Os adjetivos com julgamento moral fizeram referência explícita ao pai do governador, o então falecido senador Carlos Jereissati. Não era a primeira vez que este fora vítima da ira do jornal. Na gestão do jornalista Themístocles de Castro e Silva, homem da área de comunicação do então governador Parsifal Barroso, o senador Carlos Jereissati, ex-aliado, fora objeto da pesada artilharia retórica, com regulares manchetes na primeira página, até mesmo com referência ao polêmico artigo publicado em página dupla na revista *O Cruzeiro*, assinado pelo beligerante jornalista David Nasser e tendo como fonte principal o deputado federal Armando Falcão, inimigo político de Jereissati.⁴⁰

Venelouis relata, em texto publicado na primeira página:

— Depois de anos de cerrada perseguição, partida de um governador que não tem moral para tal, Venelouis e *O Estado* têm a sua situação nas mãos da ABI, cujo presidente, o quase centenário Barbosa Lima Sobrinho, juntamente com todo o Estado maior da respeitável entidade, encampou essa batalha de um Davi cheio de coragem contra um Golias que é o protótipo da covardia e da desonestidade. [...] Você não vai fechar meu jornal.⁴¹

A carga em Jereissati não arrefecia. Em textos cada vez mais carregados de adjetivos altamente pejorativos, publicados sempre a partir da primeira página do jornal, Venelouis destilava sua ira sobre o governador. Este, não polemizou. Preferiu responder pela via judicial, reivindicando multa por danos morais.

Em manchete de primeira página, Venelouis anuncia o comentário em sua defesa feito, dois dias antes, por Helio Fernandes, no jornal *Tribuna da Imprensa*.

Em texto assinado por ele mesmo, na edição de 4 de julho de 1996, Venelouis comemorava o apoio solidário e corporativo que vinha do Rio de Janeiro:

— A prepotência covarde e a arrogância do Sr. Tasso Jereissati, ao tentar intimidar o jornal *O Estado* em publicar a verdadeira face de seu [...] governo, já repercute no Brasil inteiro. O grande jornalista Helio Fernandes, que em corajoso ato se dispôs a testemunhar a favor de Venelouis no processo odioso que Tasso lançou contra este jornal, publicou hoje [na verdade, publicou dois dias antes, 2 de julho de 1996] em sua coluna da *Tribuna da Imprensa*, de circulação nacional, e que é transcrita pelo *O Estado* há 30 anos, que Tasso é uma espécie de Wasmosy⁴² estadual, e que mesmo se achando o “todo poderoso da política cearense, vai ter uma derrota esmagadora nas próximas eleições em Fortaleza; isto porque o povo está cansado de ouvir suas falsas promessas de desenvolvimento que não passam mesmo é de discurso eleitoral e propaganda enganosa paga com dinheiro público.”

Continua Venelouis:

Helio afirma ainda que, esta atitude [...] tenta conseguir o que nem a ditadura conseguiu, que é censurar a liberdade de imprensa, impedir que este jornal, que publicou artigos polêmicos na época da repressão militar mostre hoje, em um regime democrático, quem é esse governador do Ceará e o que ele anda fazendo na administração estadual.⁴³

De fato, dois dias antes, Helio Fernandes abria sua coluna, em meia página vertical de cima a baixo, da página 9 do jornal *Tribuna da Imprensa*, com uma foto do governador do Ceará e um pequeno bloco de texto com o título adjetivado, em corpo 16, mas o suficiente para chamar a atenção. Seguia-se ao título o texto:

...quer acabar com a oposição no Ceará. Para ele vale tudo. Arrogante, prepotente, incompetente, é uma espécie de Wasmosy estadual. Vai começar perdendo esmagadoramente em Fortaleza.⁴⁴

Depois do aperitivo no alto da página, um outro comentário de Fernandes, na subseção “*Ur-gente*”, no rodapé padrão de sua coluna, fechava o ácido ponto de vista, numa demonstração pública de solidariedade a Venelouis mas, principalmente, da amizade entre os dois donos de suas trincheiras impressas. Estava lá, com todas as letras e a marcação de algumas expressões em letras mais escuras:

[...] Jereissati está desesperado com as acusações, denúncias e revelações do Jornal *O Estado*, e de seu diretor, jornalista Venelouis [Xavier] Pereira. Não podendo dobrar o jornalista como está acostumado a fazer, resolveu processá-lo duas vezes. Por injúria, calúnia e difamação. E no cível, pedindo indenização de 2 milhões de reais. Uma coisa inacreditável.

O jornal do Venelouis, é um jornal típico de resistência. Sempre lutou por aquilo que considerava o bom combate. Por isso, não admitindo o belo Ceará entregue a [...] Tasso, diz muitas verdades sobre ele.

No seu livro de depoimentos, Carlos Lacerda escreveu: “Só três jornais tiveram coragem de publicar o meu artigo, intitulado, *Carta a um ex-amigo fardado*. Foram a *Tribuna da Imprensa*, *O Estado de S. Paulo* e *O Estado*, de Venelouis [Xavier] Pereira”. Venelouis enfrentou tudo. Foi preso, perseguido, sequestrado, não pediu nem deu quartel. Ficou sempre na trincheira, lutando.

Agora, [...] Jereissati quer conseguir o que a ditadura não conseguiu. Acabar com o jornal. Pois como é que *O Estado* poderá pagar 2 milhões de reais, se não fatura isso nem em cinco anos? Já deveria estar havendo uma grita no Brasil inteiro. Falam muito em Liberdade de Imprensa, mas ninguém se interessa quando um jornal como *O Estado* é vilmente estrangulado.⁴⁵

Na iminência das eleições de 1992, Venelouis carregava nas tintas quando o assunto era negativo para seus alvos. Todos os oponentes e dissidentes do governador, no plano político, tinham amplo espaço

no jornal. Mesmo assim, essa era uma tradição do jornal sob sua gestão, fundada nos anos 1960 com o endurecimento dos governos militares. Naquele período era *O Estado* quem abrigava, em suas páginas, as ideias críticas dos políticos de oposição.

Na manchete de primeira página *Cid Carvalho: Vitória de Cambraia é o fim de Tasso e Ciro* fica clara esta tendência:

Senador Cid Carvalho previu, ontem, que o PSDB sofrerá uma derrocada nacional com o resultado das próximas eleições municipais, notadamente em Fortaleza, com a vitória do candidato do PMDB, Antônio Cambraia. Afirmando que o fato pode levar os principais líderes tucanos, entre eles Tasso Jereissati e Ciro Gomes, a inesperado fim da carreira política.⁴⁶

Certeza da derrota leva PSDB a usar a violência, mancheteava em primeira página referindo-se ainda à disputa municipal em Fortaleza, cujos principais candidatos eram Antonio Cambraia (PMDB) e Assis Machado Neto (PSDB) relatando um episódio entre militantes na avenida da Abolição, em Fortaleza, quando supostamente, coladores de cartazes da campanha do peemedebista teriam sido abordados pelos oponentes que estariam armados com um revólver.⁴⁷

Por que Venelouis não ouvia ninguém sobre essa sua obstinada campanha contra Tasso Jereissati?

Existem pelo menos duas hipóteses consistentes; cada uma em separado ou as duas juntas, o que já daria uma mistura explosiva. Uma, remete à questão financeira, considerando que o novo governador Tasso sustou ordem de pagamento em cheque emitida pelo seu antecessor Gonzaga Mota a favor de empresas de comunicação, dentre as quais o jornal *O Estado*. Outra, remete para a questão emocional, pois feriu mortalmente a autoestima de Venelouis. Esta hipótese remete ao sequestro de Venelouis, que teria ficado magoado porque o governador promoveu Jarbas Botelho, que estava com a

carreira militar “congelada” desde o episódio do sequestro. Até então nenhum governador assinara qualquer promoção ao militar — fato que dava prazer a Venelouis.

Solange Palhano entende que isso era uma atitude de censura ao episódio, mas também em respeito à dor do jornalista.

— O homem não foi mais promovido. Os governadores não o promoviam certamente devido ao episódio do sequestro do meu pai, em respeito a isso.⁴⁸ Quando o então governador Tasso promoveu o Jarbas Botelho, meu pai ficou com uma mágoa terrível. Eu acho que não é errado promover, eu considero que o Tasso não fez nada errado, não.

As ácidas manchetes de Venelouis mostraram um homem profundamente magoado, ferido de morte. As relações anteriores de amizade, principalmente com Wanda Palhano, ficaram esmaecidas. Só mais tarde é que as relações voltaram a bom termo, quando Wanda assumiu a presidência do jornal *O Estado*.

— O Tasso até hoje tem um enorme carinho pela minha mãe.

Uma amizade que começou desde o tempo em que Tasso era gestor da Imobiliária Jereissati e publicava os balanços e outras publicações legais no jornal *O Estado*. Wanda, que tinha um fascínio por Tasso, porque acreditava no seu projeto arrojado para o Ceará, visitou muitas vezes a Imobiliária Jereissati, acompanhada pela publicitária Cléa Petrelli, que fazia atendimento àquela empresa anunciante. Lançado candidato a governador do Ceará, Tasso visitou informalmente o jornal em quatro ocasiões para falar e ouvir sobre perspectivas para o Ceará e outras situações da história política local, onde seu pai fora senador. O jornal já estava sediado na avenida Santos Dumont.

— Todo mundo aqui votou nele, a minha mãe é doida por ele até hoje. Nos surpreendeu o cancelamento da autorização de pagamento feita pelo governo anterior relativa a débitos de veiculação de mídia.

A medida do novo governador deu início a um ciclo de tensão

com a imprensa local, principalmente porque os jornais, por exemplo, desenvolveram certa dependência das regulares e generosas verbas publicitárias do governo Gonzaga Mota. O fato positivo do episódio é que ele estimulou o início de uma profissionalização maior da grande imprensa local com o mercado anunciante privado. Há uma combinação de fatores aqui. Os empresários no poder iniciam um ciclo de restauro da imagem do Ceará no Brasil — uma construção simbólica, através da comunicação junto a formadores de opinião nacional em relação ao novo cenário que se construía.

Na saída do governo, Gonzaga Mota autorizou o pagamento de todos os meios de comunicação do Ceará, emitindo cheques que seriam depositados no primeiro dia útil do governo seguinte, de Tasso Jereissati. Ricardo Palhano⁴⁹ viveu o problema na pele:

O governo Gonzaga Mota passou por sérias dificuldades. Emitiu até sua própria moeda, as gonzaguetas. E a imprensa em geral, rádio, televisão, jornal, estavam com os pagamentos todos suspensos por causa da dificuldade que o Governo cearense passava na época. Mas, nos últimos quinze dias de governo, eles conseguiram recursos e pagaram todos, toda a imprensa. Então, a gente recebeu uma massaroca de cheque até no último dia de governo. Os processos todos, um a um, foram pagos. Era muita coisa. Tudo sendo pago. Acabou o governo, no outro dia o homem assume. No primeiro dia útil, foram depositados os cheques, por todos os meios de comunicação. Quando chegou na compensação, estava tudo cancelado. O banco não pagou nenhum cheque. Houve um grito geral, todo mundo atrás de receber seu dinheiro de um serviço que havia prestado.

O nosso montante era significativo. Ficou todo mundo em uma situação difícil. Eles suspenderam e disseram que, nos três primeiros meses, seria feita uma auditoria. Depois disso, iriam estudar caso a caso. E nesse caso a caso, o sujeito tinha que passar pelo se-

cretário Sérgio Machado, que pagava quem ele queria com aquela arrogância que lhe era peculiar. E o meu pai não achou legal se submeter a esse ritual, queria falar era com o Tasso. E nós tivemos uma audiência com o Tasso, no Cambeba [onde está sediado o Centro Administrativo Virgílio Távora]. Fui eu e meu pai. E lá o Tasso falou: “Venelouis, vai ser assim. O governo é assim...” e começou a fazer suas críticas ao governo do Gonzaga Mota, que o novo governo tinha que tomar várias decisões e que ele procurasse o Sérgio. Na realidade, o governo queria ver caso a caso porque ele queria puxar a orelha de todo mundo, logo como: “Estou lhe dando isso, agora você tem que agir é assim”. E queria enquadrar todo mundo. O plano era do doutor Sérgio Machado, o grande homem de articulação, que está aí onde está hoje. Nós ficamos nessa situação. Eu ainda fui falar com o Sérgio, mas meu pai pulou fora: “Eu não vou”. Fui recebido por Sérgio, falei o que devia falar, ele disse que ia resolver e não resolveu nada. Passou seis meses, oito meses, e ele me enrolando. Eles começaram a perseguir o Gonzaga Mota. E a gente tinha um sentimento de gratidão, passamos a defender o Gonzaga Mota. E como a relação do governo Tasso com a imprensa em geral e com todo o empresariado foi de uma forma muito áspera, nós começamos a denunciar também isso. Se não estivesse rezando na cartilha dele... Foram suspensos, então, também os novos anúncios para o jornal *O Estado*. Aí o jornal passou a não ter mais nada, nem recebia o dinheiro passado nem tinha mais novos anúncios. Passamos para a oposição e fomos o único jornal a permanecer na oposição.⁵⁰

Esse período foi um momento crítico para o jornal *O Estado*, mas não somente para *O Estado*. O jornal *O Povo* também foi alvo. Ricardo relata:

O Demócrito [Dummar] foi chamado de tudo. Depois ele reatou as relações. Ele disse pra mim na época “Eu nunca falo, ‘esses caras vão me pagar’”, aí terminou abrindo. Aguentou só um ano. Ficou o

jornal *O Estado* na oposição e depois veio o Ciro. O Ciro seguia a determinação do Tasso. E o jornal *O Estado* continuou discriminado. O Ciro quando foi prefeito, também discriminou *O Estado*. E depois veio o Tasso de novo, depois o Tasso de novo. E o jornal *O Estado* ficou longos anos sem o anúncio oficial. O jornal *O Estado* só voltou a ter o anúncio oficial do Governo do Estado novamente na gestão de Lúcio Alcântara. Quando o governador Lúcio Alcântara foi candidato, ele teve um encontro comigo. Meu pai já não estava aqui e eu conversei com o Lúcio. Ele pediu o apoio do jornal e nós acertamos. Ele perguntou qual seria a reivindicação e eu falei que a única reivindicação que o jornal tem é que o Governo do Ceará voltasse a programar o jornal em seus planos de mídia. Falei que estávamos há vinte anos sem um mísero anúncio do governo. E o governador Lúcio prometeu e quando se elegeu mandou incluir o jornal *O Estado* nas planilhas de mídia impressa, novamente. Mas o Lúcio não foi um bom governador para a mídia impressa. Ele anunciava mais em televisão. Depois veio o governador Cid Gomes. Cid foi um bom governador para a mídia impressa. Muita obra, muito anúncio. Tinha visão e que sabia divulgar suas ações aproveitando o potencial de todas as mídias, inclusive da mídia impressa que é a mídia que, no futuro, vai ser pesquisada nas bibliotecas e nas hemerotecas.⁵¹

Oswaldo Araújo, à época superintendente do jornal *O Povo*, faz coro a Ricardo Palhano. Ele também tomou o tradicional “chá de cadeira” na ante-sala do poderoso secretário de Governo Sérgio Machado.

Oswaldo Araújo narra que “as dívidas que o governo estadual tinha com a Empresa [*O Povo*] (publicidade e compra de assinaturas) demoraram a ser pagas e, como eram pagas sem correção e juros, seus valores minguaram.”⁵²

— Lembro de ter ido, logo no começo do governo, pessoalmente, pedir prioridade de pagamento ao então Secretário de Governo Sér-

gio Machado. Depois de uma boa espera, ele me recebeu passando da hora do almoço, de pé, vestindo um paletó colorido, maleta na mão. Ele parecia já saber o que eu ia falar.⁵³

Quando Osvaldo terminou de expor, Machado disse:

— Deixe a lista aí na mesa.⁵⁴

E foi almoçar.

Anos mais tarde, um original estudo acadêmico interpretava aquela conjuntura tensa. O cientista político Josênio Parente anota que “o governo do Cambéba não só deixou de pagar dívidas com a imprensa que Tasso Jeressati não reconhecia, como não veiculava inicialmente propaganda em jornais locais. Foram momentos de muita tensão. Jereissati faz efetivamente uma ruptura com o patrimonialismo, o suporte de legitimação dos tempos dos coronéis”.⁵⁵

Venelouis abriu várias frentes de embate. Uma delas, com Dirceu Arcoverde, político no vizinho estado do Piauí, a quem dedicou uma página inteira sob o título: *Grupo Jeca Tatu está cheio de ameba — Dirceu, o amarelo, não é reconhecido na barraca do Piauí*, onde mostrava que a popularidade de Alberto Silva era bem maior do que seu principal oponente eleitoral em 1978.

Escreveu Venér:

[...] Dirceu Arcoverde desesperou-se na festa dos Estados em Brasília por não ter sido reconhecido e até barrado na entrada da barraca do seu estado e ao contrário, explodem em torno dele palmas e gritos: Alberto Alberto, Alberto.

O senhor Dirceu Arcoverde constituiu uma equipe de trabalho sem filosofia e sem metas definidas. A improvisação foi a tônica de sua administração.⁵⁶

HELIO FERNANDES

O jornalista Helio Fernandes nunca se furtou a uma boa briga. Mas

também sempre reconheceu seu papel de influente na construção de uma consciência crítica na imprensa brasileira.

Helio é um crítico consistente e um ótimo provocador. Em março de 1996, Helio Fernandes abrigava, no rodapé de sua apreciada coluna na *Tribuna da Imprensa* e n’*O Estado*, — lida por temor ou por afeto — a medida exata de sua consciência e autoestima:

O excelente jornalista de Minas, Fábio Doyle, contou o seguinte a um amigo: “Noutro dia vi Paulo Francis falando na televisão. E fiquei revoltado. Ele disse com todas as letras que é hoje o jornalista que mais produz no Brasil, pois publica duas páginas por semana em *O Globo*. Isso é uma idolatria e uma tolice. Quem mais produz no Brasil é o jornalista Helio Fernandes. Ele escreve um artigo e uma coluna diários, sem falhar”.

Não se aborreça nem se revolte, Fábio. Desde que passou da esquerda para a extrema-direita, Paulo Francis jamais falou uma verdade. As duas páginas semanais que ele publica, não chegam nem perto do artigo que escrevo diariamente. Sem falar na coluna diária. Podem gostar ou não gostar, mas meu artigo está todo dia na página 3 e minha coluna na página 9.

E essa produção vai completar 40 anos. Comecei a escrever diariamente no *Diário de Notícias*, então o jornal de maior circulação do Brasil. Fiquei lá até 1962, quando assumi o ativo e o passivo *Tribuna da Imprensa*. Agora, em 16 de Março, completei 40 anos desse trabalho diário e intenso.

Em 1982, o grande jornalista Joel Silveira — o maior repórter brasileiro — fazendo entrevista comigo, — para a revista *Status* — dizia na abertura: “Helio Fernandes escreve uma média de 20 laudas por dia, o que no fim do mês daria matéria para um livro de 500 páginas”. Entre Paulo Francis e Joel Silveira não há como escolher e a minha produção e a do Francis estão aí.⁵⁷

Helio Fernandes é um dos mais longevos jornalistas brasileiros

em atividade. Nascido no Rio de Janeiro a 17 de outubro de 1920, começou no jornalismo em 1945, ao final da ditadura do Estado Novo e, ainda hoje, em 2016, escreve na versão online da *Tribuna da Imprensa*.⁵⁸ Em editorial na primeira página da edição de segunda-feira, 1º de dezembro de 2008, o jornal anunciou a suspensão de suas edições impressas em papel jornal.

Fascinado por Helio Fernandes, Venelouis assinava embaixo de tudo que ele escrevia. Certa vez, em entrevista a Alberto Dines,⁵⁹ Helio Fernandes diz como vê o papel do jornal:

— Jornal é opinião e informação, informação e opinião. Sempre foi. Quando eu comecei a fazer coluna diária, em 1956, eu já era velho, tinha 35 anos. Foi a primeira coluna diária do *Diário de Notícias*. Eu fazia coluna e artigo diário. Então, você disse aí que eu sou discutidíssimo; eu sou tão discutido que discuto até comigo mesmo.

Helio relata seu primeiro encontro com Venelouis, na redação da *Tribuna da Imprensa*, no Rio de Janeiro:

— Eu não conhecia o Venelouis. Um dia ele apareceu lá na redação da Tribuna da Imprensa e foi de uma sinceridade total. Ele disse: “Eu sou admirador da Tribuna, da sua coluna e do seu artigo. Nós estamos em uma situação muito difícil. Uma solução para nós é transcrever a tua coluna e o teu artigo diariamente, mas não temos dinheiro para pagar”. Eu disse “Não tem nenhum problema. Dinheiro não é problema nenhum. Você está autorizado a publicar todo dia”. Ele levantou e me abraçou. “Você salvou *O Estado*”. Foi aí que passou a publicar a coluna e o artigo. Foi ótimo.⁶⁰

Solange confessa a Helio:

— Ele era apaixonado pelo senhor, ele era um grande leitor do senhor. Desde pequena, eu via ele acompanhando seus textos.

— O jornal é tradicional —, continua Helio. — Lembro *O Estado e O Povo*, do Paulo Sarasate, que depois se juntou com o Castelo Branco, que também é do Ceará. Eu escrevi muito contra o Castelo Branco e contra os generais. Eu fui processado pela ditadura trinta e sete vezes.

Helio faz um juízo sobre Venelouis:

— Ele, na verdade, não era dono de jornal. Ele era um jornalista como eu, que por questões inimagináveis, acabei como dono de jornal. Eu fui sempre jornalista participante. Você vê, no Rio e em São Paulo, pelo menos, nenhum dono de jornal escreve. Eu escrevi até o último dia.⁶¹

Também como Helio Fernandes que, aliás, continua escrevendo em seu blog na Internet, Venelouis escreveu até o último.

ENTREVISTA A IAN GOMES, NA TV, UM REGISTRO RARO

Por muitos anos, a jornalista Ian Gomes manteve um programa de entrevistas que falava dos bastidores da imprensa, a partir de conversas com jornalistas e com profissionais ligados à comunicação. Foram dezenas de entrevistas com profissionais como Francisco Bilas, Agostinho Gósson, Ronaldo Salgado, João Inácio Jr., Polion Lemos, Guto Benevides, Armando Vasconcelos, Blanchard Girão, Irapuan Lima, Egídio Serpa, Lúcio Brasileiro, Sérgio Pires, Amaury Cândido, Fernando Eugênio Marinho e mais, transcritos, depois, e reunidos no livro *Gente de Imprensa*.⁶²

A entrevista com Venelouis foi veiculada no dia 27 de junho de 1992, um sábado.⁶³ O programa *Gente de Imprensa*, de Ian Gomes, primeiro foi veiculado na TV Educativa (que depois teve seu nome mudado para TV Ceará, canal 5), onde estreou no dia 14 de outubro de 1991. Depois, o programa mudou para a TV Manchete, então dirigida por Guto Benevides. Para formatar o programa, Ian Gomes se inspirou no estilo de Guto Benevides quando este realizou uma série de entrevistas com jornalistas nos anos 1970, publicadas no jornal *O Estado*, e depois reunidas no livro *Curtição do Guto*.

O jornalista, que iniciou sua carreira como repórter no *Diário do Povo*, de Jáder de Carvalho, concedeu a seguinte entrevista:

Venér, com os encantos e desencantos da profissão, o senhor começaria tudo outra vez?

Eu sou formado em Direito e também em Filosofia e pensava em ser professor. Mas depois, estudando no Rio e vendo Carlos Lacerda, que foi o fundador da *Tribuna da Imprensa*, eu me dirigi mais para o jornalismo. Advoguei muito pouco. Como estudante, em Fortaleza, eu já escrevia no *Diário do Povo*, com o saudoso Jáder de Carvalho, um dos melhores jornalistas do Ceará. Certamente eu começaria tudo outra vez.

É difícil fazer jornalismo no Ceará?

É muito difícil fazer jornalismo em qualquer parte do Brasil e no Nordeste, principalmente, porque os jornais dependem muito do apoio governamental — de um apoio do Governo do Estado, da Prefeitura... O faturamento em todos os jornais do Nordeste depende muito dos governos. Mesmo no Rio e em São Paulo ainda há essa dependência da mídia oficial.

Existe a verdade no jornalismo?

A gente busca a verdade, tenta encontrar a verdade, mas é difícil. Não existe propriamente um jornal completamente independente. Eu já tive uma linha mais independente no jornal *O Estado*, mas até a família concorre pra gente ser menos independente. Eu sofri uma perseguição durante 20 anos da Revolução. Porque eu era da Revolução, mas quando começou a praticar excessos, a perseguir trabalhadores e torturar, eu fui chamado várias vezes na 10^a. Região Militar e fui enquadrado na Lei de Segurança Nacional. Porque tinha aqui um grupo de oficiais que estava aterrozando o Ceará. Eram chamados os “pernambucanos”. Era um no comando da Polícia Militar, outro na secretaria de Polícia e outro no Trânsito. E eu enfrentei este pessoal. Fui até sequestrado por isso e, depois, eu que havia sido sequestrado, ainda fui enquadrado na Lei de Segurança Nacional.

Hoje é mais fácil fazer jornalismo?

Hoje é mais fácil, porque existe a liberdade, existe a Constituição em vigor. Naquele tempo, a gente tinha a censura dentro do jornal. Como eu não aceitava censura por telefone — eles ligavam e diziam não publique isso, não publique aquilo, eu não aceitava —, eles colocavam um policial federal dentro do jornal. No Brasil existiam três jornais que não aceitavam a censura por telefone, *O Estado* o meu, *O Estado de S. Paulo* e a *Tribuna da Imprensa*, o resto recebia recado por telefone para não publicar. Por conta disso, tentaram me sufocar economicamente, muitos processos. Existia uma ordem, do Gabinete da Presidência, para o jornal *O Estado* não ser programado na mídia oficial. Nós passamos 20 anos sem receber anúncio do governo federal.

O sr. lançou muitos nomes no contexto da comunicação aqui no Ceará, quem são hoje estes profissionais?

A Sônia Pinheiro começou lá no jornal, ainda estudante de Jornalismo. Também o Dário Macedo, que já faleceu — ele foi um dos maiores jornalistas do Brasil. O Teobaldo Landim que era professor do Curso de Comunicação da UFC. O Fenando Maia também foi do jornal *O Estado* e ainda o Newton Pedrosa. Até mesmo nas oficinas eu vivia ensinando as pessoas — às vezes a pessoa entrava no jornal como gazeteiro e saía como impressor. A gente tinha dificuldades financeiras em razão da perseguição do governo, então a gente não convidava jornalistas já famosos para vir compor a redação do jornal, porque não tínhamos condição de pagar o ordenado.

Me disseram que o sr. adora uma briga, já brigou com jornalista, com empresário, com políticos e até com a polícia, é verdade?

Não é propriamente ser brigão. Não, eu sou brigão. Mas o empresário que tem jornal, um comerciante que tem jornal, ele não tem compromisso com a comunidade. Ele tem compromisso com os negócios dele. E o jornal *O Estado* nunca foi de empresários. Eu

não tenho negócio nenhum, a não ser o jornal. Tem que ter compromisso com a verdade. Eu fui sequestrado, perseguido pela Revolução. Eu apoiei o governo do Tasso no começo, depois o Tasso tinha uma influência muito grande do grupo Machado, e ele apoiava aquele filho do Exedito, o Sérgio Machado, e eu não concordava. Então, mesmo no governo do Tasso, mesmo sendo amigo dele, eu sofri restrições econômicas. Mas a gente vai sobrevivendo sem empenhar a dignidade — não existe um jornal totalmente independente. Porque você tem amigos, seus filhos tem amigos. E você sempre vai ser levado pela amizade, pelas coisas do coração. Agora, jornal de empresário é diferente, não tem compromisso nenhum com a comunidade, tem compromisso com os negócios dele. Tem jornal pra dar cobertura aos negócios, pra lhe dar vantagem.

Dá para ficar rico com jornalismo?

Naquela época, não é propriamente enriquecer. Eu gosto de coisa diferente, de limusine, carro esportivo, viajo muito, pois viajando a gente se recicla. A melhor escola é estudar... e viajar.

Dizem que o sr. já casou mais de 10 vezes, é intriga da oposição ou é verdade?

Não é propriamente assim intriga da oposição. Não cheguei propriamente a casar mais de dez vezes. Não cheguei porque no Brasil a lei não permitia. Eu me casei somente duas vezes, mas me liguei a 16 mulheres.

Dezesseis? Eu lembro que o sr. chegou aqui [no estúdio da TV] super bem acompanhado, uma mulher lindíssima.

[Rindo, discretamente] Você, por exemplo, deve ter uns cinco namorados, bem novinha que é. E eu estou acompanhado da minha mulher, Viviane, ela é de Minas Gerais [o câmara da TV dá um flash em Viviane].

Então dessas 16, já teve mulher do Brasil inteiro. Do exterior também?

Já. Também.

Conjuntura política. O sr. acha que todo país tem o PC Farias que merece?

Eu acho que cada país não tem um PC porque um país onde as leis fossem cumpridas não existiria um PC. Organizar um esquema pra fazer corrupção enquanto o povo está morrendo de fome é acreditar na impunidade. Nosso salário mínimo é menor do que o do Paraguai. Então, se organizar um esquema no governo só para fazer negociata, isso ninguém aceita nem aqui nem em nenhum país onde as leis forem sérias e cumpridas. O presidente Nixon teve que renunciar na iminência do *impeachment* só porque ele organizou um sistema de espionagem no seu opositor, o Partido Democrata, o chamado escândalo Watergate. Agora não é possível uma pessoa organizar um esquema de extorsão para tomar um pedaço de tudo o que é investimento federal no Brasil.

Qual sua atividade hoje no jornal *O Estado*?

A diagramação do jornal eu mesmo faço, quem baixa — diagrama — quase todas as matérias no jornal sou eu. Já cheguei a fazer no jornal até horóscopo, porque não podia pagar. É difícil você manter uma linha de independência num jornal pequeno, porque as pessoas gostam muito de elogio, todos os governos gostam de elogio. Mas eu sou assim: o que se fizer de útil eu dou apoio, e se tiver erro é uma obrigação nossa publicar, até porque com a publicação você está cooperando com o governo — muitas vezes o governador não sabe de tudo o que está acontecendo no governo. A imprensa existe é também para fazer sugestões, críticas.

Qual a mensagem que o sr. mandaria para quem quer ser gente de imprensa?

A pessoa que queira ser jornalista, além de se formar [se graduar], tem que ler muito, o jornalista tem que ter conhecimento. Quando o Kennedy foi assassinado, eu saí de uma boate na madrugada para mudar a manchete do jornal. Não tinha mais ninguém na redação, mas eu sabia toda a história dele. Tem que ler jornal, não só local como de outro estado, principalmente do Rio e de São Paulo. E tem que ter um compromisso com a sociedade. O jornal não é um supermercado, não é uma padaria... você não pode vender opinião, você não deve vender a sua consciência. Você tem que ser independente.

16. ESCOLA DE MUITAS GERAÇÕES

Os seus vários ciclos, *O Estado* foi um centro de formação

A fase de Venelouis Xavier Pereira no comando do jornal *O Estado* coincide também com a implantação do Curso de Jornalismo — nascido na Associação Cearense de Imprensa — na Universidade Federal do Ceará, com o apoio irrestrito do reitor fundador Antônio Martins Filho e a ação de jornalistas como J. C. Alencar Araripe, G. S. Nobre, Adísia Sá, Luis Campos, Heitor Faria Guilherme, Inácio de Almeida, Pádua Campos. Coincide também o ciclo Venelouis com o endurecimento do governo militar, iniciado em 1964, a edição de novos atos institucionais castradores dos direitos civis e, logo mais adiante, a edição do draconiano AI-5. O jornal que apoiara a intervenção militar passava radicalmente para a oposição e pagava à vista a conta dessa desobediência às ordens do arbítrio.

Sobre esta guinada à direita, *O Estado* destacava artigo do polêmico e explosivo Carlos Lacerda, um dos inspiradores de Venelouis. Os textos de Lacerda publicados na *Tribuna da Imprensa* eram reproduzidos no jornal *O Estado*, em muitos casos com chamadas de primeira página. Mas dessa vez, abre, na primeira página a manchete *Lacerda não pode repetir Castelo: sua união com Jango é espúria*¹ para analisar

a ideia da Frente Ampla, onde fica claro, também, seu apoio às ideias de Carlos Lacerda.

— Sabemos que Lacerda foi a alma e o líder incontestado da revolução. Sabemos, e ninguém pode contestar que ele resistiu a Jango, e, proporcionou com sua luta heroica, as condições indispensáveis para que as forças armadas acabassem a baderna.²

O texto de Venelouis mostra-se totalmente alinhado a Lacerda na crítica ao Plano de Ação Econômica do Governo — PAEG, do ministro do Planejamento do governo Castelo Branco, Roberto Campos:

A chamada Frente Ampla, defendida pelo líder popular Carlos Lacerda, consiste na união dos contrários e na aproximação dos extremos, sob o fundamento de pacificar o Brasil e preservar a democracia ameaçada.

Lacerda, neste momento difícil e sobretudo instável porque atravessa o Brasil, pretende a união de todos contra Castelo, que ele considera o inimigo nacional. Argumenta que o Presidente entendeu-se com o irresponsável Jango.

[...] Sabemos, e todo o povo ficou estarecido, horrorizado e decepcionado com Roberto Campos [ministro do Planejamento de Castelo] este vendaval de subserviência.

Conhecemos e todo o povo sabe que o Presidente, em nome do conceito do Brasil no exterior, deixou de cassar muitos corruptos, permitiu e ajudou a eleição de um nefasto como Negrão de Lima e de um servil e sobretudo desonesto, como Israel Pinheiro.

Em nome da democracia, em nome do respeito do voto, o Presidente empossou essas duas pústulas. Mas pouco depois de tomar essa decisão, prescreveu o voto direto.³

O gênio brilhante de Lacerda estava a serviço de alguma conspiração conduzida por ele próprio ou por terceiros. Seus textos eram como combustível na fâisca. Dias antes, *O Estado* publicara o artigo de Lacerda *Histórias de Carapuças*, um panfleto incendiário estimulando

a a incitação, principalmente em passagens como esta: “Visando a unir o Exército, a tática seguida pelo general Costa e Silva, no entanto, pode desunir a Nação, depois que Castelo desuniu a revolução a ponto de destruí-la.”

Vejamos os parágrafos iniciais:

O que ousou dizer, de volta ao Brasil, é que o Exército não admite a mudança da regra de um jogo a dois, uma luta por domínio. O marechal Castelo Branco, instrumento do sistema destinado a conservar o Brasil na mão de seus donos. E o general Costa e Silva, montado para desmontar Castelo Branco. Mas, será também para desmontar o sistema, ou para continuar a seu serviço? Eis o que ninguém diz à Nação.

Visando a unir o Exército, a tática seguida pelo general Costa e Silva, no entanto, pode desunir a Nação, depois que Castelo desuniu a revolução a ponto de destruí-la. Afastado o povo da revolução, os revolucionários são obrigados a desistir da revolução ou impor ao povo uma “revolução” contra o povo. Isto é, um golpe que se transforma numa usurpação.

[...] é sempre mal fazer advertências que ninguém quer ouvir. Na ideia fixa de conseguir que Castelo saia, sem ter de derrubá-lo, fizeram de Costa e Silva o único meio de tirar Castelo Branco sem outro golpe militar, sem risco de perder o controle do Exército e este, o da própria Nação.

Começou para isso um vale tudo político. Os testemunhos que estão recolhendo nesse sentido são impressionantes.

Chego a lamentar por vezes, que a inqualificável conduta do marechal Castelo me tenha obrigado a vomitá-lo, sempre sendo melhor do que engoli-lo. Apesar de tudo, numa serenidade que ele não possui e uma isenção que ele não possui, sabemos que ele é homem pessoalmente honrado, pelo menos em matéria de dinheiro. E tenho a impressão de que se conseguisse ao menos compreender o que se está instalando no seu governo, esse abominável sistema de

corrupção que domina o país agora à sombra e à custa das Forças Armadas, ele próprio retificaria muitas de suas linhas, ao menos para salvar essa parte intocável de sua reputação.

A advertência que venho fazer, no entanto, é a mais modesta e desprezível.

Aprendi em Toynbee que o Brasil ainda não foi capaz de enfrentar o seu destino, porque ainda não teve que enfrentar um desafio. Não sei se não terá razão o historiador inglês. Não sei ainda quantas dificuldades terá que passar este país para salvar-se.

Não exagerei ao afirmar que, a partir de 1966, o jornal *O Estado* foi uma extensão da *Tribuna da Imprensa* no Ceará, não somente com a republicação dos artigos de Carlos Lacerda, Helio Fernandes, Paulo Francis.

Assim como Lacerda, cassado em dezembro de 1968, Venelouis mudou totalmente seu ponto de vista em relação ao novo modelo político. Instalara-se uma ditadura no Brasil. O jornal *O Estado* é um Davi que se rebela contra um draconiano Golias. E passa a ser, no Ceará, uma trincheira das oposições ao regime, ao mesmo tempo em que abria espaços para os novos profissionais do jornalismo, a maioria egressos do Curso de Jornalismo da UFC, em Fortaleza.

Venelouis via agora que fora traído e sua trincheira passou a abrigar todos os ultrajados pelo golpe dentro do golpe, incluindo aqueles que não foram, isto é, aqueles históricos militantes da esquerda brasileira.

AUTO FILHO: JORNALISMO, MILITÂNCIA E AFETO

Um dos jornalistas de maior criticismo na história da imprensa, Francisco Auto Filho, sempre conciliou a atividade de repórter e articulista com a militância partidária. Homem de esquerda, tem toda a sua trajetória marcada por princípios e coerência.

Venelouis Xavier Pereira acolheu Francisco Auto Filho na redação do jornal *O Estado* no momento que ele saía da prisão, com danos

físicos na audição em decorrência de intermináveis sessões de tortura. Curioso é que Auto Filho nunca procurou nenhuma indenização, a qual tinha direito legal pelos danos dos quais foi vítima, tanto física quanto profissionalmente.

Durante a ditadura na década de 1960, Francisco Auto Filho era do Movimento Estudantil Secundarista, aluno do Liceu do Ceará. Quando viu proibida a exibição dos seus jornais murais, teve a ideia de fazer um jornal mimeografado, que circulava clandestinamente em pleno 1965. Com o sucesso do jornal, o movimento secundarista estimulou e implantou jornais mimeografados em outros colégios e em outros grêmios. Francisco Auto Filho era o multiplicador dessa experiência que foi ampliada também para organizações sindical e partidária. Empolgado, resolveu estudar jornalismo. Procurou a Associação Cearense de Imprensa — ACI, onde funcionava, anualmente, o Curso Livre de Jornalismo, coordenado pela jornalista Adísia Sá. Teve uma grande decepção:

Eu fui tentar me inscrever, mas quando eu cheguei lá, fui barrado porque eu não era de uma família importante e tal. Não era filho de jornalista, não era conhecido. Eu fui barrado pela burocracia, quem coordenava o curso era a Adísia, mas quem me barrou foi a secretária da época, Helena — era uma pessoa muito autoritária. Depois que eu virei jornalista, fizemos amizade. Mas ela viu aquele jovem moreno, mal vestido e tal e fez mau juízo. Eu me zanguei, saí da ACI e comprei tudo que foi livro sobre jornalismo que encontrei na livraria. Eu encontrei um manual de jornalismo de um professor da Universidade de Columbia, F. Fraser Bond,³ *Introdução ao Jornalismo*, traduzido há poucos meses pela editora AGIR. Estudei outros livros, tanto de brasileiros como de estrangeiros, mas esse livro foi muito importante. Aprendi com o método americano de fazer jornalismo: lide, sublide, detalhes, método, pirâmide invertida e então resolvi montar um curso de jornalismo para ensinar a redigir texto para jornal e comecei a ministrar esses cursos em

colégios. O curso tinha o objetivo de, ao término, criar um grupo de jornalistas estudiantis para fazer o jornal da escola.

Foi um sucesso de aceitação e procura. O principal foi no Colégio Municipal Filgueiras Lima. Eram cinco aulas, eu ministrava quatro e a quinta aula era de jornalista profissional que falava de sua experiência, seguindo-se um debate. A convidada aqui foi a jornalista Adísia Sá. Todos os jornalistas que fizeram as palestras não perguntaram quem ministrava o curso, mas a Adísia, professora — eu fui aluno dela, anos mais tarde — foi logo querendo saber quem ministrava, e foi então que nos conhecemos formalmente. O curso era todo montado sobre folhas de cartolina. Ela achou engraçado quando falei sobre a diagramação da notícia — disse que aqui no Ceará a gente não diagramava jornal. Eu, muito arrogante, mais do que sou hoje, respondi que eles estavam muito atrasados, mas aquele era o modelo americano, o mais atual.⁴

Adísia ficou muito admirada com o trabalho de Auto Filho e, ao final, nas despedidas, perguntou:

— Menino, você não quer trabalhar em jornal?

Ante uma resposta automática e positiva, encaminhou Francisco Auto para a redação da *Gazeta de Notícias*, onde se apresentou no dia seguinte, começando como repórter policial, em 1966.

Auto Filho fez carreira inicial na *Gazeta*, intensificou sua atividade sindical e política e, com o endurecimento da ditadura militar, foi perseguido, preso e torturado. Foi banido das redações. Procurava emprego, mas ninguém queria contratá-lo. Foi aí que conheceu Venelouis Xavier Pereira.

Auto Filho relata:

A prisão mais marcante pra mim foi a última, porque fui torturado, estouraram o meu ouvido, quebraram a minha arcada dentária e minhas costelas e eu passei um ano e quatro meses preso no Ins-

tituto Paulo Sarasate. Mesmo depois, quando veio a Anistia, nunca fiz uso dela. Eu era professor da Universidade e fui demitido, encontrei dificuldades nos jornais, foi aí que conheci o Venelouis. Ele sabia que eu estava procurando emprego e me convidou para o jornal *O Estado*. Era uma fase em que eu mal ficava dez dias em um local e já saía, porque quando a polícia sabia, ia na empresa amedrontar o empregador. Então, eu comecei a pedir aos empresários que me contratavam pra pagar o primeiro salário adiantado, porque eu sabia que a polícia iria lá fazer terror e ninguém tinha coragem de afrontá-los.

Quando o Venelouis soube disso, ele me disse que quem mandava no jornal dele era ele. Ele riu e disse: a polícia não é nem anunciante.... Você vai ser meu editor, pode escrever o que quiser no jornal, e eu só vou ler depois de publicado. E realmente foi isso o que aconteceu.

Eu era editor e escrevia pouco, mas, nas vezes que escrevi, escrevi o que quis, ele nunca se meteu em nada. Ele também escrevia e não tinha medo de nada. Um dia chegou às gargalhadas no jornal e se dirigiu a mim dizendo que eu era o único comunista que ria.

— Os comunistas que eu conheço são todos com a cara fechada, fazendo fila no mausoléu do Lenin —, emendou, rindo.

Ele era uma figura complexa, paradoxal, porque ele era temperamental. Então você tem momentos de muita raiva e de fina doçura, mas normalmente ele era irônico e era alegre.⁵

Na longa entrevista⁶ que fiz com Francisco Auto Filho, onde ele relatava sua trajetória de repórter, de militante, de preso político e de fundador do Partido dos Trabalhadores — “o PT foi fundado no Ceará” — vemos, com detalhe e emoção, seu relato sobre a rica experiência emocional que foi sua temporada no jornal *O Estado* e a convivência com Venelouis e outros contemporâneos na redação:

Como Venelouis, eu também gosto de rir. Eu não deixo o que apren-

di com os franceses. Após alguma tragédia, os franceses dizem que dias melhores virão. Então eu sigo esse ditado e sigo também uma história árabe: *encontraram-se, um judeu e um árabe na beira do rio e o árabe estava morrendo afogado. O judeu foi lá e salvou-o, o árabe escreveu em uma pedra que dia tal uma pessoa me salvou de morrer afogado. Eles eram mascates e depois encontraram-se novamente na beira do rio e como o judeu era mais forte, deu umas porradas no árabe e o árabe escreveu na areia que dia tal fulano me espancou. O judeu achou aquilo esquisito e quis saber por que ele havia escrito na pedra quando fora salvo do afogamento e, agora, escrevia na areia que ele o havia agredido. Então o árabe responde que só devemos guardar as boas lembranças.* Então eu faço esse esforço.

Acho que por isso meu gênio se deu muito bem com o de Venelouis. Um outro dia, ele chegou rindo, porque havia sido chamado à Polícia Federal e quando retornou, me abordou, rindo:

— Auto, você é perigoso mesmo. Eu vi um monte de coisas suas no prontuário da Polícia Federal.

Mas até hoje eu sou uma pessoa que não aceita fazer aquilo em que não acredita. Venelouis me disse, naquele dia, que não se dobrou às ameaças da Polícia e que assumiu toda a responsabilidade. Eu ficaria no jornal e trabalharia até o dia que eu quisesse.

À época, o jornal funcionava na avenida Heráclito Graça. O Venelouis foi uma pessoa muito solidária. Ele brincava, mas no fundo sabia o que estava ocorrendo. Eu senti que ele tinha consciência de que estava prestando solidariedade. Ele foi uma personalidade questionada na imprensa do Ceará, porque diziam que ele era muito espoletado e era mesmo. Eu lembro que uma vez ele ligou pra um determinado secretário do município, o cara não atendeu, ele ligou cerca de cinco vezes e nada. Aí ele disse que ia escrever uma artigo esculhambando esse sujeito. Ele tinha uma maneira de escrever que era assim: pegava uma bobina de papel com a mão esquerda e a caneta. Não usava máquina de escrever... eu era o editor e ele ia me passando para eu ler. Eu deixei ele terminar, quan-

do eu li, vi que não dava para publicar, porque era injusto. Aí eu liguei para a secretária, pedi à moça que trabalhava com ele que, pelo amor de Deus, desse um jeito de encontrar esse homem. Aí eu fui conversar com Venelouis, expliquei que ele imaginava que tava sendo destrutado, por isso escreveu daquela forma, que era imprudente e as pessoas usavam disso para aproveitar e criticá-lo mais ainda. Mas eu tinha tomado a iniciativa de ligar para a casa do secretário e soube que ele tinha feito uma cirurgia no nariz e não foi trabalhar, mas que no dia seguinte iria ao jornal conversar com Venelouis. Ele chamou o Fran Erle, uma figura ótima, pediu uma bebida, três copos. No dia seguinte, quando o secretário chegou ao jornal, eles conversaram e os dois ficaram super amigos.

Depois o Venelouis veio conversar comigo, disse que nunca teve ao lado dele pessoas que pudessem ponderar nesses momentos de fúria. Por isso que ele tinha amigos definitivos e inimigos. Também, ele era de um extremo ao outro. Eu gostava muito dele, mesmo quando eu saí do jornal. Me abalou muito a morte dele. A figura de doçura que ele era, de ironia, alegria e eu gostava muito do texto dele, apesar de agressivo, mas era de uma tradição brasileira de Gregório de Matos, de Gondim da Fonseca. Gondim era um grande panfletário, do melhor que existiu. O Venér também foi um panfletário.

Eu gosto muito do jornalismo panfletário, o jornalismo do Brasil se baseia nisso. Se você prestar atenção, o jornal é criado para defender uma causa. Com o capitalismo industrial e com a industrialização dos jornais, eles deixaram de ser um instrumento de causas e passaram a ser uma indústria capitalista com todas as exigências que esse modelo impõe. Então, hoje, o jornalismo em uma sociedade capitalista é uma empresa que produz e vende notícias, produz e vende opinião, produz e vende juízos de valor, percepção da realidade, por isso é perigoso um jornalismo capitalista onde o propósito não é defender causa, não é informar sobre os acontecimentos com a fidedignidade maior possível, o propósito é obter

lucro, é o capital, é ganhar dinheiro.

Mas veja, o Venelouis tinha um jornal para defender causas que ele acreditava. Isso causava sempre problemas para a empresa jornalística que mantinha o jornal, porque ele arriscava tudo, inclusive a continuidade da empresa, pelas lutas que ele travava. Porque ele era apaixonado por isso como todo jornalista panfletário, entendia a imprensa como um instrumento para defender causas. E eu acho uma pena a imprensa de hoje defender as piores causas, as da direita, do capital. É até antinacional, combate até as políticas de independência do país, de soberania ante os americanos. A imprensa é contra o Mercosul, contra a política externa que o [presidente] Lula fez, que a [presidente] Dilma tem feito, porque é uma política soberana. A classe brasileira é tão vassala que sua imprensa é porta-voz desse discurso de vassalagem. Isso é muito distante do jornalismo panfletário ou do jornalismo de causas. Por isso eu acho que a figura do Venelouis tem que ser vista nesta dimensão, foi o último jornal panfletário do Ceará, todos os outros viraram indústria capitalista.

O Helio Fernandes era outro jornalista panfletário corajoso que escrevia bem e que manteve o jornal panfletário enquanto pôde. Ele era e é tão grande que o Venelouis se espelhava nele para publicar a coluna e não era só a dele. O Sebastião Nery que tem um texto muito engraçado. Um dia eu vi um artigo dele fazendo referência, com aquela verve perversa dele, que *O Estado* publicava todo mundo sem pedir licença, que publicava até o *L'Osservatore Romano*, do Vaticano.

Esses eram os jornalistas que não estavam interessados no vil metal como temos hoje em dia. A maioria dos jornalistas que trabalham hoje em dia na área de política e economia são vassallos dos patrões, dos banqueiros e são vassallos conscientes. Estão lá porque recebem uma grana alta que permite que eles vivam no meio da burguesia, consumindo os mesmos produtos de luxo, vestindo as roupas da mesma grife, frequentando os mesmos restaurantes.⁷

Mesmo tendo passado pouco mais de um ano no jornal *O Estado*, Auto Filho vê essa época como algo marcante na sua vida. Em 2007 assumiu a Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, na gestão do governador Cid Ferreira Gomes, protagonizando uma profícua gestão. Era o encontro de dois ex-colaboradores do jornal *O Estado*.

Quando cursava Engenharia Civil na Universidade Federal do Ceará, em 1979, Cid Gomes atuou como revisor de textos no jornal *O Estado*, à época sediado na avenida Barão de Studart, defronte aos blocos de edifícios onde Cid morava, conhecidos como “a República de Sobral” por reunir muitos jovens estudantes daquele município.

O fato é que as preferências políticas, de gênero, religiosas, ideológicas, nunca foram bloqueio para Venelouis. Sua admiração por Auto Filho desde os tempos em que este, inspirado por estudos em vasta bibliografia, fez uma importante reforma gráfica e editorial no jornal *Gazeta de Notícias*, de onde saiu, ainda nos anos 1960, devido a um entrevero com um dos sócios proprietários.

— Quando o Venelouis me contratou, inicialmente, ele disse que estava me contratando porque eu havia feito a reforma da *Gazeta* e queria que eu fizesse uma reforma no *O Estado*. Desenvolvi um projeto de reforma e levei todo feito. Aí, em uma reunião nossa, mostrei o jornal que eu havia feito e o que já era impresso todos os dias. Ele olhou e tal, fez silêncio, fez perguntas, mas, ao final, sempre gostava mais do dele. Então, eu tinha algumas ideias de reformas, mas a rigor eu não podia implantá-las, porque o jornal era ele. Naquele momento, se eu não gostasse tanto do Venelouis, eu teria pedido demissão e ido embora. Mas eu gostava muito dele, era uma enorme empatia. Nunca me irritei com ele.⁸

JOSE AUGUSTO LOPES E SUA PASSAGEM PELO O ESTADO

Quando os Diários Associados deixaram a tutela dos jornais *Correio do Ceará* e *Unitário*, Venelouis Xavier passou a dirigir o jornal

Correio do Ceará em uma operação empresarial que assumia todo o passivo, inclusive o passivo trabalhista do *Correio*. Um problemão, já que a operação do jornal era totalmente deficitária. A receita do jornal *O Estado* era quem bancava a conta do jornal ex-Diários Associados e, claro, a relação não se sustentou e Venelouis saiu do negócio. Ele foi movido por mera vaidade, considerando o prestígio e a história dos dois jornais associados no Ceará. Mas a realidade era outra: a crise financeira acabou engolindo também a credibilidade e o prestígio do jornal fundado por João Brígido.

Foi quando o jornalista José Augusto Lopes passou a conhecer melhor Venelouis. Ele era ex-*Correio* e passou a escrever no jornal *O Estado*.

— *O Estado* foi uma época muito feliz da minha carreira. Foi, para mim, um prazer trabalhar com Venelouis, pela liberdade de expressão integral que ele dava aos profissionais que trabalhavam junto a ele.⁹

“Venelouis me deu oportunidade de trabalhar no que gosto”, lembra José Augusto Lopes.

— Sou cinemaníaco. Ele me deu uma página inteira onde eu podia falar sobre os lançamentos cinematográficos e fazer críticas de cinema ao meu bel prazer. Não tinha aquela história de só porque aquela empresa x ou y anuncia no jornal, não pode falar mal do filme, provavelmente prejudicando bilheteria.

Foi também no jornal *O Estado*, no início da década de 1980, que José Augusto Lopes abordou temas proibidos.

— Havia ainda os resquícios da tenebrosa censura da ditadura militar, mas consegui, por intermédio das páginas do *O Estado*, e com apoio do Venelouis, clamar por aqueles filmes censurados, falar contra a censura. Nessa época foi lançado no Brasil o célebre *O Último Tango em Paris*, um dos trabalhos mais famosos do Marlon Brando. No Brasil, por causa da censura militar, o filme só foi liberado em 1979.¹⁰ Outro filme polêmico da época foi *Império dos Sentidos*, produção japonesa de alto nível artístico, mas que continha elementos eróticos

ou então outros filmes que tinham conotação política eram proibidos pela censura. E nas páginas do *O Estado* eu questionava isso com total liberdade de expressão.

— Como você conseguia driblar a censura, José?

— Eu usava de certa sutileza. Não é que omitisse os dados essenciais da minha crítica, mas a questão era bem colocada e, mais ainda, o bitolamento de certos censores ajudava. Assim, o essencial da mensagem passava para o público melhor esclarecido; era o que me importava.

No seu modo singelo e elegante, qual personagem de Woody Allen, José Augusto Lopes diz:

— Gostei muito da minha passagem n'*O Estado*. Venelouis era uma pessoa muito especial.¹¹

Este depoimento de José Augusto Lopes, cheio da originalidade minimalista do autor, traduz seu ponto de vista, sempre consistente e muito bem argumentado, sobre a figura singular de Venelouis, expurgando outras exóticas narrativas.¹²

Ao longo de décadas de atuação jornalística, no Rio de Janeiro e em Fortaleza, alguns profissionais da comunicação me marcaram de maneira especial, tanto pela forma de atuação no campo sempre imprevisível do cotidiano das redações, quanto por suas próprias características de personalidade. Um desses tipos inesquecíveis foi Venelouis Xavier Pereira. Minha passagem pelo jornal *O Estado*, que ele comandou por anos, sempre imprimindo o forte cunho de seu caráter invulgar, deixou-me de Venelouis uma impressão um tanto diversa da que me fora incutida pelas quase sempre exageradas lendas urbanas, segundo as quais ele teria um caráter violento e impulsivo.

Pela fortaleza e destemor singulares sempre adotados na abordagem de temas e causas através da imprensa, concluí que Venelouis era bem diferente na convivência diária daquela suposta imagem fria e impessoal. Causou-me, pois, imensa surpresa tê-lo

como chefe, quando tive o prazer de conviver com um homem extremamente sensível, de admirável senso estético e profissional.

Ele sempre se relacionava com seus funcionários de igual para igual, sem quaisquer resquícios de prepotência ou imposições hierárquicas. Um detalhe em particular chamava-me a atenção em Venér, como era carinhosamente chamado pelos amigos: a permanente distinção aos jornalistas de sua equipe, que ele sempre fazia questão de valorizar e apresentar a todos os nomes de relevo que visitavam *O Estado*.

Grande apreciador da beleza feminina, casou-se inúmeras vezes, mas sempre mantendo profundo respeito aos seus elos familiares originais, bem como nutrindo e cultivando verdadeiro amor e dedicação pelos filhos. Cheguei a conhecer de perto um de seus relacionamentos sentimentais duradouros, a simpática irmã de Elke Maravilha, que gostava de ser chamada de Francis, por meio da qual concluí o quanto Venér era amado de verdade pelas mulheres conquistadas por seu carisma viril — sem nenhum interesse de outra ordem, como alguns poderiam supor. Convém ressaltar igualmente, a extrema liberdade de expressão que sempre me foi concedida em minha atuação no jornal *O Estado*, o que ressaltava a largueza de visão de um dos melhores “patrões” (a palavra soa destoante em relação a Venelouis, por seu raro espírito de cordialidade em relação à equipe que comandava) que já tive em minha carreira na imprensa.¹³

SÔNIA PINHEIRO

A jovem estudante de jornalismo Sônia Pinheiro deu os primeiros passos em uma redação de jornal sob a orientação de Venelouis Xavier Pereira e sua equipe comandada por Guto Benevides.

— Digo sempre que aprendi tudo da profissão com essa figura adorável, que é Venelouis e seu jornal”.¹⁴

— “Soninha, você é uma das pessoas que tenho orgulho de ter con-

vidado para o jornal”, disse, certa vez, Venelouis. “É uma pessoa profundamente honesta, com muita classe, charme e simplesmente uma pessoa bonita de espírito, de alma e uma verdadeira mulher bonita. Um exemplo de doçura na imprensa cearense.”

A bela, jovem e entusiasmada Sônia Pinheiro, conta a sua motivação para decidir no jornalismo a sua profissão de fé, para sempre:

O jornalismo foi um sonho de adolescente que virou uma deliciosa realidade. Na minha época pré-universidade, optar por Comunicação era tido como algo sem futuro. Os professores me aconselhavam a cursar tudo, menos Jornalismo. Uma exceção: D. Madge Amorim Schaumann¹⁵, [do Colégio Santa Maria Goretti] que, depois, lecionaria a mesma matéria — Português — para meu filho, no Colégio Cearense. Ela sempre me dava um 10 em redação. Naquela fase de ginásiana, eu ouvia falar de Oriana Fallaci e devaneava seguir-lhe os passos. O jornal era a minha meta; coluna social, não. Sequer era personagem. Gostava, entretanto, de acompanhar as pessoas que “aconteciam”, pois lia, um a um, os colunistas, tipo Lúcio Brasileiro. Achava o máximo Beatriz Philomeno Gomes figurar como elegante do ‘dinner’. Mas eu queria mais: estudar no Rio, ser correspondente no exterior, descobrir o mundo. Parcialmente, fiz a minha conquista. Aqui mesmo e chegando, por acaso, ao colunismo de variedades. Adoro o que faço, vivo o jornal por inteiro. Ando ‘antenada’ o tempo todo, embora frequente pouco os salões. Consigo vibrar, a cada momento, com o meu trabalho. O telefone é o meu principal meio de contato e as fontes, muitas e ótimas.

Digo sempre que aprendi tudo da profissão com essa figura adorável, que é o Venelouis e seu jornal, que foi importantíssimo para mim. Em 1971, no primeiro ano da faculdade, era a repórter mais feliz do *O Estado*. Para abraçar por completo o métier, deixei a posição recém-obtida de professora do Colégio Christus, embora adorasse dar aula para os ‘baixinhos’. Comecei cobrindo todos os

setores da área social (assessorava Venelouis na parte mais amena da sua ‘quentésima’ coluna *Preto no Branco*) até o setor policial. Vi-brava quando tinha que entrevistar artistas, tipo Marília Pera, Juca de Oliveira, Tônia Carrero ou os jogadores da Seleção Brasileira, a exemplo de Tostão e Rivelino. Foi um período lindo e saboroso de minha vida. Venelouis deu-me uma página dominical que eu assinava em parceria com a querida colega de faculdade, Stella Crisóstomo. Nela, a gente colocava o que queria: artes, política, sociedade (embora não conhecêssemos ao vivo as personagens) e até os poemas de amor que escrevíamos. Éramos românticas incuráveis. Na assistência à coluna do Venelouis, conheci o Walter Gomes, titular de importante coluna política no jornal *Tribuna do Ceará*, de José Afonso Sancho. Quando deixei *O Estado* — decisão difícil e angustiante para mim — passei a atuar como regra três, aprendiz, do Walter Gomes — coletava notícias para ele e o substituía em eventuais interinidades. Foi meu segundo professor e com quem lapidei meu *know-how* de crônica social. A identificação foi tanta que resultou numa união de dois anos e meio, da qual herdei meu bem mais precioso, o Luis Alberto, hoje um universitário (18 anos) de Direito, que só me dá prazeres. Em 1976, passei a atuar como repórter do *Correio do Ceará*, com direito a uma coluna social. Meu chefe era o boa praça Eduardo Campos. Em 1978, fui chamada pelo José Afonso Sancho, outro chefe superbacana, para substituir Klinger Mota, que optara pela política. Dois anos depois, inaugurava-se o *Diário do Nordeste* e uma nova e mais madura fase de minha vida profissional. Daí, acontece o *DN-Gente*, que julgo meu segundo filhote e que me toma grande parte do meu tempo. Eu amo o jornal e acho que nem saberia fazer outra coisa. Só atuo nisso.¹⁶

Sônia Pinheiro, colunista renomada, com passagens pelos jornais *Tribuna do Ceará*, *Diário do Nordeste* e, atualmente, titular da coluna social diária do jornal *O Povo*, dona do seu próprio estilo, revela:

— Curto demais política. Tanto que ela é o que prevalece na coluna, mas não tenho a pretensão de ser editora neste campo. O que adoro mesmo é analisá-la num prisma de gozação, em um jogo que não deixa de ser sério. Já os fatos são reais. Eventualmente uso os fatos de modo ficcional mas somente a título de tempero.

Que tipo de matéria te marcou quando estava n’*O Estado*?

— Algumas entrevistas políticas com perguntas, a rigor, orientadas pelo Venelouis que, sempre, curtiu “o coté” picante do jornalismo. Lembro que, às vezes, eu lhe entregava as matérias e ele puxava um título mais extravagante. Na minha inexperiência, relutava quanto ao toque, porém, hoje, vejo que só flor-de-laranja não dá ibope e, no íntimo, ele apenas traduzia, a seu modo, com tintas mais fortes o que, no fundo, o entrevistado queria dizer. Quando a matéria saía publicada, eu delirava de felicidade.

Você tem alguma mágoa dessa época?

— Não e nem de coisa alguma do que já vivi.¹⁷

MARCONDES VIANA

Venelouis levou para o jornal *O Estado* uma trupe de *enfants terribles* onde certamente o maior expoente foi Guto Benevides. Eles faziam do jornal uma grande curtição mesclando informação, entretenimento, bom humor mas também influenciavam no cotidiano da Fortaleza desvairada dos anos 1970.

O jornal era um território demarcado por colunas, artigos, reportagens e fotos de jovens garotas em poses sensuais que, a preço de hoje, não passariam de ingênuas caras e bocas. E um desses intrépidos e bem informados timoneiros era o jornalista Marcondes Viana, que assinava coluna social cheia de informação e da gente bonita da época.¹⁸

Foi o amigo e padrinho de casamento Walter Gomes — um dos

mais influentes colunistas da imprensa cearense que assinava a coluna social/política no jornal *Tribuna do Ceará* — quem telefonou para Venelouis e, ato contínuo, Marcondes foi intimado a compor o plantel do jornal. Era o retorno à imprensa, pois há algum tempo havia deixado a *Tribuna*, seu primeiro jornal, para se dedicar ao ramo da construção civil.

Na edição relativa a domingo, 20, e segunda-feira, 21 de abril de 1975, estreou a coluna *Panorama*, assinada por Marcondes Viana, depois de dois anos publicada nas páginas do jornal *Tribuna do Ceará*. “Resolvemos aceitar o convite formulado por Venelouis”, informava o colunista.

Um evento que movimentava a cidade era o Glamour Girl e Marcondes Viana era um dos motores da promoção. O Glamour Girl surgiu em 1968, quando o colunista Carlos Medeiros — que escrevia no jornal *O Estado* — foi embora de Fortaleza e pediu que o colunista Marcondes Viana continuasse com o concurso, iniciado por Geraldo Silveira (Robert de Sangerie), continuado por Lúcio Brasileiro e em seguida por Carlos Medeiros. O publicitário e agitador cultural Tarcísio Tavares, um *gentleman*, criativo e *bon vivant*, foi peça importante para que Marcondes aceitasse ser colunista social e continuasse o concurso de escolha da Glamour Girl. Deu apoio emocional e tático, encorajando o jovem colunista.

Na Fortaleza do final dos anos 1960, o jornalista era um dos arautos das badalações sociais. A agitada vida noturna incluía paradas obrigatórias nas boates Meia Noite, Senzala, Barbarela, e as grandes corridas no Autódromo Virgílio Távora. Uma agenda intensa dedicada a grandes acontecimentos e às badaladas recepções semanais dos grandes nomes da sociedade.

Venelouis via o jornal ganhar vitalidade com o sangue novo das espevitadas novas gerações. O primeiro contato de Marcondes com Venér foi ainda na sede da rua 24 de Maio, em 1967. Foi levado ao jornal por Sônia Façanha, amiga de Wanda Palhano.

Venelouis era um cara fantástico, amante da vida, da liberdade de expressão, apaixonado por mulheres — se não me falha a memória, teve 16 — bebia bem, era excelente papo e amigo verdadeiro. Tinha coragem, era firme em suas ideias e ideologias e tocava o jornal com muito amor e paixão.¹⁹

Marcondes dedicou 15 anos de sua carreira profissional ao jornal *O Estado*, assinando a coluna *Panorama* — com a cobertura social — e editando o caderno sobre automóveis *Auto Notícias*.

Naquela época, o Judiciário vivia em uma clausura e acima deste, pode somente Deus. Marcondes foi alvo da ira de um desembargador que se sentiu incomodado com notícia publicada em sua coluna. A intimidação veio em forma de ameaça de processo e Venelouis, como de hábito, tomou a frente pelo simples fato de que a informação publicada era correta.

— Venelouis ficou do meu lado, pois sabia que eu estava certo. Para acabar de vez com o problema, ele falou com o Virgílio Távora, então governador, o secretário da Casa Civil, Cláudio Santos e a grande Adísia Sá, presidente do Sindicato dos Jornalistas do Estado do Ceará. O processo, com essa frente de apoio, não passou de intempestiva ameaça.

Marcondes ingressou no jornalismo pelas mãos de Walse Barbosa, que escrevia a coluna *Sem Smoking e Sem Cartola* no jornal *Tribuna do Ceará*. Era uma sátira ao colunismo social da época. Sabendo da paixão de Marcondes Viana por automóveis, Walse sugeriu que escrevesse uma coluna especializada, na *Tribuna*. Conversou com o José Afonso Sancho, e tudo ficou acertado. Era dezembro de 1965.

Seus primeiros tutores/inspiradores foram o jornalista Augusto Oliveira, que escrevia sobre automóveis no jornal *Gazeta de Notícias* e foi dele que recebeu as primeiras dicas de redação; o irmão, um dos fundadores e diretor do Automóvel Clube do Brasil — que promovia as corridas de automóveis no Ceará — José Ernani Gurgel Viana, e os muitos amigos apaixonados por automóveis, notadamente

o empresário do ramo — já falecido — Haroldo Peixoto, com o qual participou de importantes provas automobilísticas no autódromo Virgílio Távora.

Marcondes se dividia entre a construtora, as corridas como piloto na divisão 3 do automobilismo cearense em disputas no autódromo Virgílio Távora e a presença constante nos acontecimentos sociais e nas baladas noturnas. Estávamos em 1974 e a redação funcionava na Santos Dumont, esquina com José Lourenço. Teobaldo Landim era o editor, com o apoio do Fran Erle Fonteles, Hélder Cordeiro, Luciano Diógenes, Flávio Torres e Fátima Bandeira, estagiária.

A jovem estagiária Fátima Bandeira ficou no jornal *O Estado* durante quatro meses e trabalhava diretamente com o editor Teobaldo Landim, seu professor no Curso de Jornalismo da Universidade Federal, onde ingressara aos 17 anos, no vestibular de dezembro de 1973. No entanto, a relação se deteriorou: “Sempre fui meio 'braba' e não permitia certos excessos”, lembra Fátima. “Eu era muito verde e imatura”.²⁰

Em classe, ele me deu uma piada e eu não gostei. Respondi grosseiramente e a partir daí, as relações foram muito ruins. Ele chegou a me ameaçar veladamente de reprovação. Mas eu sempre fui muito boa aluna. Minha última cadeira com ele foi uma tensão horrível para ele não me reprovar.²¹

Marcondes Viana foi para *O Estado* com todo o aprendizado adquirido nos oito anos em que passou na *Tribuna do Ceará*, onde começou escrevendo sobre automóveis e logo em seguida ingressou no colunismo social.

Lembro que foi uma festa quando o jornal mudou-se do Centro para a avenida Desembargador Moreira — onde hoje é a Rádio Verdes Mares — e estreou a impressão *offset*, sendo o primeiro do Ceará a utilizar o processo deste tipo de impressão. Na época fiz

grandes amizades com Thomaz Coelho, Rangel Cavalcante, Paulo Karan, Maurício Xerez, Egídio Serpa, A. Capibaribe Neto, Ciro Colares, Pedro Malmann (Dom Camilo), Tamer Sancho (um grande admirador do nosso trabalho), Francisco Alves Maia, Wilson Pinto e Gumerindo Gomes.²²

No final da primeira metade dos anos 1970, o jornal O ESTADO funcionava na avenida Heráclito Graça, 699. Tinha como slogan *O jornal Classe A*. No expediente, lia-se: Diretor-presidente: Venelouis Xavier Pereira; Diretor-comercial: Ricardo Augusto Palhano Xavier; Editor-chefe: Teobaldo Landim; Diretor-secretário: Francisco Erle Fonteles; Redator-chefe: Hélder Cordeiro.

No segundo semestre de 1977, Luiz Pedro Neto escrevia a coluna *Bate-Pronto*, sobre futebol, preferencialmente cearense, como fica claro nesta introdução, 4 de outubro de 1977:

Ontem analisei os motivos que levaram o Ceará Sporting Club a conquistar o tricampeonato. Hoje destaco as causas que não possibilitavam ao Fortaleza evitar o feito alvinegro.

SHEILA RAQUEL

Uma das mais jovens revelações de Venelouis foi a estudante de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Ceará, Sheila Pires Raquel — adotou o nome Sheila Raquel²³ quando começou a escrever n' *O Estado*. Era 1996, Sheila, aos 19 anos, cursava o quinto semestre do curso de Ciências Sociais quando foi seduzida por um anúncio nos classificados, recrutando um redator. Quando chegou ao endereço indicado, viu que era um jornal. Embora achasse tudo uma grande bagunça, aquele ambiente encantou de cara a jovem candidata.

Fez um teste de redação e depois foi chamada para uma entrevista com “o doutor”. Era Venelouis, que fez uma série de perguntas sobre a formação da candidata, hábitos de leitura, disponibilidade de tempo.

Ao final da conversa, ele olhou para a jovem e deu um veredito.

— Você vai ser jornalista.

Nem deu muita importância, pois adorava o curso de Ciências Sociais. Concentrou-se no trabalho da redação, escrevendo textos não noticiosos.

Menos de dois meses depois, Venér abordou a jovem iniciante e perguntou se ela queria realmente ser jornalista. Sem titubear, Sheila respondeu que sim.

— Pois passe a chegar mais cedo que vou lhe ensinar tudo o que eu sei sobre essa coisa de fazer.

Ficou com medo de não dar conta do recado, mas encarou o desafio. A decisão foi tão forte que ao concluir o curso de Ciências Sociais, ingressou no curso de Jornalismo da Universidade de Fortaleza. Fazia parte da cultura de Venelouis a leitura diária dos jornais de São Paulo e Rio de Janeiro. Ritual que passou a compartilhar também com Sheila, no seu processo de formação.

Líamos todos os dias oito jornais (na época não tinha internet). Discutíamos sobre todos os assuntos. Ele tinha um vasto conhecimento e me inspirava a escrever. Nossa leitura obrigatória era a *Tribuna da Imprensa*, do Rio de Janeiro, especialmente as colunas do Helio Fernandes e Sebastião Nery, que tive a grande satisfação de conhecer.

Helio Fernandes era editor do *Tribuna da Imprensa* e, com ideias de esquerda, foi perseguido pela ditadura militar. Venér contava que a amizade vinha dessa época, quando *O Estado* também foi alvo dos militares e ele foi preso e torturado ao lutar por uma imprensa livre.

Venelouis deu a vida para fazer do O ESTADO um jornal independente. Disso fui testemunha, pelo menos nos seus últimos dias. Era uma época em que o jornal denunciava fortemente os desmandos do governo do Estado. Com Venér não tinha negociação, não se vendia por anúncio. Ele denunciava mesmo, sem medo e por

isso foi processado. A tensão foi tanta que morreu precocemente de infarto. Foi um choque para todos nós.

Quando voltávamos da missa de 7º dia dele, numa igreja próxima ao jornal, disse para o meu colega Jomar Campos: Decidi que vou ser jornalista. Devo isso ao Venér. Aí concluí o curso de Ciências Sociais e imediatamente ingressei na Faculdade de Jornalismo, profissão que exerço nesses últimos vinte anos.

Nesse tempo em que a imprensa passa por uma crise de credibilidade é atualíssimo o que aprendi com Venér. O Brasil precisa de jornalistas independentes, não no sentido de estar ligado a uma instituição ou veículo, mas conscientes de que sua informação vai fazer alguma diferença para a sociedade e dispostos a lutar por isso.

Uma vez eu perguntei como ele sabia que eu seria jornalista, se nem estava na faculdade. Ele sorriu e me disse “minha bichinha, na faculdade se aprende a técnica, o jornalismo está na alma”.²⁴

A última vez que Sheila viu Venelouis foi na quinta-feira à noite. Ele estava muito tenso por causa do processo, mas não estava doente. Por isso foi um choque quando no domingo, por volta de 13 horas recebeu uma ligação do funcionário Ribamar — ainda hoje funcionário do jornal — dizendo que ele havia falecido e seu corpo já iria começar a ser velado.

Fiquei bastante abalada, uma grande perda para mim. Porém, o mais difícil foi voltar ao jornal e fechar a edição com essa triste notícia. Mas recebemos tantas mensagens, de todo lugar, das mais diferentes pessoas — autoridades, gente simples. Antonio Paes de Andrade foi à redação prestar solidariedade. Na época os dois estavam brigados, mas Paes disse que era bobagem e o considerava um grande amigo.

Enfim, isso fortaleceu e ajudou a continuar. Aí a família, liderada pelo Ricardo Palhano, resolveu abraçar a causa de Venér e tocamos o barco. Aprendi muito com Ricardo também. Equilíbrio

e coerência em pessoa. Ninguém dá uma manchete melhor que ele. Hoje, um amigo muito querido.²⁵

Sem Venelouis no meio do seu caminho, Sheila Raquel não teria seguido o caminho do jornalismo:

Venelouis, um jornalista independente. Falar sobre Venelouis Xavier Pereira me leva a recordar o início da minha paixão pelo jornalismo e porque escolhi este o meu ofício.

Macário Batista,²⁶ um dos mais longevos colunistas políticos do jornal *O Estado*, bem informado e notável por sua ironia navalhesca, dá um depoimento em sua coluna sobre a relação profissional com o jornal que já se arrasta desde 1990:

O patrão paga pra gente aqui noticiar. Algumas vezes, deixa e até sugere que opinemos, mas, jamais, nesses quase 25 anos de batente, aqui, o patrão cortou uma linha, mudou uma frase, mesmo discordando do pensamento do colunista. O mais absoluto respeito tem sido a maior premiação ao autor destas mal traçadas linhas por parte desta casa.

Por isso, neste fim de ano, ousou sair do comentário simples sobre fatos políticos ou comportamentos sociais para falar de ética, essa coisa etérea, que estará sempre nas mentes dos que não se aventuram pelos tortuosos caminhos dos que depois do arranhão, escondem as unhas. Por que? Tenho ouvido tanto conselho de ética nos últimos tempos que resolvi levantar o tapete pra olhar o lixo debaixo.

Neguim fala de ética e trafega na faixa exclusiva de ônibus quando não tem câmara no trecho. Neguim fala de ética e joga embalagem vazia, seja pela janela do BMW 316I, seja do busão que vai pro Conjunto Palmeiras, pra Floresta. Neguim fala de ética e gruda goma de mascar sob o tampo da mesa do bar. Neguim fala de ética

e usa os espaços públicos para se locupletar. Juro que tenho inveja branca dessa falta de ética, que vai muito além desses exemplos menores aí acima.

Queria ter a cara de pau de escolher os melhores, em troca de dinheiro. Queria ter a cara lisa de aceitar o “mimo” de uma prefeitura para elogiar o chefe e jamais criticar uma, apenas uma ação da viúva. Queria ter um vidro de óleo de peroba pra estacionar o carro em vaga de deficiente e voltar olhando pros lados pra não ser reconhecido como um canalha. Na meninice, quando fazia uma coisa errada, minha santa e saudosa mãe Maria, filha de mãe-vovó Petronilha, a racista, botava uma cadeira num armador que ficava quase na porta de casa e me encarapitava lá em cima pro povo passar e ver aquela arrumação. — Esse cabra aprontou alguma! E eu morria de vergonha e não repetia a merda feita. Deve ser por isso que hoje não assalto banco, não peço dinheiro a político pra falar bem dele, não vendo notícia. E nem é por ser honesto, não. Não faço nada disso com vergonha de ser levado a uma cadeira num armador na porta de qualquer lugar. Mas, aqui pra nós, morro de inveja dos não éticos. Ser bandido deve ser ótimo. Tanta gente o é!!!²⁷

MARCIANO LOPES, GUARDIÃO DA MEMÓRIA DA CIDADE

Um dos mais ecléticos profissionais da imprensa cearense, Marciano Lopes²⁸ era não somente jornalista, com suas pesquisas e anotações produziu um enorme legado para a memória da cidade de Fortaleza em livros que resgatam tradição, costumes, comportamento do povo e a evolução da cidade.

Marciano Lopes tem marcante passagem pelo jornal *O Estado*, mas sua história com Venelouis começa no semanário *O Front*, que circulava às sextas-feiras, fundado por Venelouis:

Há 40 anos, em 1966, quando o então delegado de Polícia, Venelouis Xavier Pereira, adquiriu o jornal *O Estado*, eu o acompa-

nhei na empreitada, pois já integrava a sua equipe desde o ano anterior, quando ele fundara o semanário *O Front*. Quando aconteceu a transação de compra de *O Estado*, esse antigo matutino atravessava situação das mais precárias, quase em falência, pois não obtia anunciantes, já que não tinha leitores. Órgão que no passado chegou a ocupar posto de relevância, destacado como o melhor jornal do Ceará, foi 'engolido pelos outros que souberam crescer e impor-se. Na verdade, adquirir *O Estado* implicava, praticamente, em começar tudo. E assim fizemos'.²⁹

— Meu bichim, você escreve bem demais e é bem relacionado. Você é o colunista social de que preciso.

— Doutor Venelouis, topo o desafio. Vamos ver no que vai dar.

Venelouis Xavier Pereira exercitou sua vocação de lançador de gente no mercado da comunicação e Marciano estreou como colunista social. Ele relata:

[Venelouis era] Sabedor do quanto é importante a reportagem social. Então fui designado como colunista dessa área, muito embora jamais esse tema tenha sido o meu forte. Ganhei coluna diária e mais uma página nas edições dos domingos, também cobrindo a sociedade. Posso até afirmar que essa página, a exemplo do que já fizera em *O Povo*, foi o embrião para os futuros cadernos sociais de tanto brilho na atualidade. A exemplo do que fizera em *O Povo*, utilizei essa página semanal, para focar, também, assuntos de moda. Tudo com cor local. Até então, as fotos de moda publicadas nos nossos jornais eram cópias de revistas francesas, era um assunto que parecia distanciado de nós. Como fiz em *O Povo*, improvisava manequins que faziam 'caras-e-bocas' vestindo modelos de boutiques daqui mesmo. Posso afirmar que foi um enorme sucesso, passei a ser festejado, meu trabalho era elogiado, o que deixava doutor Venelouis muito feliz. Na parte da reportagem social dessa página, fazia entrevistas com damas da socieda-

de, todas em poses por mim sugeridas, até a colocação dos pés. E usando roupas ‘habillés’, o que elas tivessem de mais ‘chic’. E o Doutor ‘babava’ de tanta satisfação. Mas eu também fazia outras matérias especiais, reportagens de temas atinentes à moda, à sociedade e até futebol cheguei a comentar, sem entender nada do assunto, para preencher a falta do especialista. Fiquei muito feliz certo dia em que o Doutor Venelouis, entre risos me disse: ‘Meu bichim, pessoas e empresas estão procurando o jornal para fazer assinaturas’. Pronto, era o coroamento do empreendimento.³⁰

GILMAR DE CARVALHO, NOSSO ANJO PORNOGRÁFICO?

Um dos mais originais intelectuais cearenses, autor de livros antológicos como *Parabélum*, Gilmar de Carvalho teve sua fase guarda-chuva no jornal *O Estado*, no começo dos anos 1970, sob a ferrenha caça às bruxas do governo Médici e seus áulicos — alguns querendo ser mais reais que o rei.

Pois Gilmar foi excomungado de um jornal local por ter escrito um conto obsceno. Em 1969, fez vestibular para jornalismo. Então a professora Adísia Sá, em julho daquele ano, convidou-o para escrever umas crônicas no jornal *Gazeta de Notícias*. Essas crônicas deram uma confusão enorme. Gilmar, acusado de estar escrevendo pornografia, publicou somente durante quatro meses na *Gazeta de Notícias*.

— Foi uma forma muito sutil que encontraram para depreciar e deslegitimar o que eu fazia. Eu diria que o jornal fez o que ele podia fazer. O jornal não me acusou, não me humilhou, mas também não me apoiou. Apenas foi dito que eu não seria mais publicado.

Foi afastado da *Gazeta de Notícias* e convocado a ir ao famigerado Departamento de Ordem Política e Social — DOPS, para prestar esclarecimentos, uma clara forma de intimidação.

— Eu acredito que as pessoas que me denunciaram, as pessoas que se incomodavam com o que eu escrevia, elas nem me conheciam. Então não era nada pessoal, talvez eu fizesse uns textos muito experi-

mentais. O Auto Filho dizia que eu usava uns recursos do cinema do Godard nas crônicas que eu fazia, uma coisa muito nova.³¹

É possível também que a orientação sexual de Gilmar de Carvalho tenha influenciado no boicote do jornal. A posição do jornal em relação a ele teve grande impacto emocional.

— Fiquei muito mal, eu adoeci e tive o apoio de um professor da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará [Gilmar tem graduação também em Direito, pela UFC], que era um homem da direita, mas que foi ao DOPS comigo para me apoiar. Era Paulo Lopes Filho³², professor de Direito Penal. Os meus pais souberam quando já não dava mais para esconder deles — ficaram muito preocupados, pois não era um momento muito bom para se estar brigando com os militares, em pleno período da Junta Militar, que assumiu o poder com a doença do Costa e Silva, preparando a chegada do Médici.³³

O que foi denunciado como pornografia não tem nada que se encaixe no conceito. Tratou-se de uma ação oportunista, em uma conjuntura política reacionária, vinda de alguém que, decididamente, não gostava do original texto do talentoso jovem escritor.

— Eu não mutilava os corpos, eu não falava de partes genitais, eu não falava de ato sexual. A pornografia foi uma forma de me desautorizar. Não me colocaram nem como um dissidente nem como alguém que tivesse um viés político, que estivesse fazendo um material ideologizado. Era pornografia, que era o fundo do poço. Não dá para ser mais baixo do que pornografia.

O conto considerado profano tinha o singelo título *Horóscopo*. Gilmar de Carvalho joga com as palavras e frases, é irônico e satírico e, em seu texto, parece estar em transe qual Glauber Rocha em uma tomada de 360 graus sobre seu próprio eixo.

Eis *Horóscopo*, do qual não podemos publicar trechos ou alguns flashes, senão e somente a sua totalidade. Portanto, a íntegra do texto que despertou a ira da extemporânea Inquisição :

As pessoas nascidas hoje serão alegres e otimistas. Eu tenho é pena

das pessoas que nasceram hoje. Dia não sei quanto. Engoli a folhinha do ano, engoli, botei no lixo, caguei e me limpei com ela, fiz contas para saber quanto devo na bodega ou quanto tenho de saldo, tudo a mesma coisa.

Detesto calendários, santos fora de moda. Deixei de ser beato e puxar saco de místicos e ascetas, de teresas de Jesus (três cavaleiros, todos três chapéus na mão) e franciscos de Assis ou Xavier (nenhum parentesco com Tiradentes), poses eróticas mais sem graças, mulheres gordas, celulite, os peitos lá embaixo de moles.

As pessoas nascidas hoje, no centésimo quadragésimo sétimo da Independência, octogésimo da República, nono da inauguração de Brasília, amém.

As pessoas nascidas hoje ainda vão dar valor a horóscopo, comprar o jornal todo dia só pra ver a previsão, professores, madames, mestres. Signos, a posição dos astros no espaço, as conjunturas,

Mercúrio na sexta casa astral.

O Sol é que domina, dele é que vem a luz, o Sol, as manchas solares, o astro rei da poesia parnasiana, a estrela de quinta grandeza.

Nicolau Copérnico, teorias heliocêntricas.

“Eu, Galileu Galilei, matemático e físico da Universidade de Florença, abjuro o que ensinei: que o Sol seja o centro do mundo, imóvel em seu lugar e que a Terra não seja o centro, nem imóvel.

De coração sincero e fé não fingida, eu abjuro e renego todos estes enganos e estas heresias, assim como quaisquer outros enganos e pensamentos contrários à Santa Igreja” (Brecht).

As pessoas que nasceram hoje não nasceram: um horóscopo para abortos. São pessoas fortes, é sempre bom tomar abacatada, toddy, fanta também ajuda. Jô Soares e Wilza Carla.

Leais, dependendo do conceito que se tenha de lealdade, desde que não seja confundida com dedo-duragem. Audaciosas. A palavra audácia tem uma conotação um pouco delicada, desmunhecada mesmo. Audácia é vontade de vencer, é elevar bem alto o nome da pátria. Audácia é.

Audácia é passar o conto do bilhete ou do brilhante, é explorar o jogo do bicho ou traficar escravas brancas (mulatas também, principalmente). É fazer tudo para ser bem sucedido na vida. Um diploma, muito importante, dá direito a nível universitário, usar anel. Casa própria, telefone e televisão, carro do ano, gravata, abotoaduras, cachimbo. Audácia é chegar a ser um burguês, mesmo que pequeno. Audácia é ouvir estrelas, comer carne sexta-feira santa, cagar no prato dos amigos do rei.

Badaladas. As pessoas nascidas hoje estarão sempre presentes nas listas dos dez mais.

Honestas. Honestidade é nunca ter tido oportunidade de roubar nada, roubar ou furtar.

Trabalhadoras, como a formiguinha da fábula.

Viva o Dia do Trabalho, viva o sindicato dos trabalhadores cristãos, a participação nos lucros das empresas. Viva São José Operário, o padroeiro do labor (não confundir com Labor Clube que é outra coisa, o contrário).

Corajosas, a mesma coisa que audácia. Lindas, uma plástica sempre resolve.

Esportivas, o principal esporte ainda se pratica na cama. Chão também serve.

Democratas, pacíficas, lutarão até a morte pelas tradições ordeiras e hospitaleiras do torrão natal.

As mulheres terão muitos filhos (por certo, não tomarão pílulas), gostarão de novelas, foto e tele, místicas e macheiras.

Amor, dinheiro, negócios, saúde. Se você é virgem, aproveite, há um homem em cada porta.

No dia em que você nasceu, muita coisa aconteceu, Zebedeu.

Depois desta publicação, Gilmar de Carvalho foi ao inferno do DOPS, mas sobreviveu não sem o trauma emocional da reação. Em 1970, Gilmar voltou a publicar uns poucos textos curtos, através do Antônio Girão Barroso no jornal *Unitário*. Mas foi em 1971 que ele

descobriu o jornal *O Estado*, onde teve acolhimento pelo próprio Venelouis e passou a publicar várias matérias, assinando uma seção semanal, com um conteúdo ao seu bel-prazer iconoclasta.

— Me deram espaço, confiaram. Eu levava os textos, o jornal tinha um *offset* bastante precário, mas facilitava a publicação do material. Foi onde eu conheci o Guto Benevides.³⁴ Seu porto seguro, então, passou a ser o jornal *O Estado* do intrépido Venelouis. Um outro ponto de convergência. Gilmar publicaria também no suplemento literário da *Tribuna da Imprensa*, de Helio Fernandes, em 1974, anunciado ali como “um dos novos escritores da atual literatura cearense”.³⁵

Gilmar de Carvalho assinava a coluna *Palanque*, uma meia página em rodapé que ele mesmo ajudava a paginar na redação. O jornal todo já estava no *offset*, mas a paginação era artesanal e os textos compostos nas espetaculares máquinas Composer, da IBM, que usavam esferas — a galáxia de Gutenberg — ou, em alguns casos, compostos mesmo em máquinas elétricas. A coluna é, obviamente, voltada para assuntos culturais e para o cotidiano com o olhar crítico de Gilmar.

Na seção *Hoje em Cartaz*³⁶ ele entrevistou, dentre tantos, o irreverente cineasta Eusélio Oliveira, sobre quem, na legenda de uma pequena foto do entrevistado, Gilmar escreveu:

— Eusélio Oliveira nas matinês e soirées. Sucesso de Bilheteria e cotação cinco estrelas. Censura livre. Recomendável.

A entrevista, no estilo pergunta e resposta (ping-pong) mostra a agilidade mental sintonizada e codificada do entrevistador e do entrevistado. Algumas perguntas de Gilmar, seguindo-se as respostas de Eusélio:

— O cinema é uma arte sem futuro?

— Não podemos subordinar o cinema a juízos premonitórios, mas creio que a sétima arte é a única responsável pela codificação da semântica do porvir.

— Ideia na cabeça e câmera na mão?

— No Ceará, os que tentam fazer cinema estão apenas de mãos na cabeça.

- O cinema novo é velho?
- Novo para mercado e velho em consumo.
- O belo ainda existe?
- Re(siste).
- As academias de letras são museus?
- As academias de letras não são propriamente museus, mas escolinhas seletas de tricô literário.

E a entrevista se segue. A coluna também contém algumas parábolas de Gilmar de Carvalho a partir de sua visão crítica de alguns produtos da indústria cultural, como o heterodoxo Chacrinha, e seu programa semanal na TV Globo:

O Velho Guerreiro é o cultor do nosso caos, da desordem que reprimimos sob forma de organização. É aquele carnaval particular fora de tempo que a gente gostaria de decretar toda semana. O que nós temos de cafona. No fundo, somos todos macacos. A gozação que cada um de nós gostaria de fazer. Os outros são imitação grosseira. Ele é o produto cultural. Abaixo os chacrinhas-xerox, e viva Dom Abelardo, o Poderoso.

Em outra edição da coluna *Palanque*, a ironia de Gilmar de Carvalho, o que, em cidade de muro baixo como a Fortaleza de 1971, era contratar uma inimidade alta. Falava do programa de auditório 10 Espetacular, da TV Verdes Mares, canal 10:

10 Espetacular, cujo apresentador, Irapuan Lima, é imitado no sul do país por um indivíduo que tem alcunha de Chacrinha.

O poeta e jornalista Antonio Girão Barroso, grande homem de letras — jornalista, poeta e escritor, não necessariamente nesta ordem — foi outro entrevistado de Gilmar de Carvalho no seu papo-cabeça telegráfico, bem ao estilo implantado por Guto Benevides. Vamos a

algumas perguntas selecionadas daquela entrevista.³⁷

— Vamos empregar a palavra até quando?

— O homem cada vez emudece mais. Quer dizer as coisas e não sabe. Quer dizer as coisas e não pode. Não deixam. Já o papo substitui a fala. Em compensação, vêm por aí as máquinas falantes, e o homem será, simplesmente, um animal ouvinte.

— Fazer conto: moda ou necessidade?

— O domínio do conto (sobre o que se chama ainda romance), metaconto ou anticonto cada vez mais é a véspera do "texto", pura e simplesmente.

— É possível separar a forma do conteúdo?

— Conteúdo é nada, a forma é tudo.

— As Academias de Letras são museus?

— Que há uma tendência, há.

— Erotismo e pornografia não são a mesma coisa. Por que a confusão?

— O negócio é ver o sexo. Eros não tem problemas, salvo os criados pela pornografia. Sou a favor de um, contra o outro, aliás outra.

Em junho, *Palanque* ocupa uma página inteira, com uma entrevista cujo título é "Só o medíocre consegue ser feliz", assegura o psicoterapeuta José Maria Nascimento.³⁸

— Para que servem os psicotrópicos?

— Unicamente para aliviar sintomas desconfortantes cujo uso em certos casos é indispensável, mas o homem nunca encontrará soluções em vidrinhos de remédios.

Na edição do dia 13 de junho de 1971, *Palanque*, de Gilmar de Carvalho, trazia um título antológico: *Adísia Sá para que?* parafraseando o recém-lançado livro da jornalista: *Metafísica, para que?*

Texto de abertura, com a verve de Gilmar:

Adísia Sá é badaladíssima e a gente não precisa se alongar. Comercial: se você não a conhece, não se desespere, ela estará exposta à visita pública amanhã, dia 14, às 17h30min, na livraria Renas-

cença. Em tempo, leve 10 cruzeiros, é o preço do livro que ela vai lançar: *Metafísica, Para Que?*

O fato é que nas entrevistas de Gilmar, as perguntas de aparente *nonsense*, são cheias de sentido. Vejamos essas poucas perguntas à Adísia Sá, selecionadas dentre tantas na mesma entrevista:

— Só sabes que nada sabes?

— Não. Não sei o que não sei, porque se soubesse o que eu não sei, saberia. Isto não é meu: é de Sócrates.

— O homem é o lobo do homem?

— Hobbes era um homem sério...

[...] — Platão era platônico?

— Platônicos são aqueles que vivem como Carolina: o amor passou pela janela e só Carolina não viu.

— Diógenes no barril se antecipou ao chopp?

— Nem ao chopp, nem ao bacalhau.

— Os peripatéticos queriam era badalar?

— Nós é que badalamos em torno dos peripatéticos.

— Sócrates e a cicuta. Tragédia grega ou filme mexicano?

— Nem uma coisa nem outra: é a maior figura da Humanidade. Com Cristo forma uma dupla fora de série. Inigualável.

— Todos os gatos são mortais. Platão é mortal. Logo Platão é um gato?

— Você sabia que Platão é chamado o Divino? Divino que não tem nada com Denner, nem com a divina Elizeth Cardoso. Mas falando em Platão como o bicho, eu lhe dou uma dica: meu cachorro é Platão, vulgarmente chamado de Faruc. Graças a uma história sobre ele, ganhei aquele Concurso Literário da Prefeitura. Lembra-se?

Outra entrevista antológica de Gilmar, também em 1971, é com o poeta Francisco Carvalho, para quem “a solidão é um produto industrial.”³⁹ Trata-se de um diálogo arisco e rico entre dois Carvalhos, o Chico e o Gil. A entrevista abre com poema de Francisco “Chico” Carvalho, já àquela época, um dos nossos mais festejados intelectuais,

e, em 23 de abril de 1996, bem depois desta conversa, imortal da Academia Cearense de Letras:

é preciso abolir a solidão
que nos vendem embrulhada em jornal
misturada ao repolho
ao frasco de inseticida
a solidão no prato de sopa
entre esqueletos de hipocampos

Começa a entrevista, com mais de uma dezena de perguntas, sempre remissivas a um subtexto de relativa fixação no imaginário popular:

— A flor do seu bairro tinha o lirismo da Lua?

— É bem possível que sim. Afinal de contas, a imaginação existe em função dessas baboseiras. Mas o tempo, que não empresta ilusões a ninguém sem cobrar juros em dobro, acabou de uma vez por todas com o bairro, a flor e o lirismo. Restou apenas a lua, que atualmente é objeto de outro amor maior. E, desta feita, o amado se chama “poder econômico”.

— As cartas não mentem jamais?

— Mentem, sim. Sempre mentiram e por certo continuarão a mentir pelo tempo afora. As cartas são meras projeções de nós mesmos, dos nossos engodos, da nossa fantasia, do nosso mentir atávico. Mentem as cartas, mentem as cartomantes.

— A imortalidade é atributo dos Deuses?

— Os deuses são divindades estúpidas e não passam de uma projeção da nossa ancestralidade vingativa. Se imortalidade houver, garanto-lhe que essa carapuça foi feita de encomenda para a cabeça do homem.

— Você é contra ou a favor da rima?

— Nem contra, nem a favor. Uso da rima quando me dá na telha. Jamais, entretanto, permiti que a rima fizesse uso de mim. Rimas,

às rumas, não me agradam. Rima é cafona, repare só: olhos, molhos, dordolhos, escolhos, antolhos, repolhos, abrolhos. Mulher rima com flor, jamais com bem-me-quer.

— Inspiração, expiração ou transpiração?

— Inspiração! Cafonice das cafonices. Isso não passa de uma tremenda balela. Aqui pra nós: o negócio é transpiração mesmo. No duro. Suor escorrendo por todas as bicas. O poeta não é um carismático. O poeta é simplesmente um pedreiro da palavra, um carpinteiro do verbo, um agricultor de símbolos. Tem que suar, como todo mundo, para estar na sua.

— A palavra escrita, falada (televisada)?

— A palavra, em qualquer dimensão, é uma ponte. E uma ponte é um caminho. E um caminho nos leva para qualquer parte: ao futuro, à liberdade, ao aniquilamento, à paz.

FLÁVIO TORRES

Flávio Torres⁴⁰ ingressou na comunicação como radioator. Seu irmão Hélio, funcionário público federal dos Correios e, depois, do Ministério da Fazenda, era muito próximo de profissionais da TV Ceará e do *Correio do Ceará* e abriu um canal para Flávio ir fazer teleteatro. Fez o teste como teleator e passou — na verdade Flávio já havia feito várias participações em novelas. A rigor, Flávio era uma cobra criada porque já vinha do Rádio. Fez radionovela na Rádio Assunção Cearense levado pelas mãos do Oliveira Filho. Contracenou com atores como Jackson Moreira, Carmelita Maria, Hiramisa Serra, Haroldo Serra, Ivanilde Rodrigues. Na mesma rádio, Flávio teve um programa diário, quando a emissora, então pertencente à Arquidiocese de Fortaleza, era dirigida por Geraldo Fontenele.

Em 1969, estreou no *Estúdio 2* — um programa ao vivo na TV Ceará, canal 2, de 13h às 14h30min — a convite da Neide Maia, a franzina e carismática locutora que encantava a todos com seu timbre de voz firme, ligeiramente grave, mas aveludado.

— Eu a amava de coração. Neide foi a melhor locutora que o Ceará já teve, uma das vozes mais lindas.

Flávio assumiu uma coluna semanal, aos sábados, no *Estúdio 2*, apresentado por Marisete Batista, Ana Maria Aquino, Antônio Mendes, Carla Peixoto, Ayla Maria. Era uma revista televisiva inovadora dirigida por Tertuliano Siqueira.

— É verdade que seu entrevistado hoje é o Cauby Peixoto? —, interpela o diretor Tertuliano.

— Sim, ele já está chegando ao estúdio.

A TV ficava na avenida Antônio Sales, no ascendente bairro da Estância, depois Dionísio Torres. O prédio fora construído para abrigar os meios de comunicação dos Diários Associados — rádio, televisão e os jornais *Correio do Ceará* e *Unitário*.

Tertuliano reagiu incrédulo, principalmente porque Cauby Peixoto era um dos monstros sagrados do rádio e dos palcos. Na verdade ele nem acreditou e queria saber como Flávio faria isso. O segredo era simples: Hélio Torres, irmão de Flávio, era comissário de bordo da Varig e conhecia muitos artistas, tinha muitos amigos entre eles. E foi Hélio quem agendou Cauby. Numa época em que só havia um canal de televisão no Ceará, o sucesso foi ainda mais retumbante. Ao final da entrevista, uma pequena multidão já aguardava Cauby para pedir autógrafos. E, por conta de Hélio, Flávio levou ao estúdio da TV Ceará para entrevistas, Dina Sfat, Francisco Cuoco, Otávio Augusto entre tantos outros, para gáudio do diretor Tertuliano Siqueira. No dia 31 de janeiro de 1972, o programa foi descontinuado e Flávio saiu do ar por algum tempo.

Da TV para o jornal foi um passo. Afinal, tudo funcionava no mesmo prédio, embora com portarias diferenciadas. Os jornais tinham entrada pela rua Visconde de Mauá e a portaria da TV era pela avenida Antonio Sales. Flávio estreou na mídia impressa, no jornal *Unitário*, no dia 21 de julho de 1969, à época tendo como editor Hilton Oliveira. Recebeu o apoio de Antônio Pádua Lopes na redação. Então,

anos mais tarde, em 1972, foi convidado para fazer uma coluna diária. O *Unitário* teve, até ali, as colunistas sociais Geraldina Amaral e Judith Sendy, primeira colunista mulher — as duas são pioneiras do colunismo social no Ceará, no início da segunda metade dos anos 1950.

Feliz da vida, Flávio Torres assumiu a posição e resolveu homenagear um outro colunista social, recém-falecido, Bayard — pseudônimo de José Calazans Pires, falecido no dia 19 de outubro de 1972 —, restaurando o título de sua coluna, *Vida Social*.

No *Correio do Ceará*, Flávio Torres passou a assinar a coluna "Destques Sociais", antes assinada por Lúcio Brasileiro. Com a saída do Lúcio quem assume é o jornalista José Augusto Lopes que, logo depois, vai trabalhar numa alentada seção sobre artes e então Flávio assume a posição.

Os Diários Associados — *Correio do Ceará* e *Unitário* — funcionavam em uma galeria entre a rua Senador Pompeu e a rua General Sampaio. Flávio pegou exatamente a transição entre Centro e Dionísio Torres, onde fora construída a nova sede. Da rua Senador Pompeu para a rua Liberato Barroso, nas cercanias da Praça José de Alencar, onde estava sediado *O Estado*, era um pulo. Por isso, Flávio Torres, um notório conversador, visitava regularmente a sala de Venelouis Xavier Pereira no jornal *O Estado*.

O hábito se enraizou. E cada vez mais Flávio ia à rua Liberato Barroso conversar com Venelouis e com Augusto César Benevides. Os dois adoravam as conversas picantes de Flávio Torres que, bem mais tarde, adotaria o bordão "eu aumento mas não invento".

Certo dia, Venelouis não se conteve:

— Flávio, você já é um dos nossos, adora o jornal, por que você não vem se juntar à gente? Escreva uma coluna aqui também, meu bichim!

Venelouis fez sua investida já subscrevendo o estilo crítico e apimentado de Flávio Torres. Era comum, até aquele momento, que jornalistas escrevessem em mais de um jornal. Mas Flávio já sabia a posição intransigente do *Correio do Ceará*:

— Eles vão me matar, se eu fizer algo assim.

O Hélio, irmão de Flávio, sugeriu que ele assinasse com pseudônimo. Aí se alguém perguntasse, ele, Hélio, assumia a autoria. Foi assim que surgiu a figura do “Mister Torres”, em uma página dominical. Foi assim que Flávio Torres estreou no jornal *O Estado*, em 1972. Venelouis adorava a página, principalmente devido às irreverências de Flávio, que contava fofocas e intrigas da sociedade sem, no entanto, publicar os nomes, para não abrir flancos. No entanto, todo mundo sabia de quem se tratava. O Venelouis estava satisfeito e feliz, e Flávio continuava sua coluna no *Correio do Ceará*.

Essa bigamia durou até os dias atuais. O *Correio do Ceará* deixou de circular, mas Flávio continuou no *O Estado* — nunca, desde aquele 1972, deixou de assinar a coluna no jornal. Convidado pelo senador José Afonso Sancho,⁴¹ foi assumir uma posição no jornal *Tribuna do Ceará*, para editar o caderno *TC Dimensão*. Deixou sua coluna diária no *Correio do Ceará*, que vivia uma enorme crise e estava sendo arrendado pelo empresário Clodomir Girão. Antes, o jornal já havia sido arrendado por Venelouis Xavier Pereira e Sérgio. Nessa época, às vezes a coluna de Flávio saía publicada no *Correio*, outras vezes saía no *O Estado*. O *Estado* passou a ser impresso no gigantesco — e ocioso — parque gráfico do *Correio do Ceará*, na sede do bairro Dionísio Torres. O arrendamento foi ideia de Sérgio Philomeno que era sócio de Venelouis Xavier Pereira no jornal *O Estado*. Sérgio tinha um projeto político e via nos jornais um meio importante para consolidar essa estratégia, sedimentar prestígio e, principalmente, criar uma barreira de proteção — um escudo capaz de blindá-lo de críticas e polêmicas e, ao mesmo tempo, ampliar seu raio de influência.

Flávio Torres relata sua estreita relação com Venelouis:

Venelouis ajudava muito as pessoas, nunca dava um não para ninguém. Eu o tinha como um irmão, um pai, um amigo, uma pessoa muito especial pra mim. Em várias sextas-feiras eu ficava no jornal até uma hora da manhã com o Venér. Às vezes ele pedia para que eu fizesse uma página sobre moda para agilizar o fechamento da

edição. Outras vezes pedia para que eu fizesse uma página de fofoca. Às vezes eu fazia umas três páginas sem assinar. A gente contava na época com a Soninha Pinheiro — ela estagiou lá —, a Stella Crisóstomo, duas pessoas maravilhosas. Escreviam sobre amenidades. Era muito bom.

O Venelouis era uma pessoa muito boa para quem trabalhava pra ele. A vida dele era esse jornal, por isso que eu nunca arredei o pé daqui. Uma vez recebi um convite, mas não saí, principalmente devido à liberdade que eu tenho aqui. Ele me tinha como uma pessoa da família, do mesmo modo como a dona Wanda, as meninas, o Ricardo. Eles sempre tiveram uma consideração muito grande comigo. Eu não só me considero um funcionário do *O Estado*, mas sim um amigo.⁴²

Flávio foi testemunha ocular do sequestro de Venelouis por policiais do Batalhão de Trânsito. Virou testemunha no inquérito policial e compareceu, sob agendamento, ao Fórum Clóvis Beviláqua, ainda sediado no Centro de Fortaleza, à avenida Alberto Nepomucerno.

— Todo mundo mandava eu me cuidar, porque poderiam me pegar, mas eu achava bobagem, embora fosse ainda época da ditadura, uma época terrível. Mas o que aconteceu com o Venelouis não se faz.

Flávio Torres, um notório detalhista quando conta a história, resgata dois episódios relativamente folclóricos:

O Venelouis tinha uma criatividade fora do comum. Ele mandava publicar certas coisas na coluna que eu ficava era com medo. Nem gosto de me lembrar, porque uma vez recebi uma ligação de um publicitário reclamando. Evitei dizer que não tinha sido eu, mas ele mesmo falou que apesar de não ser eu, era meu nome que estava no cabeçalho da coluna. Nesses casos, eu procurava sempre contornar a situação. Isso satisfazia muito o ego dele e os leitores adoravam.

Às vezes ele mandava eu publicar uma nota dizendo que tal empresário estava com a secretária dele no Baile do Havaí. Então, na

segunda-feira o empresário ligava para reclamar. Ele sempre fazia coisas nesse sentido, mas no conjunto da obra era muito agradável conviver com ele. Às vezes eu atrasava a coluna, ele me ligava pedindo, mas mesmo quando eu não ia, sempre mandava deixar.

Trabalhei com muitos fotógrafos: tinha o Vilupe, o Aimoré, o Braguinha, o Fran Erle — que o Venelouis transformou em colunista, mas ele tinha o público dele e eu o meu.

Teve uma passagem muito engraçada com o vereador Gutemberg Browne, presidente da Associação dos Clubes Sociais Suburbanos de Fortaleza. Certa vez fui a um clube suburbano com um grupo de amigos — muita gente boa frequentava e eu gostava muito da dona Lalinha, a presidente do Secai, no populoso Pirambu. Fomos barrados na portaria, mas não teve problema, nós pagamos para entrar, depois vieram me devolver o dinheiro, porque nessa época eu já trabalhava em TV, mas eu não aceitei a devolução. A festa de aniversário do clube se aproximava e o Venelouis começou a dar corda para que eu fizesse uma maldade. Um desenho de meia página abria a coluna dominical do Mr. Torres mostrando uma festa caótica, garrafas de bebida sendo jogadas nas pessoas, assédios de toda ordem... um cenário do inferno. Uma legenda informava: "E o famigerado forró dominical continua, nem Frei Memória conseguiu dar fim. Documentamos para comprovar, daqui a uns dias até a Sé cai". Isso coloquei bem grande, ainda tenho guardado. Eu tive raiva uma vez também de um festival de poesia que ia acontecer no Theatro José de Alencar e não me convidaram para o júri. Eu dava muita cobertura e Venér deu corda, sugerindo que eu fizesse catatumbas, porque o patrocinador era o Parque da Paz. Aí eu fiz uns simulacros e coloquei o nome dos poetas em cada túmulo. Na legenda: "eis o verdadeiro festival de poesia de domingo".

No caso do Secai, o Gutemberg foi no jornal pedindo para que eu desmentisse. O Venelouis disse que ia me pedir pra fazer isso. Um dos argumentos era de que eu falava na Igreja da Sé, e a igreja estava em construção e poderia cair. Eu estava atrás da porta fecha-

da escutando tudo.

No caso da poesia, eu mandei distribuir cinquenta exemplares da edição no local. Aí no festival de poesia era todo mundo chorando, olhando o jornal e chorando. É claro que eu fazia mais, com o aval do Venér, por brincadeira.⁴³

FERNANDO MAIA, DO RÁDIO PARA O JORNAL

Foi como locutor na Rádio Dragão do Mar que Fernando Maia Mendonça⁴⁴ começou sua carreira na comunicação — ali foi sua grande escola. Lia notícias redigidas por Frota Neto, Everardo Ramos, Teobaldo Landim. Blanchard Girão ainda escrevia a famosa crônica “A Nossa Palavra”, que ia ao ar às 12h30min. J. Ciro Saraiva e Peixoto de Alencar haviam deixado a emissora em consequência das forças de repressão, que em 1964 tiraram a emissora do ar por vários meses — voltaram depois. O principal locutor radialista era o Travassos, um paraense de uma voz belíssima. Fernando era o locutor que fazia a “caixeta”, isto é, lia os comerciais ao vivo, como, de resto, ao vivo era toda a rádio. Na Fortaleza da segunda metade dos anos 1960, o rádio era um influente veículo de comunicação. Existiam poucas emissoras e eles eram a forma mais imediata de circulação de informação, de opinião e de politização. Fernando Maia, que adorava falar, estava fascinando com o rádio. No entanto, era ligado ao departamento artístico, comandado por Carvalho Nogueira, e não ao departamento de jornalismo, comandado por J. Ciro Saraiva.

Piloto de uma lambretinha que o levava pra cima e pra baixo, Fernando era um dos poucos funcionários motorizados da Rádio Dragão do Mar. Por isso, Ciro resolveu recrutá-lo compulsoriamente para o departamento de jornalismo:

— Rapaz, vem cá, você está perdendo tempo querendo ser locutor. Ora, tenho andado lhe observando e vejo que você tem boa formação, tem capacidade, tem mobilidade. Quero você no departamento de jornalismo. Vou fazer você virar gente.

— Seu Ciro, eu quero mesmo é ser locutor, não quero esse negócio de sair por aí fazendo reportagens, não.

— Infelizmente você não tem opção.

Na verdade o que Ciro queria dizer é que ou Fernando Maia aceitava a nova posição ou iria para a olho da rua. E aí Fernando assumiu, passando a cumprir as pautas de Ciro Saraiva, falando direto de qualquer ponto da cidade.

— Aceitei muito a contragosto, mas aceitei.

Anos depois, Fernando Maia reconheceu que sem isso, jamais teria sido jornalista, em uma época em que não existia curso de Jornalismo, o aprendizado acontecia nas próprias redações.

— Foi um aprendizado trabalhar com o Ciro, que beleza. Ele mandava eu ir para rádio às 4 horas para redigir o noticiário que ia ao ar às 7 horas da manhã. A minha grande escola foi essa. A minha ferramenta de trabalho era o gravador. O processo naquele tempo era principalmente o rádio escuta. As notícias vinham pelo teletipo e pelo telex, mas ainda em uma fase embrionária, sem quantidade e atualidade. Assim, o operador de áudio da Dragão gravava todos os noticiários da noite, como os da rádio Jornal do Brasil, na voz de Eliakim Araújo, o Jornal Nacional nas vozes de Luis Jatobá e de Heron Domingues. Era tudo gravado no velho e bom gravador de rolo Akai.⁴⁵ Então eu chegava de manhã e ia tirar as gravações, redigindo notícias a partir delas. Essa foi a minha escola, meu curso intensivo para a graduação. Eu aprendi a fonética ouvindo os grandes locutores, aprendi a redigir sinteticamente a partir dessas grandes escolas do jornalismo nacional que eram o rádio e a televisão dos anos 1960. Essas foram as minhas grandes escolas. Eu digo sempre ao meu filho, quando ele começou a trabalhar comigo, eu coloquei ele para fazer ditado, para aprender e saber escrever.

Fernando Maia ficou na Dragão do Mar até 1969 quando ingressa, como repórter, no Sistema Verdes Mares de Comunicação — SVM, na rádio e na TV e ali permanece até 1974. É que vai assumir no ano seguinte a secretaria de imprensa da prefeitura de Fortaleza, na gestão de Evandro Ayres de Moura.

No Sistema Verdes Mares, Fernando Maia tem sua primeira experiência em mídia impressa, no jornal *Tribuna do Ceará*, que vivia uma fase de muita efervescência.

Em 20 de abril de 1970, o empresário Edson Queiroz, em sociedade com José Afonso Sancho, implanta no Ceará a tecnologia *offset* de impressão, um acontecimento que deu ao jornal *Tribuna do Ceará* enorme competitividade e pressionou a concorrência para sair da fase do linotipo. Tanto assim, que logo os jornais *Unitário* e *Correio do Ceará*, dos Diários Associados, aposentam as impressoras planas, o chumbo e a composição a quente das fantásticas engenhocas da *Linotype*. Depois é a vez do jornal *O Povo*, que começa a imprimir em uma rotativa Goss Community, em dezembro de 1971. O jornal *O ESTADO* estreou no *offset* em dezembro de 1979, quando a Rede Independente de Jornais do Nordeste Ltda. adquire junto à empresa jornalística S.A. Diário de Notícias, de Porto Alegre, uma impressora Goss Community, ano de fabricação 1968, número série de fábrica ER-19644 M1 GD 1968, uma dobradeira número de fábrica C 64598163-5 LB 197, e um motor marca ANEL. O impressor Pedro Beato M. Rodrigues foi cedido pelo *Diário de Notícias* para ficar três meses em Fortaleza orientando e dando treinamento aos impressores do jornal *O Estado*. Beato coordenou o desmonte em Porto Alegre e remontagem da Goss em Fortaleza.

Turbinado pelo *offset*, o jornal *Tribuna do Ceará* deu um enorme salto no mercado local. Fernando Maia virou fonte em *off* de Edilmar Norões, que assinava a coluna política da *Tribuna*. Norões era o diretor artístico na TV Verdes Mares e, quando viajava, deixava a coluna parcialmente pronta, mas sempre pedia que Fernando Maia a concluísse, com inserções de notas políticas mais atualizadas. Foi a partir daí que Fernando Maia fez a transição, dentro do jornalismo, para o colunismo político. Ia, pessoalmente, entregar os originais da

coluna do Edilmar ao editor Chico Alves Maia e os laços ficavam cada vez mais estreitos. O jornal, a rádio e a TV funcionavam em um conjunto de prédios horizontais no mesmo quadrilátero, entre a avenida Desembargador Moreira e as ruas Assis Chateaubriand, Tomás Acioli e Visconde de Mauá. Fernando passou a assinar sua própria coluna.

No intervalo de quatro anos em que se dedicou à gestão de Evandro Ayres de Moura, na condição de secretário de Imprensa, Fernando Maia tinha sob sua responsabilidade a gestão e o desembolso do orçamento de mídia da Prefeitura para os meios de comunicação. Por isso, elasteceu suas relações com os donos e os executivos das empresas de comunicação — rádio, jornal, televisão e fornecedores no setor. Dentre as relações mais estreitas estavam Patriolino Ribeiro e Venelouis Xavier Pereira.

Um dos maiores demandantes era Patrolino Ribeiro de Souza, menos pelo canal de comunicação de sua propriedade, mas pelo zoneamento municipal, porque queria urbanizar e vender a gigantesca área na região do Cocó, das margens do rio do mesmo nome até a região onde depois foi construída a Universidade de Fortaleza.

A cidade terminava na estreita ponte sobre o rio Cocó, que interrompia o acesso pelo lado leste da cidade ao distrito de Messejana. O prefeito expandiu duas fronteiras: rasgou a avenida Santos Dumont por sobre as dunas, levando-a até a Praia do Futuro — em uma parceria com o setor privado. Depois, o prefeito atacou a abertura das fronteiras via salinas do rio Cocó, rasgando uma via até Messejana. Para isso teve que construir uma nova ponte na margem oeste das salinas Diogo, região onde, em 1982, foi construído o Shopping Iguatemi. Em 1975, com a participação da Prefeitura de Fortaleza, foi aberta a avenida coronel Miguel Dias — homenagem ao sogro de Patriolino e seu financiador inicial —, sangrando ao meio as novas terras e abrindo canal para os loteamentos nas duas margens. Uma das estratégias de sucesso de Patriolino para povoar a região foi atrair para lá a Universidade de Fortaleza, projeto do empresário Edson Queiroz que imaginava levá-la para a zona oeste da cidade. Patriolino doou quatro hec-

tares para Edson, mas quando este quis expandir a Universidade, anos depois, os preços que Patriolino praticou foram inconfundivelmente os de mercado e diz-se, folcloricamente, que Edson teria comentado: "Paguei a conta toda". A Universidade foi uma grande âncora de valorização daquela região.

Não à toa, de tão bem quisto o prefeito por Patriolino, o pai de Evandro Ayres virou nome de rua na região, Atilano Ayres de Moura. E Fernando Maia, que atuou bastante como mediador, após deixar a prefeitura foi trabalhar em uma empresa de Patriolino, a TV Cidade.

Outra mediação importante que Fernando Maia fez para Patriolino foi junto a José Pessoa de Araújo.

— O Patriolino falava muito manso e com muito jeito. Certo dia me pediu para conversar com o José Pessoa de Araújo, queria comprar a TV Uirapuru — o nome original do que depois viria a ser TV Cidade. A TV Uirapuru, canal 8, entrou no ar no dia 30 de agosto de 1978.

Em um encontro acidental com José Pessoa de Araújo, Fernando Maia fala da intenção de Patriolino. A TV passava por dificuldades financeiras e não deslanchava, funcionava com uma única câmera, não tinha dinheiro pra investir, não compunha nenhuma rede nacional, estava largada no deserto. E assim começam as negociações e Patriolino comprou 50% do controle da empresa, em 1979. Em 1982, mudou o nome para TV Cidade, já em rede com a TV Bandeirantes, baseada em São Paulo.

Fernando Maia ainda ganhou uma comissão pela venda paga por José Pessoa de Araújo:

— Fernando, você merece. Foi você quem fez esse negócio.

Mas Patriolino comprou apenas a metade, e aí foi que começou um imbróglio e Fernando Maia no meio da confusão. Ele trabalhava na rádio Uirapuru — de propriedade de José Pessoa de Araújo —, na televisão que metade era do José Pessoa e metade era do Patriolino e no jornal *O Estado*, de Venelouis Xavier Pereira — então sediado na avenida Barão de Studart — e de Sérgio Philomeno que havia comprado 50% do jornal. Sérgio Philomeno procura José Pessoa de Araújo e

manifesta o desejo de comprar seus 50% e começam, então, as negociações nesse sentido. Só que Patriolino soube de tudo e se propôs a comprar os 50% restantes, alegando o privilégio de ser dono da outra metade. E coloca o nome de seu filho, Miguel Dias, como o interessado legal. E Patriolino recorre a Fernando Maia para defendê-lo junto a José Pessoa.

O fato é que, daí, deu-se o seguinte resultado, contrariando as leis da física e da matemática: a televisão ficou 50% com o Patriolino, 50% com o José Pessoa e 50% com o Sérgio Philomeno, chegando a um total de 150%. Puxa daqui, puxa dali, depois de três meses de estica e puxa, Sérgio Philomeno foi expelido e Patriolino, finalmente, assume os 100% da concessão ganha por José Pessoa. Na expansão, no dia 20 de junho de 1982 é inaugurada a Rádio Cidade AM, do Grupo Patriolino Ribeiro de Souza.

No jornal *O Estado*, Fernando Maia estreou em 1979, já assinando a coluna política, atendendo a um convite de Venelouis.

— Venelouis era uma criatura fantástica, tinha um grande caráter, todo mundo criticava muito ele, mas para começo de história era um ser humano fantástico. Ele foi delegado de polícia, comprou o jornal daquele pessoal lá e começou a tocar *O Estado*, ganhou algum dinheiro. Eu me relacionei muito bem com ele quando estava na prefeitura, assim como também com todos os outros veículos de comunicação. Mas quando eu saí da prefeitura foi ele quem me convidou para escrever uma coluna política no *O Estado*.

Mas não foi fácil para Fernando Maia administrar os interesses financeiros dos jornais junto à mídia de publicidade da Prefeitura. Logo no início da gestão, teve que enquadrar o próprio prefeito Evandro Ayres, em relação à demanda dos veículos.

— Quando assumi a secretaria de Imprensa houve um episódio interessante. O jornal *O Povo* publicou uma página inteira promocional para a prefeitura de Fortaleza. Então o telefone toca, e o Chico Alves me perguntando que discriminação era aquela com a *Tribuna do Ceará*. Eu expliquei que quem havia autorizado aquela página paga para

o jornal *O Povo* tinha sido o próprio prefeito, mas agora ele, Chico, poderia fazer uma página, que eu estava autorizando. Aí o Venelouis ligou fazendo a mesma reclamação: por que a discriminação? Mais uma vez eu autorizei uma página para o Venelouis, como havia feito com a *Tribuna do Ceará*. E aí fui conversar com o prefeito sobre o tamanho do problema que ele havia me arranjado, autorizar uma página de publicidade para o jornal *O Povo* sem me consultar. A partir de então, tudo ficou centralizado na secretaria de Imprensa.

Fernando Maia resume o período de transição de uma fase — onde a impressora era plana — a outra — quando o jornal ganha uma impressora rotativa:

— Eu conheci o Venelouis através da prefeitura de Fortaleza. Aí depois ele me convidou para o jornal *O Estado*, que na época ficava em uma sede provisória na Heráclito Graça. O secretário do jornal naquela época era o Hélder Cordeiro, o Ricardo Palhano ainda não havia chegado lá. Era uma época de muita dificuldade. Não era uma rotativa, era uma máquina plana. Ele estava descapitalizado. Foi aí que começou a sociedade com o Sérgio Philomeno, conseguiu uma máquina de segunda mão e instalou no prédio do Sérgio, na Gelatti. Depois eles brigaram e o Sérgio era uma pessoa difícil, aí todo o maquinário foi tirado de lá muito rápido, foi para a Santos Dumont. Então, começou um período muito bom. Foi nessa época que o Ricardo começou a trabalhar lá e eu o conheci.

Fernando Maia só deixou a TV Cidade quando foi para o jornal *O Povo*, em 1986, em pleno governo Tasso Jereissati. Mas conciliou a permanência na TV com a coluna no jornal *O Estado*.

— Houve um desentendimento lá, do galego [Tasso Jereissati], como a gente escrevia de uma forma independente no jornal. O Venelouis tinha umas coisas fantásticas. Uma vez ele fez uma matéria chamando o governador de marreteiro, quase morro de rir — saiu em manchete. A briga foi depois das eleições, porque todos os jornais

apoiaram a campanha do Tasso, exceto a *Tribuna do Ceará* onde José Afonso Sancho continuou ombreado ao amigo Adauto Bezerra, que disputou com Tasso.

Fernando Maia era o potencial secretário de Imprensa de Tasso. E por que não assumiu? Ele mesmo expõe sua versão:

— Trabalhei para o Sérgio Machado e para o Expedito Machado durante muitos anos. Eu conduzi a volta do Expedito Machado à vida pública cearense. Nas eleições a deputado, eu arrumei o quadro, levei oito deputados estaduais para apoiá-lo. Em uma quinta-feira eu levava ele para conhecer jornalistas. Em outra quinta-feira eu levava grupos de deputados para almoçarem na empresa dele em um trabalho repetido muitas vezes que certamente ajudou na sua reeleição. Eu trabalhei muito para ele e ele me remunerava direitinho. Então, quando o Tasso foi eleito, eu recebi a ligação informando que eu seria chamado para ser secretário de Imprensa, aí eu fui para lá todo satisfeito. Marcaram para eu entrar às 11 horas. O escritório dele era ali perto da antiga cadeia pública [na rua Senador Jaguaribe] e em frente era um prédio que era todo dele. Ganhou de herança. Eu cheguei lá meia hora antes do horário marcado, mas a secretária informou que ele havia ido à posse do general da 10ª Região Militar, aí ele voltaria pra me receber. Deu 12h30min e ninguém me dizia nada. Eu estava preocupado, porque a minha mulher estava viajando e eu tinha que ir buscar os meus filhos na escola. Começou uma chuva forte. Depois de uma hora esperando, eu vi a porta do gabinete do Tasso se abrir e ele estava almoçando. Eu fiquei chateado, porque ele não me deu nenhuma satisfação. A secretária veio me falar que ele havia pedido para eu voltar às 16h, porque não poderia me atender agora. Então, eu pedi a ela para informar a ele que eu não voltaria, porque eu trabalhava à tarde em um jornal e não podia simplesmente estar à disposição dele. O Sérgio depois me ligou dizendo que eu era louco: "Por que você fez aquilo com o Tasso?". Eu respondi dizendo que quis mostrar a ele que deveria tratar as pessoas com dignidade e respeito, mas não fazer o que ele fez. E acabou aí a minha ida pra lá,

mas graças a Deus, porque certamente não teria dado certo.⁴⁶

PEDRO GOMES DE MATOS, NETO — O RAIMUNDO FAZ TUDO

Até chegar ao jornalismo, Pedro Gomes de Matos Neto percorreu uma via de indecisões. Experimentou Medicina, experimentou Filosofia, mas acabou caindo no jornalismo, talvez por influência do pai, ou do avô, escritores e jornalistas que contaminavam o imaginário do inquieto adolescente.

Até na hora da inscrição para o vestibular estava na categoria dos indecisos. O rapaz que fazia inscrição era Godofredo Pereira, funcionário da Universidade Federal.

— Godofredo, eu estou em dúvida

— Por que você não faz Jornalismo, que é um curso novo?

— É, pode ser, meu pai também é jornalista.

Mas, mesmo nos primeiros meses de Curso, continuava a dúvida. E Parsifal Barroso, que foi professor da turma, ao saber que Pedro vivia nessa inquietude, fazia curso de Medicina, fazia curso de Filosofia, "fazia não sei quê", tudo quanto era curso, deu uma resposta pragmática, quando consultado.

— Professor Parsifal, o que o senhor acha desse curso aqui que acabei de me inscrever?⁴⁷

— Menino, deixe os cursos e cuide dos recursos, vá cuidar de ganhar dinheiro.

O ano de ingresso era 1968, um péssimo ano para se escolher jornalismo, sob o signo do AI-5, ou quem sabe, talvez por isso é que Pedro Gomes de Matos, Neto, compra o desafio, e dele nunca se arrependeu. Ingressou na quinta turma do Curso de Jornalismo — denominado à época Curso de Comunicação Social — e concluiu em 1971, aos 20 anos.

— Na Comunicação, descobri o meu oásis, era de fato o que eu queria.

Mas a mãe de Pedro queria que ele fizesse Medicina, porque via

mais futuro nesse curso. Sem dinheiro, Pedro dependia da mesada do pai que assim agia às escondidas:

— Oh, vou dar uma mesada pra você só porque você gosta de ler e tudo, mas não diga nada para a sua mãe, não.

Então Pedro chegou junto à professora Adísia Sá e abriu seu coração, com uma fala sincera, mas cheia de *fairplay*:

— Professora oh, ‘tá um problema muito sério lá em Maranguape, porque mamãe quer que eu faça Medicina, essas coisas, e eu tenho que mostrar para ela que no Jornalismo a gente ganha dinheiro.

Adísia, sempre muita direta, captou a mensagem:

— Faça o seguinte, você vá lá na *Gazeta de Notícias*, se apresente em meu nome, para você ser contratado.

Com o cartãozinho da professora Adísia, o jovem Pedro ingressa na *Gazeta de Notícias*, que tinha à época, na redação, Durval Aires. Darcy Costa era o executivo do Grupo J. Macêdo, controlador da empresa dentro do jornal. Na redação tinha Wilson Noca, Sabino Henrique de Carvalho e o Augusto César Costa.

— Comecei como estagiário, fazendo de tudo um pouco.

A Adísia, em uma dessas recepções para a imprensa, falou para mim: “Rapaz, você precisa conhecer uma pessoa excelente, que é uma pessoa aberta e tudo o mais, que é o Venelouis Xavier Pereira”, e eu já o conhecia de nome o jornal *O Estado*.

Então Adísia apresentou Pedro ao Venelouis, iniciando aquela que seria a primeira passagem do jovem pelo jornal *O Estado*, ainda na sede da rua Liberato Barroso.

Venér tinha uma proposta pronta:

— Rapaz, você vem trabalhar comigo, agora eu quero tempo integral, *full time*.

— Mas Venér, eu preciso... eu estudo, eu faço faculdade, eu ensino, eu dou aula particular, sou professor de Português e de Literatura.

— Olha, veja bem, é o seguinte: você vai ser o dono do jornal.

— Eu vou ser o dono do jornal, como assim, Dr. Venér? — inda-

gou Pedro referindo-se ao que chamaria depois de “aquelas loucuras do Venér”.

— Não, é o seguinte. Quando eu viajar, e eu viajo muito, você toma conta do jornal, vai ser o editor.

Aquilo cresceu os olhos do jovem Pedro, ávido por oportunidades e pronto para topar desafios:

— Eu via as limitações que existiam na *Gazeta de Notícias*, que era um jornal empresarial, e fiquei empolgado. Na *Gazeta*, até algumas matérias eram sujeitas a “não, isso aqui não pode, tem que ser reescrito, vamos refundir a matéria, vamos fazer não sei o quê”.

Então à queima-roupa, decidindo com seus próprios botões:

— Rapaz, eu vou é pra esse jornal *O Estado*, porque o jornal *O Estado* é tudo que... tudo que jornalista gosta é de ver a sua matéria publicada, isso é o ego de todo jornalista. Aí então cáí no canto da sereia do Venér. Eu disse pra ele “Vamos, Venér, mas aí lá você não vai assinar minha carteira”. “Nada disso. Eu assino, eu assino”. Realmente assinou, mas passou uns três ou quatro meses.

Pedro, em suas palavras, dizia que no jornal cobria de política a polícia. Era um faz tudo.

— Eu era o “Raimundo Faz Tudo”. Eu vinha de Maranguape bem cedinho, na época ainda não tinha carro, vinha de ônibus, aí trazia o paletó, vinha com a camisa porque eu não tinha onde trocar de roupa. Trazia o paletó na mão. Porque o Venér fazia o seguinte, botava eu pra passar na Chefatura de Polícia, que era a Secretaria de Segurança Pública [risos], no Centro, para pegar as notícias. “Cabra matou a sogra”, não sei o quê. Depois, eu ia pra Secretaria da Fazenda ver se tinha alguma notícia lá. E ia a pé, fazia todos os percursos a pé. A Fazenda era na avenida Alberto Nepomuceno. Aí voltava, comia algum “caiduro”, alguma coisa ali, que era pra economizar dinheiro pra assistir um filme ou fazer alguma coisa, né. E quando chegava à tarde, vestia o paletó e ia pra Assembleia velha [na rua São Paulo, no mesmo prédio onde hoje funciona o Museu do Ceará], tu já pensou uma loucura dessas? [risos] Era tudo no Centro da cidade, tudo era perto.

As sessões na Assembleia Legislativa eram vespertinas, com início às 14 horas, e Pedro, que gostava mesmo era de fazer a cobertura de política, logo se enturmou com os colegas veteranos da imprensa: Lustosa da Costa, Milano Lopes, Newton Pedrosa.

— Os novatos, como eu, não tinham prioridade para escrever, só depois que os medalhões — Newton Pedrosa, Edilmar Norões — terminassem de fazer as matérias é que pegávamos as máquinas de escrever. Se eles saíssem, fossem tomar um cafezinho e ficassem conversando com um deputado. Ainda assim eu não poderia tirar o papel deles da máquina para começar a escrever a minha notícia e adiantar meu trabalho.

No olho desse furacão, o jovem Pedro foi ganhando conhecimento e aprendendo as malandragens da profissão. Descobriu que havia um “repórter”, entre aspas, que sob uma modesta gratificação levava às redações relatos orais sobre fatos policiais — ele não sabia redigir. Era o folclórico mas também famoso repórter Galeguinho — Jonas Sampaio —, franzino, estatura mediana, passos curtos, roupas sempre claras — ele sabia tudo decorado.

Eu disse “Galeguinho, eu não vou passar mais na Polícia não, macho... Eu vou te dar um dinheiro pra você me trazer os relatos diários, pra você me dizer o que é que houve. Ele ouvia os depoimentos e decorava, ele decorava tudo. Anos depois, quando eu trabalhei no jornal *O Povo*, tomei foi um susto ao entrar. Lá estava o Galeguinho.

— Galeguinho, você aqui também?

— Ora, Pedro Maranguape, eu também passo informação “pro” Landry Pedrosa [repórter policial do jornal *O Povo*], pra todo mundo. O pessoal dava uma gratificação a ele, e ele era o canal entre a fonte e o repórter... Porque ninguém aguentava passar o dia ali dentro daquela Secretaria da Segurança, um local deprimente... O Galeguinho quebrou muito galho de muito jornalista.

No primeiro dia, Pedro, no jornal *O Estado*, foi recebido com entusiasmo por Venelouis.

— Sente-se aqui —, disse ele, se levantando de sua cadeira de presidente do jornal para que Pedro sentasse.

Então, ele se levanta e fica andando de um lado para outro em frente à ua mesa. E começa a contar uma história:

— Só um homem foi governador do Ceará três vezes, Nogueira Accioly [Depois desse diálogo, o governador Tasso Jereissati repetiu a façanha de Accioly, assumindo o governo em três mandatos]. Então, certo dia, um aspone no Palácio da Luz, sede do Governo, chega para o governador e pergunta: “Dr. Nogueira Accioly, é verdade que essa cadeira de governador é cheia de espinhos, dolorosa, cheia de problemas?” Accioly levantou-se e disse “Sente aqui”, aí o “cabra” sentou, e Accioly perguntou “Tá sentindo alguma coisa, espinho, né não? Pois é isso, não tem nada de espinho”.

Os dois gargalharam com essa história e Venelouis continua:

— Pedro Gomes de Matos, essa cadeira não tem espinhos, sente-se.

— Dr. Venér, mas é sua cadeira de diretor.

— Deixe de besteira, rapaz. Senta aí.

Antecipou, em 1971, uma cena de Assis Chateaubriand, narrada por Fernando Morais em *Chatô, o Rei do Brasil* (1994).

Era cadeira de palhinha com um espaldar alto e tudo, onde ele sentava de paletó. Sobre a mesa *bureau*, duas plaquinhas em bronze. Em uma estava escrito “Delegado Dr. Venelouis Xavier Pereira” e na outra lia-se “Venelouis Xavier Pereira — Editor”.

Pedro sentou, gostou e pensou: “Rapaz, eu vou ficar é aqui mesmo, vou é pedir, sair lá da *Gazeta*”.

— Quando eu sentei naquela cadeira, me deu um fulminante frenesi. E outra coisa, esse homem viaja muito, eu vou ficar mandando aqui, não sei o quê.

Pedro largou a *Gazeta* e foi para *O Estado*. Só aguentou o rojão durante oito meses. Não sabia que ser “dono” de jornal dava tanto trabalho.

— Venér, me desculpe, mas queria dar baixa.

Venelouis ficou empurrando com a barriga porque não queria que

Pedro deixasse o jornal. Mas aí, este já estava mordido pela mosca azul e acabou indo para o jornal *O Povo*, com nova carteira de trabalho.

Na redação do jornal *O Povo* recebeu logo no primeiro dia um comentário do jornalista Pádua Campos, editor de Política:

— Ah, rapaz, eu conheço demais seu pai lá da UDN, de Maranguape. Pádua, sisudo e formal, havia sido deputado estadual pela UDN e logo criou enorme empatia por Pedro. Ficaram amigos.

— A gente bebia junto. Na redação do jornal, nem nos cumprimentávamos, ele não queria demonstrar intimidade e afetividade, nem nada. Mas na mesa do bar, a conversa era outra.

O jornalista destaca um traço forte em Venelouis. Ele era absolutamente averso a qualquer tipo de censura.

— Não tinha, nunca teve.

— Pedro Gomes de Matos, que é que você tem aí? Quais as quentes do dia?

— Doutor, tenho esses assuntos aqui etc., etc.

— Muito bom. Não dá para publicar tudo porque o jornal tem poucas páginas, vamos ver aqui as melhores matérias.

Pedro relembra:

— Ele dialogava com o repórter, o que é que você acha disso? Ao contrário dos outros donos de jornais e de editores que decidiam tudo sozinhos, sem dialogar. Eu me lembro que quando eu trabalhava no jornal *O Povo*, de manhã, eu passava na Câmara Municipal, aí era Arena e MDB. O editor J. C. Alencar Araripe chegava na minha mesinha na redação, batia no meu ombro assim e dizia: “Olha, primeiro faça os discursos dos nossos amigos da Arena”, aí depois é que eu tinha que fazer do vereador Barros Pinho, do vereador Juarez Leitão, parlamentares da oposição. E quando os dois usavam a tribuna, simultaneamente, um e outro, assim quase simultâneo, um atrás do outro, sequencialmente e tudo, eu ficava em dúvida porque todos os dois pronunciamentos eram bons e se eu fizesse os dois, os dois iam para a cesta do lixo. Então tinha

que optar entre um e outro, era um dilema... shakespeariano. Era um dilema. Se algum dia eu ainda tiver saco pra botar num livro essas coisas...

Pedro lembra que em sua temporada como repórter político, o jornal *O Povo* tinha um index com 70 nomes, sendo que o primeiro nome proibido de ser citado no jornal era o de João Jacques Ferreira Lopes, irmão de Paulo Sarasate, com quem brigou.

Ele comenta, repetindo uma frase que seu pai sempre citava:

— Só três coisas dividem família: herança — que é dinheiro —, mulher e política. Meu pai dizia isso, meu pai era um sociólogo. Só três coisas dividem família... Tanto é que antes de morrer, ele já fez a divisão dos seus bens para todos os filhos. Deixou metade pra mamãe, que é por lei, e a outra metade dividiu entre os filhos.

Não foram poucas as vezes em que o repórter tomou uns uísques com Venelouis. Certa vez no próprio apartamento deste. A tecnologia de comunicação interpessoal por voz a longa distância era exclusivamente o telefone, e Venelouis tinha um com uma extensão de 20 metros, o que permitia mobilidade a ele dentro do apartamento. Para onde ia levava o telefone, não deixava ninguém atender.

Em um desses dias, o telefone toca exasperadamente e Pedro Gomes de Matos Neto não consegue ouvir telefone tocar sem, compulsivamente, antedê-lo. Venelouis estava no banheiro, havia esquecido de levar o telefone.

Pedro atendeu, ao melhor estilo mordomo:

— Alô, casa do Dr. Venelouis Xavier Pereira.

Tinha que chamar de doutor, que ele gostava, Dr. Venelouis Xavier Pereira.

— Olhe, quem está falando?

— É o filho dele. Ele está?

— Um momentinho, que vou chamá-lo —, disse dirigindo-se à porta do banheiro e fazendo um toc-toc..

— Venér, seu filho quer falar com você ao telefone.

— Pergunte qual deles. Qual deles e de qual mulher!

— Ele está perguntando quem é o filho dele, ele tem mais de um.

— Diga que é o que fuma maconha.

— Venér, ele está dizendo que é o filho que fuma maconha.

Logo depois, após Venelouis conversar com o filho Stevenson, volta o olhar para Pedro e ensina:

— Pedro Gomes de Matos, vou lhe dar um conselho. Só tenha filho com uma mulher. Eu fui casado várias vezes e tudo. Tive filho com mais de uma mulher, mas não dá certo porque para três coisas não existe “ex”: Ex-filho, por exemplo. Existe ex-mulher, ex-prostituta, mas não existe ex-filho, ex-corno e ex-gay!

Hoje, Pedro comenta:

— Venelouis era um libertário! De liberdade. Ele deixava a gente totalmente à vontade.

Em 1977, no dia 13 de maio, Pedro Gomes de Matos Neto vai fazer a cobertura da inauguração da nova sede da Assembleia Legislativa do Ceará, que saía do Centro da cidade para o bairro Dionísio Torres, uma vistosa construção horizontal no declive da avenida Desembargador Moreira rumo ao sertão.

Sessão solene à tarde com pompa e circunstância, e a presença ilustre do general presidente da República, Ernesto Geisel. O governador José Aduato Bezerra de Menezes faz discurso cheio de emoção e orgulho, ainda mais porque estava sendo homenageado em vida: a nova sede recebia o pomposo nome de Palácio Deputado Aduato Bezerra.

O problema é que estava caindo uma chuva torrencial em Fortaleza, ensejando ao então senador Virgílio Távora uma das suas saudáveis ironias:

— Luiz, vocês aqui no Ceará constroem prédios como se estivéssemos na Arábia Saudita. Porque vocês pensam que aqui não chove.

Dirigia-se ao seu amigo, engenheiro Luiz Marques, que assinava o projeto de engenharia do prédio. Começou a aparecer goteiras no teto de concreto do plenário e tiveram que, rapidamente, providenciar um guarda-chuva para Geisel.

A proximidade com a Rádio Iracema fez com que muitos profissionais da emissora atuassem também no jornal *O Estado*. Era o caso do repórter policial Geraldo de Castro, redator do programa policial que ia ao ar depois das 13 horas. Era o caso também de Newton Pedrosa, nome profissional de Francisco Mozenito Soares Pedrosa que iniciou, muito jovem, sua carreira na comunicação, como redator e locutor da Rádio Iracema de Juazeiro do Norte, cobrindo a política local, principalmente Câmara de Vereadores e Prefeitura Municipal à época dos gestores Conserva Feitosa, José Monteiro de Macedo, José Geraldo da Cruz.

Quando Newton concluiu o científico no Ginásio Diocesano do Crato, dirigido pelo monsenhor Montenegro, o sargento Josias Pires Pedrosa, seu pai, decidiu mudar-se para Fortaleza para continuar a educação dos filhos. Em 1957, aos 20 anos, Newton ingressa na faculdade de Direito, ao mesmo tempo em que atua como redator e locutor da rádio Uirapuru.

O programa político, de 15 minutos, com notícias e comentários, ia ao ar às 13 horas, precedido pelo programa de Cid Carvalho e sequenciado por um programa policial de grande audiência. Era o horário nobilíssimo do meio dia em uma época em que Fortaleza tinha basicamente Rádio Clube, Rádio Iracema, Rádio Verdes Mares e, em março de 1958, chega a Rádio Dragão do Mar.

Em 1962, já repórter da Rádio Iracema, estreia em mídia impressa no jornal *O Estado*. Havia uma ligação muito forte entre a Rádio Iracema e o jornal *O Estado*. Fernando César Mesquita de um lado e Odalves Lima de outro.

Newton tem duas fases no jornal *O Estado*, à época de Odalves Lima no governo Parsifal Barroso e, depois, já sob a batuta de Venelouis, em 1966. Nesse intervalo, foi colunista do jornal *Gazeta de Notícias*. Em 1975, sobe a rampa do Palácio da Abolição, como assessor de Adauto Bezerra.

— Venelouis sempre foi de um bom relacionamento e sempre dava muita liberdade para se escrever. O que não acontecia nos outros jornais e nas emissoras de rádio. Publicava os artigos de Jáder de Carvalho... eu estava muito bem acompanhado.⁴⁸

Nos quatro jornais onde escreveu, *O Estado*, *Gazeta de Notícias*, *Correio do Ceará* e *Tribuna do Ceará*, Newton Pedrosa ganhou notoriedade pelo volume de informações de sua coluna e pelos comentários, críticos e cáusticos.

Virgílio Távora, governador do Ceará em segundo mandato, iniciado em 1979, não gostava de críticas, ainda mais quando as considerava injustas. A qualidade é que não guardava rancor. Newton Pedrosa fez críticas a ele, com apenas três meses de novo governo — não por maldade, mas para tentar ajudar — e recebeu um recado, via deputado Aquiles Peres Mota, na ante-sala do plenário da Assembleia Legislativa:

— Olhe, Newton, o Virgílio quer conversar com você.

— Olha, Aquiles, eu não vou porque sei que ele vai vir com grosseria.

Coincidentemente, ia passando Adauto Bezerra, então deputado federal, que estava em visita à casa:

— Olha, Adauto, o Virgílio há três dias que chama esse rapaz pra conversar e ele diz que não vai.

— Por que você não vai? — pergunta Adauto para o seu amigo de longas datas e ex-assessor de imprensa.

— Eu não vou porque em chegando lá, certamente ele vai vir com aquela ironia, com grosseria... Eu sei como ele é. E eu vou ter que responder e vai ficar pior.

— Não, rapaz. Você tem alguma coisa contra ele?

— Tenho não.

— Pois vá.

Então resolveu ir. No gabinete, é anunciado e Virgílio manda entrar. Estava visivelmente irritado, como indicava o nariz avermelhado. Quando ficava mau humorado, o nariz de Virgílio dava logo sinais

— o nariz ficava vermelho, vermelho, vermelho.

Sobre a mesa do governador, a coluna marcada de vermelho. Os dois estavam a sós. Nem água ou café foram servidos, o telefone fora do gancho.

— Bom dia!

— Bom dia.

— Sente-se. Doutorzinho, quero dizer ao senhor, que o senhor todo dia escreve umas bobagens contra o meu governo...

Newton viu que VT estava realmente zangado e confessa que teve vontade de rir, mas se controlou. O governador continuou sua peroração com o mesmo timbre monocórdio e ligeiramente áspero:

— O senhor só escreve bobagem contra o meu governo. Sei disso porque leio a sua coluna todo dia.

O interlocutor continuou como ouvinte e sequer agradeceu o suposto elogio do influente leitor. Talvez na ausência do elogio, se retratou imediatamente:

— Mas também o governador lê tudo, até o Almanaque Capivarol. Newton não perdeu a fleuma:

— É por isso que tem dias que o senhor está de bom humor.

— Olhe, eu vou dizer uma coisa ao senhor. Doutorzinho, eu tenho dedicado a minha vida toda ao Ceará, tabalho pelo Ceará, mas o Ceará não reconhece o meu trabalho porque o Ceará não me merece.

— Muito bem —, pigarreia Newton, com sua voz rivalizando com a de Virgílio. Este, continuava aborrecido e talvez, ainda mais, pelo silêncio de Newton.

— Nesses dias eu pego meu boné, deixo esta merda, vou embora, porque o Ceará não me merece.

Parou aí. O jornalista calado estava, calado ficou. Não puxou conversa. Olhou para um lado, olhou outro lado, pedindo, gestualmente, para sair.

— Bem, governador, então eu estou liberado? — então se levantou e, por um segundo, ficou reticente se daria ou não a mão, em um aperto final, de despedida. Temia que VT não correspondesse. Mas,

ato contínuo, veio o aperto de mão, frio, formal.⁴⁹

O clima tenso foi desfeito no futuro bem próximo, em um dos muitos coquetéis ofertados pelo Abolição aos jornalistas e a formadores de opinião.

— Ele se refazia rápido, ele não guardava rancor. Às vezes nossa proximidade era tão boa que ele me chamava de “seu cabeça de bagre”.

Na campanha de Aduino a governador, em 1986, disputando com Tasso Jereissati, os homens de imprensa eram Newton Pedrosa e J. Ciro Saraiva, em lados opostos. Newton com Aduino, Ciro Saraiva com Tasso. Mas, à noite, todos os gatos são pardos. E, à noite, os dois antagonistas, profissionais, se encontravam para tomar cerveja em lugar incerto e não sabido. Foi em uma dessas saídas que Newton, pela primeira vez em sua vida, viu dois sacos cheios de queijos — “queijo” aqui eram os pacotes de dinheiro organizados e separados com fitas amarelas.

— Você não está vendo nada! — ditou o amigo “opositor”. E continuaram as sessões de cerveja onde conversavam sobre tudo, menos sobre as campanhas de cada um.

Newton reconhecia em Tasso um potencial muito maior.

— Foi Tasso quem desenvolveu a administração pública no Ceará.

JOSÉ RANGEL, DA POLÍTICA PARA O COLUNISMO SOCIAL

O jornalista é José Carneiro Rangel.⁵⁰ Escreveu uma das colunas mais apreciadas do jornal *O Estado* nos anos 1960. Esse paraibano acidental — filho de cearenses — nascido a 31 de dezembro de 1946, começou sua carreira na Rádio Verdes Mares, com Edilmar Norões, Cid Carvalho, Mardônio Sampaio, no quarto andar do edifício Pajeú, onde hoje é o prédio do Tribunal de Contas do Estado.

Estreou em jornal impresso no *Diário do Povo*.

— O primeiro jornal que eu trabalhei foi com o *Diário do Povo*, em 1960, a convite de Cid Carvalho, filho de Jäder de Carvalho.

Queriam uma coluna social e Rangel, àquela época, não tinha experiência nenhuma com colunismo. A vantagem dele é que frequentava o seletos e fechado Ideal e demais clubes sociais, não por ser jornalista, mas por tradição familiar. Seu pai, José Alfredo Rangel, era médico e farmacêutico, graduado em Medicina e Farmácia pela Universidade do Ceará. José Rangel aceitou o desafio e foi fazer a coluna social no jornal de Jáder de Carvalho, dona Margarida, mãe do Cid e o deputado Aquiles Peres Mota, também diretor do jornal, casado com Lia Saboia. O *Diário do Povo* foi a grande trincheira de Jáder de Carvalho, intelectual engenhoso e original, também ele, um panfletário. Em 1966, lá estava Jáder de Carvalho, já sem o seu jornal, escrevendo em *O Estado*, sob Venelouis Xavier Pereira. O utópico panfletário Venér abrigou todos os panfletários desterrados.

Para termos ideia do potencial panfletário de Jáder, vejamos este episódio narrado por Sebastião Nery, onde ele desacata um desafeto, o ex-deputado estadual e professor Heribaldo Dias da Costa (Heribaldo Costa), que, em 1968, recebeu o título de Cidadão Cearense. Heribaldo fora também professor da Faculdade de Direito, onde em 1961, João Soares Neto fora seu aluno,⁵¹ arrolando-o como um dos seus inesquecíveis professores:

— No primeiro ano tive a honra de ser aluno do professor Heribaldo Costa, em *Introdução à Ciência do Direito*, um dos mais brilhantes entre os primorosos Paulo Bonavides, Olavo Oliveira, Fran Martins, Roberto Martins Rodrigues, Aderbal Freire, Clodoaldo Pinto, Amorim Sobreira, Luiz Cruz de Vasconcelos e outros.

Pois Jáder tinha exagerado despreço pelo citado professor e sobre ele deu registro desabonador em seu *Diário do Povo*, narrado, depois, por Sebastião Nery:

Heribaldo Costa, professor, jurista, cearense ilustre, era inimigo do diretor do *Diário do Povo*, de Fortaleza, Jáder de Carvalho (pai do jornalista Cid Carvalho). Heribaldo foi à Europa, voltou. O *Diário*

do Povo noticiou: “Chegou da Europa o ilustre professor Heraldo Bosta” [sic]. O professor, indignado, entrou na Justiça contra o jornal. O DP perdeu e foi condenado a se retratar na primeira página. Jáder de Carvalho escreveu uma nota grande, desculpando-se:

Esse jornal, sem querer, por equívoco gráfico, cometeu um erro imperdoável. Chamou de Heraldo Bosta o ilustre professor de nossa Faculdade de Direito. Sabem os leitores que jamais este jornal poderia chamar de Heraldo Bosta um intelectual do nível e do renome do ilustre professor da faculdade de Direito. Até porque jamais soubemos que o ilustre mestre se chamasse Heraldo Bosta.

Mas, errar o nome de personalidades ocorre em todos os jornais do mundo. Acabamos chamando de Heraldo Bosta o venerando catedrático da faculdade de Direito.

Cumprindo determinação judicial, estamos nos desculpando e informando aos leitores que, em vez de Heraldo Bosta, o verdadeiro nome do distinto professor é Heribosta Caldo” [sic].

O professor Heribaldo Costa pegou um revólver e foi ao jornal matar o diretor Jáder Carvalho. Não deixaram.⁵²

Em 1962, José Rangel foi para o jornal *O Estado*, a convite de Dário Macedo. Na verdade, a decisão foi do governador Parsifal Barroso, que “tinha uma ascendência financeira muito grande no jornal”, e como ele era muito amigo da família de Rangel, não admitia que o filho de um amigo dele trabalhasse em um jornal que lhe fazia oposição.

— Realmente o *Diário do Povo* batia muito forte nele. Jáder o chamava de Macacão, devido ao tipo físico de Parsifal. Chegaram certos momentos em que a polícia invadiu o jornal, tentou empastelar o jornal. O governador disse que não tinha nada a ver com aquilo, tinham sido pessoas ligadas a ele que tinham tomado essa providência. Mas um dia eu estava lá, se aguardava alguma invasão, coisas de algum jagunço ligado à área oficial, aí eu disse ao Aquiles que ia sair porque eu não tinha nada com aquela briga deles. Então, o Parsifal autorizou o Dário Macedo a me convidar para o jornal *O Estado*. Realmente o

jornal *O Estado* era de grande expressividade, um matutino de grande expressão. *O Estado* e o *Unitário* eram os dois matutinos mais importantes do Ceará na época.⁵³

Themístocles de Castro e Silva administrava a redação do jornal e o Odalves Lima era o secretário de redação, “que fazia tudo, era pauteiro, mandava e desmandava em matérias, fazia a revisão, praticamente tocava o jornal”.⁵⁴

José Rangel, testemunha ocular de um jornalismo totalmente engajado, como era a regra, nos conta:

O Themístocles estava no jornal sempre, o interesse dele era pela parte política, ele escrevia o artigo de capa, era o editorial. Depois do rompimento do Parsifal com o Carlos Jereissati, quando surgiram todos aqueles boatos e coisas da época, era muito difícil.

Todos os jornais daquela época faziam política, não tinha um que não fosse voltado para esse interesse, o *Unitário* fazia para os Diários Associados, o jornal *O Povo* para o Paulo Sarasate, da UDN. *O Estado* era ligado ao PSD, depois PDN com aquelas mudanças de partido. *O Nordeste*, outro vespertino da época, era do clero. A *Gazeta de Notícias* era um jornal matutino. Naquele tempo os jornais pela manhã eram: *Unitário*, *O Estado* e a *Gazeta*. A *Gazeta* era ligada ao José Macedo, defendia mais a área empresarial, embora o Luís Campos, um dos diretores, fizesse alguma coisa ligada à política, porque os objetivos deles eram chegar em cargos políticos, era a prefeitura ou ao Estado.

N’*O Estado*, o Odalves era uma pessoa sem expressão, no sentido de ser na dele, quieto, não dava pitaco em nada, tinha uma cultura enorme, era comunista, mas totalmente na dele. Os comunistas da época eram pessoas muito recatadas, não se manifestavam. Ele era uma pessoa muito na dele, terminava a redação e ele, o Morais Neto, Durval Aires, J. Arabá Matos juntavam uma turma e iam para o bar.

A coluna escrita por José Rangel era muito eclética, porque juntava arte, economia, a vida política e social, em um período muito tenso que foram os meses que antecederam a revolução de 1964: “um período muito conturbado, os militares começando a colocar a cabeça de fora”. Os jornais davam muita cobertura aos militares em uma época em que somente duas agências de notícias forneciam informações para os jornais — a UPI e a Associated Press — e não eram brasileiras. Os jornais eram a grande fonte crível de informação e tanto as edições da manhã e da tarde eram disputadas nos pontos de venda.

Continua José Rangel:

Meu período no jornal *O Estado* foi de maturação da realidade jornalística com foco no jornalismo impresso. Eu tinha uma visão de rádio, mas de impresso, não. Aí eu aprendi a conviver com isso, aprender como fazia, como aquela época toda era no chumbo. Não existia internet, até os telefonemas eram difíceis, o repórter tinha que ir buscar informações direto na fonte. Eu ia à Assembleia pela manhã, as sessões eram à tarde.

Com o Mauro Benevides foi o período mais difícil, aquele da revolução. Ele tentava conciliar as coisas com aquele jeito dele. Até tem histórias da prisão do Dorian Sampaio, que estava em casa e telefonou para ele avisando que os militares estavam lá pra levá-lo, mas o Mauro disse que ele não fosse a lugar nenhum que ia ligar para o André, que era o general André Fernandes, comandante da 10ª Região Militar de 9 de maio de 1964 a 15 de setembro de 1965. O André não o recebeu, aí o Mauro mandou logo o Dorian sair de lá, que o negócio estava feio.⁵⁵

Anos mais tarde, com o jornal já sob a propriedade de Venelouis, Rangel recebeu um convite inusitado, mas também afetuoso. Venelouis o convidou mais de uma vez, se ele não gostaria de fazer uma coluna social no jornal. Não precisaria nem assinar para não ter que

sair do jornal *O Povo*.

— Venelouis era aquele tipo de pessoa que quando gostava de alguém era pra valer, mas quando ele também não gostava era sem limites, sentia raiva mesmo. Eu convivi muito com a Wanda, na época era advogada do DNOCS, então a gente convivia muito até a separação, porque ele tinha aquela vida amorosa complicada. Na época ele tinha uma amizade muito forte com a Cléa Petrelli, ele me pediu até pra ajudar divulgando-a através do jornal *O Povo*. Se você consultar a coluna da época verá muitas fotos dela, sempre citada onde estivesse com o Venelouis.

17. Os milagres da impressão

O jornal se reinventando a cada dia

Venelouis era um Midas na formação de profissionais da maneira mais insólita. Ele formou gente com pouca instrução e até sem alfabetização. O método era o mais pragmático possível. No começo, as pessoas assumiam funções na área de serviços gerais, limpeza das oficinas, manutenção, serviços de escritório. Mas eram as oficinas do jornal o grande laboratório de formação nas suas áreas de composição, impressão e acabamento.

Antonio Valderi Martins foi um desses eleitos por Venelouis Xavier Pereira. Nascido em Coreaú no dia 9 de dezembro de 1953, veio para Fortaleza aos 16 anos, e conseguiu uma ocupação no Mercantil São José, no Centro da cidade. O "mercantil" era o maior supermercado de Fortaleza nos anos 1970 e patrocinava um programa de televisão, na TV Ceará, canal, 2, apresentado por Augusto Borges. Era o *Show do Mercantil*.

Para ampliar a renda, Valderi acabou conseguindo uma posição, agora no jornal *O Estado*, ainda na rua 24 de Maio. Admitido pelo próprio Venelouis, Valderi fez todo o percurso do jornal, do Centro para a Aldeota: da rua 24 de Maio foi para a avenida Heráclito Graça, depois foi para a avenida Barão de Studart, e depois para a avenida

Santos Dumont, esquina com a rua José Lourenço. Na avenida Barão de Studart dividia espaço com a fábrica de sorvetes e picolés Gelatti, do empresário Sérgio Philomeno.¹

— O doutor entrou em sociedade com ele na época.

— Valderi, você que é homem de múltiplas funções, vai comandar cada detalhe da construção dessa nossa nova casa.

Venelouis estava empolgado com a aquisição da nova sede do jornal, na rua Barão de Aracati, na Aldeota. Mas precisava transformar o imóvel residencial em uma estrutura aquequada para acomodar a redação, os escritórios, as oficinas e a recepção.

— Doutor, pode deixar que eu cuidarei dos detalhes dessa obra.

Anos depois, Valderi se orgulhava do feito.

— Eu fundei isso aqui, eu que fiz isso aqui tudo. Essa sala, onde estamos agora, foi projetada com minha força humana.

Ricardo Palhano dava as coordenadas, apontava o que deveria ser feito no novo prédio, e Valderi comandava a tropa, realizando o que era determinado pelo jovem diretor.

Ele chegou ao jornal em 1966, no momento em que a redação saía do Centro de Fortaleza para a avenida Heráclito Graça, nas imediações da rua dona Leopoldina. Foi indicado por um amigo, e sua principal função era a de apanhar a grande quantidade de papel que espirrava da velha e barulhenta impressora plana durante o processo de impressão. Ele colhia as folhas uma a uma, organizava e retornava para a bacia de alimentação da impressora. O turno era pesado, de seis da tarde às oito horas da manhã.

Venelouis adquiriu uma impressora *offset* plana ao mesmo tempo em que o jornal saía do Centro. Uma mudança tecnológica radical que pedia o suporte de uma máquina fotomecânica para produzir os fotolitos. O custo dos novos insumos — fotolito e chapa, a matriz da impressão — era alto, cotados em dólar americano.

As oficinas viraram uma escola informal, aprendendo na marra

as etapas de produção para o processo de impressão *offset*. Fazendo e aprendendo, repetindo procedimentos, aperfeiçoamento os processos pela repetição.

Venelouis estimulava a cooperação e a multiplicação do conhecimento — quem aprendia, compartilhava. A ponto de o rapaz que começou como catador da folhas perdidas no processo de impressão virar chefe das oficinas e, depois, impressor.

Uma “inovação” espetacular naqueles anos bichudos. O pessoal das oficinas, conta Valderi, conseguia reutilizar a chapa de impressão até que ela furasse. A chapa, em tese, até aquele momento só poderia ser usada uma vez, porque ela era pré-sensibilizada, “queimada” e, posteriormente, revelada após a gravação por exposição à luz, em processo similar ao da cópia fotográfica.

Seria possível reutilizá-la para a gravação de uma nova matriz? O jornal *O Estado* descobriu que sim e isso representou uma enorme economia. O processo foi batizado de granitagem, usando-se, artesanalmente, areia grossa, da praia, e bilas para apagar a área de grafismo. A chapa ficava dentro de uma estrutura de madeira e a areia e as bilas eram movidas em movimentos diagonais, de um lado para outro, com oscilação de cerca de 15 graus. Um pequeno motor acoplado à base de madeira acionava o movimento. Depois de granitada, a chapa era ressensibilizada com o líquido verde que se aplicava sobre ela — ficava com a aparência igual à de uma chapa nova. Depois colocada para secar sob o sopro de um ventilador e em poucos minutos estava pronta para ser “fotografada” novamente. A chapa era reaproveitada até furar.

Se tivesse patenteado essa “tecnologia,” Venelouis teria despertado a ira dos grandes fornecedores de material fotográfico, a maioria multinacionais. Ao invés de comprar a chapa, ele comprava somente o sensibilizador, a preço de banana.

A chapa, de zinco grosso, media 1m20x1m20 e imprimia em cada face quatro páginas do jornal. Anos depois, a indústria desenvolveu

chapas extremamente finas e flexíveis. Agora, ficava impossível qualquer reaproveitamento que não a reciclagem.

Comprávamos chapas bem grossas de modo que pudéssemos reutilizá-las pelo menos até umas 30 vezes. Nos anos 1970, o custo das chapas para impressão tinha um impacto enorme no orçamento do jornal. Inventamos uma máquina que gratinava a chapa até apagar as ranhuras da impressão anterior: para isso usávamos bilas — as bolas de gude — e areia grossa da praia. O processo durava de uma a duas horas por chapa. Era uma economia muito grande.²

A engenhosidade de Venelouis criou o sistema de fotoletas, cópias fotográficas dos tipos, que depois eram recortados um a um e montadas as palavras das manchetes principais do jornal.

Valderi era o homem do fotolito e do retoque. Cumpria todas as etapas da preparação das matrizes até o início da impressão. Trabalhava com materiais químicos, principalmente reveladores e fixadores. Não usava luvas, mesmo com os alertas do patrão.

— Eu acabei a cabeça dos dedos, olha as mãos, olha hoje em dia.

— Valderi, coloca luvas.

— Não dava tempo, doutor. Eu prefiro mexer no grosso mesmo. Tenho tempo pra luva não.

Por conta disso, danificou as extremidades dos dedos, comprometendo a sensibilidade e também perder parte das unhas.

O tino daquele cearense do interior que chegou no jornal apanhando folhas de papel levou-o a dominar todas as etapas da pré-impressão, da impressão do jornal e também do acabamento.

— Passei a imprimir também. Fazia o fotolito, eu granitava a chapa, recebia as páginas feitas pelo doutor Venelouis, depois levava pra ele ver a página, se estava sem erros e só depois ia fotografar na fotomecânica. Não fazia nada sem mostrar a ele, vai que tinha algum erro. Ele passava a noite lá, com a gente. Só saía quando a impressora

plana começava a pintar o papel.

Na política interna de redução de custos, Venelouis comprava do jornal *O Povo* grandes mantas — sobras — de papel bobina que rasgavam durante a impressão e as convertia em folhas de resma. A guilhotina do jornal aparava as folhas rasgadas na bobina e transformava-as em folhas planas, de resma, isto é, de um metro quadrado. Isso significava uma economia enorme.

Na impressora plana, primeiro era impressa a frente e depois o verso, depois vinha a dobra, manual, realizada por uma tropa de dobradores e de encadernadores.

— Na primeira vez que eu fui fazer a impressão, dois colegas me deixaram sozinho. Foram embora. Eu não sabia o que era a primeira página e o que era a página 12 — eram 12 páginas. Aí eu achei uma página mais bonita que a outra, então troquei a página 12 pela primeira página.

O jornal circula com a capa no final do caderno e a página 12 no local da capa.

— Tava bonito demais, ficou lindo!

O jovem rapaz retorna ao trabalho naquela tarde e até esperava um agrado. Uma excitada voz ecoa nas oficinas, adentrando. Era Venelouis:

— Valderi!!!!

— Boa tarde, doutor.

— Foi você que fez isso aqui? Foi você que fez?

— Doutor foi eu, sim. Tá bonito não o jornal? Tá lindo!

— Mas você fez sozinho?

— Sozinho, doutor. Todos foram embora, o Fran Erle e o impressor foram embora. Eu fiquei sozinho imprimindo o jornal.

— Rapaz, mas você é mesmo um artista!

Venelouis, visivelmente abalado, estava ironizando para ver se a ficha caía. — Valderi, você acha que tá certo isso daqui?

— Tá, doutor. Por que?

— São 12 páginas no jornal e você manda a primeira página para o final?

— Mas doutor, essa aqui não tem numeração. A primeira página também não tem numeração, né, como eu iria saber?

A ingenuidade do rapaz amoleceu o coração de Venelouis que acabou por tê-lo como um colaborador que fazia até alguns serviços pessoais, reservados.

O jornal circulou normalmente.

E Valderi acabou se entranhando na mecânica da máquina impressora *offset*, a ponto de Venelouis dispensar os serviços do mecânico Raul, que vinha do Rio de Janeiro quando a impressora quebrava.

— Mas seu Raul, a máquina tá no prego, pegue o avião aí e venha simhora.

Até o mecânico chegar em Fortaleza, era um dia perdido.

— O problema da máquina é que ela só funcionava puxando uma folha, quando passava para puxar 10 folhas ela morria, enganchava. Travava um cilindro e o Raul vinha novamente do Rio de Janeiro para Fortaleza, com passagem, hospedagem, mais o pagamento pelo conserto. Aí o que é que eu fazia, eu fui observando Raul desmontando a máquina e corrigindo o problema. Aí teve um dia que a máquina travou novamente.

— Doutor, a máquina quebrou de novo.

— Puta que pariu, de novo? Vou chamar o seu Raul.

— Não, doutor, num precisa chamar o seu Raul não. O senhor deixa eu mexer na máquina?

— E você já sabe mexer na impressora?

— Sei. Já sei fazer o que ele estava fazendo, pro senhor não chamar mais ele.

— Pois vá, pode desmanchar ela e monte de novo. Em quanto tempo você faz isso?

— Duas horas pra desafrouxar os parafusos que regulam. Depois eu coloco uma folhinha nos dois cilindros e regulo a espessura no

parafuso de modo que ela possa ser puxada sem engasgar.

— Espetacular!

A primeira impressora rotativa do jornal foi uma Goss, comprada à época da sociedade de Venelouis com Sérgio Philomeno, quando o jornal passou a funcionar na sorveteria Gellatti. Ao fim da sociedade, o jornal volta para uma impressora plana, já que Philomeno ficou com a Goss e a vendeu para *O Estado de Minas*, jornal dos Diários Associados, em Belo Horizonte.

Valderi foi quem desmontou a rotativa Goss na operação de guerra que transferiu a impressora da sede da Gellati para o novo endereço do jornal, na avenida Santos Dumont esquina com rua José Lourenço.

Antes, Venelouis se assegurou com Valderi se ele de fato conseguiria remontar aquela engenhoca. Desmontar certamente seria mais fácil. O homem que chegou no jornal como catador de folhas de papel cuspidas pela impressora plana desafiou a tecnologia de Fred e Sam Goss, os fundadores da Goss Printing Press Company, de Chicago (EUA), há 140 anos, que produzia as inovadoras rotativas Goss, de impressão em *offset*. Valderi topou o desafio e, como disse, fez.

— Vamos apostar em você, pode desmontar.

— Doutor, já sei como é a engenharia dessa Goss. A espinha dorsal dela é o sistema de eixo.

De fato, as quatro unidades da máquina plana são réplicas exatas.

— Ela tem umas conexões que se você tirar o parafuso aqui e fizer isso aqui, ela separa. Pronto, é só eixo de transmissão, ela é eixo de transmissão de uma para outra unidade. Desgrudou uma unidade da outra unidade, pronto. Desparafusou o parafuso da base, a gente leva ela pra onde quiser. Dobradeira separada, tudo.

Esse conhecimento todo Valderi obteve nos nove meses que passou no jornal *O Povo*, trabalhando com o impressor Maciel, um mestre na técnica da impressão, já operando uma Goss.

Foi quando Venelouis cometeu um dos maiores erros empresariais de sua vida ao assumir a gestão do jornal *Correio do Ceará*, o que incluía todo o passivo da empresa e uma extensa folha de pagamento. Por conta disso, *O Estado* passou a ser impresso também no parque industrial do *Correio* e então ele demitiu seus impressores.

Nove meses depois, Venelouis viu que o *Correio do Ceará* era um buraco negro. Para honrar a folha de pagamentos, estava usando as reservas amealhadas com a operação do jornal *O Estado*, o que irritava Ricardo Palhano.

Ricardo alertava:

— O senhor não está vendo que isso não vai dar certo.

Venelouis acabou sensibilizado pelas evidências e pelas perdas financeiras. Sua vaidade em operar o jornal fundado pelo conterrâneo cariense João Brígido iria lhe custar a saúde financeira do próprio jornal *O Estado*. E entregou os pontos.

— Valderi, estou precisando de você novamente.

— Mas doutor, estou há nove meses no jornal *O Povo*.

Venelouis meteu a mão no bolso e tirou um bolo de dinheiro. Catou uma dezena de cédulas graúdas.

— Tome o dinheiro da rescisão e pague o jornal.

O diretor José Raymundo Costa, administrativo e financeiro do jornal *O Povo*, estranhou a saída abrupta do impressor, que já caíra no agrado dele, sempre afeito também às oficinas.

— Seu Costa, o doutor tá me chamando pro jornal de novo e eu sou o homem dele, impressor dele e eu quero voltar pra lá.

— Mas rapaz, você começou aqui não tá nem com um ano.

— Mas eu quero voltar pra lá, num posso deixar ele na mão.

— Então está bem. Vá lá socorrer o homem.

— O que você pode fazer por mim? Quanto é meu aviso?

— Vou mandar o rapaz fazer os cálculos.

— Pois está aqui o dinheiro pra pagar.

Costa, perspicaz e às vezes mordaz, esboçou um discreto e irônico sorriso. Pensou com seus botões e dirigiu-se ao impressor.

— Esse Venelouis. Rapaz, guarde o seu dinheiro e diga que mando um abraço pra ele.

José Raymundo Costa, sempre justo, até por influência de sua religião protestante, dispensou qualquer multa e o dinheiro voltou para Venelouis. Joracos mandou dar baixa imediatamente na carteira de trabalho de Valderi e à noite Venelouis estava com o seu novo impressor velho.

Enfim, novamente em casa. Valderi e parte majoritária da tropa não se sentia funcionário de Venelouis, não.

— A gente era filho dele. Ele tinha os filhos dele, mas tinha os filhos do jornal, entendeu? A gente era filho dele. Se a gente precisasse de algum dinheiro durante o mês, e chegasse pra ele relatando algum problema nosso, ele chegava junto, ajudava a gente. No final do mês, hora do pagamento, ele perguntava: “Quanto você me deve?” Porque não tinha folha de pagamento, a folha era o bolso dele. Ele metia a mão no bolso e rebojava um monte de dinheiro em cima da mesa.

— Quanto é que você me deve?

— Doutor, o senhor me adiantou 200 cruzeiros.

Ali era a consciência do funcionário. Este dizia o valor do adiantamento, Venelouis fazia o desconto, metia a mão no bolso e pagava a diferença, não sem antes perguntar:

— Quanto você ganha, meu filho?

Na relação umbilical com o cotidiano do jornal, parte de sua própria vida, Venelouis participava até mesmo da produção do lanche noturno dos funcionários. Não raro, ia para a cozinha e executava sua própria receita. Era a famosa sopa da madrugada — um panelão com caldo de galinha, arroz, batata, cenoura e outros ingredientes eventuais.

— Essa sopa veio em boa hora pra encher a barriga da gente, doutor.

O sinal dado era a percussão da colher na tampa da panela.

— Traz os meninos pra merendar, Valderi.

No dia seguinte o cardápio era carne moída com arroz, verduras, uma gororoba servida às três horas da madrugada, um verdadeiro levanta defunto. E tinha um pãozinho para acompanhar.

18. Hélder, de Themístocles a Venelouis

O olhar de quem viveu duas fases do jornal *O Estado*

José Hélder Cordeiro¹ construiu sua carreira profissional como homem de imprensa servindo na trincheira do jornal *O Estado*. Foi escola na profissão e na vida. Jogou em várias posições, como faz tudo na redação, colunista, repórter e articulista. Hélder nasceu no dia 11 de março de 1939, em Quixadá — terra dos monólitos e berço de José Martins Rodrigues, dentre tantos outros cearenses notórios. Parece que a energia cósmica de Quixadá — que já inspirou filmes sobre extra-terrestres — somando-se à força mística do Vale do Cariri tem uma relação direta com a energia do combativo e vigilante jornal. É o mais velho dos filhos de uma família de cinco irmãos, quatro homens e uma mulher, frutos do consórcio do seu Almir Cordeiro com dona Geralda Cordeiro.

Com um ano e meio de idade saiu de Quixadá porque seu pai Almir era funcionário da Secretaria de Educação do Estado e fora transferido. Naquele tempo, poucos municípios tinham médicos, ele era um enfermeiro prático, chefe de posto de saúde em diversas cidades do interior cearense. Nesse fluxo migratório determinado pela profissão, a família morou no Crato, em Pacoti, e por onde passava seu Almir, que era muito conversador, deixava amigos. Além de tudo, era viciado em política — estava bem informado sobre as sutilezas dos

caminhos e desvios dos partidos e dos políticos — e era ligado a Waldemar Alcântara e ao senador Menezes Pimentel, duas lideranças do PSD. Mas quando a UDN assumia o poder— porque havia sempre um revezamento de quatro em quatro anos —, então eram quatro anos de sofrimento. E a UDN maltratava o pessedista Almir: ele foi transferido de Quixadá para o Crato, seis meses depois foi transferido para o Pacoti, na região serrana da Ibiapaba, e em menos de um ano foi transferido para Juazeiro e, depois, veio para Crateús. Eram os maus tratos naturais que a UDN aplicava a funcionários públicos, a cabos eleitorais do PSD. E nessa refrega Hélder cresceu.

Em 1954, a família estava “exilada” em Itapagé. Hélder havia terminado o quinto ano primário no grupo escolar São Francisco — era o fim dos estudos no interior do Ceará, naquela época. Terminava o quinto ano primário, ou vinha para Fortaleza ou virava agricultor. Hélder falou para o pai que não queria mais ficar em Itapagé. Aí começou aquela história do “que você vai ser quando crescer”, “como vai crescer na vida”? Hélder respondeu aos pais que “eu não queria ser bodegueiro, nem agricultor. Queria trabalhar em um negócio que preservasse as mãos, de modo a não calejá-las”. Foi aí que se mudaram para Fortaleza.

Como o pai não tinha condições financeiras de manter todos os filhos na capital, foi preciso improvisar. A escola, localizada na rua 13 de Maio, hoje Escola Federal, era chamada naquela época de Escola Industrial. O exame de admissão era muito competitivo porque mais de 800 candidatos disputavam as 50 vagas anuais. O fato alentador era que Itapagé já aprovara cinco jovens naquela escola, então o difícil não era impossível. E Hélder acabou sendo aprovado.

No período da tarde, a escola dispunha de duas horas de curso profissionalizante. Um deles era Tipografia, onde se aprendia a compor textos usando tipos móveis e abria a mente para as possibilidades ilimitadas da galáxia de Gutenberg. Havia também cursos profissionalizantes de eletricidade, desenho, mecânica e alfaiataria.

— Um cara de mãos limpas, sem os indesejáveis calos, tinha que

ser era alfaiate —, pensou Hélder com seus próprios botões. E começou alfaiataria. Mas no segundo ano, sem um tostão no bolso, Hélder precisava trabalhar e aí apelou para a rede de relacionamentos do pai, que veio a Fortaleza cuidar disso. Um amigo do pai, Joaquim Eduardo de Alencar, era coordenador superintendente da campanha contra o calazar (leishmaniose) e ele foi trabalhar no Departamento Nacional de Endemias Rurais — DNERU, ainda adolescente, aos 15 anos, com o médico Valdemir Pereira, irmão de Venelouis Xavier Pereira que, bem mais tarde, já nos 1960, viria a conhecer.

Para continuar os estudos, procurou o professor Odilon Braveza, diretor do Liceu do Ceará, tendo como vice Boanerges Saboia. Explicou que era do interior, “um rapaz pobre que queria estudar” e então foi informado que no ano seguinte as inscrições para o exame de seleção estariam abertas.

— Se não for aprovado, nem me procure, avisou Braveza, encerrando a rápida audiência. Mas Hélder fez o teste de seleção e passou.

Assim, em 1957, estudava no Liceu do Ceará e trabalhava. Depois, em 1959, prestes a servir ao Exército, foi aprovado no curso da Escola de Sargentos do Exército. No Exército foi logo lotado no Hospital Geral, onde, em pouco tempo, passou a trabalhar como analista, usando o microscópio, e fazendo todos os exames de laboratório do Hospital.

— Passei a produzir muito, eu não tinha o que fazer, então dia de domingo eu produzia de quarenta a cinquenta exames, recebendo assim o salário mais a gratificação por produtividade.

O Hospital fora construído nos cafundós-do-judas daquela Fortaleza do final de 1959. O Hospital Geral do Exército está ali, na então rua Desembargador Moreira, onde a cidade acabava. O fim da linha de ônibus era no cruzamento do que hoje temos as avenidas Desembargador Moreira com Santos Dumont. Os passageiros desciam ali e iam caminhando para o Hospital. As duas vias eram estreitas, cercadas por mato e por plantações de mandioca.

O Hospital era a única edificação da região e as ruas eram na areia. A 500 metros ao sul, estava sendo construído um conjunto de pré-

diários horizontais, a mando de Assis Chateaubriand, que sediariam os Diários Associados no Ceará. Seria um marco na descentralização dos jornais, já que, até então, a maioria estava sediada na rua Senador Pompeu que, no dizer de Geraldo Nobre, era a nossa *Fleet Street* — referência à rua de Londres que sediava todos os jornais daquela cidade, pelo menos até os anos 1980. A despeito disso, a rua, paralela ao rio Fleet, é ainda hoje a casa espiritual do jornalismo britânico.

Já no Exército, foi recomendado pelo diretor do Instituto Evandro Chagas, no Porangabussu, ao tenente Lins — irmão de José Lins de Albuquerque, que mais tarde seria senador — que era o chefe do laboratório geral. Só que isso passou a ser um problema, porque os colegas de Hélder passaram a vê-lo como um “peixe” — um soldado privilegiado.

— Eu nem sabia, à época, o que significava ser um “peixe”.

Todos os dias, quando eu me apresentava, era liberado para ir para o laboratório. Então o sargento começou a vê-lo diferente, e quando chegou a carta da Escola de Sargentos do Exército, de Três Corações (MG) solicitando os exames físicos, onde foi novamente aprovado, Hélder ficou ansioso pelo chamado de apresentação. Só que o sargento colocou o dedo no suspiro. Pediu, de propósito, que ele enviasse uma declaração dizendo que ia ficar engajado três anos no Exército. Virara, então, potencialmente, um desertor. Não poderia mais ir para Minas Gerais.

O prestígio de Hélder cresceu ainda mais devido aos seus conhecimentos hospitalares e ambulatoriais, que logo se espalharam pelo quartel. A mãe da esposa do coronel Teles (era comandante do CPOR, foi general de Divisão de quatro Estrelas) adoeceu, ficou hospitalizada. Já amigo do tenente Lins a ponto de frequentar sua casa, onde tomavam umas cachaças com tira gosto de cajá e mais umas cervejinhas — era proibido aos oficiais confraternizarem com soldados — no dia em que a sogra do coronel ficou doente, Hélder estava na casa do tenente, tomando uma e outras.

Aí chegou um jipe do Exército e o soldado que o dirigia disse que eu precisava ir ao hospital, porque a sogra do coronel Teles estava hospitalizada e tinha que fazer uma cirurgia imediata, uma apendicite. Já eram quase cinco horas da tarde. Ele me mandou do jeito que eu estava, não deu tempo nem de ir à rua Sena Madureira, onde morava, para trocar de roupa. Fiz todos os exames e quando estava saindo, o sargento radiologista que estava lá, reclamou das minhas vestes e disse que "o jacaré vai te abraçar" — o que significava a prisão.

— O sargento fez um sermão sobre o que é andar sem uniforme. Só que a esposa do coronel Teles ia chegando e viu a situação, impediu a minha prisão e mandou que eu terminasse os exames da mãe dela. Eu sei que eu não fui preso nem nada, mas consegui mais um inimigo.

Hélder usava uma farda branca e, certa vez, foi interpretado como sendo um militar de patente. Uma vez chegou um sargento no laboratório, ele estava no microscópio, o sargento bateu continência, disse que queria fazer uns exames. Hélder tomou nota das demandas do militar. Quando ele saiu, comentou com alguém, admirado, como uma pessoa tão jovem já era tenente. "Foi quando alguém disse que eu era somente soldado. O sargento voltou ao laboratório e, muito irritado, mandou eu me enquadrar, que eu era folgado". Hélder chamou o tenente Lins, que mandou o outro sargento sair. Disse:

— Você está atrapalhando o serviço do rapaz. Deixe de ser voador.

Mais uma vez a coisa ficou ruim para Hélder porque o imbróglio vazou e os muitos sargentos não gostaram.

Roberto Queiroz, irmão da escritora Rachel de Queiroz, fora o padrinho de batismo de Hélder Cordeiro, em Quixadá. Para Roberto, amigo de Perboyre e Silva, um dos mais influentes presidentes da Associação Cearense de Imprensa, qualquer contato ou demanda era algo inerente à amizade.

Hélder Cordeiro correu ao padrinho, pedindo um empurrão para

encontrar um emprego, já que deixara o Exército. Roberto telefonou para Perboyre e Silva, na frente do afilhado e, em seguida, rabiscou um cartão com o nome de Perboyre e o endereço da ACI, já em sede própria na Rua Floriano Peixoto, 735, Centro de Fortaleza.

O prestígio da ACI era enorme a ponto de seu emblemático presidente Perboyre e Silva derrubar — ou ajudar a derrubar — secretário de Polícia.

No dia 15 de novembro de 1958, o governador eleito Parsifal Barroso anuncia em entrevista, no Rio de Janeiro, que irá rever uma série de nomeações feitas pelo governo anterior, porque iriam inchar a folha de pagamentos do Estado. Esse anúncio provoca uma série de protestos públicos nos quais jornalistas que fizeram a cobertura acabaram sendo presos: Hélio Goes — da Rádio Uirapuru, Edmundo Maia — da Rádio Dragão do Mar, Jonas Sampaio, conhecido como Galeguinho — do jornal *Gazeta de Notícias* e Tales Bezerra — do Correio do Ceará. No dia 4 de dezembro novas prisões aconteceram ainda em decorrência de novos tumultos, devido à decisão anunciada na entrevista do governador Parsifal. Foi somente com a intervenção do presidente da ACI e do diretor dos Diários e Rádios Associados, Manuel Eduardo Pinheiro Campos que o vice-governador Flávio Marcílio, no exercício do Governo, tomasse a providência de mandar soltar os presos e atribuir o deslize ao secretário Severino Sombra.

No dia seguinte Hélder foi à ACI, sendo recebido por Perboyre, que ligou para o Themístocles de Castro e Silva, o poderoso estrategista do governo Parsifal Barroso e diretor do jornal *O Estado*.

— Themístocles, vou mandar um rapaz aí, ele vem recomendado por um grande amigo meu, Roberto Queiroz; trate-o bem porque um dia esse rapaz será diretor do jornal —, arrematou, bem-humorado, jogando conversa fora.

Themístocles orientou Perboyre a mandar o rapaz ao jornal à noite, somente depois das 22 horas. À época ele conciliava o jornal, o

Curso de Direito e várias funções no governo Parsifal, onde chegou a assumir simultaneamente três secretarias — Casa Civil, Agricultura, e Administração. Era, indiscutivelmente, o homem forte do governo Parsifal Barroso.

Às 21 horas, Hélder já estava à espera de Themístocles. Foi recebido minutos depois:

— Temos uma vaga na revisão. Quando você pode começar, 'seu Hélder?

— Agora mesmo, doutor Themístocles.

O sisudo e magro diretor, envergando um paletó cinza com gravata escura, tomou um susto, já eram quase 22 horas, mas respondeu:

— Gosto da sua atitude, respondeu, e, em seguida, encaminhou Hélder para o setor de revisão. Era outubro de 1959.

Zelito Magalhães — que chegou à presidência da ACI² — era o chefe de revisão do jornal *O Estado*. O jornal tinha duas entradas, uma pelos fundos, via rua General Sampaio e a outra, a entrada da frente, pela rua Senador Pompeu, 832, ocupando, em profundidade, uma enorme área, onde atualmente funciona a Galeria Pedro Jorge, com dezenas de lojas. Foi neste endereço que *O Estado* funcionou até meados dos anos 1960, quando mudou-se para a rua 24 de Maio, na Praça José de Alencar, vizinho ao prédio da Rádio Iracema e ali permaneceu até a metade da década de 1970. A cidade orbitava em torno do Centro e do seu marco zero, a Praça do Ferreira.

O revisor Hélder Cordeiro teve sua carteira profissional assinada em 24 de outubro de 1959 pelo gerente Jerônimo Sampaio do Vale. Seu diretor geral era o jornalista Themístocles de Castro e Silva e o acionista majoritário do jornal era o líder político da Região Norte do Estado, o influente deputado Chico Monte, e o seu genro e também governador do Ceará, Parsifal Barroso.

O secretário do jornal era Carlos D'Alge, e o chefe de reportagem era Odalves Lima; Francisco Alves Maia, chefe do departamento de Esportes; subsecretário, Roberto Antunes, que chegou a ser secretário

da Fazenda do Estado do Ceará. Roberto Antunes assinou a coluna social *Carnet*, sob o pseudônimo de Lord Byron.

— A coluna era boa. Ele era muito prestigiado —, avaliou mais tarde o jornalista e mais longo repórter social Lúcio Brasileiro.³

Só para termos uma ideia do estilo de vida franciscano da época: ninguém tinha seu próprio automóvel, nem mesmo o sempre elegante, recatado e de melhores posses Carlos D’Alge; Roberto Antunes pilotava uma bicicleta Monark Sueca 1950, aro 28. Eventualmente se alugava um automóvel de um dos dois postos instalados na Praça do Ferreira: o Posto Prefect — uma referência ao modelo Ford Prefect, montado desde 1938 até 1961 — ou no seu concorrente, o Posto Vitória, que também tinha o modelo Prefect, ou, no popular, “prefé”.

O jornal fechava por volta de uma hora da manhã. As aulas no Liceu se encerravam 22 horas. Dali seguia em caminhada acelerada rumo ao jornal, onde permanecia até o fechamento. A Casa do Estudante era o porto seguro para dezenas de jovens sem abrigo. Morava ali, inicialmente em um espaço improvisado, pois não havia vagas. Dormiu alguns dias em um depósito onde se guardavam as vassouras e outros apetrechos de limpeza, no espaço embaixo da escada, onde acomodou uma cama de solteiro. Teve sorte, dez dias depois surgiu vaga em um quarto. Por conta da convivência na Casa do Estudante, passou a escrever uma coluna estudantil, em 1960 e, dois anos depois, foi eleito pelos colegas para dirigir o lugar.

A atribuição do revisor Hélder era conferir e corrigir todas as títulos do jornal e, secundariamente, alguns textos. Os blocos de texto compostos em linotipo eram especialmente checados pelo secretário do jornal, Odalves Lima, que conciliava esta atividade com a função de editorialista do jornal *O Povo*. Era comum um jornalista trabalhar em dois ou três jornais. Isto havia acontecido antes com J. C. Alencar Araripe, que começara como auxiliar de revisão no jornal *O Povo* e, no jornal *O Estado*, trabalhava como repórter. Foi Odalves Lima quem iniciou muitos noviços do jornalismo e também no roteiro boêmio da cidade. “Eu o acompanhei muitas vezes”, lembra Hélder.

O Café da Imprensa era o ponto de preferência, um lugar agradável localizado na rua Guilherme Rocha a dez metros da rua General Sampaio. Após o fechamento das edições, era para lá que os plantonistas iam. Odalves Lima, Carlos D'Alge, Durval Aires, ex-*O Estado* agora no jornal *O Povo*, Morais Né, Kardo Ali Khan. A *pièce de résistance* era a *Cuba Libre* — rum Montilla com Coca-Cola. O Ali Khan, com sua voz gutural, fazia o programa campeão de audiência na Rádio Iracema “Mistérios da Vida”, com textos do jornalista Agladir Moura, que atuava como repórter dos quadros do jornal *O Estado*. Certo dia, Durval Aires chegou eufórico porque Durval Aires Filho havia sido aprovado no vestibular para o Curso de Direito da Universidade Federal do Ceará. Viraram a noite na celebração movida a cerveja e cachaça.

O Café da Imprensa funcionava até o sol raiar. Nas mesas espalhadas pela rua, bebia-se fartamente em conversas, pelepas e polêmicas animadas, com algum tira-gosto, em especial fritura ou cozidos, onde despontava a panelada. A preferência era para aquelas comidas bem pesadas, a exemplo da panelada: tripa de porco, bife, ovo cozido, sara-patel. Nas manhãs de domingo, as senhoras que iam para a missa na igreja de Nossa Senhora do Patrocínio, no lado norte da praça José de Alencar, ziguezegeavam por entre as mesas e cadeiras que tomavam a rua Guilherme Rocha, para concluir seu trajeto. De quarta a sábado havia até mesmo disputa por mesas — o Café estava sempre lotado.

Odalves foi responsável pela introdução de jovens repórteres na atividade jornalística. Gervásio de Paula, à época, iniciava na crônica da cidade com o estilo intimista e minucioso que caracteriza seu texto:

— Por essa escola comecei a aprender como se faz jornalismo e simulação de jornalismo, porque os adversários também tinham e têm o que nos ensinar quando declinam as suas mágoas e os seus ódios. Parabéns à família Palhano que durante o nevoeiro soube — como o velho marinheiro — levar o barco devagar.⁴

A atividade jornalística era território masculino. Até que uma jovem e ousada repórter, Maria Adísia de Barros Sá, quebra este paradigma.

Naqueles anos 1960, o jornal *O Estado* só tinha homem. Hélder também atuou na reportagem policial ao lado de dois ícones da época, Jonas Sampaio, o Galeguinho, e Cidrack Ratts. Esses, trabalhavam simultaneamente no jornal *O Povo*. Em 1963, conciliou *O Estado* com a *Gazeta de Notícias*, onde era repórter. A *Gazeta* estava instalada na praça da faculdade de Direito, na esquina da rua Clarindo de Queiroz com a rua Senador Pompeu — um prédio que resiste até os dias de hoje. Dorian Sampaio era o diretor de redação da *Gazeta* e foi ele quem assinou a carteira de trabalho de Hélder. O executivo Darcy Costa, um *gentleman*, era o representante do grupo J. Macêdo, que havia adquirido o controle do jornal, fundado por Antônio Drumond.

Hélder atuou simultaneamente nos dois jornais, como repórter na *Gazeta* e como revisor no *O Estado*, uma carga horária pesada — saía bem tarde do jornal *O Estado*, ia para a Casa do Estudante, chegava lá de madrugada, e tinha que estar logo cedinho na *Gazeta*.

Parsifal Barroso foi um político cearense com forte formação acadêmica e consistente produção literária. Professor do Liceu do Ceará e da Universidade Federal do Ceará, intelectual de densidade e fluência foi um dos mais importantes políticos brasileiros em sua época. “Parsifal jamais abrigou dentro de si um sentimento subalterno: o ódio, o ressentimento, o desejo de vingança”, disse certa vez Francisco José Ferreira Studart, secretário do ministro Parsifal no governo de Juscelino Kubitschek (1956-1960). “Ele era todo humildade, tolerância e paciência.”

Parsifal Barroso exerceu seu mandato como governador do Ceará, de 25 de março de 1959 a 25 de março de 1963. Ao final do seu governo, em 1963, o jornal *O Estado* iniciava um ciclo de crise. Fora do Palácio da Luz, o jornal já não era tão mais importante para Parsifal. Ele não precisava mais de uma tribuna impressa cotidiana para difundir suas ações, interesses, ideias e, à queima-roupa, atacar oponentes eleitorais e desafetos de ocasião. Além disso, ele já não mais tinha em suas mãos a chave do cofre, embora, como governador, igualmente

contemplasse todos os jornais com os investimentos em publicidade do governo permitidos pelo parco orçamento. O fato é que a pena de Themístocles de Castro e Silva voou.

Parsifal e Chico Monte — com participação de Menezes Pimentel — eram os donos do jornal até o fim do governo Parsifal. Themístocles tinha uma pequena participação acionária.

Quando, em 1963, assume o governador Virgílio Távora, Themístocles se afasta do jornal. Há uma queda brusca no faturamento da empresa, Virgílio ignora *O Estado*, mesmo tendo sido eleito em uma grande frente heterodoxa que colocava PSD e UDN no mesmo palanque, inimigos eleitorais históricos, principalmente nos currais eleitorais, onde se matava em nome da honra eleitoral.

O jornal vai para a geladeira. Os empresários que anunciavam, mas que agora eram simpáticos ao novo governo, ficam reticentes em continuar anunciando, e o jornal começa a entrar em crise. Foi quando assumiram Luiz Crescêncio e José Milton Pinheiro. A redação ficou mínima, somente Odalves Lima, Hélder Cordeiro, Dário Macedo, Frota Neto e Agladir Moura. Saíram Chico Alves Maia e mais um grupo de profissionais com anos de serviços prestados ao jornal. E as mudanças não pararam. Da turma pré-1960, somente Hélder e Odalves Lima fizeram a travessia até Venelouis Xavier Pereira, em 1966.

No meio da crise, o jornal mudou de mãos várias vezes e teve consecutivos diretores. Milton Pinheiro, Luiz Crescêncio Pereira⁵, Jorge Abreu, Abelardo Costa Lima — então deputado estadual — assumiram o jornal, em curtos períodos. Mas faltava motivação, avalia Hélder⁶:

— A gente observava que eles iam ao jornal, mas não tinha aquela coisa de jornalista, aquele entusiasmo de manter a coisa viva, vibrante.

Jerônimo avaliava:

— Eles parecem estar passando uma chuva.

Depois, Milton Pinheiro, Luiz Crescêncio Pereira, Jorge Abreu, Abelardo Costa Lima transferiram o jornal para o Sérgio Philomeno,

em 1964.

— Quando o Sérgio Philomeno assumiu, a gente até pensou que o jornal ia crescer, mesmo porque aquele empresário rico, era dono da Coca-Cola e de várias empresas, era muito dinâmico, muito vivo. A gente pensava que o jornal ia crescer, mas aí nos decepcionamos — ele não fez nenhum investimento.⁷

O formato do jornal continuava tabloide — uma decisão para economizar papel tomada na gestão de Jorge Abreu. Isso gerou alguns comentários na área de imprensa porque havia a tese de que jornal em formato tabloide não prosperava. O jornalista José Raimundo Costa, diretor do jornal *O Povo*, era, como tantos, um dos que comungavam com essa ideia.

— Não dura nem seis meses.

Joracos, acrônimo com o qual Costa assinava alguns textos no jornal *O Povo*, projetava que um jornal naquele formato — a metade do formato tradicional — fecharia as portas em pouco tempo. Mas aí apareceu o empresário Sérgio Moreira Philomeno Gomes, industrial arrojado e empreendedor, e o jornal entra em uma nova fase. Retorna ao tamanho normal — o formato standard — e começa um curto ciclo onde, inicialmente, se restaurou o ânimo. Sérgio fica com o jornal até o final de 1965.

Com a redação bem enxuta, Odalves Lima fazia de um tudo, notícias, comentários, edição, fechamento. Jerônimo cuidava do financeiro e Daniel Carneiro Job, publicitário, era o diretor comercial. Também era ele quem socorria os funcionários do jornal, emprestando dinheiro a juros, supostamente módicos.

Hélder esmiuça essa pequena comédia cotidiana devido ao minguado salário e ao alto custo de vida. Ganhador de dinheiro, Daniel Carneiro Job tinha a prática de acumulação:

— Eu socorro vocês, mas quero o compromisso da data certa.

— Daniel, você é o maior acionista, pessoa física, do Banco do Nor-

deste, estende esse prazo.

Na verdade, com seus próprios botões, Hélder assim via Daniel Carneiro Job:

— Ele era o agiota que nos socorria naquela relação de amor e ódio, tinha trinta anos de jornal, emprestava dinheiro a juros. Quando chegava o dia do pagamento do pessoal e não havia dinheiro no caixa da empresa, era Daniel quem emprestava o dinheiro ao gerente Jerônimo a uma taxa de dez a vinte por cento. Quando o dinheiro entrava, antes de qualquer coisa, ele já pegava o dele. O Jerônimo Sampaio era a porta aberta do jornal — no meio dessas crises a gente dizia que ele era o herói do sertão, mas quando a crise aumentou e faltou dinheiro até mesmo para os famosos ‘vales’, se dizia, jocosamente, que esse Jerônimo Sampaio do Vale não vale o que o vale.

Ele repetia um bordão, nos momentos mais agudos da falta de liquidez da empresa:

— Morrendo e sobrevivendo.

Jerônimo ficara famoso, também, porque aniversariava no mesmo dia do jornal, 24 de setembro, e sempre ganhava um registro, com direito a foto, expondo, ainda jovem, uma luzente calvície.

Um dia, Jerônimo Sampaio do Vale chega eufórico ao jornal e anuncia um furo jornalístico: o empresário Sérgio Philomeno Gomes, o concessionário da Coca-Cola⁸ e um dos empresários mais ricos e arrojados do Ceará, estava comprando o jornal. Jerônimo foi aplaudido efusivamente pelo pessoal da redação e das oficinas e teve restaurado seu codinome “Jerônimo, herói do sertão”.

Dizia ele, expondo uma alegria redentora:

— Agora a coisa vai, o homem é rico.

Mas a personagem contemporânea da situação, Hélder Cordeiro, relata que a esperança revigorada, como alegria de pobre, durou pouco. Nova crise financeira tomou conta do jornal e voltaram as velhas decepções.

— O empresário rico não investiu, nem estimulou faturamento publicitário. A crise do “fecha-não-fecha” voltou a bater na porta do

jornal. A esperança de sobrevivência era alimentada pela fidelidade e sacrifício dos próprios funcionários, sob o comando de Jerônimo e de Daniel Carneiro Job. Possuidor de razoável patrimônio, o financista Job, vez por outra emprestava dinheiro para um vale quinzenal, já que salário, nem pensar.

Foi uma frustração. Sérgio não fez nenhum grande investimento no jornal e foi aí que apareceu Venelouis Xavier Pereira. Na verdade, Venelouis já era vizinho do jornal *O Estado* porque ele editava o jornal *O Front*, um semanário tabloide especializado em assuntos policiais, que funcionava também na Praça José de Alencar, onde estava *O Estado*. Certo dia, ele aparece na redação d'*O Estado* e começa a sondar sobre a real situação do jornal. Estava, na verdade colhendo informações para algo que já imaginava há algum tempo.

O Front tinha uma boa circulação, explorava manchetes sensacionistas ligadas a crimes, principalmente homicídios e ocorrências policiais como roubos e assaltos: era sangue puro. Mas não dava a Venelouis o prestígio que ele passou a almejar com a perspectiva de passar a controlar *O Estado*. O jornal estava em crise gerencial, mas sua história era muito forte, principalmente como veículo que tinha na cobertura política sua *pièce de résistance*.

Hélder Cordeiro relata:

Um dia Venelouis apareceu no jornal, disse que estava pensando em comprá-lo. Quando ele se tornou o dono mesmo, injetou muito oxigênio, sangue novo, entusiasmo e tal, apesar de toda a crise financeira, ele assumiu, trabalhava de manhã, de tarde e de noite no jornal, da oficina à direção, estava presente em tudo, passava o dia lá, sabia tudo sobre o jornal. Ele paginava, fazia tudo que fosse possível fazer no jornal.⁹

O governo militar tomava gosto pelo poder, as coisas começavam a ficar mais complicadas no plano nacional. No Ceará, Plácido Castelo

era o governador e seu genro, Dário Macedo, deixara o jornal para assumir a Casa Civil.

Temos, agora, uma pequena narrativa a partir das conversas com Hélder Cordeiro, com uma visão bem particular sobre alguns fatos, inclusive sobre os primeiros dias do jornal a partir do Golpe de 1964.

Relata Hélder:¹⁰

O jornal era uma oposição independente, mas o Venelouis nunca defendeu o regime militar, nunca fez apologia e defesa do regime militar. O jornal *O Estado* não defendia não, era independente, publicava sempre alguma coisa da oposição, porque o Venelouis gostava muito de dizer que adorava a liberdade — não tinha esse negócio de estar defendendo militar, não, nunca defendeu, de jeito nenhum.

E ele era delegado de polícia, conciliava as duas atividades. Ele era um homem do Sistema de Segurança Nacional, porque ele era um delegado desde 1961. Chegou aqui em Fortaleza vindo de Brasília, e foi ser delegado na gestão do coronel Clóvis Alexandrino. O coronel Clóvis Alexandrino foi ser secretário de Segurança do governo Virgílio Távora, em 1962. O Clóvis era muito rígido, muito sério, era casado com a irmã do Joel Marques — então o Clóvis Alexandrino é tio do engenheiro e ex-prefeito Luiz Marques, filho do Joel.

O Venelouis era reconhecido como o delegado de ferro, a imprensa o chamava assim também, era quem mandava na Secretaria. Ele tinha uma amizade pessoal com o Virgílio Távora, frequentava a casa dele e tudo. O Virgílio teve um problema com uma moça lá, aí chamou o Venelouis, ele colocou a moça em um avião direto para o Rio de Janeiro. O Venelouis era homem de confiança do governador Virgílio Távora e do coronel Clóvis Alexandrino.

A mãe do Joel Marques morava com ele, em uma rua por trás do Palácio, ele era deputado. Uma vez por volta de sete horas da noite, chegamos lá eu e o Venelouis, o Joel tinha brigado com o cunhado, que era o Clóvis Alexandrino. Eles não se davam muito

bem, o coronel era muito grosseiro. Estávamos conversando quando chegou um carro preto da Secretaria de Segurança, o portão, o carro entrou direto, Alexandrino sequer seu nem boa noite, nem cumprimentou Venelouis que era o auxiliar direto dele.

No negócio do jornal *O Estado*, o Venelouis queria que eu fosse para Teresina, ser o diretor lá. Eu sugeri que ele convidasse o Hélder Feitosa — que estava em uma situação difícil financeiramente. O Venelouis divulgou bem o jornal, foi feita uma das maiores edições até hoje inédita, com 268 páginas, impressa em uma plana, ainda nem era rotativa. Eu ganhei tanto dinheiro com publicidade nesta edição que comprei o meu primeiro carro, um candango, era um jipe. O Venelouis comprou e fizemos um negócio, ele me deu o jipe a título de comissão. O Venelouis era amante da liberdade. Muitas pessoas hoje em dia ainda falam a respeito dele, que ele fazia chantagem e tal, mas não tem isso, não. Ele saía do controle se você dissesse que o jornal era ruim, que não estava circulando. Se não fosse uma crítica produtiva, aí sim, ele saía do sério.

Venelouis adorava o jornal, tratava até de uma forma possessiva, dizia que era o jornal dele, com todo orgulho. Quando o conceituado repórter Hélder Feitosa foi demitido dos Diários Associados, no caso, do *Correio do Ceará*, Venelouis contratou-o, dias depois. Hélder fez uma reportagem sobre segurança e criticou o coronel Clóvis Alexandrino — uma dura crítica à administração dele. Eu lembro que a reportagem ocupou duas páginas no jornal *Correio do Ceará*, em 1965. Insatisfeito, o coronel foi reclamar do superintendente Manuel Eduardo e o Hélder foi demitido na mesma tarde. O Hélder ficou apanhado, estava vivendo uma crise, tinha largado a mulher e foi lá no jornal *O Estado* pedir uma ajuda. O Venelouis quis saber o que o Hélder tinha de patrimônio, mas ele estava sem nada, não tinha nem um lugar para morar — então ele foi trabalhar com a gente, *O Estado* ainda era na rua 24 de maio. Anos depois, ele foi para Teresina, ficou amigo de Petrônio Portela — ministro

da Justiça no governo do general João Figueiredo —, ganhou concessão de televisão, estava montando a televisão. Já havia ganhado concessão de rádios AM e FM. Mas foi assassinado aos cinquenta anos em um crime não esclarecido, provavelmente em decorrência de um relacionamento com mulher comprometida.

Quando o general Clóvis Alexandrino — nessa época ele já era general da Secretaria de Segurança — soube que o Venelouis estava no jornal *O Estado* e que havia contratado o Hélder, nesse momento eu admirei mais ainda o Venelouis.

O general pisava forte, dava para escutar de longe as pisadas dele. Ele entrou no jornal... o secretário de segurança, com a autoridade potencializada pelo regime militar em vigor. O Venelouis estava na redação, o general já chegou perguntando se o Hélder estava trabalhando com ele. Eu me aproximei e fiquei olhando da porta da sala. Ele pediu que o Venelouis demitisse Hélder no mesmo momento.

— General, por favor, sente-se —, pediu Venelouis.

Venelouis, após pedir para o general se sentar, passou a mão na cabeça e começou a falar:

— Dr. Clóvis Alexandrino, o sr. é um general do Exército, um homem de prestígio, poderoso, secretário da Segurança, chefe, amigo do governador, amigo da revolução.

E o general ouvindo. Venér continua:

— Agora, o senhor perseguir um rapaz pobre que está em uma situação difícil, está sobrevivendo e comendo através do que ganha aqui, o senhor pedir para que eu demita esse rapaz... Isso é um negócio muito sério. Pelo amor de Deus não me peça isso não, pense bem nisso.

Mas o general, à queima-roupa, respondeu que não havia o que pensar, era para o Hélder ser demitido. Então, Venelouis foi claro:

— O sr. é chefe na secretaria de Segurança, aqui no jornal o chefe sou eu. Não vou demitir esse rapaz, não.

O general saiu pisando duro, não disse mais nenhuma palavra. Deu meia volta e foi embora. O general era chefe do Venelouis delegado, mas não era o chefe do Venelouis jornalista e este não se curvou à ordem.

Hélder Cordeiro lembra que o episódio da morte do ferroviário José Nobre Parente repercutiu na carreira do delegado Venelouis, que acabou sendo colocado em “disponibilidade” com salário congelado:

Quando o ferroviário foi preso, o Venelouis era delegado de polícia. Ele era o homem que participava das reuniões da inteligência junto à 10ª Região Militar. Mas aí ele teve esse problema com o ferroviário, que era chamado de comunista, ele era do Sindicato dos Ferroviários, um sindicato muito forte à época, capaz de parar a economia. Esse rapaz ficou preso no 2º DP, que era comandado pelo delegado Vanderlei Girão Maia. Aí o rapaz ficou preso lá, mas no outro dia amanheceu enforcado.

O Venelouis, que era o homem de ligação do negócio, foi chamado para investigar, o inquérito dizia que o rapaz havia se suicidado. Mas se recusou, disse que o rapaz morreu de uma tortura psicológica, ele disse isso pra mim. Falou que um certo coronel chegava ao rapaz perguntando as coisas em russo, o 2º DP ficava na Praça dos Voluntários, aí perguntava as ligações dele com os comunistas, com a Rússia. Dizia que eles já tinham matado a mulher dele, que se ele não dissesse nada, iam fuzilar os filhos. Aí o cara não aguentou e se suicidou, bateu a cabeça em uma grade de ferro. O Venelouis foi afastado, quem presidiu o inquérito foi outro delegado.

A amizade de Venelouis com Hélder era profunda a ponto daquele só tratá-lo como meu amigo, meu irmão. Hélder chegou mesmo a passar dias na casa do Venelouis, ainda na Tenente Benévolo. Em suas viagens demoradas, era Hélder quem cuidava da garotada, Ricardo, Soraya, Loura, Stevenson, todos eles. Eu ficava como tutor.⁶⁰

19. Uma relação entre tapas e beijos

Sócios e amigos, Venelouis e Sérgio brigaram feio

Foi bom enquanto durou. A sociedade entre Venelouis Xavier Pereira e Sérgio Moreira Philomeno Gomes se desfez de uma maneira ruidosa, com direito a lavagem de roupa suja nas páginas dos jornais de Fortaleza. De um lado, Venelouis estampou manchetes sensacionalistas para atingir a moral do seu ex-sócio. Do outro lado, Philomeno se defendia em matérias pagas, publicadas nos jornais da cidade, como em *Tribuna do Ceará*, do amigo de Venelouis, José Afonso Sancho. O fato é que a cizânia estremeceu as relações pessoais, embora, eventualmente se encontrassem para tomar um uísque.

Na verdade, a relação de Venelouis e Sérgio Philomeno teve sempre altos e baixos. No final de 1965, quando Venelouis se mostrava interessado em negociar preço para comprar o jornal *O Estado*, seu proprietário, Sérgio Philomeno, com o sócio Nelson Otoch, não se interessaram em prolongar a conversa. Não venderiam o jornal a ele. Foi preciso formar um *pool* de compradores, liderado pelo banqueiro José Oto Santana para que o negócio fosse fechado. Santana, muito amigo de Venelouis, entrou como sócio majoritário e assinava como diretor-presidente do jornal e da empresa editora. Menos de um ano

depois da compra, José Oto fez o que havia combinado com Venelouis. Passou sua cota na sociedade para ele e saiu do negócio para o qual só entrou para ajudar um amigo.

Sérgio Moreira Philomeno Gomes¹ foi um dos empresários mais arrojados do Ceará a partir dos anos 1950. Nesse período, seu negócio mais vistoso e, provavelmente, o mais rentável, foi o envasamento e distribuição da Coca-Cola, como concessionário da multinacional na região. A fábrica da Fortaleza Refrigerantes S/A, razão social da engarrafadora da Coca-Cola em Fortaleza, ficava na avenida Monsenhor Tabosa, 1054, mas Sérgio Philomeno expandiu o negócio para todo o Nordeste através de fusões e de aquisições.

Cronologicamente, Sérgio Philomeno teve uma vida curta — morreu aos 46 anos, vítima de infarto do miocárdio — mas viveu intensamente. Fez tudo muito jovem, inclusive casar-se, no dia 8 de dezembro de 1962, aos 21 anos, com Ana Maria Fontenele Philomeno Gomes. Desse consórcio nasceram José Maria Philomeno Gomes — no dia 11 de março de 1964, na maternidade do Hospital César Cals, em Fortaleza — e sua irmã Jacqueline, que mora em Nova York (EUA), casada com o famoso escritor americano Laurence Bergreen, autor de biografias celebradas como *Marco Polo: From Venice to Xanadu* (Vintage Books/Random House, outubro de 2008). O fato não muito incomum é que Sérgio e Ana Maria são parentes. Ana Maria tem Philomeno no sangue, porque a avó dela era tia de Sérgio Philomeno, segundo relata o filho do casal, José Maria Philomeno.

— O meu avô materno é primo legítimo do meu pai, ele era almirante, já falecido, José Joaquim Gomes Fontenele. Por parte de pai, o avô era José Maria Philomeno Gomes — de quem herdei o nome. Vovô era irmão do Pedro Philomeno Gomes — o dono da famosa tecelagem no bairro Jacarecanga, produtora das Redes Philomeno.²

Sérgio Philomeno ficou órfão de pai muito cedo, aos 15 anos, em maio de 1956. Ele era o filho mais velho de José Maria Philomeno Gomes e se colocou logo à frente da família e dos negócios do pai.³ Um desses negócios era, exatamente, a Fortaleza Refrigerantes S.A.,

do início dos anos 1950, que passou a engarrafar Coca-Cola em Fortaleza. O refrigerante ficara famoso na cidade nos anos 1940, mas era todo importado. Base militar americana durante a Segunda Guerra Mundial, as moças de Fortaleza que namoravam os americanos e com eles faziam dupla nos bailes do bar Estoril foram logo apelidadas de Coca-colas. É dessa época, também, neologismos como “espilicute” — “*is pretty cute*” — e “baitola” — uma onomatopeia para “bitola” falada com sotaque inglês.

O pai de Sérgio, o visionário José Maria Philomeno Gomes⁴ viu ali uma excelente oportunidade de negócios. E aí liderou a ideia de implantação da engarrafadora. Só que, para reduzir um suposto risco, trouxe para o negócio outros sócios e ficou somente com 10% do capital acionário do empreendimento. Quando assumiu os negócios da família, o primeiro movimento de Sérgio foi comprar as participações de todos os sócios, assumindo totalmente o controle da Coca-Cola.⁵

Chegou a ser eleito deputado federal, assim como seu irmão, Cláudio Philomeno, mas sua vida profissional intensa se deveu à morte precoce do pai. Era atleta de basquetebol no time do Náutico, mas acabou pedindo dispensa. Além do controle da Coca-Cola, teve que tocar os negócios imobiliários do pai, loteamentos e construção civil. Dentre estes, a construção do emblemático e pioneiro Edifício Jacqueline, construído na década de 1960, o primeiro com apartamentos compactos — quarto e sala — em Fortaleza. O prédio numerado como avenida Beira Mar, 3220 se estende até a avenida da Abolição, onde tem outra portaria.

O empreendimento, totalmente financiado com recursos próprios de Sérgio Philomeno, representou uma revolução no mercado imobiliário daquele início de década. Era o primeiro edifício comercial da região e a Beira Mar não passava de uma praia de veraneio e uma colônia de pescadores. O Edifício Jacqueline foi uma construção enorme, com mais de 200 unidades de apartamentos com 1, 2, e 4 quartos, além de salas comerciais.

Admirador e fã de Jacqueline Kennedy — que a 22 de novembro

de 1963, viu seu marido presidente John Kennedy ser assassinado em Dallas, Texas — Sérgio Philomeno resolveu homenageá-la dando seu nome ao edifício, plantado defronte ao Oceano Atlântico.

— Tanto Kennedy, presidente dos Estados Unidos, quanto Jacqueline estavam na moda naquele momento e Sérgio mandou convidá-la para inaugurar o prédio. Ela não deu nem bola, ele ficou bravo, mas manteve o nome —, revela o jornalista Rangel Cavalcante, colega de Nelson Otoch na faculdade de Direito.⁶

— Ele era um empresário, que ao contrário da maioria, naquela época, não se valia muito de financiamentos públicos —, relata José Maria Philomeno, o filho mais velho de Sérgio, para quem o pai preferia fazer o máximo possível de negócios investindo seus próprios recursos. Sérgio chegou a captar alguma coisa, mas muito pouco comparado ao volume dos seus investimentos próprios.

Nos anos 1960, muitas fábricas eram montadas somente devido à facilidade de linhas de crédito e algumas a “fundo perdido”. Como não havia sustentabilidade, sequer estudo de viabilidade, muitos investimentos, imobilizados em prédios, viraram verdadeiros elefantes brancos e parte do dinheiro era desviada da sua função.

— Então, meu pai pensava assim, quando o dinheiro era fácil demais, gastava-se fácil demais, justamente devido ao acesso fácil. Ele tinha muitas ideias, se tivesse colocado em prática os projetos... eram em todas as áreas. Eu lembro dele idealizando montar uma fábrica de aviões no Ceará, porque aqui nós temos um clima que chove pouco e facilita a fábrica de aviões. Também falava em construir uma Universidade.⁷

Sérgio tinha muitos amigos, dos vários ciclos de amizade e dos vários grupos. Amigos de infância, de colégio, amigos primos, amigos do trabalho, e amigos do meio político. Teve várias fases de amizade. Na primeira fase, na juventude, por volta dos anos 1960, ele era muito amigo do Nelson Otoch, trabalharam juntos por um período — seus nomes apareciam juntos no expediente do jornal *O Estado*. Era amigo de Marconi Alencar — político, deputado, sócio em alguns empreen-

dimentos—, Carlos Pereira e o médico Régis Jucá. Havia com Régis um grau de parentesco, a mãe deste era prima de Sérgio Philomeno. Aos domingos, era hábito receber os muitos amigos, em uma romaria que se estendia até a noite. De um modo geral, a casa, na rua Costa Barros, esquina com rua José Lourenço, no bairro Aldeota, estava sempre muito cheia de gente.

— O Sérgio Philomeno tinha a relação pessoal muito afetuosa e ele era uma pessoa muito dinâmica, envolto em muitas atividades, era de uma família grande, ele era uma pessoa muito próxima à família, de muitos amigos. Nossa casa era sempre muito cheia de gente. Nós moramos na rua Costa Barros, esquina com rua José Lourenço.

Sérgio foi totalmente contaminado pelos negócios a ponto de despachar em casa com seus executivos em qualquer horário e até nos finais de semana e feriados. Era uma vida muito intensa e dinâmica. Visionário, além dos negócios ele participava do Rotary Club, e seu leque enorme de atividades acabou comprometendo a convivência familiar com os filhos.

— Eu sempre lembro dele viajando, recebendo pessoas em casa pra tratar de trabalho, então essa convivência mais familiar foi um pouco comprometida, a gente convivia mais com ele em viagens no fim de semana.

As viagens mais comuns eram para o Rio de Janeiro — terra de Ana Maria Fontenele Philomeno Gomes — onde a família tinha um apartamento na avenida Atlântica, o endereço residencial na cidade onde Sérgio veio a falecer, em 1987. A família também acompanhava Sérgio em convenções, principalmente da Coca-Cola pelo Brasil.

Outro destino regular da família eram os Estados Unidos da América. Aos 12 anos, José Maria lembra de uma dessas viagens, agora na Europa, quando o pai estava negociando parceria para a construção de uma siderúrgica na região Norte do Brasil.

Na edição da revista *Veja* de 3 de março de 1982, a Associação dos Fabricantes Brasileiros de Coca-Cola publicou um extenso publiedi-

torial — matéria institucional paga — ocupando da página 55 até a página 62, que comemora os 40 anos da chegada do produto ao Brasil e mostra as ações sociais da corporação. “1942-1982: 63 fábricas de Coca-Cola gerando riqueza, criando empregos, trazendo progresso”, endossa um texto destacado na última página do publieditorial.

Cada integrante da Associação ganhou seu perfil, com direito a foto em formatos iguais. Sobre Sérgio Moreira Philomeno Gomes, informava-se,

[...] Cearense de Fortaleza, nasceu no dia 2 de março de 1941. Diretor-Presidente da Refrescos do Recife S.A. (Recife e Caruaru-PE), da Fortaleza Refrigerantes S.A (Fortaleza e Juazeiro-CE), da Natal Refrigerantes S.A. (Natal-RN), Vitória da Conquista Refrigerantes e Sucos Naturais Ltda. (Vitória da Conquista-BA) e da Vale do São Francisco Refrigerantes e Sucos Naturais Ltda (Petrolina-PE). Além de Diretor-Presidente da Vidros Industriais do Pará S.A., em Belém (PA), fabricante de garrafas de Coca-Cola e Fanta. Casado, pai de dois filhos, José Maria Philomeno Gomes e Jacqueline Fontenele Philomeno Gomes. Tem como hobby o xadrez e gosta de jogar basquete.⁸

As operações da Coca-Cola de Sérgio Philomeno passaram a ser maiores na Bahia, com uma expansão gigantesca e alta liquidez. Isso o transformou em um dos maiores engarrafadores de Coca-Cola no Brasil.

No entanto, o desfecho dessa parceria foi turbulento e chegou ao litígio. Sérgio Philomeno se rebelou contra as taxas de participação da Coca-Cola americana — *The Coca-Cola Company*, sediada em Atlanta, Georgia (EUA): queria reduzi-las. Uma briga de Davi contra Golias que se acirrou devido ao temperamento difícil de Sérgio e à posição irredutível da empresa cedente da marca e dos insumos principais para o envasamento do produto.

Sérgio Philomeno não era de temperamento fácil, ao estilo do em-

presário que não bajulava ninguém, embora cordial no trato social. Tratava muito bem os amigos dele, as pessoas com quem se identificava e principalmente nas relações de negócio. Era um *workaholic* — viciado em trabalho.

A maioria dos fabricantes de Coca-Cola eram franqueados do braço operacional brasileiro. Sérgio foi o único que teve coragem de questionar o preço do xarope fornecido pela franqueadora, o ingrediente de cuja fórmula se mantém segredo a sete chaves até hoje. O atrito com a direção da Coca-Cola internacional foi inevitável. O produto vem dos Estados Unidos em porção superconcentrada que, ao chegar no país destinatário — no Brasil a razão social da empresa americana é Coca Cola Indústrias Ltda. — é desdobrado e enviado aos engarrafadores, que a diluem novamente para produzir o refrigerante.

Apesar de ser formado em direito, tinha uma graduação intensiva na prática dos negócios. Discutia em pé de igualdade com os advogados e descobriu uma brecha no contrato com a Coca-Cola que mostrava que o xarope estava sendo cobrado bem acima do valor real. Ele foi contestar isso, fez várias viagens para Atlanta. Enquanto a maioria dos fabricantes procurava ter uma linha de subserviência, satisfeitos com as margens que o negócio ofertava, o altivo Sérgio sentiu-se ultrajado, foi contestar e, não obtendo sucesso, entrou pela via judicial. Aí o problema ampliou-se. A Coca-Cola, vendo que ele estava dando muito trabalho, rompeu o contrato unilateralmente. Isso desorganizou todos os negócios de Philomeno e começou a fragilizá-lo. Estava montando mais duas fábricas, uma em Sobral (CE) e outra em João Pessoa (PB). A Coca-Cola escalou um executivo para cuidar do caso, o mesmo com quem Sérgio já havia se atritado, John Leslie. E cessou o fornecimento de todos os insumos.

Mas com sua engenhosidade e admirável perspicácia, Sérgio deu um jeito em um problema central, o fornecimento do xarope, e criou sua própria versão.

Em 1983, Sérgio foi alvo de uma tentativa de grampo telefônico feito por um araponga contratado pela Coca-Cola, o coronel Franchel

Pereira Fantinatti Júnior. A escuta telefônica foi instalada no apartamento de Sérgio Philomeno, na avenida Presidente Kennedy (atual avenida Beira Mar) “cujos métodos de atuação começavam a causar problemas dentro da empresa”.⁹

Como vinhos, o empresário cearense se atrevera até a violar um dos mais bem guardados segredos industriais do mundo, quando passou a produzir, por sua própria conta, o xarope, concentrado básico, com que se faz a Coca-Cola. Mas o grampo foi frustrado pela polícia.

[...] Deu tudo errado. Antes mesmo que conseguissem encontrar os fios dos telefones de Philomeno, os dois investigadores contratados pelo coronel Fantinatti Júnior — Francisco de Assis Barros e Francisco Antunes — foram descobertos pela polícia e passaram quatro dias na cadeia. Ainda assim, um ano depois desse fato, Philomeno perdeu o direito de engarrafar a Coca-Cola no Nordeste e suas fábricas foram entregues às famílias de Tasso Jereissati, de Albano Franco e de Nilo Coelho.¹⁰

A crise de relacionamento provocou o desabastecimento de Coca-Cola no mercado do Nordeste. Em novembro de 1982, o *Jornal do Brasil* destacava o problema mostrando que o produto só estava disponível em alguns supermercados, em latas importadas do Sul do país.

É que o Grupo Philomeno — que fabrica o produto há 32 anos e fornece 1 milhão e 500 mil caixas mensais, atendendo a uma área que vai do Ceará a Minas Gerais — não vem recebendo da Coca-Cola Internacional o concentrado necessário ao processamento do refrigerante. [...] O problema passou a se agravar a partir de 5 de novembro, quando a multinacional rescindiu o contrato de fornecimento do xarope.

A Coca-Cola Internacional alegou que o grupo empresarial nordestino não estava fabricando o refrigerante com a qualidade necessária ao produto. E que o Grupo Philomeno não vem cum-

prindo os compromissos em dia.¹¹

A empresa americana também acionou a fornecedores de tampinhas para que cessassem o fornecimento. O telex com a solicitação foi enviado à Metalúrgica Cearense S.A. — Mecesa. Sérgio passou a fabricar as tampinhas em Vitória da Conquista (BA) e continuou a envasar o produto com a marca Coca-Cola.

A legislatura de 1983 começou em março com dois novos deputados federais, em Brasília: os irmãos Cláudio Philomeno e Sérgio Philomeno. Mas o inferno astral de Sérgio Philomeno continuou notadamente no segundo semestre de 1983, agora com a ameaça do mandato de deputado federal conquistado pelo PDS-CE. A oposição cerrada de Venelouis Xavier Pereira nas páginas do jornal *O Estado* engordavam o inquérito feito pela Polícia Federal e encaminhado ao Tribunal Regional Eleitoral. Em dezembro de 1983, *O Estado* denunciava que Sérgio fez uso, na campanha, dos serviços de uma indústria gráfica clandestina. O foco da denúncia do TRE contra o deputado era “abuso de poder econômico e corrupção eleitoral”. Sérgio foi cassado em outubro de 1984. O renomado advogado Aroldo Mota se esmerou na defesa de Sérgio, perdeu na primeira instância, mas ganhou no Tribunal Superior Eleitoral, em Brasília. No dia 11 de dezembro de 1984, o TSE devolveu seu mandato, mas deixou aberta uma janela através da qual Philomeno poderia ser processado criminalmente. O episódio termina aí.

Em setembro de 1985, outro imbróglio. Sérgio declarou que a cassação do seu registro de candidatura a prefeito de Fortaleza, pelo Tribunal Regional Eleitoral do Ceará, foi devido à pressões do governador Gonzaga Mota.

— Sinto profundo pesar por ver que a Justiça de meu Estado se encontra pressionada por um governador intolerante, no interesse de tirar do caminho do seu candidato todos os que lhe possam fazer oposição.¹²

O candidato de Mota era o deputado federal Paes de Andrade, fa-

vorito na corrida eleitoral, que perdeu a eleição para Maria Luíza Menezes Fontenele (PT).

O embate com a Coca-Cola americana foi asfíxiante. A multinacional não permitiu que ele vendesse as fábricas, somente os equipamentos. Com o mandato de deputado federal, muda-se para Brasília e ficou sem vir ao Ceará durante um ano e meio. O episódio foi traumático para ele.¹³

Um grave ponto em comum entre Sérgio Philomeno e Venelouis Xavier: eles não tinham medo de comprar uma boa briga. Imaginem então um brigando com o outro.

Nos anos 1950, os jornais eram veículos de comunicação muito poderosos e todos defendiam interesses políticos e empresariais. A imprensa continuava com um pé no panfletarismo, embora comesse a ensaiar a famosa migração para uma invenção chamada “doutrina da objetividade” que prega a isenção, o pluralismo e o distanciamento das relações com as fontes. Uma nova utopia contemporânea.

O jovem Sérgio Philomeno foi militante do movimento estudantil no final dos anos 1950. Ele sempre esteve de olho na política e participou ativamente da campanha eleitoral do seu tio, o coronel Murilo Borges Moreira, em 1962. Murilo era irmão de dona Suzana Moreira Philomeno Gomes, mãe de Sérgio Philomeno e tinha uma admiração especial pelo tino financeiro do jovem sobrinho, vívido e ávido. A experiência na campanha do tio foi fascinante e sedutora para o jovem que um ano depois comprou o jornal *O Estado*, sucedendo o período controlado por Themístocles de Castro e Silva no Governo Parsifal Barroso. No jornal, Sérgio estava bem assessorado: Odalves Lima continuava como diretor de redação e Rangel Cavalcante assinava como chefe de reportagem.

Murilo Borges ganha a eleição e assume a prefeitura de Fortaleza no dia 1º de janeiro de 1963, governando a cidade até 1967. Foi o úl-

timo prefeito eleito antes do golpe militar de 1964, com uma gestão marcada pela reforma na Praça do Ferreira que retirou da praça a Coluna da Hora, o Abrigo Central e construiu caixotes que impediam a visão total da praça. Murilo também foi diretor do Banco do Nordeste entre 1968 e 1978.

Em 1963, o jornal *O Estado* vivia uma situação de transição societária. Themístocles de Castro e Silva saíra de cena, estava dedicado ao pleno exercício do seu mandato de deputado estadual, mas Parsifal Barroso continua escrevendo diariamente pequenos artigos, muitos dos quais se reporta a situações vividas em seu Governo recém-findo. Mas na tribuna do Palácio Legislativo da rua São Paulo, esbravejava:

— Que União é essa em que o partido que a promoveu não tem direitos?

Referia-se à defesa de um rodízio na composição da mesa diretora da AL, onde todos os partidos da União pelo Ceará fossem contemplados. “O PSD precisa saber que o PTN também é filho de Deus”.

Em setembro de 1963, o expediente do jornal mostrava este novo cenário: Abelardo Costa Lima é o diretor-presidente; Haroldo Sanford de Barros é o diretor-superintendente; Francisco Jorge de Abreu é o diretor-secretário; Milton Pinheiro é o diretor-comercial; Odalves Lima continua como redator-chefe; Jerônimo Sampaio do Vale continua como gerente.

E o prefeito Murilo Borges mantinha bom relacionamento com o jornal, a quem se referiu como o “brilhante e intrépido matutino” em sua mensagem enviada à direção no dia 24 de setembro de 1963, quando *O Estado* comemorava 27 anos de fundação e de circulação.

Também nesta data, o jornal, em primeira página, homenageava Parsifal Barroso, o brilhante intelectual, professor e orador cearense que findara sua gestão no último dia do ano anterior, sendo sucedido por Virgílio Távora dentro da estratégia político eleitoral chamada “União pelo Ceará”.

Nesta data, não podemos deixar de prestar nossa homenagem ao

ex-governador Parsifal Barroso, um dos melhores amigos que, através de sua história, teve *O Estado*. Em diversos momentos, Parsifal esteve presente à nossa vida jornalística, mas sobretudo durante o período de 1958 até aqui. Com muito gosto nos fizemos porta-vozes das generosas ideias que levou ao Governo.¹⁴

Esta gratidão do jornal corroborava o fato oficioso de que o controle acionário durante todo o governo de Parsifal era de seu sogro, Chico Monte e que, de fato, com Themístocles no comando, *O Estado* foi o mais fidedigno porta-voz do governo Parsifal.

Nesta época, Hernani Picanço, grafado com “H”, assinava a coluna social *Nova Geração* e José Rangel o ladeava com a sua bem informativa coluna *José Rangel conta*.

A conjuntura efervescente do início dos anos 1960, grandes debates, as universidades como centros de debates acalorados, abriu em Sérgio a importância estratégica de um jornal como um veículo que fosse um fórum no qual ele pudesse, de alguma forma, exercitar o seu lado político, não o político-partidário, para disputar cargos, mas o político no sentido de debater o Brasil, de ser uma fonte de ativismo político.

José Maria Philomeno interpreta a motivação do pai para comprar o jornal *O Estado* naqueles turbulentos anos, quando o mundo vivia o apogeu da guerra fria:

— Imagino que deve ter sido essa a motivação dele quando adquiriu o jornal *O Estado*, no começo dos anos 1960. Talvez ele tenha vislumbrado uma oportunidade do jornal ser além de um negócio, de ser também um fórum, um instrumento de exercício da política, de debates em uma época em que não existiam ainda as facilidades de hoje em termos de fluxo de informação e de educação. Eu acho que ele adquiriu o jornal mesmo para exercitar esse lado político, mas não para concorrer a cargo político, isso ele só fez nos anos 1980.

Philomeno era um anunciante respeitável, por isso tinha bom relacionamento com os jornais. Seus lançamentos em loteamentos de

terrenos tanto em Fortaleza, quanto em Aquiraz, ocupavam espaço generoso nos jornais da cidade a ponto de posicioná-lo como um dos maiores anunciantes, principalmente na área imobiliária.

O empresário Nelson Otoch acompanhou Sérgio na empreitada do jornal, com participação minoritária em termos de ações, mas muito presente no cotidiano da empresa. Amigo da família, Otoch é padrinho de batismo de Jacqueline, filha de Sérgio.

O jornal dava prestígio, mas era um negócio secundário, considerando o faturamento das outras empresas de Sérgio Philomeno no setor imobiliário e no envasamento de refrigerantes. Contabilmente, era perda financeira; politicamente, era ganho.

Com o golpe militar de 1964 endurecendo a cada dia, em dezembro de 1965 já não era tão confortável ter um jornal, principalmente quem tinha grande interesse em outras áreas e estava fora dos centros de poder do Sudeste. Sérgio temia que o jornal, deficitário, colocasse em risco seus outros negócios, ainda mais porque a censura começava a incomodar cada vez mais. E o jornal tinha um comprador potencial: Venelouis.

Com a venda consumada no final de dezembro, Venelouis tomou posse em janeiro de 1966 e Sérgio Philomeno demorou para desfazer sua relação emocional com o jornal. Comentava sobre a venda de uma forma bem saudosista e lamentava a perda da convivência, mesmo que esporádica, com um jornalista que admirava muito, Odalves Lima. Em certo domingo, lá estava Odalves à mesa do almoço como convidado principal da família Philomeno. Não faltou à mesa a famosa Douradinha, preferida de Odalves.

— Odalves era de um brilhantismo enorme. Meu pai falava muito bem dele, como era incrível a capacidade dele desenvolver as matérias jornalísticas, em qualquer estilo.

Mesmo nunca tendo sido um homem de imprensa, Sérgio tinha um fascínio por jornal, principalmente pelo potencial de influência e prestígio desse tipo de mídia.

No dia 30 de novembro de 1979 ele voltou para o jornal *O Estado*. Comprou 50% das cotas da empresa do seu principal acionista, o jornalista Venelouis Xavier Pereira. O Brasil vivia o período de distensão e de retorno “lento e gradual” para a democracia, um ciclo que se encerra em 1988, com a promulgação da nova Constituição, a chamada “Constituição cidadã”. É possível que Sérgio já estivesse maquinando sua entrada na política partidária para a disputa eleitoral.

Venelouis precisava do dinheiro. O jornal estava descapitalizado e os anunciantes eram cada vez mais poucos. Venelouis queria estancar as perdas e fazer investimento em tecnologia. Sérgio teria comentado depois que Venelouis queria vender o jornal todo, mas que ele não podia assumir o encargo e comprou somente 50%.

Feitas as tratativas, foi redigido um “Contrato particular de compra e venda” com onze cláusulas contratuais, onde se efetivava a compra ao preço de Cr\$ 7.500.000,00 (sete milhões e quinhentos mil cruzeiros) com um sinal em “cash” de Cr\$ 1.500.000,00 (hum milhão e quinhentos mil cruzeiros).

O aditivo ao contrato social da empresa editora, a “Rede Independente de Jornais do Nordeste Ltda”, datado de 5 de dezembro de 1979, mudou o sistema de cotas:

Venelouis Xavier Pereira.....	Cr\$ 392.000,00
Ricardo Augusto Palhano Xavier.....	Cr\$ 8.000,00
Sérgio Moreira Philomeno Gomes.....	Cr\$ 400.000,00
TOTAL.....	Cr\$ 800.000,00

A cláusula quinta do contrato era algo draconiana para Venelouis, pelo menos do ponto de vista do controle da gestão editorial. Para aceitar aquela condição, só mesmo estando em uma situação de emergência financeira na empresa. Parte dos seus poderes sobre a linha editorial do jornal eram solapados, subtraídos. Era como abrir mão do melhor naco de uma suculenta refeição. Mas a cláusula continuou lá e tinha tudo para vir a ser um grande ponto de discórdia em um futuro bem próximo.

Cláusula Quinta: Pelo presente instrumento, fica certo e ajustado, que o ora COMPRADOR, Dr. SERGIO MOREIRA PHILOMENO GOMES, passará a ser o orientador do editorial do Jornal O Estado, cabendo-lhe, traçar a linha política do mencionado Jornal, ficando ainda, sob a sua responsabilidade, a distribuição do referido jornal, assim como, a parte pertinente a assinaturas, cabendo-lhe por isso, quarenta (40%) do lucro obtido. [Grafia original do contrato]

O contrato fixava pró-labore mensal para Venelouis, dava a Sérgio o direito de meia página do jornal, diariamente, para publicar anúncio ou publiteditorial e também, em outra cláusula, direito de indicar o gerente do jornal para a área financeira.

O jornal ganhou uma injeção estrutural com investimentos, foi para uma nova sede e passou a ser impresso em uma rotativa Harris. O novo endereço passou a ser Avenida Barão de Studart, 3.200, térreo do edifício onde funcionava a Frios Nordeste S.A. (Frinosa), do Grupo Sérgio Philomeno, que fabricava os sorvetes Gelatti. Inaugurado em 18 de janeiro de 1971, o prédio tinha uma capacidade ociosa que passou a acolher bem a redação e as oficinas do jornal.

Os fatos mostraram que a volta de Sérgio ao jornal fazia parte de um projeto político deste. Ele não queria somente ser sócio do jornal. Queria, principalmente, ser sócio do Venelouis, o jornalista mais combatente e beligerante da temporada, com quem, a rigor, ninguém queria comprar briga.

José Maria Philomeno relata:

Sérgio se filiou acho que ao PP, depois ao PTB e acabou sendo eleito deputado federal, em 1982. A segunda passagem dele pelo jornal *O Estado* decorreu dessa associação com o Venelouis. O cargo que ele ocupava, você pode ver no expediente, era de vice-presidente.

Em 1982, a família se mudou para Brasília, e Sérgio, cheio de

projetos, chegou até a comprar um terreno, dois lotes, no setor gráfico. Tinha planos de montar um jornal na capital federal. Havia um interesse dele em desenvolver algo nessa área jornalística, ele chegou até a tentar comprar uma emissora de televisão, rádio, mas não deu certo.

Houve um momento em que, a partir de 1983, ele deputado federal — não posso precisar os motivos, não sei se havia algum impedimento legal dele ser sócio de um veículo de comunicação, por ser parlamentar —, então chegou um momento em que ele estava reformulando os negócios e não interessava mais permanecer com a sociedade [com Venelouis] e houve alguns ruídos na questão da linha e gestão do jornal. Então a parceria chegou ao fim, houve desentendimentos, algumas rusgas nessa relação, mas que acabaram rompendo mesmo.¹⁵

Além da parceria na sociedade do jornal, Sérgio e Venelouis germinaram uma amizade muito grande. Venelouis chegou a ser assessor especial do Grupo Sérgio Philomeno e assumiu funções executivas e investigativas, tendo auditado desvios de dinheiro no fluxo interno da empresa e identificado os funcionários infratores.

Notívagos, Venelouis e Sérgio preferiam a noite para discutir política, às vezes pessoal, sempre regados a um uísque, às vezes em longas conversas ao telefone.

Continua José Maria Philomeno:

O meu pai era uma pessoa que trabalhava muito à noite, eu lembro dele horas ao telefone com o Venelouis discutindo política. Naquela época havia muita efervescência política por conta da redemocratização e meu pai também já estava bem envolvido com a política. O jornal *O Estado* sempre teve esse lado político muito forte. Então o Venelouis foi uma figura que eu tive o prazer de conhecer e conviver, jantava muito lá em casa, ou, muitas vezes, saíamos em família para jantar fora. Chegou a ser um conselheiro, dava muitos

conselhos ao meu pai, falava pra ele ir com calma, às vezes para ter cuidado com certas coisas.

Agora houve desavenças como em toda sociedade, mas que foram resolvidas. Mas a relação dele com o Venelouis não era só de trabalho, mas também de amizade — mas teve a separação e um acerto de contas e a participação que meu pai tinha antes foi recomprada pelo Venelouis.

José Maria Philomeno lembra que a família sempre esteve preparada para conviver com stress e tensão, situações inerentes principalmente à política, mas também muito passíveis de acontecer no ambiente empresarial. Lembra que Sérgio Philomeno sempre teve negócios que abriram zonas de conflitos, atritos. “Com a política também, porque ela já é um meio próprio de conflitos, pessoa pública fica à mercê de críticas”.¹⁶

Submetido à pressão e stress, ninguém consegue manter a fleugma todo o tempo. Também era assim com Sérgio, como, instigado pelo autor, relembra seu filho:

Várias vezes, ele era um pouco explosivo, apesar que para as pessoas do seu convívio estreito, tinha um coração muito grande. Ele ajudou muitos amigos, pessoas que trabalhavam com ele. Se tinham problemas com questões de saúde, ele fazia questão de pagar. Até hoje encontro pessoas que me agradecem e dizem que meu pai pagou a faculdade para elas. Mas o fato é que ele ficava muito ansioso em realizar as coisas, e, às vezes ele perdia o tom, mas não era uma pessoa de guardar mágoa — ele tinha essa marcante característica. Nós, eu e minha mãe, nos contrariávamos, porque ele acabava se reaproximando de pessoas que o haviam prejudicado, criticado, mas esse lado do comportamento pessoal dele era muito forte. Ele valorizava muito a relação, a identificação que ele tinha com a pessoa, mesmo que tivesse ocorrido algum tipo de negócio mal resolvido. Na coragem ele se assemelhava muito ao Venelouis.

Fez muitas amizades, mas viveu muitos atritos por isso. O comportamento muito espontâneo, de não medir às vezes as palavras, culminava em atritos. Talvez se ele tivesse uma assessoria que o aconselhasse a evitar certas polêmicas e atritos. Sérgio, como Venelouis, não se deixava assessorar. Se alguém falasse determinadas verdades que o contrariassem, ele não gostava. Mas se ele tivesse tido uma precaução maior em evitar essas coisas, talvez a imagem pública dele não tivesse tido tanto desgaste.¹⁷

O jornal *O Estado* deu amplo registro à morte abrupta de Sérgio Philomeno. A notícia *Sérgio Philomeno, a perda de uma das maiores inteligências do Ceará* saudava a memória do empresário:

A inteligência de Sérgio Philomeno era admirada por todos os seus amigos e seu trabalho parlamentar como deputado federal (1983-1987) foi dos mais profícuos, tendo apresentado mais de 70 projetos de lei, principalmente sobre o Ceará. Ele era um profundo conhecedor dos problemas do interior cearense e conhecia todos os dados geográficos dos nossos municípios.¹⁸

20. FRAN ERLE E *O ESTADO DO CARIRI* A utopia regional de Venelouis, volta às origens

Venelouis chama o novo fotógrafo do jornal e recomenda a melhor cobertura possível da inauguração da avenida presidente Castelo Branco, uma obra estratégica que desobstruía, pela praia, o acesso de dois pontos importantes da cidade, o Leste o Oeste. Em 20 de outubro de 1973, um sábado, com a presença do ministro do Interior, Costa Cavalcante, recepcionado pelo governador César Cals, a cidade acordava para o evento do dia, a inauguração da primeira etapa da obra. Mas, uma tragédia roubou a cena. Um dos aviões que faziam evoluções cai sobre três casas na rua Gomes Parente, no populoso bairro do Pirambu, matando mais de uma dezena de pessoas e deixando outro tanto de feridos. O fato do dia deixou de ser a inauguração com pompa e circunstância e passou a ser o sinistro.

— Mostre-me as fotos do acidente, meu jovem.

— Que fotos do acidente?

— O acidente com o avião, na praia... no Pirambu.

— Mas, doutor, o sr. mandou fotografar a inauguração da avenida. Eu fiz a foto do governador e do ministro, no palanque. Não pensei que fosse necessário fotografar o avião que caiu.

Venelouis reagiu entre o trágico e o cômico. Primeiro a ira, per-

meada por uma meia dúzia de palavrões, alguns adjetivando o jovem fotógrafo. Em seguida caiu em ruidosa gargalhada e exclamou:

— Você vai ser um desafio para mim, mas vou fazê-lo jornalista. A primeira coisa é mudar esse nome. Francisco Erle Fonteles é duro demais... Chico do Riomar, nem pensar.¹

A primeira missão do jovem repórter fotográfico foi, literalmente, um desastre. Na verdade, o jovem ficou deslumbrado com as autoridades e saiu fotografando gente que conhecia apenas pelas páginas dos jornais. Começou a fotografar compulsivamente as autoridades da época, o governador César Cals, o prefeito Vicente Fialho, o ministro e convidados importantes do governador.

— Era gente que eu só conhecia nas páginas dos jornais e pela TV. Eu, vindo recentemente do Ipu para Fortaleza, me deslumbrei. Coincidentemente um avião que estava fazendo apresentação nesse dia caiu bem próximo a mim, caiu no chão e explodiu. Aí eu corri para o jornal, contei para o Venelouis sobre a explosão do avião e ele imediatamente perguntou pelas fotos. Eu disse que não bati, porque havia sido escalado para fotografar a inauguração da avenida. Ele reagiu de forma até branda, disse que se fosse um fotógrafo antigo iria me demitir, mas como era eu, um matuto do Ipu, ia dar mais uma chance.

Venelouis realçou ao jovem iniciante a oportunidade que ele perdeu logo na estreia:

— Sua foto poderia estar sendo distribuída agora pelas grandes agências de notícias do mundo. Você poderia até ficar rico com ela —, exagerou.

— Doutor, essa foi a minha primeira aula de jornalismo. A partir de hoje vou ter cuidado com tudo que acontecer ao meu redor. Juro que a partir de agora eu passarei a ter mais cuidado. Essa foi a minha estreia.

Os anos passaram e a relação dos dois ficou bastante sólida ao ponto do jovem ipuense entrar no rol de herdeiros de Venelouis. Formaram dupla no jornal e nas empreitadas noturnas, nas várias casas de shows da Fortaleza dos anos 1970 e 1980. Ao mesmo tempo foi guindado à

condição de colunista do jornal, com foco principalmente em acontecimentos sociais e um pouco de política. O Chico do Riomar, como era conhecido no Ipu, agora frequentava as altas rodas e se iniciava na intensa vida noturna cultivada pelo tutor. Filho de Riomar Fonteles Aragão e Sebastiana Fonteles, era comum no sertão nordestino que ao nome ou ao apelido se anexasse o nome do pai ou da mãe, daí o Chico do Riomar. Iniciado por Venelouis na vida noturna da cidade, passou a frequentar também as boates particulares onde aconteciam festas regadas na fartura dos sólidos, dos líquidos e dos gasosos. Para assinar a coluna social era preciso, então, um nome original e palatável.

— Chico, nem pensar — vetava Venelouis. Imediatamente criou a grife Fran Erle, provavelmente inspirado em um outro Fran famoso na história do jornal, o escritor e advogado Fran Martins. Criar nomes para seus repórteres foi algo recorrente na carreira de Venelouis, que o digam ainda Julieta Brontée e Mr. Torres. O jovem Chico ainda ponderou:

— Doutor, gostei. Mas, no Ipu, eu gosto de ser chamado mesmo é de Chico do Riomar. Quando eu chego lá as pessoas agora perguntam se podem me chamar assim, eu digo que devem, me sinto muito orgulhoso desse nome.

O jovem colunista não esconde o deslumbramento. Nos anos 1970, o Ceará era o líder nacional na produção e exportação de lagosta e a iguaria, no mercado interno, era chique e cara. No seletto restaurante do Náutico Atlético Cearense, Fran Erle viveu uma iniciação inesquecível: foi a primeira vez que comeu lagosta, grelhada, com molho de alcaparras e esse mundo novo era absolutamente deslumbrante.

Em 1975, Venelouis resolve iniciar uma edição regional do jornal *O Estado*, em Juazeiro do Norte, a região do Cariri cearense. Estávamos no governo de Adauto Bezerra e esta era, também, uma maneira de prestigiar o momento político do ilustre filho de Juazeiro, indicado pelo presidente Ernesto Geisel para ocupar o mais alto cargo da política no Estado. O capitão Erivano Cruz era o interventor de Juazeiro, função que ocupou até 1977.

Tratava-se de uma operação de alto risco financeiro, considerando que o jornal deveria ser autossustentável e não depender dos recursos da matriz. Era preciso uma atividade econômica intensa para dar viabilidade ao jornal. Fran Erle foi escalado para executar o desafiador projeto.

Em imóvel na Praça Padre Cícero, no Centro de Juazeiro, foram instaladas a redação e as oficinas com equipamento enviado de Fortaleza, dentre os quais se destacava uma impressora plana. Com circulação de segunda a sábado, nascia *O Estado do Cariri*, título bem ao gosto dos que, muitos anos atrás, alimentaram a ideia separatista na região.

Ninguém acreditava que o projeto fosse prosperar. Juazeiro era conhecida, na época, como cemitério de jornais, uma tradição que vinha desde os tempos de João Brígido, quando o ciclo de vida médio dos jornais era de pouco mais de dois anos, quando muito.

A operação em Juazeiro não foi fácil e logo nos primeiros meses o jornal entrou no vermelho. O *deficit* financeiro virou uma bola de neve, muito também em decorrência do fato de que a economia local — um comércio robusto e uma indústria em ascensão —, não acreditava no projeto.

O conteúdo editorial, em grande volume, era produzido em Fortaleza. O editor Teobaldo Landim — também professor do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará —, conduzia a linha editorial em combinação com Venelouis. Alguns profissionais da redação em Juazeiro cobriam os eventos da cidade e da região dando uma cor local ao jornal. O jornal ficou no comando de Venelouis até 1976. Em setembro, o juiz Miguel Alencar Furtado, irmão do deputado federal Alencar Furtado, fez uma proposta irrecusável a Venelouis e o jornal teve uma sobrevida de mais dois anos. Miguel Alencar Furtado argumentou, com justeza, que o jornal era da cidade e tinha perspectiva de sucesso e assumiu o controle da gestão. Fran Erle voltou para Fortaleza, mas a diretora comercial, Edelita Nogueira, continuou em Juazeiro prospectando anúncios para sustentar a conti-

nuidade do projeto. Edelita era outra cria de Venelouis. Começou no jornal *O Estado*, mas assumia qualquer desafio a mando de Venelouis.

Fran Erle avalia a investida e o recuo estratégico de Venelouis em Juazeiro do Norte:

— A experiência não teve nada de traumática, foi muito positiva. Eu fiz muitas amizades na cidade e na região, mas o jornal dava prejuízo e se sustentava mantido pela edição superavitária do jornal de Fortaleza. O apoio que o governador Adauto deu naquela época foi pífio e a mentalidade dos empresários locais era muito curta. O jornal circulava em quase todas as cidades do Cariri, mas o comércio local preferia investir em anúncios no rádio e em carros de som. Quando se falava em anúncio no jornal e se discutia o preço do centímetro no jornal, todo mundo levava um susto.

Mesmo sendo muito amigo do governador Adauto, Venelouis mantinha uma linha de independência branda do jornal, e não se posicionava totalmente a favor dele. Não fazia um jornal chapa branca embora a edição de Juazeiro também não protagonizasse grandes polêmicas, como era comum na edição de Fortaleza.

— Venelouis gostava de ser diferente —, comenta Fran Erle. A linha editorial no Cariri era branda, o jornal não fez oposição nem ao governo nem ao prefeito, mas se mantinha em uma linha independente.

Na verdade, ao investir em um jornal no Cariri, Venelouis se moveu muito mais por idealismo e pelo atavismo — sua terra natal, Jardim, estava bem ali, na periferia do Cariri, e Crato fora seu berço secundário antes de vir para Fortaleza.

No ano seguinte ao que adquiriu o jornal, o juiz Miguel Alencar Furtado — continuador do projeto *O Estado do Cariri* se viu, na condição de juiz, no epicentro de um processo ruidoso, de repercussão nacional: o assassinato, com dois tiros e sinais de sevícias, do operário José Teófilo da Silva, aos 42 anos, vigia da Usina José Bezerra, de propriedade do governador do Ceará, Adauto Bezerra, e de seus dois

irmãos Humberto, deputado federal, e Orlando, deputado estadual. Um caso escandaloso que chegou às páginas da influente revista *Veja*:

O juiz Miguel Alencar Furtado, irmão do ex-deputado Alencar Furtado, titular da 1ª Vara de Juazeiro, não pôde apurar concretamente as culpas — foi posto em disponibilidade logo após o crime. “A culpa é do sistema político dominante no município”, desabafa ele, sem maiores precisões. “E não só por esse, como por muitos outros assassínios impunemente cometidos desde 1974.”²

De volta a Fortaleza, com mais experiência, Fran Erle conseguiu o registro profissional na condição de jornalista diagramador graças à jornalista Adísia Sá, grande amiga de Venelouis. Adísia queria registrar no Sindicato dos Jornalistas todos os profissionais que ocupavam funções nas redações. O jornalista Francisco Auto Filho também se associou ao pleito. À época, Auto estava exilado no jornal *O Estado*, já que não era admitido por nenhuma empresa jornalística em decorrência de sua militância política. Venelouis, que tinha uma enorme admiração por ele, recebeu-o no jornal com contrato de trabalho e salário mensal, desafiando os arautos locais da ditadura militar. No período mais bicudo, Auto Filho chegou a ocupar um cômodo na casa de Fran Erle, no bairro Joaquim Távora, em Fortaleza.

No dia 21 de abril de 1984, uma notícia dramática se abateu sobre o jornal *O Estado*, a morte em desastre automobilístico do jornalista Teobaldo Landim, editor do jornal e professor na Universidade Federal do Ceará. Teobaldo era uma alma gêmea de Venelouis. Não temia nenhuma polêmica e nenhum enfrentamento, muito pelo contrário, não conseguia viver sem estar no olho de algum furacão. Por isso, nas páginas do jornal *O Estado* viveu grandes momentos exercitando, no limite, sua crítica cheia de condimentos picantes e muita ironia, mas sempre orientado pelo fio condutor da informação. Teobaldo Landim, uma mente brilhante, foi do céu ao inferno. De militante de esquer-

da no movimento estudantil, jornalista com passagens marcantes em veículos dos Diários Associados de Assis Chateaubriand, é citado no relatório final da Comissão da Verdade como um informante do regime militar. Uma das suas vaidades era ter conduzido a estratégia de marketing do candidato Mauro Benevides. "Aonde o Mauro vai, o povo vai atrás", uma paródia da música brega "Aonde a vaca vai, o boi vai atrás...", de um certo João da Praia, virou bordão e elegeu Mauro Benevides senador pelo PMDB, em 1974. Teobaldo Landim é o autor da paródia cantada no Ceará todo e Mauro, candidato da oposição ao regime militar, foi para o Senado, conseguindo a proeza de derrotar Edilson Távora, o candidato do partido governista, a Aliança Renovadora Nacional (Arena), apoiado pelo governador César Cals. Mauro também ganhou o inusitado apoio do coronel Virgílio Távora, desafeto de Edilson, embora parentes.

Teobaldo era um profundo conhecedor do processo de produção de um jornal, nadava de braçada na história política e econômica do Ceará e não titubeou em aceitar o convite de Venelouis para assumir a editoria geral do jornal. Uma testemunha ocular destaca no relacionamento dos dois o alinhamento automático em todas as ações.

A chegada de Teobaldo no corpo editorial do jornal foi uma grande aquisição. Juntos, eles mantiveram uma linha totalmente independente — apesar das dificuldades e pressões econômicas. Venelouis era retaliado, mas tinha os amigos que o ajudavam a manter o jornal e por outro lado, ele sabia economizar dentro do jornal.³

Um exemplo clássico de economia era a reciclagem das chapas de gravação do jornal, tecnologia já relatada pelo impressor Antonio Valderi Martins. A chapa era ressensibilizada em um processo de restauro artesanal. Quanto maior a densidade da chapa, maior sua reutilização. Até 30 vezes, o que significava um estupendo ganho de produtividade.

Com a morte de Teobaldo Landim, quem assume a função, mesmo por curto tempo, é o jornalista Francisco Auto Filho. Depois é sucedi-

do por Hélder Cordeiro, uma cria da casa, e este por Ossian Lima, um dos melhores textos da imprensa cearense, acurado repórter e analista político.

Nesta mesma fase, *O Estado* era laboratório em todos os setores de produção. Da redação ao setor industrial. Na redação, foi início de carreira para muitos estudantes do Curso de Comunicação Social da UFC e para recém-graduados. São dezenas de nomes, como Luzenor Oliveira, Donizete Arruda, Eliomar de Lima, Socorro Ribeiro, Luiz Pedro Neto. Dentre os articulistas, sobressai-se Messias Pontes, o “guerrilheiro da palavra”, como foi imortalizado em livro organizado pelo senador Inácio Arruda.⁴ Venelouis adorava lidar com profissionais da novíssima geração, potencialmente diferentes, para um jornal diferente, como ele sempre dizia.

Eliomar de Lima relembra:

— Foi no jornal *O Estado* meu primeiro emprego em jornal, em 1986. Cobria fatos policiais, à noite. Convivi quase nada com o Venelouis. Meu contato era com o editor Fran Erle.⁵

21. SEQUESTRO, BARBÁRIE E COVARDIA Venelouis, sequestrado, espancado e largado nu

Em 1972, *O Estado* era habitado por uma novíssima geração de comunicadores, alguns deles iniciando na profissão como estagiários do jornal. A *Curtição do Guto* era uma coluna semanal aguardada com expectativa devido às irreverentes, surpreendentes e originais produções do *enfant terrible* Augusto César Benevides, que introduziu vários neologismos na linguagem daquela cidade de Fortaleza. Guto Benevides também era o diretor de redação e tinha na equipe as jovens estrepantes Sônia Pinheiro e Stela Crisóstomo, siamesas na profissão e naquela fase da vida.

O dicionário da *Curtição do Guto* introduziu palavras como "elemento", referindo-se à personagem da coluna, como, por exemplo, no título "Um elemento envenenado", uma entrevista pingue-pongue com o radialista Alberto Damasceno. Idem para a palavra "envenenado" que queria dizer "aditivado", "endiabrado", algo assim e, no caso, uma figura que está na conversa das rodas da cidade. Manequim, modelo, era "maneca" e elas faziam o maior sucesso nas páginas da "Curtição".

— Quero um jornal diferente — repetia Venelouis.

A *Curtição do Guto* era um puxador de vendas do jornal, aos do-

mingos e atrações inusitadas como “Loirinha, a repórter” que era a Solange Palhano, com seus nove anos.

Newton Pedrosa assinava a coluna “Cartas na Mesa”, onde o prato principal e a sobremesa eram política, sempre com análises e informações originais. Flávio Torres assinava a apimentada coluna do “Mr. Torres” onde lia-se a subseção “As cobricas de Mr. Torres”.

Nos Estados Unidos, Richard Milhous Nixon, do Partido Republicano, liderava a corrida presidencial. Informava em manchete com letras garrafais a edição do dia 8 de novembro:

Eleições nos Estados Unidos

Nixon na frente

A confirmação veio a galope. Nixon foi reeleito com mais de 60% dos votos, mesmo com as investigações do chamado Caso Watergate em andamento, com os indícios fortes de envolvimento da Casa Branca em espionagens, fundos secretos de campanha — o caixa 2 —, sabotagem e arrombamento de um comitê político do Partido Democrata, no edifício que deu nome ao episódio. César Cals habitava o gabinete do governador no Palácio da Abolição e Vicente Fialho reinava com a altivez do grande executivo no Palácio do Bispo, sede da prefeitura de Fortaleza. O gabinete presidencial do Palácio do Planalto era o lugar de despachos de Emílio Garrastazu Médici e o Brasil vivia um dos momentos mais acirrados da ditadura militar.

Certamente o exemplo que vem de cima acaba contaminando a base. E foi o que aconteceu. Uma demonstração rara de extremo autoritarismo que acaba trazendo as trevas para a risonha e feliz redação daquele *O Estado* de 1972.

Foi uma violência desproporcional a qualquer reação. No dia 10 de novembro, uma sexta-feira, por volta das 22 horas e 30 minutos, cinco elementos invadiram a sede do jornal *O Estado*, na rua Liberato Barroso, 709, Centro de Fortaleza. Era o horário de pico do fechamento editorial do jornal. Venelouis escrevia algumas notas para a sua coluna

e de repente foi arrancado da redação. Os homens passaram a agredi-lo a socos e pontapés ao mesmo tempo em que quebravam móveis e objetos de sua sala. Em seguida, arrastaram-no para fora do jornal onde um veículo com o motor ligado, em ponto de partida, já aguardava. Era um sequestro. O jovem jornalista Venelouis, 38 anos, estava sendo vítima de um crime hediondo de inspiração fascista.

O colunista Flávio Torres² estava na sala de Venelouis na hora que os policiais entraram. Flávio levou um safanão tão violento que seus óculos de graus quebraram — só muito depois passou a usar lentes de contato. Trancaram Flávio em uma sala mas, de tão magro que era, ele escapou pela tubulação de ventilação e saiu pelos fundos do prédio. Foi, em seguida, ligar para Wanda Palhano para dar a má notícia.

A ação na sede do jornal durou menos de cinco minutos.

Marluce Férrer² estava grávida de sete meses da menina que viria a se chamar Rebeca. Quando recebe a notícia por telefone, momentos depois do sequestro, um misto de angústia e revolta invade sua alma mas, no minuto seguinte pede socorro. Ligou para dona Marieta Cals, mulher do governador César Cals, relatando o fato. Elas se conheciam de eventos sociais no Palácio da Abolição mas também porque Marluce, como diretora comercial do jornal, atendia as contas do “Governo da Confiança” — o slogan adotado por César Cals, uma inovação inédita.

— Um momento, dona Marluce. Vou passar para o governador.

Marluce tomou um susto e César ouviu todo o relato silenciosamente para ao final dizer:

— Fique calma e não saia de casa. Irei agora mesmo ao BATRAN e depois passarei em sua residência.

A residência na avenida Santos Dumont ficou logo cheia de gente. Venelouis recebeu a solidariedade de dezenas de pessoas que se mostravam totalmente revoltadas e indignadas. Wanda Palhano foi uma das primeiras a chegar para confortar Marluce — sempre tiveram relação cordial e Wanda chegou mesmo a dar alguns conselhos a Marluce, quando das famosas escapadas noturnas de Venelouis.

A manchete de capa **Covardes**, em letras garrafais, externava o estado de espírito do jornal.³

Seguindo-se à manchete um pequeno texto, em linha inferior e em pequenos caracteres, chama para a coluna *Linha de Frente*, na página 15, assinada por Venelouis Xavier Pereira.⁴

Energúmenos, brada o editorial em primeira página, na mesma edição. Sob o título *A Autoridade e o Indivíduo*, traz a análise e a opinião sobre o bárbaro episódio.

Duas ordens de considerações está a merecer o fato de que foi vítima, para espanto da opinião pública, nosso diretor Dr. Venelouis Xavier Pereira. A primeira concerne à autoridade do comandante do Batran, a segunda ao indivíduo Jarbas Botelho, já que nós não podemos referir a homem, por amor e respeito ao vocábulo.

Estarrecedor que alguém seja escolhido o comandante de unidade militar, mormente de uma que exige, por peculiaridades, equilíbrio e espírito de justiça, um prévio e acurado exame de suas condições psicológicas e tendências morais. Foi o quê, sem margem de qualquer dúvida, ocorreu na escolha de Jarbas Botelho, que em um mês de comando do Batran, por uma censura jornalística a seus métodos, cometeu o nefando delito de sequestro e sevícias instituído em Nossa pátria por terroristas e gangsters. Por afinidade moral com os energúmenos que erigiram tal crime, em marca registrada de sua inadaptação à vida social, não trepidou o insofrido Jarbas em aviltar o comando da Unidade Militar que lhe fora confiada desavisadamente pelo governador do Estado. Não vacilou em desacreditar os critérios, através dos quais se fizera o mais jovem tenente coronel da nossa PM, superando pelas vilegiaturas ao exterior, o esforço de abnegados oficiais que escolarizavam-se profissionalmente em longa labuta pelo interior do Estado, aceitando os incontáveis desafios que sua profissão lhes está a opor incessantemente. Não hesitou em ruborizar a classe militar a que pertence, à qual tem, em sua hierarquia de valores, a bravura e a coragem em

primeiro plano, ao revelar-se um pulha corruptor de companheiros, a quem induziu para o aviltante sequestro.

Esse o indivíduo, de quem devem cuidar a Justiça Penal e o Conselho Militar, que julga os que cometem atos infamantes à vida castrense.

Quanto à autoridade do Comando do Batran, restaurado está desde que dele foi afastado, por desonra, o indivíduo Jarbas Botelho. Uma advertência porém trouxe a ocorrência. Uma revisão dos critérios para promoções está a impor-se na Polícia Militar do Estado do Ceará, ante o insofismável malogro dos que são presentemente adotados e que tão tragicamente se revelou no episódio que nos humilha os foros de civilização.

A Associação Profissional das Empresas de Jornais e Revistas do Estado do Ceará — entidade que congrega donos de jornais e revistas — publicou nos jornais da cidade enérgica nota de solidariedade:

Diante de ato nitidamente criminoso atentatório à dignidade humana praticado contra o jornalista Venelouis Xavier Pereira, diretor do jornal O Estado, agravado por prejuízos voluntariamente causados àquela empresa jornalística, vem de público dar integral solidariedade ao seu companheiro barbaramente espancado depois de ter sido sequestrado por um grupo de oficiais, ao que se sabe 12, comandados pelo tenente-coronel Jarbas de Almeida Botelho, àquele instante comandando o BATRAN, órgão subordinado diretamente ao comandante da Polícia, coronel Dagmauro Nunes Sabino Pinho.⁵

A nota da Associação também lamenta que mais uma vez, no Ceará, tenha sido esquecida pelas autoridades a lei 5.250 de 9 de fevereiro de 1967, que regula a liberdade de manifestação do pensamento e de informação e que regula também o direito de resposta em jornal ou em órgão de radiodifusão a toda pessoa natural ou jurídica, órgão ou

entidade pública que se sinta ultrajada em sua moral, em decorrência de notícia ou opinião publicada.

Os pares de Venelouis, na Associação dos proprietários de jornais e revistas reforçam o quão revoltante foram as cenas de exacerbação que aconteceram às vésperas das eleições, em uma conjuntura de tensão no Ceará.

O clima de tensão realmente era acirrado a ponto de o deputado estadual Iranildo Pereira lamentar, na tribuna da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, a negativa do Superior Tribunal Eleitoral de enviar tropas federais para garantir o pleito no Ceará.⁶

— A Polícia Militar não tem a necessária isenção de ânimo para garantir o pleito, pois em certos lugares fica a serviço de chefes políticos para promover desordem e baderna.

Em sua coluna *Cartas na mesa*, o analista político do jornal, Newton Pedrosa, lamenta o episódio. Ele entende e defende que “a sociedade moderna repudia toda espécie de terror, e, nós pertencemos a uma sociedade moderna que deseja, que quer e que almeja a extinção do terrorismo no país, de uma vez por todas”.⁷

Escreve Pedrosa:

Ao invadir o jornal para praticar o sequestro, o seu autor não atentou apenas contra uma propriedade privada ou contra a pessoa física do seu proprietário, mas atentou contra um jornal, contra um jornalista, contra uma classe inteira, contra a sociedade e contra a liberdade de pensamento, protegida por uma Lei de Imprensa — aliás bastante rigorosa — quando a sua linguagem se excede ao comentar fatos. A liberdade de pensamento e expressão jamais poderá ser limitada pela violência ou pelo arbítrio, porque quando isto tende a ocorrer, estão ameaçados a sociedade e o estado de Direito. E foi exatamente isso o que fizeram o coronel Jarbas Botelho e seus comandados que o acompanharam. Atentaram contra o estado de Direito porque atentaram contra a liberdade de Imprensa, insulta-

ram e espezinharam o Estado a quem eles tinham obrigação de defender, resguardar e de zelar. Se não tivesse todas essas consequências, o ato praticado se afogaria em implicações grosseiras, pois, com a sua característica brutal, foi executado por quem é pago pela sociedade para defendê-la.

Nota oficial do Clube dos Correspondentes de Imprensa do Ceará repudiava a “agressão covarde, premeditada e traiçoeira sofrida pelo jornalista Venelouis Xavier Pereira”. Assinada pelo presidente Rangel Cavalcante, correspondente do *Jornal do Brasil*, solidarizava-se com Venelouis e com o jornal *O Estado*.

— Queremos a punição exemplar dos responsáveis por este ato traiçoeiro. Certamente as autoridades sérias deste país verão neste evento mais uma tentativa de regresso à época em que a democracia sucumbia, os direitos humanos eram vilipendiados e a liberdade de imprensa se confundia com a baderna.⁸

A Rangel Cavalcante se associavam os correspondentes Edmundo Maia, do jornal *Última Hora* e Rodolfo Espínola, do jornal *O Estado de S. Paulo*. Eles apelavam para que “este covarde atentado não se torne mais um exemplo de impunidade do arbítrio e que os seus responsáveis sejam exemplarmente punidos”.

O Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Ceará também protestou em nota oficial:

— Nada justifica que autoridade nenhuma institua métodos brutais de ação em represália a críticas, ainda quando essas pareçam passíveis de sanções legais, muito menos agindo em grupo.

Associação Cearense de Imprensa repudia o “ato de selvageria” e externa seu apoio ao seu associado, membro do Conselho Superior:⁹

O fato lastimável representa mais do que um simples atentado à pessoa física do seu ilustre membro. Ele expressa uma tentativa frustrada, aliás, de silenciar pelo ato de terror de autoridade, um

jornalista, mais ainda, um jornal.¹⁰

Para Venelouis, o ato bárbaro foi uma amostra de truculência protagonizada por torturadores inspirados no nazismo. Ele descreveu os atos iniciais dos seus algozes:¹¹

Antes de ontem, em plena Fortaleza, eu também vi cercas de arame. O autódromo foi transformado em um imenso campo de torturas. Como os nazistas, os torturadores eram muitos contra uma só vítima. Eu fui arrancado do meu jornal por um bando de chacais chefiados por um covarde. Eram 22 horas e 30 minutos e nossa capital virou campo de concentração. Três carros focalizavam seus faróis em mim e cerca de 14 psicopatas iniciaram o festival macabro de torturas. Fui chutado no rosto, recebi pontapés na cabeça e quase me crucificaram.

O bando de poltrões era chefiado pelo covarde tenente-coronel Jarbas Botelho. Sim, ele além de psicopata é um covardão que não teve a coragem de enfrentar-me e aliciou alguns de seus comandados para a prática da sinistra empreitada. Em um caso pessoal, ele envolveu sua corporação. Mas o bando de sicários era digno de seu comandante Jarbas. Antes de invadirem meu jornal, foram buscar coragem no álcool de um boteco vulgar.

O atentado teve planejamento. Houve uma reunião na casa do líder do grupo e o coronel Dagmauro acabou tomando conhecimento da intenção. Prometeu solucionar o problema somente depois das eleições, mas o grupo acabou agindo.¹²

Augusto César Benevides sentiu-se ultrajado no episódio.

— Essa briga era minha.

Para o jornalista e comentarista político Juarez Temóteo, vimos um episódio clássico de “autoritarismo melindrado”. E este é o título do seu artigo publicado no jornal *Correio do Ceará*, na quarta-feira se-

guinte ao sequestro de Venelouis.

“O autoritarismo é a negação da autoridade”, assevera Temóteo. Seu artigo, publicado no jornal dos Diários Associados, é uma defesa apaixonada das liberdades civis:

Não são tanto a brutalidade e a covardia que cercaram a agressão, sexta-feira última, ao jornalista Venelouis Xavier Pereira, diretor de *O Estado*, o que estarrece a opinião pública do Ceará no episódio lamentável. Esta já se habituou aos casos de violência ditados por impulsos que o homem obedece ou não, ao sabor de sua personalidade, de seus instintos ou de sua formação. O que causa maior estupor é o fato de o atentado ter sido praticado por um militar no comando de uma corporação, cujos homens, oficiais como ele, se prestaram a acompanhá-lo na empreitada sinistra, como se estivessem a desimcubir-se de uma missão de guerra.

Tem-se de ver no sequestro e espancamento do jornalista, para dimensionar corretamente as suas implicações, não apenas um desforço de natureza pessoal, mas uma explosão de autoritarismo melindrado, que por certo não se conteria em face dos outros aparentes ou verdadeiros constrangimentos. E o autoritarismo é a negação da autoridade, que se tem de exercer nos estritos limites da lei, mormente quando é ela, como no caso, a guardiã da ordem, da segurança e do respeito à sociedade.

Estranhamos uma declaração atribuída, sobre a ocorrência, ao Comandante da Polícia Militar, coronel Dagmauro Sabino. Segundo ela, o ilustre militar considera a invasão de *O Estado*, o sequestro e o espancamento de seu diretor, apenas um reflexo do passado da corporação. Não entendemos a razão da assertiva, porque o ato de truculência policial que lhe teria ensejado não foi cometido ou comandado por nenhum velho membro de tradicional instituição. Pelo contrário, praticaram-no exatamente alguns daqueles que vêm substituindo os antigos oficiais nas posições de comando, numa política de renovação que só obteria êxito na medida em que, para

as posições mais responsáveis, não desprezasse a experiência, que é a base do bom senso e do equilíbrio.

Não desmerecemos a obra que está sendo realizada na Polícia Militar, a começar do expurgo dos maus elementos que integravam os seus quadros, muitos deles, não obstante autores de crimes, até há pouco envergonhando a sua farda. Nem ressaltamos hoje pela primeira vez, o esforço do atual comando da PM para desfazer a imagem de afrouxamento que, em fases ainda recentes e por razões muito conhecidas, cercou aquela corporação.

O expurgo, entretanto, não deveria ter amplitude maior que a do afastamento dos elementos reconhecidamente maus, para atingir, na prática, o passado da instituição. Se até poucos anos atrás o oficial de nossa Polícia não se fazia pelo conhecimento das letras e das táticas obtido nas academias militares, mas pela experiência direta em que a coragem e a decisão eram os meios de aferição de pontos para a sua carreira, não deixamos então de ter excelentes e disciplinados oficiais que ainda hoje se encontram em serviço ativo ou em comissões. A escola, o que a triste operação que culminou com o sequestro e espancamento do jornalista Venelouis Xavier Pereira lamentavelmente atesta, não segura sozinha a disciplina e a dignidade de uma corporação.

No caso de eliminação da imagem de afrouxamento de que falamos, não se poderia desejar tê-la substituída pela imagem de autoritarismo. É esta, entretanto, a que se vê hoje, em face do excesso de zelo na execução da atual política administrativa da PM. A pretexto de firmar a autoridade da Polícia Militar, tem-se prestigiado subalternos que extrapolam o cumprimento de seus deveres, muitas vezes dando-se a incidentes banais, características mais graves pela intolerância do comportamento do agente. Esse clima, influenciando no ânimo da corporação, pode ser tido como um dos elementos subjetivos geradores do que chamamos explosão de autoritarismo melindrado.

Esses aspectos devem ser cuidadosamente examinados, para

que não se venha a reeditar o episódio deplorável da sexta-feira última, e a Polícia consiga, de fato, construir uma imagem que não imprima o medo, mas o respeito, não produza a ojeriza, mas a estima.

A REVISTA VEJA E A AGRESSÃO A VENELOUIS

A revista *Veja* daquela semana relata o acirramento da relação de Venelouis com o comandante do Batalhão de Trânsito — Batran. Venelouis tomou as dores em defesa do seu editor-chefe Augusto César Benevides que despertou a fúria de uma patrulha policial do trânsito, os chamados "tetéus", em seus fuscas malhados de preto e tons de cinza com indefectível cilíndrica sirene vermelha no topo.

Para conseguir rebocar o carro que estava com a licença vencida, os policiais do Batalhão de Trânsito abordaram Guto Benevides, e iniciou-se aí um entrevero. O carro rapidamente estacionado na garagem do jornal e Venelouis Xavier Pereira entrou em cena, assumindo a defesa do Gutinho. Telefonou, no mesmo momento, para o comandante do BATRAN, tenente-coronel Jarbas Botelho, para resolver o caso.

Mas o que seria uma solução, agravou-se. Com o título *Apelo à força*,¹³ a revista relata a sua visão sobre o episódio. Naquela época, *Veja* — que hoje chega às bancas aos sábados — circulava às segundas-feiras.¹⁴

Relata a revista *Veja*:

Segundo o jornalista, o comandante chamou-o de mentiroso e prometeu apreender o veículo assim que ele saísse da garagem. Pereira, no dia seguinte, revidou com a crônica em que prometia “um par de ferraduras” ao militar, caso ele aceitasse, deveria conformar-se em “voltar a ser 'otoridade'”, um simples delegado de interior. Mas não chegou a gozar muito tempo a vingança: de madrugada, seu gabinete foi invadido por doze policiais, comandados pelo tenente-coronel Jarbas Botelho, que o prenderam sem nenhuma demons-

tração de delicadeza (o jornalista perdeu um sapato e a peruca, e os papéis de sua mesa esparramaram-se no chão) e o levaram para um local ermo, fora da cidade.

No relato ao correspondente de *Veja*, o jornalista José Maria Andrade, Venelouis conta detalhes da violência de que foi vítima:

— Eu ainda tentei advertir o tenente-coronel sobre as consequências de seus atos, mas ele dizia que tinha atrás de si 5000 homens da polícia e que me mataria.

O relato de *Veja* mostra a gravidade da violência:

Pereira não morreu, mas acha que andou perto. “Me chutaram o rosto, o corpo, me açoitaram, fizeram tudo o que era de miséria”, e o deixaram nu, com o corpo pintado de azul de metileno — uma poderosa tintura que até hoje resiste aos seus esforços para removê-la completamente. Para voltar à cidade, conseguiu auxílio num posto policial, onde prudentemente se apresentou como vítima de um assalto.

A perseguição aos policiais espancadores começou tão logo o jornalista chegou à sua casa, sob a direção do próprio comandante da PM, coronel Dagmauro Sabino. Menos de duas horas depois, quando Pereira ainda recebia curativos, eles estavam presos e o governador César Cals determinava a abertura de inquérito e demitia o comandante do Batalhão de Trânsito.

O último tópico do texto de *Veja* vem com o subtítulo “Exageros” onde o repórter conta mais detalhes e relata que Venelouis em sua coluna diária no jornal *O Estado* sugeriu que o comandante do BATRAN, calçasse um par de ferraduras.

Continua *Veja*:

O inquérito começou também a toda velocidade, com o governo empenhado em esclarecer os fatos, e rapidamente foram ouvidos

todos os implicados. Mas, na quarta-feira passada, ganhou um inesperado sabor de mistério, quando se descobriu que a porta do gabinete de seu presidente, coronel Antônio Onofre Filho, havia sido violada. Como todos os documentos permanecem intatos, supôs-se que tivessem sido apenas fotografados, mas foi o suficiente para que o já alarmado Pereira desejasse ver o inquérito transferido para a polícia civil.

Talvez o jornalista tenha exagerado nos seus comentários ao comportamento do comandante do Batalhão de Trânsito. Mas, ao apelar para a violência mais brutal, deixando de lado os meios legais para o revide, o tenente-coronel Jarbas Botelho superou-o no exagero e merece punição mais severa que a simples demissão daquele comando.

Curioso é que nesta edição de *Veja* a reportagem de capa era a volta de Juan Domingo Peron à Argentina, embora o assunto mais quente da semana fosse as eleições municipais em 4.000 municípios brasileiros, com a esmagadora vitória da máquina montada pela Arena puxada pelo seu maior cabo eleitoral, o presidente Médici. Mas já apareciam, ali, sinais de crescimento eleitoral da oposição, o MDB, forte nas grandes cidades.

O jornal *Tribuna do Ceará*, de José Afonso Sancho, um dos grandes amigos de Venelouis, estampou editorial em primeira página. Sancho e Venelouis se encontravam socialmente pelo menos uma vez por semana, às vezes na sede da *Tribuna do Ceará*, na avenida Desembargador Moreira, às vezes na casa de um ou de outro.

Sob o título *Repulsa ao vandalismo*, lia-se:

A cidade foi abalada, à noite de sexta-feira última, pela notícia de brutal atentado contra o jornalista Venelouis Xavier Pereira, diretor do jornal *O Estado*. O coronel Jarbas Botelho, comandante do BATRAN, acompanhado de doze colegas, invadiu a redação daquele jornal, insultando pesadamente e ameaçando de morte seu diretor, que foi sequestrado, seviciado e abandonado em local

ermo e distante.

O bárbaro acontecimento teve ampla e imediata divulgação, suscitando revolta em todos os círculos e fazendo com que a vítima recebesse numerosas manifestações de solidariedade. A Associação dos Proprietários de Jornais divulgou enérgico protesto contra a deplorável ocorrência que, importando em grave transgressão legal, deve ser criteriosamente apurada, a fim de que seus responsáveis recebam a punição da Lei.

É tanto mais lastimável o caso quando se sabe do elevado conceito de que desfruta merecidamente a Polícia Militar do Estado, onde um corpo profissional de elite, adestrado em cursos de aperfeiçoamento de alto nível, cumpre devotadamente a nobre tarefa de defender a sociedade. Por isso mesmo, aquela Briosa Corporação deve reprovar a atitude de seus membros, que comprometeram aquela linha de comportamento.

A repercussão daquele ato vandálico estendeu-se a todo o País, sendo unânime a posição de repúdio contra os agressores que, tendo como missão defender a segurança, investiram contra um cidadão desarmado, no exercício da nobre profissão jornalística, expondo-o a constrangimento moral e torturando-o fisicamente.

O Governador César Cals, ao tomar conhecimento das deploráveis ocorrências, demitiu imediatamente o comandante do BATRAN, determinando sua prisão, juntamente com os co-participantes da agressão, no Quartel da Polícia Militar.

Espera-se que as outras providências a serem tomadas por S. Exa. tenham o mesmo cunho de presteza e energia revelando o propósito claro de identificar os autores do crime, submetendo-os ao império da Lei, para resguardo de seu Governo, cuja imagem não pode ser prejudicada por gestos irrefletidos de auxiliares a que está afeto exatamente o dever de assegurar a tranquilidade social.

O inquérito para apurar os fatos deve ser rigoroso e imparcial, identificando os agressores do jornalista, que cometeram vários delitos, achando-se incursos em diversos itens da legis-

lação penal brasileira.

A punição exemplar do grupo que sequestrou o jornalista Venelouis Pereira constituirá uma satisfação à opinião pública, demonstrando a firmeza do Governo em defesa das normas jurídicas, a cuja sombra todos nos abrigamos.

Será este o único desfecho satisfatório para o triste episódio de sexta-feira última, em que a imprensa cearense foi coletivamente agredida, estando a exigir uma reparação condigna.

Convém lembrar, na oportunidade, o destino do guarda-costas de Getúlio Vargas, Gregório Fortunato, que, tendo alvejado o jornalista Carlos de Lacerda, assassinando o major Rubens Vaz, foi julgado e condenado, apesar de proteção política, terminando os seus dias no presídio.

J. Ciro Saraiva observa que o fato estremeceu tanto a opinião pública cearense que exigiu do governador César Cals uma ação pronta, inclusive com a publicação de nota oficial do Governo nos jornais da cidade. O inquérito foi presidido pelo coronel Antônio Onofre Filho e Venelouis constituiu como seus advogados Jáder de Carvalho e Pádua Barroso.¹⁵

Na sessão do dia 5 de abril de 1973, no Senado Federal, então presidido por Felinto Müller, o senador Nelson Carneiro (MDB), como líder da minoria, discursou sobre o problema da censura à imprensa, solicitando que seja anexado aos anais da casa documento de autoria de Júlio de Mesquita Neto, diretor de *O Estado de S. Paulo* e do *Jornal da Tarde*, apresentado na reunião da Associação Interamericana de Imprensa, em Montego Bay, na Jamaica, no dia 3 de abril, com repercussão inclusive no *The New York Times*.¹⁶ Carneiro leu todo o documento de Mesquita naquela sessão. Sobre o período que o país vivia debaixo da censura implementada pelo ministro da Justiça Alfredo Buzaido, Mesquita escreveu:

A palavra “sombrio” continua sendo adequada para o definir. E se-

ria ilusório acreditar que algo mudará no Brasil no tocante à imprensa nos próximos meses.”

[...] O permanente e humilhante para nós, jornalistas, é a atmosfera de pressões e ameaças que oprime as redações dos jornais que não abdicam de sua missão informativa e formativa.¹⁷

E o senador Nelson Carneiro lembra o caso de Venelouis Xavier Pereira, no Ceará, que ele entende — corretamente — que foi um episódio estimulado pelo estado de exceção:

— O caso do jornalista Venelouis Xavier Pereira — espancado por autoridades policiais —, diretor de um diário de Fortaleza, continua na Justiça.¹⁸

E continua Nelson Carneiro:

[...] As perspectivas não são animadoras e não cremos que a situação se modifique de modo sensível nos próximos meses. A institucionalização do controle da imprensa é uma realidade e nada indica que os mecanismos de censura prévia sejam alterados. Os jornalistas que no Brasil se batem pela liberdade de imprensa estão preparados espiritualmente para continuar enfrentando arbitrariedades, ameaças e pressões de toda sorte.¹⁹

IRANILDO PEREIRA, AUTÊNTICO E CENSURADO

Um dos políticos de esquerda mais combativo, temido na tribuna da Assembleia Legislativa, era o deputado estadual Iranildo Pereira. Com o advento do AI-5, a mídia impressa local não queria aborrecer os censores correndo o risco de publicar alguma notícia onde Iranildo Pereira aparecesse como fonte ou fosse, mesmo indiretamente, referência. Iranildo era um Gregório de Matos parlamentar, Boca do Inferno. E só acatou sua crítica ferina.

Ele relembra:

— Naquele tempo, eu fui proibido de sair na imprensa de modo

geral. E não foi uma proibição da censura. Foi uma decisão dos jornais mesmo.²⁰

Todos os jornais, vírgula, exceto um:

— O único jornal que dava notícias minhas era o do Venelouis. Os outros temiam minha fala, porque de alguma forma tudo prejudicava os interesses deles.

O fato de ser do Cariri foi uma variável de aproximação com o conterrâneo Venelouis, mas não apenas isso. Iranildo é de Santana do Cariri, mais precisamente de uma vila que se chamava Araporanga — nome indígena que significa "dia lindo" — e depois mudaram o nome para Estio. Nasceu ali no dia a 19 de dezembro de 1935 — em uma família de 12 rebentos de dona Amália Pereira e Silva — e em Araporanga morou até os 9 anos, quando se mudou para Fortaleza. Nessa época, em Santana, já era rato de comícios, principalmente por influência de um tio, que era chefe político. Foi o tio, Vicente Major, quem introduziu Iranildo no meio político. Além do tio, o pai de Iranildo, Antônio Major [Antônio Pereira de Oliveira], também teve mandato político, foi vereador em Santana do Cariri, pelo PSD.

Nos comícios, era aquele garoto que todo mundo colocava para falar. Desde então essa aptidão foi se fortificando.

Em Fortaleza, estudante do Liceu do Ceará, pelo menos duas ou três vezes por semana ia para as galerias da Assembleia Legislativa do Ceará, no Centro, acompanhar as sessões parlamentares.

— Eu era viciado naquilo ali. Eu criei gosto.

Se engajou nas campanhas de Paes de Andrade, um amigo de infância, e nunca mais saiu da política.

Venelouis estabeleceu relações muito estreitas com Iranildo e o ajudava não somente abrindo espaços editoriais do jornal *O Estado*.

— Ele me chamou no jornal uma certa vez, me entregou um envelope, disse que não era muita coisa, mas era o que ele podia me dar para ajudar na campanha. Depois daí foi que a amizade cresceu mais ainda. Ele era de uma linha boa, tinha esse apreço por mim, e eu ficava muito vaidoso dessa amizade com ele. Sei também que ele

ajudou com doações para a campanha de Paes de Andrade e para a campanha de Barros Pinho.²¹

Iranildo conta que, da área de comunicação, Venelouis foi a única pessoa que o ajudou financeiramente.

Iranildo foi o tribuno cearense do MDB que precocemente defendeu, no plano local, o movimento nacional pela Anistia ampla, geral e irrestrita, diferentemente dos seus pares no Ceará. Foi uma posição acompanhando um grupo de deputados como Lysâneas Maciel, Francisco Pinto, da Bahia, e Marcos Freire, de Pernambuco — do grupo dos “autênticos” do MDB, em 1971, que combatia o “imobilismo da cúpula partidária”.

— Esse movimento inquietou muita gente. O jornal *O Estado* foi o único que abriu espaço pra gente.

No plano estadual eu tive dois grandes influenciadores na política, José Martins Rodrigues e Luciano Magalhães.

— Luciano Magalhães era um homem muito bom, me ensinou demais. Já com Martins Rodrigues eu convivi bastante. Ele era aparentemente uma pessoa fechada, duro, mas na realidade era um cara de diálogo, entendimento, articulação. Formamos muitos diretórios juntos, ele era um grande líder. Não teve foi a chance de ser governador, ele sonhava com isso. Mas as mesmas coisas do MDB teve lá no PSD. Tinha umas complicações lá, Waldemar Alcântara e outras pessoas lá, não davam espaço para ele ser governador, porque eles desejavam, também, esse cargo. Ele foi pra Brasília como deputado federal, se destacou muito, muito mesmo.

No plano federal, Iranildo diz-se muito influenciado por Ulysses Guimarães, Tancredo Neves, Teotônio Vilela.

— Essas eram as pessoas que eu tinha, não digo intimidade, mas acesso a elas.

Um trecho do depoimento de Iranildo, um exímio contador de história, de invejável memória:

Com o Teotônio eu convivi na campanha pela Anistia; fomos a

quartéis visitar os presos políticos. Ele era uma grande figura, mas era de direita, um usineiro, criador de gado. Ele veio ainda com essa mancha, mas chegando em Brasília ele cresceu, não era posição ideológica, mas posição de coragem até mesmo em defesa das pessoas que ele um dia perseguiu. Era uma figura de muito boa índole, sem beber. Ele era cachaceiro, estava na cara dele, ele bebia demais. Então, resolveu largar a bebida, mas sempre me contava a dificuldade de conseguir parar — tentava de todo jeito e nada. Até que um dia determinou para ele mesmo que ia parar de vez. Na casa dele de Maceió, onde eu estive, tinha uma adega com bebida de todo tipo. Ele me mostrou o lugar e me contou que um dia se trancou ali dentro e ficou a se despedir de cada bebida que ele gostava, bebeu até cair, aí desse dia em diante nunca mais bebeu. Com Teotônio eu convivi demais.

Tancredo Neves era muito afável, ele conversava com as pessoas dando o braço, era uma pessoa muito cativante. Nos conhecemos em uma convenção do PMDB em Fortaleza. Ele foi convidado por Mauro Benevides para vir assistir, ficou no hotel ali do Centro, onde tinha umas boates, no San Pedro Hotel. Aí o Mauro, para se ver livre de mim na convenção e dos meus discursos, pediu para que eu desse assistência ao Tancredo. Eu respondi que nem conhecia o homem, mas mesmo assim ele insistiu, disse que eu fosse. Lembro que quando entrei no apartamento, Tancredo vestia somente uma cueca samba canção. Me apresentei cheio de cerimônia, mas ele mandou logo eu parar com aquilo, disse que se eu prestasse atenção veria que ele estava totalmente à vontade. Conversamos até a hora de ir para a Assembleia Legislativa. A partir daquele momento, ficamos conhecidos e por conta disso eu era delegado do partido na convenção nacional, a vida toda, até ser cortado, quando Eunício Oliveira assume o partido. Mas toda vez que eu ia à Brasília, passava no gabinete dele para conversar, seja como deputado federal seja como senador. Ele me tinha muita atenção.

Tem até um episódio interessante: quando ele se elegeu presi-

dente, estávamos no aeroporto da base aérea, um monte de políticos para recebê-lo em Brasília, ele falou com todo mundo e pediu para falar comigo, até pensei que já ia me convidar para ministro [brinca]. Saímos andando, ele com aquele jeito de segurar o meu braço... e andando. Ele não conversou porra nenhuma, queria era se livrar daquilo tudo. Aí ficou o boato de que eu ia ser ministro. E o b*****[palavrão] do Mauro Benevides ainda me disse que eu me preparasse que ele ia me convidar mesmo [rindo]. Em 1985, quando ele foi para a Câmara para fazer o juramento, ele fez a mesma coisa comigo. Acho que era mesmo para se livrar dos assédios. Mas saiu várias fotos nos jornais, muito legal. Certamente eu não seria ministro, mas com certeza seria uma pessoa que estaria no núcleo das conversas, disso não tenho dúvida.

O Ulysses Guimarães eu conheci também em Fortaleza, na convenção. Lá vem eu de novo com a mesma função. Um dia ele foi convidado no almoço no núcleo, foi para a casa do Gerardo Jereissati. Estavam lá todos os empresários e aquele povo todo. Na hora de sair eu disse que não dava para acompanhá-lo, porque esse povo não gostava de mim, eu não queria criar um mal estar, ainda mais para ele. Mas me disse que eu ia sim, se alguém falasse algo ele se retirava. Quando chegamos lá foi uma falsidade só, todos falando comigo, me chamando de grande deputado e tal. Eu gostei demais desse episódio, porque eu pude ver a hipocrisia das pessoas, eu sabia que não gostavam de mim por conta das minhas ideologias.

Na sucessão municipal em 1985, em Fortaleza, Iranildo Pereira não subiu em palanques políticos:

— Eu não apoiei a Maria Luíza [candidata pelo PT], porque aí vem a ética política, eu era de outro partido, tinha um candidato que era o Paes de Andrade [PMDB], mas ele não queria o meu apoio. Aí fiquei neutro, porque como ela era de outro partido, mesmo que eu quisesse, não dava para apoiar.

Elegeu-se deputado estadual à Assembleia Legislativa do Ceará na disputa eleitoral de novembro de 1966:

— O meu primeiro discurso foi uma merda. Eu estava muito nervoso. Depois eu passei a criar mais espaço para mim, estabeleci que eu ia à tribuna só uma vez por semana, assim não ficava muito vulgar. Passei a ir toda quinta-feira falar. Isso sempre criando um mal estar dentro do partido que apoiava o governo e dentro do próprio MDB, junto aos conservadores do partido que não aceitavam uma linha mais avançada. Mas eu tive muitas dificuldades de conviver na Assembleia, por conta de minha posição mais avançada. Ninguém queria ser contra a revolução, quer dizer, ninguém queria dizer que era contra. O presidente da época era o Costa e Silva e o governador do Ceará era o Plácido Castelo, gente fina. Eu acabei sendo um estorvo para a Assembleia, tanto para os deputados de governo, como para os do MDB, havia um desconforto muito grande. O Mauro Benevides pedia para eu ir devagar, que estávamos em uma ditadura, mas eu rebatia dizendo que 'como a gente iria derrubar uma ditadura, se a gente não era contra ela?'¹²²

22. A CURTIÇÃO DO GUTO

As aventuras de uma geração criativa e irreverente

Guto Benevides estava totalmente à vontade. Na conversa com Venelouis Xavier Pereira na sede do jornal, na Praça José de Alencar, fora desafiado em sua criatividade, ousadia e originalidade. E, claro, rebeldia. O jovem editor Venelouis queria um jovem repórter com o perfil de Augusto César Benevides, notório animador cultural naquela Fortaleza de 1970 — um *enfant terrible*.

— Aqui você pode exercitar toda essa sua irreverência e borbulhante criatividade. Quero que você escreva uma coluna diária.

— Venér, eu só poderia escrever mesmo em um jornal como o seu que não censura nada e que está sempre surpreendendo a gente.

Era a estreia de Guto em jornal. Começava um dos consórcios mais prósperos e saudáveis da história do jornal e isso satisfazia muito Venelouis, que apostava na vanguarda dos novos talentos. Deu carta branca a Guto e sua trupe e nunca se arrependeu disso. Tomou as dores de Guto Benevides no episódio dos "tetéus" do Batran, os atos covardes a que foi submetido só fortaleceram a amizade entre os dois. Afinal, a gota d'água foi a perseguição de uma patrulha da polícia do trânsito ao carro do Guto que, supostamente, teria cometido uma infração de trânsito. Certamente, o clima autoritário que se espraiava no

Brasil do general presidente Emílio Médici contaminou parte do baixo clero que queria mesmo era prender e arrebentar.

No dia em que os tetéus perseguiram Guto até a sede do jornal, já na rua Liberato Barroso, Venelouis entrou em cena e ligou para o coronel Jarbas Botelho. O desfecho foi dramático.

Guto Benevides relata:

O Venelouis era um delegado muito duro, perseguia a bandidagem, e nem sempre se dava bem com os jornalistas policiais. Mas gostassem ou não gostassem, todos concordavam em um ponto: Venelouis Xavier Pereira é o delegado de ferro. Quando comecei a decifrar aquela imagem estereotipada de um Venelouis rude, encontrei outra pessoa, sociável e bem humorada.

Guto chegou ao jornal pela via do Pedro Gurjão, casado com Dulcina Palhano, a irmã de Wanda, mulher de Venelouis. Quando entrou lá, o Guto sempre muito alto astral, simpático, começou a contar uma estória, uma “presepada” e Venér começou a dar largas gargalhadas. Ele adorava uma boa estória. Minutos seguintes, perguntou se Guto não queria escrever uma coluna no jornal, naquele estilo da sua fala.

— Aí eu me empolguei.

A empatia foi tão imediata que Venelouis não titubeou:

— O jornal é seu.

Venelouis queria energia, vitalidade e polêmica para as páginas do jornal. E Guto se internou no jornal. Começou a ajudar Venelouis na elaboração das páginas, sugeria pautas e desenvolveram uma sintonia fina.

— Gutinho, vamos colocar mais pimenta nesse texto.

Às vezes a ousadia de Venelouis superava a total irreverência do novo pupilo.

Guto passou a respirar jornal. Estava lá diariamente, dava expediente, passava o dia todo e só saía à noite. Construiu uma relação

sólida com Venér. Era contemporâneo de jornalistas arraigados como Ribamar Mesquita, João Milton Pinheiro, Marciano Lopes, todos no batente do jornal *O Estado*.

Seis meses depois, Venér, com um ar pretensamente solene, aborda Guto:

— Quero você como diretor de redação.

— Mas doutor, temos gente aqui bem mais experiente nessa coisa de fazer jornal. Por que eu?

— Quero ser surpreendido por você, pela sua irreverência criativa.

Foram quatro anos de convivência e de muita repercussão dos textos e entrevistas, a ponto de Guto ser convidado para escrever no jornal *O Povo*, no caderno semanal *Fim de Semana*, um tabloide estilo revista editado pelo jornalista Ezaclir Aragão — este um dos protagonistas do hoje *cult* filme *O Homem de Papel* (1976).

Venelouis, sempre apaixonado pelas mulheres, ficava encantado quando Guto levava à redação atrizes que vinham a Fortaleza em peças de teatro ou promover algum lançamento cinematográfico.

— Quando uma delas estava em Fortaleza, eu sempre dava um jeito de levá-las ao jornal. Foi assim com Maria Pompeu, com Darlene Glória. O Venelouis ficava indomável, mandava tirar fotos com as meninas... Você entrava na sala dele e lá estavam aquelas musas sentadas em cima da mesa dele, foram muitas, a Glauce Rocha, também.¹ Mais tarde, nos comentários, ele sempre dava um jeito de fazer algum elogio à iniciativa.

— Gutinho, você é mesmo o cão comendo mariola.

Uma das maiores amizades de Guto Benevides nasceu na redação do jornal *O Estado*, quando ele conheceu o jovem escritor e estudante de jornalismo Gilmar de Carvalho, um dos mais originais autores brasileiros que viria, mais tarde, galgar o título de doutor em semiótica pela Pontifícia Universidade Católica, de São Paulo.

Gilmar fala sobre este encontro acidental:

Eu conhecia o Guto somente de referências, não pessoalmente. O Guto era uma pessoa muito importante no imaginário da cidade, era uma pessoa inquieta, que estava em todos os lugares ao mesmo tempo, que aprontava. Mas, também, era uma pessoa de bem com a vida, bem humorada. Não era juventude transviada. Eu diria que o Guto era um rebelde sem causa, mas um rebelde que tomava o partido da alegria. Era um forte animador cultural. E eu lembro muito bem, inclusive coloquei isso no livro² que eu escrevi sobre a TV Ceará, que o Guto Benevides fazia umas brincadeiras no programa TV Juventude, do Paulo Limaverde. Era alguém cantando e o Guto dublando “Quero que vá tudo para o inferno”, com espeto na mão, vestido de cão. Então, eu tinha muita admiração pelo Guto. Ele fazia transgressões que eu não tinha condições ou criatividade para fazer. Ou que eu era muito tímido para fazer. Então esse episódio do Guto com “Quero que vá tudo para o inferno” já estava no meu livro e desde então mantive relações muito amistosas com o Guto Benevides. Tanto que quando o Guto casou, ele me pediu para fazer a coluna *Curtição do Guto*, devido ao casamento dele. Eu escrevi a coluna no dia do casamento dele. Eu tenho isso guardado com carinho e muito orgulho. Eu tenho esse material como prova que a minha amizade com ele já ultrapassou a casa dos 40 anos.³

A GÊNESE DE UMA VIOLÊNCIA ATROZ

Augusto César Benevides lembra com detalhes a escalada de sandiche dos tetéus do Batran à época do governo César Cals.

Teve um episódio marcante, que o Venelouis, sempre muito generoso e solidário — eu, magro, não tinha nem físico, cabeludo, mas sempre muito ousado — assumiu todo o risco em minha defesa.

Eu fui me envolvendo tanto com o jornal que o Venelouis viajava tranquilamente e eu ficava cuidando de tudo.

Nessa época eu passei a ser perseguido pelas patrulhas do Ba-tran, eu não sei se eu corria muito, mas certo dia fui pegar meu avô no trabalho, ele era dono do Cartório Ponte, aí eu fui buscá-lo na rua Major Facundo, quase chegando na praça do Ferreira, vizinho ao Hotel Savannah. Meu avô era Francisco Ferreira da Ponte, Dr. Chico Ponte. Foi deputado estadual, presidente da Assembleia Legislativa, chegando a assumir o Governo do Ceará.⁴

Guto estaciona, desce para conduzir o avô até o carro e daí levá-lo do cartório para o sítio onde morava, na então longínqua Parangaba. Quando estaciona o carro, a patrulha dos tetéus para atrás, a ínfimos milímetros do parachoque.

— Fui apoiar meu avô porque ele já estava velhinho. Quando coloquei ele no carro, a patrulha veio me abordar logo empurrando. Uma aborgadem agressiva. Eu pedi que me respeitassem, eu tinha ido buscar uma pessoa que foi governador do Estado, um homem de respeito e tal, eles foram logo dizendo que isso não interessava. Eu fiquei tão revoltado que eu contei o que aconteceu ao Venelouis, ele me perguntou se já havia acontecido outra coisa nesse nível de abordagem, eu disse que sim. Era a política implementada por um certo major [Rinaldo] Cisneiros⁵ que havia sido trazido pelo governador César Cals e pelo coronel Dagmauro, então eles implantaram um momento de muito terror, de muita perseguição e muita agressão. E eu fui um dos alvos, a partir daí, eles passaram a me seguir.

Guto conta:

Um dia eu cheguei ao jornal *O Estado* com dois carros me seguindo na rua Liberato Barroso. Aí eu buzinei. Quando viram os carros, chamaram o Venelouis, aí ele veio abrir o portão e mandou eu entrar com o carro. Quando eu fui entrando, um guarda se meteu na frente, já dentro do jornal e o portão aberto. O guarda entrou no jornal para impedir a minha entrada, aí eu joguei o carro por cima, o guarda foi parar na parede, ele não morreu, nem se feriu,

mas foi arremessado. Aí eu entrei, eles pediram reforço, o Venelouis mandou o fotógrafo subir na marquise do prédio, sede do jornal, para fotografar. Aí o Ricardo Aimoré, o fotógrafo, fez toda a sequência da invasão. No dia seguinte saímos com a manchete “Batran implanta terror em Fortaleza”. Na época era assim, o Batalhão de Trânsito.

A perseguição a Guto continuou. Ele tinha o estereótipo do “rabo de burro” — que hoje seria correspondente aos “filhinhos de papai”. Não era o caso de Guto.

Depois do episódio da perseguição, todos os dias eles davam uma incerta no jornal, passavam em frente, vigiando. Às vezes Guto levava uma companhia. Certo dia seu irmão foi junto e saiu para comprar algo na esquina. Pois eles prenderam o irmão de Guto, Fernando Benevides Júnior. Colocaram ele no carro da patrulha e levaram. Guto avisou ao Venelouis e se mandou para a sede do Batran. Quando lá chegou, descobriu que os oficiais pensavam que o jovem era filho do Venelouis. O alvo era Venelouis porque todos os dias ele publicava um caso, uma história das inúmeras perseguições arbitrárias do incipiente Batran.

— São uns filhos da puta.

Venelouis não economizou no seu grau de irritação. Continuou escrevendo artigos e publicando notícias sobre os pantagruélicos soldados da patrulha do trânsito de Fortaleza. Quando colocaram o jovem Benevides Júnior no carro para levar ao Batalhão, bateram a porta na perna dele, o que acarretou um sério problema naquele membro. Venelouis escreveu outro artigo, agora apontando direto para o comandante do batalhão de trânsito, Jarbas Botelho, que atualmente é advogado.

Jarbas tinha feito um curso nos Estados Unidos e recebia um salário acima da média. Venelouis escreveu um artigo dizendo que além das brutalidades, são eles analfabetos. Se Botelho fosse aprovado em uma seleção qualquer, daria a ele um par de ferraduras.

A repercussão foi imediata e o estado de guerra estava armado.

Desde logo cedo, com jornal em circulação, ficou ostensiva a ronda de carros do Batran em frente ao jornal — trancaram a rua.

— Venelouis, algo vai acontecer. Esse assédio barulhento está ficando insuportável.

— Isso é para intimidar, Guto. Eles logo se cansarão.

— Não sei, não. Com a fúria que eles estão demonstrando, podem até mesmo invadir o jornal.

Venelouis estava tão crédulo de que nada iria acontecer que vestia somente e bermuda e uma camisa largada, aboletado na cadeira de diretor em seu escritório e atendendo algumas ligações telefônicas.

Aquela sexta-feira, 10 de novembro de 1972, era o dia da festa de "despedida de solteiro" de Guto Benevides. Então, por volta das 17 horas e em companhia do amigo Paulo Limaverde levantou acampamento rumo à Maranguape, palco do etílico e performático banquete reunindo mais de uma centena de amigos que brindavam o enforcamento anunciado de Guto.

Ele relembra:

— A festança foi no sítio “Ande minha filha” do médico Vandir Guedes — que nos entregava o sítio e eu sempre escrevia: “Dr. Guedes, aquele que é uma mãe!!” — ao mesmo tempo em que o jornal era invadido e Venelouis sequestrado.

Antes do episódio do sequestro, Venelouis já tinha sido conduzido coercitivamente — e autoritariamente, pois não havia ordem judicial — para o quartel da Polícia Militar. Só que neste dia, quando patrulhas do Batran pararam em frente ao jornal, Venelouis ligou para o governador César Cals. Mesmo assim, Venelouis e Guto foram levados para o quartel da PM. Em uma sala de pouca iluminação, típica para interrogatórios heterodoxos, como era praxe na era Médici, foram colocados um defronte ao outro, Guto e Venelouis. Guto relembra:

— Fizeram uma roda viva a nossa volta, aí batiam no ombro do Venelouis provocando, batiam no meu ombro, provocando. E diziam frases provocativas. Mas, minutos depois, o governador César Cals entrou abruptamente na sala e disse, contemporizando, que era

princípio de governo, ele não queria escândalo, e era melhor acabar com aquilo ali.

Mas, uma semana depois eles invadiram o jornal à noite, com claro intuito. Devido ao avançado da hora, estavam na redação somente Venelouis, Flávio Torres, o Fernando Benevides Júnior, irmão de Guto. Nos fundos, o pessoal das oficinas.

A tropa chegou e um deles se adiantou:

— Viemos buscar o Venelouis para ir bem ali, conversar, tomar um cafezinho.

Mas, quando entraram, já foram dando pancadas. Pego de surpresa, Venelouis grita para Fernando:

— Nando, pega o meu revólver aí na primeira gaveta do birô.

Não deu tempo para nada. Empurravam Fernando para fora da sala, Flávio Torres ficou entalado em uma janela, na tentativa de fuga e um dos agressores se apropriou do revólver de Venelouis.

Aí começou a sessão de pancadaria. Venelouis reagiu e acertou um dos policias em cheio. Isso só serviu para acirrar ainda mais a violência do grupo.

Guto relata:

Seria cômico se não fosse trágico. O Flávio Torres⁶ ficou com tanto medo que tinha uma gavetinha por onde Venelouis enviava os papéis lauda com textos e fotos. O cara era grandão e foi passar por lá, mas ficou entalado, pediu ao Fernando que o empurrasse e acho que ele ainda quebrou o pé. Quando levaram o Venelouis, o Fernando saiu ligando pra todo mundo que conhecia. No autódromo do Virgílio Távora, para onde levaram Venér, fizeram uma roda viva, rasgaram a roupa dele, derramaram nele uma tinta azul usada pela repressão para marcar subversivo, fizeram um X na cabeça dele e bateram muito. Aí deixaram ele lá, desmaiou por um tempo, depois saiu se arrastando até um posto dos bombeiros, ele estava nu, estava todo pintado de azul, o bombeiro pensou que fosse um monstro, um ET, sei lá, mas ele conseguiu se explicar, pegou uma

calça com os bombeiros e em seguida entrou em um táxi indo pra casa, já estava amanhecendo o dia, eu estava chegando e fui direto pra lá, ele morava na Santos Dumont, a secretária do jornal estava lá, a Marluce Férrer, a essas alturas já estava o Alcântara, Adísia Sá, Helio Fernandes. A partir daí isso virou o prato do dia, foram meses, a imprensa do Ceará o apoiou com força total, a imprensa brasileira, ele foi destaque dos principais jornais. Aí abriram inquérito e tudo, eu fui depor, escrevi um artigo falando sobre os doze que fizeram isso.

Mesmo com o passar dos anos, os resquícios ficaram e as mágoas demoraram a cicatrizar. As intimidações das patrulhas Batran continuaram até perderem totalmente o fôlego, talvez devido à generalizada repercussão negativa do episódio até na imprensa do Rio e de São Paulo.⁷

A coluna de Guto ganhou notoriedade no jornal, principalmente pelas polêmicas comportamentais que estimulava. Começou a ser assediado por outros veículos de comunicação. Pensando em envolvê-lo ainda mais no negócio, Venelouis o colocou como sócio da Rede de Jornais do Nordeste que editava *O Estado* e *O Estado do Cariri* e uma versão do *O Estado* em Teresina. Era uma maneira de Venelouis tentar reter Guto no jornal, considerando que os convites da concorrência se sucediam.

Foi promovido, também, a diretor de redação do jornal. Somente três anos depois transferiu-se para o jornal *O Povo*, na revista-tabloide semanal.

No entanto, no primeiro momento, a estratégia de Venelouis de promover Guto deu certo: a quantidade de anúncios no jornal aumentou.

— Eu comecei a pagar polpudas comissões a Guto e isso era a forma mais justa de reconhecer o seu trabalho — lembra Venelouis.

Guto recebia comissões sobre os anúncios que atraía e usou sua extensa rede de relacionamentos para potencializar isso. Depois, en-

tusiasmado, meteu o pé na publicidade, sempre estimulado por Venelouis.

— Você cria seus próprios anúncios — dizia Venelouis — por que não monta uma agência de propaganda?

— Venér, eu estou com uma dúvida cruel, gosto muito de fazer publicidade, estou fazendo os próprios anúncios que vendo e não quero perturbar nenhuma agência para fazer publicidade de um anúncio que eu vou vender e vou ganhar os 20% que seriam da agência. Acho que vou mesmo montar a minha agência.

A ideia foi ganhando forma e Augusto César resolveu montar sua agência de publicidade. Coincidiu com a chegada de Tasso Jereissati em Fortaleza. Ele retornava de São Paulo, onde se graduou em Administração de Empresas pela Fundação Getúlio Vargas. Antes, até os 17 anos, morou no Rio de Janeiro.⁸

A sogra de Guto, dona Wanda Ribeiro Costa, era viúva do advogado e procurador Álvaro Costa, irmão da dona Maria de Lourdes Ribeiro Jereissati — viúva do senador Carlos Jereissati⁹ — mãe de Tasso Jereissati. Quando ele retornou a Fortaleza, a melhor referência que tinha era a Dona Wanda, a tia da qual gostava muito, com quem ele se aconselhava. Foi ela quem apresentou Guto ao jovem Tasso Jereissati, e pediu que Guto apresentasse Tasso às pessoas, avalizando que ele tinha bons projetos, mas não conhecia ninguém na cidade. Daí surgiu uma grande amizade. Passaram a compor um grupo que jogava futebol aos sábados, também para estudar e para fazer aulas de karatê com o professor Aldenir de Castro. O primeiro endereço do Tasso em Fortaleza foi em um bloco de prédios horizontais ao lado do Ideal Clube, na Praia do Meireles — atrás tinha uma espécie de um barracão onde eles treinavam karatê — um grupo que incluía Luis Pontes, Mino Castelo Branco e Jean Jereissati.

Àquela época Tasso já havia passado por grande trauma, a perda do pais, o senador Carlos Jereissati.

— Papai era um homem de personalidade forte, presença marcante e sua morte deixou-nos um vazio de segurança e de liderança; mas,

como a vida tinha de continuar, mamãe assumiu a família, meus tios assumiram os negócios.¹⁰

A primeira agência de Guto Benevides foi a Aquários, formada por ele, Mino Castelo Branco, Paulo Limaverde e Cláudio Pereira. A equipe bebia toda tarde, na agência. Por falta de clientes, fechou. Então ele fundou a agência Janela — já na época da abertura política no Brasil; o posicionamento da agência pegava carona na conjuntura política e apontava para a abertura total da publicidade.

A agência Janela estourou no mercado. Amigo do cartunista Ziraldo, por intermédio de Mino Castelo Branco, Guto começou a usar os serviços de *freelancer* do renomado cartunista para disputar grandes concorrências de campanhas publicitárias no Ceará. Os grandes competidores eram as agências de publicidade comandadas por Barroso Damaceno (Scala), Xyco Theóphilo (Terraço), Tarcísio Tavares (Publicinorte). Guto viajava para o Rio de Janeiro e só voltava quando Ziraldo concluía os raves e layouts das campanhas em disputa.

— Com os layouts feitos pelo Ziraldo, eu tinha 70% de chance de ganhar a concorrência.

O publicitário Guto saiu do jornal *O Estado*, com as bênçãos e estímulo de Venelouis, para fazer uma revolução sem precedentes à Fortaleza trôpega, ensaiando seus primeiros passos rumo a uma metrópole. Na cultura e na publicidade comandou a primeira revolução do varejo, a campanha publicitária de inauguração do primeiro shopping center da cidade, o Center Um, dando início à descentralização do comércio do Centro para a Aldeota e, depois, para toda a cidade.

O Center Um é inaugurado no dia 6 de novembro de 1974, na avenida Santos Dumont, 3130, ocupando uma área de 7 mil e 500 metros quadrados de área coberta, empreendimento de Tasso Ribeiro Jereissati. A loja âncora era o supermercado Jumbo — anos depois, Pão de Açúcar.

Guto comandou uma campanha de jornal com intenso plano de mídia e dezenas de inserções. Trouxe para Fortaleza um elefante para

representar a figura do “Jumbo” — foi um sucesso estupendo. Na inauguração do Center Um, lá estava vestido um marajá, montado no elefante — uma apoteose naquela Fortaleza tão carente de novidades. Era o próprio Guto Benevides, todo paramentado, quem pilotava o elefante e isto lhe valeu depois uma premiação pela estratégia de marketing. O elefante rivaliza com um concorrente — os supermercados Romcy, de Antonio Romcy, que usava um canguru como símbolo e que teria sido, este, surrupiado da estratégia de lançamento de um supermercado de Patriolino Ribeiro, *Varejão*, na esquina das incipientes avenidas Antonio Sales com Desembargador Moreira.

A campanha do Center Um teve em sua equipe executiva Mino Castelo Branco e Luiza Teodoro, nada menos que aquela que viria a se firmar como grande pedagoga.

Contemporâneos do Guto na redação do jornal *O Estado* estavam Sônia Pinheiro, estagiária; Gilmar de Carvalho, que escrevia a coluna *Palanque*, sobre cultura; Pedro Gurjão escrevia sobre assuntos gerais; Gustavo Silva Junior, o Gustavinho, escrevia sobre música. Era uma turma jovem cheia de utopias e com muita energia. Como os pais de Gustavinho eram do Ideal Clube, que trazia muitos artistas a Fortaleza, ele tinha acesso direto a todos os artistas.

Guto — que aos 17 anos perdeu o pai Fernando Benevides em 1966, vítima de ataque cardíaco — lembra a profunda amizade de Venelouis, às vezes meio paternal:

— Ele foi um amigo durante um longo tempo e muitas coisas aconteceram. Muitas. A sabedoria proporciona uma existência feliz, e o melhor da existência é a amizade. A amizade do Venelouis naquele momento em que eu estava começando a vida, tendo perdido meu pai... A força que ele me deu naquele momento foi um combustível indispensável para eu chegar aonde cheguei.

Guto Benevides reconhece que o jornal *O Estado* foi a sua escola.

— Foi ali que me deu essa vontade de vencer, de criar, de enfrentar

as adversidades. Lá não tínhamos equipamento e a gente fazia tudo na unha — tínhamos que improvisar o tempo todo e tocar vários instrumentos dentro do jornal. Quando eu dizia ao Venelouis que eu não conseguiria fazer algo, ele me provocava perguntando se eu me acovardara. Era o suficiente para que eu superasse o desafio, de alguma maneira. Ele foi meu segundo pai, a pessoa que me deu força. Eu tive três pais, o que morreu quando eu tinha 17 anos; o Raimundo Machado, pai do meu grande amigo Osler Machado, que dizia que eu tinha com ele o que eu quisesse — ele era o rei da cera de Sobral, e na casa dele em Fortaleza tinha um quarto para mim. E o Venelouis que sempre me apoiou.

Homem de extremos, amado por uns, odiado por outros, mas nunca indiferente, a polêmica figura de Venelouis foi questionada somente uma vez por Guto, quando ele começou a brigar com o Tasso.

— Venér, você está batendo muito forte. Eu estou muito incomodado porque sou seu amigo e sou amigo do Tasso.

— Eu estou bem, Gutinho — contemporizava Venelouis.

— Essas diferenças não se resolvem assim, você sabe disso.

Mas não adiantava falar. Bastava Venelouis beber um pouco que se empolgava e começava a escrever, partindo para o ataque.

Guto revela que “no fundo, Venér era um cara de coração imenso, muitas vezes eu o vi sentado na mesa escrevendo e chorando, as lágrimas escorrendo. Ele era um sentimental, vi isso várias vezes. Eu lembro que uma vez eu peguei uma virose e a coisa foi se complicando, o Venelouis me deu todo apoio e cuidou de mim como se eu fosse um filho. O Tasso é muito temperamental, talvez ele colocasse mais lenha na fogueira, ao invés de pedir para eu ajudar a apagar”.¹¹

— Tá acovardado, Gutinho? ¹²

Interpelava, abruptamente, Venelouis, quando a coisa estava braba e os assédios da repressão criavam um clima de ameaça.

23. ADÍSIA NO COMANDO

A colunista e secretária do jornal assume a redação

Em um dos momentos mais dramáticos do jornal *O Estado* foi a jornalista Maria Adísia de Barros Sá quem assumiu — a pedido de Venelouis — o comando da redação. Foi no episódio do sequestro de Venelouis. Adísia já havia exercido a função de secretária de redação e escrevia a coluna diária *Linha de Frente*, no rodapé da página 7. Com o sequestro de Venelouis e seu consequente afastamento do dia a dia do jornal, ela assume a função executiva, como editora-chefe.

Adísia externou sua solidariedade imediatamente, logo após receber a notícia. Quando chegou na casa de Venelouis, na avenida Santos Dumont, já estava acompanhada de um grupo de jornalistas, um pouco antes da meia noite. Só mais tarde, quando a sede do jornal saiu da rua Liberato Barroso, no Centro de Fortaleza, aquela casa na Aldeota passaria a abrigar a redação e as oficinas do jornal. Venelouis vendeu o prédio de três andares da Liberato Barroso para o professor Hélio Pinho¹ que instalou ali o Curso Skema, preparatório ao vestibular.

Adísia² relembra aquela noite tensa:

— Foi uma pancada estúpida, ele foi muito maltratado, fora as coi-

sas que fizeram com ele que nunca foram tornadas públicas. Mas esses oficiais — um deles havia sido nosso aluno no Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará. Um dos oficiais, às vezes ia até fardado para o Curso; saía do quartel e sequer tinha tempo de mudar de roupa. Portanto, um daqueles seis eu conhecia bem. O que nós podíamos fazer? Naquele época, nós tínhamos quase certeza de que o Curso tinha olheiros (informantes). Eles diziam ter feito vestibular, mas estavam em conluio com a própria universidade, a mando dos militares.

Dentre muitos que foram solidarizar-se com o jornalista, estava o comandante da Polícia Militar, coronel Dagmauro Nunes Sabino Pinho. Ele visitou Venelouis logo cedo, na manhã do dia seguinte ao incidente e ouviu o relato dos fatos da voz da própria vítima. Prometeu ser enérgico na punição dos culpados.

Quando viu Venelouis, Adísia não se conteve:

— Pobre Venelouis. Você foi muito maltratado.

— Eu estou bem, Adísia. O pior já passou.

Não estava bem.

Adísia lembra sua admiração por Venelouis. Ela o via como uma pessoa muito polêmica, e tinha um jeito especial de atrair as atenções. “Quando ele começava a falar, ninguém falava mais. Era o jeito dele. Ele ficava naquela ânsia de falar, mas era uma pessoa correta.” Adísia destaca a prole de Venelouis, homem de vários casamentos: fez uma boa família, aliás, boas famílias.

— Dá licença, Venelouis?

Ao tom irônico de Adísia, ele parava sua falação frenética, esboçando um sorriso e um pigarro.

— Fala, minha líder.

Marluce estava desolada. Sabia da gravidade do momento e, mais que isso, sabia que aquela não era mais uma das escapadelas do marido.

Ainda atordoado, Venelouis conversou com Adísia logo que se recompôs em casa — onde chegara aos trapos e ainda marcado de san-

gue e de tinta. Era cedo da manhã.

— Nesse momento em que todos nós, jornalistas, corremos para a casa dele, muitos se ofereceram para cuidar do jornal, mas ele disse que entregaria a mim, eu levei um susto na hora.

— Adísia, você já esteve aqui com a gente em outras situações, conhece a cultura da casa. Me conhece muito bem... Assuma o jornal.

Adísia perguntou se a manchete do dia seguinte seria sobre a agressão que ele havia sofrido. Venelouis confirmou que sim e, já sendo conduzido para o hospital, recomendou:

— Tome conta do jornal.

E Adísia, imediatamente, assumiu já a edição do dia seguinte. Isso despertou ciúmes de uma espevitada espectadora “Lourinha”, apelido carinhoso da caçula de Wanda Palhano e Venelouis, Solange Palhano. Um dia, ela chega na redação do jornal, Adísia estava no pleno comando da redação, e, do alto dos seus 9 anos de idade, disparou:

— Saia daí que essa cadeira é do meu pai.

Adísia começou a rir:

— Mas que fedelha atrevida! Que espilicute!

Anos mais tarde as duas se encontrariam no Curso de Jornalismo, onde Solange foi aluna de Adísia Sá.

— Sempre foi espevitada, mas depois nos demos muito bem quando foi minha aluna.

Adísia ficou na função em momento tenso, com censura e limites impostos pelo regime militar. Ela se movia tendo conhecimento desses limites. “Tinha uma época em que estávamos fazendo a edição do jornal e tinha polícia dentro da redação. Mas o importante é que eles passaram e nós ficamos. A imprensa foi cerceada, os jornalistas foram humilhados, mas eles passaram e nós ficamos e isso foi bem mais importante.”

A relação com Venelouis sempre foi profissional.

— Ele sempre me tratou bem, eu nunca trabalhei de graça. Venelouis remunerava muito bem — trabalho acertado, carteira assinada, estamos conversados.

Para Adísia,

Ele era um cara polêmico, mulherengo, namorava bastante e tinha os amigos dele, homens da alta sociedade. De vez em quando ele viajava para trazer mulheres, ele selecionava as mulheres bonitas, umas se tornaram conhecidas, respeitáveis senhoras casadas, algumas delas chegaram até a fazer parte da direção do jornal. Pelo expediente você vê. Mas ele era bom demais. O Venelouis era uma pessoa estranha, foi muito maltratado, mas era homem como ele dizia, indo e voltando.³

Adísia lembra de Wanda Palhano ainda aluna da faculdade de Direito, uma das mulheres mais bonitas do Ceará, seduzida pelo que ela chama de “tampinha” — Venelouis, devido à altura deste em relação à olimpiana morena.

— Mas faziam um casal bonito, ele era baixinho, muito vaidoso, mas uma boa pessoa. É porque ele tinha um papo muito agradável — era um homem sedutor, a gente não tem a receita para isso.

Sobre o tema, Adísia comete duas inconfidências:

Eu tive dois alunos meus muito namoradores que sempre eram mais procurados do que procuravam. Um foi você e o outro foi o Auto Filho, ele foi meu aluno no Curso de Filosofia, na Universidade Estadual. Ele sempre foi muito sedutor, um tamborete, mas sedutor. Eu sou madrinha do filho dele, ele é um homem muito inteligente, aquele jeito dele muito falante e excelente improvisador, um belo texto e um bom caráter, eu gostava do meu compadre. Ele sofreu muito na cadeia, passou por tortura e perdeu a audição, só ouve de um lado. Ele foi meu colega de redação e meu aluno também no Curso de Jornalismo. Mas ele levou tanta pancada.

Auto trabalhou no jornal *O Estado*, mas não foi no meu tempo, ele é bem mais novo que eu. Eu dei aula para ele no Curso de Jornalismo da Associação Cearense de Imprensa. Nós militamos

juntos, nós fizemos movimento sindical muito grande, hoje eu me afastei do sindicato, eu nunca quis presidência, porque eu gosto de mandar e presidente não manda. Mas uma vez sindicalista, sempre sindicalista.

Hoje eu estou na presidência da ACI, mas é completamente diferente. A vida do Sindicato é uma coisa e da Associação Cearense de Imprensa é outra. Sindicato é combativo, é aquele que vai defender a categoria, mas a ACI não, ela sempre foi uma grande mediadora. Quando havia qualquer problema, a ACI estava presente. Grande berço dos sindicatos, dos radialistas, dos jornalistas, dos jornalistas do interior, todos eles tinham sede aqui. Nós tínhamos uma sala só para cursos, nós demos todos os cursos para principiantes em jornalismo aqui na sede da ACI onde hoje é a biblioteca, onde ficam os livros que a professora Adelaide Gonçalves doou. Eu também doei livros para o interior, para os cursos [itinerantes] de jornalismo: foram mais de mil livros.⁴

Adísia, um nome incomum. Tão incomum que se digitarmos a palavra “Adísia” no buscador Google⁵ — www.google.com — todas as respostas são para a jornalista Adísia Sá e para mais ninguém.

Maria Adísia Barros de Sá nasceu no dia 7 de novembro de 1929, no árido Cariré, às margens do Rio Acaraú, zona Norte do Ceará. Filha de Hermínia Barros de Sá, a Dona Mimosa, e de José Escolástico de Sá, o Seu Zeca, que migraram para Fortaleza após uma temporada em Sobral. O motivo era simples: ali não tinha futuro para os filhos. Além da caçula Adísia, mais três rebentos: Orestes, Maria Olívia (ou Ivinha) e Arlindo (Lindinho), o irmão mais chegado a Adísia. Para Orestes, Adísia era simplesmente Didisa.⁶

Mas foi Seu Zeca quem inventou esse incrível neologismo, ainda mais em se tratando de um homem de poucas letras. Naquele 1929, ele havia lido algo em um almanaque de farmácia — que proliferavam no Brasil de 1920 a 1940 — sobre um lugar chamado Addis Abeba,

capital e maior cidade da Etiópia. Ele não sabia exatamente do que se tratava, mas se deixou seduzir pela sonoridade exótica das letras maiores que grafavam Addis e, a partir dali, cunhou a palavra Adísia para dar nome à sua pequena recém-nascida.

Os descendentes se apropriaram do nome. A sobrinha de Adísia é Maria Adísia Barros de Sá, advogada, filha do irmão Arlindo. Tem ainda a Maria Adísia Sá de Mesquita, a filha do Geraldo Mesquita que foi governador do Acre, casado com Maria Olívia, irmã de Adísia.

Adísia brinca com seu nome:

— Uma coisa interessante com as Adísias da família. Eu não casei e nem tive filhos. A Maria Adísia casou três vezes e não teve filhos. A outra Maria Adísia, do Acre, a Mesquita, casou-se e também não teve filho. Então eu falei para todos: pelo amor de Deus não coloquem mais nome de Adísia não, ou então a família vai acabar. Os homens, meus irmãos, no entanto, todos têm filho.

Adísia vem de uma família que não tinha hábito de ler. Os pais eram semianalfabetos, mas a vaidade da dona Mimosa era dizer: eu tenho uma filha jornalista!

Adísia Sá começou a escrever, assinando seu próprio nome, no jornal *O Estado*, como colaboradora. Foi, a rigor, o seu primeiro jornal e com ele estabeleceu uma relação atávica. Ela chegou ao jornal através de Jerônimo Sampaio do Vale, o emblemático e rotundo gerente que se hospedava na Pensão Sobral, de dona Mimosa e do Seu Zeca, na rua Senador Pompeu, a poucos metros da sede de *O Estado*. Sabendo dos pendores redacionais da jovem, Jerônimo fez o convite a Adísia Sá e esta estreou como Adísia Sá, em 1950. Escrevia sobre o tema que viesse à cabeça no estilo de crônica. E, por incrível que pareça, Adísia colecionou todas as suas crônicas e textos publicados em jornal que fazem parte, hoje, sob sua doação, do acervo do Instituto Queiroz Je-reissati. São mais de cem álbuns de recortes, o que mostra a incrível vaidade da jornalista em relação à sua produção jornalística.

A Pensão Sobral, no centro nervoso da imprensa à rua Senador Pompeu, a nossa *Fleet Street*, no dizer de G. S. Nobre, era ponto de

convergência de jornalistas, artistas e outros profissionais liberais. Ali era servida uma singela e saborosa comida caseira à hora do almoço, sob a batuta de Dona Mimosa.

A turma da imprensa toda almoçava lá. Alguns assinavam o vale, mas nunca deixavam de pagar. Dona Mimosa tinha a vaidade de dizer:

— Sabe quem come aqui na minha casa? [Felizardo] Mont'Alverne [secretário de redação do *Correio do Ceará*, sediado à rua Senador Pompeu, 856/864], João Calmon, [diretor dos Diários Associados], com aquele jeito dele muito solene, mas sempre muito bom.

Outros que batiam o ponto diariamente eram Rogaciano Leite, Milton Celestino, Arabá Matos, e as cantoras do rádio Marilena Romero e Salete Dias.

Adísia atuou por 12 anos no jornal *Gazeta de Notícias*, onde assinava a coluna *O Julgamento de Eva*, com o pseudônimo de Moema — durante muito tempo usou esse nome para assinar textos.

Quem deu o pseudônimo de Moema a Adísia Sá foi Rogaciano Leite, seu contemporâneo na *Gazeta*.

— Rogaciano era um dos homens mais bonitos do Ceará. O filho não era tão bonito, mas o pai era lindo. Éramos somente bons amigos — nem um namorico, sequer. Eu nunca fui ligada nesse negócio de namorar não, sempre gostei mais foi de ter amigos, eu não devia ter nascido mulher, porque eu gostava muito era de conversar com os homens, eu adorava a conversa masculina, logo as meninas não se misturavam com os meninos, mas a profissão me levou a isso.

Outro contemporâneo que marcou Adísia foi Durval Aires, que era do serviço de mata mosquito.

— O homem era um talento nato, era um poeta, era um boêmio, um bom companheiro, eu peguei bons companheiros.

Durval, filiado ao Partido Comunista, era amigo dos irmãos de Adísia, Orestes e o Arlindo, ambos homens de esquerda. Quando o golpe de 1964 veio, Orestes foi demitido dos Correios devido à sua militância.

O nome Moema colou em Adísia, até que, certo dia, o Sr. Olavo — senhor, como ela o tratava — deu sinal e disse:

— A partir de hoje você é Adísia Sá.

E assim ficou até hoje.

Olavo Araújo, seu diretor na *Gazeta*, foi muito influente na sua formação. Ele entendia que ninguém iria fazer fama às custas do jornal e, de certo modo, jornalista que se disfarça em pseudônimo jamais seria famoso, pelo menos em tese.

— Adísia, você é a primeira mulher jornalista aqui, não é para aceitar presentes, não. De nenhuma natureza. Não é para aceitar convite para almoço de jeito nenhum.

— Está anotado, doutor Olavo, até porque sei muito bem me defender de assédios.

Mas, na cobertura do dia a dia político da Assembleia Legislativa, que funcionava no Centro de uma bucólica Fortaleza, à rua São Paulo, 51, sempre havia aqueles parlamentares mais ávidos pela construção de um bom relacionamento com a imprensa. Nada melhor para se aproximar de uma fumante inveterada que explorar seu próprio vício, um bom cigarro importado. Foi o que fez o deputado Ernesto Gurgel Valente que passou a presentear Adísia com pacotes do cigarros Chesterfield e Por Mayor, duas das marcas mais reconhecidas no Brasil a partir dos anos 1940.

Então, a primeira coisa que Adísia fazia quando retornava ao jornal era mostrar para Olavo Araújo o que havia ganhado e compartilhar o presente com colegas da redação. "Mostrava, porque tinha medo de ser flagrada cometendo uma irregularidade", relembra ela. Olavo intuía o senso do respeito àquela jovem jornalista.

— Hummm. Adísia, cuidado com os convites: atrás de um convite para almoço, vem sempre um pedido, então se prepare, não vá para esse negócio de almoço.

Até que o Ernesto Gurgel Valente e o Expedito Machado insistiram tanto para que Adísia almoçasse com a família deste "que eu acabei cedendo. Expedito deixava bem claro que era com a família. Nos pri-

meiros convites, recusava gentilmente, dizendo que não estava bem de saúde".

— A senhora não se preocupe, tem uma comida especial para a senhora.

— Mas, deputado, estou, neste momento, saindo de uma dessas moléstias tropicais.

Adísia não tinha nada, a não ser fome. E Expedito insistia. Até que, finalmente, chegou o dia — não tinha mais como recusar. Quando chegou na residência, foi recepcionada por toda a família de Expedito, uma família muito grande. A mesa, completa e farta. Lembra ela:

— Eram iguarias que eu nunca vi na minha vida, e para mim o que é que tinha? Arroz com carne moída, porque ele achava que eu estava doente do intestino, mas eu não tinha era coisa nenhuma. Fiquei com vontade de comer, mas não podia me contradizer, tinha tanta comida, eu com vontade de experimentar tudo, mas não podia chegar nem perto. Mas foi muito bom, fiz boas amizades.

Uma dessas boas amizades foi com o deputado Plácido Castelo Aderaldo, que depois viria a ser governador do Ceará. Adísia se dava muito bem com ele, uma de suas fontes especiais na Assembleia, onde fez cobertura por doze anos. Da sede do legislativo estadual à sede do governo, bastava atravessar uma única rua e andar nada mais que 100 metros. Os dois prédios ficavam na mesma Praça General Tibúrcio, sendo que a frente do Palácio da Luz ficava para a rua Conde d'Eu e a sede do Legislativo tinha sua frente para a rua São Paulo.

— Ainda hoje cultivo algumas, mas sempre com aquela distância.

Paulo Sarasate e Virgílio Távora foram, em sua avaliação, os melhores governadores do Ceará, e Juscelino, o melhor presidente. Via o aspecto mais folclórico de Sarasate, principalmente por ser muito agoniado:

— Ele era muito nervoso, muito agoniado. Os políticos do interior quando iam conversar com ele, tinham certo receio. E, então, diziam a ele que se retraíam porque o consideravam muito nervoso. Então ele ficava mais nervoso e perguntava: quem foi que disse a você que

eu sou nervoso? Mas uma coisa eu vou lhe dizer, os políticos cearenses, grosso modo, governadores ou prefeitos, tem até deputados, não tem um que eu diga assim: foi desonesto. Podem não ter sido brilhantes, mas não se pode acusar nenhum de desonestidade, de conversação, apropriação, eu acho isso muito bom.

O Paulo Sarasate foi governador, o Plácido Castelo Aderaldo Castelo, que era muito ligado a mim. Eu me dava muito bem era com a Assembleia, eu fiz cobertura de lá por uns dez ou doze anos, a Assembleia e Governo eram tudo pertinho, mas aí eu cobri a Assembleia muitos anos e fiz boas amizades, ainda hoje cultivo algumas, mas sempre com aquela distância.

Adísia considera que o grande político do Ceará chama-se Virgílio Távora. “Parsifal Barroso foi bom, mas o grande político foi o Virgílio Távora”. Ela conviveu com VT, conversou muitas vezes com ele, sempre muito lúcido.

— Bom dia, governador. O senhor vai sair candidato também pelo PSD?

— Menina, menina, menina, vem cá. Esse assunto ainda está sob embargo para a imprensa. Não posso comentar nada.

Para uma mulher já madura era agradável ser chamada de menina, se não fosse em tom de deboche e, nesse caso de Virgílio, não era, apesar de sua incorrigível ironia. Na verdade, Virgílio era beligerante, ao contrário de Plácido Aderaldo Castelo, um homem da paz.

O fato de Virgílio ter liderado grandes obras para o Ceará, colocam-no no pódio de Adísia. "Foi através dele que o Ceará teve o Orós, o açude Banabuiú, as estradas, o distrito industrial. Ele agiu dentro de planos estratégicos, os famosos Plameg 1 e Plameg 2 — foi o primeiro a ter um planejamento estratégico de Governo no Ceará".

Mas, a cobertura do Legislativo estadual teve seus momentos de tensão.

Adísia relata:

Foi quando o Wilson Roriz estava na tribuna falando muito dos Távora e um Távora que eu não lembro o nome agora, entrou com arma em punho no Plenário da Assembleia. Aí correu todo mundo, tomaram a arma dele, o Wilson Roriz se acorou para não ser alvo de bala. Eu, como estava na bancada, fiquei lá mesmo com os demais, aí nos baixamos, porque ninguém sabia por onde essa bala poderia passar. Mas foi o momento mais crítico que eu presenciei lá, o resto foi tranquilo.

O Wilson Roriz era um homem polêmico, brigão. Eu considero um dos maiores políticos do Ceará. O dr. Antônio Barros dos Santos, baixinho, era líder do governo. Passou pelo governo Parsifal, Virgílio. Eu sei que todos os problemas ele resolvia, só andava de branco de ponta a ponta. Sempre quando ocorriam as discussões, ele sempre corria logo para apaziguar, era um político hábil, era quem preparava todos os decretos, documentos de deputados, pareceres, eu não sei o que foi feito dele.

Em um mundo de homens, Adísia, muitas vezes, se comportava como um deles. O costume era sair da redação direto para um barzinho. No caso, incluindo o jornal *O Estado*, os bares estavam ali na rua Guilherme Rocha. A Guilherme Rocha era a nossa "drink street", parafraseando Geraldo Nobre. Adísia também frequentava o ponto e tomava suas talagadas; fazia parte do batismo.

Adísia, por estar sempre enturmada com homens, foi objeto de preconceito. Mas não se importava com os olhares atravessados:

Havia o preconceito pejorativo: “mulher homem, só quer trabalhar com homem”. Eu acho que a pessoa nasceu pra ser fiel a si mesma — o resto vem por acréscimo. É como diz a Bíblia: o que adianta ganhar o mundo todo se vier a perder a sua alma? Então o que adiantava eu ser tudo, se eu não era a Adísia por dentro? É como você, vamos dizer que chegasse a prefeito, mas tivesse que renegar

você, não iria abrir mão disso, seria infeliz para sempre.

Cada um tem a sua forma de ser feliz. Ser feliz é você estar em paz consigo mesmo. Era isso que eu queria ser e fazer e foi isso que eu fui e foi isso que eu fiz.

Mamãe não se conformava porque eu só andava com homens. E foram, um dia, inventar para a minha mãe que eu, lá na Praia de Iracema tinha bebido tanto que tinha tirado toda a roupa e em seguida, teria subido em cima da mesa. Minha mãe quase morreu e eu só respondi: bem, mãe, se eu fiz isso, não me lembro. É possível? Pode acontecer, não é... Mas aí depois eu fui me afastando. Vieram as sobrinhas como o meu nome, veio magistério, o Curso de Jornalismo. Eu sempre fui muito ligada à turma de jornal.⁷

Adísia teve seus poucos dias de boemia, como aconteceu no fim de semana em Pacajus, na estância dos Philomeno Gomes. Na lagoa, estavam Salete Dias, Marilena Romero, e mais outros boêmios, todo mundo lá na vida boa, comendo e bebendo Campari ou Rum Montilla, quando de repente Adísia se viu no fundo do açude, e nem sabia nadar. Foi, às pressas, resgatada pelos amigos.

— O que a bebida não faz com as pessoas!

Adísia estava ali com o que chama "gente da gandaia": Arabá Matos, Ildo Celestino, Alfredo Sampaio, Marilena Lima, Marilena Romero, Salete Dias.

— Nunca fui santa!

Uma das "brincadeiras" era a disputa para ver quem sabia mais "imoralidade", palavrões, na verdade.

— Isso é coisa de bêbado.

Eles falavam tudo o que vinha à cabeça. Era uma "imoralidade" sem maldade — uma catarse pornográfica.

— Era bom demais. Eu acho que viver e não ter dessas histórias para contar é não ter vivido plenamente. Eu nunca fui santa e nem me arrependo de não ter sido. Inclusive meu nome nem combina com o de santa, ficaria muito esquisito.

Mas o batismo de fato de Adísia no jornalismo foi a reação agressiva de um certo inspetor Laranjeira, quando abordado pela jovem repórter sobre um problema policial. Ela foi apurar uma matéria jornalística para a *Gazeta de Notícias* e o inspetor da polícia civil saltou com quatro pedras na mão. Chegou na redação chorando:

— Seu Olavo, nunca vi alguém tão desafortado e grosseiro, ele falou palavrão e tudo mais.

— Vamos mostrar para esse sujeito como se faz jornalismo. Você fez bem menina! Vamos “lascar” esse inspetor. Ninguém agride jornalista meu. Aliás, ninguém pode agredir jornalista!

No dia seguinte, a *Gazeta* estampou a manchete *Jornalista agredida*. E a cidade toda queria saber quem era essa jornalista Adísia Sá.

Adísia largou a redação de jornal para se dedicar ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará. Mas continuou escrevendo regularmente, como colaboradora do jornal *O Estado* e do jornal *O Povo* e atuando também como debatedora da Rádio O Povo, onde tinha em Themístocles de Castro e Silva um dos seus principais interlocutores... e ferrenho opositor. Foi diretora-executiva da rádio AM do Povo de 1992 a 1993, mas nunca largou o microfone.

Lembra da personalidade forte de Albanisa Sarasate, a filha de Demócrito Rocha — e de Creusa do Carmo Rocha — que casou com Paulo Sarasate. Certa vez estava na redação do jornal e Albanisa passou ao largo e se dirige a Adísia dizendo que algumas pessoas influentes estavam pedindo a sua cabeça, dela, devido às opiniões tórridas no programa Debates do Povo, na Rádio O Povo. Sem deixar espaço para qualquer comentário, informou na sequência da mesma frase que enquanto fosse "a dona disso aqui, você não sai do rádio". E, com a palma da mão aberta, bateu na mesa, atraindo acidentalmente, ou não, o olhar de todos na redação.

— Albanisa tinha uma personalidade muito forte, muito autoritária, mas muito leal ao pessoal dela. Funcionário dela não tinha defeito.

Durval Aires⁸, em uma das suas crônicas publicadas na página 3, ao lado da crônica de Fran Martins, estabelece um diálogo curioso

com Adísia, revela-se solidário e crítico, em um momento em que a jornalista estaria sendo objeto de difamação.

— Não concordo com a maneira desonesta como estão procurando lhe envolver em determinadas questões policiais.

A crônica de Durval, sob o título *Bilhete para Adísia Sá*:⁹

Minha boa amiga Adísia Sá:

Começo por fazer uma revelação que você certamente julgará espantosa: não gosto de escrever, embora seja obrigado a viver escrevendo. Gosto, imensamente de receber cartas. Mas, em geral, consigo sempre um pouquinho de falta de tempo para deixá-las sem resposta. O Arlindo sabe disso melhor do que ninguém. De certo tempo para cá, no entanto, dei para andar escrevendo: “Bilhete ao Girão”, “Carta ao Alcântara Nogueira”, “Recado para os meus amigos do Partido Socialista” e outras coisas parecidas. Desconfio, todavia, que a principal finalidade desses escritos é encher este cantinho de página que vale apenas pela remuneração que me oferece.

Pois bem. Resolvi escrever também meu bilhete a Você. Sabe por que, Adísia? Porque não concordo com a maneira desonesta como estão procurando lhe envolver em determinadas questões policiais.

Você vai me desculpar, Adísia. Mas a principal responsável pelo que vem acontecendo é você mesma. Sabe por que? Quando você denuncia as safadezas dos políticos, procura sempre generalizar, certa, evidentemente, de que a carapuça cabe em muitas cabeças, o que não deixa de ser verdade.

Por exemplo: no seu artigo intitulado “Enredo Oculto”, você afirma textualmente, num protesto quase mudo contra os que procuram envolvê-la em suas maquinações: “LLL vez por outra somos joguetes de criaturas covardes, medrosas ou simplesmente futriqueiras que de nós se servem como meros instrumentos...”

Tenho a impressão de que você se dirige ao confrade Themístocles de Castro e Silva. Mas será que não se trata apenas de um

palpite meu?

Não pense, no entanto, Adísia, que não conheço o seu drama. Você pretende ser — e tem sido de certo modo — uma jornalista independente, liberta de qualquer influência partidária. Mas essa questão envolve uma outra, Adísia. A liberdade de opinião é relativa mesmo existindo em toda a sua plenitude. Eu, por exemplo, escrevo, no meu jornal, tudo aquilo que considero como absolutamente certo e justo. Se, porém, o pensamento do jornal, no seu conjunto, não coincidissem com o meu, nada me impediria que eu procurasse um outro órgão em que eu pudesse me por mais à vontade, com as minhas próprias ideias.

Não sou desaforado e tenho uma quase mania de argumentar para justificar as minhas posições. Assim, quando afirmo que Virgílio é melhor candidato do que Parsifal, não me limito a soltar palavras ao vento; dou nome aos bois.

Solidarizando-me com você, Adísia, desejaria apenas que você mudasse um pouco a sua atitude diante dos fatos. Você não está impedida de dizer o que pensa de Parsifal, Virgílio, Jereissati, Flávio Marcílio ou outro qualquer. Mas é preciso, antes de mais nada, dar nome aos bois. Se o seu lugar é neste ou naquele jornal, nesta ou naquela rádio, isto não tem importância.

O que é importante é não servir de instrumento, como você mesmo reconhece, ao primeiro aventureiro que surge à nossa frente.

Com toda a amizade do

Durval AIRES

LINHA DE FRENTE, POR ADÍSIA SÁ

Em sua coluna *Linha de Frente*, publicada diariamente no jornal *O Estado*, a jornalista Adísia Sá exercitava uma renitente fiscalização sobre as coisas da cidade e comportamento das pessoas e dos gestores públicos. Um desses era o problema dos *Irradiadores do Centro* afirmando que “algumas casas de vender discos em Fortaleza são

mais irradiadoras do que lojas especializadas. Além de colocarem o som no último grau, cobrindo o quarteirão inteiro, não se aca-
nham de jogar nos ouvidos do povo a música que bem entender o balconista.”¹⁰

Coisas mais prosaicas, como uma afetuosa declaração de voto: “O jornalista Klinger Mota, em plena campanha por uma cadeira à Câmara Municipal de Fortaleza (o meu voto é certo, coleguinha) tem penetrado nos subúrbios e bairros da Capital com todo vapor. Pois não é que nosso Lord virou escola no Jardim Petrópolis”

A expressão “estou sabendo” fazia parte do cotidiano da coluna. Ela denotava um conhecimento crítico e, em muitas vezes, voto de censura e, mais raramente, algum elogio:

Estou sabendo que a Secretaria de Serviços Urbanos estaria com propósito de restaurar os abrigos das praças de Fortaleza. Ora, o novo prefeito já afirmou que a sua meta principal e imediata será a limpeza da cidade — que se faça verdadeira esta palavra, aproveitando-se a oportunidade para limpar-se, também as praças e avenidas, inclusive pondo por terra aqueles “abrigos” caindo aos pedaços...¹¹

Na coluna do dia 3 de abril de 1975:

Estou sabendo que o corte das gratificações ou verba de gabinete por Adauto Bezerra, tem causado um mal estar generalizado nas repartições, inclusive no Palácio da Abolição. Sei que o governador está tentando tomar pé na situação, mas já murmuram por aí que o tempo passa e tudo continua no mesmo, entervando, inclusive os serviços burocráticos. Mas, estou sabendo, também, que é grande a folha de jornalistas que recebem verbas pelo Abolição. Gente que eu pensava que vivesse de seu trabalho ou de seus múltiplos empregos, ganha pelo Abolição. Isto, no meu entender, é o famigerado *bureau* — onde o profissional de Im-

prensa recebe dinheiro por receber, vez que nada produz para justificar os cruzeirinhos do Governo. Estou sabendo, inclusive, que coleguinhas recebem por várias repartições. Alguns do chamado ‘primeiro time’ são dessa folha, gente.”¹²

Aqui, temos uma Adísia apoiando ação administrativa que terá impacto urbano na cidade:

[...] Estou sabendo que o sr. Reginaldo Rangel, de Urbanismo, estaria disposto a acabar com as dezenas de barracas das praias de Fortaleza. Barracas que não trazem nada de pitoresco, original ou mesmo regional e só servem para aumentar as sujeiras de nossas praias e alimentar os vícios dos já viciados.

“Além dos mais é um comércio clandestino, embora aberto, vez que não paga imposto, nem contribui com nada para o erário municipal.

“Eu vou dizer: se isso virar realidade, acho que o novo secretário de Urbanismo marca um bom tento. Vamos aguardar o que vai ficar no lugar daquelas pocilgas — novos e modernos boxes ou uma localização mais racional para tal tipo de comércio?”¹³

Na mesma coluna de 4 de abril, a “política como ela é” entra no cardápio da *Linha de Frente*, algo não de todo incomum:

Exigindo que seus auxiliares sejam arenistas, Aduino Bezerra impõe uma filiação partidária não aconselhável. [...] Mas esta filiação, esse partidarismo, no final, redundarão em prejuízo para administradores, para os técnicos que hoje prestam serviço ao Governo.

O povo não confia no político, não acredita no político, não tem fé no político. Infelizmente ao longo de nossa história, o político, *latu sensu*, tem apenas iludido o povo, e jurado promessas

nunca cumpridas; raras vezes em que o garantido em vésperas de eleições sempre cumpre.

Ao invés de situar bem uma pessoa na comunidade, o fato de ser filiado a Partido só serve para desgastá-lo.¹⁴

A nota "Centralização de Adatao" comentava sobre a nova tendência no Palácio da Abolição:

Um dos pratos prediletos dos colunistas políticos é a centralização administrativa exercida por Adatao Bezerra. Adatao está dando a última palavra em tudo e escolhendo até nomes de terceiro e quarto escalões. E pediu a seus secretários: nunca me tragam um só nome. Quero opções. Isso explica porque nomes das divisões inferiores estejam saindo em gotículas.

A coluna de Adísia também fazia registros institucionais, como este, onde um executivo do governo visita o jornal:

Acompanhado do jornalista Luciano Diógenes, estive em visita a este matutino, na manhã de ontem, o secretário do Planejamento e Coordenação do estado, economista Paulo Lustosa da Costa, que foi recebido pelo nosso editor-chefe, jornalista Hélder Cordeiro. Na oportunidade, o titular do Planejamento falou sobre o I Plano Quinquênio de Desenvolvimento do Estado do Ceará — o I Plandec — e abordou assuntos outros do atual Governo.¹⁵

A coluna *Linha de Frente*, abria com o comentário sob o título *Aniversário de Fortaleza*:

A despeito da mensagem do sucessor de Fialho falar que o povo de Fortaleza festeja com júbilo e entre comemorações significativas o 152º aniversário de sua fundação, ignoro onde se realizaram tais comemorações. Também nem sei se o fortalezense

recebeu com júbilo mais um aniversário de fundação de sua cidade, tão despercebida ficou a data, sem uma programação divulgada com antecedência para que o povo dela participasse.

E assim acontecem os grandes momentos desta terra, sem que a comunidade realmente participe, mesmo que seja espiritualmente...

Adísia saudava a contratação, pelo jornal *O Estado*, de um novo profissional, seu colega também no Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará:

Uma nova fase neste jornal. A contratação de Teobaldo Landim, competente jornalista, é uma segurança aos propósitos editoriais de Venelouis Xavier Pereira.¹⁶

Ela também publicava nota destacada em solidariedade a Tancredo Carvalho, em abril de 1975, vítima de acusações proferidas por dois parlamentares, da tribuna da Assembleia:

A comunidade fortalezense foi sacudida, em termos de opinião pública, neste fim de semana, pela atitude descortez e desprimorosa de dois deputados (Paulo Benevides e Aquiles Peres Mota), os quais, abusando da tribuna da Assembleia, empregaram expressões ofensivas à dignidade profissional do jornalista Tancredo Carvalho. Procurando defender possíveis princípios do Governo (eu não tenho certeza e chego mesmo a pensar que não fossem tais princípios emanados do Abolição) aqueles deputados, outro argumento não tendo para refutar posições de opositoristas, voltaram-se contra o jornalista, ferindo-o justamente naquilo que é o ponto de honra do profissional, a sua dignidade funcional.

Mas, do triste fato nos salta um ponto positivo: a unidade da classe jornalística. Tão logo soubemos dos acontecimentos,

fizemos uma imensa cadeia de solidariedade ao companheiro injustamente atingido. E o espetáculo foi bonito: todas as entidades saíram a público verberando veemente a atitude impensada daqueles deputados, a esta hora, penso eu, arrependidos e envergonhados.¹⁷

Uma nota oficial assinada conjuntamente pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Ceará, Associação Cearense de Imprensa, Comitê de Imprensa da Assembleia Legislativa e Clube de Imprensa do Ceará também se referia ao imbróglio:

Causou surpresa, aos signatários da presente, a atitude dos deputados Paulo Benevides e Aquiles Peres Mota, em sessão de ontem da Assembleia Legislativa, tecendo considerações acerca da atuação jornalística de Tancredo Carvalho, presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Ceará. O que repugnou a esta categoria foram as expressões grosseiras e ofensivas à dignidade profissional daquele companheiro.

Manifestamos a nossa solidariedade ao colega injustamente atingido, lamentando que ainda hoje na Assembleia Legislativa sejam empregados termos destituídos de ética, procurando denegrir a atividade de um dos mais legítimos representantes desta categoria sob o falso pretexto de defesa de posições políticas.

Esperam, essas entidades classistas, que o respeito, até então, reinante entre Imprensa e Assembleia não seja quebrado por ações impensadas, ditadas por interesses políticos.¹⁸

Na edição de 23 de abril de 1975, Adísia registra em sua coluna, com muita alegria, as comemorações pelos seus vinte anos de jornalismo, puxada por ex-alunos, a exemplo da jornalista Wânia Cysne. Escreve Adísia:

Sexta-feira, dia 18 [de abril de 1975] na casa dos amigos Wâ-

nia Cysne e Ronaldo Vasconcelos, teve lugar uma comemoração aos meus vinte anos de jornalismo. Foi uma promoção dos ex-alunos, amigos e companheiros. Dezenas de pessoas compareceram e todos partilharam do espírito festivo que dominou o encontro. Houve apresentação regional da Escola de samba Unidos do Pajeú, que deu um show. Exibição de candomblé. Ganhei placa de prata. Uma beleza de festa. Eu mesma faço esse registro para dizer da minha alegria e mandar um abraço a todos que ali compareceram, inclusive o meu diretor Venelouis, ex-diretor Luis Campos e Dorian Sampaio. E amigos, milhares de amigos.

FELICITAÇÕES DE ADAUTO — Na oportunidade me foi entregue a seguinte mensagem do governador Adata Bezerra, expedida do Recife: “Aceite, ilustre jornalista, sinceros cumprimentos nas comemorações dos seus vinte anos de atividades profissionais. Minha satisfação pode associar-me gratas manifestações de apreço e tanto maior por reconhecer em você uma profissional que, através de sua brilhante pena, assinalados serviços vem prestando ao nosso Estado, graças à sua inteligência, independência e honestidade profissional que sempre caracterizaram seu trabalho, tornando-o dignificante exemplo para os que, em nosso Estado, tem a difícil missão de informação. Abraços — Adata Bezerra.”

Deus cuide de meu coração para que não se deixe inflamar de vaidade e orgulho ante tão expressiva mensagem.

VIRGÍLIO NÃO ESQUECEU — De VirgílioTávora também recebo: “Parabenizo-a data que com justo orgulho comemora. Cordial abraço.”

E OUTRAS — Do meu dileto amigo Vasco Damasceno Weyne recebo um belo e carinhoso telegrama.

O general Nogueira Pires, diretor regional da APLUB também me telegrafa.

E o Newton Pedrosa me manda uma mensagem fraterna.

E Pádua Ramos envia sua palavra confortadora, inclusive lembrando um dos primeiros artigos que escrevi sobre precioso livro, de nossa admiração comum — *Frente a rebelião dos jovens*.¹⁹

Quando Adísia Sá comemorou 50 anos de jornalismo,²⁰ recebeu de Wanda Palhano uma singela homenagem em forma de palavras:

Adísia Sá é considerada um ícone da imprensa cearense. Ela representa a força, a coragem de uma pequena e grande mulher. Adísia pode gritar alto: “Quis e venci!”

Adísia é inteligente, culta e sagaz. Um poço de sabedoria...

Ninguém pode amordaçá-la, fala o que quer, e, com responsabilidade. Sua palavra tem credibilidade. Participa de qualquer debate sem temor. É temida e amada.

Está sempre ao lado dos mais fracos e contra as injustiças. É um exemplo para aqueles que desejam, estudam e sonham ser jornalista.

Parabéns Adísia.

24. VENELOUIS, MORTE E REPERCUSSÃO

Termina o ciclo das grandes polêmicas e embates

Na edição da terça-feira, 17 de setembro de 1996, a manchete *Morre Venelouis* pegava todos de surpresa. Venelouis faleceu na madrugada do domingo, 15, aos 62 anos, em seu escritório, na sede do jornal, vítima de um enfarto fulminante. “A morte de Venelouis, que pegou a todos de surpresa, veio no justo momento em que ele se preparava para comemorar os 60 anos de fundação d’*O Estado*, que vai ocorrer no próximo dia 24”, informava a notícia de primeira página.

O corpo de Venelouis foi velado no Cemitério Parque da Paz, onde aconteceu o sepultamento, às 17h30min do domingo. Três discursos emocionados deram o tom passional na despedida do incansável jornalista: falaram a ex-prefeita de Fortaleza, Maria Luiza Fontenele, o jornalista Nazareno de Freitas, diretor comercial do jornal, Fran Erle, ex-diretor industrial e Stevenson Palhano, um dos filhos de Venelouis Xavier Pereira com Wanda Palhano.

O obituário de Venelouis destaca seu espírito inconformado com os desmandos administrativos, e sua vocação para a polêmica sem nenhum temor. O jornal *O Estado* publica uma minibiografia de Venelouis, destacando sua origem caririense:

Nasceu no município de Jardim, no dia 24 de fevereiro de 1934, filho de Luiz Pereira e Veneranda Xavier Pereira e desde cedo “mostrou seu espírito combativo, revelando extremo gosto por leituras e viagens”¹

E continua o obituário:

Depois de morar no Crato, para onde se mudou quando ainda era criança, Venelouis passou temporada no Rio de Janeiro e São Paulo, vindo depois para Fortaleza, prestando exames e sendo aprovado para a Faculdade de Direito e Filosofia, optando por colar grau em Direito. Posteriormente, em Brasília, foi aprovado no cargo de Delegado Federal, mas sua personalidade irrequieta o levou a montar um jornal, com objetivo de combater a turbulenta administração do então presidente Jânio Quadros. Como ficou impossível conciliar a função de delegado com a de jornalista destemido, licenciou-se e voltou a Fortaleza quando adquiriu *O Estado*, que antes pertencia a José Martins Rodrigues”.

“E foi nestas páginas, através de uma linha editorial totalmente de oposição aos maus governantes, que ele marcou seu nome na sociedade local. Durante 31 anos, a existência deste jornal confundiu-se com a vida de Venelouis, posto que um, encarnando a combatividade do outro, uniram-se quase que num só corpo e passaram a mostrar a seus leitores quem são, na verdade, os homens que fazem uso da desonestidade no trato da coisa pública.”

“Venelouis partiu aos 62 anos de idade, deixando 6 filhos: Ricardo, Stevenson, Solange e Soraya, de seu casamento com a advogada Wanda Palhano; Rebeca, fruto da união com Marluce Férrer; e Venelouis Júnior, que teve com Carmem Casagrande; resultando em 12 netos. Atualmente, estava casado com Viviane Pereira.”

[...] Amigo dos amigos, e, acima de tudo, autêntico e guerreiro, Venelouis deixa-nos uma lição de vida e sempre será lembrado

quando alguém for contar a história da imprensa cearense.²

O jornal, naquela edição do dia 17, abriu editorial solene em primeira página para reafirmar sua fidelidade aos postulados de Venelouis, sob o título *A luta continua*:³

Neste momento de tristeza e luto, preferimos nos dirigir, especialmente, àqueles que tanto contribuíram para este desfecho brutal; a Morte, aqui neste jornal, não edifica sepulcros. Ela constrói trincheira nova.

A luta persistirá. O ideal sobrevive a enfartes, seja qual for o matiz.

O bravo jornalista Venelouis Xavier Pereira, desde a mocidade, manteve um confronto sem quartel com as ditaduras e os seus serviçais, sobrevivendo às emboscadas, tropeçando por sobre sicários e capangas. A cada batalha vencida, agigantava-se. E voltava ao combate com mais coragem, disposição para a luta e desapego à vida.

Ele sabia que era um homem marcado para morrer tragicamente. Enfrentou, sabendo, este destino.

Só assim se explica tamanha valentia. Familiares e amigos mais próximos recomendavam-lhe precauções de segurança e residência guarnecida. Nada, porém o aterrorizava. Fez do seu jornal a sua morada. Nele residia, sem se incomodar com a integridade sua e da companheira que escolhera para os seus restos de sobrevivência. Da vida, Venelouis Xavier Pereira só queria o exercício de um direito que ele transformara em dever — escrever, no seu dia a dia quase solitário, o seu pequeno-grande jornal.

Nos períodos mais recentes da política cearense, constatando o desvio dos atuais gestores das propaladas “Mudanças” — a que tanto ajudou, diga-se — rompeu definitivamente com o Governo, enveredando o jornal para uma oposição segura e permanente. Fazia-a sistematicamente, pois oposição que não obedeça a um sis-

tema de ação, para ele não é oposição, é malandragem política, um artifício para uma adesão próxima, o que constava da sua forma de viver.

Pretendeu dotar o Ceará de uma trincheira de todos os sofridos — a Central de Combate à Corrupção — usando cartazes e faixas de convocação aos que pretendessem formalizar denúncias contra deslizes ou crimes por acaso praticados pelas autoridades constituídas.

Seu lar foi então invadido por beleguins do Governo, que arrancaram o material de propaganda em uso, além de atemorizar a companheira do jornalista com ameaças proferidas em baixo calão.

Paralelamente a tamanha violência, lhe foi movida ação judicial, na qual o pretense ofendido cobra do jornalista uma indenização de 2 milhões de reais.

Ameaças, portanto, por todos os lados. Cujo intuito único era silenciar um homem cujo crime se resumia nisto — defender o povo contra os poderosos do dia.

A verdade é que coração humano algum tem capacidade para resistir assédio tamanho e tão cruel.

O coração do heroico homem de Imprensa não suportou mais. Parou, fulminado por um violento enfarte. Tombou sozinho, sangue a escorrer pela boca e a derramar-se pelo chão. Sangue que, agora, se fez bandeira. De mais combate.

Morre Venelouis Xavier Pereira. O Ceará ficou mais órfão. Qual o jornal daqui que o substituirá?!

Saibam todos, porém, que nós não deixaremos que os ideais do grande chefe tombem também. *O Estado* está vivo. A luta continuará.

Os que queriam e amavam Venelouis ficam com ele nos corações. Os que contribuíram para o seu sacrifício que levem esse peso para suas consciências. Se é que as têm.⁴

O emblemático Barbosa Lima Sobrinho, presidente da Associação

Brasileira de Imprensa, divulgou nota de pesar e de solidariedade, também subscrita por Fernando Segismundo, presidente da Comissão de Defesa da Liberdade de Imprensa daquela instituição.

A ABI expressa sua manifestação de profundo pesar pelo falecimento do confrade Venelouis Xavier Pereira. À frente de *O Estado* teve destacado desempenho jornalístico, como defensor valoroso das causas públicas e das liberdades fundamentais. Com o seu desaparecimento, perde a imprensa e o Estado do Ceará um destemido lutador.

O preito de justa homenagem à Venelouis Pereira.

Também a Associação Cearense de Imprensa, de quem Venelouis compunha a diretoria já em sucessivos mandatos, divulgou a seguinte nota de pesar:

A Associação Cearense de Imprensa, por sua Diretoria, manifesta seu profundo pesar pelo prematuro desaparecimento do integrante do seu Conselho Superior, Jornalista Venelouis Xavier Pereira, diretor do jornal *O Estado*, estendendo suas condolências à família do intrépido periodista.

Fortaleza, 16 de setembro de 1996

STÊNIO AZEVEDO

Presidente

Na mesma edição do dia 17, também com chamada de primeira página, *O Estado* divulgava uma outra nota da Associação Brasileira de Imprensa, assinada pelo vice-presidente José Gomes Talarico — também presidente da Comissão de Defesa da Liberdade de Imprensa e dos Direitos Humanos — lamentando e se posicionando contra a ação criminal de calúnia, injúria e difamação contra o jornal *O Estado*, com pedido de indenização de R\$ 2 milhões. A ação revidava denúncias publicadas pelo jornal, a maioria delas assinada por Venelouis,

apontando “enriquecimento ilícito” e “irregularidades da administração tucana no Estado”.

Ali, a ABI referendava a credibilidade do jornal *O Estado* em circulação “há 60 anos” e com colaborações de conteúdo de vários outros jornais, dentre os quais a *Tribuna da Imprensa* do também intrépido Helio Fernandes.

A ABI pede ao Poder Judiciário que ele, em consideração à liberdade de imprensa e a censura, citando o artigo 19º da Declaração Universal dos Direitos Humanos: “Todo o indivíduo tem direito à liberdade de opinião e de expressão, este direito implica a liberdade de manter as suas próprias opiniões sem interferência e de procurar, receber e difundir informações e ideias por qualquer meio de expressão independentemente das fronteiras.”⁵

O documento cita ainda a polêmica Lei de Imprensa, então em tramitação no Congresso Nacional que institui multas pesadas para veículos que “abusarem” da liberdade de expressão e, ainda, a prisão de jornalistas. A ABI alerta para o risco de falência do jornal se a Justiça der ganho de causa ao titular da ação. “Esta pode ser a intenção”. Talarico lembra ainda que a Lei de Imprensa (no 5.250, de 1967) prevê direito de resposta, coisa que nunca foi solicitada pelo então governador Tasso Jereissati.⁶

O jornalista Rodolfo Espínola, um dos mais influentes de sua geração, correspondente do jornal *O Estado de S. Paulo*, ficou chocado com a morte de Venelouis, “uma pessoa que jamais esquecerei”. De pronto, ainda sob a emoção da notícia, Rodolfo redigiu este texto, *Profundo pesar*, encaminhado à família de Venelouis na pessoa de Ricardo Palhano:

Permita-me fazer uma confissão. Uma confissão carregada de emoção e de carinho por uma pessoa que jamais esquecerei, o dr. Venér. Estávamos no auge da ditadura, o ano era 1974. Eu, no ímpeto dos meus 20 e poucos anos, já trabalhando para *O Estado de S. Pau-*

lo, não me conformava com aquela situação político-institucional. Daqui, mandava tudo para São Paulo, o que nossa imprensa muitas vezes não publicava, face os rigores da censura. Numa dessas, ao denunciar com provas através do Estadão, irregularidades numa instituição governamental, passei a ser perseguido, incomodado e ameaçado, até que, na iminência de ser preso, fui orientado por minha chefia, para pegar o primeiro avião e fugir daqui, enquanto os milicos me esqueciam um pouco.

Quando cheguei ao aeroporto, semi-clandestino, a primeira pessoa que encontrei foi o dr. Venér, que não sei até hoje como e por onde, estava sabendo da minha aflição. Ele foi curto e grosso: “sei que você está fugindo, pegue aqui esse dinheiro para alguma emergência”. Foi uma surpresa. Não recebi sua oferta, mas aquele gesto, naquele momento, foi decisivo para admirá-lo e tê-lo como um dos meus grandes amigos. Embora insistindo para que eu levasse aquele dinheiro, preferi agradecer-lhe, sensibilizado e viajei para o interior da Bahia, onde só o meu jornal sabia o meu paradeiro. E o Venér também.

No episódio em que um grupo de militares sequestrou e torturou, no autódromo, o nosso dr. Venér, denunciei o fato no Estadão, o qual publicou, inclusive, um irado editorial com o título “Violência na terra de índios”, criticando os oficiais que tinham cometido aquele gesto animalesco, o governador de então e as autoridades federais. Daí para cá, cruzamos várias vezes, e, para o meu então diretor, recém-falecido, o dr. Júlio de Mesquita Neto, o nosso dr. Venér foi até São Paulo para agradecer-lhe a solidariedade e o apoio recebido. O caso ganhou, inclusive, repercussão internacional, através de denúncia feita pelo próprio dr. Júlio Mesquita durante uma reunião anual da SIP — Sociedade Interamericana de Imprensa.

Minhas ligações com o dr. Vener não foram tão estreitas no decorrer destes últimos anos, porque nossos caminhos tomaram rumos diferentes, mas fique certo, meu caro e querido Ricardo, sem-

pre tive por seu pai, o nosso inesquecível dr. Venér, um profundo, carinhoso e reconhecido respeito e uma incontida admiração por suas lutas e convicções democráticas. Gostaria, por fim, de expressar-lhe em meu nome e de todos os que fazem a “Agência Estado” e “O Estado de S. Paulo”, o nosso mais profundo pesar pelo falecimento de um dos maiores e mais combativos jornalistas de todos os tempos de nosso estado e do Brasil.

Um forte e sentido abraço

RODOLFO ESPÍNOLA

Agência Estado

O Estado de S. Paulo

O jornalista Antonio Viana afirmava que “o jornalismo cearense perde um dos seus profissionais mais combativos e, ou, talvez, o mais combativo, desassombrado. Venelouis era o único que tinha coragem de enfrentar os poderosos, não contemporizando e indo até o fim em suas denúncias.”

Para Luiz Edgar Cartaxo de Arruda Júnior, secretário geral da Associação dos Servidores da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará — Assalce, “a imprensa do Ceará acaba de perder sua última trincheira realmente independente. A partida de Venelouis Xavier Pereira deixa uma lacuna insubstituível na comunicação do Ceará com seu povo. O jornal *O Estado* é exemplo por sua autodeterminação, sua coragem, sua liberdade. Venelouis ficará como o marco de tenacidade e sua imensurável predisposição à luta pela democracia em todos os quadrantes.”

Naquela data fatídica, o jornalista Fernando Maia deu um depoimento lembrando os oito anos em que trabalharam juntos. Conta Fernando Maia:

Eu acabara de deixar a *Tribuna do Ceará*, quando veio o seu convite para *O Estado*. Foi uma longa convivência onde o aprendizado se alternava com bons momentos de alegria e fraternidade. Era doce

a sua verve satírica e poucos se igualavam a ele quando se tratava de viver momentos difíceis com humor. Tinha também o seu lado temperamental que morria sempre no seu grande coração. Quando percebia que estava deixando alguém no canto da parede, recuava e terminava por oferecer a sua ajuda. Quando fui participar-lhe que ia trabalhar no jornal *O Povo*, ele trancou a porta e passou a me dar conselhos. Não me pediu para ficar. Achava importante para minha experiência a mudança. Mas traçou um perfil das pessoas que passariam a conviver comigo dali para frente de um modo tão fiel, que sempre o via nos choques e entrechoques da função.

Era assim o nosso Venér. Amigo de todas as horas dos amigos e inimigo dos inimigos também em todas as horas. O seu exemplo, difícil de ser suplantado, vai fazer falta no jornalismo cearense. Talvez não fosse Cláudio Abramo. Mas homens com a sua coragem são poucos. Eu pranteio sua ausência no agora e no amanhã, porque sei que dificilmente existirá outro Vener.

O deputado José Maria de Barros Pinho destaca que Venelouis, além de democrata, era um combatente destemido. “Dele pode-se divergir, mas não se podia negar a coragem de dizer, fazer e ou executar. Fez jornalismo na linha de Jáder de Carvalho e de João Brígido. Ora agressivo, mas preocupado com a verdade dos fatos. Entre o seu temperamento polêmico fez grandes amizades e muitos inimigos. Mas será uma presença sempre lembrada pela combatividade e pelo destemor.”

Julietta Brontée lembra que “foi no seu jornal que eu, recém-chegada de Brasília, aportei com o meu canudo e minha inexperiência. Foi uma ótima escola e ele foi um excelente mestre. E não fui a única a ter esse privilégio. Venér tinha um carinho especial e muita paciência com os ‘focas’. A redação do jornal *O Estado* foi o começo de muita gente”.

O então ex-senador Mauro Benevides notava em Venelouis, “um homem polêmico de estilo aguerrido que elogiava e criticava com veemência nas colunas de seu jornal as lideranças políticas de seu

estado e do país, numa linha de independência que marcou época em nossa imprensa.”

No calor da emoção da perda, a memória de Venelouis ganha o depoimento de sua amiga Adísia Sá, que conviveu profissionalmente com Venelouis durante muitos bons anos:

Falar em Venelouis começa com uma questão: em qual Venelouis falar? Pois não existiu um Venelouis e sim vários, tão amplo é o espectro deste homem tão inesperadamente desaparecido.

Uma vida muito rica, cheia de nuances à beira da ficção. Um personagem, eis Venelouis.

Mas foi no âmbito de jornal que Venelouis se projetou. Manteve *O Estado* dentro da linha que ele mesmo traçou: combativo, crítico e neste trajeto não abria para ninguém, mesmo que contra ele fosse usado qualquer instrumento de tentativa de coação. Era um dogmático; acreditava veementemente nos seus pontos de vista, pelos quais lutava, lutou e lutaria — se a morte não chegasse primeiro que a sua vitória.

Estive à frente deste jornal quando Venelouis, vítima de violência, sequestrado, ferido, quebrado, teve que ausentar-se alguns dias da sua direção. Convidada por ele, não me neguei por um segundo em atender ao chamado do amigo.

E aqui outra faceta de Venelouis: era amigo. Amizade para ele não tinha fronteiras e nesse campo era inteiro — discordava, debatia, “brigava” com os amigos, mas deles não se afastava, salvo se traído, enganado, era forçado a quebrar a aliança da afeição.

Falar, agora, nos “outros” Venelouis não é tarefa para uma pessoa só: quantos amigos, com certeza, saberão, até melhor do que eu, apresentar o nosso personagem, figura, sem dúvida, inesquecível.

Hélder Cordeiro relembra que Venelouis não gostava de formalidades. Conta Hélder:

Ele tinha a sua maneira própria de aproveitar a vida como a vida lhe proporcionava viver, sem preconceitos. Ao ponto de dizer que não tinha inimigos e que seus únicos adversários imaginários eram as pessoas prepotentes, arrogantes e perseguidoras, que violam direitos e liberdades. “O restante esqueço na primeira dose de um bom uísque”, concluía.

Na avaliação de Lúcio Brasileiro, Venelouis era bem melhor do que ele, Venelouis, achava que era.⁷

— Ele era muito solidário com os amigos, fomos muito amigos.

Lúcio e Venelouis eram parentes pelo lado Xavier, do Cariri.

— Hoje só tem eu, porque os outros Deus já convocou. Eram o Venelouis, o Nertam Macedo, o Dorian Sampaio e o Cláudio Martins. Eu sou Xavier e ele também. A minha avó Maria Xavier Quezado e o Cláudio Martins também era Xavier, assim como o Nertan.

Passado bastante tempo, Lúcio lembra com bom humor o episódio em que Venelouis cometeu uma maldade com ele:

— Eu tive que me afastar um pouco, porque o Venelouis fez uma comigo. Ele fez uma edição em minha ‘homenagem’ — a edição inteira por uma coisa sem razão nenhuma. Diz o Dário Macedo que ele tinha ficado estressado comigo, porque não o convidei para um jantar no meu apartamento, no Plaza [Iracema Plaza Hotel, onde funcionou no térreo o famoso restaurante ‘Panela’], em homenagem a Manuelito [Manoel Eduardo Pinheiro Campos] que estava fazendo 25 anos de atividades literárias, algo assim. Manuelito era o meu patrão na época em que eu passei 10 anos no jornal *Correio do Ceará*. Três a quatro convidados meus tinham sido combatidos injustamente pelo Venelouis, nas páginas do jornal — então eles me disseram que não queriam encontrá-lo. E o Venelouis ia mesmo pra cima. Ele tinha o jornal acima de tudo, então pessoas que não fossem coerentes com essa linha de pensamento dele, ele passava a ver com maus olhos. Devido àquela edição que ele fez em minha ‘homenagem’ nós nos afastamos. Mas

depois eu ainda voltei: ele ofereceu um jantar com dona Luíza Távora, me convidou. Ele era muito generoso e mão aberta. Eu nunca vi a gente sair para o restaurante, o ‘Panela’, e ele não pagar a conta toda da mesa.

Essa história que o Lúcio relembra se deu assim: supostamente irritado por não ter sido convidado, Venelouis transformou um boato surgido em uma noite de conversas regadas a muito scotch no bar do Ideal Clube, em manchete do jornal *O Estado*, afirmando que Lúcio Brasileiro teria protagonizado um caso de necrofilia. A conversa no bar do Ideal, onde Lúcio era expoente em um grupo de rapazes, girou em torno de uma enquete boba: quem teria, dentre eles, coragem de ir sozinho a um cemitério à noite? Lúcio foi um dos que disseram que certamente teria coragem, pois não temia os mortos. Venelouis só colocou combustível nessa história e elaborou uma peça de ficção que virou uma lenda urbana.

O tempo, entretanto, apagou o estrondoso ruído entre os dois:

— Quando eu faço um balanço sobre o Venelouis, o saldo é positivo.

O jornalista José Rangel diz que, à época, ficou extremamente abismado pelo fato de Venelouis usar o jornal para atacar Lúcio Brasileiro:

— Na época, eu tinha o hábito de ler todos os jornais, o jornal *O Estado* sempre era o primeiro. A briga do Venelouis com o Lúcio Brasileiro começou da seguinte maneira: altas horas, estavam quatro amigos bebendo no Ideal Clube, o Lustosa estava até presente e outras pessoas e o Brasileiro levantou a hipótese de quem teria coragem de ir ao cemitério àquele horário. Ninguém topou, mas a história vazou e o Venelouis estampou na primeira página com uma charge do Brasileiro como vampiro, dizendo que ele era um comedor de cadáveres. Isso fez com que o Venelouis perdesse muitos pontos com a sociedade, chegando a ser tratado como anormal mesmo. O Lúcio Brasileiro ficou muito magoado, quem era amigo dele nem tocava no assunto, mas ele se magoou mais por conta de pessoas que não o conheciam

terem acreditado na história. O jornal grava essas coisas para sempre, tanto é que estamos conversando hoje.⁸

A abrupta sucessão de Venelouis, com sua morte, em 1996, coloca os filhos no comando, embora Ricardo Augusto Palhano Xavier já estivesse no jornal há cerca de 15 anos e tivesse o domínio de todas as fases de produção, onde começou como paginador ainda na sede da rua Liberato Barroso. Mas em 1996, o novo expediente mostrava um rateio de diretorias entre os filhos Stevenson Adlay de Palhano Xavier, Soraya Palhano, Solange Palhano e Rebeca Férrer Xavier. A jornalista e advogada Wanda Palhano passa a compor na função de presidente.⁹

Wanda Palhano lembra:

— Houve apreensão inicial dos funcionários pela mudança de gestão, mas logo foi superada. Os problemas foram superados porque quem trabalha por um sonho consegue vencer.

A diretora Soraya Palhano destaca as ações do jornal em educação:

— O jornal é um agente transformador educativo. Ele é a voz de quem não tem voz, é o espaço de defesa de direitos e de mediação. Cada dia é uma vitória para nós que temos que colocar o jornal nas ruas diariamente. Estreitamos nossos laços com o leitor, que confia no nosso trabalho.

Gilmar de Carvalho, guardando as proporções, considera Venelouis Xavier Pereira o Assis Chateaubriand do Ceará.¹⁰ Venelouis acolheu Gilmar na redação do jornal quando este vivia um momento ruim, alguém no jornal *Gazeta de Notícias* acusou-o de escrever e publicar um texto pornográfico. Durante bastante tempo, Gilmar fez parte de uma patota de mente aberta e privilegiada que ilustrava as páginas do jornal *O Estado*, em uma explícita vanguarda, tanto na forma plástica que misturava contemporâneo e naïf, quanto no conteúdo irrevente, criativo e original — quebrando padrões.

Para Gilmar,

Venelouis era uma daquelas pessoas que, diante dele, ou a gente amava ou odiava. Me tratou sempre com muito respeito, com muita delicadeza. Não tenho nada a dizer da parte pessoal. Mas como empresário, me chocava a coragem de algumas manchetes, de algumas brigas que ele comprava. Mas eu fazia ali a minha coluna e pronto. Eu fiquei pouco tempo no jornal, quatro meses. Não cheguei a ter conflitos. Também, eu era o colaborador, chegava com o material pronto. Acompanhei todas as provocações que o Venelouis fazia. Eu sempre gostei de guardar recortes de jornais, então ainda devo ter algum por aí da briga com o Lúcio Brasileiro. Não é querendo relativizar, mas a gente tem que compreender o contexto. O Venelouis fazia jornal de uma forma muito impulsiva, pouco empresarial. Um jornal que traduzisse as inquietações, os ódios que ele poderia ter. Era um jornal em que a gente podia encontrar coisas que nem sempre se deve encontrar em jornal. Ele tem que ser compreendido. Hoje em dia, não é assim e nem poderia ser assim. O máximo que os jornais fazem é “colocar alguém na geladeira”, não dar a notícia. O estilo mudou. Passou a ser uma coisa mais diluída, mais sutil, às vezes, até mais perversa. Embora fosse doloroso para o Lúcio Brasileiro e para outras pessoas, acabava sendo engraçado. Não era para rir, porque tinha questões éticas envolvidas, mas não deixava de ser engraçado.¹¹

Sobre a comparação de Venelouis com o polêmico e heterodoxo Chatô, o professor Gilmar de Carvalho argumenta:

O Chatô era uma pessoa capaz de se vestir de índio, de pedir dinheiro aos empresários para construir o MASP, como o fez. O Venelouis não deixou nenhum MASP aqui em Fortaleza, mas deixou uma legenda, um nome, um jornal.

Em uma proveitosa conversa com Gilmar de Carvalho, perguntei: — Como é que você vê a imprensa do Ceará? Em 1936, quando o

jornal *O Estado* é fundado, curiosamente, ele também era sede de um partido político. Mas, naquela época, os jornais eram todos aparelhados, panfletários. Como você vê essa evolução da imprensa?

— Acho que era uma coisa bem sincera o jornal dizer a qual partido ele era atrelado e que ideal ele defendia. Essa ideia de que os jornais são apartidários e democráticos é uma balela. Quando, na verdade, há um direcionismo muito grande. Esses jornais são empresas. Aliás, acho que eles deveriam estar contratando consultorias para saber o que eles vão ser depois. Não acredito que nós tenhamos por muito tempo esse modelo de jornal que nós conhecemos agora, esse modelo editorial. Nem sei se a gente ainda vai ter essa forma impressa. Penso que os jornais estão perdendo a oportunidade de descobrir eles mesmos outro formato, de textos mais longos, mais bem apurados. Acho que eles estão querendo ser site. Então, fica uma coisa muito picotada, muitos links. Você se distrai e perde o foco do que você está lendo. Desse modo, não se forma opinião. Penso que os jornais estão sofrendo uma profunda crise de identidade. Vejo matérias que foram calcadas em sucessos da internet, os jornais colocam memes. Querem maior visualização das matérias, sendo que maior visualização não significa que a matéria seja boa. Muitas vezes, significa somente que a matéria é meramente apelativa.

25. WANDA E RICARDO, SUCESSORES

Com a morte de Venelouis, o jornal inicia novo ciclo

Há 40 anos como executivo do jornal *O Estado* — adquiriu suas primeiras cotas de acionista em 1976 —, acompanhando Venelouis em graves momentos, de ordem política e de ordem financeira, Ricardo Augusto Palhano Xavier é o mais longo diretor na história do jornal.

Mas, sua relação com o jornal é de muito antes. A primeira vez que Ricardo adentrou na sede — redação e oficinas — do jornal *O Estado*, ele funcionava na Praça José de Alencar, vizinho à Rádio Iracema. Era um garoto de 10 anos — nasceu no dia 18 de janeiro de 1956, o mesmo de sua mãe, Wanda — que ia para o jornal, no calor das oficinas, ver a linotipo em operação. Estávamos em 1966, Venelouis e Wanda viviam dias de entusiasmo com o novo jornal.

— Era menino, me divertia indo muitas vezes ao jornal. Eu adorava a linotipo, aqueles caras sentados sem camisa, às vezes só de cuecas, um calor terrível, datilografando os textos.¹

Aos 10 anos, Ricardo fazia sua primeira imersão no jornal convivendo com muitos jornalistas da fase de transição, como Dário Macedo, que vinha como repórter, colunista e analista político desde os tempos de Themístocles de Castro e Silva.

Numa versão atualizada de José Lins do Rego, ele relata suas memórias de um menino de uma oficina de jornal, em uma época em que as oficinas eram o coração do jornal, a redação eram os pulmões:

— Antigamente o texto do jornal era datilografado e impresso em chumbo. Era feito ali, na hora. A linotipo era uma máquina gigantesca, eu adorava. Às vezes eu pegava os chumbinhos que sobravam e que eram reaproveitados, eles voltavam para uma caldeira onde era derretido e reciclado, mas a gente pegava alguns e levava para casa como *souvenir*. Às vezes, a gente ia para o jornal acompanhar o meu pai, aí eu pegava alguns jornais e ia vender na praça José de Alencar, o apurado era nosso.

Por trás dessa brincadeira, havia uma disputa. É que os gazeteiros dos jornais *Correio do Ceará* e *O Povo*, tinham na Praça José de Alencar um grande ponto de venda. Eles rodavam a praça no meio da tarde cantarolando o nome do jornal. E então Ricardo fazia as vezes de gazeteiro, cantando o nome do *O Estado* bem alto pra vender — era uma brincadeira de vender, com um prêmio especial: o apurado era todo dele.

— Não quero mais receber mesada sem trabalhar. Quero uma função no jornal.

Quando Ricardo falou isso para Venelouis, estava desconfortável com a posição de receber sem retribuir com seu trabalho. O rapaz estava no ardor da puberdade, com 15 anos em uma efervescente Fortaleza de 1973, onde a juventude se revezava nas tertúlias domésticas improvisadas na base de vitrola, em ambientes com pouca luz e muita adrenalina. A mesada, semanal, bancava despesas nas saídas com amigos, cinema, namorada, essas coisas. Mas queria fazer jus àquele valor, retribuindo com trabalho. A abordagem foi direta:

- Quero ir trabalhar no jornal.
- Mas você não sabe fazer nada no jornal, Cadim.
- Eu quero aprender, e a melhor maneira é estar lá dentro, Venér.
- Está bem. Vou lhe pagar para você ler o jornal. Quero que leia tudo, me aponte os erros e indique como fazer certo.

Então, passou a dar expediente pela manhã. À tarde ia para o Colégio Juventus, perto do Seminário da Prainha. Com os pés dentro do jornal começou a esmiuçar os departamentos. Já gostava das oficinas, desde os tempos da linotipo. Agora, mostrou interesse e curiosidade pela diagramação, que era a sucessora do sistema de composição à quente das velhas caldeiras das linotipos. As máquinas *Composer* da IBM tomavam conta das oficinas. Depois, era usar cola — cola de sapateiro, com odor entorpecente e suas gosmentas melecas —, esquadro, régua "T", tesoura e papel para montar o jornal. Era a chamada paginação ou, em inglês, como preferiam alguns, "paste-up", sucessora das pesadas matrizes em chumbo e clichês.

Ricardo recorda:

No começo eu estranhei, porque o meu pai disse que eu iria para lá trabalhar, ganhar o meu salário, mas não tinha conversa da minha mãe ir me deixar, motorista me levar de carro. Eu tinha que ir de ônibus. Eu morava na Aldeota, pegava um ônibus que descia na praça dos Correios — entre as ruas Floriano Peixoto e General Bezerril. A praça Waldemar Falcão funcionava como terminal de várias linhas de ônibus da região leste da cidade. Dali, ia andando até a rua Liberato Barroso, nas cercanias da Praça José de Alencar. O problema começou a surgir na volta para casa. Tinha que fazer o percurso inverso, à noite, e o que era tranquilo durante o dia ganhava estranha feição. Era muito perigoso cruzar todo o Centro à noite para pegar o meu ônibus na Praça dos Correios. Então, eu deixei de trabalhar à noite e passei a ir só durante o dia. Criamos um expediente especial para fazer a paginação. Eu cuidava das páginas com reportagens mais frias, aí eu fazia à tarde. Foi assim que me introduzi nas entranhas do jornal e comecei a aprender um pouco de tudo.

A paginação era o centro nervoso das oficinas, onde as páginas eram finalizadas, em seguida fotografadas — fotolitadas — e, depois, impressas — o processo de produção era totalmente analógico.

Na paginação, aprendeu tudo, inclusive a evitar o abominável cheiro da cola de sapateiro. Depois foi para o coração da impressão, o parque gráfico com suas, então, muito barulhentas impressoras. Eram incríveis engenhocas que pintavam o papel com traço — texto — e ponto — imagem. Ricardo meteu, literalmente, a mão da massa, isto é, na graxa pastosa que chamamos de tinta, aprendendo a entintar as impressoras com uso de grandes palhetas e vendo todas as sutilezas dos ajustes de registro, da impressão frente e verso, da pós-impressão com a dobragem do jornal, já que na impressora plana o jornal era dobrado manualmente.

Palco de tantas revelações na redação, o jornal *O Estado* e o espírito intrépido de Venelouis sempre apostaram na vontade incontida de jovens iniciantes em aprender tudo que move a edição de um jornal, da forma espiritual até a alquimia da produção e impressão. No jornal *O Estado*, sob Venelouis, muitos tiveram oportunidades que jamais teriam em outras empresas jornalísticas. Por vários motivos, mas talvez, o principal era o fato de Venelouis se ver — se projetar — naqueles calouros. Ainda mais ele, que conquistou tudo o que teve.

João da Cruz fez o percurso de muitos piauienses. Veio para o centro mais próximo em busca de oportunidades. Agricultor, quando chega em Fortaleza nos áridos anos 1970, teria que se apegar aos conhecidos da terra natal. E eis que João conhecia um colaborador de serviços gerais do jornal e lá foi ele pedir emprego.

Venelouis atendia todo mundo, sem nenhuma distinção:

— Doutor, estou aqui para pedir uma oportunidade, qualquer serviço.

— O que você fazia no Piauí? Trabalhou em algum jornal, em alguma gráfica?

— Doutor, eu era agricultor, doutor. Minha lavoura morreu toda. Estou aqui em Fortaleza, em busca de uma esperança, não tenho onde morar, não tenho parentes, só o senhor pode me ajudar...

— Muito bem, seu João. Você pode ir trabalhar nas oficinas. As máquinas impressoras sujam muito. Expelem muito papel. O senhor fica lá, recolhe toda sobra de papel e depois limpa tudo, deixa a área de impressão um brinco de noiva. O pessoal da impressão deixa tudo sujo. Seu trabalho é limpar. Quero a sala totalmente limpa.

João assumiu a posição com talento e disposição. Todos os dias, pela manhã, nenhum sinal do caos provocado pelo alvoroço da impressão. Tudo limpo. E, mais que limpo, limpíssimo.

João assim fez, o tempo foi esvaindo-se, passou-se um ano. João no seu mister qual monge beneditino — silencioso e disciplinado, feliz.

Em um dia de cão, Venelouis irrompeu na impressão, irado. Estava inconformado com erros de ajustes de impressão e até com sequências erradas de páginas, tudo decorrência de desleixo e de falta de atenção.

Por conta de um entrevero desses, Venelouis foi para cima — com todas as palavras necessárias e também as desnecessárias —, do impressor chefe do jornal, o que significava, tecnicamente, que a partir daquele enfrentamento, o jornal estava sem impressor.

— Muito bem, o senhor cuida da sua vida e eu vou cuidar de achar um outro impressor.

Venelouis ainda estava se recompondo do *stress* quando João bate na porta de sua sala:

— Diga, meu bichim.

— Doutor, eu estou sabendo do ocorrido e gostaria que o senhor me desse uma chance.

— Que chance, João.

— De impressor.

Silêncio. Venelouis não entendeu bem qual era a ideia do faxineiro João, o homem que todos os dias deixava as oficinas e a área de impressão irretocáveis.

— Você conhece algum impressor, João?

— Doutor, se o senhor me der uma chance... Nesse tempo todo que eu estou aqui, aprendi também a imprimir. O senhor sabe, eu não

tenho casa e moro aqui, nos fundos do jornal, ao lado das oficinas. Eu não gosto de ficar parado e todos os dias eu acompanhava a impressão, e comecei a ajudar na impressão, limpando as bobinas, colocando as chapas, entintando, dando partida na máquina... aí como os outros tinham preguiça de fazer algumas coisas, eu me oferecia pra fazer e assim aprendi a mexer na máquina.

— Mas que história, meu bichim... Venha aqui comigo, vamos lá na impressora... Você vai colocar ela pra funcionar na minha frente.

Ricardo seguiu a dupla e ficou acompanhando tudo. Foi um espetáculo incrível que puxou uma gargalhada de Venelouis.

João ligou a máquina, ajustou registro, velocidade. Gravou uma chapa matriz, revelou, imprimiu. Tudo isso num total domínio do processo, algo que impressionou a todos. Estava ali o novo impressor do jornal.

Mas João, um ano depois, queria dar outros voos. E chegou, com o seu jeito simples, quase simplório, à sala de Venelouis:

— Doutor, bom dia. Doutor, vim aqui pedir outra oportunidade e a sua ajuda. Sou muito grato ao que o senhor fez por mim, mas já aprendi tudo que poderia aprender em termos de impressão e eu sei que o Sr. é amigo do “seu” Adolpho Bloch, da revista Manchete. O senhor poderia fazer uma carta pedindo um emprego para mim? Nem que fosse na limpeza do galpão.

— Mas, meu bichim... Seu João, o senhor vai me deixar na mão e ainda pede que eu lhe arranje um emprego?

— Não, senhor, doutor. Já preparei um impressor para o senhor, tão bom ou melhor que eu... — disse, rindo.

E, assim, João foi pro Rio de Janeiro, trabalhou na Bloch Editores. Quatro anos depois, lá estava João, novamente em Fortaleza e, novamente, à procura de Venelouis na sede d’*O Estado*.

— Doutor, lembra de mim?

E repetiu sua história: já tinha aprendido tudo que podia aprender na Manchete, agora com certificado e tudo de impressor, expedido pela Heidelberg — a maior fabricante alemã de impressoras *offset* — e

agora ele prestava serviço como mecânico de impressoras, em especial, rotativas.

Venelouis adorou a ideia porque, a partir de então, não precisaria mais trazer um mecânico de São Paulo ou Rio, quando a rotativa desse um problema. O custo era altíssimo, porque além do preço do serviço tinha também hospedagem, alimentação e passagem aérea ida e volta.

— E assim foi feito, nós tivemos uma assistência de qualidade e de baixo custo — lembra Ricardo Palhano.

Em 1991, Ricardo se afastara do jornal — mas continuou com sua participação acionária — em decorrência de conflitos de visão gerencial com seu pai, Venelouis, e partiu para o próprio negócio. Foi ser sócio de Dorian Sampaio Filho, seu primo, na Multigraf Editora Ltda. Precisavam de uma impressora nova e essa demanda coincidiu com a realização da Feira Internacional de Embalagem, Papel e Artes Gráficas, em São Paulo, com mais de 500 expositores, dentre os quais a poderosa Heidelberg.

— Eu fui com o Dorian para a feira, a gente tinha que comprar umas máquinas, uma guilhotina moderna, porque a gráfica estava crescendo, chegando lá eu vi aqueles máquinas imensas, tirando sete cores em uma lapada só, não perdia uma folha de papel. Foi no *stand* da Heidelberg que eu reconheci João. Agora ele era comprador, dono de gráfica que estava ali adquirindo sua segunda impressora Heidelberg.

Ricardo Palhano reforça esse dom de Venelouis como um compulsivo descobridor de talentos. Ele potencializava as pessoas, abrindo janelas de oportunidades. Por conta disso lançou muita gente no mercado profissional, como o rapaz que veio do município de Ipu sem saber fazer nada. Venelouis criou o nome dele, de Francisco Erle, — “esse nome não serve” — para Fran Erle. Começou como fotógrafo e chegou a diretor do jornal. Julieta Brontée é outro nome do batismo de Venelouis, para a jornalista chegada de Brasília que foi trabalhar no jornal como repórter política. Outro lançamento de Venelouis,

agora como colunista social, foi a Cléa Petrelli, paranaense que veio de férias para o Ceará e aqui se radicou constituindo família e fazendo carreira na comunicação.

Em 1978, Ricardo Palhano anuncia uma decisão que desagradou Venelouis. Iria casar com a artista plástica e designer Elizabeth Dreher. Venelouis não gostou da ideia não pela moça, que admirava, mas pelo fato de Ricardo ser muito jovem, somente 23 anos de idade.

Quando casou, Ricardo foi escalado por Venelouis para cuidar do Hotel Vila Velha, na rua Liberato Barroso, onde antes funcionava a sede do jornal. Um ano depois, Ricardo resolveu partir para outra. Tomou uma decisão drástica e foi morar em Goiânia.

Nesse interregno, Venelouis constrói a sociedade com o empresário Sérgio Philomeno, que se amplia em 1980. É que, neste ano, no dia 1º de junho, a Rede Independente de Jornais do Nordeste Ltda., dirigida por Venelouis Xavier Pereira e editora do jornal *O Estado*, arrenda os jornais *Correio do Ceará* e *Unitário*. Os dois jornais, em profunda crise financeira, saem do controle dos Diários Associados de Assis Chateaubriand e da direção de Manuel Eduardo Pinheiro Campos. O jornalista Colombo Sá continua como editor. E o jornal *O Estado*, dez dias depois, passa a ser impresso no parque gráfico dos dois jornais ex-Associados. Quando soube do arrendamento, Ricardo ficou preocupado porque a ele parecia que Venelouis estava contratando uma sucessão de problemas, que era a enorme folha de pagamento dos jornais Associados.

Mas Ricardo estava em Goiânia, morando com um primo de Venelouis, e trabalhando na Imobiliária dele, como corretor de imóveis, "passei um ano lá". Um ano depois, no começo de 1982, foi para Brasília, principalmente porque Wanda, sua mãe, já desquitada de Venelouis, estava morando lá, com os filhos. Ricardo se incluiu no grupo. De quinze em quinze dias, ia a Goiânia onde o negócio continuava, agora comprando e vendendo terrenos. Em Brasília, no centro do poder, começou a escrever artigos e fazer entrevistas para o jornal, com

a recepção acalorada de Venelouis, que adorou a ideia.

Em 1983, o movimento Diretas-Já começava a ganhar dimensão de massa e passou a ser um dos temas preferidos de Ricardo, já que a população de Brasília encampara a grande pressão popular pedindo as eleições diretas. Movimentos culturais na cidade estavam sendo fermentados pela energia das Diretas-Já, como a banda Legião Urbana e a poesia de protesto do seu vocalista e líder, Renato Russo, que saiu dos limites do plano piloto e contaminou, com sua energia crítica, todo o Brasil.

Toda semana, o correspondente acidental em Brasília mandava uma coluna e uma entrevista com políticos, claro que o foco nos políticos do Nordeste e do Ceará, e suas bandeiras para a região.

Um dos ícones do movimento Diretas-Já era o senador Tancredo Neves, ao lado de Ulysses Guimarães, Teotônio Vilela, entre tantos outros. Ricardo se dirigiu ao gabinete do senador Tancredo Neves, já candidato à presidência da República, e solicitou uma entrevista.

— O senhor pode aguardar um minuto? É o senhor Ricardo, do jornal *O Estado*? — perguntou, confirmando, a secretária, olhando para suas próprias anotações.

— Sim, senhora. Jornal *O Estado*.

Tancredo Neves estava no gabinete e um grupo de três parlamentares saem de sua sala. A secretária introduz Ricardo ao chefe de gabinete. Ela diz:

— O senador Tancredo vai recebê-lo agora.

Então, sem pré-agendamento, estava ali Ricardo Palhano com seu gravador Philips — um tijolo pesando um quilo — em frente a um sorridente e disponível Tancredo Neves.

Uma entrevista de quase uma hora, Tancredo falando da esperança de um Brasil na plenitude da democracia, ele que viveu todo o drama provocado pela renúncia de Jânio Quadros e a tentativa de impedimento da posse de João Goulart, o drama do golpe militar e de sua noite mais escura, o AI-5. Agora estava ele ali, cheio de esperança. Na despedida, diz:

— Ricardo, como está o Júlio? Dê meu abraço a ele... meu amigo Júlio de Mesquita Neto.

— Doutor Tancredo, não sei como está o doutor Júlio Mesquita, não. O doutor Júlio é do *Estadão*, lá de São Paulo. Eu sou repórter do jornal *O Estado*, lá de Fortaleza, no Ceará.

Tancredo pensava que Ricardo era repórter de *O Estado de S. Paulo* e, certamente, por isso, atendeu tão rápido.

Outro entrevistado dessa época foi o Paulo Brossard — “eu adorava ele”. Na conjuntura da época, dois importantes esgrimistas, o Jarbas Passarinho, representando o governo e o Brossard, representando a oposição. De gravador em punho, realizou, e *O Estado* publicou entrevistas memoráveis de Ricardo Palhano com o senador Virgílio Távora, o senador Mauro Benevides, deputados federais, Paes de Andrade, professor Antonio Moraes, Paulo Lustosa, Marcelo Linhares, Aduino Bezerra, Etevaldo Nogueira, Orlando Bezerra. Ricardo fazia parte de uma patota de jovens cearenses, atuantes comunicadores que moravam em Brasília: Jorge Henrique Cartaxo e Neno Cavalcante. Compartilhavam informação e esticavam sempre para o bar mais aconchegante de alguma superquadra.

Em uma dessas manifestações com grande pressão na Câmara dos deputados pelas Diretas-Já, a revista *Veja* publicou uma foto enorme das galerias lotadas. Em uma fila lá estava Ricardo Palhano com um punho levantado e gritando, mais umas três pessoas ao lado e lá estava o Lula e naquele tempo ele era líder sindical — presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema.

— Teve até quem me afirmasse, num misto de ironia e de humor negro, que o pessoal do SNI já havia circulado a minha cabeça na foto com um ponto de interrogação: quem seria aquele no meio do povo todo.

Certo dia, Venelouis chega a Brasília com seu sócio Sérgio Philomeno. Ricardo foi apanhar os dois no aeroporto e foi a primeira vez que teve contato com Philomeno. Levou os dois ao Congresso e como

conhecia mais parlamentares que os dois juntos, funcionou como guia nos labirintos das duas casas. Sérgio até brincava dizendo que o irmão dele, Cláudio, que era deputado federal, não conhecia tanta gente ali no Congresso quanto Ricardo.

Então começou a pressão em cima de Ricardo: “os dois ficaram dizendo que eu tinha que voltar, porque agora eram os dois jornais, *O Estado* e o *Correio do Ceará* e eu tinha que cuidar do que era nosso”. A conversa foi pela manhã toda, passou o almoço e entrou pela *happy-hour*. Uma cantiga de grilo: cri-cri-cri. Ricardo cedeu:

— Aí eu voltei para Fortaleza.

Mesmo afastado do jornal, Ricardo continua desfrutando dos seus 1%, enquanto Venelouis continuava com 99% das cotas do jornal. Em Fortaleza, passou a cuidar exclusivamente do jornal *O Estado*, enquanto Hélder Cordeiro tomava conta do *Correio do Ceará*. Hélder era homem de confiança, “um cara excepcional”. E Venelouis ficava no comando dos dois. Ele era a ponte com o novo sócio, Sérgio Philomeno e, além disso, viajava muito.

Ricardo relembra:

— O Sérgio ainda inventou de o Venelouis ser diretor da Coca-Cola — criou um cargo de diretor institucional para ele, Venelouis. Sérgio era envolvente, ele estava “apaixonado” pelo Venelouis e o Venelouis estava “apaixonado” por ele, digamos assim. Com pouco tempo a gente viu que o *Correio do Ceará* não tinha jeito. O Sérgio queria comprar o jornal, mas era muito complicado — o passivo trabalhista era gigantesco. A primeira etapa foi o arrendamento, quem negociava pelo *Correio* era o Manuelito [Manuel Eduardo Pinheiro Campos]. Eu me lembro que chegava o fim do mês, a folha de pagamento, a fila do jornal *O Estado* era bem pequenininha, mas a fila do *Correio* se formava pela calçada de tanta gente que tinha — pessoas que nem iam ao jornal. Só iam no final do mês para receber o salário, porque os Associados não demitiam — não tinham dinheiro para pagar as indenizações trabalhistas. Na verdade o Sérgio tinha muita vontade de entrar para a política e queria ter o domínio de alguns meios de

comunicação. O plano era muito bom, mas era aquele negócio, você tem que bancar, que meter a mão no bolso e era meio difícil o Sérgio, nesse ponto. Então quem bancava tudo era a receita do superavitário jornal *O Estado*: o que a gente ganhava no jornal *O Estado* usava para pagar as contas do *Correio*.

A situação ficou insustentável. O *Correio* era um buraco negro, um buraco sem fundo. Não gerava receita, era só despesa. Ricardo não se conteve, via o esforço do seu trabalho n' *O Estado* se esvaír na utopia do *Correio do Ceará*. Chegou ao pai, e falou:

— Venér, esse negócio foi muito mal fechado. Nós estamos dando murro em ponta de faca. O jornal *O Estado* sempre tinha dado lucro, agora a gente está perdendo tempo e dinheiro. Você precisa propor ao Sérgio que ele banque tudo no *Correio* com o Hélder à frente, já que é Sérgio quem quer o *Correio*. Ele te jogou em uma sinuca de bico, porque o contrato é feito em nome da Rede Independente e não no nome dele.

Ricardo propôs que *O Estado* passasse a ser totalmente separado do negócio com o *Correio do Ceará*.

— Venér, o arrendamento tem que ser feito com a empresa do Sérgio, porque a Rede Independente pode ser contaminada com os problemas trabalhistas do *Correio*.

De fato, a admissão dos direitos trabalhistas levaria *O Estado* à falência. Foi aí que a luz amarela acendeu na cabeça de Venelouis.

— Aí meu pai alertou e, a partir de então, Sérgio começou a ficar meio chateado comigo. Ele achava que eu estava contaminando o Venelouis contra ele, mas eu estava apenas preservando a empresa e a saúde do meu pai. O Sérgio chegou a falar comigo tentando mudar meu ponto de vista, mas eu dizia apenas que ele colocasse o arrendamento do *Correio do Ceará* em seu nome. Não só não colocou, como ampliou os riscos com a compra de uma impressora Goss, do jornal do Rio Grande do Sul, instalada na avenida Barão de Studart.

A compra da impressora foi em dezembro de 1979.

Sérgio tinha planos mais ambiciosos. Ele queria comprar uma su-

perimpressora de última geração, nos Estados Unidos, para onde viajava regularmente, em reuniões de negócios com a Coca-Cola.

Gênio nas finanças, ele começa a fazer um projeto de financiamento para esse negócio por um banco internacional de desenvolvimento. Tudo no nome da Rede. Mais uma vez, Ricardo entrou em cena:

— Papai, o senhor não pode entrar nesse negócio milionário, porque não vamos ter como pagar.

E explicou para Venelouis que todo mês ele teria que ir ao Sérgio Philomeno pedir dinheiro para pagar a máquina.

— Venér, isso criaria um dependência enorme. Você ficaria totalmente na mão do Sérgio Philomeno.

Mesmo assim, Venelouis partiu em defesa do empréstimo. Ricardo Palhano relembra aquele momento, que foi um fermento para uma crise que se elasteceu ao máximo. Conta ele:

Quando eu vi o projeto e os valores, fiquei assustado. Foi quando alertei meu pai. O acordo deles era de gaveta, mas quem metia a cara nos negócios era a razão social da Rede Independente de Jornais. A máquina era muito cara, o empréstimo era em dólar, e a instabilidade do câmbio aumentava o risco. A gente não teria como fazer aquilo, o nosso faturamento não dava para cobrir. O Venelouis argumentou que o projeto já estava pronto e tal, aí eu disse que, nesse caso, era só colocar a razão social da Coca-Cola — a Fortaleza Refrigerantes S.A. —, então. O Sérgio compraria no nome dele e ficaria com a máquina. Se ele não quisesse pagar, sujaria o nome dele e não o nosso. Aí começou a briga, o Sérgio começou a pressionar, ele queria o jornal, queria o nome Venelouis Xavier Pereira que significava “sem medo, coragem, grandes enfrentamentos”. Assim, no entender dele, estaria protegido dos outros criticá-lo ou atacá-lo, inclusive protegido dos outros políticos, também, porque ele queria entrar na política, queria ser governador do Estado do Ceará. Aí a coisa degradingolou. O respeito na relação esvaiu-se. Sérgio era um empresário e no fundo todo

empresário é um ditador que quer mandar na sua empresa. Um dia ele queria que o jornal elogiasse o governador, aí no outro dia se algo o desagradava, ele queria que o jornal esculhambasse o governador. Não tinha uma linha, as confusões eram grandes. Apesar de tudo, eu digo que os dois se amavam, eles brigavam de dia e à noite se telefonavam, quando era no outro dia a briga começava de novo, e assim ia.²

A briga ganhou enorme dimensão e já começava a vazar para o público, ampliando o desgaste da relação:

Quando começaram os desentendimentos, a gente conversando, porque sempre éramos nós quem traçávamos os planos, eu disse ao Venér que a crise na relação estava piorando e eu estava muito preocupado: um dia, a gente poderia chegar na sede do jornal — onde também funcionava a fábrica de sorvetes e picolés Gelatti — e ser impedido de entrar, porque o Sérgio era quem tinha o poder, o dinheiro e o prédio também era dele.

— Venér, não é improvável que a gente chegue lá, um dia, e tenha um monte de capanga na porta para impedir nossa entrada e a gente ficaria sem o jornal.

Foi quando Venelouis tomou uma decisão: resolveu que o jornal iria sair dali e alugou uma casa, na avenida Santos Dumont, esquina com rua José Lourenço. Alugamos a casa e começamos, secretamente, a prepará-la para receber o jornal.

OPERAÇÃO MUDANÇA: O JORNAL É “SEQUESTRADO”

A área para receber a rotativa Goss teve o piso concretado dentro dos padrões do fabricante, com especificações técnicas muito sofisticadas. Uma rotativa Goss Community sistema torre, pesa de 10 a 12 toneladas. Venelouis, que sempre gostou de construção civil, comandou toda a reforma, inclusive a compra dos materiais. Outra área foi pre-

parada para receber a redação. “Meu pai sempre gostou dessas coisas, dessa parte de construção do espaço do jornal”. O contador Assis “faz tudo” Gomes foi seu braço direito na reforma. Assis era uma espécie de sombra de Venelouis, resolvia tudo.

Em uma semana o novo endereço estava pronto para receber toda a estrutura do jornal. A questão agora era outra: como tirar o jornal da Gelatti, incluindo a rotativa, sem que o sócio Sérgio Philomeno tomasse conhecimento? Então, tudo foi planejado. Venelouis soube que Sérgio Philomeno iria viajar na sexta-feira para os Estados Unidos e lá ficaria pelo menos quinze dias. A mudança teria que ser feita em fim de semana, de preferência um fim de semana prolongado. Os executivos da Gelatti também viajavam na sexta-feira, a fábrica ficava às moscas, somente com o vigia.

O desafio era desmontar a gigantesca rotativa. Desmontar e levar as unidades até o caminhão de mudança. Seria uma operação de guerra. Quem poderia desmontar? Normalmente o jornal chamava um técnico de São Paulo, mas Venelouis buscou uma alternativa local e a saída foi chamar o Maciel, impressor do jornal *O Povo* que, bem antes, também trabalhara no jornal *O Estado*. Maciel era também um mecânico autodidata. Curioso e perspicaz, ele aprendeu a montar a impressora do jornal *O Povo*, de tanto observar o trabalho dos técnicos que vinham de São Paulo. Maciel se oferecia para fazer o trabalho pesado, remoção de peças, bobinas etc. O fato é que, em quatro dias de trabalho, e com dois assistentes, Maciel desmontou e, depois, no novo endereço, montou a rotativa.

Ricardo relembra:

— Foi o fim de semana inteiro nessa mudança, dia e noite. O jornal, nesses dias, foi rodado na *Tribuna do Ceará*. Imprimimos lá no Sancho. O Venelouis falou com o Sancho em segredo, eram muito amigos. Assim, as edições de segunda-feira, terça e quarta-feira foram impressas no Sancho, porque era preciso tempo de montar e alinhar a rotativa, um trabalho de muita perícia.

Quando o Sérgio Philomeno ligou dos Estados Unidos para falar

com os diretores, pediu também que passassem a ligação para Venelouis.

— Olhe, doutor Sérgio, está muito estranho aqui, não vimos ninguém do jornal nesses dias.

— Mandem alguém descer lá e diga que preciso falar com Venelouis.

O pessoal da Gelatti só notou a mudança cinco dias depois, na ligação de Sérgio. No prédio funcionava a diretoria da Coca-Cola no andar de cima e, embaixo, em uma espécie de subsolo, aproveitando o declive do terreno, funcionava *O Estado*.

Quando o funcionário constatou todo o andar do jornal totalmente vazio e bagunçado, ficou pálido. Retornaram a ligação para Sérgio, que irado, falou cobras e lagartos.

Minutos depois, Sérgio conseguiu localizar Venelouis por telefone. Estava declarada a guerra, agora, através das páginas do próprio jornal.

O Sérgio entrou na Justiça com uma ação judicial contra o jornal. Ele queria tomar o controle do jornal alegando o fato de ser sócio e dono. Foi uma disputa violenta e acirrada, com Venelouis publicando explosivas manchetes contra Sérgio Philomeno na primeira página do jornal.

Ricardo foi à Brasília três vezes se reunir com Sérgio, propondo comprar a parte dele.

— Eu lá bem cedo, tomávamos café da manhã juntos e entrávamos pela noite conversando, eu querendo convencê-lo a sair da sociedade, ele querendo me convencer que o Venelouis tinha que continuar sócio dele, não queria deixar a sociedade, justamente por querer o nome do dr. Venelouis Pereira Xavier. O curioso é que eles se gostavam, independente das brigas.

No entanto, o editor Teobaldo Landim sugeriu que Venelouis divulgasse que Sérgio havia comprado a metade, mas não havia pago. E assim foi feito, provocando enorme acirramento na disputa. A briga na Justiça foi para Sérgio provar que ele era dono.

— Até que Sérgio conseguiu com um juiz aqui, que era famoso

nesse expediente, a nomeação de um interventor no jornal *O Estado*. Só que meu pai, muito valente, denunciou em primeira página o juiz como corrupto e também o interventor. Disse que os dois faziam isso em várias empresas que estavam em litígio. O jornal foi tão violento ao relatar, com detalhes, as negociatas da dupla, que o Tribunal de Justiça anulou a intervenção e o juiz foi retirado e afastado do caso.³

Mas a briga continuou na Justiça e no jornal até que todos foram surpreendidos com a notícia da precoce morte de Sérgio Philomeno, de enfarto, no Rio de Janeiro.

Dias depois, ainda no calor do pesar da família, Venelouis, acompanhado por Ricardo, procura a viúva de Sérgio, dona Ana e seu filho mais velho, o economista José Maria, solicitando uma reunião.

— O jornal é deles, temos que reconhecer isso, mesmo sendo somente um contrato de gaveta. Vamos lá reconhecer e fazer um acordo para gente tentar pagar isso. Vamos fazer o que é certo.

Foram recebidos na casa de Sérgio, onde Venelouis estivera tantas vezes em animados convescotes. Lamentou a morte de Sérgio, fez elogios à sua memória e se penitenciou sobre a briga pública. Finalmente disse que estava ali para reconhecer que, de fato, Sérgio era dono de 50% do jornal e que agora essa participação pertencia aos herdeiros, mas que gostaria de recomprar esses 50%.

Saíram dali com o acordo costurado e o pagamento seria feito em dez parcelas.

— Foi mais uma lição que eu tive na vida. Pedimos a reunião, conversamos com a família, meu pai disse para eles que apesar da briga gostava muito do Sérgio, fizemos um preço em negociação e pagamos em dez prestações. Aí ficou o Venelouis com 90% do jornal e eu com 10%. Mas isso veio do Sérgio, porque me deu 9% das cotas dele para que eu fechasse os 10%, porque, até então, eu tinha somente 1%.

RICARDO PALHANO, O NOVO MOICANO

O mais longevo diretor do jornal *O Estado*, Ricardo Palhano, relata

momentos marcantes e dramáticos:

Depois vieram outras lutas, a rotativa continuou, meu pai acreditava muito em dinheiro, ele não gostava muito de investimento, eu queria muito crescer e ele dizia que quanto mais se crescia, mais aumentavam as despesas, o risco também crescia, o que interessava era ter o dinheiro no bolso. Isso era uma política que ele acreditava, não devia dinheiro a ninguém, não pegava empréstimo em banco, as coisas dele eram pagas rigorosamente em dia.

Eu só fiquei fora do jornal no período em que trabalhei em Goiânia. O resto eu vivi todo com ele e segui a mesma linha de não contratar riscos. Quando eu falo isso no meio empresarial e de amigos, eles dizem que eu sou muito besta e que, assim, não vou crescer nunca. Mas isso está no meu DNA, uma herança atávica.

Mas ele era um *bon vivant*, gostava muito de namorar, de mulher, se acostumou a viajar muito, a me manter no jornal tomando conta de tudo. Por conta do seu estilo de vida, gastava muito, se hospedava em hotel bom, restaurante, naquele tempo não usavam cartão, era tudo a dinheiro. Ele por conta disso gastava muito, aí teve um dia que ele resolveu vender a rotativa, porque era muito grande para o jornal — dizia que gerava uma enorme ociosidade —, que bastava a máquina plana. Na realidade ele tinha razão, mas eu discordava da venda porque com a impressora rotativa o jornal poderia crescer. Mas ele decidiu mesmo vender a rotativa e voltamos para uma impressora plana. O dinheiro da rotativa foi para o bolso dele, não foi para o jornal.

Uma vez quando ele chegou de viagem, eu disse que havia tido a ideia de montar uma rádio, ele disse que não era um bom negócio, mas eu argumentava que não era para aumentar faturamento, mas sim para fortalecer o sistema de comunicação do *O Estado*.

— Ricardo, você sabe que não temos dinheiro para fazer esse investimento.

— Na verdade, temos. Eu fiz algumas aplicações e temos o di-

nheiro ouvindo a conversa. Dá para comprar a rádio Iracema AM, que o doutor Adauto está querendo vender.

Venelouis ficou surpreso com a informação.

— Então marque com o Adauto, vamos conversar com ele.

Então foram conversar com o Adauto, no seu escritório na rua Barrão do Rio Branco. Só que, iniciada a conversa, Venelouis fez uma proposta indecente: queria a rádio em troca, em 100% de publicidade do Banco Industrial e Comercial S.A. — BIC, no jornal. Uma permuta, na verdade.

Conhecendo Adauto como ele conhecia, um exímio negociador, a proposta foi feita deliberadamente para não fechar negócio. E não houve negócio.

— Viu como eles não aceitaram? — comemorou, olhando para Ricardo. E, ato-contínuo, disse que tinha uma boa destinação para o dinheiro, uma aplicação melhor que José Afonso Sancho — dono do Banco de Fortaleza S.A. e também da *Tribuna do Ceará* — faria pra ele. Ricardo fez o cheque, Venelouis fez a aplicação em seu próprio nome.

De tanto Venelouis ficar ausente em suas temporadas fora do Ceará, o jornal *O Estado* acabou assumindo a cara de Ricardo Palhano. As pessoas já haviam se acostumado a procurar o Ricardo, os políticos, os empresários, porque ele era quem estava em contato com todo mundo. Quando Venelouis retornava das longas temporadas, ficava meio à margem de tudo e isso começou a causar um constrangimento e também uma tensão.

Ricardo relata:

Meu pai sempre foi um cara super legal que dava oportunidade a todo mundo e eu tinha o maior orgulho dele, ele sempre teve o maior orgulho de mim e dos seus filhos. Eu, com 20 anos de idade, ele me levava para reunião com governador, me apresentava como diretor de jornal, me colocava lá em cima.

O fato de ele ter ficado com um pouco de ciúmes, anos mais tarde, vejo como uma coisa mais normal do mundo, porque ele viu

algo que não era real, que eu estaria usurpando o jornal, esse que também ele considerava um filho. Aí ele foi tentar cortar as minhas asas, demitiu uma funcionária minha que era meu braço direito e eu fiquei muito aborrecido na época. Avisei a ele que eu ia sair, que ele assumisse o jornal, ele argumentou, mas eu disse que a felicidade dele era ali, dentro do jornal, cuidando de tudo, que ele não deveria ficar viajando por aí gastando dinheiro, tinha que ficar ali dentro.

Antes, em 1990, Venelouis havia decidido ir morar em Brasília. Estava casado com a carioca Carmem, com quem teve um filho e resolveu dar um tempo de tudo, inclusive dos enfrentamentos com o Governo estadual. Comprou uma fazenda no entorno do Distrito Federal, e vendeu o jornal para a ex-mulher Wanda Palhano e para os filhos: Wanda passou a ter 54% das cotas, Ricardo, 20% e o restante ele doou para os filhos Soraya, Solange e Stevenson Adley de Palhano Xavier, e também uma cota para Fran Erle.

Na fase inicial em Brasília, morou no Hotel Saint Paul, setor hoteleiro Sul. Antônio Paes de Andrade, seu amigo, era presidente da Câmara dos Deputados, eleito em acirrada disputa, a 15 de fevereiro de 1989. Estava totalmente à vontade na cidade, onde, afinal, já morara no começo dos anos 1960, e tinha muitos amigos, dentre eles Dário Macedo que, no entanto, veio a falecer em 1991.

Deixou o hotel e foi morar na fazenda que havia comprado.

— Não aguentou vinte e quatro horas lá, no isolamento e na chuva. Ligou pra mim, revoltado —, conta Ricardo Palhano.

O casamento com Carmem acabou, ele iniciou nova relação e foi passar uma temporada no Rio de Janeiro. Vendeu a fazenda de Brasília e em seguida voltou para o Ceará.

Sem uma função no jornal, iniciou uma rotina angustiante. Todos os dias ele ia para o jornal, sentava na sala dele, ficava conversando e os filhos tocando o jornal. Estava totalmente ocioso e não detinha mais nenhuma cota do jornal. Estava visivelmente abatido, vítima de um ultraje que ele mesmo construiu.

Depois de mais de uma semana desse ritual sem sentido de Venelouis, Ricardo chamou uma reunião com os irmãos, com Fran Erle e com sua mãe, Wanda Palhano. Foi direto ao ponto:

— O doutor Venelouis está sangrando. A vida dele sempre foi esse jornal em todos os seus detalhes. Se ele continuar desse jeito que está, deprimido e sem função de mando no jornal, ele vai morrer. Então, sinceramente, acho que temos que desfazer o negócio. Vamos revender o jornal para ele.

Wanda concordou imediatamente, idem, os filhos e também Fran Erle. E Venelouis voltou ao controle acionário com 54%, Ricardo Palhano ficou como segundo acionista, a Soraya comprou a parte do Fran Erle, ficou como a terceira cotista, o Stevenson de Palhano Xavier e Solange Palhano continuaram como cotistas. Com a morte de Stevenson abre espaço para Rebeca Férrer Xavier. Stevenson morreu aos 56 anos, na madrugada da quinta-feira, 26 de abril de 2012.

Todos ficaram felizes com a volta do intrépido editor Venelouis que retomou a carga natural. Ricardo, o irmão mais velho, naturalmente tem maior tempo dedicado ao jornal. Ele relata:

Nesses quarenta anos de jornal, eu passei fora somente o período de dois anos. Quando Venér morreu, eu voltei para a gestão do jornal. Já não tínhamos a energia do guerreiro. Sem Venelouis, nos reunimos e chegamos à conclusão de que a doutora Wanda deveria ser a presidente do jornal e eu seria o superintendente, devido à minha experiência e ao fato de ser o maior acionista. Então, foram distribuídos os cargos, a Soraya foi para a área financeira, a Solange para a área institucional, de relacionamento, a Rebeca para a área de distribuição. Nós tínhamos uma rotativa de apenas uma unidade que Venér havia comprado no Rio de Janeiro. Minha meta agora era ampliar a capacidade da máquina, acoplando novas unidades.

Do tempo do Venelouis para hoje, o modo de operação é totalmen-

te diferente. O jornal daquele tempo, que eu conheci e participei, era um jornal cheio de romantismo, sonhos e utopias. A gente entrava no jornal e não tinha hora pra sair, era tudo feito com amor. Eu lembro que entrava às dez da manhã e saía meia noite, uma da manhã, já com jornal sendo impresso, saindo da boca da máquina. Isso eu via meu pai chegando em casa de madrugada, durante toda a minha vida e depois passei a fazer isso, porque quando a gente fechava o jornal, que era todo feito na cola, paginado e colado — não tinha computador na época — e depois era feito o fotolito, em seguida a chapa e, finalmente, a impressão.

— A gente pegava na boca da máquina o exemplar, aí olhava se estava tudo direitinho, dobrava e colocava embaixo do braço, aí ia para um bar — sempre tinha um bar perto de todos os jornais. Sempre frequentado por todos os jornalistas e políticos, a gente batia papo, surgiam pautas, estratégias políticas... Muitas coisas foram resolvidas na mesa do bar. Hoje a coisa está totalmente diferente, veio o computador, a internet revolucionando a informação. Antes, a chamada informação instantânea era o rádio, mas não é como hoje. Hoje você está sendo assaltado e já tem um sujeito fotografando, te filmando ao vivo e publicando quase em tempo real, ou mesmo em tempo real, nas redes sociais. Uma publicação em escala global. Eu acho isso até meio esquizofrênico, coisa maluca. Eu digo aos meus filhos que quando eu era jovem tinha uma namorada aqui, deixava ela em casa, ia pra boate, ficava totalmente à vontade, a gente vivia mais, brincava mais. Hoje em dia você não pode fazer nada, privacidade é zero.

Quando os jornais começaram suas versões na internet, eu relutei. Meus filhos, mais modernos, ficavam dizendo que eu teria que colocar, mas eu dizia que isso ia prejudicar os jornais. Antes, eu tinha os jornais *Tribuna da Imprensa*, *O Estado de S. Paulo*, *Folha de São Paulo*, *O Globo* e uns quatro ou cinco jornais locais em cima da minha mesa, diariamente. Hoje eu só tenho os três jornais locais, os outros eu vejo só na internet, de graça. Você paga uma redação, contrata várias pes-

soas e “entrega” esse conteúdo todo ao Google — ele ganha o dinheiro e você, nada. Eu passei muito tempo relutando em publicar o jornal na internet. Eu nunca entendi como ganhar dinheiro com isso: esse desafio continua até hoje. Porque todo mundo se prejudicou com isso, perdeu assinantes e continua a perder e ninguém sabe como ganhar dinheiro. Quem ainda conseguiu foi o *New York Times*, porque afinal é uma marca, se eu fizer isso perco todos os leitores, eu e os demais.

O jornal impresso talvez acabe, um dia. Vai demorar muito tempo e *O Estado* será um dos últimos. Meu medo é que essa revolução ecológica que está acontecendo no mundo — ela é importante e tem que ser feita — pressione mais pelo fim do jornal impresso que a tecnologia da internet. A busca por energias novas, a não agressão ao meio ambiente, o equilíbrio ambiental, são coisas que contribuirão para pressionar pelo fim do jornal impresso.

Acredito que novas tecnologias possam acelerar a perda de leitores em jornais impressos e fazê-los migrar para outros suportes. Pode aparecer, também, alguma tecnologia portátil que permita um jornal em película, dobrável, que simule a versão impressa. Isso pode acontecer, não sei quando, nem como. Eu não tolero ler em computador, gosto de pegar no papel, de sentir o papel e a tinta. Os leitores de jornal estão envelhecendo e morrendo, esses novos já nascem com um dispositivo móvel na mão. Eu me lembro bem que um dia arrumando o meu armário, achei a minha máquina de escrever, uma Olivetti Lettera 82, verde. Eu peguei e comecei a limpar, a minha filha passou e perguntou o que era, eu disse que era a minha máquina de escrever e ela disse que não sabia como funcionava.

— Onde está a tela?

Eu peguei um papel, coloquei e ela deslumbrada com aquilo, achou super legal. Ela estava com 16 anos de idade, nunca tinha visto aquilo. Nossa geração, que viveu o surgimento de tantas tecnologias, não sente tanto o impacto de ver uma máquina de escrever. Mas, eles que nunca viram... Um menino de seis anos pega uma calculadora com visor e a primeira coisa que ele pergunta é porque a imagem não apa-

rece. Então a grande ameaça para o jornal impresso é essa nova geração. Eu acho que todo mundo procura uma forma de fazer a nova geração ler jornal, mas é um grande desafio.

Eu lembro que em uma dessas viagens do Venelouis, quando ele voltou, viu a sala com um fax e alguns computadores. Aí ele dizia que esses meninos quando assumem, enchem tudo de computador para levar tudo à falência, ele olhou o fax e disse:

— Lá vem você com as suas modernidades. O que é isso?

— Isso é um fax, Venér. É um grande avanço para a transmissão de informação, documentos.

— Parece um telefone.

— Vou fazer uma demonstração.

Ele nunca havia visto um fax antes, uma tecnologia que começou a ser produzida em grande escala somente no começo dos anos 1970. Não sabia o que era aquilo e não concordava com aquelas coisas, eu pedi um minuto a ele...

Venelouis era apaixonado pelo Helio Fernandes, a coluna dele vinha de malote, por via aérea. O meu tio no Rio colocava o jornal de manhã, ele chegava à tarde, meu pai ia pegar no aeroporto à noite com o motorista. Trazia para o jornal, recortava e colava na página para ser publicada no dia seguinte, atrasada.

Aí eu liguei para a *Tribuna da Imprensa*, no Rio, para saber se a coluna de amanhã do Helio já estava pronta. Venelouis, ao lado, ouvia tudo. A moça confirmou que sim e disse que iria transmitir. Eu desligo, ela liga direto do Rio, e então a ligação cai direto no fax. Então começou a sair o papel, ele olhando, aí eu tirei e dei a ele a coluna do Helio que seria publicada no dia seguinte, na *Tribuna da Imprensa*. Ele achou espetacular, ficou fascinado. Então é a mesma coisa do jovem hoje, ele nunca viu, nunca usou, quando a pessoa adquire o hábito, começa a ler no papel e a conhecer a tecnologia, tudo é prazeroso.

— Ler é gostoso, tem todo um ritual. Você se acostuma a folhear, a riscar, a dobrar, a ir e vir.

— Ele era um homem corajoso, era destemido e lutava pela liberdade de imprensa. Assim, ele sempre estava no centro de certos embates. E tinha a fama de muito corajoso e por conta disso, de muito brigão. O que, de fato, não era. Na maioria das vezes, ele se metia em muitas brigas por causa dos amigos, e também, por isso, não ficava com mágoas, nem ódio, nem ranço de seus contendores. Ele esquecia tudo tranquilamente. Uma vez cheguei para ele e disse “Meu pai, o senhor já está conversando com esse cara?” e ele disse “Meu filho, já passou. Eu critiquei ele no jornal, ele me criticou também, depois me procurou para fazer as pazes, então passou, está tudo igual, está 1 a 1”.⁴

Mauro Benevides é testemunha ocular e também personagem naquele momento. Elegeu-se senador em 1974. O jornal *O Estado* abria grande espaço para a esquerda. Bem antes disso, Venelouis fazia uma oposição frontal à ditadura militar. Paes de Andrade e o Mauro Benevides eram líderes da oposição e nada mais natural que houvesse uma aproximação de Venelouis aos dois.

— O jornal dava espaços, tinha gente do MDB que não tinha espaço em jornal nenhum aqui. Iranildo Pereira, por exemplo, o único jornal no qual ele saía era no jornal *O Estado*. Então tinha muita gente que não conseguia ser notícia em outros jornais, porque era proibido, e o jornal sempre foi uma casa que dava guarida às mais diversas opiniões.

Também não era incomum Venelouis abrigar matérias não publicadas em outros jornais. Muitas vezes o repórter não conseguia publicar no jornal onde trabalhava e para não perder a matéria e querendo publicidade, procuravam *O Estado*, logicamente pediam segredo, e Venelouis geralmente publicava, dependendo da matéria e se eram boas e de interesse público. Tinha gente que foi proibida de trabalhar por conta da revolução e que aqui encontrou lugar, o caso do Francisco Auto Filho.

Ricardo Palhano relembra um episódio traumático: “Em 1966, meu pai comprou o jornal. Em 1970, eu tinha 14 anos, nessa idade eu estudava em um colégio interno em Garanhuns, em Pernambuco, tanto é que quando meu pai foi sequestrado pela primeira vez, eu estava em Pernambuco, e soube da notícia através do diretor do colégio que chamou a mim e meu irmão e disse que tinha ouvido no noticiário da Rádio Nacional a notícia do sequestro, e tinha entrado em contato com o Ceará para confirmar a informação e, devido ao fato, nós tínhamos que ir ao Ceará.”

26. LAÇOS DE AFETO

O jornal *O Estado* faz parte do imaginário do cearense

Com uma relação umbilical com a sociedade cearense, o jornal *O Estado* já despertou todos os tipos de emoção e, como ente político, navegou entre o amor, a ternura e ódio nos seus históricos momentos de enfrentamentos. Mas é assim que se faz um jornal, com emoção e sangue que saem dos entes sujeitos para as páginas em papel jornal.

É fato histórico que *O Estado* nunca se furtou em opinar nos grandes embates locais e nacionais. E nas suas páginas abrigou gerações de gráficos, de jornalistas, de colaboradores de todos os credos, de todos os gêneros, de todas as bandeiras, de todas as ideologias, mas manteve seu prumo na defesa da democracia, do estado de direito, das liberdades civis e do Estado mínimo.

“Você jamais será livre sem uma imprensa livre” disse Venelouis e, mais que uma frase, trata-se de um credo como o que inspirou gerações, tidas como as últimas palavras de Giovanni Battista Líbero Badaró, ferido de morte: “Morre um Liberal, mas não morre a Liberdade”. Venelouis também estava ferido, em sua alma, quando morreu.

Em 2016 o jornal completa 80 anos, uma travessia que certamente José Martins Rodrigues não imaginava fazer. Ao longo desse percurso

teve muitas vidas e muitas fases. Mas sempre respaldou a bandeira da liberdade, dos direitos civis e da democracia.

“É com grande orgulho que olhamos para trás e relembramos a história que contamos e que vivemos com coragem e ousadia” se orgulha Solange Palhano, diretora institucional do jornal. “O jornal *O Estado* se firmou no jornalismo por causa da seriedade com que trata os leitores. É uma empresa familiar, que tem os pés no chão e o objetivo de oferecer um produto cada vez melhor para os leitores”.¹

“Vi muitos estudantes transformando-se em profissionais nos corredores movimentados do jornal”, lembra José Ribamar de Paula, há 36 anos no jornal. Ele cuida das contas a pagar e é homem de confiança da empresa desde os tempos de Venelouis. Sereno e de uma memória soberba para os números, só uma coisa tira Ribamar do prumo, quando seu time do coração, o Ceará— “vôzão”, não se dá bem com a pelota.

Ribamar celebra o jornal como inegável escola de jornalismo e como parte de sua vida. “Todos nós ficamos felizes com o amadurecimento profissional de jornalistas que passaram pela casa. O jornal é a minha segunda casa. Fico honrado com a confiança que depositam no meu trabalho. O sentimento que tenho por meus companheiros e patrões é de que todos são parte da minha família”.²

Outro funcionário longevo do jornal *O Estado* é José Nilton da Silva Júnior — o Júnior Grandão, que atua na empresa desde 10 de janeiro de 1994, há 22 anos, na sede da rua Eduardo Salgado onde o editor era Juracy Mendonça.

O depoimento de Júnior é revelador do espírito despojado de Venelouis Xavier Pereira:

Venelouis era um homem guerreiro, tudo que eu sei e aprendi como designer gráfico devo a ele. Entrei no jornal como revisor, fiquei um ano e oito meses e sempre ia na sala dos designers para ficar conversando. Um dia ele me viu sentado defronte ao computador e mandou eu sair que não era meu setor. Dias passaram, um designer

foi demitido e Venelouis me chamou na sala e perguntou: — Naquele dia vi você no computador, você sabe operar um daqueles? Na hora eu disse que sim. Na verdade, não sabia de nada, aprendi tudo fazendo. Desde aquele dia estou como designer do jornal.³

Trabalhando há 24 anos no jornal, Manoel Claudino Neto acompanhou a modernização das máquinas. Fala com nostalgia do tempo passado, mas relata com satisfação os avanços que a tecnologia trouxe para o setor de impressão. “No começo, a impressão era um caderno de oito páginas, preto e branco. Hoje, em média, o caderno tem 20 páginas, intercalando preto e branco e colorido. Evoluímos muito no tocante à tecnologia”, explica. No entanto, para ele, a principal característica d’*O Estado* é a proximidade entre colaboradores e diretoria. “Me sinto em casa. As relações de amizades que construí aqui são valiosas”, declara o operoso Manoel.⁴

— Seu Haroldo!

O nome é chamado constantemente pelos corredores da redação. Francisco Haroldo Pereira da Silva trabalha como motorista do jornal há quase três anos. Segundo ele, o trabalho traz aprendizado, além de novos amigos. “Tenho uma super parceria com todos os jornalistas e os outros funcionários. Levar esses meninos para a pauta é mais do que dirigir o carro. É aprender, todo dia, um pouco mais sobre a cidade”, afirma.

O editor-geral Carlos Alberto Alencar pontua que “o jornal *O Estado* compõe com mérito e orgulho o quadro de veículos de comunicação que formam a imprensa cearense, uma das mais sólidas e avançadas fora do eixo Rio-São Paulo.”

Ele continua, ao lembrar que “acompanhamos, sem nenhuma distinção, a cobertura diária que a nossa imprensa faz dos fatos locais, regionais, nacionais e internacionais, em todas as áreas de interesse da sociedade cearense.”⁵

Como várias gerações de profissionais de comunicação que iniciam suas carreiras no jornal *O Estado*, Carlos Alberto Alencar é um desses.

Em 1974, ainda estudante de Jornalismo, ele estagiou no jornal, depois correu o Brasil afora, construiu carreira e voltou para casa. *O Estado* é um laboratório vivo para a formação de jornalistas. “Eu mesmo, durante os quase cinco anos como editor-geral do jornal, tive a satisfação de acompanhar e participar do aperfeiçoamento profissional de muitos jovens repórteres. Alguns ainda estão conosco, vários foram convidados para trabalhar em outros veículos, e nós continuamos de portas abertas para receber jovens vocacionados para o jornalismo.”⁶

A jornalista Tarcília Rego, editora do caderno semanal *O Estado Verde*, se indaga: “Quanto tempo de vida! Mas o que faz um jornal viver tanto, especialmente em um País aonde a leitura não é um dos grandes prazeres?

E ela mesmo se decifra: “Tenho *ene* respostas: dedicação, profissionalismo, qualidade, imparcialidade e transparência. Todas as respostas estão corretas, mas não posso deixar de acrescentar o essencial... a paixão.

E conclui: “Uma vez, escutei nosso superintendente, Ricardo Palhano, afirmar que a paixão é o algo mais para quem faz jornalismo, sem ela, ele [o jornalismo] não sobreviveria. Não tenho como duvidar dele, veja o exemplo de Assis Chateaubriand, a paixão o levou aos Diários Associados.”⁷

O jornal tem investido em tecnologia e ampliado sua presença nas mídias digitais. O portal *O Estado Online* tem presença ativa nas redes sociais e canais no YouTube. Em 2014, implantou *TV O Estado* que publica via internet reportagens e entrevistas em vídeo, potencializando a interatividade com os leitores e ampliando o conteúdo da versão impressa. Seções voltadas unicamente para o mundo digital, notícias rápidas e precisas sobre esportes, economia, polícia, política, moda, cultura e cotidiano são também publicadas em vídeo. Para isso, *O Estado* tem uma equipe totalmente voltada somente para a internet, acompanhando as tendências de convergência de conteúdo em várias plataformas.

No dia 21 de março de 2003, o jornal *O Estado* implantou novo

projeto gráfico, orientado por uma tendência mundial de restaurar a natureza do jornal, isto é, seus elementos tradicionais com uma tipografia mais conservadora e a radical verticalização das colunas, eliminando fios e potencializando espaços negativos — brancos, agregando leveza e modernidade. Segundo o autor do projeto, o jornalista e professor do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará, Luís Sérgio Santos “foi desenvolvida uma minuciosa pesquisa que culminou com o desenho que é apresentado hoje. Suas principais características são uma tipografia que alia desenho clássico com moderno, uso largo dos espaços brancos, dos tons de cinza e de uma paleta de cores discreta, enfatizando tonalidades suaves.”⁸

No dia 10 fevereiro de 2015, novo projeto gráfico é implantado no jornal, sendo que a mudança mais estrutural e inovadora foi o logotipo que restaura as formas geométricas do primeiro logotipo, de 1936. Já naquele ano a influência da nova tipografia geométrica de Paul Renner, o criador do tipo Futura, era inegável.

O conceito do redesenho de 2015 foi o de cristalizar a ideia de “jornal compacto com o maior volume de informações”. A reengenharia na gestão do espaço da página aumenta a quantidade de informação por centímetro sem comprometer a legibilidade do desenho, a fluidez da leitura. As colunas foram deliberadamente verticalizadas e o espaço entre as linhas dos blocos de texto foi padronizado e, deliberadamente arejado.

O jornal abriu chamada de primeira página para anunciar a mudança, reforçada em editorial.

Em página interna, um extenso texto explicava as linhas básicas das mudanças:

“O novo desenho do jornal privilegia o formato vertical. Investimos muito nisso, numa colunagem com arejamentos e tipografia mais condensada para os títulos, potencializando o desenho vertical. Nós elegemos uma tipografia muito boa para a leitura e uma entrelinha eficiente. Fizemos o teste de legibilidade, e o resultado

foi excelente. O desenho homenageia o jornalismo impresso, resgatando algumas linhas tradicionais, como colunagem vertical e o uso do branco, principalmente, para facilitar a vida do leitor”, explica Luís-Sergio Santos.⁹

O redesenho teve várias provas impressas — para ajustes de pre-impresão e de impressão — e também foram submetidas a *focus groups* a partir dos quais aconteceram ajustes.

No texto de apresentação o repórter destaca, tendo como fonte o autor do projeto de redesenho, que "o ponto de partida para a reconfiguração do projeto foi a criação de uma nova logomarca".

O logotipo orienta a repaginação do jornal. “A logomarca foi consolidada após inúmeras discussões. A cor azul, tradicional do *O Estado*, está representada na ocupação dos espaços internos. A logomarca é marcada, ainda, por valores como integração, heterodoxia, universalidade e pluralismo. Essa convergência se espalha por todo o desenho.¹⁰

E continua:

A preocupação com a fluidez do texto, a legibilidade e a otimização do espaço levou o jornalista a trabalhar com o conceito de ocupação dos espaços negativos. Conforme Luís-Sérgio, o recurso dá um enorme ganho de produtividade, ou seja, no mesmo espaço físico mais informações são tratadas.¹¹

Como em situações anteriores, mais uma vez a decisão de fazer o redesenho do jornal veio do superintendente Ricardo Palhano, com o apoio da diretoria e da presidência. Ele afirma que "as mudanças de todos os projetos gráficos são baseadas na receptividade do leitor". E revela que, inicialmente, a nova proposta surpreendeu, principalmente, quem estava acostumado ao antigo modelo.¹²

Ricardo Palhano lembra:

— Foi uma mudança arrojada. Até aqui, todos que participaram

das discussões do projeto aprovaram. Espero que o leitor também aprecie, pois o jornal ficou mais leve e moderno.¹³

Na edição inaugural, os editores setoriais do jornal comentaram as mudanças:

O novo projeto gráfico do jornal *O Estado*, com aumento das áreas brancas, deixou a leitura mais leve e a verticalização possibilitará um visual muito agradável para os nossos leitores

MARCELO CABRAL, editor de Economia

Clean, porém, mais moderno, mais bonito, e sustentável. Afinal, um projeto tão arrojado que pode perdurar por longo tempo

TARCÍLIA REGO, editora do caderno semanal *O Estado Verde*

O jornal *O Estado* tem como uma de suas peculiaridades a inovação. Este novo projeto é mais uma etapa neste sentido. Estamos reiniciando um jornal moderno, elegante, bonito e de fácil leitura

CARLOS ALBERTO ALENCAR, editor geral

Para quem gosta de política, o novo design é um prato cheio. Mais informação em um espaço enxuto. Simples, bonito e direto ao ponto.

KÉZYA DINIZ, editora de Política.

Diagramação leve, com um layout moderno e atraente que desperta o interesse do leitor. Sempre na vanguarda, o jornal *O Estado* apresenta um projeto gráfico inovador e dinâmico.

RICARDO DREHER, diretor de Operações

O jornal *O Estado* se reinventa para poder continuar transmitindo uma mensagem de credibilidade e de bom jornalismo.

RODOLFO OLIVEIRA, editor de Municípios.

Um fato triste da edição de estreia do redesenho foi a notícia, em

primeira página, da morte do jornalista Edmundo de Castro — falecido no dia anterior —, que teve fase áurea como repórter no jornal O Estado e era amigo inseparável de Odalves Lima e de Gervásio de Paula, entre outros.

Na oportunidade de aniversário dos 80 anos do jornal, um dos seus mais regulares articulistas, o escritor e empresário João Soares Neto, que assina artigo semanal às sextas-feiras, destaca que O Estado traz em suas páginas o essencial do que acontece no Ceará, no Brasil e no Mundo. Membro da Academia Cearense de Letras e compulsivo homem de letras, escreve João:

Os 80 anos, amanhã completados, devem ser motivo de alegria para os que cultuam a democracia, a informação e a liberdade, objetivos maiores deste compacto periódico a cada dia. [...] Há que se destacar a argúcia de seus articulistas explorando os eixos sobre os quais passeiam as grandezas, as sutilezas e as vilezas humanas, sem sensacionalismo e com ponderabilidade. A ascensão de Ricardo Palhano à direção do jornal, acolitado pela família, aconteceu desde a morte de Venelouis Xavier Pereira, em 1996.¹⁴

João Soares Neto conta que, em sua busca por alguém com densidade jornalística e conhecimento das entranhas do Jornal para falar sobre “O Estado” encontrou Macário Batista, “esse jornalista globe-trotter a temperar os seus textos diários com a argúcia de veterano, a leveza do humor, e a determinação de “foca” que sai atrás daquilo que, algumas vezes, sequer sabe definir ou mensurar”.

O Macário citado literalmente por João, disse o seguinte: “Os sonhos nunca duraram tanto. Lá atrás, no tempo, quando os intelectuais-políticos, gente que sabia ler e escrever, criou O Estado, sonhavam com uma imprensa livre, com um lugar pra disseminar ideias, um canto pra repousar o ideário libertário do Ceará. 80 anos do Jornal O Estado, no meu juízo, passando por todos os instantes porque pas-

sam instituições feitas de sonhos e desejos é uma realidade madura, generosa, verdadeira, una no seu todo. Estou lá, faz coisa de 25 anos. Humildemente incluo meu nome nesses 80, crente na seriedade dos propósitos dos que deram sequência ao trabalho do saudoso Venelouis Xavier Pereira. O jornal ganhou o rosto da juventude, o gestual meigo da presidente Wanda Palhano e a coragem nunca perdida de seguir a verdade e a legitimidade das instituições democráticas”.¹⁵

Em seus 80 anos, o jornal é movido pela energia de um conjunto de profissionais que fundem, em seu cotidiano, modernidade e tradição, somando juventude com a força da experiência.

No editorial comemorativo aos 80 anos de fundação, publicado na primeira página da edição de sexta-feira, 23 de setembro de 2016 — nesta fase o jornal circula somente de segunda a sexta-feira a exemplo do *USA Today* e do *The Wall Street Journal* e, no Brasil, do *Valor Econômico* e da extinta *Gazeta Mercantil* — o jornal faz uma breve retrospectiva de sua travessia histórica, a partir de 1936.

A integra:

80 anos e todas as emoções

Amanhã, dia 24 de setembro de 2016, comemoramos 80 anos de fundação e de circulação. Na tarde da quinta-feira, em 1936, o jornal *O Estado* recebeu em sua sede, na rua São Paulo, autoridades do governo, da Igreja, intelectuais, comerciantes, leitores para uma solenidade simples com discurso de José Martins Rodrigues. Os anfitriões, além deste, eram Edgard de Arruda, Plácido Castelo, Alfeu Aboim, Júlio Rodrigues e o jovem Raul Barbosa. O jornal era lançado em alentada edição.

A partir de então, iniciou uma travessia cheia de lutas, vitórias, reveses, alegrias, tensões e muitas outras emoções. Fazendo um balanço, só temos a comemorar. Somos parte viva da história do Ceará. Narramos, com detalhes minuciosos, com a emoção de

quem é testemunha ocular, toda a história do Ceará a partir dos anos 1930. E, mais que narrador, o jornal *O Estado* é sujeito dessa história. Por sua redação passaram muitas dúzias de cearenses ilustres, muitos dos quais lembrados hoje somente como placas de rua. Jovens que se iniciaram na vida profissional a partir da atividade em nossas redação e oficinas. Pelo menos quatro deles viraram governador do Ceará, Plácido Castelo, Raul Barbosa, Parsifal Barroso e Cid Ferreira Gomes. Raul Barbosa começou como nosso redator e continuou colaborando mesmo quando ganhou seu primeiro mandato de deputado. Eleito governador do Ceará, viu nascer o Banco do Nordeste de onde, mais tarde, viria a ser presidente, em dois mandatos.

Outra mente brilhante, Walter de Sá Cavalcante, foi diretor e articulista diário do jornal, durante muitos anos, atividade que acumulou com seus mandatos de deputado estadual e, depois, federal. Alfeu Aboim, Jean-Pierre Chabloz, Rubens de Azevedo, fizeram a primeira impressão em tricromia na história da imprensa cearense para comemorar o aniversário de oito anos do jornal, em 1944. Os irmãos Martins, Fran e Cláudio, protagonizaram um período rico na forma e no conteúdo, principalmente aos domingos, com o caderno *Literatura e Arte*. Dentre os tantos editores, citamos Odalves Lima, Themístocles de Castro e Silva, Durval Aires, Teobaldo Landim, Adísia Sá.

Esses nomes, são uma modesta amostra. Citando-os queremos homenagear a todos os profissionais, jornalistas, gráficos, colaboradores e diretores que trouxeram o jornal até nossos dias. Essa fase atual foi iniciada em meados dos anos 1960 pelo destemido Venelouis Xavier Pereira. Com a morte abrupta de Venelouis, a 15 de setembro 1996, a jornalista Wanda Palhano assume a presidência do jornal, cargo que ocupa até nossos dias. É uma história de tirar o fôlego que contaremos no caderno especial dos 80 anos, a circular no próximo dia 19 de outubro e também em livro que recupera, pela primeira vez, a saga do jornal *O Estado*, preenchendo uma lacuna na historiografia cearense.

Até o final deste 2016, portanto, todo dia continua sendo motivo para comemorarmos nossos 80 anos.¹⁶

Somente no dia 27 do mês seguinte é que circulou a edição histórica comemorativa dos 80 anos de fundação e de circulação do jornal, resgatando a memória dos fundadores de 1936 e a fase atual, iniciada em 1996, com Venelouis Xavier Pereira.

Muitos depoimentos enfatizaram o caráter essencial do jornal como narrador cotidiano dos fatos e, nesse sentido, fonte relevante para a história principalmente de sua localidade.

O maior bibliófilo brasileiro, José Augusto Bezerra¹⁷, presidente da Academia Cearense de Letras, assinalou naquela edição:

Nem o que a natureza criou, nem a sabedoria que os homens criaram têm substitutos. Nesse contexto entram os jornais, bem como *O Estado*, sendo ele um jornal que depois de 80 anos ainda se mostra muito pujante, contando com bons articulistas, uma boa editoração, bons profissionais e publicações variadas, incluindo artigos de outros estados.

Dessa maneira, quero deixar essa homenagem, porque também fui amigo do Venelouis Xavier Pereira. Morei em uma cobertura, ao lado da dele, durante anos, localizada na Avenida Aquidaban — hoje Avenida Historiador Raimundo Girão —, 17º andar, o antigo prédio mais alto de Fortaleza. Ele foi sempre aquela pessoa entusiasta, cheia de ideias, com uma personalidade inquebrantável. Sua família, Wanda Palhano e seus filhos, seguiram da melhor maneira o seu legado no comando desse importante periódico.

O jornal *O Estado* é hoje um respeitado veículo de imprensa, influente. Por ele temos muito carinho. Ele está nos mais variados locais, nos escritórios, nas empresas. Enfim, é um veículo que atinge todas as camadas. Espero fortemente que mantenha-se dessa forma, procurando prosseguir com uma linha de independência que o Brasil precisa hoje mais do que nunca. Necessitamos de po-

sições assim, tanto de pessoas, como de veículos, que tenham amor pela nossa pátria e pelos nossos descendentes.

Isso me faz deixar em meu nome, da Academia Cearense de Letras e da Associação Brasileira de Bibliófilos, das quais eu sou presidente, e por extensão, da nossa comunidade cultural, o nosso pleito de reverência a todos aqueles que vieram e vêm fazendo essa trajetória de vida, de altos e de baixos, mas de bela história.¹⁸

O ex-senador Mauro Benevides, jornalista e articulista do jornal, assinala que “Venelouis sempre assumia a posição em defesa da liberdade de opinião, fazendo do jornal *O Estado* um veículo independente. [...] Sempre tive amizade com ele, a posição que ele assumia, sempre em defesa da liberdade de opinião, fazendo um jornal independente, e eu não poderia deixar de realçar o papel que ele exerceu, tantos anos depois, para manter viva a ideia do José Martins Rodrigues e ter um jornal que é um intérprete correto do pensamento predominante no seio da opinião pública brasileira.”¹⁹

Sobrinho de Walter de Sá Cavalcante — um dos donos do jornal *O Estado* que propiciou, em sua fase, momentos de grande embate político através de artigos, editoriais e reportagens —, o engenheiro e educador Oto Brasil de Sá Cavalcante é um vibrante divulgador da memória do tio. Na edição dos 80 anos lá estava Oto discorrendo de modo vibrante da fleuma do irmão do seu pai. Dizia ele:

Walter de Sá Cavalcante era um exímio orador e já se destacava na tribuna da Câmara dos Deputados, no Rio de Janeiro. Ele criticava o governo do Faustino de Albuquerque, mas quando acabava chamava para tomar cerveja. Ele não misturava a vida política com a vida pessoal. Ele era um conciliador. Tio Walter era um político e bem dotado orador. Meu avô era político por excelência, já a minha avó era uma fortaleza morena. O meu tio juntou a força da vovó, com o charme e a picardia do vovô. Ele é essa mistura.²⁰
Sônia Pinheiro aparece na mesma edição dos 80 anos em depoi-

mento afetivo e emocional, sob o título “Minha escola (apaixonante) de Jornalismo”. Relembra Sonia: “Aquela, sim, foi a minha verdadeira escola de Jornalismo e da qual guardo saudades. Trabalhar no *O Estado* era também nos sentirmos compondo uma família.”²¹

Dias depois, Sonia complementaria seu depoimento em sua apreciada coluna diária no jornal *O Povo*:

Um algo mais que deixei de dizer sobre Venelouis Xavier Pereira, em depoimento a *O Estado*, na edição da última quinta, 27, celebrando os 80 anos do pequeno-grande jornal: Era um idealista, um *lover* da democracia, um romântico.²²

Essa é a história de um ser vivo, um jornal — o jornal *O Estado*, do Ceará. Uma história contada tendo o próprio jornal como principal fonte de informação. São dezenas de articulistas e colunistas como Luís Carlos Martins, Sávio Bittencourt, Jorge Henrique Cartaxo, Rossana Brasil Kopf, padre Brendan Coleman McDonald, Demétrio Andrade, Genésio Araújo Filho, João Soares Neto, Matusahila Santiago Inocência Nóbrega, José Maria Philomeno, Sílvio Carlos, Antônio Viana, Marcos Saraiva, Emmanuel Brandão, Antônio Caminha, Grecianny Cordeiro, Irapuan Diniz de Aguiar, Hélder Cordeiro, Rubens Frota, Fernando Maia, Macário Batista, Carlos Chagas, Cláudio Humberto, Flávio Torres, Kelton Vasconcelos, o chargista José Gomes e muitos tantos outros. Portanto, repórteres, redatores, analistas, qualquer vivente que escreva e publique em um jornal, tenham sempre em mente que o banal de hoje, mesmo quando impresso num canto obscuro do jornal, em tipografia de tamanho minúsculo, pode ganhar uma relevância desmedida quando projetado no tempo futuro.

O jornal é a fonte primária da história. Cada edição equivale a um telegrama. Quando decifrados, temos a narrativa de um tempo.

Vida longa ao jornal *O Estado*.

Vida longa aos jornais impressos.

FONTES DE PESQUISA

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Marcelo de Paiva. *O Brasil e a economia mundial, 1930-1945*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- ABRAMO, Cláudio. *A regra do Jogo — o jornalismo e a ética do marceneiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. 4ª reimpressão.
- AIRES, Durval. *Bilhete para Adísia Sá*. Jornal *O Estado*. Fortaleza, quinta-feira, 04 de setembro de 1958.
- ALBUQUERQUE, Claudia. *Waldemar do Ceará e dos Alcântaras*. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2012. ISBN 978-85-7563-949-8.
- ALMADA, Zenilo. *Hélio Caracas e o episódio Antônio Drummond*. Diário do Nordeste. Fortaleza, 03 de janeiro de 2009.
- ALMEIDA, Nilton Melo. *Rebeldes pelos caminhos de ferro: os ferroviários na cartografia de Fortaleza*. Fortaleza: Secult, 2012. ISBN 978-85-8120-003-3.
- AMORIM, Edgard Carlos de. *Cubanização*. Jornal *O Estado*. Fortaleza, quarta-feira, 24 de setembro de 2014, página 2.
- AMORIM, Luíza Helena. *Adísia Sá: uma biografia*. Fortaleza: Omni Editora, 2005. ISBN 85-88661-17-9.
- ANAIIS do Senado, mês de abril de 1973, 17ª. a 32ª. Sessões. Secretaria dos anais, Brasília, Brasil, 1974.
- ANDRADE, Paes de. *O itinerário da paz*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- ANDRADE, Paes de. *Itinerário político de Martins Rodrigues*. In: *Discursos parlamentares/Martins Rodrigues*; seleção e introdução do deputado Paes de Andrade; apresentação do deputado Ulysses Guimarães. Edição fac-similada. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012. 1 v. — (Série perfis parlamentares; n. 64)

- ISBN 978-85-736-5959-7. Primeira edição 1988: Câmara dos Deputados — Centro de Documentação e Informação, Coordenação de Publicações, Brasília, 1988.
- ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO BRASIL, 1937.
- ARAGÃO, Elizabeth Fiúza (coordenação). *O Fiar e o Tecer: 120 Anos da Indústria Têxtil no Ceará*. Fortaleza: Sinditêxtil — FIEC, 2002.
- ARARIPE, J.C. Alencar. *Lembranças de um homem sisudo*. Revista do Instituto do Ceará, 1998.
- ARARIPE, J. C. Alencar. *Pioneirismo do Ceará na imprensa*. Revista do Instituto do Ceará, 1983.
- ARAÚJO, Osvaldo Euclides. *Breve e incompleta notícia sobre um jornal*. Fortaleza : Omni Editora, 2008. 176 páginas
- ARAÚJO, Osvaldo. *Imprensa do Passado*. Revista do Instituto do Ceará. Fortaleza, 1969.
- AMORIM, Luíza Helena. Adísia Sá: uma biografia. Fortaleza: Omni, 2005.
- ANAIS DO SENADO, mês de abril de 1973, 17^a. a 32^a. Sessões. Secretaria dos anais, Brasília, Brasil, 1974.
- AZEVEDO, Sânzio de. *Lembrando O “Tio Sales”*. In: VASCONCELLOS, Eliane (Org.). *Inventário do Arquivo Antônio Sales*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2007. páginas 13-26. 140 p. ISBN 978-85-7004-279-8.
- BARBOSA, Raul. *Fortaleza, cidade sem vida noturna*. Jornal *O Estado*. Fortaleza, 16 de janeiro de 1951. página 3.
- BARROSO, José Parsifal. *Uma história da política do Ceará: 1889-1954*. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1984
- BARROSO, Olga Monte. *Quem são elas*. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1992
- BATISTA, Macário. *Inveja branca (se é que tem preta)*. Jornal *O Estado*. Fortaleza, segunda-feira, 28 de dezembro de 2015. Página 4.
- BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica*. In: ADORNO et al. *Teoria da Cultura de massa*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 221-254.
- BONAVIDES, Paulo. *A evolução constitucional do Brasil*. In: Conferência feita pelo autor na Academia Piauiense de Letras em 27 de julho de 2000. Revista *Estudos Avançados*, vol.14 n° 40 São Paulo, Setembro-Dezembro 2000.
- BONAVIDES, Paulo. *Ciência Política*. São Paulo: Malheiros Editores, 2000. ISBN 85-7420-023-9.
- BRASILEIRO, Núbia. *Por trás de um nome*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1984. 456 páginas.
- CASTRO, Godofredo de. *Joazeiro na Assembleia Legislativa do Ceará*. Fortaleza: Typographia S. José, 1925. Disponível em: <<http://ufdc.ufl.edu/AA00000293/00001>>
- CAVALCANTE, Walter de Sá. *Méritos de uma obra*. Jornal *O Estado*. Fortaleza, domingo, 2 de setembro de 1945.
- CHABLOZ, Jean-Pierre. *Francisco Silva ou a Ingenuidade Perdida*. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, sábado, 23 de agosto de 1969.
- COUTINHO, Benedito. *Como a oposição dialogará com o governo*. Revista *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 03 de agosto de 1968. Editoria de Política.

- COUTINHO, Benedito. *IMDB quer reformar a favor da democracia*. Revista *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 29 de julho de 1967. Editoria de Política.
- CASTELLO BRANCO, Carlos. *Trajatória de Martins Rodrigues*. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 26 de junho de 1976. Coluna do Castello. Página 2.
- DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS — Adotada e proclamada pela resolução 217 A (III) da Assembleia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948.
- ELEIÇÕES 1950: 03 DE OUTUBRO DE 1950 — RESULTADO. Tribunal Regional Eleitoral do Ceará. Fortaleza, 2003. 110 páginas.
- GIRÃO, Blanchard. *Patriolino Ribeiro: Um desbravador de caminhos*. Fortaleza: ABC Editora, 2003
- GIRÃO, Raimundo. *O Jornalismo Político Cearense na República*. *Jornal O Estado*. Fortaleza, 24 de setembro de 1957.
- GOMES, Ian. *Gente de imprensa*. Fortaleza: Editora Gráfica LCR, 1996.
- HISTÓRIA E MEMÓRIA DO JORNALISMO CEARENSE. Fortaleza: Núcleo de Documentação Cultural — NUDOC/UFC, Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado do Ceará, Secretaria de Cultura — Secult, 2004. ISBN 85-7282-104-X,
- LEAL, Angela Barros. *Fran Martins: O escritor e o Mundo*. Fortaleza: Terra da Luz Editorial, 2014.
- LEAL, Angela Barros. *Associação Cearense de Imprensa: 85 anos na pauta do Ceará*. Fortaleza: ACI, 2011. ISBN 978-85-7563-818-7
- LEITE, Pedro Sisnando. *Raul Barbosa no Banco do Nordeste*. 2. ed. Fortaleza: Gráfica LCR, 2012. ISBN 978-85-7915-124-8
- MACEDO, Dário. *Eudes Pinheiro: cínico e canalha*. *Jornal O Estado*. Fortaleza, 30 maio de 1961. Coluna *Passarela*.
- MACEDO, Dário. *Política, nem sempre*. Brasília: Comitê de Imprensa do Senado Federal, 1983. 288pp
- MAIA FILHO, Napoleão Nunes. *Martins Rodrigues e o silêncio jurídico*. *Jornal Diário do Nordeste*. Fortaleza, 20 de julho de 2013.
- MACEDO, Dário. *Jango, meu presidente!* *Jornal O Estado*. Fortaleza, sábado, 02 de setembro de 1961. Abertura da Coluna *Passarela*. página 5.
- MARCHI, Carlos. *Todo aquele imenso mar de liberdade: A dura vida do jornalista Carlos Castello Branco*. Rio de Janeiro: Record, 2015. ISBN 978-85-01-10307-9.
- MARTIN, Isabela. *Os empresários no poder*. Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 1993.
- MARTINS, Fran. *Trompa*. *Jornal O Estado*. Fortaleza, 15 de dezembro de 1955.
- MARTINS, Carlyle. *Um quarto de século*. *Jornal O Estado*. Fortaleza, domingo, 24 de setembro de 1961.
- MOTA, Aroldo. *História Política do Ceará: 1930-1945*. 2a. edição. Fortaleza: ABC Editora, 2000.
- MOTA, Aroldo. *História Política do Ceará: 1950-1954*. Governo Raul Barbosa. Fortaleza: ABC Editora, 1997.
- NETO, Frota. *Quase... Proto-história de um jornalista — Retratos de uma época*. Forta-

- leza: ABC Editora, 2000.
- NERY, Sebastião. *Folclore político: 1950 histórias*. São Paulo: Geração Editorial, 2002.
- NETO, Pedro Gomes de Matos. Coluna *Diário Político*. Jornal *O Estado*. Fortaleza, quinta-feira, 14 de março de 1996. Página 2.
- NOBRE, Geraldo. *História da Associação Cearense de Imprensa 1925-1975*. Fortaleza: Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, 1976.
- NOBRE, Geraldo. *Introdução à História do Jornalismo Cearense*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2006.
- PALHANO, Wanda. *Espelho: Crônicas & Poesias*. Coordenação: Solange Palhano. Fortaleza: RDS Editora, 2013.
- PERES, Ana Cláudia. *O amor entre o eterno e o efêmero*. Jornal *O Povo*. Fortaleza, 27 ago. 1994. página 7-B
- PARENTE, Francisco Josênio Camelo. *A fé e a razão na política: conservadorismo e modernidade das elites cearenses*. Fortaleza: Edições UFC / Edições UVA, 2000.
- PONTE, Sebastião Rogério (coordenador). *História e memória do jornalismo cearense*. Fortaleza: Núcleo de Documentação Cultural — NUDOC/UFC, Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado do Ceará, Secretaria de Cultura — Secult, 2004. ISBN 85-7282-104-X
- QUEIROZ, Rachel de. *Carta ao prefeito de Fortaleza*. Revista *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 07 de outubro de 1967. Seção Última Página.
- QUEIROZ, Rachel. *Demócrito*. Revista *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 31 de agosto de 1963. Seção Última Página.
- RODRIGUES, José Martins. *Discursos parlamentares/Martins Rodrigues*; seleção e introdução do deputado Paes de Andrade; apresentação do deputado Ulysses Guimarães. Edição fac-similada. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012. 1 v. – (Série perfis parlamentares; n. 64) ISBN 978-85-736-5959-7. Primeira edição 1988: Câmara dos Deputados — Centro de Documentação e Informação, Coordenação de Publicações, Brasília, 1988.
- RODRIGUES, José Martins. *Elementos Geradores do Vínculo Obrigacional e Efeitos Jurídicos do Silêncio*. São Paulo: Editora Malheiros, 2012). ISBN 9788539201327.
- SALES, Antônio. *O babaquara: subsídios para a história da oligarquia do Ceará*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1912 [Sob o pseudônimo de Martim Soares e sem indicação da editora].
- SARAIVA, J. Ciro. *Antes dos Coronéis: Episódios inéditos de “No tempo dos coronéis”*. Fortaleza: ABC Editora, 2012.
- SARAIVA, J. Ciro. *Depois dos coronéis; os governos das mudanças 1987-2014*. Fortaleza: RDS Editora, 2014. ISBN 978-85-7997-086-3
- SARAIVA, J. Ciro. *José Martins Rodrigues*. Jornal *O Estado*. Fortaleza, 29 de março de 2013. Opinião, página 2. Disponível em: <<http://www.oestadoce.com.br/noticia/jose-martins-rodrigues>>. Acessado em 30 de setembro de 2016.
- SENRA, Nelson de Castro. *Uma Breve história das estatísticas brasileiras (1822-2002)*. Rio de Janeiro: IBGE, Centro de Documentação e Disseminação de Informações, 2009. ISBN 972-85-240-4069-6.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

STUDART, Barão de. *Para a História do Jornalismo Cearense*. Fortaleza: Typographia Moderna, 1824-1924. Publicado em 1924 pela Typographia Moderna .

VIANA FILHO, Luis. *O Governo Castelo Branco*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora S.A., 1975.

WAINER, Samuel. *Minha razão de viver — Memórias de um repórter*. 5. ed. Coordenação Editorial: Augusto Nunes. Rio de Janeiro: Record, 1988.

ENTREVISTAS

Adísia Sá, na quinta-feira pela manhã, dia 18 de junho de 2015, em Fortaleza.

Albânia Uchoa de Aguiar, em Fortaleza, 22 de janeiro de 2016.

Antônio Valderi Martins, em Fortaleza, 28 de janeiro de 2016.

Augusto Cesar Benevides, realizada em Fortaleza, no dia 29 de julho de 2015

Eliomar de Lima, via e-mail, em 22 de junho de 2016.

Fátima Bandeira, em 22 de maio de 2016, via Facebook.

Fátima Estela Pita Pereira, sobrinha de Venelouis Xavier Pereira, em Fortaleza, no dia 27 de janeiro de 2016.

Flávio Torres, realizada no dia 04 de setembro de 2015.

Fernando Maia, em 19 de novembro de 2015, primeira de uma série de duas entrevistas

Fernando Maia, em 26 de novembro de 2015, segunda de uma série de duas entrevistas.

Franzé Moraes realizada em Fortaleza, no dia 02 de julho de 2015.

Frota Neto, concedida na terça-feira, 26 de abril de 2016, via e-mail. Da Checoslováquia.

Fernando César Mesquita, em conversa via Facebook, em 18 de agosto 2016 às 22h31min.

Fernando César Mesquita na quarta-feira, dia 31 de agosto de 2016, às 23h36min13, via internet

Flávio Torres, gravada em vídeo, no dia 04 de setembro de 2015, em Fortaleza.

Francisco Auto Filho, realizada em Fortaleza na sexta-feira, 31 de julho de 2015.

Francisco Inácio de Almeida a 23 de dezembro de 2015, em Fortaleza.

Fran Erle, no dia 5 de agosto de 2015, em Fortaleza.

Gervásio de Paula, domingo, 29 de novembro de 2015, às 17h14min, via Facebook.

Gilmar de Carvalho, em 18 de agosto de 2015, gravada Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

Iranildo Pereira, em 24 de junho de 2015.

Helio Fernandes, na quarta-feira, 30 de março de 2016, no Rio de Janeiro (RJ). Excepcionalmente esta entrevista foi concedida a Solange Palhano.

Hélder Cordeiro concedeu duas entrevistas. A primeira entrevista foi no dia 02 de junho de 2015. A segunda entrevista no dia 09 de junho de 2015

José Augusto Lopes via Facebook, em 25 de julho de 2016, às 9h30min.

José Carneiro Rangel, em Fortaleza, no dia 27 de janeiro de 2016.

José Maria Philomeno, no dia 29 de dezembro 2015, em Fortaleza.

José Nilton da Silva Júnior — o Júnior Grandão, concedida no dia 6 de outubro de 2016.

José Oto Santana, em Fortaleza, no dia 03 de fevereiro de 2016.

Lúcio Brasileiro, no dia 26 de janeiro de 2016, em Fortaleza.
Marcondes Viana em 06 de maio de 2016.
Marluce Férrer, sexta-feira, 1º de abril de 2016, respondeu por escrito.
Miguel Ângelo de Azevedo — Nirez, em Fortaleza, em 24 de agosto de 2016.
Newton Pedrosa, realizada em Fortaleza no dia em 22 de outubro de 2015.
Oto de Sá Cavalcante, realizada em Fortaleza, no dia 14 de outubro de 2016, às 9hs.
Pedro Gomes de Matos, no dia 16 de dezembro de 2015, pela manhã.
Rangel Cavalcante, em 24 de setembro de 2015, no saguão do Hotel Gran Marquise, em Fortaleza, gravada em *full-HD*.
Rebeca Férrer Xavier, realizada em 20 de fevereiro de 2016.
Ricardo Palhano, em Fortaleza, primeira entrevista de uma série de duas entrevistas, realizada na quarta-feira, dia 13 de junho de 2016.
Ricardo Palhano, segunda entrevista, realizada na quinta-feira, 14 de junho de 2016.
Roberto Martins Rodrigues, em Fortaleza, no dia 31 de julho de 2013.
Roberto Martins Rodrigues, no dia 12 de maio de 2015, terça-feira, em Fortaleza.
Roberto Martins, 25 de fevereiro de 2016
Sheila Raquel em Fortaleza, quinta-feira, 19 de maio de 2016.
Solange Palhano em Fortaleza, no dia 21 de maio de 2015.
Soraya de Palhano Xavier em 24 de Fevereiro de 2016, no dia do aniversário de nascimento de Venelouis.
Wanda Palhano, em Fortaleza no dia 21 de maio de 2015.

ARQUIVOS E ACERVOS

Academia Cearense de Letras, Fortaleza, CE
Acervo do Escritor Cearense, UFC, Fortaleza, CE
Acervo de Miguel Ângelo de Azevedo — Nirez, Fortaleza, CE
Acervo (hemeroteca) do jornal *O Estado*, Fortaleza, CE
Acervo da Associação Cearense de Imprensa, hemeroteca, Fortaleza, CE
Arquivo pessoal de José Maria Philomeno, Fortaleza, CE
Arquivo pessoal de Roberto Martins Rodrigues, Fortaleza, CE
Arquivo pessoal de Flávio Torres, Fortaleza, CE
Arquivo pessoal de Beth Dreher, Fortaleza, CE
Arquivo pessoal de Ivan Martins, Fortaleza, CE
Arquivo pessoal de José Rangel, Fortaleza, CE
Arquivo pessoal de Wanda Palhano, Fortaleza, CE
Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, RJ.
Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil — CPDOC, da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, RJ.
Editora Abril, revista *Veja*, SP
IBGE — Centro de Documentação e Disseminação de Informações, Rio de Janeiro, RJ.
Instituto do Ceará, Fortaleza, CE
Instituto Queiroz Jereissati, Fortaleza, CE

Memorial deputado Pontes Neto, Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, Fortaleza, CE
Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE
Núcleo de Documentação Cultural — NUDOC/UFC, Curso de História da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE
University of Florida George A. Smathers Libraries (Gainesville, Florida, EUA)

JORNAIS E REVISTAS

Jornal *O Araripe*, Crato, CE.
Jornal *Correio do Ceará*, Fortaleza, CE
Jornal *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, RJ
Jornal *Diário do Nordeste*, Fortaleza, CE
Jornal *do Brasil*, Rio de Janeiro, RJ
Jornal *do Ceará*, Fortaleza, CE
Jornal *Folha de S. Paulo*. São Paulo, SP.
Jornal *Gazeta de Notícias*, Fortaleza, CE
Jornal *O Estado*. Fortaleza, CE
Jornal *O Estado de São Paulo*, São Paulo, SP
Jornal *O Povo*. Fortaleza, CE
Jornal *The New York Times*, NY, EUA
Jornal *Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro, RJ
Jornal *Última Hora*, Rio de Janeiro, RJ
Jornal *Unitário*, Fortaleza, CE
O Jornal, Fortaleza, CE
Revista *Entrevista*, número 19, março de 2008. Publicação da disciplina de Laboratório de Jornalismo Impresso, do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará. Professor orientador: Ronaldo Salgado.
Revista da Academia Cearense de Letras, Fortaleza, CE
Revista Estudos Avançados, São Paulo, SP
Revista do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico), Fortaleza, CE.
Revista O Cruzeiro. Rio de Janeiro, RJ
Revista Time. New York, NY, EUA
Revista Playboy, São Paulo, SP.
Revista Status, São Paulo, SP
Revista Veja, São Paulo, SP.

INTERNET E DOCUMENTOS DIGITAIS

University of Florida Digital Collections. *Para a história do jornalismo cearense 1824-1924*. URL <<http://ufdc.ufl.edu//AA00000264/00001>>
Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, RJ.
IBGE, Centro de Documentação e Disseminação de Informações, Rio de Janeiro, RJ.

CPDOC — Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, RJ.

Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/valdemar_falcao>

Associação Nacional dos Professores Universitários de História, ANPUH-CE.

The New York Times. Disponível em <<http://www.nytimes.com/1994/04/07/business/denim-and-jeans-pour-out-of-northeastern-brazil.html>>.

_____. Disponível em <http://www.nytimes.com/1973/04/05/archives/brazil-censors-a-report-by-paper-on-censorship.html?_r=0>

Folha de S. Paulo. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/8/02/brasil/6.html>> .

Tribuna da Imprensa, blog Helio Fernandes. <<http://www.tribunadaimprensasindical.com/p/helio-fernandes.html>>.

Instituto Queiroz Jereissati. Disponível em <<http://institutoqueirozjereissati.org.br/Noticia/30/Cinquentenario-de-falecimento-de-Carlos-Jereissati>>.

UNESCO. Declaração Universal dos Direitos Humanos — adotada e proclamada pela resolução 217 A (III) da Assembleia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948. Disponível em <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001394/139423por.pdf>> Acessado em 23 de janeiro de 2016.

NOTAS

PRIMEIRA PARTE 1936-1965

1. OS JORNAIS NO CEARÁ

A imprensa nasce sob a tutela do Estado

1. Guilherme Chambly Studart, conhecido como Barão de Studart, (Fortaleza, 5 de janeiro de 1856 — Fortaleza, 25 de setembro de 1938) foi médico, historiador e vice-cônsul do Reino Unido no Ceará. Filho do inglês John William Studart, comerciante e primeiro vice-cônsul britânico no Ceará, e da cearense Leonísia de Castro Studart, foi um pioneiro na documentação de fatos históricos, principalmente relativos ao Ceará e diretor e editor da Revista do Instituto do Ceará. Em 1924, lança o pioneiro e valioso *Para a História do Jornalismo Cearense — 1824-1924*. Fonte: STUDART, Barão de. *Para a História do Jornalismo Cearense*. Fortaleza: Typographia Moderna, 1824-1924. [Nota: Publicado em 1924 pela Typographia Moderna — F. Carneiro, Rua Barão do Rio Branco, 130, Fortaleza, Ceará].

2. ARAÚJO, Oswaldo. *Imprensa do Passado*. Revista do Instituto do Ceará. Fortaleza, 1969. p. 71-75.

3. SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. 501 p.

Rio de Janeiro, página 105: “o Ceará conheceu a imprensa, em 1824, quando, a 1 de abril, começou a circular, em Fortaleza, o *Diário do Governo do Ceará*”. O livro de Nelson Werneck Sodré, publicado pela primeira vez em 1966, sob o selo da Editora Civilização Brasileira, é fonte indispensável sobre a História da Imprensa no Brasil.

4. Id. p. 324.

5. ARARIPE, J. C. Alencar. *Pioneirismo do Ceará na imprensa*. Revista do Instituto do Ceará, 1983. p. 112-115.

6. NOBRE, Geraldo. *Introdução à História do Jornalismo Cearense*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2006. p. 16. — O livro foi publicado pela primeira vez em 1974. Nobre (Morada Nova – CE, 31 de agosto de 1924 — Fortaleza – CE, 26 de junho de 2005) foi um dos primeiros professores do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará.

Começou no jornalismo em 1937 fazendo um jornal manuscrito que circulava na Rua do Seminário, atual Monsenhor Tabosa, em Fortaleza. De 1941 a 1962 trabalhou como editorialista e articulista no jornal *Gazeta de Notícias*. De 1963 a 1972 foi chefe de redação do jornal *Correio do Ceará*. Ocupou funções no Governo do Ceará, dentre elas a chefia de imprensa, de 1967 a 1971, na gestão do governador Plácido Castelo. “Conheci quando ingressei na *Gazeta de Notícias*, nos idos de 1955: lá estava ele na sua máquina de escrever, escrevendo aquilo no qual era o maior, sem dúvida: o editorial do jornal”, escreveu Adísia Sá no jornal *O Povo* de 28 de junho de 2005. Em 2006, o Núcleo de Documentação Cultural — NUDOC da Universidade Federal do Ceará lançou a edição fac-similar de “Introdução à História do Jornalismo Cearense”, como volume 1 da coleção “Outras Impressões”, com apresentação da professora Adelaide Gonçalves e posfácio do professor Gilmar de Carvalho. Geraldo da Silva Nobre é também autor, dentre vários livros, do valioso “História da Associação Cearense de Imprensa 1925-1975”, editado em Fortaleza, Ceará, em 1976, pela Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará.

7. *Ibid.* p. 19. *O Jornal*, dos irmãos Bonaparte Pinheiro Maia e Salomão Pinheiro Maia, tinha como secretário de redação Carlos D’Alge, circulou em 1958 e era sediada na Praça Coração de Jesus, no Centro de Fortaleza.

8. *Ibid.* p. 18.

9. STUDART, Barão de. *Para a História do Jornalismo Cearense*. Fortaleza: Typographia Moderna, 1824-1924. [Nota: Publicado em 1924 pela Typographia Moderna — F. Carneiro, Rua Barão do Rio Branco, 130, Fortaleza, Ceará]. Página 200.

10. NOBRE, Geraldo. *Op. Cit.* p. 18, nota 6.

11. NOBRE, Geraldo. *Op. Cit.* p. 18, nota 6.

12. *Revista do Instituto do Ceará*, tomo LXVI – ano LXVI, 1952, páginas 282 e 289: *Datas e Factos para a História do Ceará, 1927*. Leonardo Mota (continuação da obra de igual título, do Barão de Studart)

13. *Revista do Instituto do Ceará*, tomo LXVI – ano LXVI, 1952, página 289: *Datas e Factos para a História do Ceará*, Leonardo Mota (continuação da obra de igual título, do Barão de Studart)

14. Ver mensagem de 1º DE JULHO 1929. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u1464/index.html>>. Acessado em: 29 de setembro de 2016.

15. ALMADA, Zenilo. *Hélio Caracas e o episódio Antônio Drummond*. Diário do Nordeste. Fortaleza, 03 de janeiro de 2009. Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/caderno-3/helio-caracas-e-o-episodio-antonio-drummond-1577819>>. Acessado em 29 de setembro de 2016.

16. NOBRE, Geraldo. *História da Associação Cearense de Imprensa 1925-1975*. Fortaleza: Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, 1976. Página 239.

17. *Ibid.* p. 158.

18. *Ibid.* p. 207.

19. STUDART, Barão de. *Para a História do Jornalismo Cearense*. Fortaleza: Typographia Moderna, 1824-1924. [Nota: Publicado em 1924 pela Typographia Moderna — F. Carneiro, Rua Barão do Rio Branco, 130, Fortaleza, Ceará]. Página 295.

20. NOBRE, Geraldo. *Introdução à História do Jornalismo Cearense*. Fortaleza: Ex-

pressão Gráfica, 2006. p. 17.

21. SARAIVA, J. Ciro. *Antes dos Coronéis: Episódios inéditos de “No tempo dos coronéis”*. Fortaleza: ABC, 2012. p. 233.

22. Fonte: *21 anos de Luta, de Geraldo V. Castro. O Estado*, terça-feira 24 de setembro de 1957 p. 3.

23. MACEDO, Dário. *Eudes Pinheiro: cínico e canalha. O Estado*. Fortaleza, 30 maio de 1961. Coluna *Passarela*. p. 3.

24. Idem

25. NOBRE, Geraldo. Op. Cit. p. 30, nota 6.

26. Barão de Studart anota no *Diccionario Bio-Bibliographico Cearense* (1910) que Ignacio Brígido dos Santos, filho de Manoel Brígido dos Santos, nasceu a 10 de novembro de 1800, e faleceu a 26 de abril de 1871. Estudou Latim com o professor Joaquim Theotônio Sobreira. Tomou parte no movimento do Icó, a 16 de novembro de 1822, que terminou pelo combate da Forquilha, esteve acorrentado com outros habitantes da vila, para ser fuzilado, sendo salvo pelos patriotas do Cariry. Deixou o Ceará e foi para o Rio de Janeiro, e no Seminário de São Joaquim começou estudos para clérigo. Dedicando-se à advocacia, trabalhou no foro de Macacu, Macaé, Cantagallo, Campos e São João da Barra — aqui nasceu João Brígido, seu filho. No Rio acusou, em conselho de guerra, o Comandante-geral de Campos, Major Angelis e seu ajudante por uma tentativa de morte. Voltou ao Icó em 1831, com a mulher e dois filhos, Constantino e João. Fez parte da comissão, que por parte da Câmara felicitou a Pedro I pela sua coroação. Por muitos anos advogou nos sertões cearenses e terminou os dias como escrivão dos ofícios reunidos de Santa Cruz de Uruburetama. Constantino, irmão de João Brígido, dava aulas particulares de Latim, Francês e Português, no Crato, em 1864, segundo anúncios publicados no jornal *O Araripe*.

27. Além do marcante jornal político *O Araripe* (1855—1865) e o conservador *Gazeta do Cariry* (1860—1864), também circularam na região *A Voz da Religião do Cariri* (1868-872), o humorístico *Girumba* (1902) e o literário *Cratense* (1859). Sobre o jornal *O Araripe* ver dissertação *Desejos de civilização: representações liberais no jornal O Araripe — 1855—1864*, de Maria Daniele Alves, Universidade Estadual do Ceará, 2010, disponível em < <http://www.uece.br/mahis/dmdocuments/daniele.pdf>>.

28. Professor Manuel Antonio Ferreira Nobre, com quem estudou de 1842 a 1844, como relata G. S. Nobre, p. 93.

29. Ibidem

30. Ibid. p. 93.

31. Revista Instituto do Ceará, Tomo XXIV, Ano XXIV, 1910, p. 267, Typographia Minerva, Rua Major facundo, 55-57, Fortaleza, Ceará.

32. Revista do Instituto do Ceará, Ano III, 1889, p. 28, *Biografia Pe. Gonçalo Ignácio de Loyola Albuquerque Mello Mororó*, p. 28-50, Typographia Economica.

33. NOBRE, Geraldo. Introdução à História do Jornalismo Cearense. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2006. p. 121.

34. STUDART, Barão de. Para a História do Jornalismo Cearense. Fortaleza: Typographia Moderna, 1824-1924. [Nota: Publicado em 1924 pela Typographia Moderna — F.

Carneiro, Rua Barão do Rio Branco, 130, Fortaleza, Ceará].

35. Ibid. p. 4.

36. Ibid. p. 14.

37. Ibid. p. 20.

38. Ibid. p. 223.

39. NOBRE, Geraldo. *Introdução à História do Jornalismo Cearense*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2006. p. 125

40. GIRÃO, Raimundo. *O Jornalismo Político Cearense na República*. O Estado. Fortaleza, 24 de setembro de 1957.

41. Publicado originalmente no jornal *O Estado*, terça-feira, 24 de setembro de 1957.

42. NOBRE, Geraldo. *Introdução à História do Jornalismo Cearense*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2006. p. 139.

Nobre enumera os seguintes jornais:

1) “Diário do Ceará”, lançado em 1 de setembro de 1920 decorrente da fusão da “Folha do Povo” e do “O Estado do Ceará”. O jornal era o canal oficial do governo Justiniano de Serpa e dos governos seguintes até a revolução de 1930, quando deixa de circular. Na equipe de redatores estavam: Hermenegildo Firmeza (diretor-político), Manoel Satyro, Leiria de Andrade, Moreira de Azevedo, Odorico de Moraes, Antônio Drumond (redator-principal), Ferreira dos Santos, Clovis Mattos (redator-secretário) e Pedro Firmeza (proprietário e diretor). Joaquim Castro era o gerente. O Diário do Ceará é o veículo onde se publica os expedientes legais do governo do Ceará.

2) “A Tribuna”, lançado em 1 de janeiro de 1921, circulou até o dia 18 de agosto de 1924, publicando a seguinte justificativa: “Não nos convindo o papel de phonographo, repetindo, invariavelmente, o que deseja o governo federal, actualmente o maior collaborador dos jornais brasileiros, suspendemos hoje a publicação desta folha, aguardando dias melhores”.

“Nossa palavra não pode ser ouvida, porque a verdade jamais agrada os poderosos.”

3) “O Nordeste” lançado a 29 de junho de 1922, ligado à Arquidiocese de Fortaleza;

4) “Jornal do Comércio”, lançado em 3 de abril de 1924 como porta-voz do Partido Republicano Conservador — deixou de circular em 1930;

5) “O Ceará”, dirigido por J. Matos Ibiapina, também deixou de circular em 1930;

6) “Gazeta de Notícias”, lançado a 10 de julho de 1927;

7) “O Povo” lançado no dia 7 de janeiro de 1928;

8) “O Estado”, lançado no dia 24 de setembro de 1936. Além desses, mais de uma dúzia de jornais surgiram e morreram neste período. O fato importante é a chegada ao Ceará do consórcio jornalístico Diários Associados, no dia 13 de maio de 1937, com a aquisição do Correio do Ceará, e, em 1940, com a compra do jornal Unitário, o jornal fundado por João Brígido em 1903, para formar na oposição à oligarquia de Nogueira Accioly. “A imprensa estudantil teve, entre 1930 e 1939, a sua fase mais brilhante, revelando jovens que rapidamente ocupariam cargos importantes na imprensa do Ceará”.

2. NASCE O JORNAL

Alinhado a Menezes Pimentel, de olho no (e)leitor

1. Primeira entrevista, de uma série de três, realizada com Roberto Martins Rodrigues, no dia 12 de maio de 2015, terça-feira, em Fortaleza.

2. Idem

3. José Raymundo Costa em depoimento a Sebastião Rogério Ponte (coordenador). *História e memória do jornalismo cearense*. Fortaleza: Núcleo de Documentação Cultural — NUDOC/UFC, Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado do Ceará, Secretaria de Cultura — Secult, 2004. ISBN 85-7282-104-X, p. 270. Data da gravação do depoimento com José Raymundo Costa: 02 de fevereiro de 2000.

4. Coluna “Em Confiança”. Revista *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 16 de junho 1962. Página 111

5. Idem

6. Nota publicada na coluna “Em Confiança”. Revista *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 09 outubro de 1954. Página 106.

7. SARASATE favorito no Ceará. Revista *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 14 de agosto de 1954. Página 103.

8. PAULO Sarasate então deputado federal e vice-líder da União Democrática Nacional. *Quem será o homem? — Indique o seu candidato a presidente da República*. Revista *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 07 de janeiro de 1950. Página 22

9. QUEIROZ, Rachel. Demócrito. Revista *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 31 de agosto de 1963. Seção *Última Página*.

10. SARAIVA, J. Ciro. *Antes dos Coronéis: Episódios inéditos de “No tempo dos coronéis”*. Fortaleza: ABC, 2012. página 37.

11. Idem, página 37.

12. Revista *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 29 de outubro de 1960.

13. Publicado no jornal *Folha de S. Paulo*, terça-feira, 05 de setembro de 1961.

14. SARAIVA, J. Ciro. Op. cit. p.49, nota 10.

“Mane, Thecel, Phares” são interpretadas como terríveis palavras de destruição e — segundo o Livro de Daniel, do Antigo Testamento da Bíblia — condenam todos os que, como Belsazar, negligenciam as oportunidades dadas por Deus.”

15. Jornal *O Povo*. Fortaleza, 31 de janeiro de 1951. Editorial de primeira página.

16. Entrevista de José Raymundo Costa a Sebastião Rogério Ponte, in: *História e memória do jornalismo cearense*. Sebastião Rogério Ponte, Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Ceará. Editora Universidade Federal do Ceará, Departamento de História, Núcleo de Documentação Cultural, NUDOC, 2004. ISBN 857282104X. 322 páginas

17. SENRA, Nelson de Castro. *Uma Breve história das estatísticas brasileiras (1822-2002)*. Rio de Janeiro: IBGE, Centro de Documentação e Disseminação de Informações, 2009. ISBN 972-85-240-4069-6.

18. Anuário Estatístico do Brasil, 1937. página 995.

19. ABREU, Marcelo de Paiva. *O Brasil e a economia mundial, 1930-1945*. Rio de

Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

20. ARAGÃO, Elizabeth Fiúza (coordenação). *O Fiar e o Tecer: 120 Anos da Indústria Têxtil no Ceará*. Fortaleza: Sinditêxtil — FIEC, 2002.

21. Anuário Estatístico do Brasil, 1937. página 995.

22. A Era Vargas: dos anos 20 a 1945. “*A Era Vargas — 1º tempo — dos anos 20 a 1945*” CD-Rom lançado, em 1997, pelo CPDOC — Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, da Fundação Getúlio Vargas. São 126 textos, 300 imagens e 140 biografias apresentados em três módulos temáticos: Os Anos 20; Anos de Incerteza (1930—1937) e Diretrizes do Estado Novo.

23. Ibidem

24. Ibidem

25. Ibidem

26. BONAVIDES, Paulo. A evolução constitucional do Brasil. In: Conferência feita pelo autor na Academia Piauiense de Letras em 27 de julho de 2000. Revista Estudos Avançados, vol.14 n° 40 São Paulo, Set./Dez. 2000.

27. Idem

28. *Southern Friends*. Revista *Time*, Monday, Aug. 12, 1940: “Getulio likes to think of himself as the South American counterpart of Franklin D. Roosevelt.”

29. A Era Vargas: dos anos 20 a 1945. [Fonte: Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001] Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossias/AEraVargas1/biografias/valdemar_falcao> Acessado em 30 de junho de 2015.

30. Ibidem

31. Ibidem

32. SARAIVA, J. Ciro. *José Martins Rodrigues*. Jornal *O Estado*. Fortaleza, 29 de março de 2013. Opinião, página 2. Disponível em: <<http://www.oestadoce.com.br/noticia/jose-martins-rodrigues>>. Acessado em 30 de setembro de 2016.

33. *Intelectuais Católicos, Imprensa e Autoritarismo (1922-1930)*. Francisca Rafaela Parga, mestranda em História Social pela Universidade Federal do Ceará com bolsa concedida pela CAPES. Disponível no site da Associação Nacional dos Professores Universitários de História, ANPUH-CE, <<http://anpuhceara.xpg.uol.com.br/sto4/francisca.pdf>> Acessado em 22 de outubro de 2016

34. Idem

35. José Aloísio Martins Pinto. *Não vingarão as sementeiras do anticristianismo: O Comunismo na Imprensa Católica (Fortaleza-CE, 1930—1945)*. UNESP-Assis (SP), doutorando em História, bolsista CAPES. Disponível no site da Associação Nacional dos Professores Universitários de História, ANPUH-SP, em <<http://tinyurl.com/zb9jflu>>

36. Ibidem

37. Ibidem

38. Ibidem

39. *Elementos Geradores do Vínculo Obrigacional e Efeitos Jurídicos do Silêncio*. José Martins Rodrigues (Editora Malheiros, São Paulo, 2012). Assunto: direito civil ISBN: 9788539201327. Coleção: Edição: 1. ed./2012 Formato: 14x21, 112 páginas. Preço: R\$ 23,00.

40. MAIA FILHO, Napoleão Nunes. *Martins Rodrigues e o silêncio jurídico*. Jornal *Diário do Nordeste*. Fortaleza, 20 de julho de 2013. Disponível em <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/opiniaio/jose-martins-rodrigues-e-o-silencio-juridico-1.366878>>. Acessado em 30 de setembro de 2016.

41. MOTA, Aroldo. *História Política do Ceará: 1930-1945*. 2ª edição. Fortaleza: ABC Fortaleza, 2000.

42. Idem

43. A Era Vargas: dos anos 20 a 1945. “*A Era Vargas — 1º tempo — dos anos 20 a 1945*” CD-Rom lançado, em 1997, pelo CPDOC — Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, da Fundação Getúlio Vargas. São 126 textos, 300 imagens e 140 biografias apresentados em três módulos temáticos: Os Anos 20; Anos de Incerteza (1930—1937) e Diretrizes do Estado Novo.

44. Idem

45. Sebastião Rogério Ponte (coordenador). *História e memória do jornalismo cearense*. Fortaleza: Núcleo de Documentação Cultural — NUDOC/UFC, Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado do Ceará, Secretaria de Cultura — Secult, 2004. ISBN 85-7282-104-X, página 248. Embora a data da realização desta e das outras entrevistas não estejam anotadas no livro, todas as datas estão catalogadas no acervo do Programa de História Oral do NUDOC, dentro do Projeto História e Memória do Jornalismo Cearense. Foram duas sessões de entrevista com J. C. Alencar Araripe: 16 de fevereiro de 2000 e 16 de junho de 2000.

46. História e memória do jornalismo cearense. Universidade Federal do Ceará, Departamento de História, Núcleo de Documentação Cultural, NUDOC, 2004. Páginas páginas 41 e 42. 322 páginas. Ari Cunha foi entrevistado por Sebastião Rogério Ponte no dia 16 de junho de 2000.

47. Ibid. p. 42.

48. Ibid. p. 42.

49. Ibid. p. 168.

50. Ibid. p. 140.

51. ALBUQUERQUE, Claudia. *Waldemar do Ceará e dos Alcântaras*. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2012. p. 80. ISBN 978- 85- 7563- 949- 8.

52. *História e memória do jornalismo cearense*. Universidade Federal do Ceará, Departamento de História, Núcleo de Documentação Cultural, NUDOC, 2004. Página 140. 322 páginas. Ari Cunha foi entrevistado por Sebastião Rogério Ponte no dia 16 de junho de 2000.

53. Ibidem

54. Ibid. p. 168. O depoimento de Dorian Sampaio foi colhido em duas sessões: 17 de fevereiro de 2000 e 24 de fevereiro de 2000.

3. JOSÉ MARTINS RODRIGUES

Intrépido, aos 23 anos; uma referência moral para sempre

1. Excerto de *Regra do Jogo — o jornalismo e a ética do marceneiro*, de Cláudio Abra-

mo. Companhia das Letras, 1997. 4ª reimpressão. página 109.

2. Entrevista com Roberto Martins Rodrigues, em Fortaleza, no dia 31 de julho de 2013. Diz Roberto: “Ele tinha 23 anos quando levantou uma porção de teses, tanto que o Ricardo Lira, que prefaciou a convite do Paulo Bonavides, que foi o artífice dessa reedição; ele diz que esse livro do meu pai defende teses e princípios que ainda hoje não estão contemplados no Código Civil Novo. E o Direito Público está começando a absorver o princípio da eficácia do silêncio no Direito; foi algo pioneiro que ele apresentou na faculdade, e se tornou catedrático de Direito Civil.”

3. Matos Peixoto foi professor de Direito Romano na Faculdade Nacional de Direito no Rio de Janeiro, para onde se mudou ao final do seu Governo. RMR foi seu aluno ali. Fonte: Entrevista com Roberto Martins Rodrigues, 2no dia 31 de julho de 2013. Matos Peixoto, viu-se indiretamente envolvido no assassinato do jornalista Antônio Drummond, na redação do jornal *Gazeta de Notícias* como relatamos no capítulo 2.

4. *Dicionário Histórico e Bibliográfico Brasileiro*, citado por Paes de Andrade, página 3, em *Itinerário político de Martins Rodrigues* (Texto de Paes de Andrade) em: *Discursos parlamentares/Martins Rodrigues*; seleção e introdução do deputado Paes de Andrade; apresentação do deputado Ulysses Guimarães. Edição fac-similada. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012. 1 v. – (Série perfis parlamentares; n. 64) ISBN 978-85-736-5959-7. Primeira edição 1988: Câmara dos Deputados — Centro de Documentação e Informação, Coordenação de Publicações, Brasília, 1988.

5. CASTRO, Godofredo de. *Joazeiro na Assembleia Legislativa do Ceará*. Fortaleza: Typographia S. José, 1925. Disponível em: <<http://ufdc.ufl.edu/AA00000293/00001>> Acessado em 05 de janeiro de 2016. páginas 3-4. (Discursos pronunciados nas sessões de 16, 19, 22 e 23 de setembro de 1925 refutando acusações feitas pelo deputado Martins Rodrigues ao Padre Cícero Romão Baptista e ao dr. Floro Bartholomeu da Costa). Ceará, Fortaleza, 1925. Typographia S. José, rua Major Facundo, 259.

6. *Ibid.* p. 11. (Discurso de 16 de setembro de 1925)

7. *Ibid.* p. 13.

8. *Ibid.* p. 30.

9. *Ibid.* p. 32.

10. Entrevista com Roberto Martins Rodrigues, em seu apartamento, em Fortaleza (CE) em 31 de julho de 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DIS-eiE0Fwg>>. Acessada em 21 de agosto de 2016.

11. A entrevista de D’Alembert Jaccoud ocupa as páginas 21-54 do livro Rodrigues, Martins, 1901-1976. *Discursos parlamentares/Martins Rodrigues*; seleção e introdução do deputado Paes de Andrade; apresentação: deputado Ulysses Guimarães. Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012. 1 v. – (Série perfis parlamentares; n. 64) ISBN 978-85-736-5959-7.

12. Revista *O Cruzeiro*, 24 de agosto de 1963.

13. *Ibid.* nota 11.

14. VIANA FILHO, Luis. *O Governo Castelo Branco*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora S.A., p. 103, 1975.

15. *Ibid.* p. 102.

16. Página 29 dos *Discursos parlamentares/Martins Rodrigues*; seleção e introdução do Deputado Paes de Andrade; apresentação: Deputado Ulysses Guimarães. Edição fac-símile [recurso eletrônico] – Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012. 1 v. – (Série perfis parlamentares; n. 64) ISBN 978-85-736-5959-7.

17. *PSD vai se definir hoje*. Correio da Manhã. Rio de Janeiro, sexta-feira, 17 de abril de 1964. Coluna “Mundo Político”, página 6.

18. Página 29 dos *Discursos parlamentares/Martins Rodrigues*; seleção e introdução do Deputado Paes de Andrade; apresentação: Deputado Ulysses Guimarães. Edição fac-símile [recurso eletrônico] – Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012. 1 v. – (Série perfis parlamentares; n. 64) ISBN 978-85-736-5959-7.

19. VIANA FILHO, Luis. O Governo Castelo Branco. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora S.A., 1975. páginas 103-104.

20. MARCHI, Carlos. *Todo aquele imenso mar de liberdade: A dura vida do jornalista Carlos Castello Branco*. Rio de Janeiro: Record, 2015. página 266. ISBN: 8501103071.

21. Idem. p. 267.

22. D’Alembert Jaccoud foi chefe de redação da sucursal da revista *Veja*, em Brasília, e ex-chefe de redação do Jornal do Brasil na época em que Carlos Castello Branco montou a sucursal do jornal em Brasília. Fonte: MARCHI, Carlos. *Todo aquele imenso mar de liberdade: A dura vida do jornalista Carlos Castello Branco*. Rio de Janeiro: Record, 2015. página 319.

23. *Discursos parlamentares/Martins Rodrigues*; seleção e introdução do deputado Paes de Andrade; apresentação do deputado Ulysses Guimarães. – Ed. fac-símile – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012. 1 v. – (Série perfis parlamentares; n. 64).

24. Declaração do senador Amaral Peixoto em “Martins Rodrigues morreu de mal cardíaco em sua residência em Brasília”, *Jornal do Brasil*, em 25 de junho de 1976, página 2.

25. ANDRADE, Paes de. *O itinerário da paz*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

26. *Discursos parlamentares/Martins Rodrigues*; seleção e introdução do deputado Paes de Andrade; apresentação do deputado Ulysses Guimarães. – Ed. fac-símile – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012. 1 v. – (Série perfis parlamentares; n. 64)

27. *Discursos parlamentares/Martins Rodrigues*; seleção e introdução do deputado Paes de Andrade; apresentação do deputado Ulysses Guimarães. – Ed. fac-símile – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012. 1 v. – (Série perfis parlamentares; n. 64). página 46.

28. *Discursos parlamentares/Martins Rodrigues*; seleção e introdução do deputado Paes de Andrade; apresentação do deputado Ulysses Guimarães. – Ed. fac-símile – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012. 1 v. – (Série perfis parlamentares; n. 64).

29. AGUIAR, Wilson. Deputados no banco dos réus. Revista *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 03 de novembro de 1956. Páginas 53-54. [Texto e fotos do referido].

30. *Jornal O Estado*, sexta-feira, 22 de setembro de 1961. Manchete de capa, TÍTULO EM 3 LINHAS, ocupando CINCO COLUNAS: “José Martins Rodrigues favorável a

uma composição política geral, porém, não renunciará à sua candidatura”.

31. Revista *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 1º de dezembro de 1962. Página 123.
32. MARTINS Rodrigues morreu de mal cardíaco em sua residência em Brasília. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 25 de junho de 1976. Primeiro Caderno. Página 2.
33. CASTELLO BRANCO, Carlos. *Trajectoria de Martins Rodrigues*. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 26 de junho de 1976. Coluna do Castello. Página 2.
34. Idem
35. Nota publicada no jornal *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, quinta-feira, 16 de junho de 1966. Coluna Mundo Político, 1º. caderno. Página 8.
36. FUNDADOR e primeiro diretor. *Jornal O Estado*. Fortaleza, 24 de setembro de 1961. página 1.
37. Idem
38. Revista *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 09 de fevereiro de 1963. p.17.
39. Revista *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 12 de outubro de 1963. p. 22.
40. Revista *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 10 de outubro de 1964. p. 115.
41. Revista *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 2 de agosto de 1966.
42. Revista *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 26 de julho de 1966. p. 80.
43. Revista *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 12 mar. 1966. p. 44.
44. Revista *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 02 ago. 1966. p. 98.
45. COUTINHO, Benedito. *IMDB quer reformar a favor da democracia*. Revista *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 29 de julho de 1967. Editoria de Política. página 90.
46. Idem
47. MARTINS Rodrigues prevê o pior. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 22 de junho 1968. Página 16.
48. Revista *O Cruzeiro*. 24 de junho de 1967, página 89; A Arena — Aliança Renovadora Nacional — reuniu políticos remanescentes tanto da UDN quanto do PSD. Deste, entre outros, Auro de Moura Andrade, José Maria Alkmin, Filinto Müller, Vitorino Freire, Gustavo Capanema, Gilberto Marinho, Benedito Valadares e Armando Falcão. Oriundos da UDN, a Arena recebeu, entre tantos, Magalhães Pinto, José Sarney, Roberto Costa de Abreu Sodré, Adauto Lúcio Cardoso, Aureliano Chaves, Herbert Levy, José Bonifácio Lafayette de Andrada, Rondon Pacheco e Pedro Aleixo.
49. COUTINHO, Benedito. *Como a oposição dialogará com o governo*. Revista *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 03 de agosto de 1968. Editoria de Política. página 96.
50. Idem
51. QUEIROZ, Rachel de. Carta ao prefeito de Fortaleza. *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 07 out. 1967. Última Página.
52. Primeira entrevista com Roberto Martins Rodrigues, realizada em 12 de maio de 2015, terça-feira.
53. QUEIROZ, Rachel de. *Carta ao prefeito de Fortaleza*. Revista *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 07 de outubro de 1967. Última Página.
54. Entrevista com Roberto Martins Rodrigues em Fortaleza, 12 de maio de 2015.
55. Ibidem
56. Ibidem

57. *Jornal do Brasil*, sexta-feira, 25 de junho de 1976. Primeiro caderno. página 2.

58. Entrevista com Lúcio Brasileiro, em Fortaleza, 26 de janeiro de 2016.

59. *Jornal O Estado*, sexta-feira, 29 de março de 2013. Título: *José Martins Rodrigues*, de J. Ciro Saraiva. O jornalista João Ciro Saraiva de Oliveira morreu no sábado, 27 de jun de 2015, aos 78 anos, em decorrência de complicações de diabetes. Ciro Saraiva era natural de Quixadá e foi secretário de Comunicação nos governos Manuel de Castro Filho (1981-1982) e Gonzaga Mota (1982-1986). Foi um dos líderes da equipe de marketing da vitoriosa campanha de Tasso Jereissati ao Governo do Ceará, em 1986. Em 2011, lançou o livro “Nos tempos dos Coronéis”, um valioso e original relato sobre fatos relevantes e pitorescos da política cearense. J. Ciro Saraiva iniciou-se na atividade jornalista como repórter do jornal *O Estado*.

4. ALFEU ABOIM

Uma fase eclética e de esmero gráfico

1. ARARIPE, J.C. Alencar. *Lembranças de um homem sisudo*. Revista do Instituto do Ceará, 1998, páginas 323-324

2. Idem.

3. Idem.

4. Cronologia Ilustrada de Fortaleza — Roteiro para um turismo histórico e cultural, 2005. Autor: Miguel Ângelo de Azevedo — Nirez

5. NOBRE, Geraldo. *História da Associação Cearense de Imprensa 1925-1975*. Fortaleza: Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, 1976.

6. Entrevista com Miguel Ângelo de Azevedo — Nirez, em Fortaleza, em 24 de agosto de 2016, gravada em full-HD.

7. *Fortaleza aniversaria*. Palestra de Miguel Ângelo de Azevedo — Nirez, sócio efetivo do Instituto do Ceará. Revista do Instituto do Ceará, 2012. Página 242.

8. Entrevista com Miguel Ângelo de Azevedo — Nirez, em Fortaleza, em 24 de agosto de 2016, gravada em full-HD.

9. Idem

10. *Jornal O Estado*, domingo, 6 de janeiro de 1944, página 6, seção “Arte & Cultura”

11. Idem.

12. *Pedro de Albuquerque: digno êmulo cearense do Stradivarius*. *Jornal O Estado*, domingo, 6 de janeiro de 1944, Página 6.

5. WALTER DE SÁ CAVALCANTE

O jornal em novas mãos, mas o alinhamento continua

1. Walter Sá Cavalcante nasceu em Fortaleza no dia 30 de junho de 1915, à avenida Dom Manoel, 482 — antigo Bouvelard da Conceição — filho de João de Sá Cavalcante e Raimunda Rabelo de Sá. Bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Ceará, em 1937. Em 1936, diplomou-se perito contador pela Escola de Comércio Padre Champagnat. Como delegado do Centro Estudantil Cearense, em 1937 participou do 10. Congresso Nacional de Estudantes, no Rio de Janeiro, quando

foi relator do estatuto de fundação da União Nacional dos Estudantes. Presidiu o Centro Acadêmico Clóvis Beviláqua da Faculdade de Direito do Ceará. Funcionário concursado da Prefeitura Municipal de Fortaleza. Professor de Economia Rural, da Escola de Agronomia do Ceará. Deputado Federal em 1945, quando assumiu a presidência da Comissão de Constituição, Justiça e Legislação e já se consolidava como contundente tribuno. Publicou: *A Contabilidade Pública no Curso de Perito Contador*. Morreu em 10 de junho de 1954, no Rio de Janeiro, em decorrência de uma segunda cirurgia para remover um câncer no cérebro. Encerrava-se assim, de modo dramático, umabruilhante carreira política e jornalística. Deixou viúva e três filhos menores, dentre eles Walter de Sá Cavalcante Júnior, hoje empresário de sucesso, sócio de um conglomerado de empresas localizadas principalmente na região Sudeste.

2. Entrevista com Lúcio Brasileiro, no dia 26 de janeiro de 2016.
3. *Jornal O Estado*. Fortaleza, sexta-feira, 1º de setembro de 1950. Página 2.
4. *Jornal O Estado*. Fortaleza, sábado, 02 de setembro de 1950. Página 3.
5. *Jornal O Estado*. Fortaleza, domingo, 03 de setembro de 1950. p. 2.
6. *Jornal O Estado*. Fortaleza, sábado, 23 de setembro de 1950. p. 3.
7. *Jornal O Estado*. Fortaleza, sábado, 23 de setembro de 1950. p. 3.
8. *Jornal O Estado*. Fortaleza, terça-feira, 05 de setembro de 1950. p. 3.
9. *Idem*
10. *CONTINUAM zangados os maestros...* *Jornal O Estado*. Fortaleza, 26 de setembro de 1950. p. 3.
11. *Jornal O Estado*. Fortaleza, terça-feira, 16 de janeiro de 1951. p. 2. Os versos seguem a mesma disposição diagonal da publicação original no jornal.
12. *A REDENÇÃO no Ceará*. *Jornal O Estado*. Fortaleza, terça-feira, 09 de janeiro de 1951. Editorial. p. 2.
13. *A PIRRONICE de Faustino*. *Jornal O Estado*. Fortaleza, quarta-feira, 10 de janeiro de 1951. Editorial. p. 3.
14. *O DISCURSO de Raul Barbosa*. *Jornal O Estado*. Fortaleza, quarta-feira, 17 de janeiro de 1951. Editorial. página 2.
15. *ABANDONOU a UDN*. *Jornal O Estado*. Fortaleza, sábado, 13 de janeiro de 1951. Primeira página.
16. *RAUL vem aí*. *Jornal O Estado*. Fortaleza, sexta-feira, 12 de janeiro de 1951. Página 2. Foi mantida a grafia e o layout original, em diagonal. A grafia original, com Raul Barbosa e Raul todas em maiúsculas.
17. *Idem*
18. “Eleições 1950: 03 de outubro de 1950 — Resultado”. Tribunal Regional Eleitoral do Ceará. Fortaleza, 2003. 110 páginas. Trabalho foi editado e publicado na gestão do desembargador Fernando Luiz Ximenes Costa, no TRE. Na apresentação, lê-se: “Preservar a memória histórica das eleições no Estado do Ceará: este é o desafio que o Tribunal Regional Eleitoral do Estado abraça no início deste novo milênio”. Pautado neste intento é que foi desenvolvido este trabalho extremamente importante pela precisão dos dados: “Resultado das Eleições — 03 de outubro de 1950”.
19. Raul Barbosa foi presidente do Banco do Nordeste do Brasil S.A., de 12 de março

de 1956 a 18 de março de 1961, quando pediu exoneração. Depois, retornou à presidência do BNB, de 08 de fevereiro de 1962 a 15 de março de 1967, quando, novamente, pediu exoneração. Na verdade, a ligação de Raul Barbosa com o BNB vem desde a sua fundação, em 1952. À época, era governador do Ceará e participou intensamente das articulações para sediar o BNB em Fortaleza, à rua Senador Pompeu, 590, Centro.

20. LEITE, Pedro Sisnando. *Raul Barbosa no Banco do Nordeste*. 2. ed. Fortaleza: Gráfica LCR, 2012. páginas 153-155. 204 p.

21. *Jornal O Estado*. Fortaleza, 24 de setembro de 1955, página 10.

22. *Jornal O Estado*. Fortaleza, domingo, 24 de setembro de 1950. Edição de aniversário com 40 páginas. Primeira página.

23. *Raul Barbosa saúda O Estado na pessoa do deputado Walter de Sá Cavalcante*. *Jornal O Estado*, domingo, 24 de setembro de 1950, primeira página.

24. *Idem*

25. *PROCESSAREMOS os caluniadores*. *Jornal O Estado*. Fortaleza, 24 de setembro de 1950. Página 3.

26. *GRATOS pela propaganda*. *Jornal O Estado*. Fortaleza, quarta-feira, 27 de setembro de 1950. Editorial. p. 3.

27. *A CARTA é falsa*. *Jornal O Estado*. Fortaleza, sexta-feira, 1º de março de 1946. Primeira página.

28. *REVERBEROS a “O Povo”*. *Jornal O Estado*. Fortaleza, 02 de março de 1946. Página 8.

29. CAVALCANTE, Walter de Sá. *Confissão de esfacelamento*. *Jornal O Estado*. Fortaleza, 24 de março de 1946. Artigo publicado no rodapé da página 3.

30. *Idem*

31. CAVALCANTE, Walter de Sá. *Pior a emenda que o soneto — com vistas ao senhor Paulo Sarasate*. *Jornal O Estado*. Fortaleza, quinta-feira, 23 de agosto de 1945. Primeira página.

32. *Jornal O Estado*. Fortaleza, domingo, 1º de agosto de 1948. Coluna “Nota Política”, página 3.

33. CAVALCANTE, Walter de Sá. *A demagogia Udenista*. *Jornal O Estado*. Fortaleza, sexta-feira, 1º de março de 1946. página 3.

34. BARBOSA, Raul. Fortaleza, cidade sem vida noturna. *O Estado*. Fortaleza, 16 de janeiro de 1951. página 3.

35. *POLICIAMENTO e trânsito*. *Jornal O Estado*. Fortaleza, quinta-feira, 11 de janeiro de 1951. Editorial. página 02.

36. FORTALEZA, *cidade que se enfeia*. *Jornal O Estado*. Fortaleza, 15 de janeiro de 1951. Editorial. p. 2.

37. FORTALEZA — *cidade africana...* *Jornal O Estado*. Fortaleza, 14 de janeiro de 1951. p. 2.

38. *Idem*

39. *Jornal O Estado*. Fortaleza, sexta-feira, 05 de julho de 1957. p. 2.

40. *Jornal O Estado*. Fortaleza, quarta-feira, 31 de janeiro de 1951.

41. CAVALCANTE, Walter de Sá. *Méritos de uma obra*. *Jornal O Estado*. Fortaleza,

domingo, 2 de setembro de 1945. página 3.

42. ARARIPE, J. C. Alencar. *Lembranças de um homem sisudo*. Revista do Instituto do Ceará. Fortaleza, 1998. página 324.

43. MARTINS, Fran. *Trompa*. Jornal *O Estado*. Fortaleza, 15 de dezembro de 1955. página 3.

44. Jornal *O Estado*. Fortaleza, terça-feira 24 de setembro de 1957. p. 3.

45. Revista Instituto do Ceará. 1968. Data do Fato: 24 de setembro de 1954.

6. OS IRMÃOS MARTINS

Uma fase onde a cultura e literatura foram as estrelas

1. LEAL, Angela Barros. *Fran Martins: O escritor e o Mundo*. Fortaleza: Terra da Luz Editorial, 2014. página 91.

2. MAIA, Francisco Alves. Coluna *Ronda Esportiva*. Jornal *O Estado*. Fortaleza, 1º de setembro de 1955. página 8.

3. *NOSSOS diretores*. Jornal *O Estado*. Fortaleza, domingo, 23 de setembro de 1956. Primeira página. [Edição comemorativa aos 20 anos de fundação do jornal *O Estado*].

4. HOMENAGEM aos companheiros. *O Estado*. Fortaleza, terça-feira, 24 de setembro de 1957. Editorial. página 3.

5. ANIVERSARIA, hoje, o ministro Antonio Coelho de Albuquerque. Jornal *O Estado*. Fortaleza, domingo, 08 de outubro de 1961. Primeira página.

6. Idem

7. MARTINS, Fran. *Dezenove anos*. Jornal *O Estado*. Fortaleza, sábado, 24 de setembro de 1955. Editorial. Primeira página.

8. MARTINS, Fran. *Jacinto*. Jornal *O Estado*. Fortaleza, 24 de novembro de 1955. p. 3. [Esta crônica trata de Jacinto de Thormes, pseudônimo de Manoel Antonio Bernardes Muller, mais conhecido como Maneco Muller. O pseudônimo foi tomado emprestado de um personagem de Eça de Queirós no romance de 1901, *A Cidade e as Serras*. A partir de 1954, Jacinto de Thormes passou a assinar uma coluna no jornal *Diário Carioca*. Também atuou nas redações do *Correio da Manhã*, *Última Hora* e *Folha de S. Paulo*. Morreu aos 82 anos no dia 7 de dezembro de 2005.]

9. Idem

10. MARTINS, Fran. *A Aventura da Espanha — “O Sereno”*. Jornal *O Estado*. Fortaleza, 07 de agosto de 1955.

11. Idem

12. MARTINS, Fran. *A Aventura da Espanha II — “O Amigo do Touro”*. Jornal *O Estado*. Fortaleza, 21 de agosto de 1955.

13. Idem

14. MARTINS, Fran. *Museu*. Jornal *O Estado*. Fortaleza, 08 de novembro de 1955.

15. MARTINS, Fran. *O Grupo Clã*. Jornal *O Estado*. Fortaleza, domingo, 31 de julho de 1955. Caderno *Literatura e Arte*. Primeira página.

16. MARTINS, Fran. *A Posição dos Candidatos*. Jornal *O Estado*. Fortaleza, 27 de setembro de 1955.

17. “*Com café não se dá golpe*”. Reportagem de Carlos Castello Branco — fotos de José Medeiros. Revista *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 13 de agosto de 1955. Páginas 12-14.
18. COSTA, Carlos. *Debut e bota-fora*. Jornal *O Estado*. Fortaleza, 24 de setembro de 1955.
19. Jornal *O Estado*. Fortaleza, 09 de setembro de 1955.
20. *HOJE, o banquete em homenagem ao reitor Martins Filho*. Jornal *O Estado*. Fortaleza, sexta-feira, 16 de setembro de 1955. Primeira página.
21. AZEVEDO, Sânzio de. *Lembrando O “Tio Sales”*. In: VASONCELLOS, Eliane (Org.). *Inventário do Arquivo Antônio Sales*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2007. páginas 13-26. 140 p. ISBN 978-85-7004-279-8.
22. Jornal *Correio da Manhã*, Ano III, número 583 — Rua Moreira César, 116 — Rio de Janeiro, quinta-feira, 15 de janeiro de 1903. Acervo da Hemeroteca Biblioteca Nacional, RJ.
23. *Tutte le opere di Gabriele d’Annunzio*. Volume 17, página 20. Gabriele D’Annunzio, Officina Bodoni, Switzerland, 1927, publicou a obra completa de Gabriele D’Annunzio.
24. AIRES, Fernando. Coluna *Sete dias na política*. Jornal *O Estado*. Fortaleza, 11 de setembro de 1955.
25. *CONFIANTE, o presidente do PTB, na eleição dos candidatos do seu partido*. Jornal *O Estado*. Fortaleza, 11 de setembro de 1955. Primeira página.
26. *O POVO e as eleições*. Jornal *O Estado*. Fortaleza, 16 de setembro de 1955.
27. ATOR norte-americano especializado em faroestes.
28. AIRES, Durval. *Poema da quase analogia*. Jornal *O Estado*. Fortaleza, domingo, 06 de novembro de 1955. Caderno *Literatura e Arte*. 8 p.

7. O PODEROSO THEMÍSTOCLES

Sob sua batuta, *O Estado* foi uma tribuna implacável

1. SARAIVA, J. Ciro. *Antes dos Coronéis: Episódios inéditos de “No tempo dos coronéis”*. Fortaleza: ABC, 2012. página 204.
2. NERY, Sebastião. *Folclore político: 1950 histórias*. São Paulo: Geração Editorial, 2002. página 507. 651 p.
3. Idem
4. Para a frase “Homem que se deixa mandar pela mulher é vitorioso mais rápido” ver J. Ciro saraiva, *Antes dos Coronéis*, página 205.
5. Entrevista com Themístocles de Castro e Silva realizada em 27 de setembro de 2007 e publicada na revista *Entrevista*, número 19, março de 2008, página 16. A revista é uma publicação da disciplina de Laboratório de Jornalismo Impresso, do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará. Professor orientador: Ronaldo Salgado. Além dessa referência direta, eu usei a entrevista como briefing de um roteiro para a reconstrução das ações de Themístocles na campanha de Parsifal. Essa foi uma das últimas entrevistas de Themístocles, que morreu na terça-feira, 15 de novembro de 2011, em Fortaleza, aos 83 anos de idade.
6. *Ibid.* página 17.

7. João Ramos foi diretor industrial do *Diário do Nordeste*, fundado por Edson Queiroz em 1981.

8. Ibid. p. 17, nota 5.

9. Ibid. p. 17, nota 5.

10. Ibid. p. 18, nota 5.

11. Ibid. página 22, nota 5. [“Ora, eu também tenho amigo comunista, pô! Agora, eu não gosto é do baderneiro, aí não vai, aí não vai.”].

12. Assinam o documento, datado de 4 de setembro de 1961: Felizardo Mont’Alverne, Antônio Girão Barroso, Juarez Furtado Temóteo, José Colombo Sá, Geraldo Oliveira de Souza, Thales Bezerra Veras, José Milano Lopes, Pantaleão Damasceno, Luciano Diógenes e Sá, Stênio Azevedo, Alberto Banhos, José Calazans Pires, Airton Rodrigues Moura, Murilo Mota, Sebastião Vieira Queiroz, Antônio Carlos Campos de Oliveira, Epitácio Cruz, Roberto Vasconcelos, João Hipólito C. Oliveira, Tácito da Rocha Beleza, Roberto Antunes, José Gusmão Bastos, Antônio Moreira de Albuquerque, Aduauto Soares Gondim, João Clímaco Bezerra, Teobaldo Landim, Oscar Moreira da Silva, Francisco Soares Medeiros, Aliatar Bezerra, Iran de Alencar Benevides, Milton de Castro Machado, João de Oliveira Melo, Raimundo Dário Gomes de Freitas, Francisco Osmar de Oliveira.

13. *DEPUTADOS condenaram o atentado a Themístocles*. *Jornal O Estado*. Fortaleza, 5 de setembro de 1961. Capa e página 2.

14. São signatários da nota: José de Borba Júnior, Inácio de Almeida, José Costa, Assis Tavares, Hélio Góis, Edvar Costa, Telmo Freitas, Dilcimar Oliveira, Baman Vieira, Sérgio Luiz, José Santana, Alfredo Sampaio, Edgar Costa, Carlos Alberto, Almir Pedreira, Jair Monteiro, Luiz Alberto, Lirismar de Macedo, João Falcão, Juarez Silveira, Ivan Machado e Tarcísio Vieira.

15. A nota da Rádio Dragão do Mar vinha assinada por Eduardo Silva — diretor, Euny Moreira — secretário, Nazareno Albuquerque, Gamaliel Noronha, Aurino Silva, Ademir Silva, Antônio Maria de Souza, Tarcísio Holanda.

16. O Estado, quarta-feira, 6 de setembro de 1961. A nota sob o título “A Themístocles, nosso apoio e aplausos” era assinada do seguinte modo: Redação e Gerência: Dr. Odalves Lima, Jerônimo Sampaio do Vale, Dário Macedo, Daniel Carneiro Job, Fernando César Moreira de Mesquita, Francisco Alves Maia, Dr. José Martins Jesus, Francisco de Assis Tavares, José Rangel, João Bosco Serra, José Maria Ferreira, Francisco Militão Félix, Júlio Martins Rocha, Francisco Chaves, Antonio de Pádua, Bráulio Pessoa Ramalho, Fernando Mendes, José Hélder Cordeiro, Edvard Alves de Lima, Joaquim Santiago, Otacílio Moraes e Silva, José de Freitas Araújo, Mário Cunha Alcântara, Dilcimar Oliveira e Carlos Alencar Filho. — Pessoal Gráfico: Milton Amâncio de Oliveira, Francisco Pereira Palácio, Francisco Batista Lacerda, Francisco Cunha Lima, Francisco Ferreira Lima, Geraldo Fernandes Costa, Severino Fernandes, José Paula Silva, Edmar Mussi de Lima, João Coelho de Andrade, Olavo de Oliveira Gomes, Francisco Souza de Oliveira, Raimundo de Freitas, Miguel Ferreira da Silva, José Monteiro Sampaio, Joaquim Guimarães, José Maria Sampaio, Jarbas Barbosa de Lima, Francisco Nunes, Raimundo Alves, José Pedro Moreira, Luis Coelho de Andrade, Antônio Nunes, Francisco Souza

Mattos, Luis Aires Falcão, João Geraldo Figueiredo, Geraldo dos Santos e José Balbino.

17. Muitos anos mais tarde, Américo Barreira seria vice-prefeito de Fortaleza na gestão de Maria Luiza Fontenele, 1º de janeiro de 1986 a 1º de janeiro de 1989.

18. MACEDO, Dário. *Themístocles: confortadora solidariedade*. Jornal *O Estado*. Fortaleza, 06 de setembro de 1961. Coluna *Passarela*. página 3.

19. GOVERNO do Estado solicitou saída dos oficiais culpados. Jornal *O Estado*. Fortaleza, 05 de setembro de 1961. Primeira página e página 2.

20. MACEDO, Dário. *Jango, meu presidente!* Jornal *O Estado*. Fortaleza, sábado, 02 de setembro de 1961. Abertura da Coluna *Passarela*. página 5.

21. *UM GOVERNANTE de bem*. Jornal *O Estado*. Fortaleza, 06 de setembro de 1961. página 3.

22. Idem

23. MACEDO, Dário. *Lacerda, um louco varrido*. Jornal *O Estado*. Fortaleza, 06 de setembro de 1961. Coluna *Passarela*. página 3.

24. Idem

25. *PALHANO quer de volta o jumento*. Jornal *O Estado*. Fortaleza, domingo, 03 de setembro de 1961. página 2.

26. *OS COVARDES dão as caras*. Jornal *O Estado*. Fortaleza, 07 de setembro de 1961. Editorial. Primeira página.

27. MACEDO, Dário. *A UDN é totalmente golpista*. Jornal *O Estado*. Fortaleza, 07 de setembro de 1961. Coluna *Passarela*. página 3.

28. Idem

29. O cratense Hermenegildo Firmeza, jornalista, professor, historiador, foi deputado estadual e federal. Morreu a 09 de março de 1961. No dia 15 de fevereiro de 1931, o jornal *Folha do Povo*, que desde 1920 estava sem circular, reaparece, ainda sob a direção de Hermenegildo Firmeza. Fonte: *Datas e fatos para a História do Ceará*, Leonardo Mota (páginas 130-182). Revista do Instituto do Ceará — ANNO LXIX, 1955, página 160.

30. Entrevista com Themístocles de Castro e Silva realizada em 27 de setembro de 2007 e publicada na revista *Entrevista*, número 19, março de 2008. Publicação da disciplina de Laboratório de Jornalismo Impresso, do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará. Professor orientador: Ronaldo Salgado.

31. Ibidem

32. Ibidem

33. Ibidem

34. Ibidem. [Nota: Traduzir aqui significava alterar o texto que era transmitido em linguagem telegráfica pela Agência Meridional (dos Associados) e colocá-lo em linguagem corrente, fluente.]

35. Na verdade a primeira edição do jornal foi um fiasco em termos de cronograma de impressão e de distribuição. “A edição deveria estar impressa às onze e meia da manhã. A redação fervilhava desde cedo, todos envolvidos numa tensa expectativa. Então, constatamos que a rotativa claudicava. [...] Só às oito da noite a edição ficou pronta”. In: WAINER, Samuel. *Samuel Wainer. Minha razão de viver — Memórias de um repórter*. 5. ed. Coordenação Editorial: Augusto Nunes. Rio de Janeiro: Record, 1988. página 142.]

36. Entrevista com Roberto Martins Rodrigues, realizada em Fortaleza no dia 12 de maio de 2015, terça-feira.
37. Entrevista com Lúcio Brasileiro, no dia 26 de janeiro de 2016.
38. Verbete “Marcelo Sanford de Barros”. FGV-CPDOC. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/marcelo-sanford-de-barros>> Acessado em 30 de junho de 2016. Fontes: CÂM. DEP. Anais; CÂM. DEP. Deputados; CÂM. DEP. Deputados brasileiros. Repertório (1946-1967).
39. *APELO de Themístocles ao Premier: derrube o escandaloso testamento*. Jornal *O Estado*. Fortaleza, quarta-feira, 04 de julho de 1962. Primeira página.
40. *DEPUTADO da própria UDN ameaça denunciar escândalo de Virgílio*. Jornal *O Estado*. Fortaleza, 05 de julho de 1962. Primeira página.
41. Jornal *O Estado*. Fortaleza, domingo, 08 de julho de 1962.
42. MACEDO, Dário. Coluna *Passarela*. Jornal *O Estado*. Fortaleza, domingo, 08 de julho de 1962. página 5.
43. *PTN tomou o lugar do jereissatismo em Paramoti*. Jornal *O Estado*. Fortaleza, 12 de julho de 1962.
44. CASTRO E SILVA, Themístocles. *As causas da crise*. Jornal *O Estado*. Fortaleza, 05 de julho de 1962.
45. CASTRO E SILVA, Themístocles. *A principal reforma*. Jornal *O Estado*. Fortaleza, 10 de julho de 1962.
46. CASTRO E SILVA, Themístocles. *Omissão e covardia*. Jornal *O Estado*. Fortaleza, quarta-feira, 11 de julho de 1962.
47. CASTRO E SILVA, Themístocles. *A oposição da UDN*. Jornal *O Estado*. Fortaleza, sexta-feira, 13 de julho de 1962. ANO XXVI. Nº 8.566
48. CASTRO E SILVA, Themístocles. *Não contou nem com o próprio partido*. Jornal *O Estado*. Fortaleza, domingo, 15 de julho de 1962. ANO XXVI.
49. CASTRO E SILVA, Themístocles. *16 anos de preguiça a serviço do Ceará!* Jornal *O Estado*. Fortaleza, domingo, 05 de agosto de agosto de 1962. Primeira página.
50. NERY, Sebastião. *Folclore político: 1950 histórias*. São Paulo: Geração Editorial, 2002. página 506. 651 p.
51. Jornal *O Estado*. Fortaleza, 20 de setembro de 1961. Primeira página.
52. *IRACEMA com um bom programa de esportes*. Jornal *O Estado*. Fortaleza, 20 de setembro de 1961.
53. NETO, Frota. Coluna *O Estado das coisas*. Jornal *O Estado*. Fortaleza, 22 de setembro de 1961. página 3.
54. Entrevista com Frota Neto, concedida na terça-feira, 26 de abril de 2016, via e-mail.
55. Depoimento de Fernando César Mesquita, em conversa via Facebook, em 18 de agosto 2016 às 22h31min.
56. Entrevista com Frota Neto, concedida na terça-feira, 26 de abril de 2016, via e-mail.
57. Idem
58. United States Information Service, o braço operacional da United States Information Agency (USIA), que funcionava também como agência de notícias, distribuindo artigos e reportagens, extinta em 1999.

59. Entrevista com Frota Neto, concedida na terça-feira, 26 de abril de 2016, via e-mail.
60. Ibidem
61. Ibidem
62. NETO, Frota. *Quase... Proto-história de um jornalista — Retratos de uma época*. Fortaleza: ABC Fortaleza, 2000. página 77.
63. Ibid. página 61.
64. Ibid. página 61.
65. Depoimento de Fernando César Mesquita na quarta-feira, dia 31 de agosto de 2016, às 23h36min13, via internet.
66. Idem
67. MACEDO, Dário. *Os azares da UDN*. Jornal *O Estado*. Fortaleza, sexta-feira, 1º setembro de 1961. Coluna *Passarela*. página 3.
68. Entrevista com Roberto Martins Rodrigues, realizada em 12 de maio de 2015, terça-feira.
69. A edição de sábado, 29 de outubro de 1938, página 12 do jornal *O Imparcial* (RJ), em sua coluna Sociedade, informa: “Chegou a esta capital a bordo do ‘Araranguá’, procedente dos portos do Norte, o médico Virgílio de Uzeda, sanitarista do Departamento Nacional de Saúde que exerce no momento o cargo de diretor de Saúde Pública do Ceará, a convite do interventor Menezes Pimentel. Foi acompanhar sua esposa que faria uma cirurgia na capital federal”.
70. BRASILEIRO, Núbia. *Por trás de um nome*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1984. 456 páginas. Página 30.
71. Idem.

8. O JORNAL FAZ 25 ANOS

No editorial, a premonição dos tempos sombrios

1. *CINCO lustros de existência*. Jornal *O Estado*. Fortaleza, domingo, 24 de setembro de 1961. Editorial.
2. Jornal *O Estado*. Fortaleza, domingo, 24 de setembro de 1961. Primeira página.
3. MARTINS, Carlyle. *Um quarto de século*. Jornal *O Estado*. Fortaleza, domingo, 24 de setembro de 1961. página 3.
9. Uma oficina de democracia. Carlyle Martins sauda mais um aniversário do jornal
10. Jornal *O Estado*, 24 de setembro de 1964. *A grande data*, Carlyle Martins, da Academia Cearense de Letras
11. Idem

9. 1964, UM ANO MUITO ESTRANHO

O jornal cobra ação social do governo Castelo

1. MARTINS, Carlyle. *A grande data*. Jornal *O Estado*. Fortaleza, 24 de setembro de 1964.
2. Idem

3. Jornal *O Estado*. Fortaleza, 12 de março de 1964.
4. Jornal *O Estado*. Fortaleza, domingo, 1º de março de 1964.
5. Idem
6. Jornal *O Estado*. Fortaleza, 17 de março de 1961.
7. *ABRIGO só oferece refresco de ameiba e outros venenos*. Jornal *O Estado*. Fortaleza, quinta-feira, 12 de março de 1964. página 8.
8. Idem
9. *O Estado* publica esta notícia somente na edição de sábado, 21 de março de 1961.
10. Jornal *O Estado*. Fortaleza, 18 de setembro de 1964. Primeira página.
11. Jornal *O Estado*. Fortaleza, 22 de setembro de 1964.
12. Jornal *O Estado*. Fortaleza, 03 de outubro de 1964.
13. Jornal *O Estado*. Fortaleza, 20 de setembro de 1964.
14. Raul Francisco Ryff nasceu em Berna, na Suíça, em 1911, mas mudou-se para o Rio Grande do Sul (Brasil) antes mesmo de completar um ano de idade. Foi um dos fundadores e segundo secretário da Aliança Nacional Libertadora (ANL), de orientação nacionalista, antifascista, de oposição ao governo, fechada por Getúlio Vargas, em 1935, quando entrou na clandestinidade. A grafia original do sobrenome é “Ryff” embora em muitos textos seja grafado Riff.
15. Jornal *O Estado*. Fortaleza, 13 de março de 1964.
16. Jornal *O Estado*. Coluna “José Rangel conta”. Fortaleza, 03 de março de 1964, página 8.
17. Idem
18. OPOSIÇÃO no Governo. Jornal *O Estado*. Fortaleza, 1º de outubro de 1964. página 2.
19. Idem

10. O “GUERRILHEIRO” RANGEL CAVALCANTE

As aventuras dos repórteres cearenses em Cuba

1. Entrevista com Frota Neto, concedida na terça-feira, 26 de abril de 2016, via e-mail.
2. Entrevista com Rangel Cavalcante, em 24 de setembro de 2015, no saguão do Hotel Gran Marquise, em Fortaleza. Lamentavelmente, um ano depois de conceder esta entrevista Rangel veio a falecer. Foi na segunda-feira, 26 de setembro de 2016, aos 77 anos, em Brasília, onde morava, em decorrência de um câncer. Deixa a esposa Celina e quatro filhos e netos. A entrevista com Rangel foi maravilhosa. Está gravada em vídeo em alta resolução com imagens do cinegrafista Luis Carlos Morerira.
3. Idem
4. Uma revista anual, *Almanaque Capivarol*, publicada pela primeira vez em 1919, a partir da cidade do Rio de Janeiro, para divulgar o tônico chamado Capivarol. Trazia curiosidades, datas comemorativas, anedotas e piadas. Tudo sem nenhum valor literário. No entanto, como o tempo tudo agrega valor, o *Almanaque* é hoje objeto até de estudos acadêmicos.
5. Entrevista com Rangel Cavalcante, em 24 de setembro de 2015, no saguão do Hotel Gran Marquise, em Fortaleza.

6. Ibidem
7. Ibidem
8. Entrevista com Inácio Almeida a 23 de dezembro de 2015, em Fortaleza.
9. NETO, Frota. *Quase... Proto-história de um jornalista – Retratos de uma época*. Fortaleza: ABC Fortaleza, 2000.

SEGUNDA PARTE 1996-2016

11. UM HOMEM DO CARIRI

Filho de dona Veneranda e de Luis, Venelouis

1. Jornal *O Estado*, 14 de setembro de 1945, número 2.663, página 3
2. Segunda entrevista com Ricardo Palhano, realizada na quinta-feira, 14 de julho de 2016.

12. A BELA E O FERA

A incrível história de amor de um baixinho e uma deusa

1. BRASILEIRO, Núbia. *Por trás de um nome*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1984. 456 páginas. Página 402.
2. Entrevista com Solange Palhano, em 21 de maio de 2015.
3. PALHANO, Wanda. *Espelho: Crônicas & Poesias*. Coordenação: Solange Palhano. Fortaleza: RDS Editora, 2013.
4. Primeira entrevista com Roberto Martins Rodrigues, realizada em 12 de maio de 2015, terça-feira.
5. PALHANO, Wanda. Op. cit. p. 48, nota 2.
6. AMORIM, Edgard Carlos de. Cubanização. *O Estado*. Fortaleza, quarta-feira, 24 de setembro de 2014. página 2.
7. O Palácio da Abolição, projeto do arquiteto carioca Sérgio Bernardes para sediar o Governo do Ceará, foi inaugurado somente no dia 4 de julho de 1970.
8. PALHANO, Solange. *O Estado*, 79 anos. *O Estado*. Fortaleza, sexta-feira, 25 set. 2015.
9. Idem
10. PALHANO, Wanda. Op. cit. p. 7, nota 2.
11. Ibid. p. 45.
12. Ibid. p. 45.
13. Entrevista com Solange Palhano em Fortaleza a 21 de maio de 2015.
14. Entrevista Soraya de Palhano Xavier em 24 de Fevereiro de 2016, no dia do aniversário de nascimento de Venelouis.
15. Idem
16. *HISTÓRIA de luta por um jornalismo independente*. Jornal *O Estado*. Fortaleza,

quarta-feira, 24 de setembro de 2014. Disponível em: <<http://www.oestadoce.com.br/geral/historia-de-luta-por-um-jornalismo-independente>> . Acessado em 18 de abril de 2015

17. Entrevista com Soraya de Palhano Xavier em 24 de Fevereiro de 2016, no dia do aniversário de nascimento de Venelouis.

18. BRASILEIRO, Núbia. *Por trás de um nome*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1984. 456 páginas. Página 403.

19. BRASILEIRO, Núbia. *Por trás de um nome*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1984. 456 páginas. Página 404

13. ENTRE TODAS AS MULHERES

As incríveis histórias do homem que amava casar

1. Entrevista por escrito com Marluce Férrer, sexta-feira, 1º de abril de 2016. Marluce nasceu em Lavras da Mangabeira-CE, no dia 21 de fevereiro de 1945. Era dez anos mais nova que Venelouis, nascido a 24 de fevereiro de 1935. Filha de Onezi Férrer de Souza e Francisco Bezerra de Souza. Com 11 anos foi estudar no Crato. Continuou o ginásial em Fortaleza, no Colégio Farias Brito, fez o Científico no Colégio Justiniano de Serpa e cursou o Normal no Centro Educacional do Ceará. Em 1975 fez vestibular para Administração, na Unifor, onde cursou somente um semestre. As perguntas foram enviadas e respondidas por escrito. Marluce não concordou em gravar entrevista.

2. Entrevista com Marluce Férrer, sexta-feira, 1º de abril de 2016.

3. Entrevista com Flávio Torres, gravada em vídeo, em 04 de setembro de 2015.

4. PERES, Ana Cláudia. *O amor entre o eterno e o efêmero*. Jornal *O Povo*. Fortaleza, 27 ago. 1994. página 7-B.

5. Ibidem

6. Ibidem

7. Entrevista com Rebeca Férrer Xavier, filha de Marluce Férrer e de Venelouis, realizada em 20 de fevereiro de 2016.

8. Para entender a gênese da formação do grupo do CIC que lançou Tasso Jereissati candidato ao governo do Ceará é indispensável a leitura do livro original de: MARTIN, Isabela. *Os empresários no poder*. Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 1993.

9. Segunda entrevista com Ricardo Palhano, realizada na quinta-feira, 14 de junho de 2016.

10. Entrevista com Newton Pedrosa, realizada em Fortaleza no dia em 22 de outubro de 2015.

11. Entrevista com Rebeca Férrer Xavier, filha de Marluce e Venelouis, realizada em 20 de fevereiro de 2016, em Fortaleza.

12. Entrevista com Flávio Torres realizada no dia 04 de setembro de 2015.

13. Primeira entrevista com Fernando Maia em 19 de novembro de 2015.

14. Entrevista com Flávio Torres em 04 de setembro de 2015.

15. Segunda entrevista com Fernando Maia em 26 de novembro de 2015.

16. Idem

17. Entrevista com Albânia Uchoa de Aguiar, em Fortaleza, 22 de janeiro de 2016.
18. Entrevista com Rebeca Férrer Xavier, realizada em Fortaleza no dia 20 de fevereiro de 2016. Rebeca é filha de Marluce Férrer e de Venelouis Xavier Pereira.
19. Entrevista com Fátima Estela Pita Pereira, sobrinha de Venelouis, em Fortaleza no dia 27 de janeiro de 2016.
20. Primeira entrevista com Ricardo Palhano em Fortaleza, realizada na quarta-feira, dia 13 de junho de 2016. Ricardo é filho de Wanda Palhano e de Venelouis Xavier Pereira.
21. Segunda entrevista com Ricardo Palhano, realizada na quinta-feira, 14 de junho de 2016.
22. Idem
23. Entrevista com Franzé Moraes realizada em Fortaleza, no dia 02 de julho de 2015.
24. Entrevista com Francisco Auto Filho, realizada em Fortaleza na sexta-feira, 31 de julho de 2015.
25. José Augusto Bezerra em depoimento publicado sob o título *Jornal O Estado, um veículo influente e respeitado*, O ESTADO Fortaleza, Ceará, Brasil Quinta-feira, 27 de outubro de 2016, página 15

14. O DELEGADO DE FERRO

Duro e incorruptível, Venelouis pagou um preço alto

1. Chablosz participou da Associação Cultural Franco-Brasileira do Ceará e da Sociedade Cearense de Artes Plásticas — SCAP. Realiza recitais de violino, dá aulas de música e realiza oficinas de artes plásticas influenciando de modo indelével muitos artistas em Fortaleza. Em 1945, volta ao Rio de Janeiro e expõe na galeria Askanasy com artistas cearenses, inclusive com o primitivista Chico da Silva (1910-1985). Em 1948, em outra temporada em Fortaleza, expõe no 4º Salão de Abril. Volta para a Europa e somente em 1960 retorna a Fortaleza. Em 1970 vai morar em Niterói. Morre em Fortaleza, em 1984, durante curta estadia na cidade.
2. CHABLOZ, Jean-Pierre. *Francisco Silva ou a Ingenuidade Perdida*. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, sábado, 23 de agosto de 1969. Capa Caderno B.
3. QUEIXA de Francisco Silva leva comerciante à cadeia por falsificar suas telas. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 15 de fevereiro de 1966. página 16.
4. CONTRABANDISTAS tentam subornar delegado no Ceará com Cr\$ um milhão mensal. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 13 de junho de 1965.
5. FUTURO dos contrabandistas do Nordeste, prisão no Ceará. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, domingo, 4 de julho de 1965. Primeiro caderno. Página 29.
6. O Estado de São Paulo. São Paulo, SP, 07 de dezembro de 1960. Página 40.
7. MACEDO, Dário. *Falta de vergonha!* Jornal O Estado. Fortaleza, sexta-feira, 1º de outubro de 1964. Coluna Política. Página 3.
8. MAIA, Edmundo. *Preso político suicida-se*. Jornal Última Hora. Rio de Janeiro, quarta-feira, 25 de maio de 1996. Edição nº 5.071. Primeira página.
9. Idem. página 3.
10. ALMEIDA, Nilton Melo. *Os ferroviários na cartografia de Fortaleza: rebeldes*

pelos caminhos de ferro. Fortaleza, 2009. Universidade Federal do Ceará. Página 192.

11. ELEMENTO implicado em inquérito enforcou-se no xadrez do 2º Distrito. *Jornal O Povo*. Fortaleza, CE, 20 de maio de 1966. Primeira página.

12. ALMEIDA, Nilton Melo. Op. cit. p. 199, nota 10.

13. *Jornal O Estado*, 17 de setembro de 1996.

15. VENELOUIS NO COMANDO

Começa um novo ciclo na história do jornal *O Estado*

1. Entrevista com José Oto Santana, em Fortaleza, no dia 03 de fevereiro de 2016.

2. A Marinoni, projetada por Hippolyte Marinoni, em Paris, começa a ser fabricada em 1865 e passa por sucessivas inovações. É possível vê-la em pleno funcionamento neste endereço <<https://www.youtube.com/watch?v=rRjoOTFKZDw>> Acessado em 31 de março de 2016, ou neste <<http://bit.ly/2cxHiQe>> acessado em 3 de setembro de 2016.

3. MACEDO, Dário. Coluna *Política*. *Jornal O Estado*. Fortaleza, 17 de janeiro de 1966. Página 2.

4. Disponível em <<http://www.estadao.com.br/historico/print/cronologia.htm>> Acessado em 18 de outubro de 2015.

5. “Na trilha da expansão imobiliária da cidade”, Luiz Roberto de Souza Queiroz, especial para *O Estado*, 25 de janeiro de 2015. Disponível em <<http://economia.estadao.com.br/blogs/radar-imobiliario/na-trilha-da-expansao-imobiliaria-da-cidade/>> Acessado em 18 de outubro de 2015.

6. PEREIRA, Venelouis Xavier. *Lacerda não pode repetir Castelo: sua união com Jango é espúria*. *Jornal O Estado*. Fortaleza, quinta-feira, 29 de setembro de 1966. Página 7.

7. Idem

8. PEREIRA, Venelouis Xavier. *Franklin cava túmulo das Finanças do Ceará*. *Jornal O Estado*. Fortaleza, terça-feira, 27 de setembro de 1966. Página 8.

9. Idem

10. *Jornal O Estado*. Primeira página da edição de domingo e segunda-feira, 24 e 25 de Setembro de 1995.

11. Idem

12. *Jornal O Estado*. Fortaleza, terça-feira, 10 de outubro de 1995. Página 8.

13. *Jornal O Estado*. Fortaleza, sábado e domingo, 04 e 05 de novembro de 1995. Primeira página e página 4.

14. Sistema de Vigilância da Amazônia, que teve um processo de contratação muito polêmico, sem licitação, beneficiando a empresa Raytheon, dos EUA, para montar um sistema de vigilância no espaço aéreo da Amazônia, algo em torno de US\$ 1,7 bilhão.

15. *Jornal O Estado*. Fortaleza, sábado e domingo, 23 e 24 de dezembro de 1995. Primeira página e páginas 13 e 26.

16. *Jornal O Estado*. Fortaleza, sábado e domingo, 30 e 31 de dezembro de 1995. Primeira página.

17. “Denim and Jeans Pour Out of Northeastern Brazil”. Disponível em <<http://www.nytimes.com/1994/04/07/business/denim-and-jeans-pour-out-of-northeastern->

-brasil.html>.

18. TASSO deveria pagar prejuízo de 10 milhões de dólares que deu ao BEC. *Jornal O Estado*. Fortaleza, sábado e domingo, 2 e 3 de fevereiro de 1996.

19. TASSO é mafioso, corrupto, ingrato e tomador de dinheiro da Sudene. *Jornal O Estado*. Fortaleza, 15 de março de 1996. Primeira página.

20. *Jornal O Estado*. Fortaleza, sexta-feira, 22 de março de 1996. Primeira página.

21. *Idem*

22. *Jornal O Estado*. Fortaleza, 16 e 17 de março de 1996. Página 5.

23. NETO, Pedro Gomes de Matos. Coluna *Diário Político*. *Jornal O Estado*. Fortaleza, quinta-feira, 14 de março de 1996. Página 2.

24. *Idem*

25. GOVERNO de FHC é fraco e seu PSDB é pura merda. *Jornal O Estado*. Fortaleza, 06 de agosto de 1996. Primeira página.

26. “Governo é 'débil', diz amigo de FHC”, por Emanuel Neri, enviado especial a Chiapas, México. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/8/02/brasil/6.html>>. Acessado em 22 de janeiro de 2016. Touraine fez a declaração em um acampamento da guerrilha Exército Zapatista de Liberação Nacional, em La Realidad, a 1.400 km da Cidade do México.

27. *Jornal O Estado*, terça-feira, 30 de abril de 1996, primeira página. A nota original publicada no jornal é essa: “O deputado Paes de Andrade, presidente nacional do PMDB, tem três aposentadorias e recebe quase R\$ 30 mil por mês. Ele é tão atrasado que luta pela manutenção da enfeiteuse e do laudêmio. Esse Paes é um verdadeiro dinossauro!”. Em outra edição, Venelouis ironizava: “Quando eu decidir publicar a história do bigode do Paes de Andrade pintado de ‘creon’, que foi notícia da revista *Veja*, vocês vão morrer de rir pelo ridículo que foi todo esse caso.”

28. O artigo “O presidente do PMDB” saiu publicado no alto da página 3, Opinião, *jornal Folha de S. Paulo*, de 08 de outubro 1995.

29. *Jornal O Estado*. Fortaleza, sábado e domingo, 01 e 02 de junho de 1996. Página 3.

30. O SUSSURRO de um perseguido e o grito de quem quer viver — Eu vou agora para a UTI, mas não tenho medo do corrupTasso. *Jornal O Estado*. Fortaleza, quinta-feira, 05 de setembro de 1996. Primeira página.

31. *Ibidem*

32. *Ibidem*

33. *Ibidem*

34. *Ibidem*

35. ESTAVA aterrorizado e voltei da morte e fui assaltado na U.T.I. *Jornal O Estado*. Fortaleza, 06 de setembro de 1996. Primeira página.

36. *Jornal O Estado*. Fortaleza, CE, 1º de setembro de 1996. Primeira página.

37. *Jornal O Estado*, 1º de setembro de 1996, primeira página: “Eu quero ver esse corrupto processar Helio Fernandes”. No texto, assinado por Venelouis e narrado na primeira pessoa, ele acrescenta: “Eu que sou talvez o único jornal independente do Nordeste e do Brasil, juntamente com a Tribuna da Imprensa, de Helio Fernandes, peça socorro, me ajudem contra este Tasso” e aí acrescenta três adjetivos totalmente exa-

cerbados: “corrupto, violento e prepotente.” E mais: “A guerra agora não é contra mim. Este nojento vai ter de prestar contas com a Associação Brasileira de Imprensa”. O texto de Venér se prolonga ainda mais, em críticas e adjetivos como “perseguidor de funcionários públicos”, “mau patrão”, “sem vergonha”, “enganador de operários”. Estava aqui expresso o estado terminal de um embate que só foi respondido em ação judicial.

38. TASSO é fisiologista sonegador e Paes de Andrade é um dinossauro. *Jornal O Estado*. Fortaleza, quarta-feira, 04 de abril de 1996. Primeira página.

39. *Idem*

40. Revista *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 20 de março de 1954. Páginas 15-18.

41. *Jornal O Estado*, terça-feira, 03 de setembro de 1996, primeira página: “Presidente da ABI e Helio Fernandes denunciam que Tasso quer fechar o jornal *O Estado*”. No texto de sua autoria, Venelouis também acrescenta: “O jornal *O Estado* completará neste mês 60 anos de fundação. É o único independente do Nordeste. Eu sou bem nascido: meu pai, o coronel Luis Pereira, era dono da água e da luz do [município] Jardim, sem fazer contrabando [...] Minha mãe, descendente de nobres franceses, sem ser turca como esse desonesto...” As frases sempre concluem com a citação literal dos nomes dos seus alvos. Continua: “Esse corrupto quer sufocar meu jornal, mas eu conto com o Ceará e minha Fortaleza para resistir. Ele quer acabar com todos os empresários de nossa terra, trazendo asiáticos que lhe dão propinas. Seu sem-vergonha corrupto, você não vai fechar meu jornal.” Este foi um dos últimos uivos de um lobo ferido. A ação judicial de Tasso por danos morais, calúnia, infúria e difamação prosperava na Justiça e Venelouis temia pela perda do jornal.

42. Referência a Juan Carlos María Wasmosy Monti, o empresário, engenheiro e político que foi o primeiro presidente do Paraguai após a ditadura Alfredo Stroessner. Governou de 15 de agosto de 1993 a 15 de agosto de 1998.

43. *Jornal O Estado*. Fortaleza, quinta-feira, 04 de julho de 1996, primeira página. Antetítulo: O maior jornalista denunciou corrupto a todo o Brasil. Título, manchete: Tasso quer fechar o jornal *O Estado* e acabar com a oposição no Ceará.

44. *Jornal Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro, terça-feira, 02 de julho de 1996. Coluna Helio Fernandes. Página 9.

45. *Idem*

46. CID CARVALHO: Vitória de Cambraia é o fim de Tasso e Ciro. *Jornal O Estado*. Fortaleza, domingo e segunda-feira, 13 e 14 de setembro de 1992. Primeira página.

47. CERTEZA da derrota leva PSDB a usar a violência. *Jornal O Estado*. Fortaleza, domingo e segunda-feira, 06 e 07 de setembro de 1992.

48. Entrevista com Solange Palhano em Fortaleza, no dia 21 de maio de 2015.

49. Segunda entrevista Ricardo Palhano, realizada na quinta-feira, 14 de junho de 2016.

50. *Ibidem*

51. *Ibidem*

52. ARAÚJO, Osvaldo. *Breve e incompleta notícia sobre um jornal*. Fortaleza: Omni Editora, 2008. 176 páginas. Páginas 124 e 125.

53. *Idem*.

54. Idem.

55. PARENTE, Francisco Josênio Camelo. *A fé e a razão na política: conservadorismo e modernidade das elites cearenses*. Fortaleza: Edições UFC / Edições UVA, 2000. Página 191.

56. DIRCEU, o amarelo, não é reconhecido na barraca do Piauí. *Jornal O Estado*. Fortaleza, quarta-feira, 06 de julho de 1978. Página 8.57. Coluna de Sebastião Nery, Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, 23 de março de 1999.

58. Disponível em <<http://www.tribunadaimprensasindical.com/>>. Acessado em 28 de novembro de 2016

59. Entrevista de Alberto Dines e Ancelmo Gois com o jornalista Hélio Fernandes exibida na terça-feira 22 de abril de 2014 no programa Observatório da Imprensa, pela TV Brasil.

60. Entrevista a Solange Palhano concedida por Helio Fernandes, na quarta-feira, 30 de março de 2016, no Rio de Janeiro (RJ).

61. idem

62. GOMES, Ian. *Gente de imprensa*. Fortaleza, dezembro de 1996. Editora Gráfica LCR.

63. A jornalista Ian Gomes gentilmente me cedeu uma cópia do programa onde pude ver e ouvir Venelouis respondendo às suas perguntas.

16. ESCOLA DE MUITAS GERAÇÕES

Os seus vários ciclos, O Estado foi um centro de formação

1. LACERDA não pode repetir Castelo: sua união com Jango é espúria. *O Estado*, Fortaleza, sexta-feira, 29 de setembro de 1966.

2. Idem

3. Idem

4. Livro lançado em 1961, nos Estados Unidos, pela editora Macmillan (New York): *An Introduction to Journalism*.

5. Entrevista com Francisco Auto Filho, na sexta-feira, 31 de julho de 2015, gravada em vídeo *full-HD* na sede do jornal *O Estado*.

6. Ibidem

7. Ibidem

8. Ibidem

9. José Augusto Lopes. *O Estado*. Fortaleza, 30 de setembro de 1993. Página 11.

10. “Le Dernier Tango à Paris” é um drama erótico franco-italiano de 1972 dirigido por Bernardo Bertolucci, estrelado por Marlon Brando e pela então desconhecida Maria Schneider. Gerou grandes polêmicas, á época.

11. Entrevista com José Augusto Lopes via Facebook, em 25 de julho de 2016, às 9h30min. Trata-se de um dos mais brilhantes textos de sua geração. Irreverente, original e criativo.

12. Ibidem

13. Ibidem

14. SÔNIA PINHEIRO: “Só tenho boas recordações d’*O Estado*”. *O Estado*, Fortaleza, domingo e segunda-feira, 03 e 04 de outubro de 1993. Página 04.

15. Sobre a professora Madge, Izaira Silvino declarou: Eu nunca pensei muito em trilhar o caminho de professor não, mas eu adorava meus professores. Eu me lembro da Madge Schaumann, que era professora de Português, foi minha professora desde a quinta série até o último ano do curso normal. Ela foi que me ensinou a fazer os alunos se encantarem por escrever e ler, porque ela encantava a gente a escrever e ler, era uma encantadora. Em: SILVA, Eduardo Teixeira da. Um projeto de Educação musical e de canto coral na UFC: o protagonismo pedagógico de Izaira Silvino/Eduardo Teixeira da Silva. 2012. – página 67. Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará.

16. SÔNIA PINHEIRO: “Só tenho boas recordações d’*O Estado*”. *Jornal O Estado*. Fortaleza, domingo e segunda-feira, 03 e 04 de outubro de 1993. Página 04.

17. Idem

18. Entrevista com Marcondes Viana em 06 de maio de 2016. O jornalista Marcondes Viana Maciel nasceu em Aracati (CE) em 27 de março de 1947, filho de Raimundo Leonardo Maciel e Clotilde Viana Maciel. Vem de uma família de quatro irmãos. Passou parte da infância em Aracati — até os quatro anos — e a partir dos cinco em Fortaleza. A memória mais importante de sua juventude foi ter participado do movimento escolteiro; das lideranças estudantis; do Apostolado da Oração da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, tocado pelo superior dos capuchinhos, Frei Conrado. A fase que considera mais importante na sua formação educacional cultural foi o tempo em que estudou no Colégio Cearense, em Fortaleza.

19. Entrevista com Marcondes Viana, em 06 de maio de 2016.

20. Entrevista com Fátima Bandeira, em 22 de maio de 2016.

21. Idem

22. Entrevista com Marcondes Viana, em 06 de maio de 2016.

23. Entrevista com Sheila Raquel em quinta-feira, 19 de maio de 2016. Ela deu os primeiros passos no jornalismo no jornal *O Estado*. Hoje é servidora pública federal lotada no Ministério da Saúde. Nasceu em Fortaleza no dia 17 de agosto de 1976.

24. Ibidem

25. Ibidem

26. BATISTA, Macário. *Inveja branca (se é que tem preta)*. *Jornal O Estado*. Fortaleza, segunda-feira, 28 de dezembro de 2015. Página 4; disponível em: <<http://www.oestadoce.com.br/sem-categoria/inveja-branca-se-e-que-tem-preta>> Acessado em 06 de outubro de 2016.

27. Idem

28. José Maria Lopes, cujo pseudônimo era Marciano Lopes, nasceu no dia 19 de novembro de 1935, em Beberibe (CE) e faleceu em Fortaleza, no dia 18 de setembro de 2015. Assinou a coluna *Cultura e Artes*, no jornal *O Povo*, entre 1964 e 1965. Depois foi para o jornal *O Estado* e mais tarde para o jornal *Diário do Nordeste*. Um dos seus livros memoráveis é “*Royal Briar, A Fortaleza dos Anos 40*”, 2ª edição, Fortaleza, Gráfica Editora Tipoprogresso, 1988.

29. “Eu n’O *Estado*”, Marciano Lopes. Publicada em sua coluna “Tirada do baú”, no caderno semanal *Gente*, jornal *Diário do Nordeste*, 08 de agosto de 2006.
30. Idem
31. Entrevista com Gilmar de Carvalho, em 18 de agosto de 2015, gravada em vídeo *full-HD* na sede do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará, na avenida da Universidade, 2762, Benfica, Fortaleza, CE.
32. No dia 15 de julho de 1974, o professor Paulo Lopes Filho morreu em decorrência de complicações cardiovasculares, aos 45 anos de idade.
33. Entrevista com Gilmar de Carvalho, em 18 de agosto de 2015.
34. Idem
35. Suplemento da *Tribuna*, Rio de Janeiro, 31 de agosto — 1 de setembro de 1974, p. 8; 21 e 22 de dezembro de 1974, p. 4; 1 e 2 de março de 1975, p. 8.
36. Jornal *O Estado*. Fortaleza, 23 de maio de 1971.
37. Idem
38. Jornal *O Estado*. Fortaleza, 06 de junho de 1971.
39. Jornal *O Estado*. Fortaleza, 30 de maio de 1971. Coluna *Passarela*.
40. Entrevista gravada em vídeo *full-HD* com Flávio Torres, em 04 de setembro de 2015, em Fortaleza, CE.
41. Com a morte do senador Virgílio Távora, no dia 3 de junho de 1988, José Afonso Sancho, primeiro suplente, assume sua vaga no Senado Federal. Em 14 de dezembro de 1957, Sancho lançou o jornal *Tribuna do Ceará*; em 29 de maio de 1971, o jornal passou a integrar o grupo Edson Queiroz até a saída de Edson da sociedade, no início dos anos 1980.
42. Entrevista com Flávio Torres, em 04 de setembro de 2015.
43. Idem
44. Primeira entrevista com Fernando Maia, em 19 de novembro de 2015, gravada em vídeo *full-HD*.
45. Marca da Akai Electric Co., Ltd. fundada em Tokyo, Japão, em 1929.
46. Primeira entrevista com Fernando Maia, em 19 de novembro de 2015.
47. Entrevista com Pedro Gomes de Matos, no dia 16 de dezembro de 2015, pela manhã, gravada em vídeo *full-HD* na sede do jornal *O Estado*.
48. Entrevista com Newton Pedrosa, em 22 de outubro de 2015, gravada em vídeo *full-HD* na sede do jornal *O Estado*, em Fortaleza (CE)
49. Idem
50. Entrevista com José Carneiro Rangel, em 27 de janeiro de 2016, gravada em vídeo *full-HD* na sede do jornal *O Estado*, em Fortaleza.
51. Faculdade de Direito — 110 Anos. Crônica publicada no jornal *O Estado*, em 1º de março de 2013.
52. Coluna de Sebastião Nery, *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 23 de março de 1999.
53. Entrevista com José Carneiro Rangel, em 27 de janeiro de 2016.
54. Idem
55. Este episódio é narrado também por Sebastião Nery em seu *Folclore político: 1950 histórias*, página 503.

17. OS MILAGRES DA IMPRESSÃO

O jornal se reinventando a cada dia

1. Entrevista com Antônio Valderi Martins, em 28 de janeiro de 2016.
2. Entrevista com Fran Erle, no dia 5 de agosto de 2015, gravada em vídeo *full-HD* na sede do jornal *O Estado*, em Fortaleza.

18. HÉLDER, DE THEMÍSTOCLES A VENELOUIS

O olhar de quem viveu duas fases do jornal *O Estado*

1. Foram gravadas duas entrevistas com Hélder Cordeiro. Esta, a primeira, foi concedida no dia 02 de junho de 2015.
2. Zelito Nunes Magalhães foi presidente da ACI — Associação Cearense de Imprensa — empossado em setembro de 2004. Nasceu no dia 8 do ano de 1935, em Fortaleza.
3. Entrevista com Lúcio Brasileiro, no dia 26 de janeiro de 2016, gravada em vídeo *full-HD* na sede do jornal *O Estado*, em Fortaleza.
4. Depoimento de Gervásio de Paula ao autor via rede social Facebook, em domingo, 29 de novembro de 2015, às 17h14min. Devido a complicações de saúde Gervásio teve acentuada perda da voz.
5. Luiz Crescêncio Pereira era lojista, dono da Casa Crescêncio que tinha o slogan “Uma solução para cada problema”. À noite ele sempre ia ao jornal. Um dos seus filhos foi Jackson Pereira, brilhante deputado federal, precocemente falecido.
6. Esta é a primeira entrevista com Hélder Cordeiro, concedida no dia 02 de junho de 2015.
7. *Idem*
8. No plano nacional, a Coca-Cola vivia uma negociação com o governo militar. No dia 15 de fevereiro de 1966, o *Jornal do Brasil* publica uma minúscula notícia, no meio da página 10, ao lado de sua antológica coluna *Informe JB* sob o título “Coca-Cola autorizada a continuar: O presidente Castelo Branco assinou decreto renovando e autorizando para que *The Coca-Cola Export Corporation*, de Wilmington, North Carolina, nos Estados Unidos, continue a funcionar no País, explorando a produção de refrigerantes”. Fonte: *Jornal do Brasil*, página 10, 1º caderno. Rio de Janeiro, terça-feira, 15 de fevereiro de 1966.
9. Entrevista com Hélder Cordeiro. Esta, a primeira, foi concedida no dia 02 de junho de 2015.
10. *Idem*

19. UMA RELAÇÃO ENTRE TAPAS E BEIJOS

Sócios e amigos, Venelouis e Sérgio brigaram feio

1. Sérgio Moreira Philomeno Gomes nasceu em Fortaleza, CE, 2 de março de 1941 e morreu no Rio de Janeiro, RJ, no dia 24 de abril de 1987. Economista e empresário, enveredou pela política e elegeu-se deputado federal em 1982, pelo PDS. Filho de José Maria Philomeno Gomes e Suzana Moreira Philomeno Gomes, graduou-se em Economia em

1965 pela Universidade Federal do Ceará. Foi um dos mais arrojados empresários cearenses em sua época.

2. Entrevista com José Maria Philomeno, economista e advogado, filho de Sérgio Moreira Philomeno Gomes, gravada em Fortaleza, no dia 29 de dezembro 2015.

3. *Idem*

4. José Maria era um dos 14 filhos do coronel Francisco Philomeno Ferreira Gomes em dois casamentos: do primeiro, com Maria Izaura Carneiro de Messias, nasceram sete filhos, e, do segundo, com Maria Izabel Carneiro de Messias, irmã de Maria Izaura, mais outros sete. Os filhos que se destacaram no meio empresarial foram: Pedro Philomeno Ferreira Gomes, com negócios nas áreas do tabagismo (cigarros), óleos vegetais e sabão, tecidos, redes de dormir, hotelaria, negócios imobiliários e construção civil e agricultura; Francisco Otávio Philomeno Ferreira Gomes teve negócios no setor de tecidos e no setor imobiliário; Joaquim Markan Philomeno Ferreira Gomes, cigarros e comércio; José Maria Philomeno Ferreira Gomes, em cigarros e refrigerantes — Coca-Cola. Fonte: VIANA, Carlos Negreiros. *A vida empresarial de Pedro Philomeno: um longo e fundamental capítulo da história industrial do Ceará*. In: Revista do Instituto do Ceará — 2008, páginas 213-223.

5. Entrevista com José Maria Philomeno, em 29 de dezembro 2015.

6. Entrevista com Rangel Cavalcante, em 24 de setembro de 2015, no saguão do Hotel Gran Marquise, em Fortaleza, CE.

7. Entrevista com José Maria Philomeno, em 29 de dezembro 2015.

8. COCA-COLA: os líderes de um sistema vitorioso. Revista *Veja*. São Paulo, edição de 03 de março de 1982. Páginas 55-62.

9. ORELHUDO profissional. Revista *Veja*. São Paulo, 04 de março de 1992. Página 22.

10. *Idem*

11. COCA-COLA não é encontrada em todo o Nordeste. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 23 de novembro de 1982. Primeiro Caderno, página 24.

12. CASSADO não perdoa governador. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, segunda-feira, 09 de setembro de 1985. Página 3.

13. Entrevista com José Maria Philomeno, em Fortaleza, 29 de dezembro 2015.

14. UM AMIGO de Sempre. *Jornal O Estado*. Fortaleza, 24 de setembro de 1963. Primeira página.

15. Entrevista com José Maria Philomeno, em 29 de dezembro 2015.

16. *Ibidem*

17. *Ibidem*

18. SÉRGIO PHILOMENO, a perda de uma das maiores inteligências do Ceará. *O Estado*. Fortaleza, 26 e 27 de abril de 1987. Página 5.

20. FRAN ERLE E O ESTADO DO CARIRI

A utopia regional de Venelouis, volta às origens

1. Entrevista com Fran Erle, no dia 5 de agosto de 2015.

2. CRIME na terra do medo. Revista *Veja*. São Paulo, 07 de dezembro de 1977. Pá-

ginas 32-34.

3. Entrevista com Fran Erle, no dia 5 de agosto de 2015, em Fortaleza.
4. ARRUDA, Inácio. (Org.). *Messias Pontes, o guerrilheiro da palavra*. Fortaleza: Gráfica Pouchain Ramos, 2014.
5. Entrevista com Eliomar de Lima, via e-mail, em 22 de junho de 2016.

21. SEQUESTRO, BARBÁRIE E COVARDIA

Venelouis, sequestrado, espancado e largado nu

1. Entrevista com Flávio Torres, em 04 de setembro de 2015.
2. Entrevista com Marluce Férrer, em sexta-feira, 1º de abril de 2016.
3. Jornal *O Estado*, primeira página. “Covardes” é a manchete da edição de fim de semana, datada domingo, dia 11, e segunda-feira, dia 12 de novembro de 1972.
4. Idem
5. Coronel da Infantaria do Exército exerceu a função de 17 de março de 1971 a 17 de março de 1973, em Fortaleza.
6. Coluna “Cartas na mesa”, de Newton Pedrosa. Jornal *O Estado*. Fortaleza, terça-feira, 13 de novembro de 1972.
7. Idem
8. Nota publicada nos jornais de Fortaleza no dia 11 de novembro de 1972.
9. Em 1972, a Associação Cearense de Imprensa era presidida por Antônio Carlos Campos de Oliveira, tendo como vice-presidente José Caminha de Alencar Araripe. O Conselho Superior era formado por José Barreto Parente, Manuel Eduardo Pinheiro Campos, José Raimundo Costa, José Pessoa de Araújo, Darci Costa, Rômulo Siqueira, Astrolábio Queiroz Filho, Venelouis Xavier Pereira, José Afonso Sancho, José Cabral de Araújo, Almir Macedo de Mesquita (general), José Osvaldo de Araújo, Daniel Carneiro Job, Luis Cavalcante Sucupira (comendador), José de Arimatéia Antunes Diniz (padre).
10. Nota publicada nos jornais de Fortaleza no dia 11 de novembro de 1972.
11. JORNALISTA espancado vai a exame. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, terça-feira, 14 de novembro de 1972. Página 26.
12. *Jornal do Brasil*, 14 de novembro de 1972, terça-feira, página 26: “Jornalista espancado vai a exame”. Na mesma notícia o *Jornal do Brasil* informa o seguinte: além do tenente-coronel Jarbas Botelho que comandou o sequestro e o espancamento do jornalista, já foram identificados vários dos oficiais que participaram da operação, dentre os quais o major Paulo Teles da Silva, comandante do Batran, e os capitães Cícero Vasques Landim, Sebastião Leme Ribeiro, Marconi Paulo Viana, Francisco Moura Brasil e Roberto Parente Mendes, além dos tenentes Alfredo, Rocha, Aires e Coutinho.
13. Apelo à força. *Veja*. São Paulo, 22 de novembro de 1972. Edição nº 220. Páginas 17 e 18. O correspondente da revista no Ceará era José Maria Andrade, o diretor de redação de *Veja* era o jornalista Mino Carta.
14. “A revista circulava às segundas, exclusivamente nas bancas, e a redação encerrava o expediente na noite de sábado”, diz Mino Carta, em depoimento à Fundação Perseu Abramo, em 18 de abril de 2006. Disponível em <<http://novo.fpabramo.org.br/>

content/mino-carta> Acessado em em 06 de outubro de 2016.

15. SARAIVA, J. Ciro. *Antes dos Coronéis: Episódios inéditos de “No tempo dos coronéis”*. Fortaleza: ABC, 2012. Página 291.

16. Brazil Censors a Report by Paper on Censorship. *The New York Times*, abril 5, 1973. Disponível em <http://www.nytimes.com/1973/04/05/archives/brazil-censors-a-report-by-paper-on-censorship.html?_r=0> Acessado em 10 de julho de 2016.

17. ANAIS do Senado, mês de abril de 1973, 17^a. a 32^a. Sessões. Secretaria dos anais, Brasília, Brasil, 1974.

18. ANAIS do Senado, mês de abril de 1973, 17^a. a 32^a. Sessões. Secretaria dos anais, Brasília, Brasil, 1974; Para a referência a Venelouis, página 106.

19. Idem

20. Entrevista com Iranildo Pereira, em 24 de junho de 2015.

21. Ibidem

22. Ibidem

22. A CURTIÇÃO DO GUTO

As aventuras de uma geração criativa e irreverente

1. Entrevista com Augusto Cesar Benevides, realizada em Fortaleza, no dia 29 de julho de 2015, gravada em vídeo *full-HD* na sede do jornal *O Estado*.

2. Refere-se ao livro *A televisão no Ceará: Indústria Cultural, Consumo e Lazer*. Fortaleza: OMNI Editora Associados, 2004, de sua autoria, publicado inicialmente em 1985.

3. Entrevista com Gilmar de Carvalho, realizada no Curso de Jornalismo da UFC, em Fortaleza, no dia 18 de agosto de 2015.

4. Entrevista com Augusto Cesar Benevides, realizada em Fortaleza, no dia 29 de julho de 2015. Francisco Ferreira da Ponte foi deputado pelo Partido Social Democrático — PSD. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais em março de 1920 dedicou-se à advocacia. De 1921 a 1928 foi Promotor de Justiça da comarca de Sobral, depois 1º Tabelião Público de Fortaleza. Presidente da executiva do PSD elegeu-se deputado em 1947. Reeleito na legislatura seguinte, foi convidado pelo então governador Raul Barbosa para assumir a Secretaria de Polícia e Segurança Pública, onde permaneceu até janeiro de 1952. Foi eleito Presidente da Assembleia Legislativa em 1954. Assumiu a governadoria do Estado por quatro meses, na ausência do vice governador, Stênio Gomes da Silva. Quando saiu da vida pública passou a atuar como Tabelião Titular do Cartório Ponte.

5. O major Rinaldo Cisneiros foi exonerado do cargo de Diretor Geral do Detran em 4 de fevereiro de 1973. FONTE: Revista do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico, 2000.

6. Flávio Torres tem outra versão. Foi preso em uma sala e, magérrimo, fugiu pela tubulação de ar.

7. Entrevista com Augusto Cesar Benevides, em Fortaleza, 29 de julho de 2015.

8. Playboy entrevista Tasso Jereissati. Revista *Playboy*, janeiro 1998. Páginas 35-53. Entrevista realizada por Marcos Emilio Gomes com o então governador do Ceará.

9. Carlos Jereissati, filho de Aziz Kalil Jereissati e Maria José Boutala Jereissati, nas-

ceu no dia 2 de dezembro de 1917, em Fortaleza, Ceará. Casou-se com Maria de Lourdes Ribeiro Jereissati. Em 1938 fundou a firma Carlos Jereissati & Cia, especializada em comércio de tecidos por atacado. Em 1952, fundou a Imobiliária Carlos Jereissati S.A., implantou o Grande Moinho Cearense, dotou Fortaleza de um moderno hotel da época, o Savannah, adquiriu e dinamizou a Metalúrgica La Fonte, em São Paulo, tornando-a o maior complexo industrial de ferragens para construções no Brasil. Paralelo às suas atividades empresariais, foi Diretor da Associação Comercial do Ceará (1951-1952), Deputado Federal por duas legislaturas (1954-1958 e 1958-1962) e Senador da República (1963), falecendo logo após assumir o último cargo. Fonte: Instituto Queiroz Jereissati. Disponível em <<http://institutoqueirozjereissati.org.br/Noticia/30/Cinquentenario-de-falecimento-de-Carlos-Jereissati>>. Acessado em 2 de junho de 2016.

10. BRASILEIRO, Núbia. *Por trás de um nome*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1984. 456 páginas. Pagina 381.

11. Entrevista com Augusto Cesar Benevides, em Fortaleza, 29 de julho de 2015.

12. PALHANO, Felipe Muniz. *40 anos com programação moderna e diversificada*. Jornal *O Estado*. Fortaleza, segunda-feira, 10 março 2014. Da Redação.

23. ADÍSIA NO COMANDO

A colunista e secretária do jornal assume a redação

1. O mesmo Hélio Pinho que mais tarde, em 16 de dezembro de 1983, ganharia as páginas policiais por ter assassinado sua esposa, Maria Aurenívea Costa Pinho.

2. Entrevista com Adísia Sá na quinta-feira pela manhã, dia 18 de junho de 2015, em seu gabinete de presidente da Associação Cearense de Imprensa, em Fortaleza.

3. *Ibidem*

4. *Ibidem*

5. Fiz este teste no dia 09 de abril de 2016. Todas as 60 primeiras ocorrências iniciais remetem para Adísia Sá. Parei nas 60, mas certamente as demais também remeterão para Adísia.

6. AMORIM, Luíza Helena. *Adísia Sá: uma biografia*. Fortaleza: Omni, 2005.

7. Entrevista com Adísia Sá na quinta-feira pela manhã, dia 18 de junho de 2015, em seu gabinete de presidente da Associação Cearense de Imprensa.

8. AIRES, Durval. *Bilhete para Adísia Sá*. Jornal *O Estado*. Fortaleza, quinta-feira, 04 de setembro de 1958. Página 3.

9. *Ibidem*

10. SÁ, Adísia. Coluna *Linha de Frente*. Jornal *O Estado*. Fortaleza, 02 de abril de 1975. Página 7.

11. *Idem*

12. Jornal *O Estado*. Fortaleza, 03 de abril de 1975. Coluna *Linha de Frente*.

13. Jornal *O Estado*. Fortaleza, 04 de abril de 1975. Coluna *Linha de Frente*.

14. Jornal *O Estado*. Fortaleza, 04 de abril de 1975. Coluna *Linha de Frente*.

15. Jornal *O Estado*. Fortaleza, 09 de abril de 1975. Coluna *Linha de Frente*.

16. Jornal *O Estado*. Fortaleza, 23 de abril de 1975. Coluna *Linha de Frente*.

17. Idem

18. Jornal *O Estado*. Fortaleza, 23 de abril de 1975. Coluna *Linha de Frente*.

19. É possível que Adísia se refira ao livro *A Rebelião dos Jovens*, de Flávio Alcaraz Gomes, Ano: 1968 – Ed. Globo. 140 páginas.

20. HOMENAGEM. Publicado no Caderno *Linha Azul*, jornal *O Estado*, em 04 de fevereiro de 2005. Fonte: PALHANO, Wanda. *Espelho*. Crônicas & Poesias. Solange Palhano. (Coord). Fortaleza: RDS Editora, 2013. Página 45.

24. VENELOUIS, MORTE E REPERCUSSÃO

Termina o ciclo das grandes polêmicas e embates

1. MORRE Venelouis. Jornal *O Estado*. Fortaleza, terça-feira, 17 de setembro de 1996. Primeira página.

2. Idem

3. A LUTA continua. Jornal *O Estado*. Fortaleza, terça-feira, 17 de setembro de 1996. Primeira página.

4. Idem

5. Declaração Universal dos Direitos Humanos — Adotada e proclamada pela resolução 217 A (III) da Assembleia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948. Disponível em <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001394/139423por.pdf>> Acessado em 23 de janeiro de 2016.

6. Jornal *O Estado*, 17 de setembro de 1996, “ABI repudia violência de Tasso contra jornal *O Estado*”. O jornal publicou várias suspeições contra o governador. Nenhuma delas foi confirmada pelos fatos. A ação movida contra Venelouis parou de tramitar após sua morte. A polêmica também arrefeceu. O jornal adotou uma linha orientada pela “doutrina da objetividade”, priorizando a notícia e a reportagem e limitando a opinião e a análise de conjuntura ao Editorial, aos articulistas e aos colonistas.

7. Entrevista com Lúcio Brasileiro, em 26 de janeiro de 2016.

8. Entrevista com José Carneiro Rangel, em 27 de janeiro de 2016.

9. *História de luta por um jornalismo independente*. Jornal *O Estado*. Fortaleza, quarta-feira, 24 de setembro 2014. Disponível em: <<http://www.oestadoce.com.br/geral/historia-de-luta-por-um-jornalismo-independente>> Acessado em 06 de outubro de 2016.

10. Entrevista com Gilmar de Carvalho, em Fortaleza, 18 de agosto de 2015.

11. Idem

25. WANDA E RICARDO, SUCESSORES

Com a morte de Venelouis, o jornal inicia novo ciclo

1. Entrevista com Ricardo Palhano, em Fortaleza, 13 de junho de 2016.

2. Idem.

3. Idem.

4. Segunda entrevista Ricardo Palhano, realizada na quinta-feira, 14 de junho de 2016.

26. LAÇOS DE AFETO

O jornal *O Estado* faz parte do imaginário do cearense

1. *O Estado*, *História de luta por um jornalismo independente*, quarta-feira, 24 de setembro 2014. Disponível em <<http://www.oestadoce.com.br/geral/historia-de-luta-por-um-jornalismo-independente>>

2. Idem

3. Depoimento de de José Nilton da Silva Júnior — o Júnior Grandão, concedido no dia 6 de outubro de 2016. Ele atua no jornal *O Estado* desde 10 de janeiro de 1994, há 22 anos.

4. *História de luta por um jornalismo independente*, jornal *O Estado*, quarta-feira, 24 de setembro 2014. Disponível em <<http://www.oestadoce.com.br/geral/historia-de-luta-por-um-jornalismo-independente>>

5. Idem

6. Idem

7. Idem.

8. *Projeto gráfico de OE enfatiza a natureza da mídia impressa*, jornal *O Estado*, terça-feira, 10 de fevereiro 2015, página 12.

9. Idem

10. Idem.

11. Idem

12. Idem

13. Idem

14. *O ESTADO — 80 anos depois*, jornal *O Estado*, caderno Linha Azaul, sexta-feira, 23 de setembro 2016, página 4

15. Idem

16. *80 anos e todas as emoções*, jornal *O Estado*, sexta-feira, 23 de setembro 2016, primeira página

17. José Augusto Bezerra, bibliófilo, escritor, presidente da Academia Cearense de Letras, fundador e primeiro presidente da Associação Brasileira de Bibliófilos, ex-presidente do Instituto do Ceará. Seu acervo tem valor imensurável. Tem livros raros que remontam à Gutenberg, o primeiro a mecanizar a produção de livros. Fonte: *Jornal O Estado*, um veículo influente e respeitado, *O ESTADO Fortaleza*, Ceará, Brasil Quinta-feira, 27 de outubro de 2016, página 15

18. *Jornal O Estado*, um veículo influente e respeitado, jornal *O Estado*, Fortaleza, Ceará, Brasil, quinta-feira, 27 de outubro de 2016, página 15

19. *Um intérprete correto do pensamento brasileiro*, jornal *O Estado*, quinta-feira, 27 de outubro de 2016, página 15

20. *Tio Walter, um político que veio do berço*, jornal *O Estado*, quinta-feira, 27 de outubro de 2016, página 14.

21. *Minha escola (apaixonante) de Jornalismo*, jornal *O Estado*, quinta-feira, 27 de outubro de 2016, página 12

22. *Coluna Sonia Pinheiro*, jornal *O Povo*, segunda-feira, 31 de outubro de 2016

ÍNDICE REMISSIVO

- Aboim, Alfeu, 15-16, 75, 79, 119-121, 123, 125, 130, 171-172, 175, 195, 268
- Accioly, Antonio Pinto Nogueira, 42, 43, 476,
- Accioly, *governo*, 34
- Accioly, *oligarquia*, 27, 38, 43, 48
- Accioly, 35
- Aguiar, Albânia Uchoa de, 353-354
- Aguiar, Moacir, 304, 335
- Albuquerque, Antonio Coelho de, 175
- Albuquerque, Faustino de, 18, 52, 130, 134, 138, 139, 140, 147, 155, 651
- Albuquerque, Kerginaldo Cavalcante de, 33, 34
- Albuquerque, Nazareno, 14, 230-231
- Alcântara, Adelino, 242
- Alcântara, Lúcio, 10, 338, 352, 411
- Alcântara, Waldemar, 80, 556, 496
- Alencar, Carlos Alberto, 642, 646
- Alencar, Peixoto de, 9, 319, 464
- d'Alge, Carlos, 183, 195, 212, 220, 506
- Alkmin, José Maria, 89-90, 670*n*
- Almeida, Inácio de, 9, 230, 266, 296, 306, 307, 423
- Almeida, José Américo de, 57
- Almeida, Nilton Melo, 372
- Almeida, Rodrigo de, [pseudônimo de José Martins Rodrigues], 105
- Amorim, Edgar Carlos de, 392, 315-316
- Andrade, Antonio Paes de, 17, 40, 96, 215, 317, 339, 352, 387, 393, 400, 405, 445, 525, 559-560, 562, 623, 633, 639
- Andrade, Carlos Drummond de, 183
- Aires, Durval, 14, 34, 166-167, 184-185, 187, 190, 202, 208-209, 218, 228, 261, 268, 271, 465, 478, 497, 573, 579, 581
- Araripe, Antonio de Alencar, 146
- Araripe, José Caminha Alencar [J. C. Alencar Araripe], 14, 28, 75-76, 119, 278, 306, 423, 477, 506
- Araripe, Raimundo Alencar, 69
- Araújo, Cabral de, 114
- Araújo, Ildefonso de, 42
- Araújo, José Pessoa de, 217, 468
- Araújo, Olavo, 31, 584, 589
- Araújo, Osvaldo, 10, 413
- Araújo, Osvaldo, 26
- Araújo, Paulo Cabral de, 114, 131, 157
- Arcoverde, Dirceu, 414
- Arruda, Edgar Cavalcante de, 47-48, 69, 71, 86, 132-133, 135-136, 145-146, 150-151, 196, 254, 648
- Arruda Júnior, Luiz Edgar Cartaxo de, 606
- Auto Filho, Francisco, 9, 17, 21, 24, 360, 420-423, 427, 443, 530, 531, 570, 629
- Azevedo, Rubens de, 122, 123, 649
- Azevedo, Stênio, 603
- Balhmam Cardoso Nunes Filho, Antonio, 396
- Bandeira, Fátima, 11, 442
- Barata, Mário, 126

- Barbosa, Raul, 15, 18, 20, 22, 47, 52, 79- 80, 130-140, 142-144, 146, 149, 150-152, 155, 161-162, 195, 227, 280, 375
- Barreira, Alfredo, 146
- Barreira, Américo, 231
- Barreira, Dolor Uchoa, 86
- Barreira, Ernani, 393
- Barreira, Gentil, 146
- Barreira, Luciano, 297
- Barroso, Antonio Girão, 131, 183, 393, 454
- Barroso, José Parsifal, 10, 15, 105, 117, 146, 212-214, 216-220, 224, 232, 234-236, 240-241, 243-245, 247, 254, 256, 259-261, 268, 275, 300, 406, 472, 480, 485-486, 504-505, 508, 526-528, 586-587, 591, 649
- Barroso, Olga Monte, 114, 212-216, 219, 236, 241
- Barroso, Pádua, 557
- Bastos, Gerardo, 346, 393, 403
- Bastos, José Gusmão, 676*n*
- Batista, Cícero Romão, 11, 83-85, 310
- Batista, Fulgêncio, 267
- Batista, Macário, 14, 446, 647
- Benário, Olga, 57
- Benevides, Artur Eduardo, 182-183
- Benevides, Augusto César [Guto], 9, 14, 321, 325, 336, 417, 436, 439, 453-454, 460, 543, 550, 553, 564, 566-567, 570, 574-575
- Benevides, Mauro, 17, 247, 288, 293, 339, 392, 487, 541, 561-563, 607, 623, 638, 651
- Benevides, Paulo, 305, 341, 595-596
- Benevides Júnior, Fernando, 569, 571
- Bergreen, Laurence, 516
- Bezerra, Aduino, 318, 335, 341, 344-345, 392, 398, 404, 470, 479, 480-481, 537, 592-594, 597, 623
- Bezerra, Antonio, 131
- Bezerra, Átila, 393
- Bezerra, Humberto, 335, 339, 344, 392
- Bezerra, João Clímaco, 194, 195
- Bezerra, José Augusto, 9, 365, 650
- Bezerra, Tales, 504
- Bezerra de Menezes, José, 357
- Bezerra Filho, Tancredo de Castro, 200
- Borges, Augusto, 489
- Borges, Murilo, 165, 225-226, 233, 289, 384, 401, 526-527
- Borges, Teresa, 14
- Botelho, Caio Lóssio, 228
- Botelho, Jarbas de Almeida, 325, 409, 410, 546-548, 550, 553, 555
- Branco, Ivens Dias, 392, 403
- Brasileiro, Lúcio, [pseudônimo de Francisco Newton Quezado Cavalcante], 9, 11, 115, 244-245, 318, 399, 414, 434, 437, 457, 502, 605-606, 608
- Brígido, Estácio, 393
- Brígido, João, 27, 34, 37-38, 39, 41, 44, 433, 495, 536, 605
- Brígido, José Arnaud, 33
- Brontée, Julieta, 14, 392, 607, 620
- Brossard, Paulo, 623
- Café Filho, 184-186, 200
- Cals, César, 339, 392, 404, 535-536, 541, 544, 557, 567, 568, 570
- Cals, Marieta, 322, 545-556
- Câmara, Antônio, 392
- Câmara, Gilberto, 30
- Câmara, Dom Hélder, 48
- Cambraia, Antonio, 409
- Campos, Luis, 423, 486, 597
- Campos, Manoel Eduardo Pinheiro, 182, 438, 504, 609, 621
- Campos, Milton, 205, 209
- Campos, Moreira, 194-195
- Campos, Pádua, 240, 423, 477
- Campos, Roberto, 389, 424
- Canto, *tenente-coronel* Tito, 225-229, 231, 233-234, 240
- Cardoso, Cyro, 149
- Cardoso, Elizeth, 456
- Cardoso, Fernando Henrique, 394, 395, 399, 685*n*
- Carlos, Silvio, 287
- Carneiro, Pedro Mendes, 242
- Cartaxo, Jorge Henrique, 623

- Carvalho, Gilmar de, 9-10, 446-447, 449-453, 446-447, 449-453, 562, 607, 608
- Carvalho, Jáder de, 28, 303, 375, 389, 415, 478, 480-482, 478
- Carvalho, Sabino Henrique de, 335, 473
- Carvalho, Tancredo, 595-596
- Castelo Branco, Humberto de Alencar, 88-96, 101, 103, 106, 109, 113, 115-116, 263, 287, 290, 300, 371, 375, 389, 417, 425, 535
- Castelo, Plácido Aderaldo, 22, 196, 262-263, 293-294, 302, 337, 512, 563, 585-586, 648-649
- Castello Branco, Carlos, 95, 101-104, 107, 185, 305-306, 386
- Castro, Edmundo "Dedé" de, 14, 647
- Castro, Fidel, 287, 295-296
- Castro, Geraldo de, 35-36, 479
- Castro, Godofredo de, 83-85
- Castro, Raul, 298, 307
- Castro e Silva, Themístocles de, 15, 23, 44, 100-101, 105, 212-213, 215-221, 223-248, 250, 252, 254, 257, 260, 264-266, 268, 270, 383, 404, 482-483, 495, 500-501, 504
- Cavalcante, Ari de Sá, 164-165, 197
- Cavalcante, *Dom* Jerônimo de Sá, 131
- Cavalcante, Hermenegildo de Sá, 51, 171, 391, 132, 142,
- Cavalcante, Iramir Machado de Sá, 163
- Cavalcante, João de Sá, 164
- Cavalcante, José de Sá, 132
- Cavalcante, Neno, 623
- Cavalcante, Raimunda Rabelo de Sá, 164
- Cavalcante, Rangel, 14-15, 263, 266, 272, 287, 295, 296, 298-300, 304-306, 369, 370, 385, 392, 442, 520, 526
- Cavalcante, Walter de Sá, 5, 16, 20, 51, 79, 119-120, 125, 130, 132, 134, 140, 148-150, 152, 155-156, 159, 162-163, 172-173, 176, 196, 283, 378
- Chabloz, Jean-Pierre, 10, 14, 123, 125, 126, 127, 368, 649, 683*n*
- Chateaubriand, Assis, 54, 65, 217, 243-244, 386, 391, 476, 502, 541, 611, 621, 643
- Cordeiro, Hélder, 14, 220, 271, 326, 335, 337, 363, 373, 442, 470, 499, 608, 503, 505, 509, 511, 512-513, 516, 542, 594, 624
- Cordeiro Neto, Manoel, 165, 281
- Costa, Álvaro, 573
- Costa e Silva, Artur da, 90, 103, 104, 110, 371, 425, 450, 563
- Costa, Augusto César, 473
- Costa, Carlos, 33, 196
- Costa, Darcy, 34, 168, 196, 473, 508
- Costa, Floro Bartholomeu da, 83, 668*n*
- Costa, Geraldo, 271
- Costa, Heribaldo Dias da, 484-485
- Costa, José Raymundo, 49, 271, 278, 306, 497, 510
- Costa, Lustosa da, 245, 474
- Costa, Paulo Lustosa da, 594
- Costa, Wanda Ribeiro, 573
- Costa Lima, Abelardo, 197, 509, 527
- Covas, Mário, 95, 110, 112
- Crisóstomo, Stella, 9, 272, 321, 325, 438, 462, 543
- Cunha, Ari, 14, 75-78, 243
- Cunha, Plautus, 271
- Cysne, José Ari, 393
- Cysne, Wânia, 596
- Dantas, San Tiago, 247-249, 251, 276
- Dantas, Stênio, 292
- Diniz, Kézya, 646
- Diógenes, Luciano, 289, 442, 594
- Dreher, Elizabeth, 11, 621
- Dreher, Ricardo, 646
- Dreifuss, René de Paiva, 79
- Drumond, Antônio, 31-35, 508
- Dummar, Demócrito, 278, 350, 403, 413
- Erle, Fran, 325, 392, 399, 431, 442-443, 463, 493, 535, 536-540, 542, 599, 620, 633, 634
- Espínola, Rodolfo, 459, 604, 606
- Facó, Américo, 34
- Facó, Ana, 114
- Fafinha*, Fátima Estela Pita Pereira, 355-356, 359

- Falcão, Armando, 49, 51, 99, 117, 146, 244, 247, 406
- Falcão, Waldemar, 48, 69, 612
- Fernandes, Helio, 5, 18, 334, 373, 381, 383-384, 390, 392
- Ferreira, Viviane Maria, 342, 360, 362, 399, 421, 600
- Férrer, Marluce, 17, 271, 320, 327, 332-333, 338, 340, 356, 363, 392, 545, 572, 600
- Fleet Street*, 500
- Fonseca, Gondim da, 431
- Fontenele, Geraldo, 458
- Fontenele, José Joaquim Gomes, 518
- Fontenele, Maria Luiza, 17, 526, 599
- Francis, Paulo, 385-386, 415-416, 426
- Frota Neto, Antonio, 9, 14, 463, 507, 264, 265, 267, 268, 269, 270, 271, 264, 296, 300, 306, 463, 507
- Frota, Rubens, 9
- Furtado, Miguel Alencar, 540, 538-539
- Gomes, Assis, 359, 392, 399, 628
- Gomes, Brigadeiro Eduardo, 154, 163
- Gomes, Cid, 413, 433, 649
- Gomes, Ciro, 353, 400, 409
- Gomes, Dom Manoel da Silva, 30, 53, 64, 66, 71, 121
- Gomes, Ian, 9, 417
- Gomes, João Frederico Ferreira, 238, 239
- Gomes, Galba, 333
- Gomes, Gumercindo, 443
- Gomes, Stênio, 134, 135, 142, 163, 283
- Gomes, Walter, 272, 438, 439
- Gomes de Matos Neto, Pedro, 9, 14, 390, 398, 468-469, 473-476
- Goulart, João [Jango], 51-52, 87-89, 100-102, 106, 115, 165, 184, 221-224, 226, 232, 234, 236, 247, 249-256, 258, 262, 287, 423-424, 622
- Guilherme, Heitor Faria, 423
- Guimarães, Hahnemann, 276
- Guimarães, general Milton Barbosa, 226, 241
- Guimarães, Ulysses, 106, 393, 400, 562, 622
- Gurjão, Pedro, 565, 575
- Ibiapina, Júlio de Matos, 28, 196
- Jaccoud, D'Alembert, 87, 95, 107
- Jereissati, Carlos, 49, 205-206, 229, 244-245, 248, 406, 486, 573
- Jereissati, Marisa de Lourdes Ribeiro, 573
- Jereissati, Tasso, 330, 344, 397, 399, 401-402, 408-411, 414, 470, 476, 483, 524, 573, 574, 604
- Job, Daniel Carneiro, 271, 273, 302, 510-511
- Khan, Kardo Ali, 507
- Kubitschek, Juscelino [JK], 90, 115, 184, 218-219, 222, 300, 316, 508
- Lacerda, Carlos, 44, 91, 102, 104, 116, 219, 222, 236, 240, 274-275, 291-292, 375, 383, 389, 392, 394, 396, 408, 418, 423-424, 426, 557
- Landim, Teobaldo, 335, 392, 419, 442-443, 464, 538, 540-541, 595, 629, 649
- Leitão, Agamenon Frota, 169, 195, 232
- Leitão, Juarez, 477
- Lima, Alceu de Amoroso, 60
- Lima, Edgar Linhares, 228
- Lima, Eliomar de, 542
- Lima, Emília Correia, 203
- Lima, Hermes, 224
- Lima, Lauro de Oliveira, 266
- Lima, Lúcio, 76-77
- Lima, Negrão de, 389, 424
- Lima, Odalves, 14, 15, 76-77, 105, 212, 220, 230-231, 243-244, 267, 269, 273, 283, 287, 293, 303, 385, 392, 480, 486, 505-507, 509-510, 526-527, 529, 647, 649
- Lima, Ossian, 14, 542
- Limaverde, José, 114
- Limaverde, Paulo, 567, 570, 574
- Lopes, Antônio Pádua, 459
- Lopes, Daniel, 149
- Lopes, Edson, 372
- Lopes, João Jacques Ferreira, 51, 478
- Lopes, José Augusto, 9, 14, 433-435, 460
- Lopes, Marciano, 14, 340, 392, 447, 566,
- Lopes, Milano, 289, 296, 474
- Lopes, Otaclio, 95

- Lopes, Stênio, 182, 194, 195
- Lustosa, Dom Antônio de Almeida, 64, 300
- Macedo, Dário, 14-15, 36, 232, 234, 236, 240, 241, 247, 262-263, 272-275, 288, 293, 300, 302-303, 305, 370, 384, 392, 485, 509, 512, 609, 614, 633
- Magalhães, César, 30
- Magalhães, Juraci, 117, 274, 392
- Magalhães, Juracy, 272
- Magalhães, Luciano, 300
- Magalhães, Zelito, 505, 690*n*
- Maia, Bonaparte Pinheiro, 391
- Maia, Edmundo, 289, 371, 373, 504, 549
- Maia, Fernando, 9, 14, 335, 348-352, 419, 464-471, 606
- Maia, Francisco [*Chico*] Alves, 14, 168, 197-198, 230, 335, 443, 505, 509
- Maia, Neide, 458
- Maia Filho, Napoleão Nunes, 67-68
- Mallmann, Pedro, 230
- Martins Filho, Antonio, 163, 167, 170-171, 200-201
- Martins, Carlyle, 282, 284, 303
- Matos, Gregório de, 431, 558
- Matos, J. Arabá Matos, 486, 583, 588
- Mendes, Álvaro da Cunha, [A. C. Mendes], 28-30, 32-33, 37, 64-65
- Mendes, Antônio, 459
- Menezes, José Bezerra de, 357
- Mesquita, Fernando César, 14, 230, 265, 266, 267, 272, 296, 300, 480
- Mesquita, Geraldo, 580
- Mesquita Neto, Júlio de, 387, 557, 605
- Mesquita, Ribamar, 14, 566
- Meyer [Marshall], Regina Lúcia Sampaio, 14, 264
- Mino* [Hermínio Castelo Branco], 392, 573-575
- Mont'Alverne, Felizardo, 228, 245, 583
- Monte, Francisco de Almeida [*Chico Monte*], 159, 212, 214, 216, 219, 236, 245, 505, 508, 528
- Montenegro, Braga, 182, 194-195
- Montenegro, Pedro Paulo, 195
- Montezuma, Alberto, 30
- Moraes, Antonio, 623
- Morais, Fernando, 476
- Morais, Franzé, 5, 9, 362-363
- Morais, José Ermírio de, 255
- Mororó, *padre*, 26, 40
- Mota, Aroldo, 69, 525
- Mota, Aquiles Peres, 230, 241, 288, 481, 484, 595, 596
- Mota, Gonzaga, 304, 332, 339, 345, 363, 392, 404, 409-412, 525
- Mota, Klingler, 438, 592
- Mota, Leonardo, 65
- Mota, Marcelo, 266
- Mota, Murilo, 126
- Moura, Atilano Ayres de, 468
- Moura, Evandro Ayres de, 348, 465, 467-469
- Né, Moraes, 289, 507
- Nery, Sebastião, 213-215, 263, 383, 385-387, 394, 432, 444, 484
- Neves, Tancredo de Almeida, 106, 224, 249, 256, 259-560, 622-623
- Nixon, Richard Milhous, 421, 544
- Nobre, Geraldo, 38, 40, 28, 29, 30, 33, 79, 243, 585
- Norões, Edilmar, 288, 335, 393, 466, 475, 483
- Noca, Wilson, 288, 473
- Oliveira, Eunício Lopes de, 392
- Oliveira, Eusélio, 14, 453
- Oliveira, Olavo, 149, 484
- Oliveira, Rodolfo, 646
- Otoch, Nelson, 15, 302-303, 376, 378, 520, 529
- Paiva, Rubens Beyrodt, 334
- Palhano, Ceci de Holanda, 323
- Palhano, Dulcina, 565
- Palhano, Joacir Gonçalves, 323
- Palhano, Ricardo, 9, 21, 312, 327, 344, 352, 358, 360, 365, 392, 411, 413, 443, 445, 490, 496, 530, 604, 611, 614, 620-623, 626, 630-634, 639, 643, 645, 647
- Palhano, Solange, 9, 314, 316, 320-321, 325,

- 327, 392, 410, 544, 579, 611, 634, 641
 Palhano, Soraya, 9, 327, 330, 392, 611
 Palhano, Stevenson, 392, 599, 633-634
 Palhano, Wanda, 9, 17, 313-321, 323,
 327-328, 330-332, 347, 349, 352, 354,
 355, 362, 364, 378-379, 384, 392, 410,
 440, 462, 487, 545, 565, 579, 580, 598,
 599, 600, 611, 614, 621, 633, 634-635,
 649-650
 Parente, Josênio, 10, 414
 Paula, Gervásio de, 9, 14, 307, 507, 647
 Paula, José Ribamar de, 10, 641
 Pedrosa, Landry, 14
 Pedrosa, Newton, 9, 14, 288, 335, 345, 392,
 419, 475, 480, 544, 548, 598
 Peixoto, José Carlos de Matos, 31-32, 83
 Pereira, Cláudio, 340, 574
 Pereira, Iranildo, 9, 17, 548, 558-560, 562,
 639
 Pereira, Venelouis Xavier [Venér], 5, 15-16,
 18, 21-24, 34, 44, 80-81, 245, 271, 272,
 310, 313-317, 320, 325, 328-334, 339, 347,
 350, 352, 364-365, 367-370, 372-373, 375,
 376, 383, 398, 401, 414, 418, 423-424,
 426, 428, 429-441, 443-449, 452-453,
 460-464, 468-470, 473-474, 476, 478-
 479, 481, 484, 487-488, 492-497, 499,
 501, 509, 512-517, 525, 529-533, 539-540,
 542-550, 552-555, 557-560, 564, 565-
 566, 570-571, 573, 576-580, 595, 597,
 599-604, 606-610, 612, 615, 625-627,
 634, 637, 647-652, 686*n*
 Philomeno, Ana Maria, 514
 Philomeno Gomes, Beatriz, 434
 Philomeno, Chico, 390
 Philomeno, Cláudio, 383, 521
 Philomeno Gomes, Jacqueline Fontenele,
 518, 514
 Philomeno, José Maria, 9, 514-518, 528-
 529
 Philomeno Gomes, Sérgio Moreira, 14-15,
 374, 376, 383, 434, 458, 465-467, 505-
 507, 486, 491, 513-514, 434, 518-522,
 524-525, 527, 529-530, 584
 Philomeno Gomes, Suzana Moreira, 522
 Pimentel, Menezes, 30, 42, 45-46, 48, 51,
 54, 59-61, 66, 69, 72-73, 79, 86, 105,
 115, 117, 120, 146-147, 152, 164, 276,
 280, 282, 284, 377, 380, 500, 509
 Pimentel, Moisés, 298
 Pinheiro, Esio, 203
 Pinheiro, José Milton, 338, 392, 509, 566
 Pinheiro, Sônia, 9, 14, 271, 321, 325, 392,
 419, 436-438, 462, 543, 572
 Pinto, Clodoaldo, 86, 484
 Pinto, Heráclito Sobral, 95, 371
 Pinto, José Alcides, 183, 194
 Pinto, Magalhães, 89, 106, 117
 Pinto, Wilson, 443
 Queiroz, Airton, 39
 Queiroz, Dinah Silveira de, 131
 Queiroz, Edson, 31, 77, 167, 335, 392, 466-
 467
 Queiroz Filho, Edson, 393
 Queiroz, José Maria de, 236
 Queiroz, Rachel de, 49-50, 112-113, 385, 499
 Queiroz, Roberto, 503, 504
 Rangel, José, 9, 15, 244, 293, 483-487, 528,
 610
 Rangel, José Alfredo, 484
 Rangel, Reginaldo, 593
 Raquel, Sheila, 9, 440, 442
 Rego, Tarcília, 643, 646
 Ribeiro, João Severiano, 43
 Ribeiro, Patriolino, 335, 392, 467-469, 575
 Ribeiro, Socorro, 9, 542
 Rocha, Demócrito, 13, 27, 31-32, 50-51,
 278, 58
 Rodrigues, Cabeto Martins, 68
 Rodrigues, José Martins, 13, 15-16, 19-20,
 42, 45-47, 49, 51-54, 61- 62, 66- 68,
 70-71, 82, 84-93, 95, 100-110, 112, 114-
 118, 180, 244, 247, 277, 280, 301, 305,
 352, 499, 560, 600, 648, 651
 Rodrigues, Roberto Martins, 9, 47, 161,
 244, 275, 315
 Rodrigues, Zilda Martins, 112, 114, 278
 Romcy, Antonio, 572

- Roriz, Wilson, 329, 587
- Sá, Adísia, 9, 14, 15, 23, 390, 399, 420, 424-425, 438, 448, 454, 471, 472, 505, 579-589, 591, 592-594, 596, 606
- Sá, José Colombo, 228, 621, 676*n*
- Saboia, Padre José Palhano de, 237, 242
- Salaberry, general Alberto Ribeiro, 204
- Sales, Antonio, 27, 201-202
- Sales, Antonio, (empresário), 403
- Sampaio, Dorian, 14, 79-80, 232, 287, 354, 363, 391-392, 487, 508, 597, 609, 620
- Sampaio, Jonas [Galeguinho], 475, 504, 508, 510
- Sampaio, Mardônio, 483
- Sancho, José Afonso, 24, 31, 334-335, 392-393, 403, 438, 441, 461, 466, 470, 517, 555, 628, 632
- Sancho, Tamer, 393, 443
- Santana, Jose Oto, 9, 16, 22, 377-379, 385, 392, 517-518
- Santos, Agapito dos, 152, 153,
- Santos, Barros dos, 151, 241, 587,
- Santos, Benedito Augusto Carvalho dos, [Beni Carvalho], 73
- Santos, Cláudio, 358, 441
- Santos, Ignácio Brígido dos, 37
- Santos, José de Arimatéia, 77
- Santos, Luís Sérgio, 644, 645
- Saraiva, João Ciro, [J. Ciro Saraiva], 14, 51, 116, 207, 464-465, 483, 557
- Sarasate, Paulo, 13, 18, 20, 30-31, 50-51, 53-54, 88, 91-92, 94, 96, 121, 152-155, 198-199, 201, 203-204, 207, 210, 212, 266, 274, 275, 303, 315, 411, 422, 469, 478, 575, 581
- Serpa, Egidio Saraiva, 14, 244, 289, 417, 443
- Silva, Chico da, 368, 369
- Silva, Hugo Victor Guimarães e, 119, 172-173, 177
- Silva, Perboyre e, 21, 149, 264, 267, 503, 504
- Silveira, Francisco José Andrade, 378, 385
- Silveira, Geraldo, [assinava sob o pseudônimo Robert de Sangerie], 439, 500
- Silveira, Joel, 415-416
- Silveira, general Luís Augusto da, 226, 241
- Siqueira, Tertuliano, 14, 329, 459
- Soares Neto, João, 484, 647
- Sobrinho, Barbosa Lima, 287, 406, 602
- Studart, Barão de, 26, 30, 39-42, 367-468, 489
- Studart, Francisco José Ferreira, 508
- Sucupira, José Ferreira Lima, 41
- Sucupira, Jorge Gadelha, 378-379, 385
- Sucupira, Luís, 60
- Távora, Edval, 241
- Távora, Juarez, 54, 184-85, 208
- Távora, Luíza, 610
- Távora, Manuel do Nascimento Fernandes, 28, 217
- Távora, Virgílio, 49, 51, 146, 163, 205, 216, 218-220, 247, 252, 256-259, 261, 289, 292, 303-304, 320, 333, 335, 339, 363, 371, 389, 404, 412, 440-442, 481, 508, 513, 527, 540, 585, 586, 597, 623
- Temóteo, Juarez Furtado, 228, 550-551, 676*n*
- Torres, Flávio, 9-10, 325, 340-341, 347, 392, 442, 458, 460-462, 545, 571
- Torres, Hélio, 459
- Valderi* — Antonio Valderi Martins, 490, 541
- Vale, Jerônimo Sampaio do, 244, 286, 287, 302, 333, 385, 505, 511, 527, 582
- Vargas, Darcy, 99
- Vargas, Getúlio, 32, 54, 56-58, 69, 99, 114-115, 146, 155, 276, 380, 390, 557, 573
- Vargas, Lutero, 99
- Vaz, major Rubens, 557
- Viana, Antonio, 606
- Viana Filho, Luís, 91, 94
- Viana, Marcondes, 9, 14, 439-442
- Vilela, Teotônio, 560, 622
- Vilupe, 321, 463
- Wainer, Samuel, 44, 244, 275
- Xavier, Rebeca Férrer, 9, 345, 355, 611, 637



PARA A COMPOSIÇÃO DO MIOLO DESTE LIVRO USOU-SE SOMENTE A FONTE TIPOGRÁFICA MINION PRO, PESO REGULAR, COM COM VARIAÇÃO DE CORPO EM BLOCOS DE TEXTO, TÍTULOS E CAPITULARES. OS BLOCOS DE TEXTO ESTÃO NO CORPO 11,5 COM ENTRELINHA 15,8. PARA A COMPOSIÇÃO DA PALAVRA *Intimorata*: USOU-SE A TIPOGRAFIA SPECIAL ELITE REGULAR QUE SIMULA O ESTILO DA ANTIGA MÁQUINA DE ESCREVER



AOS SETE ANOS, vi meu pai (José Martins Rodrigues) comunicar à minha mãe (Zilda, fundadora e primeira diretora da Cidade da Criança) a fundação de um jornal diário, matutino, em sociedade com seu irmão Júlio — depois fundador e presidente do Banco de Crédito Comercial, primeira instituição financeira do Ceará a se instalar no interior. A ele, Júlio Rodrigues, caberia a gestão financeira do jornal. O ESTADO receberia, depois, a inserção, em seus quadros, de pessoas do nível de um Alfeu Aboim e Raul Barbosa, entre outros não menos ilustres e ilustrados, além de pessoal qualificado na leitura material do periódico.

Nos tempos áureos da Cidade da Criança, no Parque da Liberdade, a revolucionária escola da alfabetização mantinha, aos domingos, dois suplementos em O ESTADO — *O Jornal dos Nossos Filhos* e *O Jornal do Lar*, enriquecendo as edições dominicais. Voltando a morar no Ceará, e sempre pensando em chegar a jornalista (pois fui companheiro do inesquecível amigo Luiz Carlos Aguiar, com ele fundando e mantendo jornais semanais manuscritos, e criando, com sede na casa de seu pai, o saudoso deputado Vilebaldo Aguiar, a pioneira Associação Mirim de Imprensa), acabei por dividir a direção de O ESTADO, com meu amigo-irmão Themístocles Castro e Silva, quando a propriedade do jornal era do governador Parsifal Barroso.

Lembro, da época, polêmica diária entre o nosso jornal e outro famoso diário cearense, sendo principal figura o notável editorialista dos dois jornais — Odalves Lima —, meu amigo de infância, e, como Themístocles e Luiz Carlos, meu aluno na Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará.

Desnecessário dizer que, entre mortos e feridos, salvaram-se todos... O ESTADO passou por muitas mãos quanto à sua propriedade e direção. Por uma questão de justiça, devo ressaltar sua sobrevivência decorre da ação de Venelouis Xavier Pereira, meu ex-aluno de Direito, bem como a Wanda Palhano, sua mulher e, igualmente, brilhante ex-aluna minha, também na Faculdade de Direito. Seus não menos vocacionados filhos sabem adequar a modernidade e a vibração do jornal O ESTADO de hoje aos ideais — que jamais abandonou — de sua fundação.

Aos oitenta anos, sabe ser jovem sem desprezar a sabedoria que a experiência dos mais vividos, quando bem assimilada e aprendida, faz a dinâmica dos projetos de vida mais úteis, sempre colocando em primeiro plano o interesse geral. Quando leio O ESTADO, sinto a sensação de estar abraçando — a partir de seus fundadores — os que não permitiram se desvinculasse o jornal dos sonhos e deveres cidadãos que o norteiam até os tempos presentes.

CARLOS ROBERTO MARTINS RODRIGUES,
Fortaleza, junho 2017

ISBN 978-85-88661-52-3



9 788588 661523 37

REALIZAÇÃO



APOIO

